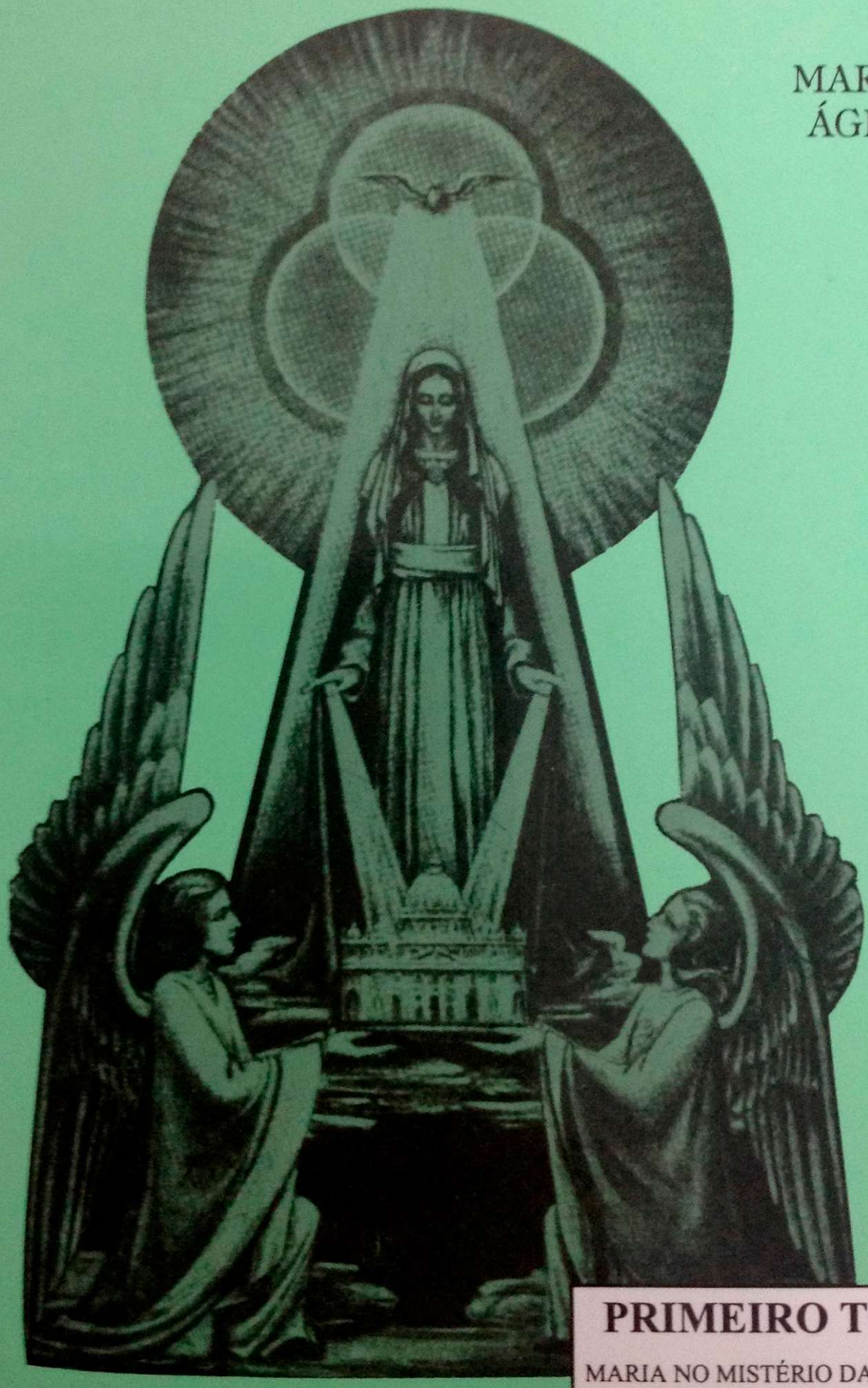
MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MARIA DE ÁGREDA



PRIMEIRO TOMO

MARIA NO MISTÉRIO DA CRIAÇÃO
(Na pré-história de Jesus)

Cristo e Maria, primeiras criaturas ideadas por Deus

(Trechos extraidos do 1° Livro)

Antes de criar qualquer coisa, na mente das três divinas Pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo - em primeiro lugar se achavam presentes: o Verbo encarnado - Jesus Cristo - e a Mulher da qual assumiria a natureza humana - Maria.

No instante da criação da alma de Maria, a beatíssima Trindade disse, com imenso amor, as palavras que Moisés refere no Gênesis (1,26): "Façamos Maria à nossa imagem e semelhança"; nossa verdadeira Filha e Esposa, para Mãe do Unigênito do Pai.

Não pôde tocá-la a mancha e obscuridade do pecado original, mas achou-se em perfeitíssima justiça, superior a de Adão e Eva ao serem criados.

Maria, Arca da Aliança, Mãe do Filho de Deus

(Trechos extraidos do 2° Livro)

A arca da aliança foi figura de Maria Santíssima.

Tão misteriosa e sagrada Arca construida pela mão do próprio Deus para sua habitação e propiciatório de seu povo, deveria ficar no Templo, onde se encontrava a outra arca material do Antigo Testamento. Por esta razão, ordenou o Senhor, que Maria fosse apresentada ao Templo aos três anos de idade. Ali permaneceu até os 13 anos e meio.

Os sacerdotes do Templo, responsáveis pela jovem cujos pais já eram falecidos, e movidos por inspiração divina, julgaram que, conforme o uso da época, deviam estabelecer Maria no estado do matrimônio.

Consultada por um deles, ela declarou: Quanto é de minha vontade, sempre desejei guardar perpétua virgindade, dedicando-me a Deus e ao seu serviço neste santo Templo. Vós, porém, que estais no lugar de Deus, me ensinareis o que for de sua santa vontade.

Com um milagroso sinal, o céu indicou José como o escolhido para esposo da puríssima jovem, a futura esposa do Espírito Santo e mãe do Filho de Deus.

Maria confia a José seu voto de perpétua castidade, dizendo-lhe: Meu senhor e esposo, em meus primeiros anos consagrei-me a Deus com perpétuo voto de ser casta de alma e corpo. Para cumpri-lo, quero que me ajudeis, e no mais, serei vossa fiel serva.

Repleto de espiritual júbilo pelas palavras de sua divina Esposa, o castíssimo José lhe respondeu: Quero que saibais, Senhora que aos doze anos, também fiz promessa de servir ao Altíssimo em castidade perpétua. Confirmo-a agora e prometo ajudar-vos quanto estiver em minhas forças para que, em toda pureza o ameis e sirvais. Serei vosso fidelíssimo servo e guarda.

Sobre estes divinos alicerces - ilibada virgindade, oração, humildade, concórdia - fundou-se o lar e união da santíssima Virgem Maria e do castíssimo São José.

Assim foram sendo preparados para o mistério da Encarnação do Verbo, missão para a qual Deus os destinara.

Pedidos ao:

Mosteiro Portaceli

Caixa Postal, 595

84001-970 - Ponta Grossa - Paraná

Impressão e Acabamento:
Gráfica Lagoa Dourada
Av. Monteiro Lobato, 1265 - Jardim Carvalho
e-mail: graficalagoa@uol.com.br - Fone/Fax: (42) 3223-8259
Ponta Grossa - Paraná

Registro: 284.420 Livro: 514 Folha: 80 da Fundação BIBLIOTECA NACIONAL/RJ
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UEPG/Pr.

A277

Ágreda, Soror Maria de
Mística cidade de Deus (Obra clássica do séc.XVII) : 1655-1660./Soror Maria de Ágreda; tradução de Irmã Edwiges Caleffi. 2.ed. Ponta Grossa, Mosteiro Portaceli, 2000.
4v. il.

Conteúdo : v. 1. Maria no Mistério da Criação. v. 2. Maria no Mistério de Cristo. v.3. Maria no Mistério da Redenção. v.4 Maria no Mistério da Igreja

1- Religião. 2- Maria - mãe de Jesus. 3- Maria - Mistérios.

CDD : 232.91

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

SOROR MARIA DE ÁGREDA

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

(Obra clássica do séc. XVII)
1655 - 1660

VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS

PRIMEIRO TOMO

5ª Edição

Maria no Mistério da Criação

(na pré-história de Jesus)

Edição brasileira em 4 Tomos

Tradução de Irmã Edwiges Caleffi
da Ordem da Imaculada Conceição

Mosteiro Portaceli
Ano 2011

MISTICA

Ciudad de Dios. Milagro de su Ommipotencia y abismo de la gracia

HISTORIA DIVINA,

y Vida de la Virgen Madre de Dios, Reyna, y Señora nuestra MARIA Santissima Restauradora, de la culpa de Eua, y medianera de la gracia

Dictada, y manifestada en estos vltimos Siglos por la misma Señora a su esclaua Sor MARIA de IESVS Abadesa indigna de este Conuento de la Immaculada Concepcion de la Villa de Agreda, para nueua luz del Mundo alegria de la Yglesia Catolica y confianza de los mortales

Primera Parte

Primeira página do manuscrito original, até hoje conservado no Mosteiro Concepcionista de Ágreda - Espanha

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MILAGRE DE SUA ONIPOTÊNCIA E ABISMO DA GRAÇA.

HISTÓRIA DIVINA E VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS, RAINHA E SENHORA NOSSA **MARIA SANTÍSSIMA** RESTAURADORA DA CULPA DE EVA E MEDIANEIRA DA GRAÇA.

Ditada e manifestada nestes últimos séculos pela mesma Senhora à sua escrava **Soror Maria de Jesus,** humilde Abadessa deste Convento da Imaculada Conceição da Vila de Ágreda, para nova luz do mundo, alegria da Igreja Católica e confiança dos mortais.

Ilustrações:
desenhos das Irmãs Servas do Espírito Santo,
extraídas da edição alemã, 1954.
Outras gravuras e fotos.

***

NIHIL OBSTAT
Côn. João Corrêa Machado
16 de julho de 1989

IMPRIMATUR
+ Geraldo, Arc. Aparecida
15 de agosto de 1989
Festa da Assunção

Agradecimentos

- Ao Sr. Cônego João Corrêa Machado, de piedosa memória, devotíssimo de Nossa Senhora, e que iniciou a publicação desta Obra, encarregando-se de dirigir a impressão do Primeiro Tomo em 1989, sob os auspícios da Academia Marial de Aparecida da qual, naquela época era dedicado Presidente.

- A todos quantos colaboraram para sua edição e serão recompensados por Deus e por sua Mãe Santíssima.

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli

— MÍSTICA CIDADE DE DEUS —

Plano Geral da obra completa

1º Tomo MARIA NO MISTÉRIO DA CRIAÇÃO

(na pre-história de Jesus)

- Primeira Parte -

Sobre a vida e mistérios da Rainha do céu, e o que o Altíssimo realizou nesta pura criatura desde sua imaculada concepção até que em seu virginal seio o Verbo assumiu a natureza humana; os favores que lhe fez nestes primeiros quinze anos e o muito que pessoalmente Ela adquiriu com a divina graça.

1º Livro

Contém: A predestinação de Maria santíssima; sua concepção imaculada; nascimento e seus atos e exercícios até ser apresentada no Templo.

2º Livro

Contém: A apresentação da Princesa do céu no Templo; os favores que a destra divina lhe concedeu; a altíssima perfeição com que observou as cerimônias do Templo; o grau de suas heróicas virtudes e espécies de visões; seu santo desposório e o mais, até a encarnação do Filho de Deus, exclusive.

2º Tomo MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO

(na vida oculta de Jesus)

- Segunda Parte -

Os mistérios da Encarnação do Verbo Divino em seu seio, até a Ascensão de Cristo ao céu.

3º Livro

Contém: A altíssima disposição que o Todo-poderoso operou em Maria Santíssima para a Encarnação do Verbo; o que se refere a este mistério; o eminentíssimo estado no qual ficou a feliz Mãe; a visitação a santa Isabel e a santificação do Batista; volta a Nazaré e um memorável combate que travou com Lúcifer.

4º Livro

Contém: Os receios de São José ao conhecer a gravidez de Maria Santíssima; o nascimento de Cristo nosso Senhor; sua circuncisão; a adoração dos Reis e a apresentação do Menino Jesus no Templo; a fuga para o Egito, a morte dos inocentes e a volta para Nazaré.

3º Tomo MARIA NO MISTÉRIO DA REDENÇÃO

(na vida pública de Jesus)

5º Livro

Contém: A perfeição com que Maria Santíssima copiava e imitava as operações da alma de seu Filho santíssimo; como Ele a instruía na Lei da graça, nos artigos da fé, nos sacramentos e dez mandamentos; a fidelidade e perfeição com que a Virgem os observava; a morte de São José; a pregação de São João Batista; o jejum e batismo de nosso Redentor; a vocação dos primeiros discípulos e o batismo da Virgem Maria Senhora nossa.

6º Livro

Contém: As bodas em Caná da Galiléia; como a Virgem Maria acompanhou o Redentor do mundo na pregação; a humildade da divina Rainha quando seu Filho Santíssimo operava milagres; a transfiguração de Cristo; sua entrada em Jerusalém; sua paixão e morte; a vitória que obteve na cruz sobre Lúcifer e seus sequazes; a santíssima ressurreição do Salvador e sua admirável ascensão aos céus.

4º Tomo MARIA NO MISTÉRIO DA IGREJA

(do Pentecostes à Assunção)

- Terceira Parte -

Contém a vida da grande Rainha depois da ascensão de seu Filho nosso Salvador, até a sua morte e coroação como Imperatriz dos céus.

7º Livro

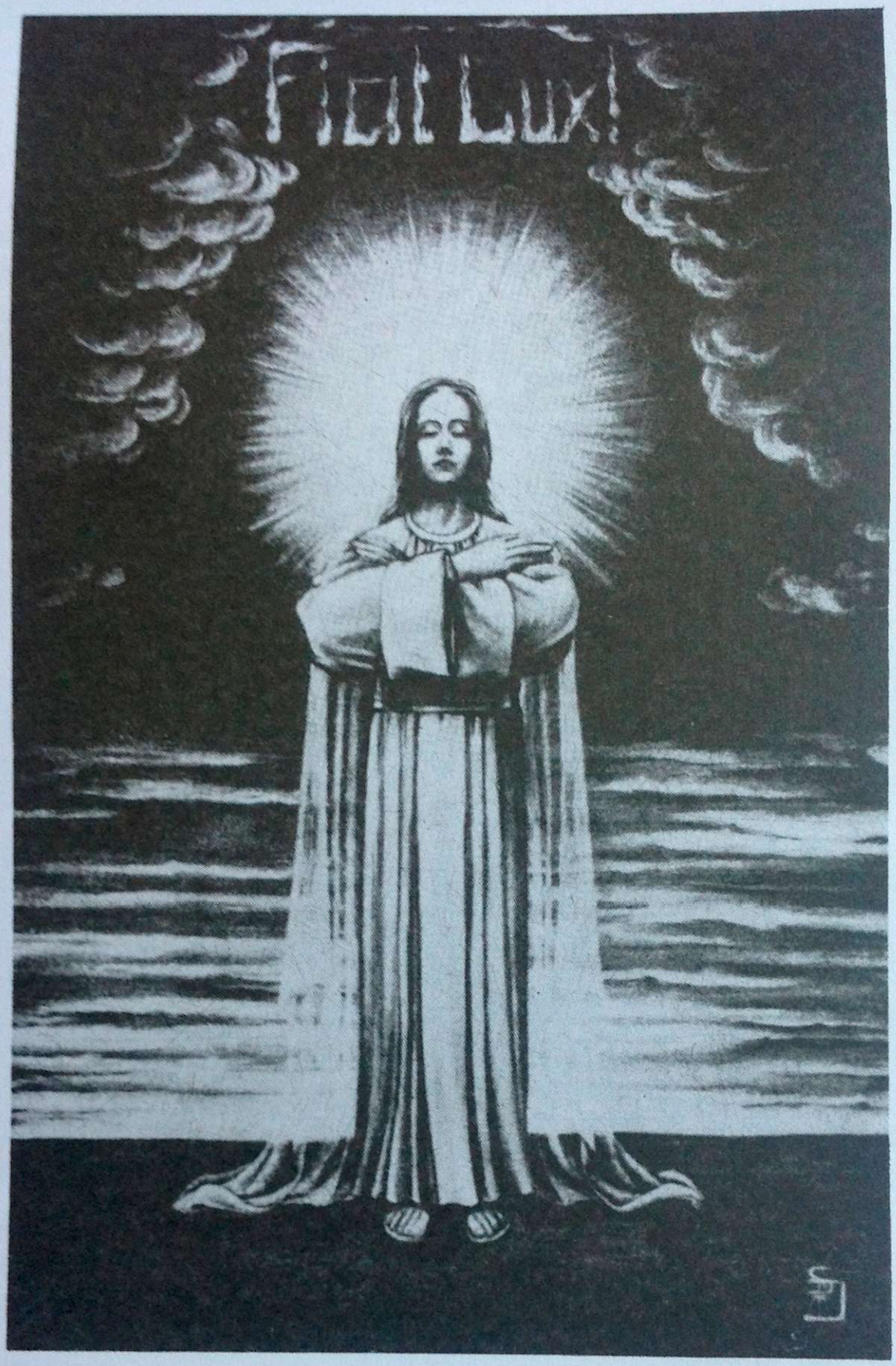
Contém: Os dons altíssimos outorgados pela destra divina à Rainha do céu para Ela trabalhar na santa Igreja; a vinda do Espírito Santo; o copioso fruto da redenção e da pregação dos Apóstolos; a primeira perseguição à Igreja; a conversão de São Paulo e a vinda de São Tiago à Espanha; a aparição da Mãe de Deus em Saragoça e a fundação do santuário de Nossa Senhora do Pilar.

8º Livro

Contém: A viagem de Maria Santíssima a Éfeso acompanhada por São João; o glorioso martírio de São Tiago; morte e punição de Herodes; a destruição do templo de Diana; a volta de Maria santíssima de Éfeso para Jerusalém; instrução que deu aos evangelistas; o altíssimo estado de sua alma puríssima antes de morrer; seu felicíssimo trânsito, subida ao céu e coroação.



Antiga tela representando a venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda, escrevendo a "Mística Cidade de Deus. À direita, o rei Filipe IV seu contemporâneo, correspondente epistolar e entusiasta leitor dos escritos da venerável Madre.



Maria imaculada! Mais pura que a luz, mais bela que a aurora. Filha do Pai, Mãe do Filho, Esposa do Espírito Santo.

AO LEITOR

A Mística Cidade de Deus foi escrita pela venerável Maria de Ágreda, em castelhano clássico, de 1655 a 1660. A obra mereceu ser contada entre as de maior celebridade no dicionário da Academia de Letras espanhola.

Universalmente conhecida foi traduzida para o latim, francês, português, alemão, flamengo, italiano, inglês, grego e árabe.

Através de três séculos tem servido de fonte para estudos e escritos sobre Maria Santíssima. Contudo, é preciso confessá-lo, nem sempre a citaram como seria de obrigação e justiça.

Foi muito estudada e discutida por teólogos. Contou com amigos e adversários, mas a última palavra foi dita pela Igreja. Numerosos Papas a aprovaram no correr de três séculos. Em nossos tempos, Paulo VI em 1966 enviou ao Mosteiro de Ágreda um círio simbólico, como homenagem à Escritora, por ocasião do 3° centenário de sua morte.

É obra antiquada?

Deus e suas manifestações são sempre antigas e sempre novas, no dizer de Santo Agostinho.

As relações entre Deus e o homem variam em suas expressões, conforme as épocas e os indivíduos, mas não em sua essência. Deus é sempre o Criador e o homem sua criatura. Cristo é sempre o Filho de Deus, salvador do homem, se este aceitar e cooperar nessa salvação. A salvação foi preparada com a criação de uma criatura imaculada, a Virgem Maria, e inaugurou-se pela encarnação do Verbo em seu puríssimo seio. Mãe de Jesus Cristo, Cabeça da raça humana, tornou-se Mãe universal de todos os homens.

Distribuidora dos tesouros da redenção, é a medianeira entre seu Filho por natureza, Jesus Cristo, e seus filhos pela graça, os homens.

Sendo Maria o caminho que o Filho de Deus trilhou para descer ao homem, é o mesmo para o homem subir a Deus.

Estas verdades produzem para a criatura humana efeitos diversos, conforme forem cridas ou não, aceitas ou rejeitadas, observadas ou transgredidas. Em si, porém, são indefectíveis e imutáveis.

Tais verdades constituem o assunto desta obra.

Seu estilo pode ser prolixo para a nossa época apressada e superficial, mas distingue-se pela clareza, tornando-se acessível ainda nas matérias abstratas e difíceis da vida espiritual.

Há partes que serão mais apreciadas pelos estudiosos. O mais está ao alcance de qualquer leitor. Os ensinamentos práticos de vida cristã valem para todos.

Maria de Ágreda, Escritora da "Mística Cidade de Deus"

Dou-lhe o nome de "escritora" e não de "autora" para respeitar o que mais de uma vez ela declara, dirigindo-se a Nossa Senhora: *"Tua é, Senhora, a glória, e tua é também esta obra que escrevi, não só porque é de tua vida santíssima e admirável, mas também porque foste tu que lhe deste princípio, continuidade e fim. Se tu mesma não fosses a sua Autora e Mestra, jamais teria passado pelo pensamento humano. Escrevi só o que me ensinaste e mandaste. Sou apenas o mudo instrumento de tua língua, movido e guiado por tua sabedoria".* [1]

Maria de Jesus nasceu em 1602 na Vila de Ágreda, Espanha, filha de Francisco Coronel e Catarina de Arana. Teve toda esta família o singular privilégio de se consagrar a Deus na vida religiosa: a mãe com duas filhas na Ordem da Imaculada Conceição, e o pai com dois filhos na Ordem de São Francisco.

A Ordem das monjas da Imaculada Conceição, de vida contemplativa, foi fundada em 1489 em Toledo, Espanha, por Santa Beatriz da Silva, dama portuguesa. Foi o primeiro instituto da Igreja criado em honra do privilégio mariano, naquele tempo ainda discutido pelos estudiosos.

A finalidade do instituto era dar testemunho vivencial na fé da imaculada concepção da Mãe de Deus, honrando Nossa Senhora isenta de todo o pecado, pela imitação de sua vida e virtudes, e pelo culto especial a Ela tributado.

Maria de Jesus, destinada à especial missão de escrever a vida de Nossa Senhora, através de comunicações espirituais, teve desde a infância, existência fora dos moldes comuns. Preencheu sua extraordinária vocação e empregou fielmente os singulares talentos com que foi agraciada: foi fundadora e abadessa de seu convento; missionária, através de seus escritos e do miraculoso dom da bilocação; profunda escritora, mestra espiritual exímia; esclarecida conselheira, até em assuntos políticos, havendo mantido correspondência epistolar com o rei da Espanha, Filipe IV, por espaço de vinte anos seguidos.

Desenvolvia tal atividade na atmosfera de elevada vida espiritual, e suas virtudes cristãs e religiosas foram pela Igreja reconhecidas heróicas. Goza o título de venerável e seu corpo incorrupto, conservado na cripta do Mosteiro de Ágreda, é considerado uma das mais preciosas relíquias da Ordem da Imaculada Conceição e da Espanha que, justamente, se orgulham de tão eminente filha. Morreu em 1675.

A doutora mariana

Madre Maria de Jesus escreve com método, simplicidade e profundeza,

1- 8° Livro, n° 789

unção e piedade, sem se desviar da reta doutrina católica. Vê, escuta, medita, reza e trabalha à luz da Sagrada Escritura. Suas explicações, comentários, descrições, raciocínios e argumentos são extraídos das páginas bíblicas e construídos sobre a base inabalável da palavra divina.

Esta extraordinária monja tem o mérito de haver aprofundado, com rara clareza e segurança para o seu tempo, a doutrina da Imaculada Conceição, tal como a Igreja a definiria duzentos anos mais tarde, ao proclamá-la dogma, em 1854. Igualmente apresentou a assunção de Maria em corpo e alma ao céu como fato indiscutível e, pode-se dizer, em quase todas as páginas de seu livro, refere-se à mediação e maternidade universal da Santíssima Virgem.

Espírito avançado, suscitou admiração e polêmicas no meio religioso do seu tempo. Ainda hoje surpreende pela profundeza e segurança com que trata certos temas, que poucos especialistas ousariam abordar.

Longe de escrever ao modo de piedosa autômata, estava consciente de quanto fazia e das conseqüências que poderiam advir de seu trabalho. Era a primeira a pedir esclarecimentos para certificar-se de quanto lhe era manifestado.

Grifamos *manifestado* e não dizemos *revelado*, pois a Escritora, em sua escrupulosa exatidão doutrinal, nunca usou a palavra *revelação* para designar os conhecimentos que recebia e deixou escritos em suas obras, pois, em sentido religioso, o termo *revelação* é reservado para designar a inspiração divina dos escritos bíblicos, quer do novo como do antigo Testamento.

Demos um exemplo, entre muitos outros, de como expunha sua dúvidas e recebia a correspondente solução.

"Se me derdes licença, minha Senhora, para falar em vossa presença, exporei uma dúvida que se me apresentou no mistério de vosso santo nascimento, e do que, então, o Altíssimo vos concedeu: como se há de admitir que, pelos anjos, fostes levada em corpo até o céu empíreo e visão da divindade? Segundo a doutrina da santa Igreja e seus doutores, o céu esteve fechado e interdito aos homens até que vosso Filho santíssimo o abriu com sua vida e morte redentora, sendo o primeiro a nele entrar após sua ressurreição e admirável ascensão.[2] *- Resposta da Rainha do céu - Caríssima filha, é verdade que a justiça divina fechou o céu aos mortais por causa do primeiro pecado (pecado original), até que meu Filho o abriu, dando superabundante satisfação pelos homens, com sua vida e morte. A Mim, porém, elevou-me a todas as virtudes e graças desde o primeiro instante de minha imaculada concepção. Não me havendo atingido o óbice do primeiro pecado, não tive o impedimento dos demais mortais para entrar no céu. Além disso, como havia de revestir o Filho de Deus com minha carne e sangue, tratou-me como senhora das virtudes e Rainha dos anjos, fazendo-me semelhante a Ele na isenção da culpa e noutros dons e privilégios divinos. E ainda que sendo pura criatura, eu não os podia merecer, sua bondade e clemência divina se inclinaram liberalmente e me olharam como humilde serva, para que eternamente o louvasse por Autor de tais obras quero que tu também, minha filha, o bendigas e exaltes por elas."*[3]

Madre Maria de Jesus teve também inimigos que a denunciaram à Inquisição. Enfrentou serenamente o temível tribunal, e os juizes acabaram por aumentar o número dos sinceros admiradores de sua extraordinária sabedoria e santidade.

2- 1° Livro, n° 338
3- 1° Livro, n° 339

Qual o crédito que se deverá dar à Mística Cidade de Deus?

Em seu amplíssimo texto cumpre distinguir: 1°) as transcrições da Sagrada Escritura e da doutrina da Santa Igreja que são matérias de fé e devem ser cridas sem restrições. 2°) as descrições de outros fatos e pormenores não consignados no depósito da fé (Antigo e Novo Testamento, Tradição, doutrina da Igreja). Cada leitor preste-lhe o crédito que sua devoção lhe sugerir. Não haverá mal nesse procedimento, mas não se arme de um ceticismo hostil e sistemático. Tenha-se o coração aberto e dócil para receber de sua leitura o que a Escritora principalmente teve em vista: a edificação espiritual do leitor levando-o a se estimular no amor de Deus, de sua Mãe Santíssima, e à consciência da própria vocação cristã à santidade.

Há erros na Mística Cidade?

Não esqueçamos que a Escritora trabalhou há trezentos anos. Certos dados históricos, geográficos ou científicos, não concordarão com os atuais. Que admiração pode haver nisso? Não acontece o mesmo com a Bíblia, e o sempre discutido problema para os sábios medíocres e pouco devotos, de que a ciência contradiz o Livro Revelado? Em cada nova geração a Igreja tem que repisar a mesma tecla: a Bíblia jamais quis ensinar ciências humanas e terrenas, mas sim a ciência da salvação e dos eternos destinos do homem. Aplique-se o mesmo princípio à Mística Cidade.

Madre Maria de Jesus não se arroga infalibilidade

No 4° Livro, número 678, diz: "Quero advertir que, em muitas coisas que vou escrevendo, consta-me haver grande diversidade de opiniões entre os santos Padres e outros Doutores. Escrevo apenas o que me vão ensinando e ditando, ou o que, às vezes me é ordenado perguntar para melhor compor esta divina história. Julgar se o que escrevo concorda com a verdade da Escritura e com a grandeza do assunto que trato, e se as coisas têm entre si conveniente conexão: tudo isto remeto à doutrina de meus mestres e ao julgamento dos sábios e devotos. A diversidade de opiniões é quase inevitável entre os que escrevem. Cada qual segue, conforme o próprio gosto, autores que os precederam. Fora das histórias canônicas, todos se baseiam em hipóteses e eu não poderia escrever por este método, porque sou mulher ignorante".

Qual era o grau de sua cultura humana? Apenas o curso primário.

Maria de Jesus exagera no que atribui a Nossa Senhora?

Em certas passagens temos essa impressão, mas se, com paciência e humildade, continuamos a leitura, não demora encontrarmos explicação para quanto duvidávamos.

Por que tanta relutância e até irritação de alguns, em admitir que Nossa Senhora gozasse de carismas especiais, não só como os Santos, mas incomparavelmente mais do que eles?

Em nossa ignorância, consideramos a vida de Nossa Senhora pelos conceitos que temos de nossa existência de pobres criaturas feridas pelo pecado, limitadas e imperfeitas. Não é este o padrão para medir a vida da singularíssima criatura que saiu das mãos de Deus imaculada e destinada a ser sua própria mãe. O que lhe recusaria de quanto lhe pudesse dar? Embora ela tenha vivido, exteriormente, em nossa simplicidade, e até imensamente mais simples do que nós, a vida espiritual que levava sob esse exterior comum, era sublime e ultrapassava a própria vida angélica, pois eram atos de uma criatura que reunia em si, excedendo-as sem medida, as perfeições de todas as demais criaturas. *"Todos os anjos e homens juntos, não chegariam à menor parcela do que recebeu a Princesa do céu para ser Mãe do Criador"* [4]. "Por este dom de graça exímia supera de muito todas as outras criaturas, celestes e terrestres" (Vaticano II, LG 53).

Noutro lugar a Escritora insiste: *"A palavra, a pena e todas as faculdades das criaturas são instrumentos desproporcionados para revelar tão elevados mistérios. Assim, desejo, que fique bem entendido, quanto aqui se disser não passa de obscura sombra da menor parte desta maravilha (Maria Santíssima) e inexplicável prodígio que não deve ser medido com a restrição de nossos limites, mas com o poder divino que não os tem.* [5] *Far-se-ia injúria medi-la pela regra comum dos demais santos"*, [6].

No 8° Livro, n° 658, diz a Virgem: *"A dignidade de Mãe de Deus excede tanto a qualquer outra, que seria grosseira ignorância negar-me favores, pelo motivo destes não serem encontrados em outros Santos. Nesta dignidade estão contidas, como em sua origem, todas as minha graças. No dia em que os homens me conheceram por Mãe de Deus, conheceram implicitamente, como em sua causa, as condições que por essa excelência me pertencem. A meditação e demonstração de minha santidade, dons e privilégios foram deixados à piedade e cortesia dos fiéis. Nisto, muitos se mostraram tímidos, outros com tibieza, mais remissos do que deviam. Por isso, quis meu Filho santíssimo manifestá-los na Santa Igreja, não através da inteligência e ciência humanas, mas diretamente por sua luz e verdade. Deste modo, recebam os mortais alegria e esperança, sabendo quanto posso ajudá-los, e dêem ao Onipotente a glória e louvor que lhe devem dar, por Mim e pelas obras da redenção humana".*

A presente tradução

É cumprimento de um voto por todas as graças e benefícios materiais e espirituais que tenho recebido da Mãe de Deus e nossa, em particular pelo estabelecimento de nosso Mosteiro Portaceli, em Ponta Grossa, Paraná, no ano de 1966.

Fiz a tradução sobre a edição publicada em 1911 pelo mosteiro de Ágreda sob os auspícios do Bispo de Tarazona, dom Santiago Ozcoide y Udave, e a seu mandado, dirigida pelo Padre Eduardo Royo, capelão do mosteiro.

4- 3° Livro, n° 27
5- 3° Livro, n° 4
6- 2° Livro, n° 623

A respeito desta edição, diz o referido padre: *"... não é tomada de alguma das numerosas edições já feitas, e que mais ou menos discordam todas do original, mas é tirada fidelissimamente do mesmo autógrafo, podendo chamar-se* edição príncipe, *porquanto é a única inteiramente conforme à obra que por seu punho e letra escreveu Maria de Jesus"* (**Proêmio da Edição**).

A 7 de abril de 1911 declara o Bispo de Tarazona: *"Certificamos que a presente edição da Mística Cidade de Deus, salvo algumas modificações meramente ortográficas, está inteiramente conforme com o autógrafo da mesma obra que compôs e escreveu a venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda" (Idem).*

Ao traduzir procurei ser fiel ao sentido e à letra, sem nada suprimir nem acrescentar. Abri exceção para as citações bíblicas; em vez de traduzi-las do texto, transcrevi-as da tradução do Padre Matos Soares, 7ª edição, Pia Sociedade de São Paulo, 1955. Às modernas traduções da Bíblia, certamente mais perfeitas, dei preferência à Vulgata por ter sido a usada pela Escritora. Para amenizar a leitura, e mais facilmente se captar o assunto, em cada número coloquei subtítulo.

A Mística Cidade é composta de três partes, com oito livros ao todo. Em vista de sua grande extensão, aparece publicada em tomos separados para mais fácil manuseio.

Não há inconveniente em serem lidos fora da ordem numérica. De qualquer modo são belos, compreensíveis e úteis.

A presente edição quer ser uma homenagem à Imaculada Conceição, no ano do 5º centenário da fundação de sua Ordem, 1489-1989.

A TRADUTORA

Mosteiro Portaceli - Ponta Grossa - Paraná - Brasil em 8 de setembro de 1988

DECLARAÇÃO DA ESCRITORA

"Esta divina História, como em toda ela fica repetido, escrevi por obediência a meus superiores e confessores que dirigem minha alma, garantindo-me, por esse meio, ser vontade de Deus que escrevesse, obedecendo a sua Mãe Santíssima que, por muitos anos, assim me ordenou; e ainda que a submeti inteiramente à censura e julgamento de meus confessores, sem haver palavra que não hajam visto e conferido comigo, apesar de tudo isso sujeito-a de novo a seu melhor parecer; acima de tudo sujeito-a à emenda e correção da Santa Igreja Católica Romana, a cuja censura e doutrina, como filha sua, protesto-me submissa para crer e seguir somente aquilo que a mesma Santa Igreja, nossa Mãe, aprovar e crer; e para reprovar o que ela reprovar, porque nesta obediência quero viver e morrer. Amém."

Soror Maria de Jesus de Ágreda
Mística Cidade de Deus, 3ª Parte - Cap. 23, nº 791



Venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda

INTRODUÇÃO

À VIDA DA RAINHA DO CÉU,

RAZÃO DE SER ESCRITA ESTA OBRA E OUTRAS ADVERTÊNCIAS

A Escritora se justifica

1. Experimente-se compreender - e será felicidade se alguém o conseguir - que uma simples mulher, por natureza a mesma ignorância e fragilidade, e por suas culpas a mais indigna; nestes últimos séculos, quando a Santa Madre Igreja se encontra tão bem provida de mestres e homens doutíssimos, tão enriquecida com a doutrina dos santos Padres e doutores sagrados; em ocasião tão inoportuna, quando até os que professam a vida espiritual sob a direção de pessoas sábias e prudentes, vivem perturbados e inseguros; sendo este caminho extraordinário olhado pelo mundo como suspeito e o mais perigoso de todos na vida cristã.

Em tais circunstâncias não me causaria muita admiração se alguém, considerando superficialmente que uma mulher como eu se atreva a escrever coisas divinas e sobrenaturais, logo me condenasse por audaciosa, leviana e presunçosa.

Na mesma obra e sua dificuldade, todavia, pode-se encontrar adequada justificação. Existem coisas tão elevadas e superiores a nossos pensamentos, e tão desproporcionadas às forças humanas, que o empreendê-las ou nasce de pouco juízo, ou procede da força de outra fonte superior e de maior poder.

A Mãe de Deus ultrapassa os anjos e os homens

2. Filhos fiéis da santa Igreja, devemos confessar que todos os mortais, não somente com suas forças naturais, mas ainda ajuntando-lhes os da graça comum e ordinária, são incapazes, ignorantes e mudos para empresa tão difícil como esta: explicar ou escrever os ocultos mistérios e excelsos sacramentos[7] *que o poderoso braço do Altíssimo operou na criatura que destinara para Mãe sua.*

7- A expressão "sacramento" empregada aqui e em outros muitos lugares desta obra, não significa um dos sete Sacramentos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, mas deve ser entendida como coisa ou ação sagrada. Não havendo expressão equivalente em português, conservamos essa forma para evitar o risco de truncar o sentido do texto. (N. da T.)

Formou-a qual impenetrável mar de sua graça e dons, e nela depositou os maiores tesouros da divindade. Não é muito, portanto, que a ignorância de nossa fraqueza se reconheça incapaz, quando os mesmos espíritos angélicos fazem outro tanto e se declaram balbuciantes para falar sobre assunto que ultrapassa seus pensamentos e capacidade.

*Por tudo isto, a vida desta fênix das obras de Deus, é livro tão fechado (**Ap 4, 3**) que não se encontra, quer no céu quer na terra, quem dignamente possa abri-lo. É claro que só é possível ao poderoso Senhor que a formou mais excelente que todas as criaturas; e à mesma Senhora, Rainha e Mãe nossa, que teve capacidade para receber e apreciar tão inefáveis dons.*

Para manifestá-los na medida e tempo que for do agrado de seu unigênito Filho, também está em suas mãos escolher instrumentos adequados e para sua glória mais idôneos.

Os desígnios de Deus são insondáveis

***3.** Bem julgara eu que tais instrumentos fossem os mestres e homens doutos da Igreja católica, ou os doutores das escolas que nos têm ensinado o caminho da luz e da verdade.*

*As razões e pensamentos do Altíssimo. porém, se elevam acima dos nossos, quanto os céus se distanciam da terra (**Is 55, 9**). Ninguém pode reconhecer seus desígnios (**Rm 11, 34**) nem em suas obras lhe dar conselho.*

*Ele é quem sustenta o santuário nas mãos (**Ap 6, 5**), pesa os ventos (**Jó 28, 25**), encerra os mundos em suas palmas (**Is 40, 12**), e com a eqüidade de seus santíssimos conselhos dispõe todas as coisas com peso e medida (**Sb 11, 21**), dando a cada uma lugar e tempo oportuno. Ele derrama a luz da sabedoria (**Eclo 24, 37**) e por sua justíssima bondade a distribui; ninguém pode subir ao céu para arrebatá-la (**Br 3, 29**) ou tirá-la das nuvens, nem conhecer seus caminhos ou descobrir suas ocultas veredas (**Idem, 31**).*

*Somente Ele a guarda em si mesmo e como vapor e emanação de sua imensa caridade (**Sb 7, 25**), esplendor de sua eterna luz, espelho sem mancha e imagem de sua bondade eterna (**Idem, 26**), transfunde-a por meio das almas santas às nações, para com ela fazer amigos do Altíssimo e constituir profetas (**Ib 27**).*

O mesmo Senhor sabe porque, e para que, a mim a mais vil criatura, despertou, chamou, preparou, conduziu, obrigou e constrangeu a escrever a vida de sua digna Mãe, Rainha e Senhora nossa.

***4.** Sem este impulso e força da poderosa mão do Altíssimo, não pode caber em prudente juízo que viesse tal pensamento a coração humano, nem semelhante resolução a meu ânimo, pois me reconheço e confesso por mulher fraca e sem virtude.*

Assim como não pude por meu juízo pensá-lo, tampouco devo com pertinácia resistir só por minha vontade. E, para que se possa julgar retamente contarei, com sincera verdade, alguma coisa do que sobre isso me sucedeu.

Receios da Escritora

5. No oitavo ano da fundação deste convento, e aos vinte e cinco de minha idade, confiou-me a obediência o ofício, que hoje indignamente exerço, de superiora desta casa.

Perturbei-me e afligi-me com grande tristeza e temor. Pela minha idade e desejo não era inclinada a governar e mandar, e sim a obedecer e ser governada. Sabendo que para dar-me o ofício se havia pedido dispensa, e por outras justas razões, aumentavam os temores com que o Altíssimo tem mantido meu coração crucificado. Sinto um pavor contínuo que não posso explicar, sobre se meu caminho é seguro, se estarei em sua amizade e graça, ou se a perderei.

Temores pelo cargo de superiora

6. Neste sofrimento clamei ao Senhor de todo meu coração para que me ajudasse e, se fosse sua vontade, me livrasse desse perigoso fardo.

É verdade que Sua Majestade algum tempo antes me havia prevenido, mandando-me aceitá-lo. Excusando-me eu com timidez, o Senhor sempre me consolava declarando ser esse o seu beneplácito.

Apesar disso, não cessei minhas petições, porque via em Deus esta coisa bem digna de consideração: não obstante, Sua Majestade mostrar-me ser aquela sua santíssima vontade, à qual eu não poderia impedir, deixava-me liberdade para resistir e recusar.

Débil criatura, fiz o que devia, reconhecendo quão grande era minha insuficiência em todos os pontos. Assim prudente é o agir do Senhor para conosco. Conhecendo essa sua disposição, fiz muitas diligências para evitar perigo tão evidente mas pouco advertido pela natureza infecta pelos ressaibos da desordenada concupiscência. Apesar disso, o Senhor insistia em sua determinação, consolava-me por si, pelos santos anjos, admoestando-me a obedecer.

Recorre à Maria Santíssima

7. Nessa aflição, recorri à Rainha minha Senhora, singular refúgio de todas as minhas preocupações, e havendo-lhe exposto meus caminhos e desejos, dignou-se responder-me com estas suavíssimas razões: - Minha filha, consola-te e não se perturbe teu coração com o trabalho. Prepara-te para ele que eu serei tua Mãe e superiora a quem obedecerás. - Sê-lo-ei também de tuas súditas, suprirei tuas faltas e tu serás minha representante, por meio de quem realizarei a vontade de meu Filho e meu Deus. Em todas as tuas tentações e trabalhos recorrerás a mim para te esclareceres e em tudo receberes meu conselho. Obedece-me que eu te ajudarei e estarei atenta às tuas necessidades.

Estas são as palavras que me disse a Rainha, tão consoladoras quanto proveitosas para minha alma que se animou e confortou em sua tristeza.

Desde esse dia a Mãe de misericórdia aumentou a que usava com sua escrava,

porque daí em diante foi mais íntima e contínua sua comunicação com minha alma, recebendo-me, ouvindo-me e instruindo-me com inefável benevolência, dando-me consolo e conselho em minhas aflições. Encheu-me a alma de luz e doutrina de vida eterna, e mandou-me renovar os votos de minha profissão em suas mãos.

Finalmente, desde aquela ocorrência dedicou-se mais à sua escrava essa amabilíssima Senhora e Mãe nossa. Afastou o véu dos ocultos e altíssimos sacramentos e magníficos mistérios em sua vida encerrados e escondidos aos mortais.

Esse benefício e luz sobrenatural tem sido contínuos, especialmente nos dias de suas festividades, e em outras ocasiões nas quais conheci muitos mistérios. Não foi, porém, com a plenitude, freqüência e clareza com que depois mos ensinou. A isto acrescentou muitas vezes a ordem de escrevê-los, conforme os compreendia, enquanto Ela os ditava e ensinava.

Numa destas festividades de Maria Santíssima, particularmente, disse-me o Altíssimo que conservava desconhecidos muitos sacramentos e benefícios que realizara com essa divina Senhora, Mãe sua, enquanto vivera entre os mortais. Desejava agora manifestá-los e que eu os escrevesse, conforme Ela mesma me iria ensinando.

De modo contínuo, durante dez anos que resisti, conheci ser essa a vontade de Sua Majestade altíssima, até que comecei pela primeira vez a escrever esta divina história.

Os anjos instruem a escritora

8. Confiei essa preocupação aos santos anjos que o Todo-poderoso escolhera para me guiar nesse trabalho de escrever a História de nossa Rainha. Manifestei-lhes minha perturbação e quão balbuciante e muda sentia a língua para tão árdua empresa.

Responderam-me, muitas vezes, que era vontade do Altíssimo que eu escrevesse a vida de sua Mãe puríssima, Senhora nossa. Num certo dia, principalmente, em que argumentei muito com eles, representando minha dificuldade, incapacidade e grandes temores, disseram-me estas palavras:

*- É com razão, alma, que sentes medo, perturbações e dúvidas. Em tal matéria, nós mesmos, os anjos, nos consideramos insuficientes para descrever coisas tão elevadas e magníficas, quais o poder divino operou com a Mãe de piedade, nossa Rainha. Lembra-te, porém, que faltará o céu e a terra, e tudo o que é ser deixará de existir, antes que falte a palavra do Altíssimo. Muitas vezes Ele disse às suas criaturas - e a Igreja conserva suas palavras nas santas Escrituras - que o obediente cantará vitória sobre seus inimigos (**Pr 21, 28**) e não será argüido por obedecer. Quando criou o primeiro homem (**Gn 2, 16**), ao lhe intimar o preceito de não comer da árvore da ciência, estabeleceu a virtude da obediência, sob juramento, para maior garantia do homem. (Assim procedeu com Abraão quando lhe prometeu que da sua descendência nasceria o Messias (**Gn 22, 16**)). Ao criar o primeiro homem, também assegurou-lhe que o obediente não erraria. Repetiu este juramento (**Lc 1, 73**) ao ordenar a morte de seu Filho Santíssimo, o segundo Adão que, por sua obediência restaurou o que o primeiro perdera pela desobediência. Garantiu aos mortais que imitando a obediência deste segundo Adão, viveriam para sempre, e o inimigo não teria parte em suas obras.*

*Adverte Maria, que toda a obediência se origina em Deus, como de sua primeira fonte. Nós os anjos, obedecemos ao seu poder e retíssima vontade, porque nos é impossível desconhecê-la e nos opor a ela. Vemos o ser imutável do Altíssimo, face a face, e conhecemos como é santa, pura, verdadeira, retíssima e justa. Esta certeza que nós, os anjos, temos na visão beatífica, vós os mortais também a tendes, de acordo com vosso estado de viadores, naquelas palavras que disse o Senhor a respeito dos superiores: "Quem vos ouve, a mim ouve (**Lc 20, 16**), e quem vos obedece, a Mim obedece." Em virtude de se obedecer por Deus, o supremo Superior e principal razão da obediência, compete à sua poderosa providência o acerto dos obedientes, quando o que lhes foi ordenado não é matéria pecaminosa. Isso Ele promete com juramento, e antes deixará de existir, o que é impossível para Deus, do que faltar à sua palavra (**Mt 24, 35**).*

*Assim como os filhos procedem dos pais, e todos os viventes descendem de Adão, multiplicados na posteridade de sua natureza, assim de Deus, suprema Autoridade, procedem todos os superiores. Obedecendo aos superiores por Ele, nas suas pessoas a Ele obedecemos: vós aos chefes humanos, e nós os anjos, à hierarquia superior, conforme nossa natureza angélica. Lembra-te, pois, alma que todos te mandaram fazer o que duvidas. Se querendo tu obedecer, tal não fosse conveniente, o Altíssimo faria com tua pena o mesmo que fez com o obediente Abraão (**Gn 22,11**) ao sacrificar seu filho Isaac. Mandaria um dos seus espíritos angélicos suspendê-la, como o fez com o braço e o cutelo de Abraão. No entanto, não manda que imobilizemos tua pena, mas sim que com rápido vôo a conduzamos e regendo-te, esclareçamos teu entendimento e te ajudemos.*

São Miguel Arcanjo

***9.** Estas razões e doutrina me foram dadas, naquela ocasião, pelos meus santos anjos e senhores, e noutras muitas o príncipe São Miguel me declarou a mesma vontade e ordem do Altíssimo.*

Por contínuas iluminações, favores e ensinamentos deste grande arcanjo e príncipe celestial, compreendi os magníficos mistérios e sacramentos do Senhor e da Rainha do céu. Este santo arcanjo foi um dos que a guardavam e serviam com os demais que, para sua custódia, foram escolhidos de todas as ordens e hierarquias angélicas, como em seu lugar direi[8].

Por ser também patrono e protetor universal da Santa Igreja, foi especial testemunha e ministro fidelíssimo dos mistérios da Encarnação e Redenção. Assim, muitas vezes tenho entendido a respeito deste santo Arcanjo, de cuja proteção tenho recebido singulares benefícios em meus trabalhos e combates, havendo-me ele prometido assistir e guiar nesta obra.

Nova ordem divina para a Monja escrever

***10.** Além de todos estes mandatos e de outros que não é necessário referir, e*

8- nº 202 a 207

de quanto adiante direi, o mesmo Senhor, diretamente, muitas vezes, me declarou seu beneplácito, com as palavras que somente agora passo a referir.

Num dia da Apresentação de Maria Santíssima no templo, disse-me Sua Majestade: Esposa minha, embora sejam conhecidos na Igreja militante muitos mistérios de minha Mãe e dos Santos, outros estão ocultos, principalmente os íntimos e secretos. Estes e em particular os de Maria puríssima, quero que escrevas, conforme fores instruída. Eu vos declararei e mostrarei, por que pelos ocultos juízos de minha sabedoria os mantive reservados enquanto não era tempo conveniente e oportuno à minha providência; agora o é, sendo minha vontade que os escrevas: obedece, alma.

A prova da obediência

11. *Todas estas coisas que tenho dito, e outras que poderia declarar, não teriam sido capazes de resolver minha vontade a determinação tão árdua e estranha às minhas condições, se não lhe fosse acrescentada a obediência aos superiores que governam minha alma e me ensinam o caminho da verdade.*

Meus receios e temores não seriam de molde a me assegurar em matéria tão difícil, quando em outras mais fáceis, sendo sobrenaturais, mesmo a obediência custa a me sossegar. Mulher ignorante, procurei sempre este norte. É mister conferir todas as coisas com os guias espirituais, ainda as que parecem muito elevadas e insuspeitas, não as tendo por certas e seguras enquanto não receberam a aprovação dos mestres e ministros da santa Igreja.

Tudo isto procurei fazer na direção de minha alma, e ainda mais neste propósito de escrever a vida da Rainha do céu. Para que meus prelados não fossem influenciados por meus relatórios, muito me esforcei dissimulando algumas coisas, pedindo com lágrimas ao Senhor que lhes desse luz e acerto, e muitas vezes desejando que lhes tirasse do pensamento esta empresa, e não me deixassem errar nem ser enganada.

Vacilação por muitos anos

12. *Confesso também que o demônio, aproveitando-se de minha natural timidez, tem se esforçado muito para impedir esta obra, procurando modos para me aterrar e afligir. Teria sem dúvida me obrigado a deixá-la, se a indústria e perseverança invencível de meus prelados não houvesse encorajado minha covardia, dando também ocasião para que o Senhor, a Virgem puríssima e os santos anjos, renovassem sua iluminação, sinais e prodígios.*

Apesar de tudo isso, protelei, ou para melhor dizer, resisti por muitos anos aos mandatos de todos (como adiante direi) sem me atrever a principiar trabalho tão superior às minhas forças.

Creio haver sido especial providência de Sua Majestade, porque no decurso desse tempo aconteceram-me tantos sucessos, e posso dizer, mistérios e provações tão diversas e extraordinárias, que não poderia gozar da quietude e serenidade espiritu-

ais, necessárias para receber esta luz e ensinamento. Não é em qualquer estado, ainda que seja muito elevado e perfeito, que o ápice da alma pode estar idôneo para receber tão alto e delicado influxo.

Fora dessa razão encontro outra: nesta longa dilação pude melhor me informar e assegurar, mediante a nova luz que se vai alcançando com o tempo, com a prudência que se vai adquirindo por várias experiências, e ainda com a persistência do Senhor, dos santos e de meus prelados em suas instâncias.

Tão continuada ordenação me tranqüilizou e deu certeza, vencendo meus temores, covardia e perplexidade, deixando ao cuidado do Senhor o que desconfio de minha fraqueza.

Confiança na obediência

***13.** Confiando, pois, nesta grande virtude da obediência, resolvi em nome do Altíssimo e da Rainha, minha Senhora, render minha resistência.*

Chamo grande esta virtude, não só porque ela oferece a Deus em holocausto e sacrifício a parte mais nobre da criatura que é a mente, ditame e vontade, mas também porque nenhuma outra virtude garante mais o acerto do que a obediência. Com ela a criatura não age por si, mas sim, como instrumento de quem a governa e manda.

*Ela fortaleceu Abraão (**Gn 22, 3**) para vencer a força do amor natural por Isaac. Se foi poderosa para isso, e para que o sol e os céus suspendessem sua veloz carreira (**Js 10, 13**) bem o pode ser para movimentar a terra. Se Oza se houvesse orientado pela obediência, certamente não teria sido castigado por ousado e temerário em tocar a arca (**2Rs 6, 7**).*

*Bem vejo que, ainda mais indigna, eu estendo a mão para tocar, não a arca inanimada e figurativa da antiga lei, mas a arca viva do Novo Testamento, onde foi encerrado o maná da divindade e o autor da graça e sua santa lei. Se me calo, porém, temo com razão, desobedecer a tantos mandatos e poderei dizer como Isaías: Ai de mim, porque calei! (**Is 6, 5**)*

Portanto, ó Rainha e Senhora minha, melhor será que resplandeça em minha vileza vossa benigna piedade e misericórdia, e o favor de vossa liberal mão. Melhor será que me deis para obedecer a vossas ordens do que incorrer em vossa indignação. Será ato digno de vossa clemência, ó Mãe Puríssima, elevar da terra o pobre, e de um ser fraco e menos idôneo fazer instrumento para obras tão difíceis. Com isto exaltareis vossa benignidade e a que vosso Filho santíssimo vos comunicou.

Deste modo, não dareis motivo à falsa presunção para imaginar que por indústria humana, prudência terrena, ou força e autoridade da controvérsia se produz esta obra. Será sim, pela virtude da graça divina com que despertas de novo os corações e os atraís a Vós, fonte de piedade e misericórdia.

*Falai, pois, Senhora (**1Rs 3, 19**) que vossa serva escuta, com ardente vontade de obedecer-vos como deve. No entanto, como poderão meus desejos igualar a minha dívida? Impossível será a digna retribuição, mas se possível fôra, eu a desejara. Ó grande e poderosa Rainha, cumpri vossas promessas e palavras manifestando-me*

vossas graças e atributos, para que vossa grandeza seja mais conhecida e exaltada por todos os povos e gerações.

*Falai, Senhora, que vossa serva ouve, falai e glorificai ao Altíssimo pelas obras poderosas e maravilhosas que sua destra realizou em vossa profundíssima humildade. De suas mãos feitas ao torno (**Ct 5, 14**) repletas de jacintos, derramem-se as graças nas vossas, e delas a vossos devotos e servos, para que os anjos O bendigam, os justos O exaltem, os pecadores O procurem, e todos tenham o exemplo da suma santidade e pureza.*

Com a graça de vosso Filho Santíssimo, tenha eu este espelho e eficiente modelo por onde possa ordenar minha vida. Este há de ser o primeiro desígnio de minha atenção em escrever a vossa. Assim, repetidas vezes, me disse Vossa Alteza, dignando-se oferecer-me um vivo retrato e animado espelho sem mancha, onde eu veja e adorne minha alma, para ser filha vossa e esposa de vosso Filho Santíssimo.

Submete a obra à correção da Igreja

***14.** Esta é toda minha pretensão e desejo. Não escreverei ao modo de mestra, senão como discípula, não para ensinar, mas para aprender, já que por obrigação, na Santa Igreja devem as mulheres calar (**1Cor 14, 34**) para ouvir os mestres.*

*Todavia, como instrumento da Rainha do céu, manifestarei o que Sua Majestade se digne me ensinar e mandar. Para receber o espírito que seu Filho Santíssimo prometeu (**Joel 2,68 - Jo 16,26; 15,26**) enviar sobre qualquer espécie de pessoas, sem exceção, todas as almas são capazes. Também o são para manifestar, no conveniente modo, como receberam esse espírito, se a autoridade superior assim ordena, com providência cristã, conforme julgo hajam disposto meus prelados.*

Que eu erre é possível, em conseqüência de ser mulher ignorante, não, porém, voluntariamente ou por obedecer. Assim, me remeto e sujeito a quem me guia e à correção da santa Igreja Católica, a cujos ministros recorrerei em qualquer dificuldade. Quero que meu prelado, mestre e confessor seja testemunha e censor da doutrina que recebo, e juiz vigilante e severo de meu proceder no cumprimento dela, e das obrigações que me decorrem deste benefício.

A obra é escrita pela segunda vez

***15.** Por vontade do Senhor e ordem da obediência, escrevi esta divina História pela segunda vez. Na primeira, a luz com que conhecia seus mistérios era tão abundante e fecunda, e minha incapacidade tão grande, que para dizer tudo não bastou a língua, não conseguiram as palavras nem a velocidade da pena. Deixei algumas coisas e com o tempo e novas inteligências, encontro-me mais disposta para escrevê-las agora. Não obstante, sempre deixarei de dizer muito do que entendo e conheço, porque explicar tudo nunca é possível.*

Conheci no Senhor ainda outra razão; ao escrever a primeira vez me preocupei muito pela forma desta obra. Além disto, tão grandes foram as tentações e

temores, tão excessivas as tempestades de pensamentos que me combatiam para convencer-me de temerária por empreender obra tão árdua, que resolvi queimá-la.

Creio não ter sido sem permissão do Senhor, porque em estado de tanta perturbação a alma não podia receber o conveniente e o que o Altíssimo desejava: escrevê-la em meu coração, gravando em meu espírito sua doutrina, segundo me é mandado agora e se pode deduzir do seguinte fato.

Deus ordena escrever esta obra

16. *Num dia da festa da Purificação de Nossa Senhora, depois de haver recebido o Santíssimo Sacramento, quis celebrar esta santa festividade - por ser aniversário de minha profissão - com ações de graças e submisso coração ao Altíssimo que, sem merecimento meu, me aceitou por esposa.*

Ao expressar estes afetos, senti em meu interior uma eficaz transformação com abundantíssima luz que me atraía, compelindo-me forte e suavemente ***(Sb 8, 1)*** *ao conhecimento de Deus, de sua bondade, perfeições e atributos e à convicção de minha própria miséria.*

Estes motivos, que ao mesmo tempo se ofereciam ao meu entendimento, produziram diferentes efeitos: o primeiro absorvia toda a minha atenção e vontade, enquanto o segundo aniquilava-me apegando-me ao pó. Meu ser se desfazia, sentindo veementíssima dor e contrição de meus graves pecados. Tomava firme propósito de emenda e de renunciar a tudo quanto o mundo tem, para elevar-me da terra ao amor de Deus. Nestes afetos desfalecia, e a maior dor vinha a ser consolo e o morrer era viver.

Apiedando-se de meu delíquio, unicamente por sua misericórdia, disse-me o Senhor: - Não desanimes, minha filha e esposa, que para te perdoar, lavar e purificar das culpas, aplicar-te-ei meus infinitos merecimentos e o sangue que por ti derramei. Anima-te a adquirir a perfeição que desejas, imitando a vida de minha Mãe Santíssima. Escreve-a segunda vez para acrescentar o que faltou na primeira e para imprimir em teu coração sua doutrina. Não irrites mais minha justiça, nem afastes a minha misericórdia, queimando o que escreves, para que minha indignação não retire a luz que, sem mereceres, te dei para conheceres e revelares estes mistérios.

Advertência da Mãe de Deus

17. *Logo vi a Mãe de Deus e da piedade dizer-me: - Minha filha, ainda não colheste o devido fruto da árvore da vida de minha história que escreveste, nem chegaste à medula de sua substância. Não recolheste bastante deste maná escondido, nem chegaste à última e perfeita disposição que necessitavas, para o Todo-poderoso ir gravando em tua alma minhas virtudes e perfeições. Dar-te-ei as disposições convenientes para o que a divina destra quer operar em ti.*

Da abundantíssima graça que me comunicou, pedi-lhe licença para adornar e preparar tua alma, por minha mão e intercessão, a fim de tornares a escrever minha vida sem te preocupares com sua forma exterior, mas antes com seu fundo e substância.

Conserva-te passiva, sem criar obstáculos para receber o caudal da divina graça que o Todo-poderoso derramou em mim. Sobre ti transbordará a parte que sua divina vontade dispuser; não a impeças nem a reduzas, por tua mesquinhez e imperfeito procedimento.

Logo compreendi que a Mãe de piedade me vestiu um traje mais branco do que a neve e mais resplandecente que o sol; em seguida, cingiu-me com um cinto riquíssimo e disse: "Com isto participarás de minha pureza". Pediu ao Senhor ciência infusa para adornar-me com ela, ao modo de formosíssimos cabelos, e outras jóias preciosas que eu compreendia serem grandes, embora fosse incapaz de avaliar seu preço.

Depois deste adorno, disse-me a divina Senhora: - Trabalha fiel e diligentemente por me imitar e ser perfeitíssima filha minha, gerada pelo meu espírito e alimentada a meu seio. Dou-te minha bênção, para que em meu nome e sob minha direção e assistência escrevas pela segunda vez.

Descrição da Obra

18. *Esta santa biografia, para maior clareza, divide-se em três partes: a primeira trata dos primeiros quinze anos da Rainha do céu, desde a sua conceição puríssima até que em seu virginal seio tomou carne o Verbo eterno, e o que nestes anos operou o Altíssimo em Maria santíssima.*

A segunda parte compreende o mistério da encarnação, toda a vida de Cristo nosso Senhor, sua paixão, morte e ascensão aos céus, tempo em que viveu a divina Rainha com seu Filho Santíssimo e o que fez durante essa época.

A terceira parte será o restante da vida da Mãe da graça, depois que ficou só no mundo, sem Cristo nosso Redentor, até chegar a hora de seu feliz trânsito e coroação nos céus como sua Imperatriz, para viver eternamente como Filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo. Estas três partes são divididas em oito livros para mais fácil manuseio e para constituir permanente objeto de meu entendimento, estímulo de minha vontade e minha meditação dia e noite.

Época e circunstâncias da composição da obra

19. *Para refletir em que tempo escrevi esta divina História, é preciso saber que este convento de religiosas descalças da puríssima Conceição foi fundado por meus pais Frei Francisco Coronel e Madre Soror Catarina de Arana, em sua mesma residência, por disposição e vontade divina manifestada em particular revelação à minha mãe Soror Catarina.*

A fundação realizou-se na oitava da Epifania, a treze de janeiro do ano de mil seiscentos e dezenove. No mesmo dia minha mãe e duas filhas tomamos o hábito, e meu pai entrou na ordem de nosso seráfico pai São Francisco, onde dois filhos já eram religiosos. Vestiu o hábito, professou, viveu edificando a todos e morreu santamente.

Minha mãe e eu recebemos o véu no dia da Purificação da grande Rainha do Céu, a dois de fevereiro do ano de mil seiscentos e vinte; por não ter idade suficiente,

adiou-se a profissão da segunda filha. Unicamente da bondade do Todo-poderoso, recebeu nossa inteira família a graça de consagrar-se a Ele no estado religioso.

No oitavo ano da fundação, aos vinte e cinco de minha idade, e mil seiscentos e vinte e sete do Senhor, confiou-me a obediência o ofício de Prelada, que hoje indignamente exerço. Durante dez anos de prelazia, recebi muitos mandatos do Altíssimo e da grande Rainha do céu, para escrever sua vida santíssima. Com temor e timidez resisti todo esse tempo a estas ordens divinas, até o ano de mil seiscentos e trinta e sete, em que comecei a escrevê-la a primeira vez. Ao terminá-la, pelos temores e tribulações já ditos, e por conselho de um confessor que me assistia na ausência do principal que me dirigia, queimei todos os papéis e outros muitos, assim desta sagrada história, como de outras matérias importantes e misteriosas.

Disse-me ele que na santa Igreja as mulheres não deveriam escrever. Obedeci-lhe prontamente, para depois receber ásperas repreensões dos superiores e do confessor que estava a par de toda minha vida. Intimaram-me novamente a escrevê-la outra vez, e o Altíssimo e a Rainha do céu renovaram seus mandatos para que obedecesse.

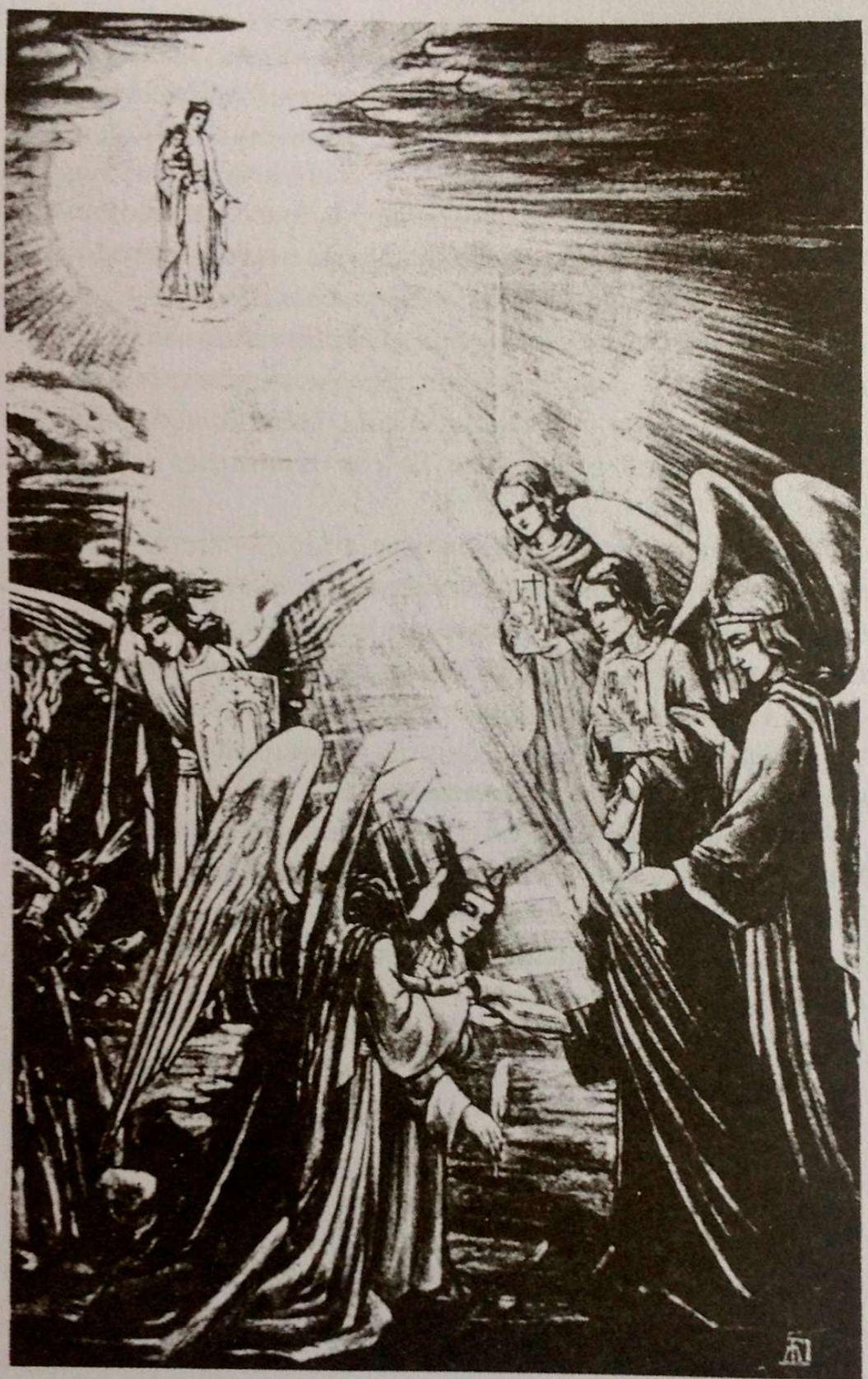
Nesta segunda vez, foi tão copiosa a luz que recebi sobre o ser divino; tão abundantes os benefícios que a destra do Altíssimo me comunicou, para que minha pobre alma se renovasse e vivificasse nos ensinamentos de sua divina Mestra; tão perfeitas as doutrinas e tão elevados os mistérios, que me vi obrigada a compor outro livro à parte, embora pertença à mesma biografia.

Este livro tem por título: "Leis da esposa, ápices de seu casto amor, e fruto colhido da árvore da vida de Maria Santíssima, Senhora nossa".

Com o favor divino começo a escrevê-la em oito de dezembro de mil seiscentos e cinqüenta e cinco, dia da puríssima e Imaculada Conceição.

Fim da introdução da primeira parte.

"QUE EU VOS LOUVE, Ó VIRGEM MÃE DE DEUS.
DAI-ME FORÇA CONTRA OS VOSSOS INIMIGOS."



A Escritora é assistida e auxiliada pelos Anjos

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

PRIMEIRA PARTE

VIDA E MISTÉRIOS DA RAINHA DO CÉU - O QUE O ALTÍSSIMO REALIZOU NESTA PURA CRIATURA DESDE SUA IMACULADA CONCEIÇÃO ATÉ QUE EM SEU VIRGINAL SEIO O VERBO ASSUMIU CARNE HUMANA - OS FAVORES QUE LHE FEZ NESTES PRIMEIROS QUINZE ANOS, E O MUITO QUE POR SI MESMA ADQUIRIU COM A DIVINA GRAÇA.



Santíssima Trindade
Pai, Filho e Espírito Santo

CAPÍTULO 1

DUAS VISÕES PARTICULARES QUE O SENHOR MANIFESTOU À MINHA ALMA. OUTRAS INTELIGÊNCIAS E MISTÉRIOS QUE ME IMPELIAM A AFASTAR-ME DAS COISAS TERRENAS, ELEVANDO MEU ESPÍRITO ACIMA DA TERRA.

Louvor a Deus

1. Louvo-te e exalto (**Mt 11, 25**) Rei Altíssimo, que por tua dignação e elevada majestade escondeste aos sábios e mestres estes altos mistérios, e os revelaste a mim, tua escrava, a menor e mais inútil de tua Igreja. Assim, com admiração, sereis conhecido por Todo-poderoso e autor desta obra, tanto quanto mais vil e fraco é o instrumento que utilizas.

Estado de alma da Escritora

2. Depois das longas resistências que referi, de infundados temores, e de grandes perplexidades nascidas de minha covardia, por conhecer este mar imenso de maravilhas no qual embarco, receiosa de nele me afogar - este Senhor altíssimo deu-me a sentir uma força do alto, suave, forte (**Sb 8, 1**), eficaz e doce. Luz que esclarece o entendimento, submete a vontade rebelde, sossegando, dirigindo, governando e ordenando os sentidos interiores e exteriores, submetendo inteiramente a criatura ao agrado e vontade do Altíssimo, para procurar em tudo e somente sua honra e glória.

Estando nesta disposição, ouvi a voz do Todo-poderoso que fortemente me chamava e atraía para si. Elevava minha habitação ao alto (**Eclo 51, 13**) e fortalecia contra os leões (**Idem 4**), a rugir famintos, procurando afastar minha alma do bem que lhe ofereciam no conhecimento dos grandes sacramentos encerrados neste tabernáculo e santa cidade de Deus. Libertou-me das portas da tribulação (**Ibid. 5**) por onde me convidavam a entrar, cercada pelas dores da morte (**Sl 17, 5**) e da perdição, rodeada pela chama desta Sodoma e Babilônia onde vivemos. Procuravam me transviar, para que cegamente voltasse e me entregasse a ela, oferecendo objetos de aparente deleite a meus sentidos, sugestionando-os com falsidade e dolo.

De todos estes laços (**Sl 66,7; 24,15**), preparados a meus pés, livrou-me o Altíssimo, elevando meu espírito e instruindo-me com eficazes admoestações no caminho da perfeição. Convidou-me a uma vida espiritualizada e angélica em carne mortal, obrigando-me a viver tão solícita, que no meio da fornalha não me tocasse o fogo (**Eclo 51, 6-7**) e me livrasse da língua iníqua, quando muitas vezes me contava mentiras terrenas (**Sl 118, 85**).

Chamou-me Sua Alteza para me levantar do pó e da fraqueza causada pela lei do pecado, e resistir aos efeitos herdados da natureza corrompida, dominando-a em suas desordenadas inclinações. Devia destruí-las na presença da luz e elevar-me sobre mim mesma (**Lm 3, 28**).

Com força de poderoso Deus, correções de pai e carinhos de esposo, muitas vezes me chamava e dizia: - Pomba minha e obra de minhas mãos, levanta-te (**Ct 2, 10**) e apressa-te; vem a Mim que sou luz e caminho (**Jo 8,12**) e quem me segue não anda em trevas. Vem a Mim que sou verdade infalível, santidade verdadeira, sou poderoso e o sábio emendador dos sábios (**Sb 7, 15**).

Efeitos da palavra divina

3. Estas palavras produziram em mim efeito de flechas de doce amor, admiração, reverência e também de temor, de conhecimento de meus pecados e de covardia com que me retraía e aniquilava. O Senhor me dizia: - Vem, alma, vem que sou teu Deus onipotente, e ainda que tenhas sido pródiga e pecadora, ergue-te e vem a mim que sou teu Pai; recebe a estola de minha amizade e o anel de esposa.

Seis anjos auxiliam a Escritora

4. Encontrando-me neste estado, vi certo dia os seis anjos, que como já disse, o Senhor designou para me assistirem neste trabalho e em outras ocasiões de combate. Eles me purificaram, prepararam e, em seguida, apresentaram-me ao Senhor.

Sua Majestade deu à minha alma uma nova luz e capacidade semelhante à da glória, que me fortificou e me deu aptidão para ver e conhecer o que está acima das forças de criatura terrena. Em seguida, vi outros dois anjos, de hierarquia superior, que me atraíam fortemente ao Senhor, e compreendi que eram muito misteriosos e me queriam manifestar altos e escondidos sacramentos.

Respondi-lhes prontamente, ansiosa por gozar daquele bem que me anunciavam, e com ardente afeto declarei minha disposição para ver o que me queriam mostrar e misteriosamente me escondiam.

Imediatamente, com muita severidade, responderam: - Detém-te, alma.

Voltei-me para eles e lhes disse: - Príncipes do Poderoso e mensageiros do Grande Rei, porque tendo-me chamado, agora me detendes assim, contrariando meu desejo e retardando meu gozo e alegria? Que força e poder é o vosso que me chama, me empolga, e ao mesmo tempo me atrai e me detém? Atraindo-me pelos perfumes de meu amado Senhor (**Ct 1, 3**), me detendes com prisões tão fortes? Dizei-me a causa disto.

Responderam-me: - É necessário, alma, vir descalça e despida de todos os teus apetites e paixões, para conhecer estes altos mistérios que não admitem nem são compatíveis com inclinações contrárias. Descalça-te como Moisés (**Êx 3, 5**) conforme lhe foi ordenado, para ver aquela milagrosa sarça.

- Príncipes e senhores meus, - respondi - muito foi pedido a Moisés, para em natureza terrena ter operações angélicas; todavia, ele era santo e justo e eu pecadora cheia de misérias; perturba-se meu coração e lamento a servidão da lei do pecado (**Rm 7, 23**) que sinto em meus membros, contrária à do espírito.

A isto disseram-me: - Alma, coisa muito difícil ser-te-ia pedida, se dependesse apenas de tuas forças. O Altíssimo,

porém, que pede e quer esta disposição, é poderoso e não negará o seu auxílio, se de coração a pedires e te dispuseres para recebê-la.

- Seu poder que fazia arder a sarça (**Êx 3, 1**) sem queimar-se, poderá fazer que a alma presa e cercada pelo fogo das paixões não se queime, desejando ela libertar-se. Sua Majestade pede o que quer e pode quanto pede, e com sua fortaleza serás capaz (**Fl 4, 13**) do que te manda. Descalça-te e chora amargamente, clama do íntimo do teu coração, para que seja ouvida tua oração e se cumpra teu desejo.

A Mulher do Apocalipse

5. Neste momento vi riquíssimo véu encobrindo um tesouro, e minha vontade se excitava para afastá-lo e descobrir o oculto mistério que a inteligência entrevia. A este meu desejo foi-me advertido: - Obedece, alma, ao que se te admoesta e manda; despe-te de ti mesma e então verás.

Propus emendar minha vida e vencer minhas inclinações, chorava e suspirava do íntimo da alma para me ser manifestado aquele bem; e assim como ia propondo, também ia se levantando o véu que escondia meu tesouro. Quando se afastou inteiramente, viram meus olhos interiores o que não saberei dizer, nem explicar com palavras.

Vi um grande e misterioso sinal no céu: uma mulher, uma senhora e formosíssima rainha coroada de estrelas, vestida de sol, tendo a lua a seus pés (**Ap 12, 1**).

Disseram-me os santos anjos: - Esta é aquela ditosa mulher que São João viu no Apocalipse, e onde estão compendiados, depositados e selados os maravilhosos mistérios da Redenção. Favoreceu tanto o Altíssimo e Todo-poderoso a esta criatura, que a nós seus espíritos causa admiração. Vê e considera suas excelências; escreve-as, que para isto e para teu proveito, te são manifestadas.

Conheci tantas maravilhas que sua abundância me emudece e a admiração me suspende. Julgo que, na vida mortal, todas as criaturas não seriam suficientes para conhecê-las. Adiante as irei expondo.

Exortação divina

6. Outro dia, em tempo de quietude e serenidade espiritual, no mesmo estado que já descrevi, ouvi a voz do Altíssimo que me dizia: - Esposa minha, quero que acabes de te resolver, que me procures solícita, que fervorosa me ames, e que tua vida seja mais angélica que humana, esquecendo tudo o que é terreno: quero elevar-te do pó e do esterco como pobre e necessitada (**Sl 112, 7**). Ao ser elevada quero que te humilhes, e que teu nardo exale suave perfume (**Ct 1, 11**), enquanto permaneces em minha presença; conhecendo tua fraqueza e misérias convence-te de que mereces a tribulação, e nela a tua profunda humilhação. Vê minha grandeza e tua pequenez. Sou justo e santo, e com justiça te aflijo, usando de misericórdia, e não te castigando segundo mereces. Procura sobre este fundamento de humildade adquirir as demais virtudes, para cumprires minha vontade. Para te instruir, corrigir e repreender te dou por mestra minha Virgem Mãe. Ela te formará e guiará teus passos no meu agrado e beneplácito.

Maria, escada de Jacó

7. Estava presente esta Rainha, quando o Altíssimo Senhor me disse aquelas palavras, e não se dedignou a divina

Princesa em aceitar o ofício que sua Majestade lhe dava.

Recebeu-o benignamente e disse-me: - Minha filha, quero que sejas minha discípula e companheira. e eu serei tua mestra. Adverte, porém, que me hás de obedecer com coragem, e desde este dia não se há de perceber em ti vestígios de filha de Adão. Minha vida, as obras de minha peregrinação, as maravilhas que o poderoso braço do Altíssimo operou em mim, hão de ser teu espelho e modelo de tua vida.

Prostrei-me ante o real trono do Rei e Rainha do universo e ofereci-me para obedecer em tudo. Agradeci ao Altíssimo o benefício de me dar tal amparo e guia, tão acima de meus méritos. Renovei em suas mãos os votos de minha profissão, e me ofereci novamente para obedecer-lhe e cooperar com todas as forças na emenda de minha vida.

Disse-me o Senhor: - Presta atenção e olha.

Assim o fiz, e vi uma escada de muitos degraus, belíssima e com grande número de anjos, uns que a assistiam e outros que desciam e subiam por ela.

Disse-me Sua Majestade: - Esta é aquela misteriosa escada de Jacó (**Gn 28, 12 - 17**) casa de Deus e porta do céu. Se te dispuseres e tua vida for tal que não mereça repreensão a meus olhos, subirás por ela até Mim.

Maria, caminho para Deus

8. Esta promessa excitava meu desejo, afervorava minha vontade, arrebatava meu espírito, e com muitas lágrimas queixava-me de ser tão pesada para mim mesma (**Jó 7, 20**). Suspirava pelo fim de meu cativeiro, e por chegar onde não há óbice que possa impedir o amor.

Nestas ânsias passei alguns dias, procurando aperfeiçoar minha vida, fazendo nova confissão geral e corrigindo algumas imperfeições; a visão da escada continuava, mas não entendia seu significado.

Fiz muitas promessas ao Senhor, propondo novamente afastar-me de todo o terrestre, conservando minha vontade livre para somente amá-lo, sem deixá-la inclinar-se a coisa alguma, ainda que fosse pequena e inocente; rejeitei e renunciei a tudo quanto é aparente e ilusório.

Passado alguns dias nestes sentimentos e disposição, o Altíssimo declarou-me ser aquela escada a vida da Santíssima Virgem, suas virtudes e mistérios.

Disse-me Sua Majestade: - Quero, esposa minha, que subas por esta escada de Jacó, e entre por esta porta do céu, para conhecer meus atributos e contemplar minha divindade; sobe pois, e caminha por ela até mim. Estes anjos que a assistem e acompanham são os que eu dediquei para guarda e defesa desta cidade de Sião. Atende, medita estas virtudes e trabalha por imitá-las.

Pareceu-me subir por esta escada e ver a maior das maravilhas e o mais inefável prodígio do Senhor em pura criatura, a maior santidade e perfeição de virtudes que jamais criou o braço do Onipotente. No fim da escada vi o Senhor dos senhores e a Rainha de toda a criação, e mandaram-me que, por estes magníficos sacramentos O glorificasse, louvasse, exaltasse, e escrevesse o que deles entendesse.

Deu-me o excelso e eminente Senhor nestas tábuas, melhores que as de Moisés, lei para meditar (**Sl 1, 2**) e observar, escrita por seu poderoso dedo (**Êx 31, 18**). Inspirou minha vontade para, em sua presença, dirigir-me à puríssima Rainha, prometendo-lhe vencer a minha resistên-

cia e com seu auxílio escrever sua vida santíssima, tendo em vista três objetivos: primeiro, que se conheça a profunda reverência devida ao Deus eterno, e como as criaturas devem se humilhar, na medida em que Sua Majestade se lhes faz mais acessível. O efeito dos maiores favores e benefícios há de ser maior temor, reverência, solicitude e humildade.

Segundo, que o gênero humano esquecido de sua salvação, considere e conheça o que deve à sua Rainha e Mãe de piedade nas obras da redenção: o amor e reverência que Ela teve a Deus, e o que devemos ter a esta grande Senhora.

Terceiro, que o diretor de minha alma e todo o mundo, se for conveniente, conheçam minha pequenez, vileza, e má retribuição por tudo quanto recebo.

Oportunidade da obra

9. A este meu desejo respondeu a Santíssima Virgem: - Minha filha, o mundo está muito necessitado desta doutrina, porque não sabe e não tem a devida reverência ao Senhor onipotente. Por causa desta ignorância a audácia dos mortais provoca a retidão de sua justiça que os aflige e castiga. Vivem esquecidos de Deus, mergulhados nas trevas, sem saber procurar a salvação nem encontrar a luz. Isto é resultado da falta de temor e reverência que deviam ter pelo Senhor.

Estes e outros avisos deram-me o Altíssimo e a Rainha, para manifestar-me sua vontade a respeito desta obra. Pareceu-me temeridade e pouco amor a mim mesma, não aceitar a doutrina e ensinamento que esta grande Senhora prometeu dar-me, na descrição da sua vida santíssima. Tampouco julguei conveniente adiar para outro tempo, porque o Altíssimo manifestou-me ser este o oportuno e conveniente.

Sobre isto me disse estas palavras: - Minha filha, quando enviei meu Unigênito ao mundo, este se encontrava no pior estado que havia tido desde o princípio, com exceção de alguns fiéis que me serviam.

A natureza humana é tão imperfeita que não se sujeitando a direção interior de minha luz e prática dos ensinamentos de meus ministros; não submetendo seu próprio ditame para seguir a Mim que sou caminho, verdade e vida (**Jo 14, 6**), guardando meus mandamentos e minha amizade, cairá logo em profundas trevas e inumeráveis misérias, de abismo em abismo, até obstinar-se no pecado.

Desde a criação e o pecado do primeiro homem até a lei que dei a Moisés, governaram-se pelas próprias inclinações, cometendo grandes erros e pecados (**Rm 8, 13**). Depois da lei os cometeram por desobedecê-la (**Jo 7, 19**) e assim foram se afastando cada vez mais da verdade e luz, chegando ao maior esquecimento. Eu, com paternal amor, enviei a salvação eterna (**Ef 3, 4, 5**) e o remédio para as incuráveis enfermidades da natureza humana. Com isto justifiquei a minha causa.

Como, então, esperei o tempo no qual mais resplandecesse a misericórdia, quero agora fazer-lhes outra muito grande. Este é o tempo oportuno para dela usar enquanto não chegar a minha hora, na qual o mundo se encontrará com tantas dívidas e processos, que conhecerá o justo motivo de minha indignação. Nessa hora manifestarei minha ira, justiça, eqüidade e quão justificada está minha causa.

Chegou o tempo em que melhor se há de manifestar o atributo de minha misericórdia, e no qual desejo que meu amor não fique inativo. Agora, quando o mundo chegou a tão infeliz época, depois que o Verbo se encarnou; quando os mor-

tais se encontram mais descuidados do próprio bem e menos o procuram; quando mais se aproxima o fim de sua transitória vida, o pôr-do-sol do tempo, e a noite da eternidade para os reprovados; quando aos justos nasce o eterno dia sem noite; quando a maioria dos mortais jazem nas trevas da ignorância e das culpas, oprimindo os justos e zombando dos filhos de Deus; quando minha lei santa e divina é desprezada pela iníqua matéria de estado[9] tão odiosa como inimiga de minha providência; quando os maus menos merecem; olhando para os justos que vivem neste tempo propício para eles, quero abrir a todos uma porta para entrarem em minha misericórdia. Acendo-lhes um farol para iluminar as trevas de sua cegueira, dou-lhes um oportuno remédio se o quiserem usar para voltarem à minha graça.

Felizes os que o encontrarem (**Pr 3, 13 e s.**) e bem-aventurados os que conhecerem seu valor. Ricos os que acharem este tesouro, felizes e muito sábios os que o explorarem reverentemente, para compreender seus mistérios.

Quero que saibam quanto vale a intercessão daquela que foi remédio de suas culpas, dando em seu seio, vida mortal ao Imortal. Quero que lhes sirvam de espelho onde vejam suas ingratidões, as maravilhosas obras, que meu poderoso braço operou nesta criatura. Mostrar-lhes-ei muitas das que realizei com a Mãe do Verbo, até agora ocultas por meus altos juízos.

Oportunidade das revelações

10. Não os manifestei na primitiva Igreja, porque são mistérios tão magníficos que os fiéis teriam ficado a estudá-los e contemplá-los, quando era mais necessário estabelecer a lei da graça e o Evangelho. Ainda que ambas as coisas teriam sido compatíveis, a ignorância humana poderia ficar confusa, quando ainda estava tão no princípio a fé na Encarnação, Redenção e preceitos da nova lei evangélica.

Por isso, disse o Verbo humanado a seus discípulos na última ceia: "Muitas coisas teria para vos dizer, mas agora não estais preparados para recebê-las" (**Jo 6, 12**). Na pessoa deles falou ao mundo inteiro que ainda não estava em condições de receber o conhecimento dos mistérios da Mãe, antes de estar estabelecida a graça e a fé em seu Filho.

Agora a necessidade é maior e ela me obriga mais do que o merecimento dos homens. Se me empenhassem reverenciando, crendo e conhecendo as maravilhas que em si encerra a Mãe de piedade, e se de coração solicitassem sua intercessão, o mundo poderia melhorar.

Não quero deixar de mostrar-lhes esta mística cidade de refúgio. Descreve-a delineando-a como conseguir tua limitação. Não quero que esta descrição de sua vida componha-se de opiniões e hipóteses, mas seja a verdade certa. Os que têm ouvidos para ouvir, (**Mt 11, 15**) ouçam; os que têm sede (**Ap 22, 17**) venham às águas vivas e deixem as cisternas rachadas, os que desejam luz sigam-na até o fim - Palavra do Senhor Deus Onipotente.

11. Estas são as palavras que me disse o Altíssimo na ocasião que referi. Satisfazendo a obediência que assim me ordena, explicarei no capítulo seguinte, para deixar esclarecido em todos os demais, o modo como recebo esta doutrina e luz; como contemplo o Senhor e as inteligências e misericórdias deste gênero me são comunicadas e descreverei adiante.

9- Matéria de estado ou razão de estado: princípio político social baseado no interesse público que não leva em consideração os motivos de fé e os direitos de Deus. (N. da T.)

CAPÍTULO 2

EXPLICAÇÃO DO MODO COMO O SENHOR MANIFESTA À MINHA ALMA ESTES MISTÉRIOS E A VIDA DA RAINHA. ESTADO EM QUE SUA MAJESTADE ME COLOCOU.

12. Para deixar declarado de uma vez, o modo como o Senhor manifesta-me estas maravilhas, pareceu-me conveniente escrevê-lo no princípio deste capítulo, onde explicarei como puder e me for concedido.

Temores espirituais

13. Desde que tive uso da razão, notei haver recebido do Senhor uma graça que julgo a maior que sua liberal mão me concedeu: um íntimo e grande temor de perdê-lo. Isto me tem incitado a desejar sempre, e praticar e pedir ao Altíssimo, o melhor e mais seguro.

O temor dos juízos de Deus, o contínuo receio de perder a amizade do Todo-poderoso e a incerteza de nela estar, é um dardo com que Ele transpassou minha carne (**Sl 118, 120**). Meu pão dia e noite tem sido as lágrimas (**Sl 41, 4**) causadas por esta solicitude.

Nestes últimos tempos, quando os discípulos do Senhor que professam virtude devem ficar ocultos, sem se manifestar, esta inquietação me induziu a fazer grandes petições a Deus e a solicitar a intercessão da Rainha e Virgem pura, suplicando-lhe com todo meu coração me guiem e dirijam por um caminho reto e escondido aos olhos dos homens.

Visão de Deus

14. A estas instantes súplicas me respondeu o Senhor: - Não temas nem te aflijas, que eu te darei um estado e caminho de luz e segurança, de minha parte tão oculto e estimável, que somente o autor dele o conhecerá. Toda exterioridade sujeita a perigo te faltará desde hoje, e teu tesouro ficará escondido. De tua parte guarda-o e conserva-o levando vida perfeita. Eu te porei numa senda oculta, clara, verdadeira e pura; caminha por ela.

Desde essa ocasião, senti-me interiormente mudada e num estado muito espiritualizado. Ao entendimento foi dada nova luz, sendo-lhe comunicada e infundida ciência, pela qual conhece o ser e operações de todas as coisas em Deus, na medida em que a vontade divina lhe quer manifestar.

Esta inteligência e luz que esclarece (**Sb 7, 22**) é santa, suave e pura, sutil,

aguda, nobre, certa e límpida; faz amar o bem e reprovar o mal; é um vapor (**Idem 25**) da virtude de Deus e simples emanação de sua luz. É como espelho para o entendimento, e com a parte superior da alma e olhar interior vejo muito. Conhece-se que o objeto, com a luz que dele reverbera, é infinito, ainda que a vista seja limitada e curto o entendimento.

Esta visão é como se o Senhor estivesse assentado em trono de grande majestade, onde dentro dos limites da vida mortal se conhecem seus atributos com distinção. Cobre-o um como cristal puríssimo e através dele se entrevêem estas maravilhas e perfeições de Deus. Grande é a clareza e distinção, não obstante aquele intermédio, véu ou cristal que impede vê-lo inteira, imediata e intuitivamente.

A impossibilidade de ver o que está oculto, porém, não é penosa, mas admirável para o entendimento. Entende que o objeto da visão é infinito, enquanto é limitado quem o contempla. Fica lugar para a esperança de afastar-se aquele véu e cair o intermédio, quando a alma se despir da mortalidade do corpo, *(2 Cor 5,4-6)* se tanto merecer.

Efeitos da visão de Deus

15. Neste conhecimento há dois graus ou modos de visão, conforme a vontade divina quer conceder, pois é espelho voluntário. Às vezes se manifesta mais claramente, outras menos; ora se mostram uns mistérios ocultando outros, mas sempre grandes.

Esta diferença depende da disposição da alma. Se não está com toda quietude e paz, ou cometeu alguma culpa ou imperfeição, por pequena que seja, não consegue ver esta luz no modo que digo, pelo qual se conhece o Senhor com tanta claridade e certeza, que não deixa dúvida alguma no que se entende. Entretanto, a percepção da presença de Deus é anterior e maior do que o conhecimento de quanto Ele comunica. Aquela percepção, produz forte, suave e eficaz energia para amar, servir e obedecer ao Altíssimo.

Nesta claridade compreendem-se grandes mistérios: quanto vale a virtude e quão preciosa coisa é possuí-la e praticá-la; entende-se a sua perfeição e segurança; sente-se uma força que arrasta para o bem, faz oposição e combate o mal e as paixões, e muitas vezes as domina.

Se a alma goza desta luz e visão sem a perder, não é vencida (**Sb 7, 30**) porque lhe dá ânimo, fervor, segurança e alegria. Cuidadosa e solícita convida e eleva, dá presteza e brio, atraindo a si a parte superior da alma sobre a inferior. Até o corpo se torna leve e como espiritualizado durante esse tempo, suspendendo seu gravame e peso.



Transformação em Cristo

16. Sentindo a alma estes doces efeitos, com amoroso afeto diz ao Altíssimo: - Leva-me após ti (**Ct 1, 3**) e correremos juntos. Unida com seu amado não sente as operações terrenas, e deixando-se levar pelo odor destes perfumes de seu querido, vem a ficar mais onde ama do que onde anima. Abandona a parte inferior e quando para ela volta é para aperfeiçoá-la, reformando e degolando os animais apetites das paixões. Se por acaso querem se revoltar, expulsa-os da alma com rapidez, pois já não sou eu que vivo (**Gl 2, 20**), mas é Cristo que vive em mim.

Cristo vivendo na alma

17. Sente-se aqui, de certo modo, em todos esses movimentos e santas operações, a assistência do Espírito de Cristo que é Deus e vida da alma (**1Jo 5, 11-12**). Percebendo-se no fervor, no desejo, na luz, na eficácia para agir, uma força interior que somente Deus pode produzir.

Sente-se na virtude desta luz e no amor que produz, uma voz interior contínua e viva, que prende a atenção a tudo o que é divino e abstrai do que é terrestre.

Em tudo isto manifesta-se viver Cristo em mim, com sua virtude e luz que sempre brilha nas trevas. É propriamente estar nos átrios da casa do Senhor, porque a alma se encontra onde se reflete a claridade da lâmpada do Cordeiro (**Ap 21, 23**).

A ação da graça

18. Não digo que a luz seja total. Mas sendo apenas uma parte, já é um conhecimento além das forças e capacidade da criatura.

Para esta visão o Altíssimo fortalece o entendimento, dando-lhe certa qualidade de luz que proporcione esta faculdade ao conhecimento superior às suas forças. Isto também é compreendido pela certeza com que se crêem ou se conhecem as demais coisas divinas.

Entretanto, a fé também acompanha a certeza, e neste estado mostra o Todo-poderoso à alma, o valor desta ciência e luz que lhe infunde. Sua claridade (**Sb 7, 10-13**) não pode ser extinta, e todos os bens me vieram juntamente com ela, e por suas mãos uma honestidade de grande preço.

Esta lâmpada vai em minha frente, dirigindo meus caminhos; aprendi-a sem intenções reservadas (**Idem 8, 16, 18**), desejo comunicá-la sem inveja e não escondo suas riquezas; é participação de Deus, e seu uso é bom deleite e alegria.

Num momento ensina muito, conquista o coração, e com força poderosa o afasta da falsidade que, vista nesta luz, está repleta de imensa amargura. A alma se afasta do que é transitório, e correndo se refugia na sagrada e eterna verdade, entra na adega (**Ct 2, 4**) do capitoso vinho, onde o Altíssimo ordena em mim a caridade.

Obriga-me a ser paciente (**1Cor 13, 4**) e sem inveja; benigna sem ofender a ninguém; a não ser soberba nem ambiciosa; que não me ire nem pense mal de ninguém; que tudo sofra e tolere; sempre clama (**Pr 8, 1**) e admoesta-me interiormente com poderosa força, para que faça o mais santo e puro, instruindo-me em tudo. E, se falto, ainda em pequenas coisas, repreende-me sem nada deixar passar.

Conhecimento místico

19. Esta luz a um tempo esclarece, afervora, instrui, repreende, transforma e

vivifica, chama e detém, admoesta, impele, ensina com distinção o bem e o mal, o sublime e o profundo, a longitude e a latitude (**Ef 3, 18**). Faz conhecer o mundo com seu caráter e enganos, as mentiras e fraudes de seus moradores e amadores, e mais que tudo, ensina-me a desprezá-lo e pisá-lo, para elevar-me ao Senhor, supremo dono e governador de tudo.

Em Deus vejo e conheço a disposição das coisas (**Sb 7, 17-20**), as forças dos elementos, o princípio, o meio e o fim dos tempos, suas mudanças e variações, o curso dos anos, a harmonia de todas as criaturas e suas propriedades.

Tudo o que é oculto aos homens, suas operações e pensamentos e quanto distam do Senhor; os perigos em que vivem, os sinistros caminhos que palmilham; os estados, os governos, sua momentânea firmeza e pouca estabilidade; em que consiste seu princípio e fim, o que têm de verdadeiro ou falso. Com esta luz tudo é visto distintamente em Deus, com conhecimento das pessoas e circunstâncias.

Há, porém, outro estado mais inferior no qual a alma se encontra ordinariamente, usando da substância e hábito da luz, mas não em toda a claridade. Neste estado há alguma limitação daquele conhecimento tão vasto de pessoas e estados, segredos e pensamentos. Nele não possuo mais conhecimento além do que basta para afastar-me do perigo e fugir do pecado.

Compadeço-me das pessoas, com verdadeiro amor, mas não tenho liberdade para lhes falar com clareza e descobrir-lhes o que sei. Nem poderia fazê-lo, porque pareço emudecer, a menos que o autor destas obras me permita e ordene que admoeste algum próximo. Quando o faço, não é revelando-lhes o modo como cheguei ao conhecimento de suas necessidades, mas sim falando-lhes ao coração com reflexões simples, despretensiosas e caritativas em Deus, além de rezar por estas intenções, pois para tanto me são manifestadas.

20. Ainda que eu tenha conhecido tudo isto com clareza, jamais o Senhor mostrou-me o triste fim de alguma alma que se haja condenado. A providência divina guarda esta ordem, por ser justo não manifestar, sem gravíssimas razões, a condenação de alguém.

Julgo que se o visse, morreria com a dor produzida pelo conhecimento dessa luz, pois imensa é a pena de saber que uma alma perdeu a Deus para sempre, tenho-lhe suplicado não me mostrar ninguém que se condene. Se com minha vida posso livrar disso a alguém que esteja em pecado, não recusarei o trabalho nem a previsão dele; todavia, quem não pode se salvar, não o veja eu.

Uso da luz divina

21. Esta luz me é dada não para revelar meu privilégio pessoal, mas para dele usar com prudência e sabedoria. Fica-me esta luz como uma substância que emana de Deus e vivifica, ainda que seja acidental, e o hábito para dela usar, ordenando bem os sentidos e a parte inferior. A parte superior do espírito, porém, sempre goza da visão e estado de paz, e conheço intelectualmente todos os mistérios da Rainha do céu e outros muitos da fé, que me são mostrados e quase incessantemente os tenho presentes; pelo menos, a luz nunca a perco de vista.

Se às vezes desço, como criatura, pondo a atenção no convívio humano, logo me chama o Senhor com insistência e suave força, e me faz voltar a atenção para suas palavras, locuções, e para o conhecimento dos mistérios, graças, virtudes e

obras exteriores e interiores da Virgem Mãe, conforme irei descrevendo.

Visão de Nossa Senhora e dos Anjos

22. Deste modo, nos estados de luz que digo, vejo também a Senhora e Rainha nossa quando me fala, e aos santos anjos em sua natureza e excelência. Algumas vezes vejo-os no Senhor, e outras em si mesmos, com a diferença que para conhecê-los em si mesmos, desço a grau inferior. Sinto essa diferença porque ela resulta dos objetos e da maneira como o entendimento opera.

Neste grau mais inferior vejo, falo e entendo os santos espíritos, que conversam comigo e me explicam muitos dos mistérios que o Senhor me tem mostrado. A Rainha do céu me explica e mostra os de sua vida santíssima com seus admiráveis sucessos. Distintamente conheço cada uma destas pessoas, sentindo os efeitos divinos que, respectivamente, cada qual produz na alma.

Visão só de Deus e das criaturas em Deus

23. No Senhor vejo-os como num espelho voluntário, mostrando-me Sua Majestade os santos que quer, conforme lhe apraz, com grande claridade e efeitos maiores e superiores.

Com admirável luz, conhece-se o Senhor e os santos, com suas excelentes e extraordinárias virtudes, e como as praticaram, auxiliados pela graça, por cuja virtude tudo puderam (**Fl 4, 13**).

Neste conhecimento a criatura fica mais repleta de gozo, cheia de mais vida e satisfação, e permanece como no repouso de seu centro. Quanto mais intelectual, menos corpóreo e imaginário o conhecimento, mais intensa a luz, os efeitos mais elevados, maior a substância e a certeza que se sente.

Todavia, aqui também se percebe a diferença e se conhece que a visão do Senhor, seus atributos e perfeições, e conseqüentes efeitos dulcíssimos e inefáveis, é superior à visão e conhecimento das criaturas, ainda que esta visão seja no mesmo Senhor.

Esta inferioridade parece-me proceder da alma. Sendo tão limitada sua visão, vendo a Deus junto com as criaturas, não o conhece tanto como quando O vê sem elas. Ver só a Deus oferece maior plenitude de gozo do que ver as criaturas em Deus. Tão delicado é este conhecimento da Divindade que, durante ele, prestar atenção a outra coisa o diminui um tanto, pelo menos enquanto somos mortais.

Modo de receber as comunicações divinas

24. No estado mais inferior, do qual tenho falado, vejo a Virgem Santíssima em si mesma e aos anjos. Entendo que o modo de me ensinarem, falarem, e ilustrarem é semelhante ao modo como os anjos se comunicam entre si, e como os superiores iluminam os inferiores.

Deus, causa primeira, dá esta luz, mas ela é participação daquela imensa luz, que Maria Santíssima goza com tanta plenitude. É comunicada à parte superior da alma, e nela vejo a Ssma. Virgem, suas prerrogativas e mistérios, do modo como o anjo inferior conhece o que lhe comunica o superior.

Da eficácia da doutrina que ensina, e por outras condições que se sentem e gozam, infere-se a pureza, elevação e verdade da visão. Nada obscuro, impuro,

falso, ou suspeito aí se nota, e tudo o que é santo, puro e verdadeiro não deixa de estar presente. O mesmo acontece, a seu modo, com os santos anjos e assim o Senhor me tem mostrado, muitas vezes, que a comunicação e ilustração em meu interior é como a que eles têm entre si.

Muitas vezes me acontece receber a iluminação através de todos estes canais e aquedutos: o Senhor dá a inteligência e luz, ou o objeto dela; a Virgem Santíssima a explica e os anjos me dão os termos. Outras vezes, mais ordinariamente, o Senhor faz tudo e me ensina a doutrina. Outras é a Rainha ou os anjos que me dão tudo.

Costumam também dar-me apenas a inteligência, e os termos para me declarar tomo-os do que tenho entendido. Nisto poderia errar se o permitisse o Senhor, porque sou mulher ignorante e me valho do que tenho entendido. Quando tenho dificuldade em expor as inteligências, nas matérias mais árduas e difíceis, recorro a meu mestre e pai espiritual.

Visões inferiores

25. Nestes tempos e estados, tenho muito poucas vezes visões corpóreas, apenas algumas imaginárias. O grau destas é muito inferior a todos os outros graus que tenho descrito. Estes são muito superiores, por serem espirituais ou intelectuais.

O que posso assegurar é que em todas as inteligências, grandes e pequenas, inferiores e superiores, recebidas do Senhor, da Santíssima Virgem e dos santos anjos, me é dada abundantíssima luz e doutrina muito proveitosa, na qual conheço a verdade, a maior perfeição e santidade. Sinto força e luz divina que



me obriga a fazer em tudo o melhor, a desejar mais pureza de alma e graça do Senhor, até morrer por ela.

Com estes graus e modos de inteligência que tenho dito, conheço todos os mistérios da vida da Rainha do céu, com grande proveito e júbilo de meu espírito.

Por tudo isto, de toda a minha mente e coração, exalto ao Todo-poderoso, glorifico-o, adoro-o e o confesso por santo e Onipotente Deus, forte e admirável, digno de louvor, magnificência, glória e reverência por todos os séculos, Amém.

CAPÍTULO 3

INTELIGÊNCIA QUE TIVE SOBRE A DIVINDADE E O DECRETO DE DEUS PARA CRIAR TODAS AS COISAS.

Louvor ao Altíssimo

26. Ó altíssimo Rei e sapientíssimo Senhor, quão incompreensíveis são teus juízos (**Rm 11, 33**) e inescrutáveis teus caminhos! Deus invencível, que sem ter origem, hás de permanecer para sempre (**Eclo 18, 1**)! Quem poderá conhecer tua grandeza e contar tuas magníficas obras? Quem te poderá argüir por que assim fizeste? (**Rm 9, 20**) Pois tu és Altíssimo acima de todos e nossa vista não te pode alcançar, nem o nosso entendimento compreender.

Bendito sejas, magnífico Rei, porque te dignaste mostrar a esta tua escrava e vil bichinho grandes sacramentos e altíssimos mistérios, elevando e arrebatando meu espírito onde vi o que não saberei explicar.

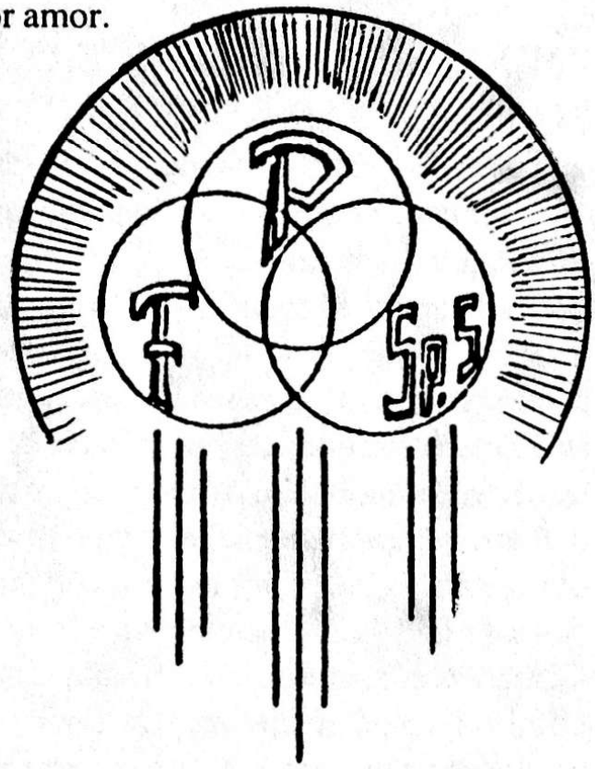
Vi ao Senhor e Criador de todos, em si mesmo, antes de criar qualquer coisa; ignoro o modo como me foi mostrado, mas não o que vi e entendi. Sabe Sua Majestade, que tudo compreende, que para falar de sua deidade, meu pensamento suspende-se, minha alma perturba-se, minhas faculdades em suas operações paralisam-se. A parte superior abandona a inferior, deixa os sentidos e voa para quem ama, abandonando a quem anima. Nestes desalentos e delíquios amorosos meus olhos derramam lágrimas e minha língua emudece.

Oh! Altíssimo e incompreensível Senhor meu, sem medida e eterno, objeto infinito do meu entendimento! Como em tua presença me sinto aniquilada, meu ser apega-se ao pó, quase não percebendo o que sou! Como esta pequenez e miséria se atreve a contemplar tua magnificência e grande majestade? Conforta, Senhor, o meu ser, fortalece a minha visão, encoraja meu temor, para que possa dizer o que vi, em obediência às tuas ordens.

O Mistério da Ssma. Trindade

27. Com o entendimento, vi ao Altíssimo como estava em si mesmo. Tive a clara inteligência e notícia verdadeira de que é um Deus infinito em substância e atributos, eterno, suma trindade: três pessoas e um só Deus verdadeiro. Três, porque realizam as operações de se conhecer, se compreender e se amar; e só um, por conseguir o bem da unidade eterna.

É trindade de Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai não é feito, nem criado, nem gerado, nem o pode ser, ou ter origem. Conheci que o Filho procede somente do Pai por eterna geração e são iguais em duração e eternidade, gerado pela fecundidade do entendimento do Pai. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho por amor.



Nesta indivisível Trindade não há coisa que se possa dizer anterior nem posterior, maior ou menor. As três pessoas, em si, são igualmente eternas e eternamente iguais. É uma unidade de essência em trindade de pessoas, um Deus na indivisível trindade, e três pessoas na unidade de uma substância. Não se confundem as pessoas por ser um só Deus, nem se divide ou separa a substância por serem três pessoas.

Sendo distintas entre si, é a mesma a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Igual a glória, a majestade, o poder, a eternidade, a imensidade, a sabedoria, a santidade e todos os demais atributos. E, ainda que sejam três as pessoas nas quais subsistem estas infinitas perfeições, é um só Deus verdadeiro, Santo, Justo, Poderoso, Eterno e sem medida.

Operações intratrinitárias

28. Recebi também inteligência de que esta divina Trindade se conhece com uma visão simples, sem que seja necessária nova, nem distinta notícia. Sabe o Pai o mesmo que o Filho, e o Filho e o Espírito Santo o mesmo que o Pai. Amam-se entre si reciprocamente, com um mesmo amor imenso e eterno. É uma unidade de entender, amar, agir, igual e indivisível; uma simples, incorpórea indivisível natureza, um ser de Deus verdadeiro, em quem estão reunidas e concentradas todas as perfeições em supremo e infinito grau.

Perfeições divinas

29. Conheci as propriedades destas perfeições do Altíssimo: é formoso sem fealdade, grande sem medida, bom sem comparação, eterno sem tempo, forte sem fraqueza, vida sem mortalidade, verdadeiro sem falsidade; presente em todos os lugares enchendo-os sem os ocupar, estando em todas as coisas, sem extensão; não tem contradição na bondade, nem defeito na sabedoria; nela é inestimável, terrível nos conselhos, justo nos julgamentos, secretíssimo nos pensamentos; verdadeiro nas palavras, santo nas obras, rico em tesouros; a quem nem o espaço limita, nem a estreiteza do lugar aperta; não muda a vontade, não se perturba com o triste, as coisas passadas não lhe desaparecem nem as futuras sucedem; a quem nem a origem deu princípio, nem o tempo dará fim.

Oh! eterna imensidade, que intermináveis espaços vi em ti! Que infinidade reconheço em vosso infinito ser! Não há fronteiras para a visão, ao contemplar este ilimitado objeto. É o ser

imutável, o ser acima de todo o ser, a santidade perfeitíssima, a verdade constantíssima; é o infinito, a latitude, a longitude, a altura, a profundidade, a glória e sua causa, o descanso sem fadiga, a bondade em grau imenso. Vi tudo juntamente e não acerto explicar o que vi.

30. Vi ao Senhor como estava antes de criar qualquer coisa. Com admiração reparei onde se encontrava o Altíssimo, porque não havia céu empíreo, nem os outros inferiores, nem sol, lua, estrelas e elementos, e somente existia o Criador sem nada haver criado. Tudo estava deserto, sem o ser dos anjos, dos homens e dos animais.

Conheci - necessariamente se há de concordar -, que estava Deus em seu mesmo ser, e que não teve necessidade nem precisão de tudo quanto criou. Tanto antes como depois da criação, infinito em seus atributos, sempre os possuiu e possuirá por toda a eternidade, em virtude de seu ser independente e incriado.

Nenhuma perfeição completa e simples pode faltar à sua divindade, porque somente ela é a que é, e contém em si, por inefável e eminente modo, todas as perfeições que se encontram nas criaturas. Tudo quanto existe, encontra-se naquele ser infinito como efeitos em sua causa.

Ciência de simples inteligência

31. Conheci, pois, que estando o Altíssimo em si mesmo, decretou-se entre as três divinas pessoas - a nosso modo de entender - a comunicação e dom de suas perfeições.

Deve-se advertir, para melhor me explicar, que Deus entende todas as coisas com um ato indivisível e simplicíssimo, sem sucessão de raciocínio. Não passa do conhecimento de uma coisa para outra, como nós procedemos, raciocinando e conhecendo primeiro uma, com um ato de entendimento, e depois outra com um outro ato.

Deus tudo conhece juntamente, de uma só vez, sem que haja em seu infinito entendimento, anterior e posterior. Nele todas as coisas estão juntas no conhecimento e ciência divina incriada, como o estão no ser de Deus, onde se encontram contidas e encerradas como em primeiro princípio.

Deus antes da Criação

32. Esta ciência que se chama de simples inteligência, por motivo do entendimento naturalmente preceder à vontade, há de se considerar em Deus, não por ordem de tempo, mas de natureza. Segundo esta ordem, supomos que exercitou primeiro o ato de entendimento e depois o da vontade, porque estamos a considerar só o ato de entender, antes do decreto de criar qualquer coisa.

Neste estado ou instante, portanto, conferiram as três pessoas divinas, com aquele ato de entender, a conveniência das obras *ad extra*, a saber, todas as criaturas que existiram e existirão no futuro.

Ciência de visão

33. Apesar de indigna, manifestei a Sua Majestade o desejo de saber qual foi o lugar que na mente divina teve a Mãe de Deus, Rainha nossa, quando Ele determinou criar todas as coisas, segundo a ordem que estabeleceu, ou que nós podemos entender.

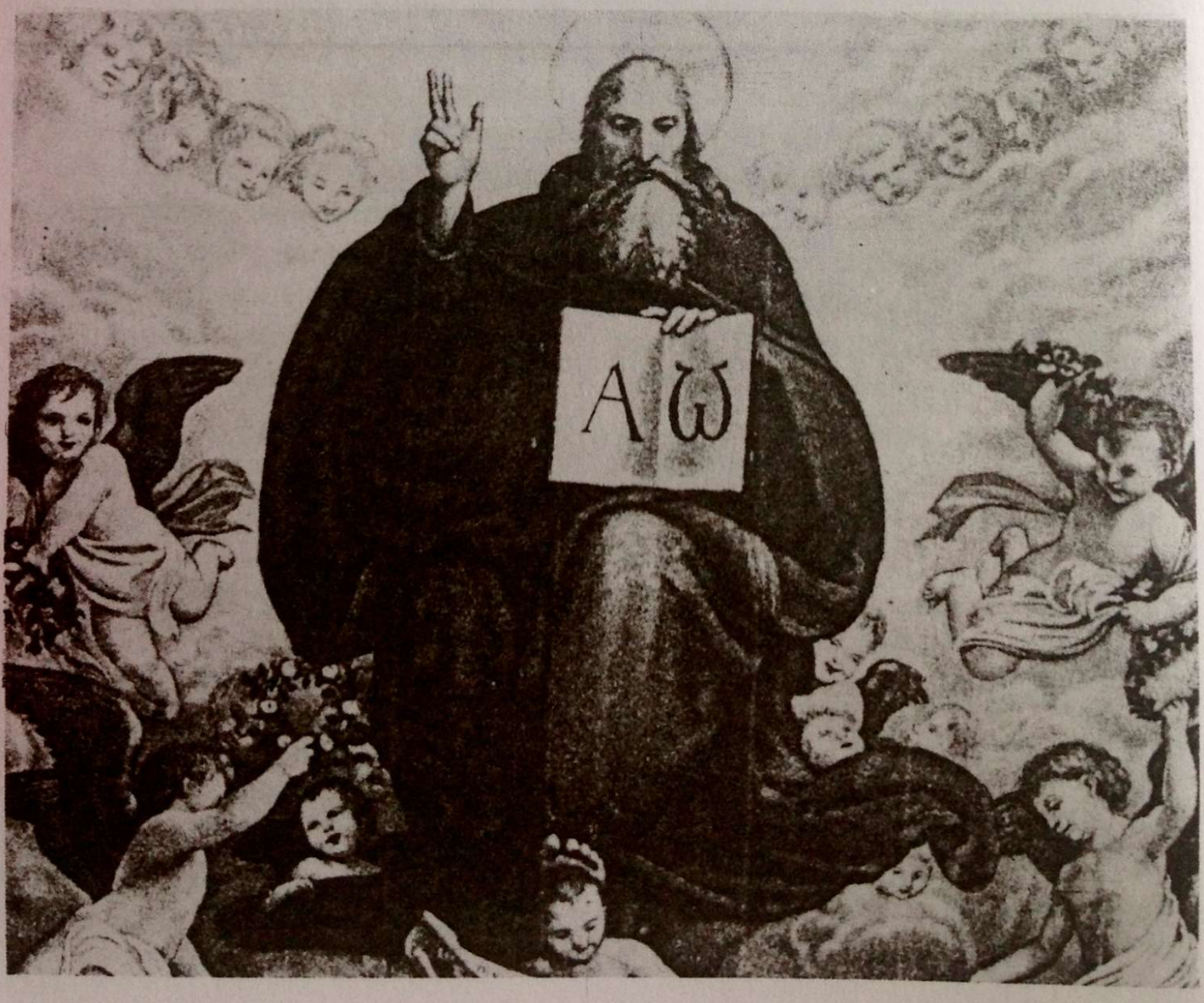
Como puder, explicarei o que me foi respondido, como também a ordem que

entendi nesta idéias em Deus, reduzindo-as a instantes. Sem isto, a nossa capacidade não se pode acomodar à notícia desta ciência divina, chamada aqui ciência de visão. A ela pertencem as idéias ou imagens das criaturas que decretou criar e conserva ideadas em sua mente, conhecendo-as infinitamente melhor que nós ao vê-las agora.

34. Esta divina ciência é una, simplicíssima e indivisível, mas como as coisas a que se refere são muitas, existe entre elas ordem de sucessão; umas são anteriores, outras posteriores, umas recebem existência de outras com a conseqüente e mútua dependência entre si.

Por esta razão nos é necessário dividir a ciência de Deus, e outro tanto a vontade, em muitos atos correspondentes a diversos instantes, segundo a ordem dos objetos. Deste modo dizemos que Deus entendeu e determinou primeiro isto e aquilo, e uma coisa por causa de outra, e que se primeiro não quisesse ou conhecesse com ciência de visão uma coisa, não quereria outra.

Com isto não se deve pensar que Deus teve muitos atos de entender e querer, mas queremos significar que as coisas estão entre si encadeadas e sucedem-se umas às outras. Imaginando-as com esta ordem objetiva, para melhor entendê-la, transpomos a mesma ordem aos atos da divina ciência e vontade.



CAPÍTULO 4

DISTRIBUEM-SE POR INSTANTES OS DIVINOS DECRETOS, DECLARANDO O QUE EM CADA UM DEUS DETERMINOU A RESPEITO DE SUA COMUNICAÇÃO *AD EXTRA*.

Deus é comunicativo - 1º instante

35. Entendi que esta ordem - referida no fim do capítulo precedente -, devia ser distribuída pelos seguintes instantes:

Primeiro: aquele no qual Deus conheceu seus divinos atributos e perfeições, com a inefável inclinação de comunicar-se fora de si.

Por este primeiro conhecimento de ser comunicativo *ad extra*, viu Deus que suas infinitas perfeições possuíam virtude e eficácia para realizar magníficas obras, e que para tão suma bondade era convenientíssimo justo e como necessário a doação de si mesmo. Procederia de acordo com sua propensão expansiva, e exercitaria sua liberalidade e misericórdia, ao distribuir com magnificência, fora de si, a plenitude dos infinitos tesouros encerrados na Divindade.

Sendo em tudo infinito, distribuir dons e graças lhe é muito mais natural que o fogo subir à sua esfera, a pedra descer ao centro e ao sol derramar sua luz. Este mar profundo de perfeições, esta abundância de tesouros, esta caudalosa infinidade de riquezas, tendem a comunicar-se por sua mesma inclinação.

Além disso, Deus sabia que abrindo aquele inesgotável manancial de riquezas, para comunicar dons e graças, não iria diminuí-lo, mas no modo possível aumentá-lo.

Deus é feliz em se dar

36. Tudo isto viu Deus naquele instante, depois da comunicação *ad intra* pelas eternas processões. Vendo-o, sentiu-se como obrigado, por amor a si mesmo, a comunicar-se *ad extra*, conhecendo ser santo, justo, misericordioso e piedoso assim fazer.

Ninguém o poderia impedir e conforme ao nosso modo de entender, podemos imaginar que Ele não se sentia tranqüilo nem em repouso em sua natureza, enquanto não estivesse entre as criaturas, com as quais tem suas delícias (**Pr 8, 13**), ao fazê-las participantes de sua divindade e perfeições.

A infinita generosidade divina

37. Duas coisas neste conhecimento admiram, arrebatam, enternecem meu tíbio coração e o deixam aniquilado:

A primeira, aquela inclinação que vi em Deus e o ímpeto de sua vontade para comunicar sua divindade e os tesouros de sua glória.

A segunda, a imensidade inefável e incompreensível dos bens e dons que, compreendi, queria e reservava para distribuir, continuando infinito como se nada tivesse dado. Conheci nesta sua inclinação e grandeza, que estava disposto para santificar, justificar e encher de dons e perfeições a todas as criaturas reunidas e cada uma em particular.

Mesmo que as gotas do mar e sua areia, as estrelas, plantas, elementos e todas as criaturas irracionais fossem dotadas de razão e capazes de receber seus dons, dispondo-se sem apresentar óbice que os impedisse, teria dado a cada uma ainda mais do que receberam todos os santos, anjos e serafins juntos. Oh! terribilidade do pecado e sua malícia, tu somente bastas para impedir a impetuosa torrente de tantos bens eternos!

A glória de Deus, razão de sus obras - 2° instante

38. O segundo instante consistiu em conferir e decretar esta comunicação da Divindade por razões e motivos que redundassem na maior glória, exaltação e manifestação da grandeza de Sua Majestade *ad extra*. Esta exaltação de si mesmo, seu conhecimento, louvor e glória, foi o fim visado por Deus ao comunicar-se pela revelação, ao expandir seus atributos e ao usar de sua onipotência.

O Verbo encarnado, protótipo da natureza humana - 3° instante

39. O terceiro instante consistiu em conhecer e determinar a disposição ou modo desta comunicação, de forma que fosse realizada a suprema finalidade de tão grandiosa obra. Foi estabelecida a ordem que deveria haver nos objetos, e os diferentes modos de lhes comunicar a divindade e seus atributos, de sorte que aquela inclinação do Senhor tivesse digna razão, objetos proporcionados, e entre eles a mais bela e admirável disposição, harmonia e subordinação.

Neste instante foi determinado, em primeiro lugar, que o Verbo divino se encarnasse fazendo-se visível. Decretou-se a perfeita compleição da humanidade santíssima de Cristo, que assim ficou criada na mente divina, como tipo dos outros homens.

Para estes, em segundo lugar, projetou a divina mente a harmonia da natureza humana, composta de corpo orgânico, e alma espiritual. Esta com capacidade para conhecer e gozar de seu Criador, com discernimento entre o bem e o mal, e com vontade livre para amar ao Senhor.

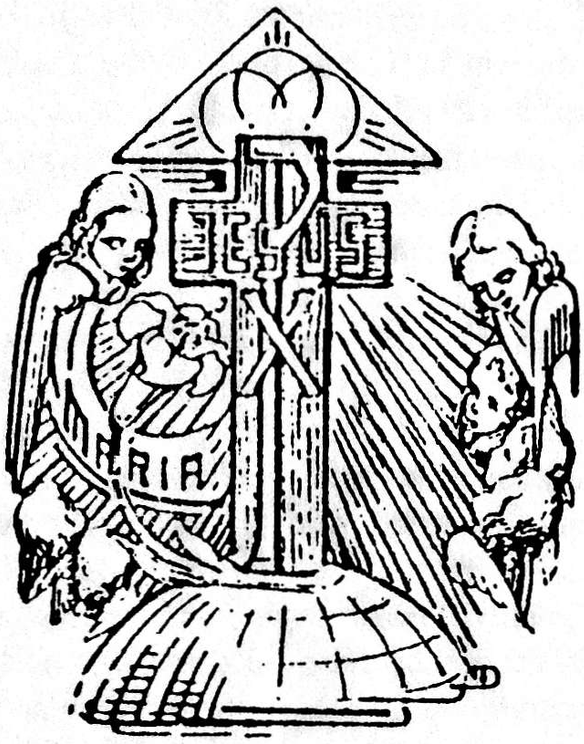
A ordem na comunicação de Deus *ad extra* - União hipostática

40. Entendi que a união hipostática da segunda pessoa da Santíssima Trindade com a natureza humana, forçosamente devia ser a primeira obra e objeto do entendimento e da vontade divina *ad extra*. Isto por altíssimas razões que tentarei explicar o quanto puder.

Depois de haver Deus se conhecido e amado em si mesmo, a melhor ordem era conhecer e amar ao que estava mais próximo à sua divindade: a união hipostática. Outra razão é porque a divindade devia comunicar-se substancialmente *ad extra*, assim como havia se comunicado

ad intra. Deste modo, a intenção e vontade divina começaria suas obras pelo vértice de todas elas, e prosseguiria comunicando seus atributos com perfeitíssima ordem.

O fogo da divindade operaria primeiro, e quanto possível, no que se encontrava mais imediato a Ela, como era a união hipostática. Sua divindade seria comunicada em primeiro lugar, a quem



houvesse de chegar ao mais alto e excelente grau, depois do mesmo Deus, no conhecimento, no amor, operações e glória de sua mesma deidade.

Não queria Deus, - ao nosso baixo modo de entender - correr o risco de não conseguir este fim, sendo Ele o único ser capaz de justificar tão maravilhosa obra e ter com ela adequada proporção. Se Deus queria criar muitas criaturas, também era conveniente e como necessário, criá-las com harmonia e subordinação, e que esta fosse a mais admirável e gloriosa possível.

De acordo com isto, deviam ter uma por cabeça suprema, quanto possível imediata e unida a Deus, e pela qual passassem todas as demais para chegar à divindade.

Por estas e outras razões que não posso explicar, somente o Verbo humanado pôde satisfazer à dignidade das obras de Deus. Por Ele estabeleceu-se perfeita ordem em a natureza, ordem que, sem Ele, haveria faltado.

Humanidade de Cristo - 4º instante

41. No quarto instante decretou os dons da graça que seriam dados à humanidade de Cristo Senhor nosso, unida à divindade. Aqui abriu o Altíssimo a mão de sua liberal onipotência e atributos, para enriquecer aquela santíssima humanidade e alma de Cristo com a plenitude de dons e graças, no máximo grau possível.

Neste instante foi determinado o que depois disse David (**Ps 45, 5**): a correnteza do rio da divindade alegra a cidade de Deus. Dirigiu o caudal de seus dons a esta humanidade do Verbo. Comunicou-lhe toda a ciência infusa e beatífica, graça e glória que sua alma santíssima podia comportar, convenientes ao ser que era juntamente Deus e homem verdadeiro. Por esta razão, seria cabeça de todas as criaturas capazes de graça e glória. De sua plenitude é que receberiam esta graça e glória, como transbordamento da sua imensa torrente.

A Mãe de Deus

42. A este mesmo instante, consequentemente, e como em segundo lugar, pertence o decreto da predestinação da Mãe do Verbo humanado. Aqui compreendi, que esta pura criatura foi ordenada antes que houvesse decreto de criar qualquer outra coisa.

Deste modo, antes de todos, foi concebida na mente divina, na forma que convinha à dignidade, excelência e dons

da humanidade de seu Filho santíssimo. Com Ele, imediatamente encaminhou-se para Ela toda a correnteza do rio da divindade e seus atributos, quanto era capaz de o receber uma pura criatura, e do modo conveniente à dignidade de Mãe de Deus.

Sublimidade de Maria Santíssima

43. Confesso que a inteligência que recebi destes altíssimos mistérios e decretos, arrebatou-me de admiração, deixando-me fora de mim.

Conhecendo esta santíssima e puríssima criatura, formada e criada na mente divina, desde *ab initio* antes de todos os séculos, com alvoroço e júbilo de meu espírito glorifico ao Todo-poderoso, pelo admirável e misterioso decreto em criar-nos tão pura, grande, mística e divina criatura, mais para ser admirada com louvor por todas as demais, do que para ser descrita por alguma.

Nesta admiração, eu poderia dizer o mesmo que São Dionísio Areopagita (**S. Dion. in epist. ad Paulum**): se a fé não me ensinasse, e a inteligência do que estou contemplando não me desse a conhecer que é Deus quem a está formando em sua idéia, e que somente sua onipotência podia e pôde formar tal imagem de sua divindade - se tudo não me fosse mostrado ao mesmo tempo - poderia supor que a Virgem Mãe tinha em si divindade.

Maria ultrapassa o resto da criação

44. Oh! quantas lágrimas correm de meus olhos, e que dolorosa admiração sente minha alma, ver que este digno prodígio não é conhecido e que esta maravilha do Altíssimo não se revele a todos os mortais!

Muito se sabe, mas muito mais se ignora, porque este livro selado não foi aberto. Fico estupefata ante o conhecimento deste tabernáculo de Deus. Reconheço que seu Autor é mais admirável em sua formação, do que no resto de tudo o que é criado e inferior a esta Senhora, ainda que a diversidade de criaturas manifesta admiravelmente o poder de seu Criador.

Somente nesta Rainha de todas, encerram-se mais tesouros que em todas juntas, e a variedade e preço de suas riquezas engrandecem mais seu Autor, do que todas as criaturas reunidas.

Tudo foi criado para Cristo e Maria

45. Aqui, a nosso modo de entender, foi prometida ao Verbo, como em contrato, a santidade, perfeição e dons de graça e glória daquela que seria sua Mãe. Foi prevista a proteção, amparo e defesa para esta verdadeira cidade de Deus. Nela contemplou Sua Majestade as graças e merecimentos que o amor e a fidelidade desta Senhora haveria de adquirir para si e para seu povo.

Neste mesmo instante, e como em terceiro lugar, determinou Deus criar lugar onde o Verbo humanado e sua Mãe pudessem habitar e conviver. Para eles e por eles, em primeiro lugar, criou o céu e a terra com seus astros e elementos e quanto eles contêm. Secundariamente, foram destinados para os membros e vassalos dos quais Cristo seria cabeça e rei, pois com real previdência, todo o necessário e conveniente foi de antemão disposto e preparado.

Criação dos anjos: 5º instante

46. Passo ao 5º instante, ainda que já encontrei o que procurava.

Neste, foi determinada a criação da natureza angélica que, por ser mais excelente e semelhante, no ser espiritual, à divindade, foi prevista e decretada antes dos homens. Foi também prevista a admirável disposição dos nove coros e três hierarquias.

Sendo criados, antes de tudo, para a glória de Deus, para conhecer, amar e servir sua divina grandeza, foram secundariamente ordenados para assistir, glorificar, honrar, reverenciar e servir à humanidade deificada no Verbo eterno, sua cabeça. Em seguida, fariam o mesmo por sua Mãe Santíssima, Rainha dos anjos. A estes foi dada a incumbência de, em todos os caminhos, levarem a ambos em suas mãos (**Sl 90, 12**).

Neste instante, mereceu-lhes Cristo Senhor nosso, com seus infinitos merecimentos atuais e previstos, toda a graça que receberiam. Seriam vassalos desta cabeça, modelo e supremo Rei. Mesmo que o número dos anjos fosse infinito, seriam suficientíssimos os méritos de Cristo para lhes merecer a graça.

Criação do paraíso e do inferno

47. A este instante pertence a predestinação dos bons anjos e reprovação dos maus. Conheceu Deus, com sua ciência infinita, todas as obras de uns e outros, para predestinar, com sua livre vontade e liberal misericórdia, aos que lhe haviam de obedecer e reverenciar. Pela justiça reprovava aos que se insurgiriam contra Sua Majestade, com a soberba e desobediência nascidas do desordenado amor próprio dos rebeldes.

No mesmo instante foi determinado criar: o céu empíreo, onde sua glória fosse revelada para recompensa dos bons; a terra e o mais para outras criaturas; e, no centro e profundo dela, o inferno para castigo dos maus anjos.

Criação dos homens - 6º instante

48. No sexto instante foi determinado criar povo e sociedade de homens para Cristo, já antes predeterminado na mente e vontade divina, e a cuja imagem e semelhança se decretou a formação do homem. Assim, o Verbo humanado teria irmãos semelhantes e inferiores, formando povo de sua mesma natureza e do qual seria cabeça.

Neste instante, determinou-se a ordem da criação de todo gênero humano: tendo por origem um só homem e mulher, destes se propagariam até a Virgem e seu Filho pelo modo em que foi concebido.

Ordenou-se, pelos merecimentos de Cristo, nosso bem, a graça e dons que seriam dados aos homens, inclusive a justiça original, se nela quisessem perseverar. Viu-se a queda de Adão e de todos nele, com exceção da Rainha, que não foi incluída neste decreto. Para seu remédio ordenou-se que fosse passível a humanidade santíssima. Foram escolhidos os predestinados, por liberal graça, e reprovados os proscritos por reta justiça.

Ordenou-se todo o necessário para a conservação da natureza, em ordem a conseguir sua redenção e predestinação. Foi-lhe deixada a liberdade da vontade, porque isto era mais conforme à sua natureza e à eqüidade divina.

Não se lhes fez agravo, porque se pelo livre arbítrio poderiam pecar, com a graça e luz da razão poderiam não fazê-lo. Deus a ninguém haveria de coagir, como tampouco a ninguém recusa o necessário. Se gravou sua lei no coração humano (**Sl 4, 7**) ninguém tem desculpa em não reconhecê-lo e amá-lo como ao sumo bem e autor de toda a criação.

Ingratidão humana

49. Na inteligência destes mistérios, eu conhecia, com grande clareza, os motivos tão justos para os mortais de louvar e adorar a grandeza do Criador e Redentor de todos, manifestando-se e enaltecendo-se nestas obras.

Por outro lado, também via quão negligentes são eles em conhecer esta obrigação, em agradecer tais benefícios, e a queixa e indignação que o Altíssimo sente por este esquecimento. Mandou-me e exortou-me Sua Majestade a não cometer tal ingratidão, mas oferecer-lhe sacrifício de louvor para glorificá-lo em nome de todas as criaturas.

50. Oh! Altíssimo e incompreensível Senhor meu, quem tivera o amor e perfeição de todos os anjos e justos para louvar dignamente tua grandeza!

Confesso, grande e poderoso Senhor, que esta vilíssima criatura não pôde merecer o tão inestimável benefício de receber esta luz tão clara sobre tua Majestade altíssima. Em tua visão conheço também a minha pequenez que antes desta ditosa hora ignorava. Não sabia o que era a virtude da humildade, que nesta ciência se aprende. Não quero dizer que agora a tenho, mas tampouco nego que conheci o caminho certo para achá-la.

Tua luz, ó Altíssimo, me iluminou e tua lâmpada me mostrou as sendas (**Sl 118, 105**) por onde vejo o que fui e o que sou, temendo o que possa vir a ser. Esclareceste, Rei Altíssimo, meu entendimento. e inflamaste minha vontade com o nobilíssimo objeto destas potências, e me sujeitaste inteiramente a teu querer.

Assim o quero confessar a todos os mortais, para esquecê-los e ser por eles esquecida. Sou para meu amado (**Ct 2, 16**) e, ainda que o desmereço, meu amado é para mim. Fortalece, pois, Senhor a minha fraqueza para correr após teus perfumes, e correndo te alcance (**Idem 1, 3**) e te alcançando não te deixe nem te perca.

51. Muito pobre e balbuciante fui nesta capítulo, que poderia encher muitos livros. Calo, porque não sei falar, sou mulher ignorante e minha intenção só era declarar como a Virgem Mãe foi ideada e prevista *ante saecula* na mente divina (**Eclo 24, 14**).

Por tudo que entendi deste mistério altíssimo recolho-me interiormente, e com admiração e silêncio louvo o autor destas grandezas com o cântico dos bem-aventurados, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor (**Is 6, 3**).

CAPÍTULO 5

INTELIGÊNCIAS QUE ME DEU O ALTÍSSIMO SOBRE A SAGRADA ESCRITURA, EM CONFIRMAÇÃO DO CAPÍTULO PRECEDENTE.

Capítulo 8º dos Provérbios

52. Ainda que seja pó e cinza (**Gn 18, 17**) falarei, Senhor, à tua grande Majestade, pois és o Deus das misericórdias. Suplicarei à tua incompreensível grandeza que olhes de teu altíssimo trono a esta vilíssima e inútil criatura, e me sejas propício, continuando com tua luz a iluminar meu entendimento. Fala, Senhor, que tua serva ouve (**1Rs 3, 10**).



Falou então o Altíssimo, emendador dos sábios (**Sb 7, 15**) e remeteu-me ao capítulo oitavo dos Provérbios, dando-me inteligência do mistério nele contido. Primeiro foi-me declarada a letra, simplesmente, como segue:

53. *"O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída, e desde o princípio, antes que a terra fosse criada. Ainda não havia os abismos, e eu já estava concebida; ainda as fontes das águas não tinham brotado; ainda não se tinham assentado os montes sobre a sua pesada massa, antes de haver outeiros eu tinha já nascido. Ainda Ele não tinha criado a terra nem os rios, nem os eixos do mundo. Quando Ele preparava os céus, eu estava presente, quando por uma lei inviolável, encerrava os abismos dentro dos seus limites; quando firmava lá no alto a região etérea, e quando equilibrava as fontes das águas, quando circunscrevia ao mar o seu termo, e punha lei às águas, para que não passassem os*

seus limites; quando assentava os fundamentos da terra, eu estava com Ele, regulando todas as coisas e cada dia me deleitava, brincando sobre o globo da terra e achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens" (**Pr 8, 22-30**).

Cristo e Maria pertencem só a Deus

54. Até aqui o trecho dos Provérbios, cuja inteligência recebi do Altíssimo.

Primeiro entendi que trata das idéias ou decretos que Deus formou em sua mente divina antes de criar o mundo. Em sentido literal fala da pessoa do Verbo humanado e de sua Mãe Santíssima.

No místico refere-se aos santos anjos e profetas porque antes de fazer decreto e formar idéias para criar o resto das criaturas materiais, teve-as para decretar a humanidade santíssima de Cristo e de sua Mãe puríssima. Isto significam as primeiras palavras que seguem:

55. *"O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos."* Em Deus não houve caminhos, nem deles necessitava a divindade. Abriu-os para nós, criaturas capazes de seu conhecimento, a fim de irmos a Ele para O conhecer e possuir.

Neste princípio, antes de idear qualquer outra coisa, e quando queria fazer sendas e abrir caminhos em sua mente divina, para comunicar sua divindade, decretou criar primeiro a humanidade do Verbo, que seria o caminho por onde os demais iriam ao Pai (**Jo 14, 6**). Junto a este decreto esteve o da criação de sua Mãe Santíssima. Por ela sua divindade viria ao mundo e dela nasceria Deus e Homem.

Por isto diz: *"Deus me possuiu"* (**v. 22**). Possuiu a ambos: ao Filho, quanto à divindade porque era possessão e tesouro do Pai, sem dele se poder separar, visto serem com o Espírito Santo uma única substância e divindade. Possuiu-o, também, quanto à humanidade pela plenitude da graça e glória que lhe daria desde a criação e união hipostática.

Este decreto e possessão seria executado por meio da Mãe que conceberia e daria à luz ao Verbo feito homem, pois não determinou criá-lo do nada, nem de outra matéria seu corpo e alma.

Em conseqüência, seria possuidor daquela que lhe daria forma humana. Assim possuiu-a e adjudicou-a para si naquele mesmo instante, querendo eficazmente que, quanto à graça, em nenhum tempo nem momento, tivesse direito e parte nela nem a linhagem humana nem qualquer outra.

Reservou esta propriedade somente para si. Foi tão unicamente sua como devia sê-lo para lhe dar forma humana de sua própria substância. Somente Ela chamá-lo-ia Filho, somente Ele chamá-la-ia Mãe e Mãe digna de ter a Deus por Filho, quando Ele se fizesse homem. Como em dignidade isto precedia a toda a criação, assim também precedeu na vontade e mente do supremo Criador. Por isto diz:

Cristo e Maria precederam toda a criação

56. *Desde a eternidade fui constituída, e das coisas antigas, etc.* (**v. 23**).

Nesta eternidade de Deus, que nós agora concebemos imaginando tempo interminável, quais eram as coisas antigas, se nada havia sido criado? Claro está que a Escritura se refere às três Pessoas divinas, únicas coisas antigas, pois tudo o mais que tem princípio é novo.

Desde a divindade sem princípio da indivídua Trindade, houve aquela ordenação, precedida apenas do antigo

incriado, antes de ser imaginada a futura criação. Entre estes dois extremos houve o meio da união hipostática, que se realizaria através da Virgem Santíssima. Encarnação e Maria foram ordenadas imediatamente depois de Deus, antes de qualquer outra criatura. Foi esta a mais estupenda ordenação que jamais se fez, ou se fará.

A primeira e mais admirável imagem da mente divina, depois da geração eterna, foi a de Cristo e logo em seguida a de sua Mãe.

Cristo e Maria, princípio das obras de Deus

57. Que ordem em Deus pode ser esta, se nele a ordem é estar tudo junto, sem ser necessário que as coisas se sucedam entre si, nem para uma se aperfeiçoar aguardar a perfeição da outra? Tudo estava, está e estará sempre ordenadíssimo em sua eterna natureza. O que ordenou foi que a pessoa do Filho se humanasse, e desta humanidade deificada começasse a ordem da vontade divina na execução de seus decretos.

O Filho de Deus seria cabeça e protótipo de todos os demais homens e criaturas, a quem todos se referissem e subordinassem. Esta era a melhor ordem e disposição da harmonia das criaturas: haver um ser que fosse primeiro e superior, e a partir dele se ordenasse toda a natureza, em particular, a dos homens. Entre estes, a primeira era a Mãe do Homem-Deus, suprema pura criatura, a mais próxima de Cristo e, por Ele, da divindade.

Por esta ordem foram orientados os canais da fonte cristalina. Do trono da divina natureza correm, primeiro para a humanidade do Verbo (**Ap 22, 1**), e em seguida para sua Mãe Santíssima, no grau e modo possível à pura criatura, e conveniente à criatura Mãe do Criador.

O conveniente era que nela se estreassem todos os divinos atributos, sem lhe ser negado nenhum, e na medida de sua capacidade. Seria inferior somente a Cristo, e superior em incomparáveis graus de graça, a todo o resto das criaturas. Esta foi a ordem tão bem disposta pela Sabedoria: tudo começar por Cristo e sua Mãe.

Acrescenta o texto:

Maria na mente divina

58. *Antes que a terra fosse criada e que existissem os abismos eu já estava concebida* (**v. 24**).

Esta terra foi a do primeiro Adão. Antes que sua formação fosse decretada na mente divina, e que existissem o abismo da idéias *ad extra*, já estavam, Cristo e sua Mãe, ideados e formados.

Chamam-se abismos porque entre o ser de Deus incriado e o das criaturas criadas a distância é infinita. Esta distância, a nosso modo de entender, surgiu quando as criaturas foram ideadas e formadas, e então apareceram também aqueles abismos de distância imensa.

Antes de tudo isso, já estava concebido o Verbo, não somente pela eterna geração do Pai, como também por estar decretada e concebida na mente divina, a sua geração temporal de mãe virgem e cheia de graça. Sem mãe, e tal mãe, esta geração temporal não poderia ser determinada com eficaz decreto.

Ali, portanto, naquela imensidade beatífica, foi concebida Maria Santíssima. Sua memória eterna foi gravada no peito divino, para jamais se apagar por todos os séculos e eternidades. O supremo Artífice imprimiu-a em sua própria mente, e seu amor dela tomou posse num incomparável amplexo.

Deus, antes de se comunicar

59. *Ainda não haviam brotado as fontes das águas* (**v. 24**)

Ainda não haviam saído de sua origem e princípio, as imagens ou idéias das criaturas. Ainda não começara a jorrar, pelos canais da bondade e misericórdia, as fontes da Divindade, para a vontade divina operar a criação universal e comunicar seus atributos e perfeições.

Em relação ao restante do universo, ainda estavam as águas e mananciais represados e detidos no imenso pélago da Divindade. Em seu ser ainda não havia fontes nem correntes para se comunicar. E, antes de serem dirigidas aos homens, já estavam orientadas para a humanidade santíssima de Cristo e sua Virgem Mãe. E assim acrescenta:

Cristo e Maria, antes de todos os anjos e santos

60. *Nem os montes se tinham assentado sobre a sua pesada massa* (**v. 25**)

Deus não havia ainda decretado a criação dos altos montes dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires e demais santos de maior perfeição. O decreto de tão grande resolução não se havia assentado com seu grave peso e eqüidade, no forte (**Sb 8, 1**) e suave modo que Deus emprega para realizar seus desígnios e grandes obras.

Não somente era nascida antes dos montes, os grandes santos, mas também antes dos outeiros, as ordens dos santos anjos. Precedia-os na mente divina a Humanidade santíssima, unida hipostaticamente ao Verbo divino, e a Mãe que a engendrou. Filho e Mãe existiram antes do que todas as hierarquias angélicas. Se David disse no Salmo 8: *"Senhor, quem é o homem, ou o filho do homem para dele te lembrares e o visitares? Fizeste-o pouco menor que os anjos, etc."* (**v. 5**) - deve-se entender que existe um homem que é Deus também, acima de todos os homens e anjos que lhe são inferiores e servos. Por ser Deus é um homem superno, e como tal existiu primeiro que todos na mente e vontade divina. Inseparavelmente unida a Ele, existiu também naquele mesmo princípio, uma mulher, virgem puríssima, sua Mãe, superior a todas as criaturas e delas rainha.

61. "Se o homem - continua o mesmo salmo (**idem, v. 6**) - foi coroado de honra e glória e constituído sobre todas as obras da mão do Senhor, deveu-o ao Homem Deus, sua cabeça, que mereceu esta coroa, tanto para eles como para os Anjos.

Se o salmo coloca o homem abaixo dos anjos, também acrescenta que ele foi posto acima de todas as obras de Deus. Assim, David tudo incluiu no dizer que os homens foram feitos pouco menores que os anjos. Ainda que inferiores pela natureza, um dentre eles, Cristo, é homem superior e constituído sobre os mesmos anjos. Esta superioridade provinha do ser da graça, não apenas da sua divindade, mas também de sua humanidade, por causa da graça que a união hipostática nela derramou, e que em seguida redundou em sua Mãe Santíssima.

Além de tudo isto, também alguns santos da natureza humana, por graça do mesmo Senhor humanado, podem alcançar grau e posição superior aos dos anjos.

Cristo e Maria idealizados por Deus

62. *Fui engendrada ou nascida* (**v. 25**), o que significa mais que concebida. Ser concebida refere-se ao divino entendimento da beatíssima Trindade ao idear, e como que refletir, sobre as conveniências

da encarnação. *Ser nascida* refere-se à sua vontade, que determinou no divino consistório a realização desta obra, executando, por assim dizer em si mesma, esta maravilha da união hipostática e da pessoa de Maria santíssima.

Por isso, neste capítulo diz primeiro que foi concebida e depois engendrada e nascida: porque antes foi ideada e em seguida decretada.

Cristo e Maria precedem qualquer previsão do pecado

63. *Antes que a terra fosse criada, os rios e os eixos do mundo* (**v. 26**). Neste trecho fala-se sobre duas terras. A primeira terra era a do campo damasceno, onde o homem foi criado. A segunda terra era o paraíso terreal, onde logo depois foi colocado (**Gn 2, 8-15**). Antes de formar esta segunda terra onde o homem pecou, foi determinada a criação da humanidade do Verbo e a matéria da qual se formaria a Virgem. Deus queria preservá-la antecipadamente, para não ter parte no pecado nem a ele ficar sujeita.

Os rios e os eixos do orbe são a igreja militante, e os tesouros de graças e dons que impetuosamente dimanariam do manancial da divindade. Seriam para todos em geral, e mais eficazes para os santos e escolhidos, que semelhantes a eixos movem-se em Deus, presos ao seu querer pelas virtudes da fé, esperança e caridade. Vivendo entre os homens, sem se afastar dos eixos em que se apoiam, se sustentam e se governam, caminhando para o sumo Bem e último fim.

São também significados aqui os sacramentos (**Ef 5, 27**) e a estrutura da Igreja: sua proteção, firmeza invencível, formosura e santidade sem mancha nem ruga. Tudo isto está figurado naquele orbe e correntes de graças. Antes que o Altíssimo preparasse e ordenasse este orbe e corpo místico de quem Cristo, nosso Bem, seria cabeça, decretou a união do Verbo à natureza humana, e a criação de sua Mãe, por cujo meio e cooperação realizaria estas maravilhas no mundo.

Cristo e Maria, causas da glória

64. *Quando preparava os céus, Eu estava presente* (**v. 27**). Quando preparava o céu e recompensa que aos justos, filhos desta Igreja, daria depois de seu desterro, ali estava a humanidade unida ao Verbo, merecendo-lhes a graça, como cabeça, e com Ele sua Mãe Santíssima. Porque para eles fôra preparada a glória, dela receberiam a principal medida, e em seguida, seria para os demais santos.

Encarnação e Eucaristia

65. *Quando com lei inviolável cercava os abismos dentro de seus limites* (**v. 27**). Determinava cercar os abismos de sua divindade na pessoa do Filho, com lei certa e limites, de modo que nenhum vivente pudesse vê-lo nem contê-lo. Traçava o círculo e circunferência, onde ninguém pôde nem pode entrar, senão o Verbo, que a si, unicamente pode compreender, para apequenar-se (**Fl 2, 7**) encerrando a divindade na humanidade. Depois enclausurando a divindade e a humanidade no seio de Maria Santíssima e no peito mesquinho do homem pecador e mortal, pela minúscula porção das espécies eucarísticas de pão e vinho.

Tudo isto significa aqueles abismos, circunferências, limite e lei que chama certa, pelo muito que significam e pela certeza do que parecia impossível: que a

divindade se sujeitasse a leis, e se encerrasse em determinados limites. Tornou-o possível a sabedoria e poder do Senhor, escondendo-se em coisa finita.

Cristo e Maria, fontes da graça

66. *Quando firmava os céus no alto e equilibrava as fontes das águas; quando circunscrevia ao mar o seu termo e punha lei às águas para que não passassem os seus limites* (**v. 28-29**).

Aos justos chama céus, pela habitação que Deus neles estabelece mediante a graça. Por ela dá-lhes estabilidade e firmeza, eleva-os espiritualmente acima da terra, ainda enquanto são viadoras, conforme a capacidade de cada um. Depois, na Jerusalém celestial, lhes dará lugar e recompensa segundo seus merecimentos.

Para eles pesa e divide as fontes das águas, distribuindo a cada qual com justiça e medida, os dons da graça e da glória, as virtudes, auxílios e perfeições, de acordo com os desígnios de sua divina sabedoria.

Ao ser determinada esta divisão de águas, decretou-se dar à humanidade unida ao Verbo, todo o mar de dons e graças que da divindade lhe redundava, como Unigênito do Pai. Ainda que tudo aí era infinito, pôs a este mar o termo de sua humanidade, onde habita a plenitude da divindade (**Cl 2, 9**). Por aquele termo esteve ela encoberta trinta e três anos, a fim de poder habitar com os homens (**Mt 17, 6**) e não suceder a todos o mesmo que aconteceu aos três apóstolos no Tabor.

No mesmo instante em que todo esse mar e fontes de graças tocaram em Cristo Senhor nosso, como imediato à divindade, transbordaram em sua Mãe Santíssima, como imediata a seu Filho Unigênito. Sem Mãe e tal Mãe, não se disporiam com ordem e suma perfeição os dons de seu Filho. Faltaria este fundamento para a admirável harmonia da estrutura celestial e espiritual, e a distribuição das graças à Igreja militante e triunfante.

Tudo foi feito para o Verbo e sua Mãe

67. *Quando assentava os fundamentos da terra, Eu estava com Ele regulando todas as coisas* (**v. 29**).

As obras *ad extra* são comuns às três divinas pessoas que são um só Deus, uma só sabedoria e poder. Era pois, necessário, e inescusável que o Verbo pelo qual, segundo a divindade, foram feitas todas as coisas, (**Jo 1, 3**) estivesse com o Pai para fazê-las.

Entretanto aqui diz mais, porque também o Verbo humanado e sua Mãe Santíssima estavam já presentes na divina vontade. Assim como, pelo Verbo, enquanto Deus, foram feitas todas as coisas, assim também para Ele, em primeiro lugar, como para o mais nobre e digníssimo fim, foram criados os fundamentos da terra e tudo quanto nela se contém. E por isso diz:

As alegrias do Verbo

68. *E cada dia me deleitava, brincando em sua presença em todo o tempo, brincando sobre o globo da terra* (**v. 30**).

Alegrava-se o Verbo humanado todos os dias, porque conheceu todos os séculos de existência dos mortais, que comparados à eternidade, não são mais que um breve dia (**Sl 89, 4**). Alegrava-se porque a seqüência da criação teria fim, e terminado o último dia os homens gozariam

com toda a perfeição, da graça e coroa da glória. Deleitava-se como a contar os dias até aquele em que desceria à terra e vestiria carne humana.

Conhecia que os pensamentos e obras dos homens terrenos são como brinquedo, engano e ilusão. Via os justos que, apesar de fracos e limitados, eram aptos para que a eles fossem comunicadas e manifestadas sua glória e perfeições. Via seu ser imutável e a pequenez dos homens, e como havia de se tornar semelhante a eles.

Deleitava-se em suas próprias obras, particularmente nas que dispunha para sua Mãe Santíssima, de quem lhe era tão agradável tomar forma humana, fazendo-a digna de obra tão admirável.

Estes eram os dias em que se deleitava o Verbo humanado. E, porque, ao conceber e idear todas estas obras, e ao decreto eficaz da divina vontade seguia-se a execução, acrescentou o Verbo divino:

O deleite de servir

69. *E minhas delícias são estar com os filhos dos homens* (**v. 31**). Meu deleite é trabalhar por eles e beneficiá-los; minha alegria, morrer por eles. Meu contentamento, ser seu mestre e redentor; minhas delícias, elevar do pó o pobre e unir-me com o humilde, (**Sl 112, 7; Fl 2,1,7,8**) abaixando para isto minha divindade, cobrindo-a e escondendo-a sob a natureza humana.

Diminuir-se e humilhar-se, suspender a glória de seu corpo fazendo-se passível para lhes merecer a amizade de seu Pai, sendo mediador entre sua justíssima indignação e a malícia dos homens; ser modelo e chefe a quem possam imitar e seguir: - estas são as delícias do Verbo eterno humanado.

Inconsciência humana

70. Oh! bondade incompreensível e eterna, quão admirada e suspensa fico, vendo a imensidade de vosso ser imutável, comparado com a pequenez do Homem! E, entre extremos tão distantes, o vosso infinito amor pela criatura não só pequena, mas ainda ingrata!

Em que objeto tão baixo e vil pondes Senhor vossos olhos, e em que objeto tão nobre, podia e devia o homem pôr os olhos e os afetos, conhecendo tão grande mistério! Suspensa pela admiração e ternura de meu coração, lamento-me da infelicidade, trevas e cegueira dos mortais. Não se dispõem para saber quão de longe começastes Senhor, a conhecê-los e preparar-lhes a verdadeira felicidade com tal cuidado e amor, como se a vossa consistisse na deles!

Onisciência divina

71. *Ab initio* o Senhor teve presentes em sua mente as criaturas e a disposição em que seriam criadas. Contou-as e pesou-as com sua eqüidade e retidão.

Como está escrito na Sabedoria (**7, 18s.**) conheceu a ordem do universo antes de o criar. O princípio, meio e fim dos tempos, suas mudanças, curso dos anos, disposição das estrelas, energia dos elementos, natureza dos animais, ira das feras, força dos ventos, diferença das plantas, propriedade das raízes, pensamentos dos homens. Tudo pesou e contou (**Sb 11, 21**) e não somente isto, que literalmente se entende das criaturas materiais e racionais, mas ainda todas as outras, que misticamente são por elas representadas, às quais não me refiro agora por não pertencer ao meu assunto.



No princípio de seus caminhos (Pr 8,22-30)
Cristo e Maria ideados por Deus, antes da creação

CAPÍTULO 6

DÚVIDA QUE APRESENTEI AO SENHOR SOBRE A DOUTRINA DESTES CAPÍTULOS, E A SOLUÇÃO DELA.

Finalidades da Encarnação

72. Sobre as inteligências e doutrina dos capítulos anteriores surgiu-me a seguinte dúvida, ocasionada pelo que muitas vezes tenho ouvido de pessoas doutas e é disputado nas escolas: - se a causa e motivo principal para que o Verbo divino se humanasse foi constituí-lo cabeça e primogênito de todas as criaturas (**Cl 1, 15s.**), e por meio da união hipostática com a natureza humana, comunicar seus atributos e perfeições, no modo conveniente, por graça e glória aos predestinados. O assumir carne passível e morrer pelo homem, foi decreto e fim secundário. Sendo assim verdade, por que na santa Igreja há tantas opiniões diferentes sobre isso, sendo a mais comum que o Verbo eterno desceu do céu principalmente para remir os homens, por meio de sua santíssima paixão e morte?

Glória de Deus e redenção do homem

73. Humildemente propus esta dúvida ao Senhor, que se dignou responder. Deu-me inteligência e luz muito vasta, na qual conheci muitos mistérios que não poderei explicar inteiramente, porquanto suas palavras significam muito mais do que o som transmite.

Disse-me: - Esposa e pomba minha, ouve: como teu Pai e mestre, quero responder a tua dúvida e instruir tua ignorância. Adverte que o principal e legítimo fim do decreto de comunicar minha divindade à pessoa do Verbo, unida hipostaticamente à natureza humana, foi a glória que desta comunicação resultaria para meu nome, e para as criaturas capazes da que Eu lhes quis dar.

- Este decreto seria infalivelmente executado na Encarnação, ainda que o primeiro homem não tivesse pecado. Decreto expresso e incondicional na substância, por ele deveria cumprir-se minha vontade de, em primeiro lugar, comunicar-me à alma e à humanidade do Verbo Encarnado. Assim era conveniente à minha eqüidade e à retidão de minhas obras.

- Ainda que isso foi posterior na execução, na intenção foi anterior. Se tardei enviar meu Unigênito ao mundo, foi porque desejei preparar-lhe um grupo escolhido e santo de justos que, não obstante

o pecado original comum a todos, seriam como rosas entre os espinhos dos outros pecadores.

- Em conseqüência da queda do gênero humano, é que determinei com decreto expresso, que o Verbo viesse em forma passível e mortal para redimir o povo de quem era cabeça. Deste modo, mais se manifestaria meu amor infinito pelos homens, e seria prestada a devida satisfação à minha eqüidade e justiça. Se aquele que pecou era homem, e o primeiro no existir, o Redentor devia ser homem (**Cor 15, 21**), e o primeiro na dignidade.

- Nisto conheceriam os homens a gravidade do pecado, e o amor de todos teria um único objeto, pois um só e o mesmo é seu Criador, Redentor e Juiz. Quis também obrigá-los a esta gratidão e amor, não punindo os mortais, como os anjos apóstatas que castiguei sem apelação. Ao homem perdoei, esperei e lhe dei oportuno remédio, executando o rigor de minha justiça em meu unigênito Filho (**Rm 8, 32**), e passando ao homem a piedade de minha grande misericórdia.

A Encarnação, se não existisse pecado

74. - Para melhor entenderes a resposta de tua dúvida deves advertir que, visto em meus decretos não haver sucessão de tempo, nem eu dele necessitar para entender e agir, os que dizem que o Verbo se encarnou para redimir o mundo não erram, e os que dizem que se encarnaria mesmo que o homem não pecasse, também acertam, desde que o entendam de acordo com a verdade.

- Se Adão não pecara, o Verbo desceria do céu na forma conveniente àquele estado de inocência. Como pecou, houve aquele segundo decreto, para descer passível e reparar o pecado.

- Desejas saber como se executaria o mistério da Encarnação, caso o homem conservasse seu estado de inocência? Sua forma humana na substância seria a mesma, mas com o dom da impassibilidade e imortalidade, como esteve meu Unigênito depois que ressuscitou, até subir aos céus. Viveria e conversaria com os homens, seus mistérios seriam conhecidos por todos. Muitas vezes lhes revelaria sua glória, como uma vez em sua vida mortal, a revelou diante de três apóstolos (**Mt 17, 1**) apenas.

- Naquele estado de inocência, todos o veriam com grande glória, alegrar-se-iam na sua convivência, não oferecendo impedimentos às suas divinas influências, já que seriam sem pecado. Tudo isto, porém, foi impedido e frustrado pela culpa, e por causa dela o Verbo veio passível e mortal.

75. - As diversas opiniões em minha Igreja sobre estes e outros mistérios, tiveram origem no fato de a mestres diversos Eu manifestar á luz de diferentes mistérios.

- Os mortais não são capazes de receber a luz total, e enquanto são viadores, não seria conveniente dar a um deles a ciência de todas as coisas. Mesmo quando compreensores, recebem-na parcialmente, e lhas dou em proporção ao estado e merecimentos de cada um, e como convém à minha providência distribuí-la. A plenitude da ciência só foi devida à humanidade de meu Unigênito e à sua Mãe respectivamente. Os demais mortais nunca a recebem toda, nem tão clara que possam estar seguros de tudo. Por isso adquirem-na com trabalho e estudo. Ainda que minhas Escrituras contenham muitas verdades reveladas, deixo-os freqüentemente em sua inteligência natural, apesar de que noutras vezes lhas dou infusa.

Daqui procede que entendam os mistérios com diversidade de pareceres e

encontrem diferentes explicações e sentidos nas Escrituras, e cada um adota sua opinião conforme a entende. Não obstante a intenção de muitos ser reta, e a luz da verdade em substância ser uma só, entendem e usam dela com diferentes julgamentos, inclinando-se cada qual pelos mestres de sua preferência. Assim originam-se entre eles as controvérsias.

A Encarnação ordenada à Redenção

76. - O motivo de ser mais geral a opinião que o Verbo desceu do céu principalmente para redimir o mundo, procede, entre outras causas, de ser o mistério da redenção e seus fins mais conhecidos, além de já estar realizado, e a Sagrada Escritura nele insistir muitas vezes.

- O desígnio da impassibilidade, pelo contrário, não se executou nem foi decretado absoluta e expressamente. Tudo o que se referia a esse estado, portanto, permaneceu oculto, e ninguém pode vir a sabê-lo, se Eu não lhe der particular luz e revelação, sobre aquela nossa intenção e amor pela natureza humana.

- Ainda que isto poderia comover muito os mortais, se o meditassem e o compreendessem, o decreto e obras da redenção de sua queda, é mais forte e eficaz para movê-los e trazê-los ao conhecimento e correspondência de meu amor, finalidade de todas minhas obras. Por esta vantagem, providencio para que estes motivos e mistérios sejam mais lembrados e tratados do que aqueles outros.

Além disto, numa obra pode haver dois fins, quando um deles é condicional. Se o homem não pecasse, não desceria o Verbo em forma passível, e se pecasse, seria passível e mortal. Deste modo, em qualquer caso não se deixaria de realizar o mistério da Encarnação.

- Quero que os mistérios da Redenção sejam conhecidos, estimados e continuamente lembrados para me agradecerem. Não obstante, quero também que os mortais reconheçam o Verbo humanado por sua cabeça e causa final de toda criação. Foi Ele, depois de minha própria benignidade, o principal motivo que tive para dar existência às criaturas. Deve ser reverenciado, não somente porque redimiu a estirpe humana, mas também porque foi a causa de sua criação.



Utilidade das controvérsias

77. - Adverte, esposa minha, que Eu permito muitas vezes terem os doutores e mestres diferentes opiniões. Uns dizem o verdadeiro e outros o duvidoso, seguindo cada qual seu natural engenho. Noutras ocasiões, permito digam o que não é, ainda que em princípio não seja contrário à verdade obscura da fé, na qual todos os fiéis estão firmes. Em outras dizem o que julgam possível, segundo entendem.

- Com esta diversidade, a luz e a verdade vão sendo investigadas e os mistérios esclarecidos, porque a dúvida serve de estímulo ao entendimento, para inquirir

a verdade. Esta é a honesta e santa causa das controvérsias dos mestres.

- Tantas diligências e estudos de grandes e perfeitos doutores e sábios, demonstram também, que em minha Igreja há ciência que forma sábios eminentes, superiores aos do mundo, e que acima de todos há um emendador de sábios (**Sb 7, 15**), Eu, que unicamente tudo sei, compreendo, peso e meço (**Sb 9, 13**), sem poder ser medido nem compreendido. Por mais que esquadrinhem meus juízos e testemunhos, não poderão os homens compreendê-los, se Eu, que sou o princípio e autor de toda a sabedoria e ciência, não lhes der inteligência e luz (**Jó 32, 8**). Sabendo isso, quero que os mortais me louvem, enalteçam e glorifiquem eternamente.

As heresias

78. - Quero também que os santos doutores com seu honesto, santo e louvável trabalho adquiram para si muita graça, luz e glória, para a verdade ir sendo descoberta, esclarecida e cada vez mais se aproxime de sua fonte. Investiguem com humildade os mistérios e obras de minha destra, delas participem e gozem do pão do entendimento (**Eclo 15, 3**) de minhas Escrituras.

Usei de grande providência com os doutores e mestres, ainda que suas opiniões e dúvidas tenham sido tão diversas e por diferentes motivos: umas vezes são para minha honra e glória, e outras apenas para impugnar-se e contradizer-se por razões terrenas. Com esta porfia e paixão procedem desigualmente.

Apesar disso, tenho-os governado, dirigido e iluminado, assistindo-os com minha proteção, de maneira que a verdade tem sido muito investigada e esclarecida. A luz para conhecer muitas de minhas perfeições e obras maravilhosas foi bastante aumentada, sendo as santas Escrituras tão altamente interpretadas, que isto muito me tem agradado e satisfeito.

- O inferno, ao contrário, por esta mesma causa, enfureceu-se com incrível inveja, e ainda mais nos tempos atuais. Ergueu seu trono de iniqüidade, combatendo a verdade e pretendendo tragar o Jordão (**Jó 40, 18**). Valendo-se dos homens (**Mt 13, 25**), por meio de heresias e falsas doutrinas, derramou sua cizânia para obscurecer a luz da santa fé.

O resto da Igreja, porém, e suas verdades encontram-se em grau perfeitíssimo. É assim que para os fiéis católicos, mesmo quando seduzidos e cegos por outras misérias, se mantêm à luz da verdadeira fé. Mas, são poucos ainda (**Mt 22, 14**) os que se dispõem a atender-me com total submissão e fervor.

79. - Quero também, minha esposa, que entendas: minha providência dispõe que haja entre os mestres muitas opiniões, a fim de mais se investigarem meus testemunhos. Assim é manifestada aos homens viadores a medula das divinas letras, mediante suas honestas diligências, estudos e trabalhos.

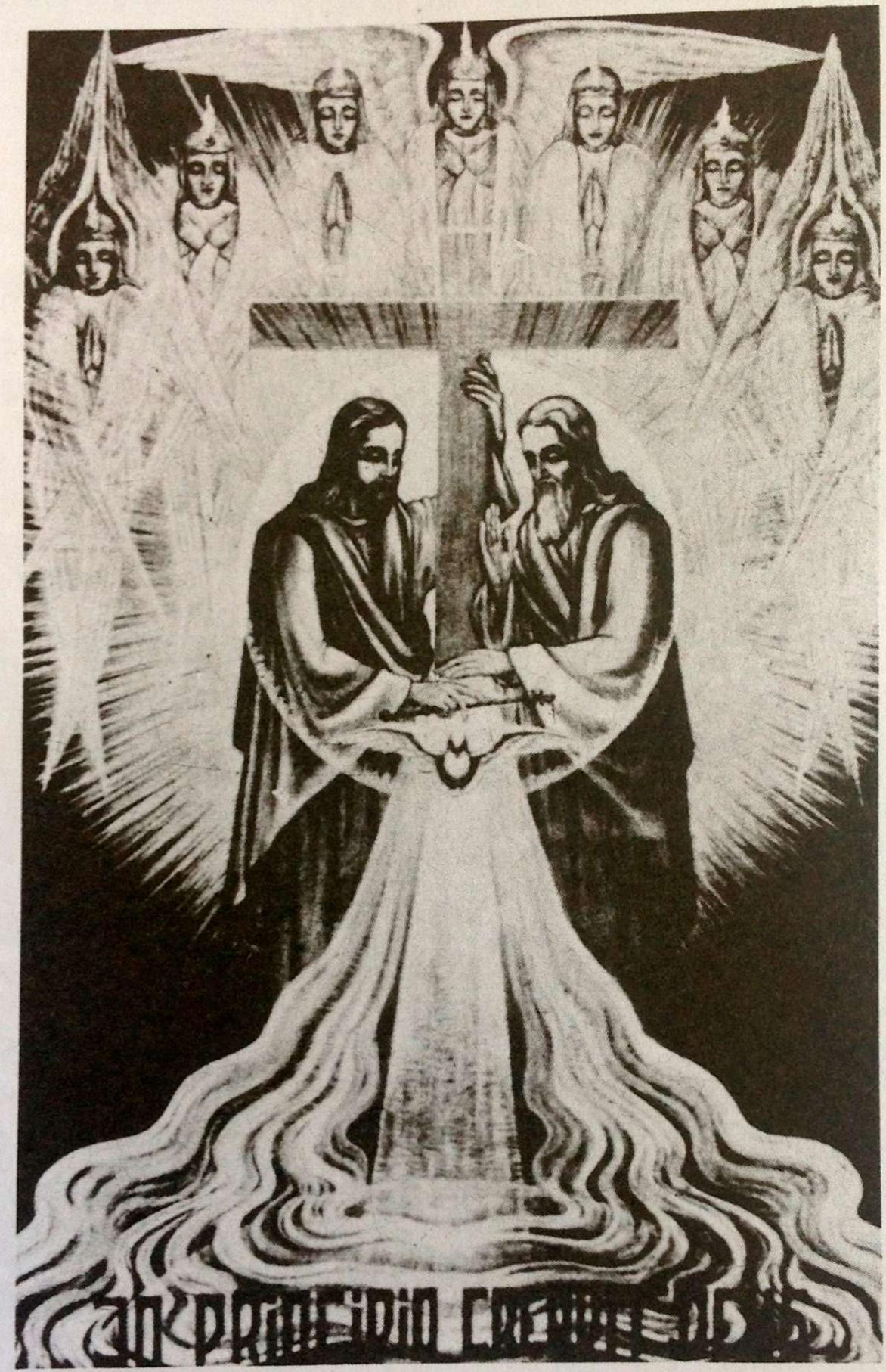
Não obstante, seria de muito agrado e serviço para Mim, que as pessoas doutas evitassem a soberba, inveja, ambição de vanglória, e outras paixões e vícios daí gerados, além de toda a má semente (**Idem 13, 29**) que resulta de tais trabalhos, quando desempenhados com viciosas intenções. Entretanto, não a arranco logo, para não se extirpar a boa com a má semente.

Tudo isso me respondeu o Altíssimo e outras muitas coisas, que não posso manifestar. Seja eternamente

bendita sua grandeza, que houve por bem instruir minha ignorância e satisfazê-la tão adequada e misericordiosamente, sem dedignar-se com a pequenez desta mulher insipiente e de todo inútil. Dêem-lhe graças e louvores sem fim, todos os espíritos bem-aventurados do céu e justos da terra.



OÁSIS de Feiran no deserto do Sinai. Nesta região se recorda o pedido de Moisés, a Deus de poder vislumbrar o seu rosto glorioso; pedido que Deus satisfez só parcialmente (Ex 33,20). Era preciso esperar que o Unigênito Filho de Deus deixasse, com a Encarnação, o "seio do Pai" e viesse "revelar", aos homens, a face "cheia de graça e de bondade" do Deus escondido.



No princípio, Deus tudo criou.

CAPÍTULO 7

COMO O ALTÍSSIMO DEU PRINCÍPIO ÀS SUAS OBRAS; CRIOU TODAS AS COISAS MATERIAIS PARA O HOMEM, E ESTE E OS ANJOS PARA CONSTITUIR POVO DO QUAL O VERBO HUMANADO SERIA CABEÇA.

Deus causa primária de todas as coisas

80. Causa de todas as causas foi Deus, Criador de tudo o que existe. Quando, e como foi de sua vontade, com o poder de seu braço, deu princípio a todas as suas maravilhosas obras *ad extra.*

A ordem e princípio desta criação é referida por Moisés no 1° capítulo do Gênesis, e tendo o Senhor me manifestado sua interpretação, direi aqui o conveniente, para nele encontrar as origens das obras e mistérios da Encarnação do Verbo e de nossa Redenção.

A criação

81. Literalmente, o capítulo 1° do Gênesis é o seguinte:

"No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas, e à luz chamou dia..."

Neste primeiro dia, diz Moisés, *no princípio, criou Deus o céu e a terra.* Este princípio é aquele no qual como saindo de seu ser imutável, o poderoso Deus começou a plasmar, fora de si próprio, as criaturas. Então, estas principiaram a possuir o ser em si mesmas, e Deus começou a recrear-se em suas obras, adequadamente perfeitas.

Para que a ordem fosse também perfeitíssima, antes de criar seres intelectuais e racionais, formou o céu para os anjos e homens, e a terra onde, antes, os mortais seriam viadores. Tão proporcionados a seus fins e tão perfeitos são estes lugares, que diz David (**Sl 18, 2**): *Os céus publicam a glória de Deus, o firmamento e a terra anunciam as obras de suas mãos.*

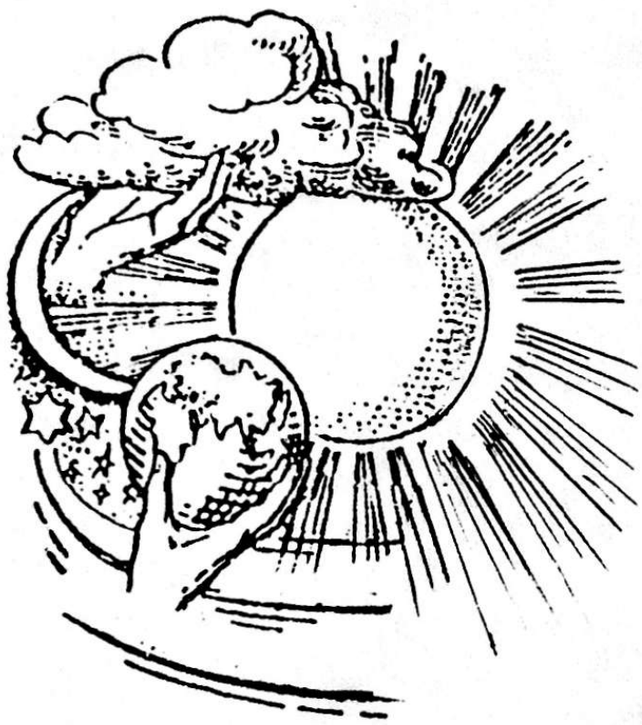
O céu com sua formosura manifesta a magnificência e a glória, porque nele está reservado o prêmio preparado para os santos. O firmamento da terra anuncia que devem existir criaturas e homens que a habitem, e por ela elevem-se a seu Criador.

Antes de criá-los quer o Altíssimo preparar-lhes o necessário à existência que lhes destinara; para que

de todos os modos, se sentissem obrigados a obedecer e amar seu Criador e benfeitor, e através de suas obras (**Rm 1, 20**) conhecessem seu admirável nome e infinitas perfeições.

Dia e noite

82. Diz Moisés que a terra estava vazia (**Gn 1, 2**), não referindo o mesmo do céu, porque neste Deus criou os anjos no momento que o escritor descreve (**Idem 3**): *Disse Deus: faça-se a luz e a*



luz foi feita. Fala não só da luz material como também das luzes angélicas e intelectuais. Se não fez mais clara menção dos anjos, designando-os apenas sob esse nome, foi por causa da inclinação dos hebreus em facilmente atribuir divindade a qualquer coisa de menor apreço, que os espíritos angélicos.

Além disso, foi muito apropriada a metáfora da luz para representar a natureza angélica, e misticamente a luz da ciência e graça com que foram iluminados em sua criação. Juntamente com o céu empíreo, criou Deus a terra e em seu centro o inferno. Naquele instante em que foi criada, ficaram no meio deste globo, por divina disposição, extensas e profundas cavernas para inferno, limbo e purgatório. Ao mesmo tempo, no inferno foi criado fogo material e as demais coisas que agora ali servem de suplício aos condenados.

Logo separaria o Senhor a luz das trevas, chamando à luz dia (**Gn 1, 5**) e às trevas, noite. Não sucedeu isto só entre a noite e o dia naturais, mas também entre os anjos bons e maus. Aos bons deu a luz eterna de sua visão, chamando-a dia eterno, e aos maus chamou noite do pecado, sendo lançados nas eternas trevas do inferno.

Deste modo podemos entender quão unidas estiveram em Deus a misericordiosa liberalidade de Criador e a retíssima justiça de Juiz.

Criação dos Anjos

83. Foram os anjos criados no céu empíreo, em graça, para com ela adquirirem méritos que precedessem à recompensa da glória. Ainda que se encontravam no lugar dessa glória, não lhes fora dada a visão de Deus face a face, até que a mereceram pela graça, os que se mostraram obedientes à vontade divina.

Deste modo, estes santos anjos, como os demais apóstatas. permaneceram muito pouco tempo no primeiro estado de viadores. Sua criação, estado de provação e término dele realizaram-se em três estâncias ou mórulas, separadas por algum intervalo, em três instantes.

No primeiro foram todos criados e adornados com graça e outros dons, formosíssimos e perfeitas criatu-

ras. A este instante seguiu-se a mórula na qual a todos foi apresentada e ordenada a vontade de seu Criador e lei para observarem. Reconhecendo-o por supremo Senhor, preencheriam o fim de sua criação. Nesta mórula, estância ou intervalo travou-se entre S. Miguel com seus anjos e o dragão seguido dos seus, aquela grande batalha descrita por São João no capítulo 12 do Apocalipse (**Ap 12, 7**). Os bons anjos, perseverando na graça, mereceram a felicidade eterna e os desobedientes, insurgindo-se contra Deus, mereceram o castigo que sofrem.

Queda dos maus anjos, perseverança dos bons

84. Nessa segunda mórula, tudo poderia se ter passado muito depressa, de acordo com a natureza angélica e o poder divino. Entendi, porém, que a piedade do Altíssimo deteve-se, e com alguma espera lhes mostrou o bem e o mal, a verdade e a falsidade, o justo e o injusto, sua graça e amizade, a malícia do pecado e a inimizade de Deus, o prêmio e o castigo eterno, a perdição de Lúcifer e seus seguidores, o inferno com suas penas.

Viram eles todas essas coisas como são em si mesmas, com o conhecimento de sua tão superior e excelente natureza, de maneira que, antes de perder a graça, viram claramente o lugar do castigo. Se não conheceram em igual medida o prêmio da glória, tiveram dela outra notícia e a promessa expressa do Senhor, com que o Altíssimo justificou sua causa agindo com suma eqüidade e retidão.

Não bastando toda esta bondade e justiça, para deter Lúcifer e seus sequazes obstinados, foram punidos e precipitados ao fundo das cavernas infernais, enquanto os bons viram-se confirmados na graça e glória eterna. Aconteceu isto no terceiro instante, e verificou-se que realmente nenhuma criatura, fora de Deus, é impecável por natureza, pois o anjo, possuindo-a tão excelente e adornada com tantos dons de ciência e graça, acabou pecando e se perdeu. Que fará a fragilidade humana, se o poder divino não a defender, e se ela O obrigar a desampará-la?

O pecado de Lúcifer

85. Resta saber o que estou procurando: o que motivou o pecado de Lúcifer e seus confederados, e o que lhes serviu de ocasião para desobedecer e cair.

Nisto entendi que poderiam ter cometido muitos pecados *secundum reatum* ainda que não praticaram os atos de todos. Dos que com sua depravada vontade cometeram, ficaram-lhes os hábitos para todos os maus atos, aos quais induzem os outros aprovando o pecado que por si mesmos não podem praticar.

Movido pelo mau afeto que então sentiu, incorreu Lúcifer em desordenadíssimo amor de si mesmo, ao se ver com maiores dons e formosura de natureza e graça que os demais anjos inferiores. Deteve-se demasiado nesse conhecimento, e a autocomplacência o embaraçou e enfraqueceu na gratidão que devia a Deus, como à fonte única de tudo o que recebera. Continuando a admirar a própria beleza e graça, acabou por se apropriar delas, amando-as como suas.

Este desordenado amor próprio, não somente o fez se exaltar com o que tinha recebido de outro ser superior, mas

também o levou a invejar e cobiçar outros dons e excelências alheias que não possuía. Como não as pôde conseguir, concebeu mortal ódio e indignação contra Deus, que do nada o criara, e contra todas as criaturas.

A soberba de Lúcifer sempre cresce

86. Daqui se originaram sua desobediência, presunção, injustiça, infidelidade, blasfêmia, e ainda uma espécie de idolatria, desejando para si a adoração e reverência devida a Deus.

Blasfemou de sua divina grandeza e santidade, faltou à fé e lealdade que devia, pretendeu destruir todas as criaturas, presumindo que poderia tudo isso e muito mais. Assim, sua soberba sempre cresce (**Sl 73, 23**) e persiste, ainda que sua arrogância seja maior que sua fortaleza (**Is 16, 6**), porque enquanto nesta não pode crescer, no pecado, um abismo atrai outro abismo (**Sl 14, 8**).

O primeiro anjo que pecou foi Lúcifer, como consta no cap. 14 de Isaías (**v. 12**), e induziu a outros segui-lo. Por isso, chama-se príncipe dos demônios, não por natureza, que por ela não pode ter esse título, e sim pela culpa. Os que pecaram não foram somente de uma ordem e hierarquia, mas de todas caíram muitos.

O princípio da queda de Lúcifer

87. Procurarei, segundo me foi mostrado, qual a honra e excelência cobiçada e invejada pela soberba de Lúcifer. Como nas obras de Deus há justiça (**Sb 11, 21**) peso e medida, antes que os anjos pudessem inclinar-se a diferentes objetivos, determinou sua providência manifestar-lhes, imediatamente depois de sua criação, o fim para o qual os havia criado de natureza tão elevada e excelente.

Receberam este conhecimento do seguinte modo: primeiro, tiveram inteligência muito expressa do ser de Deus, uno em substância e trino em pessoas, recebendo ordem para O adorar e reverenciar como a seu Criador, supremo Senhor, infinito no ser e atributos.

A este mandato submeteram-se e obedeceram todos, mas com alguma diferença: os anjos bons obedeceram por amor e justiça, sujeitando-se de boa vontade, aceitando e crendo o que estava além de sua capacidade, e obedecendo com alegria. Lúcifer, porém, rendeu-se por lhe parecer impossível o contrário. Não agiu com caridade perfeita, pôs reservas na vontade e dúvida na verdade infalível do Senhor. Por este motivo o preceito se lhe tornou um tanto duro e difícil, não o cumpriu com inteiro amor e justiça, e desta maneira se indispôs para nela perseverar.

Ainda que esta tibieza e negligência em praticar estes primeiros atos com dificuldade não o privou da graça, daí começou sua má disposição, porque foi remisso no espírito e na virtude, cuja perfeição não preencheu como devia. A meu parecer, o efeito que esta remissão e dificuldade produziu em Lúcifer, foi semelhante à que produz na alma o pecado venial deliberado. Não afirmo que ele haja, nessa ocasião, pecado nem venial nem mortalmente, porque cumpriu o preceito divino; todavia, esse cumprimento foi remisso e imperfeito, mais coagido pela força da razão do que pelo amor e vontade de obedecer. Com isto se colocou no declive que dispõe à queda.

Os anjos e o Homem-Deus

88. Em segundo lugar, Deus manifestou aos anjos que criaria a natureza humana inferior à deles. Seriam criaturas racionais para amar, temer e reverenciar a Deus como a seu autor e eterno bem. A esta natureza humana favoreceria tanto, que a segunda pessoa da mesma Trindade Santíssima se faria homem, elevando a natureza humana à união hipostática e pessoa divina. Àquele suposto, [1] Homem e Deus, deveriam os anjos reconhecer por cabeça não só enquanto Deus, mas também enquanto homem.

Deveriam reverenciá-lo e adorá-lo, como seus servos, inferiores em dignidade e graças. Deu-lhes inteligência da conveniência, eqüidade, justiça e razão que nisto havia, porquanto, aos méritos previstos daquele Homem-Deus, deviam a graça que possuíam e a glória que receberiam. Para a glorificação Dele haviam sido criados, e seriam criadas as demais criaturas, porque a todas seria superior. Todas quantas fossem capazes de conhecer e gozar de Deus, seriam membros daquela cabeça e formariam seu povo para reconhecê-lo e reverenciá-lo. Tudo isto foi proposto e ordenado aos anjos.

Atitude dos bons e dos maus anjos

89. A este preceito, os santos anjos, obedientes e de plena boa vontade, submeteram-se com humilde e amoroso afeto.

Lúcifer, ao contrário, resistiu com soberba e inveja, induzindo os anjos que eram seus sequazes a fazerem o mesmo, como de fato fizeram, seguindo-o na desobediência ao divino mandato. Persuadiu-os o mau príncipe de que ele seria sua cabeça, e formariam principado independente e separado de Cristo.

Tanta cegueira e tão desordenado afeto, pôde causar naquele anjo a inveja e soberba, que veio a se transformar na causa e contágio para tantos outros incorrerem no mesmo pecado.

Os anjos e a Mãe de Deus

90. Aqui ocorreu a grande batalha que S. João refere (**Ap 12**) haver-se travado no céu. Os santos anjos obedientes, com ardente zelo para defender a glória do Altíssimo e a honra do Verbo humanado previsto, pediram licença ao Senhor para resistir e contradizer ao dragão, sendo-lhes concedida essa permissão.

Entrementes sucedeu outro mistério. Ao ser proposta a todos os anjos a obediência ao Verbo humanado, foi-lhes apresentado o terceiro preceito: superior a eles existiria também uma mulher, em cujas entranhas tomaria carne humana o Unigênito do Pai; esta mulher, Rainha deles e das demais criaturas, nos dons da graça e glória se elevaria acima de todas, tanto angélicas como humanas.

Os bons anjos, obedecendo a este preceito do Senhor, cresceram e se aperfeiçoaram na humildade, aceitando e louvando o poder e os arcanos do Altíssimo. Lúcifer, porém, e seus confederados, a este preceito e mistério, se exaltaram mais na soberba e presunção. Com desordenado furor apeteceu para si a excelência de ser cabeça de todo o gênero humano, e das ordens angélicas,e se isto deveria realizar-se mediante a união hipostática, fosse ele a recebê-la.

1- suposto = aquele que subsiste por si. **(N. da T.)**

Revolta de Lúcifer

91. Quanto a permanecer inferior à Mãe do Verbo humanado e Senhora nossa, opôs-se com horrendas blasfêmias, indignando-se contra o Autor de tão grandes maravilhas, e incitando os demais com estas palavras: - Injustos são estes preceitos e injuriosos para minha grandeza. Essa natureza que tu, Senhor, olhas com tanto amor e pretendes beneficiar tanto, eu perseguirei e destruirei, empregando nisso todo o meu poder e diligência. E a esta Mulher, Mãe do Verbo, derrubarei do estado em que a prometes colocar, e em minhas mãos perecerão teus projetos.

Maria esmagará a cabeça de Lúcifer

92. Esta soberba arrogância irritou tanto ao Senhor, que humilhando a Lúcifer, disse: - Esta mulher que não quiseste respeitar, te esmagará a cabeça (**Gn 3, 15**) e por Ela serás vencido e aniquilado. E, se por tua soberba, entrar a morte no mundo (**Sb 2, 24**), pela humildade desta mulher entrará a vida e a salvação dos mortais. Os da natureza e semelhança destes dois (Cristo e Maria), gozarão do prêmio e coroa que tu e teus seguidores perderam.

A tudo isto replicava o dragão com indignada soberba, contradizendo o que entendia da divina vontade e de seus decretos, e ameaçando a toda a linhagem humana.

Conheceram os bons anjos a justa indignação do Altíssimo contra Lúcifer e os demais apóstatas, e puseram-se a pelejar contra eles com as armas do entendimento, razão e verdade.

Maria, representante da natureza humana pura

93. Aqui operou o Altíssimo outro maravilhoso mistério; havendo manifestado por inteligência, a todos os anjos, o grande mistério da união hipostática, mostrou-lhes a Virgem Santíssima num sinal ou imagem, semelhante a nossas visões imaginárias, segundo o nosso modo de entender.

Deu-lhes a conhecer a natureza humana pura, representada nessa mulher perfeitíssima, em quem o braço poderoso do Altíssimo seria mais admirável que em todo o resto das criaturas, porque em superior e eminente grau Nela depositava as graças e dons de sua destra.

Este sinal e visão da Rainha do céu e Mãe do Verbo humanado foi notório e claro a todos os anjos bons e maus. À sua vista, expandiram-se os bons em admiração e cânticos de louvor, e desde esse momento começaram a defender a honra do Homem-Deus e de sua Mãe Santíssima, armados de ardente zelo e do escudo inexpugnável daquele sinal.

O dragão e seus aliados, pelo contrário, conceberam implacável furor e sanha contra Cristo e sua Mãe Santíssima. Sucedeu, então, tudo o que contém o capítulo 12 do Apocalipse, cuja interpretação, segundo me foi dada, escreverei a seguir.

CAPÍTULO 8

PROSSEGUE O ASSUNTO ANTERIOR COM A EXPLICAÇÃO DO CAPÍTULO 12 DO APOCALIPSE.

94. O texto deste Capítulo do Apocalipse é o seguinte:

"Depois apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de sol. e a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça; e, estando grávida, clamava com dores de parto, e sofria tormentos para dar à luz."

E foi visto outro sinal no céu: era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e nas suas cabeças sete diademas, e a sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, e as precipitou na terra; e o dragão parou diante da mulher, que estava para dar à luz, a fim de devorar o seu filho, logo que ela o tivesse dado à luz. E deu à luz um filho varão, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro, e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono, e a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado, para aí a sustentarem durante mil duzentos e sessenta dias.

E houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com os seus anjos pelejavam contra ele: porém, estes não prevaleceram, e o seu lugar não se achou mais no céu. E foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o demônio e Satanás, que seduz todo o mundo; e foi precipitado na terra, e foram precipitados com ele os seus anjos. E ouvi uma grande voz no céu que dizia: Agora foi estabelecida a salvação, e a força, e o reino de nosso Deus, e o poder do seu Cristo, porque foi precipitado (do céu) o acusador de nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus. E eles venceram-no pelo (mérito do) sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho, e desprezaram as suas vidas, até morrer (por Cristo). Por isso, ó céus, alegrai-vos, e vós os que habitais neles. Ai da terra e do mar, porque o demônio desceu a vós com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo)para perder as almas).

E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho varão; mas foram dadas à mulher duas asas duma grande águia, a fim de voar para o deserto, ao lugar de seu retiro, onde é sustentada por um tempo, e por tempos, e por metade dum tempo, fora da presen-

ça da serpente. E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água (de perseguições) como um rio, para fazer que ela fosse arrebatada pela corrente. Porém, a terra ajudou a mulher, e a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha vomitado da sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra aos outros seus filhos que guardam os mandamentos de Deus, e retêm a confissão de Jesus Cristo. E parou sobre a areia do mar".

O grande sinal do céu

95. Até aqui as palavras do Evangelista. Fala do presente, porque então lhe era mostrada a visão do que já havia passado, e diz: *"Apareceu no céu um grande sinal, uma mulher vestida de sol, com a lua a seus pés, a cabeça coroada de doze estrelas"*. Por vontade de Deus, este sinal apareceu verdadeiramente no céu. Foi mostrado aos anjos bons e maus, para à vista dele determinarem suas vontades à obediência dos preceitos divinos. Assim, foi visto antes que os bons se decidissem pelo bem, e os maus optassem pelo pecado.

Constituiu uma como demonstração de quão admirável seria Deus na estrutura da natureza humana. Dela havia dado conhecimento aos anjos, com a revelação do mistério da união hipostática. Quis, porém, manifestá-la por novo modo em pura criatura, e na mais perfeita e santa que, depois de Cristo Nosso Senhor, havia de criar: Maria, sua Mãe.

Para os bons anjos este sinal também deu a certeza de que, se a desobediência dos maus anjos ofendeu a Deus, nem por isto deixaria Ele de executar o decreto da criação dos homens. O Verbo humanado e aquela Mulher, sua Mãe, o empenhariam infinitamente mais, do que os anjos desobedientes poderiam desobrigá-lo.

Foi como um arco-íris no céu, semelhante ao que apareceria nas nuvens depois do dilúvio (**Gn 9, 13**), para garantir que se os homens pecassem e fossem desobedientes, como os maus anjos, não seriam castigados sem remissão. Ser-lhes-ia dado salutar remédio por meio daquele maravilhoso sinal. Tal como se dissesse aos anjos: não castigarei de modo igual às criaturas que vou criar, porquanto da natureza humana descenderá esta mulher em cujas entranhas tomará carne meu Unigênito. Ele será o restaurador de minha amizade, apaziguará minha justiça, e ambos abrirão o caminho da felicidade que a culpa houver fechado.

Glorificação dos anjos fiéis

96. Em testemunho disso, depois que os anjos desobedientes foram castigados, o Altíssimo, diante daquele sinal, revelou-se aos bons, como desagravado e aplacado da ira que a soberba de Lúcifer lhe havia provocado.

Ao nosso modo de entender, alegrava-se com a presença da Rainha do céu, representada naquela imagem, dando a entender aos santos anjos que transferiria aos homens, por meio de Cristo e sua Mãe, a graça e dons que os apóstatas haviam perdido por sua rebeldia.

Outro efeito produziu também aquele grande sinal nos bons anjos. Como da porfia e contenda com Lúcifer tinham ficado, a nosso modo de entender, aflitos, perturbados e entristecidos, quis o Altíssimo que se alegrassem com a visão

daquele sinal. À sua glória essencial lhes foi acrescentado este gozo ocidental, merecido também pela vitória obtida contra Lúcifer.

Vendo aquele cetro de clemência que lhes era mostrado em sinal de paz, (**Est 4, 11**), conheceram logo que não se estendia a eles a lei do castigo, pois haviam obedecido à divina vontade e seus preceitos. Entenderam também, nesta visão, muitos dos mistérios e sacramentos encerrados nos da Encarnação e da Igreja militante e seus membros.

Entenderam que assistiriam e ajudariam o gênero humano, guardariam os homens, defendendo-os de seus inimigos, guiando-os à eterna felicidade que eles mesmos estavam a receber pelos merecimentos do Verbo humanado. Em virtude do Cristo, previsto na mente divina, Deus os preservara da queda.

Alegria para os bons anjos, tormento para os maus

97. Havendo tudo isto produzido grande alegria para os bons anjos, outro tanto causou de tormento para os maus. Foi princípio de seu castigo, ver que nada tinham aproveitado com sua rebeldia, e que aquela mulher os venceria, esmagando-lhes a cabeça (**Gn 3, 15**).

Todos estes mistérios, e outros que não posso explicar, encerrou o Evangelista nesse capítulo, principalmente neste grande sinal, ainda que o descreva obscuramente, com enigmas, até que chegasse o tempo.

Maria cheia de graça

98. O sol, que vestia a mulher, é o verdadeiro Sol de justiça, Deus. Entenderam os anjos a resoluta vontade do Altíssimo em sempre assistir pela graça nesta mulher, fazer-lhe sombra e defendê-la com seu invencível braço e proteção.

Tinha debaixo dos pés a lua, significando a separação que estes dois astros fazem entre dia e noite. A noite da culpa, representada pela lua, ficava a seus pés, enquanto o sol, que é o dia da graça, havia de vesti-la toda e para sempre. Exprimia também, que os minguantes da graça, aos quais pelo pecado e suas conseqüências todos os mortais ficaram sujeitos, estariam debaixo de seus pés.

Nunca poderiam subir para tocá-la no corpo ou na alma, estabelecidos para sempre nos crescentes, acima de todos os anjos e homens. Somente Ela seria livre da noite de Lúcifer e minguantes de Adão, e sempre os pisaria sem que pudessem prevalecer contra Ela. Todas as culpas e inclinações do pecado original e atual, colocou-as o Senhor, derrotadas, a seus pés.

Isto na presença de todos os anjos. Os bons a ficaram conhecendo, e os maus, ainda que não hajam compreendido todos os mistérios da visão, passaram a temer esta mulher, ainda antes que Ela começasse a existir.

Maria possuiu toda a graça e dons de todas as criaturas

99. A coroa de doze estrelas é fácil de entender. São as virtudes que haviam de coroar esta Rainha dos céus e terra.

O número doze significa as doze tribos de Israel que, por sua vez, representam a multidão dos eleitos e predestinados, como indica o Evangelista no capítulo 7 do Apocalipse (**v. 4**). Visto que os dons, graças e virtudes de todos

os escolhidos, em grau que os ultrapassou sem medida, haviam de coroar a Rainha, se lhe põe a coroa de doze estrelas na cabeça.

Maria, sacrário da Ssma. Trindade

100. *Estava grávida* (**Ap 12, 2**) Na presença de todos os anjos, para alegria dos bons e castigo dos maus, rebeldes à divina vontade e a estes mistérios, foi manifestada que a Santíssima Trindade escolhera esta maravilhosa Mulher para Mãe do Unigênito do Pai.

Como esta dignidade de ser Mãe do Verbo era a maior, princípio e fundamento de todas as excelências desta grande Senhora, por isso foi mostrada aos anjos naquele sinal, como receptáculo de toda a Santíssima Trindade.

Pela inseparável união e existência das três pessoas divinas, mercê de sua indivisível unidade, não podem deixar de estar as três, onde está cada uma. Ainda que somente a do Verbo haja assumido carne humana e dela se achar grávida aquela mulher, toda a Trindade nela se encontrava.

101. *E dando à luz, clamava* (**Idem**). A dignidade desta Rainha e este mistério deveriam a princípio ficar ocultos, para Deus nascer pobre, humilde e escondido. Mas, depois, ergueu este nascimento, tão altos clamores, que o primeiro eco apavorou e atordoou o rei Herodes. Obrigou os Magos a abandonarem lar e pátria para vir procurá-lo (**Mt 2, 3**).

Uns corações se perturbaram (**Idem 2**) e outros se enterneceram. Havendo crescido o fruto deste parto, e desde que foi elevado na cruz (**Jo 12, 32**) em diante, emitiu tão grandes brados, que foram ouvidos de Oeste a Leste e de Norte a Sul (**Rm 10, 18**). Tanto se fez ouvir a voz desta Mulher, ao dar ao mundo a Palavra do Eterno Pai.

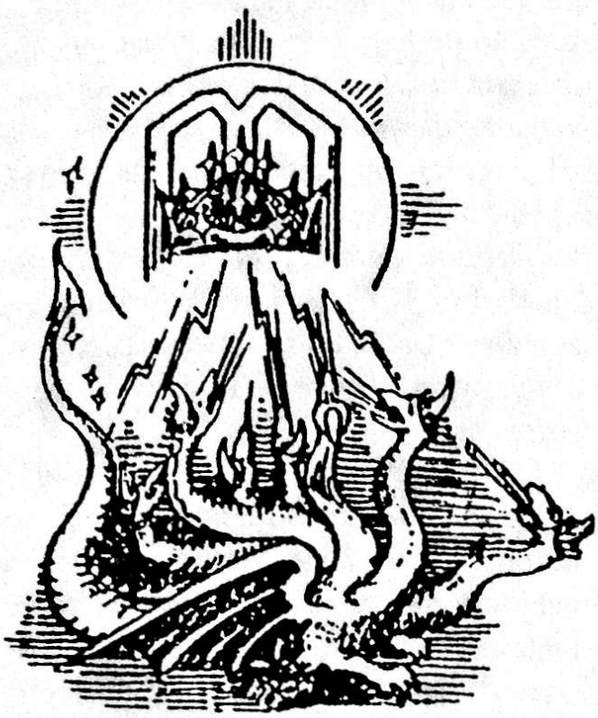
Maria, Mãe dolorosa

102. *E sofria tormentos para dar à luz* (**Ap 12, 2**). Estas palavras não querem dizer que daria à luz com dores, pois não era isso possível no divino parto. Significam que foi grande dor e tormento para essa Mãe ver que, enquanto homem, aquele corpinho divinizado sairia do segredo de seu seio virginal para padecer. Era destinado a satisfazer o Pai pelos pecados do mundo, pagando o que não havia de cometer (**Sl 68, 5**).

Conhecendo tudo isto pela ciência das Escrituras, o natural amor de Mãe tão perfeita, por um filho divino, naturalmente lhe produziria grande sentimento, não obstante sua conformidade com a vontade do eterno Pai.

Por este tormento também se entende o que padeceria a Mãe piedosíssima, prevendo o tempo em que estaria privada da presença de seu tesouro, depois que ele deixasse seu virginal tálamo. Se bem quanto à divindade, o tinha concebido na alma, quanto à humanidade santíssima deveria ficar muito tempo separada Daquele que era Filho unicamente seu.

Determinara o Altíssimo isentá-la da culpa, mas não dos trabalhos e dores correspondentes à recompensa que lhe estava preparada. Deste modo, foram as dores deste parto (**Gn 3, 16**), não efeitos do pecado como nas demais descendentes de Eva, mas sim, do intenso e perfeito amor desta divina Mãe, a seu único e Santíssimo Filho. Para os santos anjos foram estes mistérios motivo de louvor e admiração, e para os maus, princípio de castigo.



Castigo dos anjos rebeldes. Os sete diademas

103. *"E foi visto no céu outro sinal* (**Ap 12, 3**)*: um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e nas suas cabeças sete diademas; e a sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu e as precipitou na terra."*

Depois do que fica explicado, seguiu-se o castigo de Lúcifer e seus aliados. Pelas suas blasfêmias contra aquela assinalada mulher, coube-lhe a pena de se ver transformado, de anjo formosíssimo em dragão horrendo e furibundo. Sua figura exterior apareceu sensivelmente, e furioso levantou sete cabeças: Sete legiões ou esquadrões, aos quais se agregaram todos os que o seguiram no pecado.

A cada um destes principados ou grupos, deu um chefe, ordenando-lhes que pecassem e tomassem por sua conta incitar aos sete pecados mortais, comumente chamados capitais. Estes encerram os demais pecados, e são como cabeças dos bandos que se levantam contra Deus. A soberba, inveja, avareza, ira, luxúria, gula, preguiça, foram os sete diademas com que Lúcifer, transformado em dragão, foi coroado.

Cominou-lhe o Altíssimo esse castigo, que ele mesmo atraiu para si e para seus anjos confederados, como paga de sua horrível maldade. A todos foram destinados castigos e penas correspondentes à malícia de autores dos sete pecados capitais.

Os dez chifres

104. Os dez chifres das cabeças são os triunfos da iniqüidade e malícia do dragão; falsa glória, arrogante exaltação, que ele se atribui como fruto da prática dos vícios. Com estes depravados desejos e para conseguir o alvo de seu orgulho, ofereceu aos infelizes anjos sua perversa e venenosa amizade, falsos poderes, quiméricas grandezas e recompensas.

Estas promessas, cheias de bestial arrogância e erro, foram a cauda com que o dragão arrastou a terça parte das estrelas do céu. Eram os anjos estrelas, e se perseverassem na graça, resplandeceriam depois como o sol com os demais anjos e justos, em perpétuas eternidades (**Dn 12, 3**). Por merecido castigo foram precipitados até o centro da terra, o inferno, onde eternamente serão privados da luz e da alegria.

A realeza de Cristo. A solidão de Maria

105. *E o dragão* (**Ap 12, 4**) *pôs-se diante da mulher para lhe devorar o filho, quando o desse à luz.*

Tão desmedida foi a soberba de Lúcifer (**Is 14, 13-14**), que pretendeu colocar seu trono nas alturas. Com sua arrogância, falou em presença daquela assinalada mulher: - Esse filho que há de nascer dessa mulher é de natureza inferior à minha e eu o devorarei e o perderei. Contra Ele levantarei meus sequazes, semearei doutrinas contra os ensinamentos e leis que ordenar e lhe farei perpétua guerra e contradição.

Por resposta, o Altíssimo Senhor declarou que aquela mulher teria um filho (**Ap 12, 5**) que regeria os povos com vara de ferro. - Este homem, acrescentou o Senhor, não será filho somente desta mulher, mas também meu, Deus e homem verdadeiro, poderoso para vencer tua soberba e esmagar tua cabeça. Será para ti e para todos os que te ouvirem e seguirem, juiz poderoso, que te dominará com vara de ferro (**Sl 2, 9**) destruindo todos teus altivos e vãos pensamentos.

Este filho será arrebatado ao meu trono, onde se assentará à minha destra como juiz. Porei seus inimigos por escabelo de seus pés (**Sl 109, 1,2**), para deles triunfar. Será premiado como homem justo e porque, sendo Deus, tanto fez por suas criaturas. Todos o conhecerão dando-lhe reverência e glória (**Ap 5, 13**), enquanto que tu, infelicíssimo, conhecerás o dia da ira do Todo-poderoso (**Sf 1,14s.**). Esta mulher será levada à solidão num lugar por mim preparado (**Ap 12, 6**).

Esta soledade, para onde fugiria a mulher, nossa Rainha, consistiu no fato de ser ela a única na suma santidade e isenção de todo o pecado. Sendo mulher da comum natureza dos mortais, ultrapassou a todos e aos mesmos anjos nos dons, na graça e nos merecimentos que com ela adquiriu. Fugiu e permaneceu solitária entre as puras criaturas, por ser única e sem igual. Foi tão afastada do pecado esta soledade que, desde a sua conceição, o dragão não a pôde avistar, nem sequer perceber.

Deste modo, colocou-a o Altíssimo só e única no mundo, sem contato nem sujeição à serpente, declarando peremptoriamente: desde o primeiro instante de sua existência, esta mulher será minha escolhida, unicamente para mim. Desde já, a isento da jurisdição de seus inimigos e lhe reservo um lugar de graça, único e altíssimo, "*para que ali seja alimentada durante mil duzentos e sessenta dias* (**Ap 12, 6**)".

Durante este número de dias, a Rainha do céu estaria num estado elevadíssimo de singulares e ainda mais admiráveis benefícios interiores e espirituais.

Aconteceu isto nos últimos anos de sua vida, como em seu lugar, com a divina graça, direi [2]. Naquele estado foi sustentada tão divinamente, que nosso entendimento é por demais limitado para compreender. Sendo estes benefícios o fim para o qual se encaminhavam os demais da vida da Rainha do céu, o remate e perfeição de todos eles, esses dias foram expressamente referidos pelo Evangelista.

2- 3ª Parte Livro 8º cap. 8 e 11.

CAPÍTULO 9

PROSSEGUE O RESTO DA EXPLICAÇÃO DO CAPÍTULO XII DO APOCALIPSE.

São Miguel

106. *E travou-se no céu* (**v.7**) *uma grande batalha: Miguel e seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com seus anjos pelejavam contra ele.*

Havendo manifestado o Senhor o que fica dito aos bons e aos maus anjos, o santo príncipe Miguel e seus companheiros, com a divina permissão, pelejaram com o dragão e seus sequazes, Batalha admirável, combate de entendimentos e vontades.

Com o zelo que ardia em seu coração pela honra do Altíssimo, e armado com o poder divino e sua própria humildade, São Miguel resistiu à desvanecida soberba do dragão, dizendo: - Digno é o Altíssimo de honra, louvor e reverência; de ser amado, temido e obedecido por toda a criatura; é poderoso para fazer tudo quanto quer, nada podendo querer que não seja muito justo. Incriado e sem dependência de outro ser, deu-nos gratuitamente quanto temos, criou-nos e formou-nos do nada e do mesmo modo pode criar outros seres, quando e como for de seu beneplácito.

É razoável que prostrados e submissos em sua presença, adoremos Sua Majestade e real grandeza. Vinde, pois, anjos, segui-me e adoremo-lo, louvando seus admiráveis e ocultos juízos, suas perfeitíssimas e santíssimas obras. É Deus Altíssimo, superior a toda criatura, e não o fôra se pudéssemos compreender suas grandes obras. Infinito em sabedoria e bondade; rico em tesouros e benefícios; Senhor de tudo, de ninguém necessitando, pode comunicá-los a quem mais servido for, não podendo errar em sua escolha. Pode amar a quem quiser, dar-se, elevar, criar e enriquecer a quem for de seu gosto, e em tudo será sábio, santo e poderoso.

Adoremo-lo com ações de graça pela maravilhosa obra da Encarnação e dos outros favores para seu povo, inclusive sua reparação, caso cair. A este Suposto [3] de duas naturezas, divina e humana, adoremo-lo, reverenciemo-lo e recebamo-lo por nosso chefe, confessando que é digno de toda a glória, louvor e magnificência, autor da graça e da glória, reconheçamos sua virtude e divindade.

3- Suposto - Cristo, Homem-Deus, que subsiste por si mesmo. (N. da T.)

A batalha angélica

107. Com estas armas pelejavam São Miguel e seus anjos, combatendo com fortes raios ao dragão e aos seus asseclas armados de blasfêmias. Defrontando o santo Príncipe, mas não lhe podendo resistir, enfurecia-se, e pelo tormento que sofria desejara fugir. A vontade divina, porém, ordenara que fosse não apenas castigado mas também vencido, e a seu pesar conhecesse a verdade e o poder de Deus.

Blasfemando bradava: - Deus é injusto por elevar a natureza humana acima da angélica. Eu sou o mais excelente e formoso anjo, e a mim se deve a exaltação. Hei de estabelecer meu trono acima das estrelas (**Is 14, 13**) e serei semelhante ao Altíssimo. Não me sujeitarei a ninguém de natureza inferior à minha, nem consentirei que alguém me preceda e seja maior que eu.

Faziam-lhe eco os apóstatas, seus sequazes, ao que lhes replicou São Miguel: - Quem há que se possa igualar e se comparar com o Senhor que habita os céus? Acaba, inimigo, com tuas formidáveis blasfêmias, e já que a iniquidade se apoderou de ti, separa-te de nós, infeliz, e caminha com tua cega ignorância e maldade para a tenebrosa noite e caos das penas infernais. Quanto a nós, ó espíritos do Senhor, reverenciemos esta ditosa mulher que há de ministrar carne humana ao eterno Verbo, e reconheçamo-la por nossa Rainha e Senhora.

Lúcifer precipitado do céu

108. Nesta peleja, aquele grande sinal da Rainha servia para os bons anjos de escudo e arma ofensiva contra os maus. À sua vista os argumentos e contradições de Lúcifer perdiam a força e se aniquilavam, não podendo suportar os mistérios representados naquele sinal.

E assim, como pela virtude divina havia aparecido aquele sinal, quis também Sua Majestade fazer surgir o outro sinal do dragão vermelho. Nessa figura foi ignominiosamente expulso do céu, com espanto e terror de seus sequazes e admiração dos santos anjos por aquela nova demonstração do poder e justiça de Deus.

O mal não pode triunfar sobre o bem

109. Difícil é descrever com palavras o que se passou nesta memorável batalha, por ser enorme a diferença entre conceitos materiais e as operações de tais e tantos espíritos angélicos.

Os maus, entretanto, não triunfaram (**Ap 12, 8**) porque a injustiça, mentira, ignorância e malícia não podem prevalecer contra a equidade, verdade, luz e bondade, nem tais virtudes podem ser vencidas pelos vícios.

Por isto, diz o Apocalipse, daí em diante seu lugar não foi encontrado no céu. Com os pecados que cometeram, estes ingratos anjos tornaram-se indignos da eterna visão e companhia do Senhor, e sua lembrança apagou-se da sua mente divina onde, antes da queda, estavam gravados pelos dons de graça que lhes outorgara. Privados do direito que tinham aos lugares que lhes haviam sido preparados sob a condição de obedecerem, este direito transferiu-se aos homens e a estes foram reservados.

Tão apagados foram os vestígios dos anjos apóstatas, que jamais serão

encontrados no céu. Oh! infeliz maldade, e nunca assaz encarecida infelicidade que mereceu tão espantoso e formidável castigo!

Castigo dos anjos maus

110. *E foi lançado aquele grande dragão* (**Ap 12, 9**) *e antiga serpente que se chama diabo e satanás que engana a todo o orbe e foi precipitado à terra com seus anjos.*

Transformado em dragão, foi Lúcifer precipitado do céu pelo santo príncipe Miguel, por aquela invencível palavra: - *Quem como Deus?* Tão poderosa que pôde derrubar com formidável ignomínia, às profundezas da terra, aquele soberbo gigante e todos os seus exércitos.

Ali, com sua infelicidade e castigo, começou a receber os novos nomes de dragão, diabo, e satanás. Privado da felicidade e honra que desmereceu, foi também despojado de seus honrosos títulos, adquirindo os que traduzem sua ignomínia. E a maldade que intimou a seus confederados para enganarem e perverterem os habitantes do mundo, manifesta sua iniquidade.

Deste modo, aquele que presumia destruir os povos foi lançado aos infernos e às profundezas do lago, como diz Isaías, Capítulo 14 (**v. 15**). Seu cadáver foi entregue à podridão e aos vermes de sua má consciência. Em Lúcifer cumpriu-se tudo o que o Profeta escreve naquela passagem.

Glorificação dos anjos bons

111. Ficando o céu despojado dos maus anjos, foi afastado o véu da Divindade para os bons e obedientes. Triunfantes e gloriosos estes, castigados aqueles, prossegue o Evangelista dizendo que ouviu uma grande voz no céu que dizia: - *Agora foi estabelecida a salvação e a força e o reino de nosso Deus, e o poder do seu Cristo: porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que na presença de nosso Deus os acusava de dia e de noite* (**Ap 12, 10**).

Esta voz ouvida pelo Evangelista foi a da pessoa do Verbo. Ouvida e entendida por todos os santos anjos, chegaram seus ecos até o inferno. Ali espavoriu e fez tremer os demônios, ainda que não compreenderam todos os mistérios que encerrava, mas somente aquilo que o Altíssimo lhes permitiu entender para sua pena e castigo.

Aquela voz foi proferida pelo Filho, em nome da humanidade que havia de assumir. Pediu ao Eterno Pai que fosse estabelecida a salvação, poder e reino de Deus e do Cristo, porquanto já havia sido expulso o acusador dos homens, irmãos do mesmo Cristo Senhor nosso.

Foi uma súplica ante o trono da Santíssima Trindade, para os mistérios da Encarnação e Redenção serem confirmados e realizados contra a inveja e raiva de Lúcifer que caíra do céu, enfurecido contra a natureza humana da qual o Verbo se vestiria. Por este motivo, com suma compaixão e amor chamou os homens de irmãos.

Diz que Lúcifer os acusava de dia e de noite porque, na presença do eterno Pai e de toda a Santíssima Trindade, os acusou no dia da graça que ainda gozava, desprezando-os com soberba. Depois em a noite de suas trevas e de nossa queda, nos acusa muito mais, sem jamais cessar esta perseguição enquanto

o mundo existir.

Denominou força, poder e reino às obras e mistérios da Encarnação e morte de Cristo, porque tudo foi realizado mediante essa morte. Por ela manifestou a sua força e poder contra Lúcifer.

A economia da salvação

112. Esta foi a primeira vez que o Verbo, em nome da humanidade, intercedeu pelos homens ante o trono da Divindade. A nosso modo de entender, depois de conferir esta petição com as pessoas da Santíssima Trindade, o eterno Pai manifestou aos santos anjos parte do decreto formulado no divino consistório sobre estes mistérios.

Disse-lhes: - Lúcifer levantou o estandarte da soberba e do pecado e com toda a iniquidade e furor perseguirá ao gênero humano. Astutamente perverterá a muitos, manejando-os para destruí-los com a cegueira dos pecados e dos vícios. Nessa perigosa ignorância, em muitas épocas prevaricarão. Visto que a soberba, a mentira, qualquer pecado e vício distam infinitamente de nosso ser e vontade, façamos triunfar a virtude e santidade.

- Para esse fim, faça-se homem passível a Segunda Pessoa, acredite e ensine a humildade, obediência e demais virtudes, e opere a salvação dos homens. Sendo verdadeiro Deus, humilhe-se e trone-se menor, seja homem justo, modelo e mestre de toda santidade, e morra pela salvação de seus irmãos.

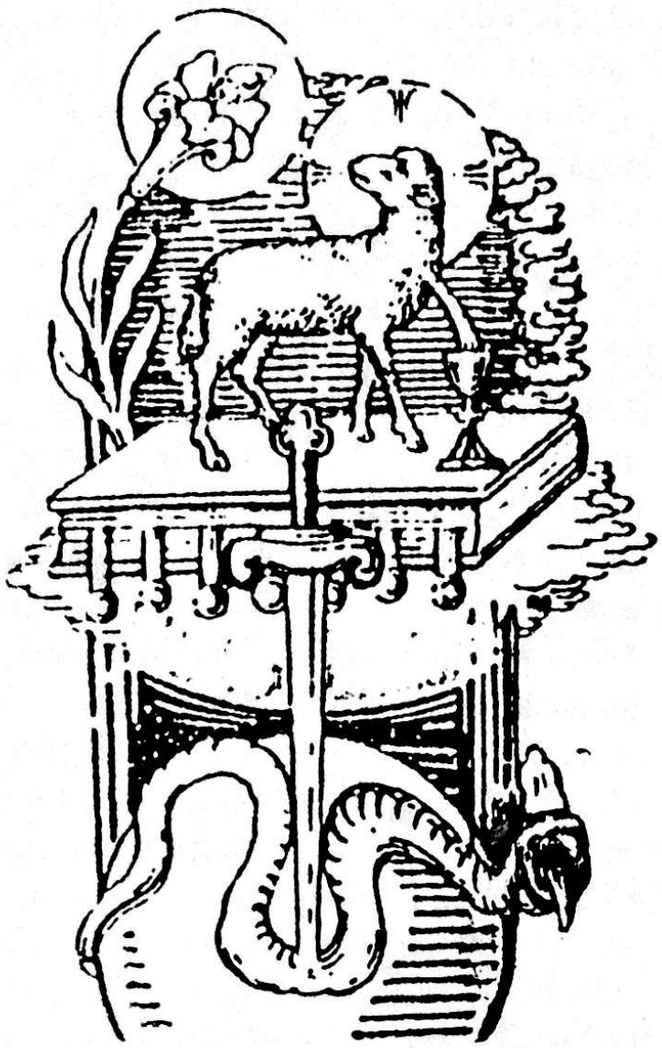
- Somente a virtude que sempre triunfa dos vícios seja recebida em nosso tribunal. Elevemos os humildes, e humilhemos os soberbos (**Mt 11, 28**). As tribulações e os padecimentos sejam por nós tidos como glória. Determinemos socorrer aos aflitos e sofredores. Corrijamos e provemos nossos amigos e, por este meio, alcancem nossa graça e amizade com a qual, conforme suas possibilidades, pratiquem a virtude e operem a própria salvação.

- Sejam bem-aventurados os que choram (**Mt 5, 3**), felizes os pobres, e os que padecerem pela justiça e seu chefe Cristo. Sejam exaltados os pequenos, engrandecidos os mansos de coração. Sejam amados, como nossos filhos, os pacíficos e nossos prediletos os que perdoarem e sofrerem as injúrias amando seus inimigos. Para todos reservemos copiosos frutos de bênçãos, de graças e prêmios de imortal glória no céu.

- Nosso Unigênito praticará esta doutrina e os que O seguirem serão nossos escolhidos, favorecidos, consolados e recompensados. Suas boas obras serão concebidas em nosso pensamento, causa primária da virtude.

- Permitamos que os maus oprimam aos bons e contribuam para sua coroa, enquanto para si mesmos merecem castigo. O bom verá escândalos (**Mt 18, 7**), mas infeliz quem os der, e bem-aventurado quem sofrer por não os seguir. Os arrogantes e soberbos aflijam e insultem os humildes, os grandes e poderosos oprimam aos pequenos e fracos e estes lhes dêem bênção em lugar de maldições (**1Cor 4,12-13**).

Enquanto forem viadores sejam reprovados pelos homens, para depois serem reunidos aos anjos nossos filhos, e gozarem dos tronos e prêmios que os infelizes condenados perderam. Sejam os obstinados e soberbos sentenciados à eterna morte, onde compreenderão seu estulto e insolente proceder.



O Redentor e os redimidos

113. - Para todos terem verdadeiro exemplar e superabundante graça, se dela quiserem aproveitar, desça nosso Filho passível. Redima os homens, a quem Lúcifer fará cair de seu feliz estado, levantando-os com seus infinitos merecimentos. Seja realizada agora a salvação em nossa vontade e determinação.

- O Redentor será salvador para merecer, e mestre para ensinar. Nascerá e viverá pobre, morrerá desprezado, condenado pelos homens à morte ignominiosa e afrontosa. Será julgado por pecador e réu, satisfará nossa justiça pela ofensa do pecado, e por seus méritos previstos usaremos de nossa misericórdia e piedade.

- Entendam todos que o humilde, o pacífico, o que praticar a virtude, sofrer e perdoar, este será imitador de nosso Cristo e será nosso filho. Quem quiser entrar em nosso reino deverá negar-se a si mesmo e levar sua cruz após seu chefe e Mestre (**Mt 10, 22**).

- Nosso reino será formado pelos perfeitos, que legitimamente houverem trabalhado e combatido até o fim. Estes terão parte no poder de nosso Cristo, agora estabelecido por ter sido rechaçado o acusador de seus irmãos (**Ap 17, 14**). Em triunfo, lavará e purificará os eleitos no seu sangue. Dele é a exaltação e a glória, porque somente Ele será digno de abrir o livro da Lei da graça (**Idem v. 9**). Será caminho, luz, verdade (**Jo 14, 6**) e vida para que os homens venham a Mim. Sozinho abrirá as portas do céu, sendo mediador (**1Tm 2, 5**) e advogado dos mortais que Nele terão pai e irmão (**Jo 2, 1**) para defendê-los do perseguidor e acusador. Quanto aos anjos, nossos filhos, que também operaram a salvação e virtude e defenderam o poder de meu Cristo, sejam coroados e honrados eternamente em nossa presença.

Ministério dos anjos

114. Esta voz que saiu do trono divino manifestou os mistérios escondidos (**Mt 13, 35**) desde a constituição do mundo e que seriam revelados pela doutrina e vida de Jesus Cristo. Saiu do trono, significando muito mais do que posso explicar.

Pela mesma voz foram ordenados aos santos anjos os ministérios que haviam de exercer: São Miguel e São Gabriel seriam embaixadores do Verbo Humanado e de Maria sua Mãe Santíssima, ministros para todos os mistérios da Encarnação e Redenção. Muitos outros anjos foram destinados para igual

4- nº 202 a 207

missão, como adiante direi [4]. A outros o Todo-poderoso ordenou que acompanhassem e assistissem às almas, inspirando-lhes e ensinando-lhes a santidade, e virtudes contrárias aos vícios que Lúcifer se propusera induzi-las. Que as defendessem e guardassem levando-as em suas mãos (**Sl 90, 12**), para que aos justos não ofendessem as pedras das ciladas e enganos armados por seus inimigos.

Predestinação dos escolhidos

115. Outras coisas foram decretadas nesta ocasião em que, diz o Evangelista, foi estabelecido o poder, a salvação, a força e o reino de Cristo.

Todavia, o que misteriosamente se realizou foi a predestinação dos escolhidos, contados e gravados na mente divina, graças aos merecimentos previstos de Jesus Cristo nosso Senhor.

Oh! mistério e segredo inescrutável passado no íntimo de Deus! Oh! feliz sorte para os escolhidos! Que momento importantíssimo! Que mistério tão digno da onipotência divina! Que triunfo do poder de Cristo! Infinitamente ditosos os membros que foram escolhidos para se unirem a tal Cabeça! Oh! grande Igreja, povo grave e congregação santa, digna de tal prelado e mestre!

Na consideração de tão alto mistério aniquila-se o pensamento humano, meu entendimento suspende-se e minha língua emudece.

A nova Lei da graça e a Igreja

116. Neste consistório das três divinas Pessoas, foi entregue ao Unigênito do Pai aquele misterioso livro de que fala o Apocalipse. Escrito, assinado e fechado com sete selos, como diz o Evangelista (**Ap 5, 7**) só o abriria quando assumisse carne humana. Então iria tirando os selos, por ordem, ao realizar todos os mistérios de sua vida, desde o nascimento até a morte.

O livro continha tudo o que a SS. Trindade decretou depois da queda dos anjos e se referia à encarnação do Verbo: a Lei da graça, os dez Mandamentos, os sete Sacramentos, todos os artigos da fé e quanto neles se contém: a estrutura da Igreja militante, sendo conferido ao Verbo humanado, sumo sacerdote e Pontífice Santo (**Hb 6, 20**), autoridade para comunicar o devido poder e necessários dons, aos Apóstolos e demais sacerdotes e ministros desta Igreja.

Origem divina da autoridade

117. Este foi o misterioso princípio da Lei Evangélica.

Naquele trono e consistório secretíssimo, instituiu-se e gravou-se na mente divina, que os inscritos no livro da vida seriam os que guardassem essa Lei. Daqui originou-se serem representantes ou vigários do Pai eterno, os Pontífices e prelados. Em Deus têm princípio os mansos, os pobres e humildes e todos os justos. Esta é sua nobilíssima ascendência, motivo pelo qual se diz que quem obedece aos superiores obedece a Deus (**Lc 10, 16**) e quem os despreza, a Deus despreza.

Tudo isto foi determinado na mente divina, sendo conferido a Cristo Senhor nosso o poder de, a seu tempo, abrir este livro que então se encontrava fechado e selado. À espera desse tempo, o Altíssimo outorgou seu testamento nas leis natural e escrita, através do testemu-

nho de suas divinas palavras e de misteriosos fatos. Revelou também aos patriarcas e profetas parte de seus segredos.

Triunfo dos justos

118. Por estes testemunhos e pelo sangue do Cordeiro é que *"os justos venceram* (**Ap 12, 11**)". Se bem que o Sangue de Cristo, Redentor nosso, foi suficiente e superabundante para todos os mortais vencerem o dragão, seu acusador, os testemunhos e palavras infalíveis de seus profetas são também de grande virtude e força para a salvação eterna.

Não obstante, é livremente que os justos cooperam com a graça a fim de que a Paixão, Redenção e Escrituras lhes sejam eficazes. Alcançam seus frutos vencendo-se a si mesmos e ao demônio. Não somente vencerão Satanás no que ordinariamente Deus manda e pede, mas com sua divina força e graça, chegarão até a dar a vida pelo Senhor e sua Lei (**Ap 6, 9**). Por este testemunho conquistarão a coroa e triunfo de Jesus Cristo, como fizeram os mártires na confissão e defesa da fé.

Alegria no céus

119. Por todos estes mistérios, acrescenta o texto: *Alegrai-vos ó céus e os que nele habitais* (**Ap 12, 12**).

Alegrai-vos porque sereis morada dos justos e do Justo dos justos, Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima.

Alegrai-vos ó céus, porque a nenhuma das criaturas materiais e inanimadas, a nenhuma coube maior sorte. Sereis a casa de Deus pelos séculos eternos, recebereis como vossa Rainha a criatura mais pura e santa que o poderoso braço do Altíssimo criou. Por isto, alegrai-vos ó céus e os que neles habitais, anjos e justos. Sereis companheiros e ministros deste Filho do Pai eterno e de sua Mãe, membros deste corpo místico cuja cabeça é o Cristo.

Alegrai-vos ó santos anjos, porque, pondo a serviço desses membros vossa defesa e custódia, adquiris prêmios de gozo acidental. Alegre-se particularmente São Miguel, príncipe da milícia celestial. Por haver lutado pela glória do Altíssimo e seus mistérios veneráveis, será ministro da Encarnação do Verbo e testemunha singular dos seus frutos até o fim dos tempos.

Com ele alegrem-se os seus aliados, defensores do nome de Jesus Cristo e de sua Mãe. Seus ministérios não os privarão do gozo da glória essencial que já possuem. Por todos estes divinos mistérios, regozijem-se os céus.



Maria, terra bendita não atingida pelo pecado

CAPÍTULO 10

TERMINA-SE A EXPLICAÇÃO DO CAPÍTULO 12 DO APOCALIPSE.

Ódio do demônio pelos filhos de Deus

120. *Ai da terra e do mar, porque o demônio desceu a vós com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo* (**v. 12**).

Ai da terra, onde tão inumeráveis pecados e maldades serão cometidos. Ai do mar, que vendo tais ofensas ao Criador, não lançou suas ondas para afogar os transgressores, vingando as injúrias do seu Criador e Senhor. Ai do mar profundo da endurecida maldade daqueles que seguiram o demônio que desceu até vós para guerrear-vos, com raiva tão inaudita e cruel que não tem semelhante!

Ira de ferocíssimo dragão e mais que leão devorador (**1Pd 5, 8**) que tudo pretende aniquilar, considerando curta toda a duração dos séculos para satisfazer seu ódio. Tanta é a sede e a ânsia de perder os mortais, que não lhe basta o tempo limitado de suas vidas. Sua fúria desejaria, se fosse possível, tempos intermináveis para combater os filhos de Deus. Enfurece-se especialmente contra aquela ditosa mulher que lhe há de esmagar a cabeça (**Gn 3, 15**). Por isto diz o Evangelista:

Ódio do demônio por Maria

121. *E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho varão* (**v. 13**).

Quando a antiga serpente viu o infelicíssimo lugar e estado em que caíra, abrasou-se mais no furor e inveja, à semelhança de um veneno que o atormentava.

Contra a mulher, Mãe do Verbo humanado, concebeu tal indignação que nenhuma língua nem entendimento humano pode explicar nem compreender.

Do que sucedeu imediatamente após ter sido este dragão precipitado nos infernos com seus exércitos de maldade, direi alguma coisa aqui, conforme me é possível, de acordo com o que me foi intelectualmente manifestado.

Vingança de Lúcifer

122. Durante a primeira semana referida pelo Gênesis, na qual Deus criaria o mundo e suas criaturas, Lúcifer e os demônios ocuparam-se em tramar mal-

dades contra o Verbo que se havia de humanar e contra a mulher de quem nasceria homem.

No primeiro dia que corresponde ao domingo, foram criados os anjos, sendo-lhes apresentadas as leis e preceitos que deviam obedecer.

Os maus desobedeceram transgredindo os mandatos do Senhor. Por divina disposição de sua providência, sucederam todas as coisas que acima foram ditas, até o segundo dia pela manhã, correspondente à segunda-feira, na qual Lúcifer e seu exército foram precipitados no inferno.

A esta duração de tempo corresponderam aquelas mórulas da criação dos anjos, seus atos, combates, quedas dos maus e glorificação dos bons.

No momento em que Lúcifer e seus sequazes inauguraram o inferno, reuniram-se todos para fazer um conciliábulo que durou até a quinta-feira pela manhã. Neste tempo empregou Lúcifer toda sua diabólica sabedoria e malícia em estudar e decidir com os demônios o modo para mais ofender a Deus, em vingança do castigo que lhes havia imposto.

A última conclusão a que chegaram, pelo que sabiam do amor que Ele teria aos homens, foi que a maior vingança e ofensa a Deus, seria impedir nas criaturas humanas os efeitos daquele amor. Para tanto, enganariam, persuadiriam e forçariam quanto possível, os homens a perderem a amizade e graça de Deus, tornando-os ingratos e rebeldes à vontade divina.

Lúcifer vinga-se de Deus, nas criaturas humanas

123. Nisto - dizia Lúcifer - temos que trabalhar, empregando toda nossa força, atenção e ciência. Arrastaremos as criaturas humanas para nosso ditame e vontade, a fim de perdê-las. Perseguiremos esta geração de homens e os privaremos do prêmio que lhes está prometido. Procuremos, com toda nossa vigilância, que não cheguem a ver a face de Deus, visão a nós, injustamente negada. Hei de obter contra eles grandes triunfos e tudo destruirei e submeterei à minha vontade. Semearei novas seitas, erros e leis, em tudo contrárias às do Altíssimo. Suscitarei entre esses homens, profetas e chefes que propaguem as doutrinas (**At 20, 30**) que eu semear e finalmente, para vingar-me do seu Criador, metê-los-ei comigo neste profundo tormento.

- Afligirei os pobres, oprimirei os aflitos, perseguirei os fatigados, semearei discórdias, causarei guerras, instigarei uns povos contra outros. Formarei soberbos e arrogantes, espalharei a lei do pecado, e quando por ela me hajam obedecido, sepultá-los-ei neste fogo eterno, sendo os lugares de maiores tormentos para aqueles que comigo mais se parecerem. Este será meu reino e a recompensa que darei aos meus servos.

Pretende vencer Cristo e Maria

124. Ao Verbo humanado farei guerra, ainda que seja Deus, pois também será homem de natureza inferior à minha. Elevarei meu trono e dignidade acima da sua, vencê-lo-ei e o derrubarei com meu poder e astúcia.

- A mulher que há de ser sua Mãe, perecerá em minhas mãos. Que representa para meu poder e grandeza uma só mulher? Vós, demônios, que

fostes ofendidos como eu, segui-me nesta vingança, assim como o fizestes na desobediência. Fingi que amais aos homens, para perdê-los; servi-os, para destruí-los e enganá-los. Ajudai-os com o fim de pervertê-los e traze-los a meus infernos.



Não há língua humana que possa explicar a malícia e furor deste primeiro conciliábulo, que Lúcifer armou contra o gênero humano que ainda nem sequer existia. Ali se forjaram todos os vícios e pecados do mundo; daí saíram a mentira, as seitas, os erros e toda a iniquidade originou-se daquele caos e abominável assembléia. Ao seu chefe servem todos quantos praticam a maldade.

Suplica permissão para tentar Cristo e sua Mãe

125. Terminado este conciliábulo, quis Lúcifer falar com Deus, e por seus altíssimos juízos lho permitiu o Senhor. Isto aconteceu no dia correspondente à quinta-feira, no modo como quando Satanás pediu licença para tentar a Jó (**Jó 1, 6**).

Disse ao Altíssimo: - Senhor, já que tua mão foi tão pesada para mim, castigando-me com tão grande crueldade, e tudo quanto te aprouve reservaste para os homens que pretendes criar; já que desejas exaltar e engrandecer tanto o Verbo humanado e por Ele beneficiar a mulher que será sua Mãe, com os dons que lhes preparas; faz justiça, e como me concedeste permissão para perseguir os demais homens, deixa-me também tentar e fazer guerra a este Cristo, Deus-homem e à mulher que será sua Mãe. Dá-me licença para nisto empregar todas minhas forças.

Outras coisas disse Lúcifer e se humilhou para pedir licença, apesar da humildade ser tão dura para sua soberba. Tão grandes lhe eram a ira e ânsias de conseguir o que desejava, que a elas abaixou sua mesma soberba. Uma maldade cedeu a outra, porquanto sabia que, sem licença do Senhor Todo-poderoso, nada poderia fazer. Para tentar a Cristo nosso Senhor e em particular, à sua Mãe Santíssima, humilhar-se-ia infinitas vezes para conseguir livrar sua cabeça de ser por Ela esmagada.

Resposta de Deus

126. Respondeu o Senhor: - Não deves, Satanás, solicitar por justiça essa permissão e licença, porque o Verbo humanado é teu Deus e Senhor Onipotente e supremo. Ainda que será também verdadeiro homem, tu és criatura sua.

- Se os demais homens pecarem e com isso se sujeitarem à tua vontade, o pecado não será possível para meu Unigênito humanado. Se escravizares os homens à culpa, Cristo há de ser santo

e justo, separado dos pecadores (**Hb 17, 26**) aos quais erguerá redimindo-os.

Quanto à mulher contra quem tanto te enfureces, ainda que há de ser pura criatura e filha de puro homem, já decidi preservá-la do pecado. Será sempre toda minha, e por nenhum título ou direito, em tempo algum, permito que tenhas parte nela.

Cristo e Maria não foram isentos da tentação

127. A isto replicou Satanás: - Que muito seja santa essa mulher, se nunca terá adversário que a persiga e incite ao pecado? Isto não é eqüidade, nem reta justiça, nem pode ser conveniente e louvável. Acrescentou Lúcifer outras blasfêmias com arrogante soberba.

O Altíssimo, porém, que tudo dispõe com infinita sabedoria lhe respondeu: - Dou-te licença para tentar a Cristo que nisto também será exemplo e mestre para os outros. Dou-te ainda, para perseguires esta mulher, mas não lhe tocarás a vida corporal. Quero que Cristo e sua Mãe não sejam isentos da tentação, mas possam ser provados por ti como os demais.

Alegrou-se o dragão com esta permissão mais do que com a que tinha para perseguir todo o gênero humano. Para executá-la determinou pôr maior cuidado do que em qualquer outra coisa, não se fiando de outro demônio, mas fazendo-o por si mesmo. Por isto diz o Evangelista:

A defesa de Maria

128. *O dragão perseguiu a mulher que deu à luz o filho varão.* Com a permissão que recebeu do Senhor, moveu inaudita guerra e perseguição àquela que supunha ser Mãe do Deus humanado. Em seus lugares falarei sobre essas lutas e pelejas [5]. Agora somente declaro que foram superiores a qualquer pensamento humano. Admirável foi também o modo de lhes resistir e gloriosamente vencer.

Diz que *para a mulher defender-se do dragão, foram-lhe dadas asas* (**Ap 12, 14**) *de uma grande águia a fim de voar para o deserto, ao lugar do seu retiro onde é sustentada por tempo e tempos.* Antes de começar este combate, a Virgem Santíssima foi preparada pelo Senhor com particulares dons e favores, representados nas duas asas: uma foi nova ciência infusa para penetrar grandes mistérios. A outra foi maior e mais profunda humildade, como em seu lugar explicarei [6]. Com estas duas asas levantou vôo para o Senhor, seu lugar, porque somente nele vivia. Vôou como águia real, sem jamais retroceder para o inimigo. Foi única neste vôo. Viveu abstraída das coisas terrestres e criadas, só com o Só, o fim último, a Divindade.

Nesta solidão foi alimentada por tempo e tempos. Alimentada com o dulcíssimo maná e manjar da graça, das palavras divinas e dos favores do Poderoso. Por tempo e tempos, porque recebeu este alimento durante toda sua vida e mais copiosamente naquele tempo, em que teve de sustentar maiores batalhas com Lúcifer, recebendo auxílios mais intensos e apropriados.

Também se entende por tempo e tempos, a eterna felicidade onde foram premiadas e coroadas as suas vitórias.

A perseguição diabólica cessou

129. *E por metade do tempo fora da presença da serpente* (**Ap 12,**

5- nºs 695 a 700; II parte 340 a 371; III parte nºs 451 a 528.

6- II parte nºs 335 a 339 e III parte nºs 4448 a 450.

14). Este meio tempo foram os anos em que a Virgem Santíssima permaneceu isenta da perseguição do dragão. Depois de o ter vencido nas lutas que com ele travou, por divina disposição, permaneceu triunfadora e livre delas. Foi-lhe concedido este privilégio, para gozar da paz e quietude que a vitória sobre o inimigo lhe merecera, como adiante direi [7]. Todavia, enquanto durou a perseguição, diz o Evangelista:

Maria não foi atingida pelo pecado

130. *E a serpente lançou de sua boca atrás da mulher, como um rio de água para fazer com que ela fosse arrebatada pela corrente; porém a terra ajudou a mulher e a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha lançado de sua boca* (**v. 15-16**). Contra esta divina Senhora empregou Lúcifer toda sua malícia e força, pois todos quantos foram por ele tentados lhe importavam menos que Maria Santíssima.

Semelhantes à força da correnteza de um grande e impetuoso rio, assim saíram com a máxima violência, da boca deste dragão, as mentiras, as maldades e as tentações contra a Virgem. A terra, porém, a ajudou, porque a terra do seu corpo e paixões, não foi maldita. Não participou daquela sentença e castigo fulminado por Deus contra nós, em Adão e Eva: que toda terra seria maldita (**Gn 3, 17-18**).

Produziria espinhos em lugar de frutos, ficando ferida em a natureza com o *"fomes peccati"* [8] que sempre nos provoca e combate. Dela se vale o demônio para a perdição dos homens. Encontra dentro de nós armas ofensivas contra nós mesmos. Valendo-se de nossas inclinações nos arrasta com aparente suavidade, deleite e falsas persuasões, para os objetos sensíveis e terrenos.

Maria, terra bendita

131. Maria Santíssima, porém, terra santa e bendita do Senhor, sem ser atingida pelo *"fomes"* nem outro efeito do pecado, não pôde correr perigo por parte da terra. Ao contrário, foi por ela favorecida com inclinações ordenadíssimas e submissas à graça. Assim, a terra abriu a boca e tragou o rio das tentações que o dragão inutilmente lançava, pois não encontrava matéria propícia nem estímulos para o pecado, como acontece nos demais filhos de Adão. Nestes, as terrenas e desordenadas paixões antes ajudam a produzir, do que a sorver este rio, porque nossas paixões e corrompida natureza sempre contradizem a razão e a virtude.

Vendo o dragão quão frustrados ficaram seus intentos contra aquela misteriosa mulher, continua o texto sagrado:

Vingança de Lúcifer

132. *E o dragão se indignou contra a mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência que guarda os mandamentos de Deus e retém o testemunho de Jesus Cristo* (**v. 17**). Completamente derrotado pela Rainha da criação, atormentado pela vergonha sua e de todo o inferno, o dragão bateu em retirada, decidido a fazer crua guerra às demais almas da geração e descendência de Maria Santíssima. São os fiéis assina-

7- III parte nº 526.

8- Fomes peccati, conjunto das más inclinações que ficaram no homem em conseqüência do pecado original (N. da T.)

lados com o testemunho e Sangue de Cristo no Batismo, observantes dos seus mandamentos.

Quando Lúcifer verificou que nada podia conseguir contra a cabeça da santa Igreja, Cristo Senhor Nosso e contra sua Mãe Santíssima, com maior intensidade voltou toda a sua ira, e seus demônios, contra os membros dessa Igreja.

Com especial indignação combate as virgens de Cristo, e trabalha por destruir a virtude da castidade virginal, semente escolhida e herança da castíssima Virgem Mãe do Cordeiro. Para tudo isso diz que:

A vaidade mundana

133. *Permaneceu o dragão sobre a areia do mar* (**v. 18**) que é a inconstante vaidade deste mundo, da qual o dragão se sustenta, comendo-a como feno (**Jó 40, 10**).

Tudo isto aconteceu no céu, e muitos pontos dos decretos divinos sobre os privilégios preparados para a Mãe do Verbo foram revelados aos anjos. Quanto a mim, fui pobre para expor o que entendi; porque a abundância de mistérios me tornou ainda mais desprovida de termos para a sua devida explicação.



Cristo e Maria ideados antes da criação

CAPÍTULO 11

NA CRIAÇÃO DE TODAS AS COISAS O SENHOR TEVE PRESENTE A CRISTO SENHOR NOSSO E SUA MÃE SANTÍSSIMA. ESCOLHEU E BENEFICIOU SEU POVO, E POR FIGURAS REPRESENTOU ESTES MISTÉRIOS.

Cristo e Maria, primeiras criaturas ideadas pelo Pai

134. No Capítulo VIII dos Provérbios (**Pr 8, 30**) diz a Sabedoria, falando de si mesma, que na criação de todas as coisas se achou presente com o Altíssimo, compondo-as todas.

Eu disse acima [9] que esta Sabedoria é o Verbo humanado que juntamente com sua Mãe Santíssima achava-se presente, quando Deus em sua mente divina determinava a criação do universo.

Naquele instante, estava não só o Filho com o Eterno Pai e o Espírito Santo na unidade da natureza divina, mas também a humanidade que havia de assumir, ocupando o primeiro lugar na criação prevista e ideada na mente divina do Pai. Com essa humanidade encontrava-se a de sua Mãe Santíssima de cujo puríssimo ventre a receberia.

Em Cristo e Maria estiveram previstas todas as demais obras e por causa deles, a nosso modo de falar, o Altíssimo sentiu-se mais empenhado a criar o restante das criaturas preparadas para o serviço do homem, do que o poderia desobrigar todo o gênero humano e até os anjos.

9- nº 54

Cristo e Maria, tipos da semelhança com Deus

135. Contemplava o Altíssimo seu Filho Unigênito humanado e sua Mãe Santíssima, como os modelos plasmados com a grandeza de sua sabedoria e poder. Eram os originais por onde seria copiada toda a linhagem humana. Deste modo, assemelhando-se a estas duas imagens da sua Divindade, todos os demais sairiam também semelhantes a Deus.

Criou, além disso, as coisas materiais, necessárias para a vida humana, com tal sabedoria, que muitas serviriam de símbolos para representar, de algum modo, aos dois principais objetos que principalmente Deus tinha em vista e a quem elas serviriam: Cristo e Maria.

Assim, formou os dois luminares do céu, sol e lua (**Gn 1, 16**) que, separando a noite e o dia, se assemelhariam ao sol de justiça, Cristo e a sua Mãe Santíssima, formosa como a lua (**Ct 6, 9**). Separam a luz e dia da graça, da noite das trevas do pecado. Com suas contínuas influências o sol ilumina a lua, e ambos a todas as criaturas, desde o firmamento com seus astros até as mais ínfimas em todo o universo.

O homem é criado para conhecer e amar a Deus

136. Criou as demais coisas, aumentando-lhes a perfeição por considerar que haviam de servir a Cristo e Maria Santíssima, e por eles aos demais homens. Antes de tirar a estes do nada, preparou-lhes deliciosa, abundante, segura e mais célebre mesa que a de Assuero (**Est 1, 3**). Como os havia de criar para sua alegria e convidá-los às delícias de seu conhecimento e amor, cortês e generoso Senhor não quis que o convidado esperasse. Ser criado e achar-se sentado à mesa do divino conhecimento e amor seria uma só coisa, não adiando o que tanto importava ao homem; o reconhecimento e louvor de seu Criador.

Criação de Adão e Eva semelhantes a Cristo e Maria

137. No sexto dia da criação (**Gn 1, 27**) formou e criou Adão na compleição física de 33 anos, idade em que Cristo havia de morrer, e tão parecido à sua humanidade santíssima, que no corpo era mínima a diferença, e a alma semelhante à sua quanto à natureza.

De Adão formou Eva, tão semelhante à Virgem que a reproduzia nas feições e em toda a pessoa. Contemplava o Senhor, com sumo agrado e benevolência, estes dois retratos dos originais que oportunamente criaria. Por causa destes lhes concedeu muitas bênçãos, como para se entreter com eles e seus descendentes, enquanto esperava o dia no qual havia de formar Cristo e Maria.

Inveja de Lúcifer pelos primeiros homens

138. Todavia, o feliz estado no qual Deus criara os dois primeiros pais do gênero humano durou muito pouco. Contra eles logo se despertou a inveja da serpente que espreitava a sua criação, apesar de que Lúcifer não pudera ver a formação de Adão e Eva como vira todas as outras coisas no momento de serem criadas. Não quis o Senhor mostrar-lhe a criação do homem, tampouco a formação de Eva da costela, e só os viu quando apareceram juntos.

Quando o demônio viu a admirável compleição da natureza humana, superior a todas as demais criaturas; a beleza das almas e também dos corpos de Adão e Eva; conhecendo o paternal amor que lhes votava o Senhor e que os fizera donos e senhores de toda a criação com promessas de vida eterna, enfureceu-se a ira deste dragão.

Não há língua que possa explicar a violência com que se agitou aquela besta feroz. Incitado pela inveja desejou tirar-lhes a vida e, como um leão o teria feito, se não fosse detido por outra força superior. Por este motivo, estudava e procurava modo para os rebelar contra o Altíssimo e derrubá-los da graça divina.

O demônio começa a observar Adão e Eva

139. Enganou-se Lúcifer porque, embora desde o princípio o Senhor lhe houvesse manifestado que o Verbo far-se-ia homem no seio de Maria Santíssima, não lhe declarou onde e como.

Por esta razão, lhe ocultou a criação de Adão e a formação de Eva, para que logo começasse a sentir a ignorância do mistério da encarnação e sua época. Como o ódio do demônio visava principalmente Cristo e Maria, começou a suspeitar se, por acaso, Adão teria saído de Eva, sendo ela a mãe, e ele o Verbo humanado. Esta sus-

peita crescia no demônio por sentir a força divina que o impedia atentar contra a vida deles. Mas, por outro lado, conheceu os preceitos que Deus lhes impôs. Descobriu-os ouvindo Adão e Eva falarem sobre isso.

Pouco a pouco se lhe desfazia a dúvida. Pôs-se a escutar as conversas dos dois pais, sondando sua natureza, começando logo, como faminto leão, a rodeá-los (**Pd 5, 8**), procurando entrada pelas inclinações que percebia em cada um deles. Antes, porém, de se desenganar totalmente, sempre vacilava entre o ódio contra Cristo e Maria e o temor de ser por eles vencido. Acima de tudo temia a vergonha de ser subjugado pela Rainha do céu, por ser ela pura criatura sem divindade.

Queda de Adão e Eva

140. Reparando, pois, no preceito que Adão e Eva receberam, armado com a mentira, entrou a tentá-los, começando com todo o esforço a contradizer a divina vontade. Não atacou primeiro o homem, e sim a mulher, porque viu que sua natureza era mais frágil e delicada e tinha certeza de que ela não era Cristo. Além disso alimentava contra ela extrema indignação, desde o sinal que havia visto no céu, e a ameaça que Deus lhe fizera por meio daquela mulher. Tudo isto o levou primeiro a acometer Eva e não Adão.

Antes de se mostrar, insuflou-lhe muitos pensamentos, vivas e desordenadas imaginações para encontrá-la perturbada e preparada. Como noutra parte já escrevi sobre isto, não me alongo aqui para dizer quão forte e cruelmente a tentou. Basta, agora, para meu intento, saber o que dizem as santas escrituras: que tomou a forma de serpente (**Gn 3, 1**) e falou à Eva que com ele imprudentemente entabulou conversa. De ouvi-lo e responder-lhe passou a lhe dar crédito, e daqui a violar o preceito. Por fim, persuadiu o marido que o violasse, para dano seu e de todos, perdendo eles e nós o feliz estado no qual os havia posto o Altíssimo.

Deus não abandonou o homem pecador

141. Quando Lúcifer viu a queda dos dois, e que a formosura interior da graça e justiça original de suas almas transformara-se na fealdade do pecado, foi incrível o alvoroço e triunfo que celebrou com seus demônios.

Não tardou, porém, seu desapontamento, porque conheceu quão misericordioso, ao contrário do que desejava, mostrou-se o amor divino com os dois delinqüentes. Deu-lhes tempo para fazer penitência com esperança do perdão e de sua graça, para o que iam se dispondo com dor e arrependimento.

Entendeu Lúcifer que lhes era restituída a formosura da graça e amizade com Deus, e estes efeitos da contrição enfureceram novamente todo o inferno.

A sentença que Deus fulminou contra os réus aumentou seu desgosto, por verificar que se enganara. Acima de tudo, o atormentou ouvir a renovação daquela ameaça que lhe fôra feita no céu: a mulher te esmagará a cabeça (**Gn 3, 15**).

Bons e maus

142. Multiplicaram-se os filhos de Eva depois do pecado, e este passou a servir de distinção entre bons e maus, escolhidos e réprobos; uns que seguem a Cristo nosso Redentor e Mestre; outros a Satanás. Os escolhidos seguem seu Chefe na fé, humildade, caridade,

paciência e todas as virtudes; e para vencerem são assistidos, ajudados e aperfeiçoados pela divina graça e dons que lhes mereceu o mesmo Senhor e Reparador de todos.

Os réprobos, porém, sem receberem estes benefícios e favores de seu falso caudilho, nem esperar outro prêmio mais que a pena e confusão eterna do inferno, seguem-no por soberba e presunção, ambição, torpezas e maldades introduzidas pelo pai da mentira e autor do pecado.

Abel e Caim, Jerusalém e Babilônia

143. Não obstante, a inefável benignidade do Altíssimo lhes deu sua bênção, para com ela crescerem e se multiplicar a estirpe humana (**Gn 4, 3**). Permitiu, porém, sua altíssima providência, que o primeiro parto de Eva herdasse as primícias do primeiro pecado no injusto Caim, e o segundo figurasse no inocente Abel, o reparador do pecado, Cristo Senhor nosso.

Assim, começou a revelá-lo na figura de sua pessoa e na imitação de seu espírito. No primeiro justo se inaugurou a lei de Cristo e sua doutrina, da qual todos os demais haviam de ser discípulos; padecendo pela justiça (**Mt 10, 21-22**), odiados e oprimidos pelos pecadores e réprobos, seus próprios irmãos. Em Abel estrearam-se a paciência, humildade e mansidão. Em Caim, a inveja e todas as maldades que cometeu em proveito do justo que as padeceu, e em prejuízo de si mesmo que aparentemente triunfou.

Começou deste modo o drama que o mundo apresentaria em seu crescimento, formado pelas duas cidades: Jerusalém para os justos e Babilônia para os réprobos, cada qual com seu chefe e cabeça.

O primeiro e o segundo Adão

144. Quis também o Altíssimo que o primeiro Adão, no modo de sua criação, fosse figura do segundo. Antes de Adão, lhe preparou o povo de todas as criaturas, das quais o fez senhor e cabeça. Antes de enviar seu Unigênito deixou passar muitos séculos, para que encontrasse na multiplicação do gênero humano, povo de quem havia de ser cabeça, mestre, e rei verdadeiro. Deste modo, não estaria um momento sem povo e súditos.

Esta é a ordem e harmonia maravilhosa com que tudo dispôs a Divina Providência, sendo posterior na execução o que fora anterior na intenção.

O povo escolhido

145. Adiantando-se os tempos, para o Verbo descer do seio do eterno Pai e vestir nossa mortalidade, escolheu, separou e preparou um povo nobilíssimo, tão admirável que nem antes nem depois houve outro. Nele formou uma linhagem ilustre e santa da qual o Verbo descenderia segundo a natureza humana. Não me detenho em referir esta genealogia (**Mt 1; Lc 3**) de Cristo Senhor Nosso por não ser necessário, tendo-a escrito os evangelistas. Digo apenas - louvando quanto posso ao Altíssimo - que em muitas ocasiões me foi mostrado o incomparável amor que teve a seu povo, os benefícios que lhe concedeu, os sacramentos e mistérios que nele encerrou, manifestados depois em sua santa Igreja. Jamais adormeceu nem dormitou, quem se constituiu por guarda de Israel (**Sl 120, 4**).

As riquezas espirituais do povo de Deus

146. Suscitou profetas e patriar-

cas santíssimos, que em figuras e profecias nos anunciassem de longe o que agora possuímos. Devemos venerá-los, conhecendo o apreço que eles fizeram da lei da graça, as ânsias e clamores com que a desejaram e pediram.

A este povo, Deus manifestou seu ser imutável por muitas revelações a nós legadas nas Escrituras, onde se encerram imensos mistérios, a cujo conhecimento devíamos chegar pela fé.

Todos foram cumpridos e confirmados pelo Verbo humanado, deixando-nos segura doutrina, e para sua Igreja, o alimento das Sagradas Escrituras.

Ainda que os profetas e justos daquele povo não puderam ver a Cristo, corporalmente, foi o Senhor liberalíssimo com eles, manifestando-se-lhes em profecias e movendo-lhes os afetos para que pedissem sua vinda e a redenção de todo o gênero humano.

A consonância e harmonia de todas estas profecias, mistérios e desejos dos antigos Padres, eram para o Altíssimo música suavíssima a ressoar no seu íntimo. Com ela - a nosso parecer - entretinha a espera e apressava o tempo para descer ao convívio dos homens.

O Gênesis

147. Para não me deter muito no que o Senhor me deu a conhecer sobre este assunto e para chegar ao que vou procurando - as preparações que fez este Senhor para enviar ao mundo o Verbo humanado e sua Mãe Santíssima - farei uma descrição sucinta, seguindo a ordem das divinas Escrituras.

O Gênesis contém o que respeita ao exórdio e criação do mundo para a linhagem humana; a divisão das terras e povos; o castigo e a restauração; a confusão das línguas e origem do povo escolhido; sua descida ao Egito e outros muitos e grandes mistérios declarados por Deus a Moisés. Por intermédio dele chegamos a conhecer o amor e justiça que, desde o princípio, Deus usou para trazer os homens ao seu conhecimento e serviço, e indicar o que havia determinado fazer no futuro.

Êxodo

148. O Êxodo contém o que sucedeu no Egito com o povo escolhido, as pragas e castigos que enviou para misteriosamente resgatá-lo. A saída e travessia do mar, a lei escrita dada com tantas preparações e prodígios e outros muitos mistérios que Deus operou para seu povo. Umas vezes afligindo seus inimigos, outras a eles, castigando a uns como juiz severo, corrigindo a outros como pai amantíssimo e ensinando-lhes a conhecer a utilidade das provações. Fez grandes maravilhas pela vara de Moisés, figura da cruz onde o Verbo humanado seria sacrificado como cordeiro, salvação para uns e ruína para outros (**Lc 2, 34**), assim como o era a vara.

No Mar Vermelho defendeu o povo com muralhas de água e nelas afogou aos seus perseguidores. Por todos estes mistérios ia tecendo a vida dos santos com alegria e pranto, trabalhos e consolações e com infinita sabedoria e providência neles reproduzia a futura vida e morte de Cristo Senhor nosso.

Levítico

149. No Levítico descreve e ordena muitos sacrifícios e cerimônias legais para aplacar a Deus. Significavam o sacrifício do Cordeiro oferecido por todos nós,

e que depois nós mesmos ofereceríamos a Deus, cumprindo-se então a realidade simbolizada naqueles sacrifícios figurativos.

Descreve também as vestes de Aarão, sumo sacerdote e figura de Cristo, ainda que este iria ser da ordem de Melquisedec, superior a Aarão (**Sl 109, 4**).

Números

150. Os Números contêm as estadas no deserto, simbolizando o que aconteceria com a santa Igreja, com o Verbo humanado, com sua Mãe Santíssima, e também com os demais justos. Sob diversos sentidos, tudo está compreendido naqueles sucessos da coluna de fogo, do maná, da pedra que verteu água, além de outros grandes mistérios contidos noutros acontecimentos. Inclui também os que pertencem às estatísticas e em tudo há profundos sacramentos.

Deuteronômio

151. O Deuteronômio é como uma segunda lei, não diferente mas redigida em outro estilo e mais apropriadamente figurativa da lei evangélica. Demorando, pelos ocultos juízos de Deus e a conveniência conhecida por sua sabedoria, a assumir a natureza humana, renovava e criava leis que se assemelhassem àquela que depois estabeleceria por seu unigênito Filho.

Josué

152. Jesus Navé ou Josué, atravessando o Jordão introduz o povo de Deus na terra da promissão e a reparte. Pelo seu nome e por suas grandes façanhas é expressiva figura de nosso Redentor.

Representou-o na destruição dos reinos que o demônio possuía, e na separação entre os bons e maus no último dia.

Os Juizes

153. Depois de Josué, estando já o povo na posse da terra prometida e desejada - que propriamente representa a Igreja adquirida por Jesus Cristo com o preço de seu sangue - vem o Livro dos Juizes. Deus os estabelecia para governar seu povo, e atuavam particularmente nas guerras. Devido aos contínuos pecados e idolatria, os israelitas eram atacados pelos filisteus e outros inimigos vizinhos, dos quais Deus os defendia e libertava, quando a Ele se convertiam pela penitência e emenda da vida.

Refere-se neste livro à ação de mulheres fortes e valorosas, como Débora julgando e libertando o povo de uma grande opressão; Jael, que também concorreu para a vitória. Todas estas história são expressas figuras e testemunhos do que se passa na Igreja.

Os Reis

154. Depois dos Juizes vêm os Reis, pedidos pelos israelitas, para no governo serem como os demais povos.

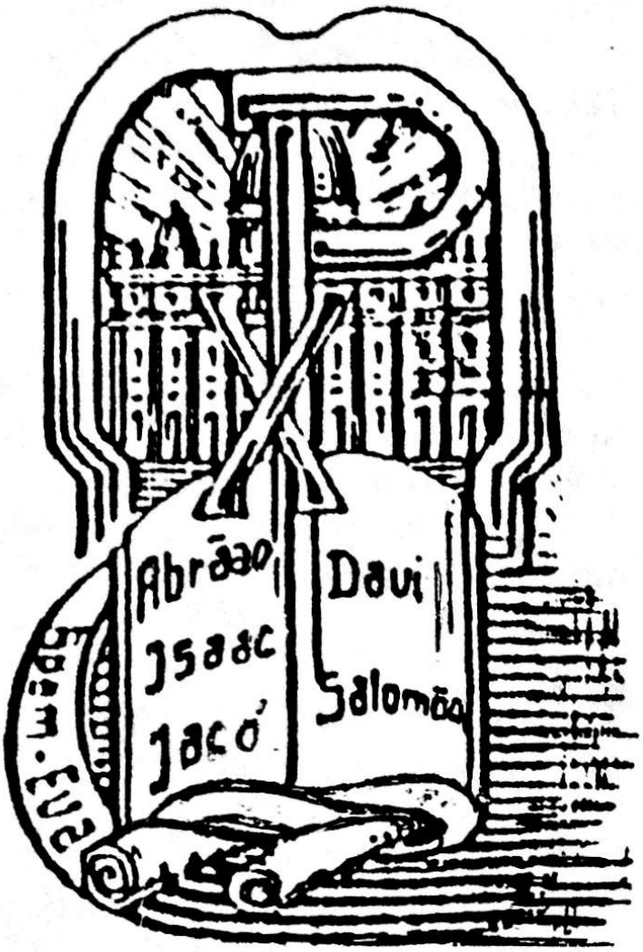
Contêm estes livros grandes mistérios da vinda do Messias.

Heli sacerdote e Saul rei, ambos tragicamente mortos, representam a reprovação da antiga lei.

Sadoc e David figuram o novo reino e sacerdócio de Jesus Cristo, com a Igreja e seu pequeno número de fiéis, em relação ao resto do mundo. Os outros reis de Israel e Judá, e seus cativeiros, figuram outros grandes mistérios da santa Igreja.

Jó

155. Por essas épocas existiu o pacientíssimo Jó, cujas palavras são muito misteriosas. Nenhuma há sem profundos mistérios da vida de Cristo nosso Senhor, da ressurreição dos mortos, do último juízo em nossa própria carne, da força e astúcia do demônio e seus ataques.



Acima de tudo, apresentou-o Deus como espelho de paciência aos mortais. Com ele aprendemos como padecer as tribulações depois da morte de Cristo que já presenciamos, pois antes dela existiu um santo, que só de o ver à grande distância no tempo, imitou-o com tanta paciência.

Os patriarcas e profetas

156. Nos muitos e grandes profetas que Deus enviou a seu povo no tempo dos reis - porque então havia mais necessidade deles - há numerosos mistérios. Por eles, o Altíssimo não omitiu revelar nenhum dos que pertenciam à vinda do Messias e sua Lei. Outro tanto fez, ainda que mais de longe, com os antigos pais e patriarcas. Tudo era multiplicar retratos e imagens do Verbo humanado e preparar-lhe o povo e a lei que devia ensinar.

Abraão

157. Nos três grandes patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, depositou grandes e valiosas graças para poder chamar-se Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Com este nome quis honrar a si e homenagear a eles, manifestando sua dignidade, excelentes virtudes e os sacramentos que lhes havia confiado.

Para fazer uma clara representação do que o eterno Pai executaria com seu Unigênito, provou Abraão mandando-o sacrificar Isaac (**Gn 22, 1**). Quando, porém, o obediente pai estava para fazer o sacrifício, impediu-o o mesmo Senhor que lho havia ordenado. Somente ao Pai eterno ficaria reservada a execução de tão heróico ato, imolando efetivamente seu Unigênito, o que somente em tentativa fez Abraão. Parece que nisto os ciúmes do amor divino foram tão fortes quanto a morte (**Ct 8, 6**).

Não convinha, entretanto, que tão expressa figura ficasse incompleta, e assim cumpriu-se o sacrifício quando Abraão imolou o carneiro, que também representava o Cordeiro que havia de tirar os pecados do mundo (**Jo 1, 29**).

Jacó

158. A Jacó mostrou aquela misteriosa escada cheia de significados (**Gn 28, 12**). O principal foi representar o Verbo divino humanado que, tendo do Pai desci-

do a nós, é caminho e escada por onde subimos a Ele.

Pelo Verbo humanado sobem e descem os anjos que nos iluminam, guardam, e nos levam em suas mãos, a fim de que não nos firam as pedras (**Sl 90, 12**) dos erros, heresias e vícios de que está semeado o caminho da vida mortal.

Por entre tais pedras, podemos subir seguros esta escada, por meio da fé e esperança, partindo da santa Igreja, casa de Deus, onde se encontra a porta do céu e da santidade.

Moisés

159. Para constituir Moisés chefe de seu povo e seu delegado junto ao Faraó, mostrou-lhe aquela mística sarça (**Êx 3, 2**) que ardia sem se consumir. Indicava profeticamente a Divindade encoberta pela nossa humanidade, sem que o humano derrogasse o divino, nem o divino destruísse o humano.

Juntamente com este mistério assinalava também a perpétua virgindade da Mãe do Verbo, não somente no corpo, mas também na alma. Não seria manchada nem ofendida, apesar de ser filha de Adão, vestida e formada daquela natureza queimada pela primeira culpa.

Davi

160. Suscitou também Davi, homem segundo seu coração (**1Rs 13, 14**), que pôde dignamente cantar as misericórdias do Altíssimo (**Sl 88, 1**). Encerrou em seus salmos todos os mistérios, não apenas da Lei da graça (**Sl 118, 18**) mas ainda da lei escrita e da lei natural.

Não cessava de falar dos testemunhos, juízos e obras do Senhor, porque os tinha no coração para os meditar dia e noite. No perdoar injúrias foi expressa imagem ou figura daquele que havia de perdoar as nossas, pelo que lhe foram feitas as mais claras e seguras promessas da vinda do Redentor do mundo.

Salomão

161. Salomão, rei pacífico, figura do verdadeiro Rei dos reis, manifestou sua grande sabedoria. Expôs em diversas composições escritas os mistérios de Cristo, especialmente nas metáforas dos Cânticos, onde encerrou os mistérios entre o Verbo humanado e sua Mãe Santíssima, entre a Igreja e os fiéis. Ensinou também regras de costumes, por diversos modos, e daquela fonte têm bebido as águas da verdade e vida outros muitos escritores.

Isaías e Jeremias

162. Quem, porém, poderá dignamente agradecer ao Senhor o benefício de nos haver dado, dentre seu povo, tão grande número de santos profetas, nos quais a eterna Sabedoria copiosamente derramou a graça da profecia? Iluminam a Igreja com tanta claridade, porque de mui distante começaram a anunciar o Sol de justiça e os raios que projetaria na Lei da graça, por meio de suas obras.

Os dois grandes profetas, Isaías e Jeremias, foram escolhidos para anunciar-nos, de modo sublime e suave, os mistérios da encarnação do Verbo, seu nascimento, vida e morte.

Isaías predisse (**Is 7, 14; 9,6**) que uma virgem conceberia e daria à luz um filho que se chamaria Emanuel, e que um pequenino nasceria para nós e leva-

ria seu império sobre os ombros. Falou sobre todo o resto da vida de Cristo com tanta clareza que sua profecia mais parece um Evangelho.

Jeremias falou (**Jr 31, 22**) sobre a novidade que Deus suscitaria no fato de uma mulher trazer um homem em seu seio; este homem só poderia ser Cristo, Deus e homem perfeito (**Tren 3**). Anunciou ainda sua vinda, paixão, opróbrios e morte.

Fico admirada e atônita na consideração destes profetas. Isaías (**Is 16, 1**) pede ao Senhor enviar o Cordeiro que há de conquistar o mundo, da pedra do deserto ao monte da Filha de Sião.

Este Cordeiro, o Verbo humanado, quanto à divindade, encontrava-se no deserto do céu. Chama-o deserto por lhe faltar os homens, e pedra pela segurança, firmeza e repouso eterno que goza. O monte para onde pede que venha, no sentido místico é a santa Igreja, e em primeiro lugar Maria Santíssima, filha da visão de paz, significado do monte Sião.

O profeta a interpõe por medianeira, para obrigar o Pai eterno a enviar o Cordeiro, seu unigênito. Em todo o resto do gênero humano, não havia quem o pudesse obrigar tanto como a previsão de tal Mãe. Ela daria a este Cordeiro a pele ou velo de sua humanidade Santíssima. Este é o conteúdo daquela comovente oração e profecia de Isaías.

Ezequiel, Habacuc, Joel

163. Ezequiel, também viu esta Virgem Mãe na figura ou metáfora daquela porta fechada (**Ez 44, 2**), somente para o Deus de Israel aberta, sem que nenhum outro homem passasse por ela.

Habacuc (**Cap. 13**) contemplou o Cristo Senhor nosso na cruz, e com profundas palavras profetizou os mistérios da redenção e os admiráveis efeitos da paixão e morte de nosso redentor.

Joel (**Jl 2, 28**) descreve a terra das doze tribos, figura dos doze apóstolos que seriam cabeça de todos os filhos da Igreja. Anunciou também a vinda do Espírito Santo sobre os servos e servas do Altíssimo, marcando o tempo da vinda de Cristo.

Os demais profetas contribuíram também nesses vaticínios, porque o Altíssimo quis que tudo ficasse dito, profetizando e figurando muito remota e copiosamente.

Estes fatos admiráveis deviam provar o amor e cuidado que Deus teve para com os homens, e como enriqueceu sua Igreja. Servem também de censura à nossa tibieza, pois aqueles antigos pais e profetas, somente com sombras e figuras inflamaram-se no divino amor, entoando cânticos de louvor e glória ao Senhor. Nós, entretanto, possuindo a verdade e o claro dia da graça, nos sepultamos no esquecimento de tantos benefícios, deixamos a luz e procuramos as trevas.



São Joaquim e Sant'Ana pais da Virgem Maria mãe de Jesus Cristo

CAPÍTULO 12

PROPAGADA A LINHAGEM HUMANA, CRESCERAM OS CLAMORES DOS JUSTOS PELA VINDA DO MESSIAS E AUMENTARAM TAMBÉM OS PECADOS. NESTA NOITE DA ANTIGA LEI, DEUS ENVIOU AO MUNDO DOIS LUZEIROS PARA ANUNCIAREM A LEI DA GRAÇA.

A época da vinda do Redentor

164. Cresceu grandemente em número a posteridade e linhagem de Adão. Multiplicaram-se os justos e injustos, as súplicas dos santos pela vinda do Redentor e os delitos dos pecadores para a desmerecer.

O povo do Altíssimo e o tempo para o Verbo se humanar, já estavam nas últimas disposições que a divina vontade neles preparara, para a vinda do Messias.

O reino do pecado nos filhos da perdição levara sua malícia quase até ao extremo, e chegara o tempo oportuno para o remédio. Aumentara a recompensa e os méritos dos justos e os profetas e santos padres jubilosamente reconheciam, na divina luz, estar próxima a salvação e a presença do seu redentor. Multiplicavam os clamores pedindo a Deus o cumprimento das profecias e promessas feitas a seu povo.

Ante o trono real da divina misericórdia representavam a longa noite (**Sb 17, 20**) que estava a transcorrer nas trevas do pecado, desde a criação do primeiro homem, e a cegueira das idolatrias em que se mergulhara o resto da humanidade.

O domínio do mal

165. A antiga serpente havia infeccionado com seu hálito todo o orbe, e parecia gozar tranqüilamente a posse dos mortais. Estes, desatinados da luz, quer da razão natural (**Rm 1, 20**), quer da antiga lei que poderiam ter conhecido, em lugar de procurar a verdadeira divindade inventavam muitas falsas. Cada qual fabricava um deus a seu gosto, sem perceber que a confusão de tantos deuses, mesmo para a perfeição, ordem e tranqüilidade, era repugnante.

Com estes erros, tornavam-se normais a malícia, a ignorância, e o esquecimento do verdadeiro Deus. Desconhecia-se a mortal enfermidade e letargia que o mundo estava a sofrer, sem que os míseros doentes nem abrissem a boca para suplicar o remédio. Reinava a soberba, o número dos néscios era incontável (**Eclo 1, 15**) e a arrogância de Lúcifer pretendia tragar as águas puras do Jordão (**Jó 40, 18**).

Quando, com estas injúrias, Deus era mais ofendido e menos obrigado pelos homens, e o atributo de sua justiça tinha tantas razões para aniquilar toda a criação fazendo-a voltar ao nada;

São Joaquim

166. Nesta ocasião - ao nosso modo de entender - o Altíssimo voltou sua atenção para o atributo da misericórdia e com a lei da clemência inclinou o peso de sua incompreensível equidade. Sentiu-se mais empenhado pelos clamores e serviços dos justos e profetas de seu povo, do que dispensado pelas ofensas e maldade de todo o resto dos pecadores.

Naquela tão densa noite da antiga lei, determinou dar sinais certos do dia da graça, enviando dois astros brilhantes que anunciassem a claridade já próxima do sol da justiça, Cristo nossa salvação.

Foram eles São Joaquim e Sant'Ana preparados e criados pela divina vontade, segundo a semelhança de seu coração.

São Joaquim tinha residência, família e parentes em Nazaré, povoado da Galiléia, e sempre foi homem justo e santo, ilustrado com especial graça e luz do alto.

Possuia compreensão de muitos mistérios das Escrituras e dos antigos profetas. Com oração contínua e fervorosa, pedia o cumprimento das promessas divinas, e sua fé e caridade penetravam os céus. Era homem humilíssimo e puro, de costumes santos e suma retidão, de grande peso e seriedade, de incomparável modéstia e honestidade.

Sant'Ana

167. A felicíssima Ana morava em Belém, era donzela castíssima, humilde, formosa, santa desde a infância, distinta e cheia de virtudes.

Recebeu também grandes e contínuas ilustrações do Altíssimo, e sempre exercitava a vida interior com altíssima contemplação. Ao mesmo tempo era muito ativa e laboriosa, alcançando a plenitude da perfeição das vidas ativa e contemplativa. Possuía conhecimento das divinas Escrituras e profunda inteligência de seus ocultos mistérios. Nas virtudes infusas, fé, esperança e caridade foi incomparável.

Preparada por estes dons, orava continuamente pela vinda do Messias. Seus rogos foram tão agradáveis ao Senhor para apressá-la, que se pode dizer, tinha-o ferido com um de seus cabelos (**Ct 4,9**). Sem dúvida alguma, os merecimentos de Sant'Ana entre os santos do Antigo Testamento, tiveram lugar de destaque para apressar a encarnação do Verbo.

Oração de Sant'Ana e São Joaquim

168. Esta mulher forte também rezou fervorosamente para o Altíssimo lhe conceder, no estado de matrimônio, esposo que a ajudasse na observância da divina lei e pudesse ser perfeita em guardar seus preceitos. Ao mesmo tempo que Sant'Ana fazia estas petições ao Senhor, ordenou sua providência que São Joaquim lhe dirigisse igual oração.

Unidas apresentaram-se estas preces no tribunal da beatíssima Trindade, onde foram deferidas. Em seguida, por disposição divina, ficou determinado que Joaquim e Ana tomariam estado de matrimônio e seriam pais da Mãe do mesmo Deus humanado.

Para se executar este decreto o santo anjo Gabriel foi enviado para manifestá-lo a ambos.

À Sant'Ana apareceu corporalmente, estando ela em fervorosa oração, pedindo a vinda do Salvador do mundo e a salvação dos homens. Viu o santo príncipe com grande formosura e luz, produzindo-lhe esta visão alguma perturbação e temor, ao mesmo tempo que júbilo

e iluminação interior. Prostrou-se a santa com profunda humildade para reverenciar o embaixador celeste. Este a impediu e animou, pois ela viria a ser guarda da arca do verdadeiro maná, Maria Santíssima, Mãe do Verbo eterno.

O santo Arcanjo já estava a par deste mistério quando foi enviado pelo Senhor nessa embaixada, apesar dos demais anjos ainda não o conhecerem, pois



só a S. Gabriel foi feita essa revelação ou iluminação direta por Deus. Tampouco manifestou o anjo à Sant'Ana, por enquanto, este grande mistério, mas pediu-lhe atenção e disse: O Altíssimo te abençôe e seja tua salvação. Sua Alteza ouviu tuas petições, e quer que perseveres nelas e supliques a vinda do Salvador. É sua vontade que recebas Joaquim por esposo, homem de coração reto e agradável aos olhos do Senhor, e em sua companhia poderás continuar na observância de sua divina lei e serviço.

Continua tuas orações e súplicas, e de tua parte não faças outra diligência, que o mesmo Senhor providenciará a realização de tudo. Caminha pelas sendas retas da justiça, e tua atenção interior seja sempre para as alturas. Pede continuamente a vinda do Messias, e alegra-te no Senhor que é tua salvação.

Com isto desapareceu o anjo, deixando-a ilustrada em muitos mistérios da Escritura, e com o espírito renovado e fortalecido.

Revelação a São Joaquim

169. A São Joaquim apareceu e falou o Arcanjo, não corporalmente como a Sant'Ana, mas em sonhos, compreendendo o homem de Deus que o Anjo lhe dizia o seguinte: Joaquim, bendito sejas pela divina destra do Altíssimo, persevera em teus desejos e vive com retidão e passos perfeitos. É vontade do Senhor que recebas Ana por tua esposa, pessoa abençoada pelo Todo-poderoso. Guarda-a e estima-a como presente do Altíssimo, e dá graças à sua Majestade por tê-la confiado a ti.

Em virtude destas divinas embaixadas, Joaquim logo pediu Ana por esposa, e o casamento realizou-se, obedecendo ambos à divina providência. Nem um deles, porém, manifestou ao outro o segredo do que lhes havia sucedido, até depois de alguns anos, como direi em seu lugar [10].

Viveram os dois santos esposos em Nazaré, procedendo e caminhando segundo as leis do Senhor. Com retidão e sinceridade agiam com grande perfeição, sem a menor falta e tornaram-se muito agradáveis e aceitos ao Altíssimo. Todos os anos dividiam suas rendas em três partes: a primeira ofereciam ao Templo de Jerusalém para o culto do Senhor; a segunda distribuíam aos pobres; e com a terceira

10- Parte I. nº 185.

sustentavam-se honestamente. Deus lhes aumentava os bens temporais, porque os distribuíam com tão generosa caridade.

Concórdia entre Joaquim e Ana

170. Viviam também, na mais completa paz e união sem a menor queixa ou rusga. A humilíssima Ana era em tudo submissa à vontade de Joaquim, e o homem de Deus em santa competição da mesma virtude, antecipava-se para conhecer a vontade da esposa, confiando nela **(Pr 31, 11)** e não ficando decepcionado. Deste modo viveram em tão perfeita caridade, que em toda a vida jamais discordaram, deixando um de querer o mesmo que o outro. Unidos **(Mt 18, 20)** em nome do Senhor, Deus e seu santo temor permaneciam com eles. Obedeceu e cumpriu S. Joaquim o mandato do anjo na estima e guarda de sua esposa.

Santidade de Ana

171. Preveniu o Senhor com preciosas bênçãos **(Sl 20, 4)** a santa matrona Ana. Comunicou-lhe altíssimos dons de graça e ciência infusa para dispô-la à felicidade que a esperava: tornar-se mãe da que seria do mesmo Senhor. Como as obras do Altíssimo são perfeitas e acabadas, foi lógico que a fizesse digna mãe da criatura mais pura na santidade, inferior só a Deus e superior a toda a criação.

Provação de Joaquim e Ana

172. Estes santos passaram casados vinte anos sem terem filhos, coisa que, naquela época e povo, considerava-se grande infelicidade e desgraça. Por esse motivo, sofreram muitos opróbrios e desprezos dos vizinhos e conhecidos, pois os que não tinham filhos eram reputados por excluídos de participarem na vinda do Messias esperado.

O Altíssimo, porém, querendo prová-los e dispô-los por meio desta humilhação para a graça que lhes reservava, também lhes deu paciência e conformidade para que semeassem, com lágrimas **(Sl 125, 5)** e orações, o ditoso fruto que depois haveriam de colher.

Fizeram ardentes súplicas do fundo do coração, tendo para isto especial ordem do alto. Prometeram ao Senhor, por voto, que se tivessem filhos, consagrariam ao seu serviço no templo, o fruto que de sua bênção recebessem.

Promessa de Joaquim e Ana

173. Esta promessa foi especial inspiração do Espírito Santo. Foi o meio para que Aquela que seria morada de seu Unigênito Filho, ainda antes de existir fosse oferecida e entregue por seus pais ao mesmo Senhor.

Se antes de conhecê-la e conviver com ela, não se tivessem obrigado por voto a oferecê-la ao Templo, vendo-a depois tão doce e aprazível criatura, não o poderiam fazer com tanta prontidão, pelo veemente amor que lhe teriam. Ao nosso modo de entender, esta promessa apaziguava os ciúmes do Senhor vendo sua Mãe Santíssima aos cuidados de outros, como também entretinha seu amor durante a espera de seu crescimento.

São Joaquim humilhado

174. Havendo perseverado um ano inteiro nessas fervorosas petições, desde que o Senhor assim lhe ordenara, aconteceu ir São Joaquim, por divina disposição, ao templo de Jerusalém oferecer

orações e sacrifícios pela vinda do Messias e pelo fruto que desejava. Chegando com outros conterrâneos para oferecer os costumeiros dons e oferendas na presença do sumo sacerdote, outro inferior chamado Isacar, repreendeu asperamente o venerável ancião Joaquim, por vir fazer ofertas com os demais, sendo infecundo. Disse-lhe entre outras coisas: - Joaquim, por que vens fazer ofertas, sendo homem inútil? Afasta-te dos demais e não irrites a Deus com tuas oferendas e sacrifícios que não são gratos a seus olhos.

O santo homem, envergonhado e confuso, com humilde e amoroso sentimento, voltou-se para o Senhor e lhe disse: - Altíssimo Deus eterno, por vossa ordem e vontade vim ao templo, mas quem está em vosso lugar me despreza. Meus pecados são a causa desta ignomínia! Aceito-a como vossa vontade, não desprezeis a obra de vossas mãos (**Sl 137, 8**).

Partiu Joaquim do templo, contristado, porém, sereno e em paz, para uma casa de campo ou granja que possuía. Ali, em solidão, durante alguns dias, clamou ao Senhor e fez esta oração:

Oração de São Joaquim

175. - Altíssimo Deus eterno, de quem depende a existência e a salvação da linhagem humana: prostrado ante vossa real presença, vos suplico digne-se vossa infinita bondade olhar a aflição de minha alma, e ouvir minhas petições e as de vossa serva Ana. A vossos olhos são conhecidos todos os nossos desejos (**Sl 37, 10**) e se eu não mereço ser ouvido, não desprezeis minha humilde esposa. Santo Deus de Abraão, Isaac e Jacó, nossos antigos pais, não afasteis vossa piedade de nós. Sois pai, não permitais que eu seja dos réprobos e excluído em minhas oferendas como inútil, por não me dardes filhos.

- Lembrai-vos, Senhor, dos sacrifícios (**Dt 9, 27**) e oblações de vossos servos e profetas, meus antigos pais, e tende presentes suas obras, gratas a vossos divinos olhos. Já que me ordenais, Senhor meu, pedir-vos com confiança como a poderoso e rico em misericórdias, concedei-me o que por Vós desejo e peço. Pedindo, faço vossa santa vontade que deseja me conceder o que peço, e se minhas culpas impedem vossas misericórdias, afastai de mim o que vos desagrada.

- Poderoso sois, Senhor Deus de Israel (**Est 13, 9**) e tudo quanto quereis podeis fazer, sem que nada vos impeça. Cheguem a vossos ouvidos minhas súplicas, porque se sou pobre e pequeno, Vós sois o Rei dos reis o Senhor dos senhores e todo poderoso. A vossos filhos e servos enchestes, Senhor, de dons e bênçãos em suas gerações. A mim me ensinais a desejar e esperar de vossa liberalidade o que fizestes a meus irmãos. Se for vosso beneplácito conceder meu pedido, oferecerei e consagrarei ao vosso serviço em vosso santo templo nossa descendência, fruto recebido de vossa mão. À vossa vontade entreguei minha mente e coração e sempre desejei afastar meus olhos da vaidade. Fazei de mim o que for de vosso agrado e alegrai, Senhor, nosso espírito com o cumprimento de nossa esperança. Olhai do vosso trono ao humilde pó, e levantai-o para que vos glorifique e adore, e em tudo cumpra-se vossa vontade e não a minha.

Oração de Sant'Ana

176. São Joaquim fez esta petição em seu retiro. Neste ínterim o santo anjo declarou a Sant'Ana que seria agradável

orar a Deus e pedir-lhe filhos, com o santo afeto e intenção com que os desejava.

Conhecendo a santa matrona ser essa a divina vontade, como também a de seu esposo Joaquim, com humilde submissão e confiança, na presença do Senhor, orou conforme lhe era ordenado, e disse: - Deus Altíssimo, Senhor meu, Criador e conservador de todas as coisas, a quem minha alma reverencia e adora como a Deus verdadeiro, infinito, santo e eterno: prostrada em vossa real presença falarei, ainda que seja pó e cinza (**Gn 18, 27**), expondo minha necessidade e aflição.

- Senhor Deus incriado, tornai-nos dignos de vossa bênção, dando-nos fruto abençoado para oferecer a vosso serviço em vosso templo (**1Rs 1**). Lembrai-Vos Senhor meu, que Ana, vossa serva, mãe de Samuel, era estéril e com vossa liberal misericórdia alcançou o cumprimento de seus desejos. Sinto em meu coração uma força que me anima a pedir-vos façais comigo esta misericórdia. Ouvi, pois, dulcíssimo Senhor e dono meu, minha súplica e lembrai-vos dos serviços, oferendas e sacrifícios de meus antigos pais e os favores que lhes concedeu o poderoso braço de vossa onipotência.

- Quisera, Senhor, oferecer oblação agradável e aceitável a vossos olhos, porém, a maior que posso, é minha alma com as potências e sentidos que me destes e todo o meu ser. Se, olhando-me do vosso real trono, me concederdes descendência, desde já a consagro e ofereço para vos servir no templo. Senhor Deus de Israel, se for de vossa vontade e agrado olhar esta pobre e vil criatura e consolar vosso servo Joaquim, concedei-nos esta graça e em tudo cumpra-se vossa santa e eterna vontade.

177. Foram estas as súplicas feitas pelos santos Joaquim e Ana. Da inteligência que delas tive e da santidade incomparável destes felizes pais, não posso, por minha ignorância e incapacidade, dizer quanto sinto e conheço. É me impossível referir tudo, nem é necessário, pois o que fica dito é suficiente para meu escopo. Para se ter altos conceitos destes Santos, basta medi-los pelos altíssimos fins e mistérios para os quais foram escolhidos por Deus: serem avós imediatos de Cristo Senhor nosso e pais de sua Mãe Santíssima.

CAPÍTULO 13

O SANTO ARCANJO GABRIEL ANUNCIOU A CONCEPÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA. SANT'ANA FOI PARA ISSO PREPARADA POR DEUS, COM ESPECIAL GRAÇA.

Os princípios da Redenção

178. Os rogos dos santos Joaquim e Ana chegaram à presença e trono da beatíssima Trindade, sendo aceitos.

Foi manifestada aos santos anjos a vontade divina, como se - a nosso modo de entender - as três pessoas divinas assim lhes falassem: - Por nossa dignação determinamos que a pessoa do Verbo assuma a natureza humana, e que nela repare a linhagem dos mortais. A nossos servos e profetas assim revelamos e prometemos para que eles o anunciassem ao mundo. Os pecados dos viventes e sua malícia é tanta que nos obriga a executar o rigor de nossa justiça. Nossa bondade e misericórdia, porém, excede a todas as suas maldades que não podem extinguir nossa caridade.

- Consideremos as obras de nossas mãos, que criamos à nossa imagem e semelhança, para serem herdeiros e participantes de nossa eterna glória (**1Pd 3, 22**). Atendamos aos serviços e agrados de nossos servos e amigos e aos muitos que hão de existir, grandes em nosso louvor e complacência. Ponhamos ante nossos olhos especialmente aquela que será nossa eleita entre milhares, agradável acima de todas as criaturas, destinada para nossa delícia e beneplácito e que em suas entranhas há de receber a pessoa do Verbo, para vesti-lo da mortalidade da natureza humana. Já que se deverá começar esta obra, pela qual manifestaremos ao mundo os tesouros de nossa Divindade, agora é o tempo aceitável e oportuno para a realização deste mistério.

- Joaquim e Ana encontraram graça a nossos olhos, porque piedosamente os prevenimos com a virtude de nossos dons e graças. Ao provarmos sua perfeição foram fiéis e suas almas puras e singelas tornaram-se agradáveis e aceitas em nossa presença.

- Ide, Gabriel, nosso embaixador, anunciar-lhes notícias de alegria, para eles e para toda a estirpe humana, e participai-lhes como nossa dignação os contemplou e escolheu.

São Gabriel anuncia a conceição de Maria

179. Conheceram os espíritos celestiais esta vontade e decreto do Altíssimo. O santo arcanjo Gabriel adorou

e reverenciou Sua Alteza, na forma como fazem aquela puríssimas e espirituais substâncias, humilhado ante o trono da beatíssima Trindade, do qual saiu uma voz intelectual que lhe disse: - Gabriel, esclarece, reanima e consola Joaquim e Ana, nossos servos, e dize-lhes que suas orações chegaram a nossa presença e seus rogos foram ouvidos por nossa clemência. Promete-lhes que receberão descendência com a graça de nossa destra, e que Ana conceberá e dará à luz uma filha a quem damos o nome de Maria.

Embaixada de São Gabriel

180. Com esta ordem, foram revelados ao arcanjo São Gabriel muitos mistérios dos que pertenciam a esta embaixada. Imediatamente desceu do céu empíreo e apareceu a São Joaquim que estava em oração, e lhe disse: - Homem justo e reto, o Altíssimo, de seu trono viu teus anseios, ouviu tuas súplicas e gemidos e torna-te feliz na terra. Tua esposa Ana conceberá e dará à luz uma filha que será bendita entre as mulheres (**Lc 1, 42-48**) e as nações chamá-la-ão bem-aventurada.

Aquele que é Deus eterno, incriado e criador de tudo, retíssimo em seus juízos, poderoso e forte, envia-me a ti, porque lhe foram aceitas tuas obras e esmolas. A caridade comove o coração do Todo-poderoso e apressa suas misericórdias. Quer liberalmente enriquecer tua casa e família com a filha que Ana conceberá, e a quem o mesmo Senhor dá o nome de Maria. Desde sua infância lhe deverá ser consagrada no templo, conforme lhe haveis prometido. Essa filha, na vida e obras, será prodigiosa, grande, escolhida, poderosa, cheia do Espírito Santo, e pela esterilidade de Ana, milagrosamente concebida.

Louva, Joaquim, ao Senhor por este benefício, glorifica-o, pois com nenhuma outra nação fez tal coisa. Irás dar graças no templo de Jerusalém, e em prova de que te anuncio esta alegre e verdadeira notícia, encontrarás na porta Áurea tua irmã Ana que pelo mesmo motivo irá ao templo. Advirto-te que esta embaixada é maravilhosa, porque a concepção desta Menina alegrará o céu e a terra.

São Joaquim recebe a mensagem do Anjo

181. Tudo isto aconteceu a S. Joaquim durante o sono que lhe sobreveio numa longa oração. Nele recebeu a embaixada, do mesmo modo como depois foi revelado a São José, esposo de Maria Santíssima, ser a gravidez de sua esposa obra do Espírito Santo (**Mt 1, 20**).

Despertou o ditosíssimo São Joaquim com especial júbilo na alma, e com discreta prudência ocultou em seu coração o segredo do Rei (**Tb 12, 7**). Com viva fé e esperança derramou seu espírito na presença do Altíssimo, e repleto de ternura e gratidão, deu-lhes graças e louvou seus inescrutáveis juízos. Para melhor fazê-lo foi ao templo, segundo lhe fôra ordenado.

Oração de Sant'Ana

182. Na mesma hora em que isto sucedeu a São Joaquim, encontrava-se a ditosa Sant'Ana em altíssima oração e contemplação. Estava toda elevada no Senhor e no esperado mistério da Encarnação do Verbo eterno, do qual o mesmo Senhor lhe dera altíssimas inteligências e especialíssima luz infusa.

Com profunda humildade e viva fé, pedia a sua Majestade apressar a vinda do Redentor do gênero humano, fazendo

esta oração: Altíssimo Rei e Senhor de toda a criação, eu vil e desprezível criatura, porém obra de vossas mãos, desejara, dando a vida que de Vós recebi, obrigar vossa dignação a abreviar o tempo de nossa salvação! Oh! se vossa infinita piedade se inclinasse para nossa necessidade! Oh! se nossos olhos já pudessem ver o Reparador e Redentor dos homens!

Lembrai-vos, Senhor, das antigas misericórdias que fizestes a vosso povo prometendo-lhe vosso Unigênito, e obrigue-vos a determinação de vossa infinita piedade. Chegue já este dia tão desejado! É possível que o Altíssimo desça de seu santo céu? É possível que tenha Mãe na terra? Que mulher será tão feliz e bem-aventurada? Oh! quem pudera vê-la! Quem fôra digna de servir às suas servas! Bem-aventuradas as gerações que a virem podendo prostrar-se a seus pés para venerá-la! Que deliciosa será sua vista e conversação! Felizes os olhos que a virem, os ouvidos que ouvirem suas palavras, e a família escolhida pelo Altíssimo para nela ter sua Mãe! Execute-se já, Senhor, este decreto, cumpra-se já vosso divino beneplácito.

Semelhanças entre a anunciação da concepção de Maria e a de Cristo

183. Nesta oração e colóquios estava ocupada Sant'Ana, depois das inteligências que recebera sobre este inefável mistério. Conferia suas reflexões com o seu anjo da guarda que, muitas vezes por esse tempo, se lhe manifestou com mais clareza.

Dispôs o Altíssimo que a embaixada da concepção de sua Mãe Santíssima, fosse de algum modo semelhante a que mandaria mais tarde para sua inefável Encarnação.

Sant'Ana estava meditando, com humilde fervor, naquela que deveria ser a mãe da Mãe do Verbo encarnado, e a Virgem Santíssima fazia os mesmos atos para a que havia de ser Mãe de Deus, como em seu lugar direi [11].

As duas embaixadas foram desempenhadas pelo mesmo anjo, em forma humana, ainda que com mais bela e misteriosa figura à Virgem Maria.

Mensagem de São Gabriel à Sant'Ana

184. Mais formoso e refulgente que o sol, entrou o santo arcanjo Gabriel à presença de Sant'Ana e disse-lhe: - Ana, serva do Altíssimo, sou anjo do conselho de sua Alteza, enviado das alturas por sua divina dignação que olha aos humildes na terra (**Sl 137, 6**). Boa é a oração incessante e a confiança humilde. O Senhor ouviu tuas súplicas, porque está perto (**Sl 144, 18**) dos que o chamam com viva fé e esperança, aguardando com resignação serem atendidos. Se adia o cumprimento de seus clamores, e se tarda em conceder as petições dos justos, é para melhor prepará-los e obrigar-se a lhes dar muito mais do que pedem e desejam. A oração e a esmola abrem os tesouros do Rei onipotente (**Tb 11,8-9**) e o inclinam a ser rico em misericórdias com os que o rogam.

Tu e Joaquim pedistes descendência e o Altíssimo determinou dar-vos admirável e santa, e por ela enriquecer-vos de dons celestiais, concedendo-vos muito mais do que Lhe pedistes. Porque vos humilhastes em pedir, o Senhor quer glorificar-se atendendo vossas súplicas. A criatura lhe é muito agradável quando roga humilde e confiante, não limitando seu poder infinito.

Persevera na oração e pede sem cessar a salvação da linhagem humana,

11- Parte II, nº 117.

para inclinar o Altíssimo. Moisés, com oração contínua, alcançou vitória do povo (**Êx 17, 11**). Ester com oração e confiança obteve libertação da morte (**Est 4, 11**). Judite pela mesma oração foi destemida em ação tão difícil (**Jd 9,1; 13,6**) como a que executou para defender Israel, apesar de ser débil mulher. Davi (**1Rs 17, 45**) saiu vitorioso contra Golias, porque orou invocando o nome do Senhor (**3Rs 18, 36**). Elias obteve fogo do céu para seu sacrifício, e com a oração abria e fechava os céus.

- A humildade, a fé e as esmolas de Joaquim e as tuas chegaram ao trono do Altíssimo, e Ele enviou-me, seu anjo, para te dar alegres notícias para teu espírito. Quer sua Alteza que sejas ditosa e bem-aventurada e escolhe-te para mãe daquela que há de conceber e dar à luz o Unigênito do Pai. Terás uma filha que por divina ordenação se chamará Maria. Será bendita entre as mulheres, cheia do Espírito Santo (**3Rs 18, 44**), a nuvem que derramará o rocio do céu para refrigério dos mortais, e nela se cumprirão as profecias de vossos antigos pais. Será a porta da vida e a salvação dos filhos de Adão.

- Adverte que, revelando a Joaquim que terá uma filha ditosa e bendita, o Senhor reservou o mistério, não lhe manifestando que será Mãe do Messias. Por isto deves guardar este segredo. Irás logo ao templo dar graças ao Altíssimo por que tão liberalmente te favoreceu com sua poderosa destra, e na porta Áurea encontrarás Joaquim com quem conferirás estas mensagens.

- A ti, bendita do Senhor, quer sua grandeza ainda visitar e enriquecer com seus mais singulares favores. Na soledade te falará ao coração (**Os 2, 14**) e dará origem à lei da graça, formando em teu seio àquela que há de vestir de carne mortal ao imortal Senhor, dando-lhe forma humana. Com o sangue desta humanidade unida ao Verbo, será escrita a verdadeira lei de misericórdia (**Hb 9, 11**).

Alegria de São Joaquim e Sant'Ana

185. Para que o humilde coração de Sant'Ana não desfalecesse com a admiração e júbilo produzidos por esta embaixada do santo anjo, foi confortada pelo Espírito Santo. Assim, a ouviu e recebeu com grandeza de ânimo e incomparável alegria.

Dirigiu-se logo ao templo de Jerusalém onde encontrou S. Joaquim, como o anjo havia dito. Juntos deram graças ao Autor desta maravilha, oferecendo especiais dons e sacrifícios.

Novamente iluminados pela graça do divino Espírito, e cheios de consolação divina, voltaram para casa. Iam falando sobre os favores que haviam recebido do Altíssimo e como o santo arcanjo Gabriel se comunicara com cada um em particular, prometendo-lhes da parte do Senhor uma filha que seria muito ditosa e bem-aventurada.



Nesta ocasião revelaram um ao outro como antes de tomarem estado de matrimônio, o mesmo santo anjo por ordem de Deus lhes mandara que se unissem e juntos servissem a Deus. Haviam guardado este segredo durante vinte anos, sem o revelar mutuamente, até que o mesmo anjo lhes prometeu o nascimento da filha.

Fizeram novamente voto de oferecê-la ao templo, e que todos os anos naquele dia, ali iriam passá-lo em louvores e ações de graças, oferecendo especiais sacrifícios e esmolas. Assim o cumpriram depois, com grandes cânticos de louvores ao Altíssimo.

186. Nunca revelou a prudente matrona, quer a São Joaquim, quer a qualquer outra criatura, que sua filha seria a Mãe do Messias. Durante toda a sua vida, o santo progenitor soube apenas que ela seria grande e misteriosa mulher. Nos últimos instantes antes de sua morte, porém, o Altíssimo lho revelou, como direi em seu lugar [12].

Grande inteligência me foi dada sobre as virtudes e santidade dos pais da Rainha do céu. A fim de chegar ao assunto principal não me demoro mais em falar sobre o que todos os fiéis devem supor.

Revelação a Sant'Ana

187. Depois da primeira concepção do corpo da Mãe da graça, e antes de criar sua alma santíssima, Deus concedeu singular favor a Sant'Ana. Por modo altíssimo e intelectual, teve uma visão de Sua Majestade, dele recebendo grandes inteligências e graças, para prepará-la com graças especiais (**Sl 20, 4**). Purificou-a, espiritualizou-a e elevou sua alma e espírito de tal modo que, desde aquele dia, nenhuma coisa humana a impediu de permanecer na presença de Deus com todo o afeto de sua mente e vontade.

Disse-lhe o Senhor nesta ocasião: - Ana, minha serva, Eu sou o Deus de Abraão, Isaac e Jacó; esteja contigo minha luz e bênção eterna. Criei o homem para elevá-lo do pó e fazê-lo herdeiro de minha glória e participante de minha divindade. Ainda que nele coloquei muitos dons, dando-lhe lugar e estado muito perfeito, ele tudo perdeu por dar ouvidos à serpente. Só por minha vontade, esquecendo sua ingratidão quero reparar seus males, cumprir o que a meus servos e profetas prometi, e enviar-lhes meu unigênito e seu Redentor.

Os céus estão fechados, os antigos pais aprisionados, impedidos de ver a minha face e gozar o prêmio de minha eterna glória. Deste modo, a propensão de minha infinita bondade está como coagida por não se comunicar ao gênero humano. Quero já usar com ele de minha liberal misericórdia, e dar-lhe a pessoa do eterno Verbo para fazer-se homem, nascendo de mulher que seja mãe e virgem imaculada, pura, bendita e santa sobre todas as criaturas. Desta minha eleita (**Ct 6, 8**) e única faço-te mãe.

Resposta de Sant'Ana

188. Os efeitos que estas palavras produziram no cândido coração de Sant'Ana, não os posso facilmente explicar. Foi a primeira dos mortais a quem se revelou o mistério de que sua filha santíssima seria Mãe de Deus, e de seu seio nasceria a eleita para realizar o maior mistério do poder divino. Convinha que assim ela o conhecesse, pois a haveria de dar à luz e criar, e deveria saber estimar o tesouro que possuía.

Ouviu com profunda humildade a voz do Altíssimo, e com submisso coração

12- Adiante nº 669.

respondeu: - Senhor, Deus eterno, é próprio de vossa imensa bondade, e obra de vosso poderoso braço elevar do pó a quem é pobre e desprezado (**Sl 112, 7**). Reconheço-me, altíssimo Senhor, indigna de tais misericórdias e benefícios. Que fará este vil bichinho em vossa presença? Somente posso oferecer, em agradecimento, vosso mesmo ser e grandeza, e em sacrifício, minha alma e potências.

Disponde de mim, Senhor, à vossa vontade, pois a ela me entrego inteiramente. Eu quisera ser tão dignamente vossa, como exige esta graça; mas que farei, pois não mereço ser escrava daquela que será Mãe de vosso Unigênito e minha filha? Assim o reconheço e confessarei sempre. Entretanto, aos pés de vossa grandeza, espero que useis comigo de vossa misericórdia, pois sois Pai piedoso e Deus onipotente. Tornai-me, Senhor, como me desejais, de acordo com a dignidade que me dais.

189. Esta visão foi recebida por Sant'Ana num maravilhoso êxtase, no qual lhe foram concedidas altíssimas inteligências das leis natural, escrita e evangélica. Conheceu como a divina natureza do Verbo eterno se uniria à nossa, e como a humanidade santíssima seria elevada ao ser de Deus, e outros muitos mistérios dos que seriam realizados na encarnação do Verbo divino. Com estas ilustrações e outros divinos dons



de graça, o Altíssimo a preparou para a concepção e a criação da alma de sua filha santíssima e Mãe de Deus.

CAPÍTULO 14

O ALTÍSSIMO REVELOU AOS SANTOS ANJOS O TEMPO DETERMINADO PARA A CONCEPÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA. OS QUE NOMEOU PARA SEUS CUSTÓDIOS.

Tudo foi feito para a glória de Deus

190. No tribunal da divina vontade, princípio necessário e causa universal de tudo o que existe, decretam-se e determinam-se todas as coisas que hão de ser, com suas condições e circunstâncias, sem nada ser esquecido. Depois de estar tudo determinado, nenhum poder criado o poderá impedir. Todos os orbes e seus moradores dependem deste inefável governo, que a todos acode em colaboração com as causas naturais, sem jamais haver faltado nem poder faltar o mínimo necessário.

Tudo foi feito por Deus que o sustentará só por seu querer, e dele depende conservar a existência que deu a todas as coisas, ou aniquilá-las devolvendo-as ao nada de onde as tirou.

Todavia, como tudo criou para glória sua e do Verbo humanado, desde o princípio da criação foi dispondo os caminhos a abrindo as sendas por onde o mesmo Verbo descesse a tomar carne humana. Viria conviver com os homens e ser o caminho para eles subirem a Deus, procurando-o, conhecendo-o, temendo-o, servindo-o, amando-o, para depois louvá-lo e gozá-lo eternamente.

Criação de Maria

191. Admirável tem sido seu nome em toda a terra (**Sl 8, 11**) e enaltecido na plenitude e congregação dos santos, com os quais organizou um povo digno, do qual o Verbo fosse cabeça.

Quando tudo estava na última e conveniente disposição que sua providência quis estabelecer, chegou o tempo marcado para criar a maravilhosa mulher vestida de sol (**Ap 12, 1**), aparecida no céu e que alegraria e enriqueceria a terra. Para formá-la decretou a Santíssima Trindade o que entendi e manifestarei com minhas curtas razões e pobres conceitos.

Maria, tipo da humanidade idealizada por Deus

192. Ficou dito acima[1] que para Deus não há passado nem futuro, porque tudo vê presente em sua mente infinita, e tudo conhece com um ato simplicíssimo. Transpondo-o, porém, aos nossos termos e modo de entender, dizemos que Ele reconsiderou os decretos que fizera para criar digna Mãe à altura da encarnação do

1- nº 34

Verbo, porquanto o cumprimento de seus decretos é infalível.

Chegando o tempo oportuno e determinado, as três pessoas divinas disseram em si mesmas: Já é tempo que comecemos a obra de nosso beneplácito, e criemos aquela pura criatura, que achará graça a nossos olhos acima de todas as outras. Dotemo-la com ricos dons e somente nela depositemos os maiores tesouros de nossa graça.

- Todas as outras por nós criadas tornaram-se ingratas e rebeldes à nossa



vontade opondo-se, por sua culpa, à nossa intenção de que se conservassem no inicial e feliz estado em que criamos os primeiros homens. Não sendo conveniente que nossa vontade falhe em coisa alguma, formemos em toda santidade e perfeição esta criatura, na qual não tenha parte a desordem do primeiro pecado.

- Criemos uma alma segundo nossos desejos, fruto de nossas perfeições, prodígio de nosso infinito poder, sem ser ofendida nem tocada pela mácula do pecado de Adão. Façamos uma obra que seja objeto de nossa onipotência, amostra da perfeição que destinávamos a nossos filhos, e o alvo que pretendíamos atingir na criação.

- Visto todos haverem prevaricado na livre vontade do primeiro homem (**Rm 5, 12**), nesta única criatura restauremos e concedamos o que, desviando-se de nosso querer, eles perderam. Seja imagem e semelhança unicamente de nossa Divindade e permaneça em nossa presença por toda a eternidade, para a plenitude de nosso beneplácito e agrado.

- Nela depositaremos todas as prerrogativas e graças que, em nossa primeira e condicional vontade, tínhamos destinado para os anjos e homens, se se tivessem conservado no primeiro estado. Se eles as perderam, renovemo-las nesta criatura acrescentando a estes dons outros muitos. Assim não ficará sem efeito o decreto que havíamos estabelecido, mas será cumprido com vantagem em nossa única eleita (**Ct 6, 8**).

- Já que tínhamos destinado o mais santo, o melhor, o mais perfeito e louvável para as criaturas e elas o perderam, dirijamos o caudal de nossa bondade para nossa amada. Separemo-la da lei ordinária da formação de todos os mortais, para que nela não tenha parte a semente do inimigo. Quero descer do céu a seu seio e nele, com sua substância, vestir-me da natureza humana.

O Verbo honra sua Mãe

193. É justo e necessário que a Divindade, infinita em bondade, repouse e se vista de matéria puríssima, limpa e jamais manchada pela culpa. Nem à nossa equidade e providência convém omitir o mais decoroso, perfeito e santo possível, já que nada pode se opor à nossa vontade.

Sendo redentor e mestre dos homens, o Verbo que vai se humanar, fundará a lei perfeitíssima da graça, e por ela ensinará a obedecer e honrar pai e mãe (**Mt 15, 4**), como causas segundas da existência natural.

Esta lei será praticada, antes de tudo pelo Verbo Divino com aquela que escolheu para Mãe, honrando-a e dignificando-a com poderoso braço, ornando-a com o mais admirável, santo e excelente de todas as graças e dons. Entre estes, o mais singular benefício e a maior honra será não sujeitá-la à malícia de nossos inimigos; por isto, será livre da morte da culpa.

O Pai eterno e Maria

194. Na terra o Verbo terá mãe sem pai, como no céu tem pai sem mãe. Para que haja a devida proporção e consonância entre chamar pai a Deus e mãe a esta mulher, queremos que haja a possível semelhança e relação entre Deus e a criatura. Em nenhum tempo o dragão possa gloriar-se, de haver sido superior à mulher, a quem Deus obedeceu como à verdadeira Mãe.

Esta dignidade de ser livre da culpa é devida e conveniente a quem há de ser Mãe do Verbo. Para Ela será a mais estimável e proveitosa, pois maior bem é ser santa do que ser apenas Mãe. Contudo, sendo Mãe de Deus, lhe convém toda a santidade e perfeição.

- A carne humana que Ele há de assumir deve ser segregada do pecado, pois havendo de redimir nela aos pecadores, não há de redimir à sua mesma carne como a dos demais.

Unida à Divindade, esta carne há de ser Redentora, e por isto, de antemão, deve ser preservada. Para tanto já temos previsto e aceito os infinitos merecimentos do Verbo, nessa mesma carne e natureza humana. Queremos que por todas as eternidades, o Verbo encarnado seja glorificado em sua humanidade, tabernáculo que recebeu e gloriosamente habitou.

Maria será isenta do pecado, mas não do sofrimento

195. - A mãe deste Homem-Deus será filha do primeiro homem, mas quanto à graça, singular, livre e isenta de sua culpa. Quanto à natureza, há de ser perfeitíssima e formada com especial providência.

- O Verbo humanado será mestre de humildade e santidade, e para este fim serão meios convenientes os trabalhos que há de padecer. Confundindo a vaidade e falácia enganosa dos mortais, escolheu para si esta herança como tesouro inestimável a nossos olhos.

- Queremos que nessa herança participe também aquela que será sua Mãe, sendo única e singular na paciência e admirável no sofrer. Com seu Unigênito oferecerá doloroso sacrifício aceitável à nossa vontade e de maior glória para Ela.

Revelação na visão beatífica

196. Este foi o decreto que as três divinas Pessoas manifestaram aos santos anjos, exaltando a glória e veneração de seus santíssimos, altíssimos e inescrutáveis desígnios.

Sua divindade é espelho voluntário e na própria visão beatífica revela, quando lhe apraz, novos mistérios aos bem-aventurados. Assim ostentou esta nova demonstração de sua grandeza, na qual foi vista a ordem admirável e a harmonia tão consonante de suas obras.

Tudo foi conseqüência do que dissemos nos capítulos antecedentes [2]

quando, na criação dos anjos, o Altíssimo lhes propôs a reverência e reconhecimento da superioridade do Verbo humanado e de sua Mãe Santíssima. Chegado já o tempo destinado para a formação desta Rainha, convinha que o Senhor, que tudo dispõe com medida e peso (**Sb 11, 21**), não lhes ocultasse este mistério.

Os termos humanos e tão limitados de que sou capaz, hão de forçosamente obscurecer a inteligência que o Altíssimo me comunicou sobre tão ocultos mistérios. Todavia, com minha limitação, direi o que puder de quanto o Senhor manifestou aos anjos nessa ocasião.

Deus revela aos Anjos a criação de Maria

197. - Chegou o tempo - acrescentou Sua Majestade - determinado por nossa providência, para fazer surgir a criatura mais agradável e aceita a nossos olhos: a restauradora da primeira culpa da estirpe humana, aquela que esmagará a cabeça do dragão (**Gn 3, 15**); singular mulher que em nossa presença apareceu como um grande sinal (**Ap 12, 1**), e que há de vestir de carne humana ao eterno Verbo.

- Já chegou a hora, tão feliz para os mortais, de franquear-lhes os tesouros de nossa divindade e abrir-lhes as portas dos céus. Suspenda-se o rigor de nossa justiça nos castigos que até agora temos imposto aos homens. Conheça-se a nossa misericórdia, enriquecendo as criaturas por merecer-lhes o Verbo Encarnado as riquezas da graça e glória eterna.

Sant'Ana será mãe de Maria

198. Tenha o gênero humano redentor, mestre, mediador, irmão e amigo que seja vida para os mortos, saúde para os enfermos, consolo para os tristes, refrigério para os aflitos, descanso e companhia para os atribulados.

- Cumpram-se as profecias de nossos servos, e as promessas que lhes fizemos de enviar-lhes o salvador que os redimisse.

- Para que tudo se execute segundo nosso agrado, demos princípio ao mistério escondido desde a constituição do mundo. Escolhamos para a formação de Maria, nossa querida, o seio de nossa serva Ana, para que nele seja concebida, e depois criada sua alma ditosíssima. Ainda que sua geração e formação hão de ser pela ordem comum da natural propagação, seja diferente na ordem da graça, segundo a disposição de nosso imenso poder.

Deus confia aos Anjos a defesa e guarda de sua Mãe

199. - Já sabeis que a antiga serpente, depois de ter visto o sinal desta maravilhosa mulher, anda sondando a todas desde a primeira que criamos. Persegue com astúcia e ciladas as que vê mais perfeitas na vida e nas obras, pretendendo encontrar entre elas aquela que lhe há de pisar e esmagar a cabeça (**Gn 3, 15**).

- Quando perceber esta puríssima e inocente criatura e a reconhecer tão santa, empregará todo o esforço para persegui-la, segundo o conceito que dela fizer.

- A soberba deste dragão será maior que sua força (**Is 16, 6**), mas é nossa vontade que desta cidade santa e tabernáculo do Verbo encarnado, tenhais especial cuidado e proteção. Deveis guardá-la, assisti-la, defendê-la de nossos inimigos, iluminá-la, confortá-la e consolá-

2- Cap. 7 e 8.

la com digno cuidado e reverência, enquanto for viadora entre os mortais.

Os anjos também pediam a realização da Encarnação

200. A esta proposição do Altíssimo, prostrados ante o real trono da santíssima Trindade, todos os santos anjos mostraram-se submissos e prontos para cumprir seu divino mandato com profunda humildade. Em santa competição, cada qual desejava ser enviado e se oferecia a tão feliz ministério. Entoavam novos cânticos de louvor ao Altíssimo, por estar próxima a hora de se realizar, o que com ardentíssimos desejos haviam suplicado durante séculos.

Conheci, nesta ocasião, que desde aquela grande batalha travada no céu entre São Miguel e o dragão com seus aliados (**Ap 12,7**); depois da qual estes foram lançados às trevas exteriores, e os vitoriosos exércitos de São Miguel confirmados na graça e glória; começaram estes santos espíritos a pedir o cumprimento dos mistérios da encarnação que então conheceram. Nestas petições contínuas perseveraram, até a hora que Deus lhes manifestou o cumprimento de seus desejos e súplicas.

Os anjos alegram-se por servir a Mãe de Deus

201. Por este motivo, esta revelação proporcionou aos espíritos celestes novo júbilo e glória acidental. Disseram ao Senhor: - Altíssimo e incompreensível Senhor e Deus nosso, sois digno de toda reverência, louvor e glória eterna e nós somos vossas criaturas formadas por vossa divina vontade. Enviai-nos Senhor poderosíssimo, para executar vossas maravilhosas obras e mistérios, e em todos e em tudo cumpra-se vosso justíssimo beneplácito.

Os anjos escolhidos para o serviço de Maria

202. Logo nomeou o Altíssimo quais seriam empregados em tão alto ministério, e escolheu cem de cada um dos nove coros, somando novecentos.

Em seguida, nomeou outros doze, para mais freqüentemente a assistirem em forma corporal e visível. Levavam dísticos e emblemas da Redenção, e eram os doze guardas das portas da cidade referidos pelo Apocalipse (**Ap 21, 12**), e dos quais falarei adiante na explicação daquele capítulo [3]

Além destes, designou o Senhor outros dezoito anjos dos mais superiores, para que subissem e descessem por esta mística escada de Jacó, com embaixadas da Rainha à sua Alteza e do Senhor para Ela. Muitas vezes os enviava ao eterno Pai, para ser guiada em todas as suas ações pelo Espírito Santo, pois nenhuma praticou sem seu divino beneplácito, mesmo nas pequenas coisas. Quando não recebia especial ilustração para se orientar, enviava estes santos anjos para apresentarem ao Senhor suas dúvidas, seu desejo de fazer o mais agradável à vontade divina, e saber o que lhe ordenava, como no decurso desta História diremos.

Os setenta serafins

203. Além de todos estes santos anjos, assinalou o Altíssimo outros setenta serafins, dos supremos e mais próximo ao trono da Divindade. Deviam comunicar-

3- nº 273.

se com a Princesa do céu pelo mesmo modo como entre si eles se comunicam, ou seja, pela iluminação que os inferiores recebem dos superiores. Ainda que era superior em dignidade e graça a todos os serafins, este favor foi concedido à Mãe de Deus, porque então era viadora e inferior a eles quanto à natureza.

Quando alguma vez se ausentava e ocultava o Senhor - como adiante veremos [4] - estes setenta serafins a iluminavam e consolavam. A eles confiava os afetos de seu ardentíssimo amor e ânsias pelo seu tesouro escondido. O número setenta, correspondeu aos anos de sua vida santíssima que foram, não sessenta, mas setenta, como direi em seu lugar [5].

Dentro desse número encontram-se os sessenta serafins figurados por aqueles sessenta valentes que, no capítulo 3 dos Cânticos, se diz, guardavam o tálamo de Salomão, escolhidos entre os mais fortes valentes de Israel, peritos na guerra, cingidos de espadas para defendê-lo dos temores noturnos.

204. Estes valorosos príncipes e capitães da guarda da Rainha do céu, foram nomeados entre os supremos das ordens hierárquicas.

Naquela antiga batalha travada no céu entre os espíritos humildes e o soberbo dragão, haviam sido assinalados e armados cavaleiros pelo supremo Rei de toda a criação. Com a espada de sua virtude e divina palavra pelejaram e venceram a Lúcifer com todos os apóstatas que o seguiram.

Neste grande combate e triunfo, estes serafins distinguiram-se no zelo da honra do Altíssimo. Como valorosos capitães adestrados no amor divino, e nas armas da graça que lhes foram dadas por virtude do Verbo humanado, defenderam tanto a honra de sua Cabeça e Senhor como a de sua Mãe Santíssima.

Por isto, se diz que guardavam o tálamo de Salomão (**Ct 3, 7**) e lhe faziam escolta, tendo cingidas suas espadas naquela parte do corpo que significa a humana geração. Lembra a humanidade de Cristo Senhor nosso, concebida no tálamo virginal com o puríssimo sangue e substância deste.

Mil anjos para a custódia de Maria

205. Os outros dez serafins que restam para completar o número de setenta, foram também dos supremos daquela primeira ordem angélica. Contra a antiga serpente, manifestaram maior reverência pela divindade e humanidade do Verbo e de sua Mãe Santíssima, pois para tudo isto houve tempo naquele breve conflito dos santos anjos. Seus principais chefes foram condecorados com a honra de fazer parte do número dos custódios da Rainha e Senhora. Reunidos, somam o número de mil, entre serafins e os outros anjos de ordens inferiores. Com isso, esta cidade de Deus ficou superabundantemente guarnecida contra os exércitos infernais.

São Miguel e São Gabriel

206. Para melhor ordenar este invencível esquadrão, foi nomeado seu chefe o príncipe da milícia celestial, São Miguel, que embora não assistisse sempre com a Rainha, muitas vezes a acompanhava e se lhe manifestava.

O Altíssimo o incumbiu de alguns ministérios como especial embaixador de Cristo Senhor nosso, para atender à guarda de sua Mãe Santíssima.

De igual modo, foi nomeado o santo príncipe Gabriel, para do Eterno Pai descer com legações e ministérios referen-

4- nºs 678 e 728.
5- Parte III, nº 742.

tes à Princesa do céu. Isto foi quanto ordenou a Santíssima Trindade para sua ordinária defesa e custódia.

Diferença entre os anjos

207. Esta escolha foi graça do Altíssimo. Entendi, porém, que nela observou alguma ordem de justiça distributiva. Sua equidade e providência levou em consideração os atos e disposição com que os santos anjos aceitaram os mistérios, no princípio a eles revelados, sobre a encarnação do Verbo e os de sua Mãe Santíssima.

Reverentes à divina vontade, manifestaram diferentes afetos e inclinações aos mistérios que lhes foram propostos. Não foi igual em todos a graça, a vontade e o sentimento.

Uns inclinaram-se com especial devoção para a união das duas naturezas divina e humana na pessoa do Verbo, velada nos limites de um corpo humano e elevada para ser cabeça de toda a criação.

Outros, admirados, comoviam-se de que o Unigênito do Pai se fizesse passível e tivesse tanto amor aos homens, que se oferecesse a morrer por eles.

Outros distinguiam-se no louvor pela criação de uma alma e corpo humano de tanta excelência, que fosse superior a todos os espíritos celestiais, e dessa criatura tomasse carne humana o Criador de todos.

De acordo com estes afetos e como sua recompensa acidental, foram os santos anjos escolhidos para o serviço de Cristo e de sua Mãe puríssima, de modo semelhante como serão premiados com as respectivas auréolas, os que nesta vida se distinguem em alguma virtude, por exemplo, os doutores, as virgens, etc.

Distintivos dos anjos

208. Segundo estas diferenças, quando se manifestavam corporalmente à Mãe de Deus, estes santos príncipes - como direi adiante [6] - ostentavam divisas. Representavam, umas a encarnação, outras a paixão de Cristo Senhor nosso, e outras a mesma Rainha, sua grandeza e dignidade. A princípio Ela não as entendeu, porque o Altíssimo ordenou a estes santos anjos não lhe revelassem que viria a ser Mãe de seu Unigênito até o tempo determinado por sua divina sabedoria. Apesar disso, sempre deveriam tratar com Ela sobre estes mistérios da Encarnação e Redenção humana, para afervorá-la e incliná-la a pedi-las.

Incapaz é a língua humana, e insuficientes meus curtos termos e palavras, para manifestar tão alta luz e inteligência.

6- nºs 364 e 365.



Imaculada, sem pecado original.

CAPÍTULO 15

A CONCEPÇÃO IMACULADA DE MARIA MÃE DE DEUS PELA VIRTUDE DO PODER DIVINO.

209. A divina Sabedoria já preparara tudo para fazer surgir a Mãe da graça ilesa da mancha que contaminava toda a natureza. Estava completo o número dos antigos patriarcas e profetas, e estabelecidos os altos montes sobre os quais seria edificada esta mística cidade de Deus (**Sl 86, 2**).

Com o poder de sua destra, reservara incomparáveis tesouros de sua divindade para dotá-la e enriquecê-la. Para sua escolha, custódia e serviço, estavam designados mil anjos fidelíssimos à sua Rainha e Senhora. Preparou-lhe uma estirpe real e nobilíssima da qual descendesse, e escolheu-lhe pais perfeitíssimos dos quais diretamente nascesse. Se naquele século houvera melhores e mais idôneos, para serem pais daquela que o mesmo Deus escolhia por Mãe, os teria eleito o Altíssimo.

Preparação dos pais

210. Preparou-os com abundantes graças e bênçãos de sua destra, e os enriqueceu com todo o gênero de virtudes, luz da divina ciência e dons do Espírito Santo.

Depois de haver anunciado aos dois santos, Joaquim e Ana, que teriam uma filha admirável e bendita entre as mulheres, executou-se a primeira concepção, a do corpo puríssimo de Maria.

Quando se casaram tinha Sant'Ana vinte e quatro anos e Joaquim quarenta e seis. Depois do matrimônio passaram vinte anos sem ter filhos, e assim no tempo da concepção da filha, contava a mãe quarenta e quatro anos, e o pai sessenta e seis.

Ainda que essa concepção realizou-se pela ordem comum das demais, a virtude do Altíssimo lhe tirou a parte imperfeita e desordenada. Deixou-lhe apenas o necessário para a natureza administrar a devida matéria à formação do corpo mais perfeito que jamais houve, nem poderá haver em pura criatura.

Natureza e graça na concepção de Maria

211. Moderou Deus a natureza dos pais e a graça antecipou-a, para que no ato não houvesse culpa nem imperfeição, mas virtude e merecimento. O modo foi o



natural e comum, porém, controlado, corrigido e aperfeiçoado com a força da divina graça, para esta produzir seu efeito sem estorvo da natureza.

Na santíssima Ana resplandeceu mais a virtude do alto pela sua natural esterilidade. De sua parte, a cooperação foi milagrosa no modo e na substância mais pura, porque sem milagre não poderia conceber. A concepção operada só pela ordem natural, não depende imediatamente de causas sobrenaturais, mas somente dos pais. Concorrem naturalmente para o efeito da propagação e também administram a matéria com imperfeição e sem medida determinada.

212. Nesta concepção, porém, ainda que o pai não fosse naturalmente infecundo, pela idade e temperança, já estava com a natureza corrigida e quase inativa. Por isto, foi pela divina virtude animada, reparada e prevenida de modo que pôde agir de sua parte com toda perfeição e medida das potências, e proporcionalmente à esterilidade da mãe.

Em ambos cooperaram a natureza e a graça; aquela controlada e apenas indispensável e esta superabundante, poderosa, excessiva para sobrepujar a natureza, não a suprimindo, mas realçando-a e melhorando-a por modo milagroso. Desta maneira foi notório que a graça tomara por sua conta esta concepção, servindo-se da natureza apenas o indispensável para que esta inefável filha tivesse pais naturais.

Sant'Ana era estéril; concebeu por milagre

213. O modo de superar a esterilidade da santa mãe Ana, não foi restituindo-lhe a natural capacidade que lhe faltava para conceber, para que assim restituída concebesse como as demais mulheres, sem diferença.

O Senhor agiu sobre a potência estéril de outro modo mais milagroso, para que administrasse a matéria natural da qual seria formado o corpo. A potência e a matéria foram naturais. Mas a maneira de agir foi por milagrosa intervenção da virtude divina. Cessando o milagre desta admirável concepção, permaneceu a mãe em sua antiga esterilidade para não conceber mais, porque nada foi tirado ou acrescentado à sua natural incapacidade.

Este milagre, parece-me, pode-se explicar por aquele que operou Cristo Senhor nosso (**Mt 14, 29**) quando São Pedro andou sobre as águas. Para sustentá-lo, não foi necessário endurecê-las nem transformá-las em cristal ou gelo sobre o qual qualquer pessoa poderia andar, sem outro milagre do que o de endurecê-las. Sem transformá-la em duro gelo, nelas agindo milagrosamente, pôde o Senhor fazer que sustentassem o corpo do Apóstolo.

Passado o milagre, as águas permaneceram líquidas como estavam antes enquanto São Pedro andava sobre elas, tanto que em certo momento começou a afundar-se. Isto prova que, sem alterar sua natureza, o milagre se operou mediante uma influência especial.

Na concepção de Maria a graça superou a natureza

214. Muito semelhante a este, ainda que mais admirável, foi o milagre de Ana, mãe de Maria Santíssima, conceber.

Foram seus pais dirigidos pela graça, tão abstraídos da concupiscência e deleite, que faltou aqui à culpa original o acidente imperfeito que ordinariamente acompanha a matéria ou instrumento pelo qual se comunica. Só existiu a matéria despida de imperfeição, sendo meritória a ação.

Por esta parte pôde bem resultar sem pecado esta concepção, tendo também a divina Providência assim determinado. Reservou o Altíssimo este milagre somente para Aquela que seria sua digna Mãe. Sendo conveniente que, no essencial de sua concepção, fosse engendrada pela ordem dos demais filhos de Adão, foi devido e convinientíssimo que respeitada a natureza, com ela cooperasse a graça em toda a sua virtude e poder.

Em Maria a graça deveria ostentar-se mais eficaz do que em Adão e Eva e toda sua descendência, pois foram eles os causadores da corrupção da natureza com sua desordenada concupiscência.

Perfeição do corpo de Maria

215. Nesta formação do corpo puríssimo de Maria, andou tão vigilante, ao nosso modo de ver, a sabedoria e o poder do Altíssimo, que o plasmou com exato peso e medida, na quantidade e qualidade dos quatro humores naturais: sangüíneo, melancólico, fleumático e colérico. A proporção perfeitíssima desta compleição deveria ajudar, sem impedimentos, as operações da alma tão santa como a que animaria esse corpo.

Este milagroso temperamento foi depois, como o princípio e causa, em seu gênero, para a serenidade e paz que conservaram as faculdades da Rainha do céu durante toda a sua vida. Nenhum destes humores, lhe faria guerra nem contradição, nem predominaria sobre os outros, mas ajudavam-se e serviam-se reciprocamente, para a conservação daquele ordenadíssimo organismo, sem corrupção e deterioração alguma.

Jamais as sofreu o corpo de Maria Santíssima. Não lhe faltou nem lhe sobrou coisa alguma. Todas as qualidades e quantidades lhe foram sempre proporcionadas e justas, sem mais nem menos umidade ou secura do que a necessária para sua conservação; sem mais calor do que o bastante para sua defesa e combustão; sem mais frialdade do que a exigida para refrigerar e arejar os demais humores.

O corpo de Maria era extremamente sensível

216. Pelo fato de sua admirável constituição, não deixou este corpo de sentir as inclemências do calor, frio e demais influências dos astros. Por ser mais medido e perfeito, tanto mais sentia qualquer excesso contrário, por ter menos com que dele se defender. Ainda que em tão admirável compleição, os contrários achavam menos em que agir e alterar, contudo, pela sua delicadeza, era mais sensível no pouco, que outros corpos no muito.

Aquele milagroso corpo em formação no ventre de Sant'Ana, antes de ter alma não era capaz de dons espirituais, mas o era para os dons naturais. Estes lhe foram concedidos por ordem e virtude sobrenatural, com tais condições como convinham para o singular fim a que se ordenava aquela formação, superior a qualquer ordem da natureza e graça. Deste modo, lhe foram dadas compleição e potências tão excelentes que a natureza, só por si, jamais poderia formar outras semelhantes.

Maria, mais perfeita que Adão e Eva

217. Nossos primeiros pais, Adão e Eva, formados pela mão do Senhor com as condições convenientes a seu estado de inocência e justiça original, seriam superiores em excelência aos seus próprios descendentes, caso os tivessem naquele mesmo estado, porque as obras produzidas diretamente por Deus são mais perfeitas.

Semelhantemente, com mais excelente e superior modo, operou sua onipotência na formação do corpo virginal de Maria Santíssima. Empregou nele providência e graça tanto maiores quanto esta criatura excedia, não somente aos primeiros pais que tão logo haviam de pecar, mas ainda a todo o resto das criaturas corporais e espirituais.

Ao nosso modo de entender, pôs Deus maior atenção em compor aquele corpinho de sua Mãe, do que na criação de todos os orbes celestes e quanto eles encerram. Por esta regra se hão de começar a medir os dons e privilégios desta cidade de Deus, desde os primeiros alicerces e fundamentos sobre os quais começou a se elevar sua grandeza, até chegar a ser a mais próxima e imediata da infinidade do Altíssimo.

Isenção do pecado e de sua concupiscência

218. Esta miraculosa concepção esteve absolutamente inatingível ao pecado e à sua concupiscência. Não tocou a Autora da graça, sempre distinguida e tratada com esta dignidade. Além disso, seus pais ao concebê-la, receberam o controle da concupiscência para que ela não se excedesse. Não devia perturbar a natureza que, nesse caso, estava sujeita à graça e apenas servia de instrumento ao supremo Artífice, senhor das leis, tanto da natureza como da graça.

Assim, desde aquele momento, já começava a destruir o pecado e minar e abater a fortaleza daquele forte armado (**Lc 11, 22**), para derrubá-lo e despojá-lo do que tiranicamente usurpara.

Desenvolvimento do corpo de Maria até a infusão de sua alma

219. A primeira concepção do corpo de Maria Santíssima sucedeu num domingo, correspondente ao dia da criação dos anjos, de quem seria rainha, senhora, superior a todos.

Para a formação e crescimento dos demais corpos são necessários, segundo a ordem comum e natural, muitos dias para se organizarem e receberem a última disposição para neles ser infundida a alma racional. Dizem que para o sexo masculino se requerem quarenta e para o feminino oitenta, mais ou menos, conforme o calor natural e organismo das mães.

Na formação corporal de Maria Santíssima, a virtude divina apressou o tempo natural, e o que em oitenta dias, ou nos que naturalmente eram necessários, se havia de fazer, foi mais perfeitamente organizado em sete. Durante eles foi preparado

aquele milagroso corpo, com o devido crescimento, no seio de Sant'Ana, para receber a alma santíssima de sua filha, Senhora e Rainha nossa.

Criação da alma de Maria

220. No sábado seguinte a esta primeira concepção, fez-se a segunda, criando o Altíssimo a alma de sua Mãe e infundindo-a em seu corpo. Surgiu no mundo a pura criatura mais santa, perfeita e agradável a seus olhos, de quantas criou e criará até o fim do mundo e por suas eternidades.

Empregou o Senhor misteriosa atenção em relacionar esta obra com a criação dos sete dias, referida no Gênesis.

Realizando aquele simbolismo, sem dúvida descansou, depois de haver criado a suprema criatura, com a qual dava princípio à Encarnação do Verbo e a redenção do gênero humano. Para Deus e para as demais criaturas, este dia foi festivo e de repouso.

A alma de Maria foi criada num sábado

221. Por causa deste mistério da concepção de Maria Santíssima, ordenou o Espírito Santo que na santa Igreja o sábado fosse consagrado à Virgem. Foi o dia em que lhe fez o maior benefício, criando sua alma santíssima e unindo-a ao corpo, sem resultar o pecado original nem efeito seu.

O dia de sua conceição celebrado hoje na Igreja, lembra não o da primeira conceição do corpo, mas o da segunda, a saber, a infusão da alma. Desde esta conceição até a Natividade, esteve nove meses exatos no seio de Sant'Ana.

Nos sete dias antes da infusão da alma, esteve só a matéria organizando-se e se dispondo pela virtude divina. Deste modo, a criação de Maria correspondeu à criação de todas as criaturas que formaram o mundo em seu princípio e vem narrada por Moisés (**Gn 1, 1**).

O instante da criação e infusão da alma de Maria Santíssima, foi aquele no qual a beatíssima Trindade, com maior afeto de amor do que quando refere Moisés (**Gn 1, 26**), disse aquelas palavras: - Façamos Maria à nossa imagem e semelhança, nossa verdadeira Filha e Esposa, para Mãe do Unigênito da substância do Pai.

Aparecimento de Maria, novo céu e nova terra

222. Com a força desta divina palavra e do amor com que procedeu da boca do Onipotente, foi criada e infundida no corpo de Maria Santíssima sua alma felicíssima.

No mesmo instante encheu-a de graças e dons superiores aos dos mais altos serafins do céu, sem ter existido momento no qual se encontrasse despida ou privada do amor amizade e luz de seu Criador.

Não pôde tocá-la a mancha e obscuridade do pecado original, mas achou-se em perfeitíssima e suprema justiça, superior a de Adão e Eva ao serem criados.

Foi-lhe também concedido perfeitíssimo uso da razão, correspondente aos dons da graça que recebia, a fim de não ficarem um só instante inativos, mas para desde logo, produzirem admiráveis atos de sumo agrado para seu Criador.

Na inteligência e luz deste grande mistério confesso-me absorta. Enquanto o coração, por minha incapacidade para explicá-lo se desfaz em afetos de admiração e louvor, minha língua emudece.

Vejo construída e enriquecida a verdadeira arca do testamento, colocada no templo de mãe estéril com mais glória que sua figurativa na casa de Obededon (**2Rs 6, 11-12**), na de David e no templo de Salomão (**3Rs 8, 6**).

Vejo edificado o altar no *Sancta Sanctorum* (**Idem 6 a v. 16**) onde será oferecido o primeiro sacrifício que vencerá e aplacará a Deus.

Vejo a natureza sair de sua ordem para ser ordenada. Vejo estabelecerem-se novas leis contra o pecado, não sendo observadas as comuns quer da culpa, quer da natureza, quer da mesma graça.

Começa a existência de novos céus e nova terra (**Is 65, 17**), sendo o primeiro deles o seio de uma humilde mulher. Nele concentra sua atenção a Santíssima Trindade, assistem numerosos cortesãos do antigo céu e mil anjos são destinados para fazer guarda ao tesouro de um animado corpozinho, do tamanho de uma abelhinha.

Não se duvide da imaculada conceição

223. Nesta nova criação ouço ressoar com mais força aquela voz do Criador ao dizer, comprazendo-se na obra de sua onipotência, que ela é muito boa (**Gn 1, 31**).

Com humildade, aproxime-se desta maravilha a fraqueza humana. Confesse a grandeza do Criador e agradeça o novo benefício concedido a toda a linhagem humana recebendo sua Reparadora. Terminem já os indiscretos zelos e porfias, vencidos pela luz divina.

Se a bondade infinita de Deus, conforme me foi mostrado na conceição de sua Mãe Santíssima, olhou para o pecado original com ira e repugnância; se se gloriou de ter justa causa e oportuna ocasião para repeli-lo e vedar sua corrente; como à ignorância humana pode parecer bem o que a Deus foi tão aborrecível? (7)

Efeitos em Sant'Ana

224. No momento de infundir a alma no corpo desta divina Senhora, quis o Senhor que Ana, sua santa mãe, sentisse de modo altíssimo a presença da divindade.

Cheia do Espírito Santo, repleta interiormente de júbilo e devoção superiores a suas forças ordinárias, foi arrebatada num soberano êxtase. Nele recebeu altíssimas inteligências de ocultos mistérios, e louvou ao Senhor com novos cânticos de alegria.

Estes efeitos lhe duraram até o fim da vida. Foram, todavia, maiores durante os nove meses que trouxe em seu seio o tesouro do céu. Durante este tempo, esses benefícios foram-lhe renovados mais freqüentemente e acompanhados pela inteligência das divinas Escrituras e de seus profundos mistérios. Ó mulher felicíssima! Chamem-te bem-aventurada, e louvem-te todas as nações e gerações do mundo!

7 - A Escritora escrevia numa época em que o privilégio da imaculada concepção de Maria, isenta do pecado original, ainda era assunto de controvérsias teológicas. Só em 1854 foi definida dogma de fé, quer dizer, verdade revelada, da qual não é lícito duvidar.

CAPÍTULO 16

HÁBITOS DAS VIRTUDES COM QUE O ALTÍSSIMO DOTOU A ALMA DE MARIA SANTÍSSIMA. PRIMEIROS ATOS QUE DELAS PRATICOU NO SEIO DE SANT'ANA[8]. A MÃE DE DEUS COMEÇA A ME DAR DOUTRINA PARA SUA IMITAÇÃO.

Maria recebe as torrentes de graça

225. Dirigiu Deus a impetuosa corrente de sua divindade (**Sl 45,5**), para alegrar esta mística cidade da alma santíssima de Maria. Fê-la brotar da fonte de sua infinita sabedoria e bondade, que O levara a depositar nesta divina Senhora, os maiores tesouros de graças e virtudes, jamais vistas e concedidas a qualquer outra criatura.

A hora de lhos entregar em posse, foi o mesmo instante em que ela começou a existir. Então realizou o Onipotente, com plena satisfação e gosto o desejo que, desde a eternidade, conservava como suspenso até chegar o tempo propício para satisfazê-lo. Assim o fez este fidelíssimo Senhor, derramando na alma santíssima de Maria, no instante de sua conceição, todas as graças e dons, em tão eminente grau, como nenhum santo, nem todos juntos puderam receber, nem língua humana pode explicar.

As virtudes teologais

226. Como esposa que descia do céu (**Ap 21, 2**) foi adornada com todo gênero de hábitos infusos. Não foi, porém, necessário que desde logo os exercitasse todos, mas somente aqueles que podia e convinha ao estado em que se encontrava no seio materno.

Em primeiro lugar, foram as virtudes teologais, fé, esperança, e caridade que têm Deus por objeto. Exercitou-as imediatamente, conhecendo a Divindade por modo altíssimo da fé; todas as suas perfeições e infinitos atributos, a Trindade e a distinção das Pessoas, sem que este conhecimento impedisse outro que recebeu do mesmo Deus, conforme logo direi.

Exerceu também a virtude da esperança, que aspira a Deus como objeto de toda a bem-aventurança e último fim. Aquela alma santíssima logo se elevou com intensíssimos desejos de a Ele se

---

8- Para que este capítulo não cause estranheza ao leitor, aconselhamos ler antes, à guisa de preparação, os números 235, 236, 316. Tenha-se presente também o que São Lucas (**1, 40-44**) refere de João Batista: No seio de sua mãe, Sta. Isabel, no sexto mês de gestação, exultou de alegria pela presença de Jesus Cristo no seio de sua Mãe Maria santíssima. Deus, Senhor das leis que criou, pode derrogá-las quando o quer. (**N. da T.**)

unir, sem interromper um só instante esta inclinação, para se voltar a outra coisa.

A terceira virtude, a caridade que se dirige a Deus como infinito e sumo bem, praticou no mesmo instante com tal intensidade e estima da Divindade, que a tão iminente grau não poderão chegar todos os serafins com seu maior ardor e virtude.

As virtudes morais, naturais

227. As outras virtudes que adornam e aperfeiçoam a parte racional da criatura, teve-as no grau correspondente às teologais. As virtudes morais e naturais, teve-as em grau milagroso e sobrenatural. Muito mais altamente, na ordem da graça, recebeu os dons e frutos do Espírito Santo.

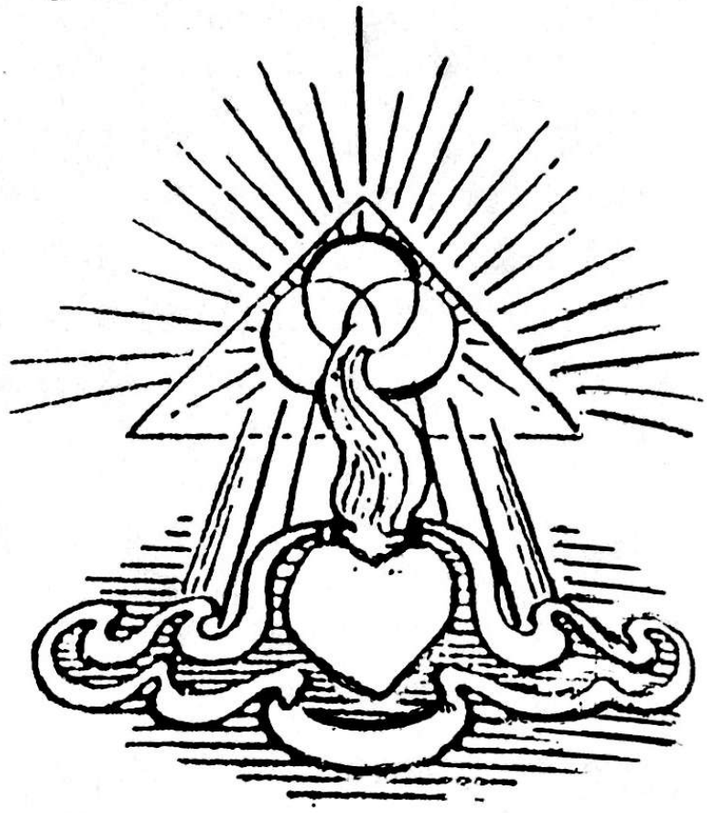
Recebeu ciência infusa e hábitos de todas as artes naturais e conheceu todo o natural a sobrenatural que conveio à grandeza de Deus. Desde o primeiro instante, no ventre materno, foi mais sábia, mais prudente, mais ilustrada e capaz de Deus e de todas as suas obras, do que todas as criaturas têm sido nem serão eternamente, exceto seu Filho santíssimo.

Esta perfeição consistiu não somente nos hábitos que lhe foram infundidos em tão alto grau, mas também, em seus respectivos atos de acordo com sua condição e excelência, e conforme naquele instante os pôde exercitar mediante o poder divino, que nisso não se cingiu a outra lei, senão a de seu divino beneplácito.

Maria pratica as virtudes teologais

228. A respeito de todas as virtudes e graças, e seu exercício, muito se falará no decurso desta história da vida santíssima de Maria. Aqui explicarei somente algo do que praticou no instante de sua conceição, com os hábitos que lhe foram infundidos e a luz na qual então os recebeu.

Com os atos das virtudes teologais, conforme falei; pela virtude da religião



e as demais cardeais que lhe seguem, conheceu a Deus em si mesmo, e como Criador e Remunerador. Com heróicos atos o reverenciou, louvou e agradeceu por havê-la criado. Amou-O, temeu-O, adorou-O, oferecendo-lhe sacrifício de magnificência, louvor e glória pelo seu Ser imutável.

Conheceu os dons que recebia, ainda que alguns lhe foram ocultos, e afetuosamente agradeceu a todos com profunda humildade e prostrações corporais, não obstante o pequenino corpo que então possuía no seio materno. Com estes atos mereceu mais naquele estado do que todos os santos no cume da perfeição e santidade.

Conhecimento da divindade

229. Além dos atos da fé infusa, recebeu outro conhecimento do mistério da divindade e santíssima Trindade. Não a viu intuitivamente, naquele instante de

sua conceição, ao modo dos bem-aventurados. Viu-a abstrativamente com outra luz e visão inferior à visão beatífica, porém superior a todos os outros modos com que Deus pode se manifestar e se manifesta ao entendimento criado.

Foram-lhe dadas umas espécies da Divindade tão claras e manifestas que nelas conheceu o ser imutável de Deus, e Nele todas as criaturas, com maior luz e evidência do que uma criatura é conhecida por outra.

Foram estas espécies como um espelho claríssimo, no qual resplandecia toda a Divindade e nela as criaturas. Com esta luz e espécies da natureza divina viu e conheceu todas em Deus, com maior distinção e clareza que, por outras espécies e ciência infusa, as conhecia em si mesmas.

Conhecimento das criaturas

230. Por todos estes modos, conheceu desde o instante de sua conceição todos os homens e os anjos com suas ordens, dignidades e operações, e todas as criaturas irracionais com suas naturezas e propriedades.

Conheceu a criação, estado e ruína dos anjos; a justificação e glória dos bons, a queda e castigo dos maus; o primeiro estado de Adão e Eva em sua inocência, o engano e miséria que o pecado produziu nos primeiros pais, e por elas a toda a descendência humana; o propósito da vontade divina para repará-lo e como essa reparação se aproximava, dispondo-se a ordem e natureza dos céus, astros, planetas e elementos; conheceu o purgatório, o limbo e o inferno.

Compreendeu que todas as coisas foram criadas pelo poder divino, e por Ele também mantidas e conservadas unicamente por sua infinita bondade, sem delas ter necessidade alguma (**2Mc 14, 35**).

Acima de tudo, teve altíssima compreensão sobre o mistério que Deus realizaria fazendo-se homem para redimir todo o gênero humano, enquanto deixara os maus anjos sem esse remédio.

Louvor a Deus

231. Ao passo que a alma santíssima de Maria, no instante em que foi unida ao corpo, ia conhecendo todas estas maravilhas, foi também realizando heróicos atos de virtudes. Louvor, glória, adoração, humildade, amor de Deus, e dor pelos pecados cometidos contra aquele sumo bem que reconhecia por autor e fim de tantas obras admiráveis.

Ofereceu-se logo como sacrifício aceitável ao Altíssimo, começando desde aquele momento, com fervoroso afeto a bendizê-lo, amá-lo e reverenciá-lo, o quanto viu que nisto faltaram, tanto os maus anjos como os homens.

Aos santos anjos, de quem já era Rainha, pediu que a ajudassem glorificar o Criador e Senhor de todos, e que pedissem também por ela.

Maria e os anjos

232. Mostrou-lhe ainda o Senhor, naquele instante, os anjos da guarda que lhe destinara. Vendo-os, honrou-os com benevolência e os convidou para, alternadamente, louvarem o Altíssimo com cânticos de louvor. Avisou-lhes que seria este o ofício que desempenhariam com Ela, todo o tempo de sua vida mortal, durante a qual iriam assisti-la e guardá-la.

Conheceu também toda a genealogia e todo o resto do povo escolhi-

do de Deus, e quão pródigo havia sido sua Majestade nos dons, graças e favores que havia concedido aos seus patriarcas e profetas.

Aquele corpozinho, no instante em que recebeu a alma santíssima, era tão pequeno que mal se poderiam perceber seus sentidos exteriores. Apesar disso, para não faltar excelência alguma das que poderiam engrandecer a escolhida para Mãe de Deus, ordenou seu poder que chorasse ao conhecer a queda do homem. Derramou lágrimas no seio de sua mãe, pela dor que lhe causou o conhecimento da gravidade do pecado contra o sumo Bem.

Intercessão de Maria pela redenção dos homens

233. Com este milagroso afeto, pediu, logo no primeiro instante de sua existência, a salvação dos homens, começando seu ofício de medianeira, advogada e reparadora.

Apresentou a Deus os clamores dos santos pais e dos justos da terra, para sua misericórdia não adiar mais a salvação dos mortais a quem considerava seus irmãos.

Antes de conviver com eles já os amava com ardentíssima caridade, e assim que começou a existir, também começou a ser sua benfeitora, graças ao amor divino e fraterno que ardia em seu abrasado coração.

Estas súplicas foram aceitas pelo Altíssimo com mais agrado que todas as dos santos anjos, e assim foi dado a entender àquela que era criada para Mãe do mesmo Deus. Ainda que por ora Ela o ignorasse, conheceu, entretanto, o amor de Deus pelos homens e seu desejo de descer do céu para os redimir.

Era justo que para apressar essa vinda, atendesse mais aos rogos e petições daquela criatura para a qual principalmente vinha, e de quem receberia a natureza humana. Nela iria realizar esta obra, a mais admirável, e a finalidade última de todas as outras.

Outras súplicas de Maria

234. No instante de sua conceição pediu também por seus pais naturais, Joaquim e Ana. Antes de os ver com o corpo, viu-os e conheceu-os em Deus, exercitando logo com eles a virtude do amor, reverência e gratidão filial, reconhecendo-os por causa segunda de seu amor natural.

Fez ainda outras muitas súplicas, em geral e em particular, por diversas intenções.

Com a ciência infusa que possuía, compôs cânticos de louvor em sua mente e coração, por haver encontrado na entrada da vida a dracma preciosa (**Lc 15, 9**) que nós todos perdemos em nossa origem.

Achou a graça que lhe saiu ao encontro (**Eclo 15, 2**) e a divindade que a esperava nos umbrais da natureza (**Sb 6, 15**). No primeiro instante de seu ser deparou com o nobilíssimo objeto que moveu e estreou suas potências, porque só para Ele foram criadas. Havendo de ser suas, em tudo e por tudo, eram-lhe devidas as primícias de seus atos, a saber, o conhecimento e o amor divino. Nesta Senhora não houve, desde que começou a existir, um instante sequer sem o conhecimento de Deus, sem o amor deste conhecimento e sem o merecimento deste amor.

Em tudo isto não houve coisa pequena, nem medidas segundo as leis

comuns e regras gerais. Tudo foi grande, grande saiu do Altíssimo para continuar a crescer e chegar a ser tão grande que só Deus fosse maior.

Oh! que formosos passos (**Ct 7, 1**) foram os teus, filha do príncipe, pois com o primeiro já chegaste à Divindade. Duas vezes formosa (**Idem 4, 1**) porque tua graça e formosura ultrapassa toda formosura e graça! Divinos são teus olhos (**Idem 7, 5**) e teus pensamentos são como a púrpura do Rei, pois roubaste seu coração, e ferido (**Idem 4, 9**) por estes cabelos o enlaçaste, e cativo por teu amor o atraíste ao receptáculo de teu virginal seio e coração.

Maria ultrapassa os Anjos

235. Este foi verdadeiramente o lugar onde a esposa do Rei dormia, e seu coração velava (**Idem 5. 2**). Dormiam aqueles sentidos corporais que apenas tinham a forma natural e nem sequer haviam visto a luz do sol; enquanto aquele divino coração, mais incompreensível pela grandeza de seus dons do que pela pequenez de seu físico, velava no tálamo de sua mãe, na luz da Divindade que o envolvia e abrasava no fogo de seu imenso amor.

Não era conveniente que nesta divina criatura, as faculdades inferiores operassem antes que as superiores da alma, nem que estas tivessem operação inferior ou igual a qualquer outra criatura. Se o agir corresponde ao ser de cada coisa, aquela que sempre era superior a todas na dignidade e excelência, também deveria operar com equivalente superioridade a toda criatura angélica e humana.

Não lhe deveria faltar a excelência dos espíritos angélicos que logo no momento da criação usaram de suas faculdades. Esta grandeza e prerrogativa se devia a quem era criada para sua Rainha e Senhora, com tanto maior vantagem (**Hb 1,5**) quanto o nome e ofício de Mãe de Deus excede ao de servo, e o de rainha ao de súdito.

A nenhum dos anjos disse o Verbo, tu és minha mãe, nem algum deles pôde dizer a Ele, tu és meu filho. Somente entre Maria e o Verbo eterno houve esta mútua relação, e por aqui se há de medir e investigar a grandeza de Maria, como o apóstolo mediu a de Cristo.

Maria pode ser contemplada, mas não explicada

236. Escrevendo estes segredos do Rei (**Tb 12,7**), quando já é honorífico revelar suas obras, confesso minha rudeza e limitação de mulher, e me aflijo por falar com termos comuns e vazios que não exprimem o que entendo na luz que, sobre estes mistérios, minha alma recebe.

Necessários seriam, para não ofender tanta grandeza, outras palavras, razões e vocábulos particulares e apropriados, desconhecidos por minha ignorância. Mesmo se existissem, excederiam e oprimiriam a humana fraqueza.

Reconheça-se, pois, incapaz para fixar a vista neste divino sol, que com raios de divindade desponta no mundo, ainda que encoberto pela nuvem do seio materno de Sant'Ana. Se queremos que nos dêem licença para ver de perto esta maravilhosa visão, cheguemos livres e despidos: uns da natural covardia, outras do temor e timidez, ainda que seja com pretexto de humildade. Todos, porém, com suma devoção e piedade, afastados do espírito de contenda (**Rm 13, 13**). Assim nos será permitido ver de perto o fogo da Divindade no meio da sarça, sem a consumir (**Êx 2,2**).

Maria e a visão de Deus

237. Falei que a alma santíssima de Maria, no primeiro instante de sua puríssima conceição, viu abstrativamente a divina essência, porque não me foi manifestado que visse a glória essencial.

Entendo que este privilégio foi especial para a santíssima alma de Cristo, como devido e resultante de sua união substancial com a Divindade na pessoa do Verbo; nem um só instante deixaria de estar, pelas faculdades da alma, unida com a Divindade por suma graça e glória. Como aquele homem, Cristo nosso bem, começou a ser juntamente homem e Deus, também começou a conhecer e amar a Deus como compreensor.

A alma de sua Mãe Santíssima, porém, não estava unida substancialmente à Divindade, e assim não começou a operar como compreenssora, porque entrava na vida como viadora. Mas nesta ordem, sendo quem era, a criatura mais imediata à união hipostática, recebeu uma visão a Ela proporcionada, e a mais próxima da visão beatífica. Embora inferior a esta, foi superior a todas quantas visões e revelações da divindade tiveram as criaturas, fora da clara visão e fruição da glória.

Em certo modo e por especiais condições porém, a visão da Divindade que gozou a mãe de Cristo naquele primeiro instante, excedeu à visão clara de outros bem-aventurados. Abstrativamente conheceu Ela, mais mistérios que outros na visão intuitiva. O fato de não ter visto a Divindade face a face naquele momento da conceição, não impede que depois a visse muitas vezes pelo decurso de sua vida, como adiante direi.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU SOBRE ESTE CAPÍTULO.

Nossa Senhora começa seu magistério

238. Prometera-me a Rainha e Mãe de Misericórdia que, em chegando a escrever os primeiros atos de suas potências e virtudes, dar-me-ia instrução e doutrina para modelar minha vida ao puríssimo espelho da sua. Esta era a principal finalidade de seus ensinamentos.

Sendo a grande Senhora fidelíssima, assistindo-me sempre com sua divina presença ao me explicar estes mistérios, começou a cumprir sua palavra neste capítulo, falando-me assim:

Vivência da doutrina

239. Minha filha, escrevendo os mistérios de minha santíssima vida, quero que para ti mesma colhas o fruto que desejas. Se com a graça do Altíssimo te dispuseres para me imitar, praticando o que ouvires, a recompensa de teu trabalho será a maior pureza a perfeição de tua vida.

É vontade de meu Filho Santíssimo que empregues todo esforço para aprender o que eu te ensinar, considerando minhas virtudes e ações com todo apreço de teu coração. Ouve-me com atenção e fé que eu te direi palavras de vida eterna, ensinar-te-ei o mais santo e perfeito da vida cristã e o mais agradável aos olhos de Deus. Com isto ficarás preparada para melhor receber a luz, na qual te serão revelados os ocultos mistérios de minha vida santíssima e a doutrina que desejas.

Primícias para Deus

240. É ato de justiça devida ao Deus eterno que a criatura, ao receber o uso da razão, dirija-lhe seu primeiro impulso para conhecê-lo, amá-lo, reverenciá-lo e adorá-lo como seu Criador, único e verdadeiro Senhor. Por natural obrigação devem os pais guiá-los com cuidado, para que logo procurem seu último fim e o encontrem aos primeiros atos da razão e vontade. Com empenho deveriam retirá-los das criancices e erros pueris a que a mesma natureza corrompida propende quando abandonada a si mesma.

Se os pais se antecipassem a prevenir os desvios das inclinações de seus filhos, e desde a infância os fossem instruindo, dando-lhes muito cedo notícia de seu Criador, estariam mais dispostos para logo começar a conhecê-lo e adorá-lo.

Minha santa mãe - que desconhecia minha privilegiada natureza e sabedoria - fez isto comigo tão pontualmente que, trazendo-me ainda em seu seio, adorava em meu nome o Criador. Dava-lhe, por mim, suma reverência e ação de graças por me haver criado, suplicando-lhe que me protegesse, guardasse e me desse feliz nascimento.

De igual modo, devem os pais suplicar fervorosamente a Deus que, por sua providência, proporcione a graça do batismo a seus filhos e liberte suas almas da servidão do pecado original.

Fidelidade a Deus

241. Se a criatura racional não houver reconhecido e adorado o Criador ao primeiro uso da razão, deverá fazê-lo no momento em que chegue a conhecer pela fé aquele Ser e único Bem, antes ignorado. Daí em diante deve a alma trabalhar para nunca perdê-lo de vista e sempre temê-lo, amá-lo e reverenciá-lo.

Tu, minha filha, deste a Deus esta adoração no decurso de tua vida, mas agora quero que a pratiques com mais perfeição, conforme vou te ensinar.

Fixa a vista interior de tua alma em Deus, o Ser sem princípio e sem fim. Contempla-o infinito em perfeições, a única e verdadeira santidade, o sumo bem. É o objeto nobilíssimo da criatura, quem deu existência a tudo quanto é criado e sem ter necessidade de nada, tudo sustenta e governa. É a perfeita beleza, sem mancha nem defeito algum. Eterno no amor, verdadeiro nas palavras, fidelíssimo nas promessas, o que deu a própria vida entre tormentos, pelo bem de suas criaturas, sem que alguma o haja merecido.

Nesta imensa amplidão de bondade e benefícios, espraia teu olhar e ocupa tuas faculdades, sem esquecê-lo nem afastá-lo de ti, porque com tal conhecimento do sumo bem, seria grosseria e deslealdade esquecê-lo com detestável ingratidão. Esta seria a tua, se depois de haver recebido luz divina superior à comum e ordinária da fé infusa, teu entendimento e vontade se desviassem do caminho do amor divino.

Se alguma vez, por fragilidade, o fizeres, volta quanto antes à sua procura, e humilhada adora o Altíssimo dando-lhe honra, magnificência e louvor eterno. Sabe que praticar isto, por ti e por todas as demais criaturas, deves considerar tua obrigação e desempenhá-la cuidadosamente como quero.

Exemplo de Maria Santíssima

242. Para te exercitares com mais fervor, considera em teu coração o meu exemplo: aquela primeira visão do sumo

bem me feriu o coração de amor e a Ele me entreguei toda para jamais perdê-lo. Apesar de tudo, vivia sempre solícita e não sossegava, esforçando-me para chegar até o âmago de meus desejos e afetos. Sendo infinito o objeto, tampouco o amor há de ter fim e descanso enquanto não chegar à sua posse.

Em seguida ao conhecimento de Deus e de seu amor, deves conhecer-te a ti mesma, meditando em tua pequenez e vileza. Adverte que estas verdades, bem entendidas e freqüentemente meditadas, produzem divinos efeitos nas almas.

Oração da filha à Virgem

243. Senhora minha, de quem sou escrava e a quem de novo me dedico e consagro: não é sem razão que ansiosamente desejava meu coração este dia, para conhecer, graças à vossa maternal dignação, a inefável alteza de vossas salutares palavras. Confesso, minha Rainha, de todo meu coração que não tenho nenhuma boa obra para merecer este benefício por recompensa. A de escrever vossa vida santíssima, julgo tão grande ousadia que se não fosse por obedecer à vossa vontade e a de vosso Filho, jamais mereceria perdão.

Recebei, minha Senhora, este sacrifício de louvor e falai que vossa serva ouve (**1Rs 3, 10**). Soe, dulcíssima Senhora minha, vossa suavíssima voz aos meus ouvidos (**Ct 2,14**), pois tendes palavras de vida (**Jo 6, 69**). Continuai vossa doutrina e luz para que meu coração se dilate no mar imenso de vossas perfeições e tenha digno motivo para louvar o Todopoderoso. Arda em meu peito o fogo que vossa piedade acendeu para eu desejar o mais santo, o mais puro e o mais aceito da virtude aos vossos olhos.

Sinto, todavia, na parte inferior, a lei repugnante de meus membros (**Rm 7, 23**) que retarda e embaraça o meu espírito, e tenho razão para temer me impeça o bem que Vós, piedosa Mãe, me ofereceis. Olhai-me, pois, como filha, ensinai-me como discípula, corrigi-me como serva e constrangei-me como escrava, quando eu afrouxar e resistir. Não o desejo voluntariamente, mas por fragilidade poderei recair.

Elevar-me-ei ao conhecimento do Ser de Deus, com sua divina graça governarei meus afetos para se enamorarem de suas divinas perfeições e unida a Ele não o deixarei (**Ct 3, 4**). Vós, porém, Senhora e Mãe da Sabedoria e do amor formoso (**Eclo 3,4**), pedi a vosso Filho não me desampare, pela liberalidade com que agraciou vossa humildade (**Lc 2, 48**), Rainha e Senhora de toda a criação.

CAPÍTULO 17

O MISTÉRIO DA CONCEIÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA, NA INTERPRETAÇÃO DO CAPÍTULO 21 DO APOCALIPSE.

Primeira parte do capítulo

244. Encerra tantos e tão ocultos mistérios o privilégio de Maria Santíssima ser concebida em graça que, para me dar maior compreensão deste maravilhoso mistério, declarou-me Sua Majestade muitos dos que o evangelista S. João encerrou no capítulo 21 do Apocalipse.

Para expor algo de quanto me foi manifestado, dividirei a explicação em três partes, para evitar o cansaço que tão longo capítulo poderia causar se fosse tomado por inteiro. Antes direi a letra, segundo seu teor que é o seguinte:

245. *"E vi novo céu e nova terra. Porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existe. E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu de junto de Deus, adornada como uma esposa ataviada para seu esposo. E ouvi uma grande voz vinda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, e habitará com eles. E eles serão seu povo e o mesmo Deus com eles será o seu Deus; e Deus lhes enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem luto, nem clamor, nem mais dor, porque as primeiras coisas passaram. E o que estava sentado no trono disse: Eis que eu renovo todas as coisas, e disse-me: Escreve, porque estas palavras são muito dignas de fé e verdadeiras. E disse-me: Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu darei gratuitamente da fonte da água da vida ao que tiver sede. Aquele que vencer, possuirá estas coisas, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, pelo que toca aos tímidos, e aos incrédulos, e aos execráveis, e aos homicidas e aos fornicadores, e aos feiticeiros e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no tanque ardente de fogo e de enxofre, o que é a segunda morte."*

Novo céu

246. Esta é a primeira das três partes do texto que explicarei neste capítulo, dividindo-a por seus versos.

"Vi um novo céu e uma nova terra" (**v. 1**). Havendo Maria Santíssima saído das mãos do onipotente Deus, e já se encontrando no mundo a matéria imediata da qual se formaria a santíssima humanidade do Verbo que morreria pelo homem, diz

o Evangelista que viu um novo céu e uma nova terra.

Com grande propriedade pôde chamar céu novo aquela natureza e seio



virginal. Neste céu começou Deus a habitar por novo modo (**Jr 31, 22**), diferente daquele que até então havia tido no céu antigo e nas demais criaturas. Além disso, depois do mistério da Encarnação, também o céu dos bem-aventurados chamou-se novo, porque recebeu novos habitantes, os homens mortais.

Só a humanidade santíssima de Cristo e a de sua Mãe puríssima lhe acrescentaram tanta glória que, depois da glória essencial divina, bastou para renovar os céus e lhes dar novo esplendor e formosura. Ainda que lá se encontravam os bons anjos, isto já era tido como coisa antiga e velha. Veio a ser coisa muito nova que com sua morte, o Unigênito do Pai restituísse aos homens o direito da glória perdida pelo pecado. Merecendo-a, de novo os introduziu no céu, do qual estavam expulsos e impossibilitados de obter por si mesmos.

Visto que toda esta novidade teve princípio em Maria Santíssima, quando o Evangelista a viu concebida sem o pecado que era impedimento para todos aqueles bens, disse que viu um novo céu.

Nova terra

247. Viu também uma nova terra, porque a terra antiga de Adão era maldita, manchada e ré da culpa e condenação eterna.

A terra santa e bendita de Maria, porém, foi nova terra, sem a culpa e a maldição do primeiro homem. Tão nova que, desde o princípio da criação até Maria Santíssima não se vira outra igual no mundo. Tão nova e livre da maldição da terra antiga e velha, que nesta bendita terra renovou-se todo o restante dos filhos de Adão.

Pela terra abençoada de Maria, com ela e nela, ficou bendita, renovada e vivificada a massa terrena de Adão, até esse tempo maldita e envelhecida em sua maldição. Renovou-se toda pela inocência de Maria Santíssima.

Como Nela principiou esta renovação da humana e terrena natureza, disse S. João que em Maria concebida sem pecado, viu um novo céu e uma terra nova. E prossegue:

248. *Porque desapareceram o primeiro céu e a primeira terra* (**v. 1**). Era conseqüente que, vindo ao mundo e aparecendo nele a nova terra e novo céu de Maria Santíssima e seu Filho, Homem e Deus verdadeiro, desaparecesse o antigo céu e a envelhecida terra da humana natureza. Agora preservada e livre da culpa, unida hipostaticamente na pessoa do Ver-

bo, dava nova habitação ao mesmo Deus. Deixou de existir o primeiro céu que Deus criara em Adão porque, manchando-se tornara-se inabitável para Deus. Este antigo céu se foi, e surgiu outro céu com a vinda de Maria Santíssima.

Houve também novo céu da glória para a natureza humana, não porque se deslocasse ou desaparecesse o empíreo, mas porque começou a contar com a presença dos homens, durante tantos séculos impedidos de ali entrar. Neste sentido deixou de existir o primeiro céu, começando o novo pelos merecimentos de Cristo Senhor nosso que já começavam a brilhar na aurora da graça, Maria Santíssima, sua Mãe. Deste modo desapareceram o primeiro céu e a primeira terra que até então haviam estado sem remédio.

E o mar já não existe. O mar de abominação e pecados que inundara e afogara a terra de nossa natureza, deixou de existir com a vinda de Maria Santíssima e de Cristo. O mar de seu sangue superabundou e sobrepujou em suficiência ao mar dos pecados. Comparados àquele imenso valor, é certo que qualquer culpa deixa de existir. Se os mortais quisessem aproveitar-se daquele mar infinito da divina misericórdia e méritos de Jesus Cristo, Senhor nosso, deixariam de existir todos os pecados do mundo, pois o Cordeiro de Deus a todos veio apagar e desfazer.

A nova Jerusalém

249. *E eu, João vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu de junto de Deus, adornada como uma esposa ataviada para seu esposo* (**v. 2**). Todos estes mistérios começavam e fundavam-se em Maria Santíssima. Falando em metáfora, diz o Evangelista que a viu na figura da cidade santa de Jerusalém, etc. Foi-lhe concedido vê-la para melhor conhecer o tesouro que ao pé da Cruz (**Jo 19, 27**) lhe seria confiado, e com digno apreço guardá-lo. Ainda que nenhuma providência poderia equivaler à presença do Filho da Virgem, contudo, ficando S. João em seu lugar, era conveniente fosse instruído de acordo com a dignidade e ofício de suplente de Jesus.

Maria, nova Jerusalém

250. Pelos mistérios que Deus operou na cidade santa de Jerusalém, era apropriada para símbolo da Mãe do Onipotente, centro e resumo de todas as suas maravilhas.

Pela mesma razão, Jerusalém é também figura das igrejas militante e triunfante, por causa da analogia que estas místicas cidades têm entre si. A todas se estendeu o olhar da generosa águia S. João. Contemplou de fito, principalmente a suprema Jerusalém, Maria Santíssima, onde estão impressas e compendiadas todas as graças, dons, maravilhas e excelências das igrejas militante e triunfante.

Tudo o que se fez na Jerusalém da Palestina, e o que ela e seus habitantes significam, está realizado em Maria puríssima, cidade santa de Deus, com maior admiração e excelência que no resto do céu e terra com seus moradores. Por isto, chama-a *Jerusalém nova*, porque todos seus dons, grandezas e virtudes são novos e causam nova maravilha aos santos. Nova ainda, porque apareceu depois de todos os antigos pais, patriarcas e profetas, cumprindo-se e renovando-se Nela seus clamores, oráculos e promessas.

Nova, mais uma vez, porque sem contágio da culpa descende da graça por nova ordem, separada da comum lei do pecado. Nova também, porque entra no

mundo triunfando do demônio e do seu primeiro engano, sendo tal triunfo a coisa mais nova, jamais vista no mundo desde seu princípio.

Maria é mais celeste que terrestre

251. Como tudo isto era novo na terra e dela não poderia proceder, diz que desceu do céu. Não obstante descender de Adão pela ordem comum da natureza, não vem pelo caminho ordinário do pecado, trilhado por todos os seus predecessores filhos daquele primeiro delinqüente. Somente para esta Senhora houve diferente decreto na divina predestinação, e abriu-se nova senda pela qual viesse ao mundo com seu divino Filho. Na ordem da graça, Cristo e Maria não acompanharam nem foram acompanhados por qualquer outro dos mortais.

Deste modo, desceu nova do céu, da mente e vontade divina. Enquanto os demais filhos de Adão descendem da terra, terrenos e maculados por ela, esta Rainha de toda a criação vem do céu, descendente somente de Deus pela inocência e graça.

Costumamos dizer vir alguém da família ou solar do qual nasceu, porque aí recebeu o ser natural. Considerada sua qualidade de Mãe do Verbo Eterno, o ser natural que Maria recebeu de Adão é apenas uma sombra, comparada ao que recebeu do Eterno Pai para aquela dignidade, na graça e participação de sua Divindade. Em Maria este ser da graça é o principal, e o da natureza acessório e secundário. O Evangelista visou o principal que desceu do céu, e não o acessório que veio da terra.

A esposa de Deus

252. Prossegue dizendo que *vinha adornada como esposa ataviada para seu esposo.* Para o dia do desposório busca-se entre os mortais, o maior decoro e alinho que se possa encontrar, para adornar a esposa. Ainda que se peçam emprestadas as jóias, procura-se que nada lhe falte, de acordo com sua posição e estado.

Cremos, como é forçoso confessar, que Maria Santíssima foi esposa da Santíssima Trindade, de tal modo que se tornou Mãe da pessoa do Filho. Para esta dignidade foi adornada e preparada pelo mesmo Deus onipotente, infinito e rico sem medida. Que ornato, que preparação, que jóias seriam estas com que ataviou sua Esposa e Mãe, para vir a ser digna Mãe e digna Esposa? Reservaria, por ventura, alguma jóia em seus tesouros? Negaria alguma graça de quantas seu braço poderoso poderia dar, para a enriquecer e embelezar? Deixá-la-ia feia e desalinhada em alguma coisa ou instante? Ou seria escasso e avarento com sua Mãe e Esposa? Aquele que derrama prodigamente os tesouros de sua divindade sobre as demais almas que, em comparação Dela, são menos que servas e escravas de sua casa?

Todas confessam com o mesmo Senhor, que uma é a escolhida e a perfeita (**Ct 6, 8**), a quem as demais devem reconhecer, pregar, enaltecer por imaculada e felicíssima entre as mulheres. Admiradas, com júbilo e louvor, perguntam: Quem é esta que surge como a aurora, formosa como a lua (**Idem 9**), escolhida como o sol e terrível como exércitos bem ordenados? Esta é Maria Santíssima, esposa única e Mãe do Onipotente, que desceu ao mundo adornada e preparada para seu Esposo e seu Filho.

Esta aparição foi com tantos dons da Divindade, que sua luz a tornou mais aprazível que a aurora, mais formosa que a lua, mais escolhida e singular que o sol, e

mais forte e poderosa que todos os exércitos de anjos e santos.

Desceu ataviada e preparada por Deus que lhe deu tudo quanto quis, e quis lhe dar tudo quanto pôde. Pôde dar tudo o que não era ser Deus; o mais próximo de sua Divindade; o mais distante do pecado; o quanto uma pura criatura pudesse receber.

Este adorno não teria sido completo se algo lhe faltara, e esta falta existiria se em algum momento carecesse da inocência e graça. Sem isto nada seria suficiente para torná-la formosa, pois as jóias da graça cairiam sobre um rosto afeado, de natureza maculada pelo pecado, ou sobre uma veste manchada e repugnante. Sempre teria alguma nódoa cuja sombra jamais poderia desaparecer de todo, por mais diligências que se fizessem.

Isto não era decoroso para Maria, Mãe e esposa de Deus, e não sendo para Ela, não o seria também para Ele. Neste caso, não a teria adornado com amor de esposo, e cuidado de filho, pois dispondo do mais rico e precioso tecido, teria usado outro manchado e velho para vestir sua Mãe, Esposa, e a Si mesmo.

253. Já é tempo que o entendimento humano se abra e se expanda na honra de nossa grande Rainha. Quem pensar o contrário, baseado em outra opinião, se retraia e não ouse despojá-la do adorno de sua imaculada pureza no instante de sua divina conceição [9].

Com a força da verdade e luz na qual vejo estes inefáveis mistérios, confesso uma e muitas vezes que todos os privilégios, graças, prerrogativas, favores e dons de Maria Santíssima, inclusive o de ser Mãe de Deus, - conforme me é dado a entender - todos dependem e se originam do fato de ter sido imaculada e cheia de graça em sua puríssima conceição.

Sem este benefício, todos os outros pareceriam disformes e coxos, ou suntuoso edifício sem alicerce sólido e proporcionado. Todos referem-se com certa ordem e concatenação à pureza e inocência de sua imaculada conceição. Por esta razão, no decurso desta história, foi necessário falar tantas vezes neste mistério, desde os decretos divinos para a formação de Maria e de seu Filho Santíssimo enquanto homem.

Agora não me alongo mais sobre isto, Advirto, porém, a todos, que a Rainha do céu estimou tanto o adorno e formosura que seu Filho e Esposo lhe deu, que na mesma medida se indigna contra aqueles que, com teimosia e disputas, dele pretendem despojá-la e afeiá-la, quando seu Filho Santíssimo se dignou ostentá-la ao mundo tão adornada e formosa, para glória sua e esperança dos mortais.

Prossegue o Evangelista:

O tabernáculo de Deus

254. *E ouvi uma grande voz vinda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, e habitará com eles, e eles serão o seu povo.*

Grande, forte e eficaz é a voz do Altíssimo para mover e atrair a si toda a criatura. Tal foi a voz que S. João ouviu do trono da beatíssima Trindade, e que lhe absorveu a atenção para considerar o tabernáculo de Deus.

Assim lhe fôra pedido para que, atento e circunspecto, conhecesse o mistério que lhe era revelado: ver o tabernáculo de Deus com os homens, vivendo com eles como seu Deus, e eles como seu povo.

Este mistério se resumia em ver Maria Santíssima descer do céu, como tenho dito. Estando este divino tabernáculo de Deus no mundo, era conseqüente que o mesmo Deus estivesse também com os

9- No tempo em que a autora escrevia - 1655 - a Igreja ainda não definira o dogma da Imaculada Conceição, o que realizou só em 1854. (N. da T.)

homens, pois vivia e estava em seu tabernáculo, inseparável dele.

Foi como se dissera ao Evangelista: Se o Rei colocou sua casa e corte no mundo, é para ir nela residir. De tal modo Deus habitaria neste seu tabernáculo, que dele tomaria a forma humana. Nesta forma humana seria morador no mundo, habitando com os homens, para deles ser Deus e eles serem seu povo, povo recebido por herança de pai e mãe.

Em e por seu Filho, o Pai criou todas as coisa (**Jo 1, 2**) e lhas deu por herança da eterna geração divina. Como homem, o Filho nos redimiu em nossa natureza, tornou-nos irmãos seus e assim nos conquistou para seu povo, como herança paterna (**Tt 2, 14**).

Por razão de sua natureza humana, somos ainda sua legítima herança recebida de sua Mãe Santíssima. Ela lhe deu a forma humana na qual Ele nos adquiriu para si. Ainda mais: Mãe sua, Filha e Esposa da beatíssima Trindade, Maria era Senhora de toda a criação. Logo, seu Filho vinha a ser o herdeiro de todas as suas propriedades. O que as humanas leis, dentro da razão natural concedem, não havia de ser recusado pelas divinas.

O homem é mais beneficiado que os anjos

255. Saiu esta voz do trono, por ministério de um anjo que, me parece, com santa inveja, diria ao Evangelista: Contempla o tabernáculo de Deus com os homens, para viver com eles, como com seu povo. Será seu irmão, e tomará a forma neste tabernáculo de Maria que vês descer do céu ao ser concebida.

Alegremente podemos responder a estes celestiais cortesãos, que o tabernáculo de Deus fica muito bem conosco, pois é nosso, e por ele, Deus também será nosso tabernáculo. Deste receberá Ele vida e sangue para oferecer por nós e nos conquistar para seu povo. Viverá conosco como em sua casa e morada, pois o receberemos sacramentado (**Jo 6, 57**), e seremos transformados em tabernáculo para ele.

Fiquem satisfeitos os espíritos angélicos com seus irmãos maiores e menos necessitados que os homens. Nós somos os pequeninos e doentes, a reclamar cuidados e benefícios de nosso Pai e Irmão. Venha ao tabernáculo de sua e nossa Mãe e tome forma humana em suas virginais entranhas. Esconda-se a Divindade, viva conosco e em nós. Tenhamo-la tão próxima que seja nosso Deus e nós, seu povo e morada.

Admirem-se os anjos e arrebatados por tantas maravilhas O bendigam. Quanto a nós, os mortais, enchamo-nos de gozo, acompanhando-os no mesmo louvor, admiração e amor. Prossegue o texto:

O mistério da dor

256. *E Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem mais dor.*

Com a redenção humana, cujo penhor nos foi dado pela conceição de Maria Santíssima, enxugaram-se as lágrimas que o pecado arrancara dos olhos dos mortais. Para quem se aproveitar das misericórdias do Altíssimo, do sangue e méritos de seu Filho, de seus mistérios e sacramentos, dos tesouros de sua santa Igreja, da intercessão de sua Mãe Santíssima para obtê-los, não há morte, nem dor, nem pranto.

A morte do pecado e todo o antigo que dela resultou, já deixou de existir e

se acabou (**Rm 5, 3**)). O verdadeiro pranto sepultou-se com os filhos da perdição, no abismo onde não há salvação. A dor das penalidades não é pranto nem dor verdadeira, mas apenas aparente, podendo coexistir com a verdadeira e suma alegria. Aceita com resignação, é de inestimável valor, e como prova de amor o Filho de Deus exigiu-a para si, para sua Mãe e para seus irmãos.

Paciência e alegria na dor

257. Tampouco se ouvirão clamores e lamentos. Os justos e sábios, com o exemplo de seu Mestre e de sua Mãe humilíssima, aprenderão a calar como a singela ovelha quando levada para vítima do sacrifício (**Is 53, 7**). O direito da fraca natureza em se aliviar com lamentos e queixas, será renunciado pelos amigos de Deus, vendo-O humilhado até a ignominiosa morte de cruz para reparar os danos de nossa impaciência (**Fl 2, 8**).

À vista de tal exemplo, como se há de consentir que nossa natureza se altere e grite no sofrimento? Como se há de permitir atitudes contra a caridade, quando Cristo veio estabelecer a lei do amor fraterno?

Volta o Evangelista a repetir que não haverá mais dor, porque se alguma haveria de subsistir para os homens, seria a dor dos pecados. Para remediar esta enfermidade foi tão suave medicação a Encarnação do Verbo no seio de Maria Santíssima, que esta dor já se tornou doce e causa de alegria, não merecendo mais o nome de dor, pois contém em si, o sumo e verdadeiro gozo. Havendo este gozo entrado no mundo, foram-se as primeiras coisas, as dores e rigores ineficazes da antiga Lei, porque tudo se amenizou e se extinguiu com a abundância da graça da lei evangélica.

Por isto acrescenta: *Eis que renovo todas as coisas* (**v. 5**). Esta voz saiu daquele que estava assentado no trono, declarando-se por autor de todos os mistérios da nova lei evangélica. Começando esta renovação por coisa tão singular e jamais imaginada pelas criaturas, como foi a Encarnação do Unigênito do Pai, de mãe virgem e puríssima, era necessário que, para ser tudo novo, não houvesse em sua Mãe Santíssima coisa alguma velha e antiga. Como o pecado original é quase tão antigo quanto a natureza humana, se a Mãe do Verbo o tivera, Deus não houvera feito novas todas as coisas.

Fé e gratidão

258. *E disse-me: Escreve porque estas palavras são muito dignas de fé e verdadeiras. E disse-me: está feito* (**v. 5-6**).

Ao nosso modo de falar, Deus sente muito que se esqueçam as grandes obras de amor que realizou por nós na Encarnação e Redenção. Para recordação de tantos benefícios e censura de nossa ingratidão, manda que sejam escritas. Deviam os mortais gravá-las em seus corações e temer a ofensa que contra Deus cometem, com tão grosseiro e execrável esquecimento.

É verdade que os católicos ainda crêem nestes mistérios. Contudo, pelo descaso que mostram em os agradecer e recordar, parece que os negam tacitamente, vivendo como se neles não cressem.

Como censura de sua condenável ingratidão, diz o Senhor que *estas palavras são verdadeiras e muito dignas de fé*. Sendo assim, considere-se a dureza e surdez dos mortais, em não se darem por entendidos de verdades digníssimas de fé e eficazes para mover o coração humano e

vencer sua rebeldia. Verdadeiras e dignissimas de fé, deveriam ser impressas na memória, meditadas e ponderadas como certas, infalíveis e realizadas por Deus para cada um de nós.

Deus é imutável

259. Todavia, como Deus não se arrepende dos seus dons (**Rm 11, 29**), nem retira o bem que faz, ainda que desobrigado pelos homens, diz que *já está feito* (**Apoc 21,6**). É como dizer que por nossa ingratidão não retrocederá em seu amor.

Tendo enviado ao mundo Maria Santíssima sem culpa original, já dá por realizado tudo o que pertence ao mistério da Encarnação. Estando Maria puríssima na terra, parece que o Verbo eterno não poderia continuar só no céu, sem descer para assumir a carne humana em seu seio.

Reafirma tudo isto, dizendo: *Eu sou o Alfa e o Ômega*, a primeira e a última letra; princípio e fim, encerro a perfeição de todas as obras. Se as principiei é para levá-las à perfeição do seu último fim. Assim farei por meio de Cristo e Maria; por eles comecei e acabarei todas as obras da graça. E, através do homem, atrairei todas as outras criaturas a Mim, último destino e centro onde repousam.

A fonte da vida

260. *Ao sedento darei gratuitamente da fonte da vida, e o que vencer possuirá estas coisas* (**v. 6-7**).

Quem, entre todas as criaturas, se antecipou a Deus para lhe dar conselho (**Rm 11, 34-35**), ou alguma dádiva que exigisse retribuição? Assim fala o Apóstolo para se entender que tudo quanto Deus faz e tem feito aos homens foi graciosamente, sem qualquer obrigação.

A nascente das fontes não devem suas águas a quem nela vai beber livre e gratuitamente. Se todos não participam de seu manancial, não é culpa da fonte, mas de quem não vai beber, não obstante ela estar convidando e se oferecendo com generosidade e alegria.

E porque muitos não se aproximam e não a procuram, ela mesma vai em busca de quem a receba, vertendo sem parar. Tão de graça, a todos se oferece (**Jo 7, 37**).

Oh! censurável tibieza dos mortais! Oh! abominável ingratidão! O Senhor nada nos deve e tudo nos deu e dá de graça. A maior de todas suas graças e benefícios foi haver-se feito homem e morrido por nós, porque neste favor deu-se a si mesmo inteiramente. Deixou correr o caudal da Divindade (**Sl 45, 5**) até encontrar nossa natureza e unir-se com ela e conosco.

Como é possível que, estando tão sedentos de honra, glória e deleites, não cheguemos a beber nesta fonte (**Is 55, 1**) que tudo nos oferece de graça? Já percebo o motivo: é porque não estamos sedentos da verdadeira glória, honra e descanso, mas suspiramos pela ilusória e aparente. Inutilizamos as fontes da graça (**Idem 12,3**) que Jesus Cristo, nosso bem, nos abriu com os méritos de sua morte.

Mas, a quem tiver sede da Divindade e da graça, diz o Senhor, dar-lhe-ei gratuitamente da fonte da vida (**Jr 2, 13**). Oh! quanta dor e pena que, havendo-se aberto a fonte da vida, haja tão poucos sedentos por ela, e tantos corram às águas da morte! Entretanto, quem vencer em si o mundo, o demônio e a carne, possuirá estas coisas.

Diz que as possuirá, porque sendo-lhe dadas de graça, poderia temer que em alguma ocasião lhe fossem negadas ou retiradas. Para lhas garantir diz que lhe

serão dadas em posse, sem limites, nem restrições.

Recompensa dos predestinados

261. Nova e maior afirmação é dada pelo Senhor: *Eu serei seu Deus e ele será meu filho* (**v. 7**).

Se Deus nos fez seus filhos, é claro que nos tornamos herdeiros de seus bens (**Rm 8, 17**). Sendo herdeiros, ainda que toda a herança seja gratuita, possuímo-la com a mesma segurança dos filhos em relação aos bens de seu pai.

Pai e Deus juntamente, infinito em atributos e perfeições, quem poderá dizer o que Ele oferece ao fazer-nos seus filhos? Em sua herança divina estão compreendidos o amor paternal, a conservação, a vocação, a vivificação, a justificação, os meios para alcançá-la e, finalmente, a glorificação (**1Cor 2, 9**), no estado e felicidade que nem olhos viram nem ouvidos ouviram, nem pode o coração humano sentir. Tudo isto é para os que vencerem, e forem filhos corajosos e verdadeiros.

Os réprobos

262. *Aos tímidos, porém, aos execráveis, incrédulos, homicidas, aos fornicadores, aos feiticeiros, idólatras e a todos os mentirosos* (**v. 8**). Neste tremendo arrolamento inscreveram-se, por suas próprias mãos, inumeráveis filhos da perdição. Infinito é o número dos néscios (**Ecl 1, 15**) que, às cegas, escolheram a morte e para si fecharam o caminho da vida. Não que ele esteja escondido aos que têm olhos, mas porque os cerram à luz. Deixam-se fascinar e obscurecer pelos embustes de satanás que, às diversas inclinações e paixões humanas, oferece o veneno disfarçado nas múltiplas beberagens dos vícios que os homens apetecem.

Os tímidos são os que já querem e já não querem. Sem que haja saboreado o maná da virtude, nem trilhado o caminho da vida eterna, esta se lhes apresenta insípida e insuportável, sendo que o jugo do Senhor é suave e seu peso muito leve (**Mt 11, 30**). Enganados por este modo, deixam-se vencer mais pela covardia, do que pela dificuldade.

Os incrédulos, ou não aceitam as verdades reveladas, como os hereges, pagãos e infiéis, ou as crêem para outros e não para si mesmos. Deste modo têm uma fé morta (**Tg 2, 25**) e agem como descrentes.

Excluídos da vida eterna

263. *Os execráveis* seguem os vícios sem medida nem freio. Gloriam-se da maldade e não se importam de praticá-la. Tornam-se asquerosos a Deus, execráveis e malditos, chegando ao estado de obstinação e quase impossibilidade para fazer o bem. Afastam-se do caminho da eterna vida como se não fossem criados para ela; retiram-se de Deus, de suas bênçãos e graças, tornando-se detestáveis ao Senhor e aos seus santos.

Os homicidas, sem temor nem respeito pela divina justiça, usurpam a Deus o direito de supremo Senhor para governar, punir e vingar as injúrias. Merecem ser medidos pela mesma medida que usaram para medir e julgar os outros (**Lc 6, 38**).

Os fornicadores, por um breve e imundo prazer apenas satisfeito e logo detestado, sem nunca saciar o desordenado apetite, pospõem a amizade de Deus. Desprezam os eternos deleites que saciando são sempre mais apetecidos e satisfazendo jamais se esgotam.

Os feiticeiros acreditaram e confiaram nas falsas promessas do dragão disfarçado com aparência de amigo. Enganados, perverteram-se para enganar e perverter a outros.

Os idólatras, procurando a divindade, não a encontraram (**At 17, 27**), estando ela tão perto de todos. Atribuíram-na a quem não podia ter, pois era conferida aos ídolos pelos seus fabricantes. Inanimadas sombras da verdade, cisternas sem fundo, incapazes de conter a grandeza do verdadeiro Deus (**Jr 2,13**).

Os mentirosos opõem-se à suma verdade que é Deus. Colocam-se no extremo oposto a Ele, privam-se de sua retidão e virtude, confiando mais na falsidade do que no Autor da verdade e de todo o bem.

O tanque de fogo e enxofre

264. Diz o Evangelista ter ouvido que *a parte de todos estes será o ardente tanque de fogo e enxofre que é a segunda morte"* (**v. 8**).

Ninguém poderá, por isto, argüir a divina equidade e justiça, Justificou sua causa com a grandeza de seus benefícios e misericórdias sem número. Desceu do céu para viver e morrer entre os homens e resgatou-os ao preço de sua vida e sangue. Deixou inúmeras fontes de graças em sua santa Igreja, sendo a maior de todas a Mãe da mesma graça e da vida, Maria Santíssima, por cujo meio a podemos alcançar.

Se de todos estes favores e tesouros os mortais não quiserem se aproveitar, e deixando a herança da vida, por momentâneo deleite seguirem a da morte, não é muito que colham o que semearam. Sua parte será o fogo eterno, naquele pavoroso abismo de enxofre, onde não há redenção nem esperança de vida, por haverem incorrido na segunda morte e condenação.

Ainda que esta morte, por sua eternidade é infinita, mais feia e abominável foi a primeira morte do pecado, voluntariamente escolhida pelos réprobos. Foi morte da graça, causada pelo pecado que se opõe à bondade e santidade infinita de Deus, ofendido quando devia ser adorado e reverenciado.

A morte da condenação é justo castigo aplicado pelo atributo da retíssima justiça, a quem merece ser punido. Deus é exaltado e engrandecido por esse atributo, assim como pelo pecado foi desprezado e ofendido. Seja Ele temido e adorado por todos os séculos. Amém.

CAPÍTULO 18

PROSSEGUE O MISTÉRIO DA CONCEIÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA COM A SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO 21 DO APOCALIPSE.

265. Prosseguindo o capítulo21, 9-18 do Apocalipse, assim diz o texto:

"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas e falou comigo, dizendo: Vem, e eu te mostrarei a noiva e esposa do Cordeiro. E transportou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, a qual tinha a claridade de Deus, e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosa, a uma pedra de jaspe, transparente como cristal. E tinha um muro grande e alto com doze portas, e nas portas, doze anjos, e uns nomes escritos que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas ao oriente, e três portas ao setentrião e três portas ao meio dia e três portas ao ocidente. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. E o que falava comigo tinha uma cana de ouro de medir, para medir a cidade e as suas portas e o muro. E a cidade era quadrangular e tão comprida como larga, e mediu a cidade com a cana até doze mil estádios, e o seu comprimento, e a sua altura, e a sua largura são iguais. Mediu também o seu muro até cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, que era a do anjo. E o muro era construído de pedra de jaspe; e a mesma cidade era de ouro puro, semelhante a vidro límpido".

Castigo das ofensas feitas à Mãe de Deus

266. Os anjos referidos pelo escritor sagrado, são sete dos que assistem especialmente ao trono de Deus, e a quem o Senhor deu o encargo e poder para castigar certos pecados dos homens. Esta vingança da ira do Onipotente (**Ap 15, 1**) acontecerá nos últimos séculos do mundo. Castigo tão novo que nem antes nem depois na vida terrestre se verá outro maior. Estes mistérios são muito secretos e como não recebo luz de todos, nem pertencem a esta História, não convém alongar-me nisto, e assim passo ao que pretendo.

O anjo que falou a S. João é aquele por meio do qual Deus vingará, em particular, com tremendo castigo, as injúrias feitas à sua Mãe Santíssima. Tendo-a desprezado com louca ousadia, provocaram a indignação da onipotência divina.

Está a Santíssima Trindade empenhada em honrar e enaltecer esta Rainha do céu, acima de todas as criaturas humanas e angélicas, e em ostentá-la ao mundo por espelho da Divindade e medianeira única dos mortais.

Por este motivo, Deus tomará especialmente por sua conta, vingar as heresias, erros, blasfêmias e qualquer desacato cometido contra Ela. Não quiseram glorificá-lo, conhecê-lo e adorá-lo neste seu tabernáculo e não se aproveitaram de tão incomparável misericórdia.

Profetizados estão, na santa Igreja, estes castigos. Ainda que os enigmas do Apocalipse encubram seu rigor, ai dos infelizes sobre quem eles caírem. Ai de mim que ofendi a Deus, tão forte e poderoso para punir. Fico atônita só com o conhecimento e a ameaça de tal calamidade.

A esposa do Cordeiro

267. Disse o Anjo ao Evangelista: *Vem e te mostrarei a esposa, mulher do Cordeiro* (**v. 9**). A cidade santa de Jerusalém que lhe foi mostrada é a mulher, esposa do Cordeiro. Significando esta metáfora[10] Maria Santíssima, a quem S. João via como mãe e esposa do Cordeiro, o Cristo, porquanto a Rainha exerceu divinamente ambos os ofícios. Foi esposa da Divindade, única (**Ct 6, 8**) e singular, pela fé e amor com que se contraiu este desposório. Foi mãe do mesmo Senhor humanado, dando-lhe sua substância e carne mortal, criando-o e sustentando-o na forma humana que dela recebeu.

Para ver e compreender tão soberanos mistérios, o espírito do Evangelista foi elevado a um alto monte de santidade e luz. Sem ultrapassar a si mesmo, e elevar-se acima da humana fraqueza, não os poderia entender. Pela mesma razão, não os entendemos nós, homens imperfeitos e terrenos.

Assim arrebatado diz: *Mostrou-me a cidade santa de Jerusalém que descia do céu* (**v. 10**) construída não na terra, onde era estrangeira e peregrina, mas no céu. Lá não pôde ser fabricada com materiais comuns de pura terra, ainda que desta haja sido tomada a sua natureza. Esta mística cidade foi conduzida ao céu para lá ser construída ao modo celestial, angélico e até divino, semelhante à Divindade.

A Cidade de Deus

268. Por esse motivo acrescenta que *tinha a claridade de Deus* (**v. 11**). Teve a alma de Maria Santíssima tanta participação na Divindade e em seus atributos e perfeições, que se fosse possível vê-la em seu próprio ser, pareceria iluminada com a claridade eterna do mesmo Deus. Grandes e gloriosas coisas estão ditas (**Sl 86, 3**) na Igreja Católica, desta cidade de Deus e da claridade que recebeu do Senhor. No entanto, tudo é pouco, insuficientes todos os termos humanos para explicá-lo. Em vista de sua incapacidade, o entendimento criado só pode dizer que Maria Santíssima teve um não sei quê de Divindade. Assim, confessa a substância da verdade, a ao mesmo tempo, a ignorância para explicar o que declara por verdadeiro. Construída no céu, somente o Artífice que a edificou conhecerá a grandeza, parentesco e afinidade que com Ela contraiu, assemelhando as perfeições que lhe deu às mesmas contidas em sua infinita Divindade.

Maria, criatura divinizada

269. *Sua luz era semelhante a uma pedra preciosa, como pedra de jaspe transparente como cristal* (**v. 11**).

10- Como já tenho dito, nº 248.

Não é difícil entender que se pareça com o jaspe, com o cristal e com Deus ao mesmo tempo. Embora tão dessemelhantes entre si, da comparação entre o jaspe e o cristal, compreenderemos um pouco sua semelhança com Deus. O jaspe encerra muitas cores, reflexos e variedades de sombras, enquanto o cristal é claríssimo, puro e uniforme. Combinados formam singular e formoso conjunto.

Em sua formação recebeu Maria Santíssima a variedade de virtudes e perfeições com as quais Deus compôs e teceu sua alma, toda semelhante a um cristal puríssimo. Sem sombras nem átomo de culpa, de sua claridade e pureza emite raios e reflexos de Divindade. Como o cristal, banhado pelo sol, parece encerrá-lo dentro de si e reproduz seus resplendores. Entretanto, este cristalino jaspe tem sombras, porque é filha de Adão e pura criatura. Tudo quanto tem do resplendor do sol da divindade, é participação dela. Ainda que o pareça, não é o sol divino por natureza, mas por participação e comunicação da graça. É criatura, formada pela mão de Deus, mas para ser Mãe sua.

270. *Tinha a cidade um grande e alto muro com doze portas* (**v. 12**).

Os mistérios encerrados no muro e portas desta mística cidade de Maria Santíssima, são tão grandes e ocultos que com dificuldade eu, mulher ignorante e rude, poderei explicar por palavras o que me foi dado a entender. Di-lo-ei como for possível.

No primeiro instante da conceição de Maria Santíssima, quando a Divindade se lhe manifestou por aquela visão e modo que acima disse[11], então, ao nosso modo de entender, a beatíssima Trindade renovou os antigos decretos de criá-la e engrandecê-la. Estabeleceu um acordo e contrato com esta Senhora, embora sem Ela o saber por enquanto. Foi como se as três divinas Pessoas conferissem entre si deste modo:

Maria, dispenseira das graças

271. A dignidade que damos a esta pura criatura, de Esposa nossa e Mãe do Verbo, é devido e condigno constituí-la Rainha e Senhora de toda a criação. Além das riquezas e dons de nossa divindade com que a dotamos, é justo dar-lhe autoridade, para pessoalmente dispor de nossas misericórdias infinitas. Poderá distribuir e comunicar, à sua vontade, as graças e favores que os mortais necessitarem, principalmente aos que, como filhos devotos seus, a invocarem.

- Assim, poderá enriquecer aos pobres, socorrer aos pecadores, aperfeiçoar os justos e ser universal amparo de todos. Todas as criaturas deverão reconhecê-la por Rainha e superiora, depositária de nossos infinitos bens, com faculdade de os poder distribuir. Para isto lhe entregaremos as chaves de nosso coração e vontade, e no que se referir às criaturas, será em tudo executora de nosso beneplácito.

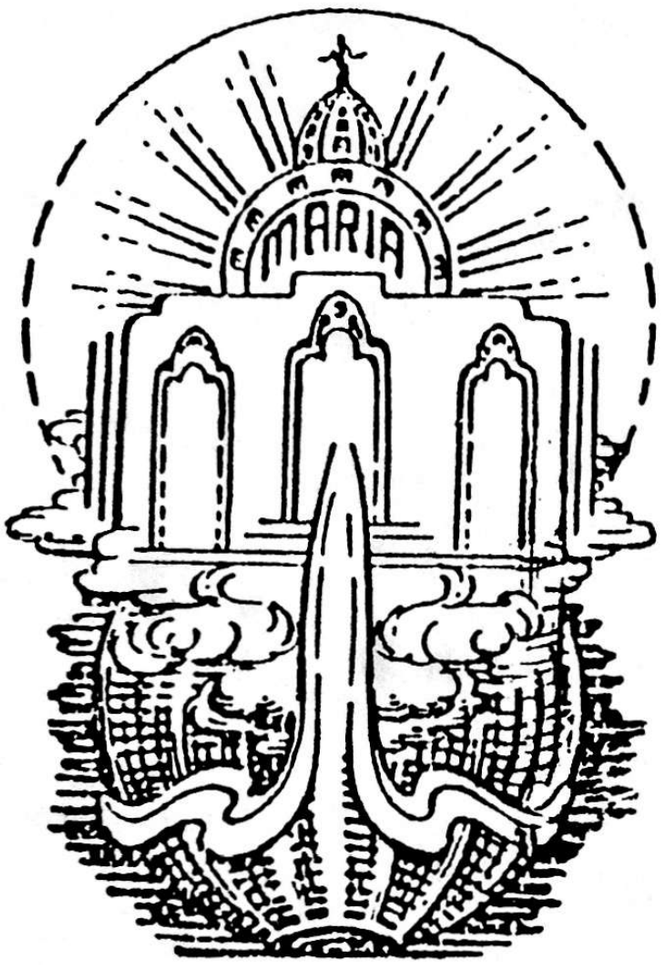
Dar-lhe-emos, além disso, domínio e poder sobre o dragão, nosso inimigo e todos seus aliados, os demônios, para que temam sua presença e seu nome, cuja virtude os aniquilará. Todos os mortais que se acolherem a esta cidade de refúgio, aí encontrem abrigo certo e seguro, sem temerem os demônios e suas ciladas.

Maria, refúgio dos homens

272. Sem revelar à alma de Maria Santíssima tudo quanto este decreto ou promessa continha, mandou-lhe o Senhor,

11- nºs 229 e 237.

naquele primeiro instante, que orasse afetuosamente por todas as almas. Que solicitasse sua eterna salvação, especialmente daqueles que durante a vida a Ela recorressem. Concedeu-lhe a Santíssima Trindade que naquele justíssimo tribunal, nada lhe seria negado. Mandou-lhe que subjugasse o demônio e, com o império e virtude que lhe comunicaria o braço do



Onipotente, o afastasse das almas.

Mas não lhe deu a entender que seria Mãe do Verbo, razão de lhe ser concedido este favor e os demais nele compreendidos.

Ao dizer S. João que a cidade tinha um grande e alto muro, entendeu este benefício feito por Deus à sua Mãe, constituindo-a sagrado refúgio, amparo e defesa de todos os homens. Nela tudo encontrariam, como cidade fortificada e segura muralha contra os inimigos. Poderosa Rainha e Senhora da criação, dispenseira dos tesouros do céu e da graça, a Ela recorreriam todos os filhos de Adão.

Disse ainda, que era muito alto este muro, porque o poder de Maria puríssima para vencer o demônio e elevar as almas à graça é o mais próximo do poder de Deus. Tão guarnecida e segura é esta cidade, para si e para os que nela procuram proteção que, fora de Deus, todas as forças criadas não poderiam tomá-la, nem sequer escalar os seus muros.

Os doze anjos, ministros de Maria

273. O muro da cidade santa tinha doze portas (**v. 12**). Além de sua entrada ser franca para todos os povos e gerações, sem excluir nenhum, todos são convidados a entrar. Ninguém, se o quiser, fica privado da graça, dons e glórias que o Altíssimo lhes quer conceder, por meio desta Rainha e Mãe de misericórdia.

E nas doze portas, doze anjos. Estes doze príncipes são os que acima citei [12] e faziam parte dos mil designados para a guarda da Mãe do Verbo encarnado.

Além de assistirem à Rainha, o ministério destes doze anjos foi servi-la, particularmente, em inspirar e defender as almas que devotamente a chamarem em seu socorro e se distinguirem em sua veneração e amor.

Por isto, diz o Evangelista que os viu nas portas desta cidade, ministros e agentes que auxiliam, inspiram e convidam os mortais a entrarem na eterna felicidade pelas portas da piedade de Maria Santíssima. Muitas vezes Ela os envia, com inspirações e graças, para livrar de perigos corporais ou espirituais aos devotos que a invocam.

Os doze anjos, protetores dos devotos de Maria

274. Tinham uns nomes inscri-

12- nº 202.

tos, que são os das doze tribos dos filhos de Israel. Recebem os santos anjos nomes relativos ao ofício e ministério para os quais são enviados ao mundo.

Estes doze príncipes assistiam à Rainha do céu, particularmente, na salvação dos homens. Como todos os escolhidos são figurados pelas doze tribos de Israel. Por esta razão, diz o Evangelista, aqueles anjos traziam os nomes das doze tribos, como se fosse um anjo para cada tribo. Guardariam e protegeriam os que, em todos os tempos e nações, entrariam na celeste Jerusalém por estas portas da intercessão de Maria Santíssima.

Maria co-redentora e dispenseira das graças

275. Admirando-me desta grandeza de Maria puríssima e de que Ela fosse medianeira e porta para todos os predestinados, foi-me dado a entender que este privilégio corresponde ao seu ofício de Mãe de Cristo e dos homens.

Pelo fato de haver dado com seu puríssimo sangue e substância, corpo humano no qual seu Filho Santíssimo sofresse e redimisse os homens, de certo modo ela morreu e padeceu em Cristo, em conseqüência dessa identificação de carne e sangue.

Além disso, acompanhou-o em sua paixão e morte e, com divina humildade e fortaleza, a quis sofrer no modo que lhe foi possível.

Assim como cooperou na paixão e deu a seu Filho com que padecer pelo gênero humano, também o Senhor a fez participante da dignidade de Redentora e entregou-lhe os méritos e frutos da Redenção, para deles ser a única dispensadora aos redimidos.

Oh! admirável tesoureira e depositária de Deus! Que seguras estão em tuas divinas e liberais mãos, as riquezas da destra do Onipotente!

"Tinha esta cidade três portas ao oriente, três portas ao setentrião, três portas ao meio-dia e três portas ao ocidente" (**v. 13**). Três portas para cada parte do mundo.

Por estas três portas, introduz os mortais para receberem tudo quanto o céu e a terra possuem: Aquele que deu ser a tudo o que existe, as três divinas pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo.

Cada uma delas deseja que Maria solicite, livremente, os tesouros divinos para os mortais. Ainda que seja um só Deus, cada uma das pessoas dá entrada franca a esta puríssima Rainha. No tribunal do Ser imutável da Santíssima Trindade, lhe é concedido interceder, pedir, e tirar tesouros para dá-los aos devotos de todo o mundo que a invocam. Nenhum dos mortais de qualquer lugar, tempo e nação em toda a terra, tem desculpa de não entrar, pois em todas as direções há, não uma, e sim três portas.

Se entrar numa cidade por uma porta aberta e franca é tão fácil, quem não entra, não é por falta de porta, mas porque não quer entrar nem se pôr a salvo.

Que dirão aqui os infiéis, hereges e pagãos? Que dirão os maus cristãos e obstinados pecadores? Se os tesouros do céu estão nas mãos de nossa Mãe e Senhora, se Ela nos chama e solicita por meio de seus anjos, se é porta e muitas portas do céu, como são tantos os que ficam de fora e tão poucos os que por elas entram?

Maria, sustentáculo da Igreja

276. *'E o muro desta cidade tinha doze fundamentos e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro"* (**v. 14**).

Os inabaláveis e sólidos fundamentos sobre os quais Deus edificou a cidade santa de Maria sua Mãe, foram todas as virtudes sob especial direção do Espírito Santo.

O número doze com os doze nomes dos apóstolos, significa que foi fundada sobre a mais alta santidade, que vem a ser a dos apóstolos, os maiores entre todos os santos. Assim diz Davi (**Sl 86, 2**) que os fundamentos da cidade de Deus foram postos sobre os montes santos.

Outra razão é porque a santidade de Maria e sua sabedoria foi o apoio e segurança dos apóstolos, depois da morte de Cristo e sua subida ao céu.

Sempre fôra sua Mestra e modelo, mas naquela ocasião, Ela só foi o maior sustentáculo da primitiva Igreja. Por haver sido destinada para este ministério com as devidas graças e virtudes, desde sua imaculada conceição, por isto diz a Escritura que seus fundamentos eram doze.

A grandeza de Maria foi medida pela de Cristo

277. *E aquele que falava comigo tinha uma medida de cana de ouro, e mediu a cidade com esta cana até doze mil estádios* (**v. 15, 16, 17**).

Nesta medida encerrou o Evangelista grandes mistérios sobre a dignidade, graças, dons e méritos da Mãe de Deus. Ainda que a mediram com grande medida, na dignidade e benefícios que o Altíssimo lhe concedeu; a medida ajustou-se perfeitamente ao que era medido.

O comprimento foi igual à largura, sem que Nela houvesse falta, excesso ou desproporção; foi igual e proporcional em todos os lados.

Nisto não me detenho agora, remetendo-me ao que direi em todo o decurso da história de sua vida. Somente advirto que esta dimensão pela qual se calculou a dignidade, méritos e graça de Maria Santíssima foi a humanidade de seu Filho unida ao Verbo divino.

Proporção entre Cristo e Maria

278. A medida era uma cana, símbolo da fragilidade da natureza humana, e de ouro, figura da divindade do Verbo. A dignidade de Cristo, Deus e homem verdadeiro, os dons da natureza humana unida à divina pessoa com os merecimentos que adquiriu, foram o padrão empregado pelo Senhor para dotar sua Mãe Santíssima.

Foi Ele quem a mediu consigo mesmo, e ao ser assim medida, Ela pareceu ficar igual, na proporção e altura de sua dignidade de Mãe.

Na longitude de seus dons e graças, e na latitude de seus méritos foi igual, sem falta nem desproporção. É verdade que não pôde medir-se com seu Filho Santíssimo, com igualdade absoluta e matemática. Cristo, Senhor nosso, era homem e Deus verdadeiro, enquanto Ela era pura criatura, pelo que, a medida a excedia infinitamente.

Todavia, Maria Santíssima teve certa igualdade de proporção com seu Filho. Assim como a Ele nada faltou do que lhe competia como Filho verdadeiro de Deus, assim a Ela nada faltou, do que lhe era devido como a Mãe verdadeira do mesmo Deus.

Deste modo, Ela como Mãe, e Cristo como Filho, tiveram igual proporção na dignidade, graças, dons e merecimentos. Nenhuma graça criada teve Cristo, que também não estivesse, na devida proporção, em sua Mãe puríssima.

A medida dos predestinados

279. *Mediu a cidade com a cana até doze mil estádios* (**v. 16**)".

Esta medida de estádios com a qual foi medida Maria puríssima em sua conceição, e o número de doze mil encerram altíssimos mistérios.

O Evangelista chamou estádios, a medida perfeita com que se mede a alteza da santidade dos predestinados. Esta grandeza depende dos dons de graça e glória que Deus, em sua mente e eterno decreto, dispôs comunicar-lhes por meio de seu Filho humanado. Tudo foi contado e determinado pela sua infinita equidade e misericórdia.

Por estes estádios são medidos todos os escolhidos, suas virtudes e méritos. Infelicíssimo aquele que não chegar a atingir esta medida, nem se ajustar com ela, quando o Senhor o medir!

O número doze mil inclui todos os predestinados e escolhidos. Estão reunidos sob as doze cabeças destes milhares, os doze apóstolos, príncipes da Igreja Católica, assim como no capítulo VII do Apocalipse (**v. 4**) estão simbolizados pelas doze tribos de Israel. Todos os eleitos deveriam abraçar a doutrina que os apóstolos do Cordeiro ensinaram, como acima também disse na explicação deste capítulo [13]

Maria ultrapassa toda a criação reunida

280. De tudo isto se deduz a grandeza desta cidade de Deus, Maria Santíssima. Se a cada estádio damos pelo menos 125 passos, imensa pareceria uma cidade que tivesse doze mil estádios [14].

Ao ser medida Maria, Senhora nossa, pelos estádios com que Deus mede aos predestinados, da altura, comprimento e largura, de todos reunidos nada sobrou. A todos juntos igualou quem era Mãe do mesmo Deus, Rainha e Senhora de todos, e só nela pôde caber mais do que no resto de toda a criação.

Firmeza das virtudes de Maria

281. *"Mediu seu muro até cento e quarenta e quatro côvados com medida de homem que é de anjo"* (**v. 17**). Esta dimensão do muro da cidade de Deus, não foi do comprimento mas da altura.

Sendo os estádios do quadrilátero da cidade doze mil por doze mil, iguais em todos os lados, era forçoso que o muro fosse um pouco maior, principalmente na superfície externa, para poder encerrar dentro de si toda a cidade.

Enquanto a medida de cento e quarenta e quatro côvados [15] quaisquer que fossem, seria pequena para muros de tão extensa cidade, era bastante proporcionada para a altura destes muros que constituíam segura defesa para quem lá habitasse.

Esta altura representa a segurança que em Maria Santíssima encontram todos os dons e graças, tanto os de santidade como os de dignidade, nela depositados pelo Altíssimo.

Para dar a entendê-lo, diz que a altura era de cento e quarenta e quatro côvados, número divisível, compreendendo três muros: grande, médio e pequeno, correspondentes às ações da Rainha em matéria maior, mediana e menor. Não que nela houvesse coisa pequena, mas porque sendo atos de matérias diferentes, também sua importância o era. Uns atos eram milagrosos e sobrenaturais, outros eram de virtudes teologais, quer interiores, quer exteriores.

13- nº 274.

14- 12.000 estádios correspondem a 2.200 quilômetros - (N. da T.)

15- 144 côvados de 0,45cm cada, dão 64,80m. (N.T.)

A todas as ações deu tanta plenitude de perfeição que, nem pelas grandes deixou as pequenas de obrigação, nem por estas faltou às superiores. Realizou-as com tão suprema santidade e agrado do Senhor, que se elevou à medida de seu Filho santíssimo, assim nos dons naturais como nos sobrenaturais.

Esta foi a medida do homem-Deus, o Anjo do grande conselho, superior a todos os homens e anjos, excedidos, na devida proporção, por Mãe e Filho.

Prossegue o Evangelista:

A humildade velava a grandeza de Maria

282. *"E o muro era construído de pedra de jaspe"* **(v. 18)**.

Os muros de uma cidade são os primeiros a serem vistos por quem a vê.

A variedade dos reflexos, cores e sombras que contém o jaspe, material dos muros desta cidade de Deus, Maria Santíssima, significa a inefável humildade que acompanhava e encobria todas as graças e excelências desta grande Rainha. Sendo digna Mãe de seu Criador, isenta de toda mácula de pecado e imperfeição, apareceu aos homens sob a sombra da lei comum dos demais filhos de Adão, sujeita às exigências e penalidades da vida natural, como em seus lugares direi.

Contudo, este jaspe e estas sombras, reais nas outras mulheres, Nela eram apenas aparentes e serviam à cidade de inexpugnável defesa. Por dentro era de puríssimo ouro, semelhante a um vidro limpidíssimo. Isto exprime que tanto na formação de Maria Santíssima, como depois no decurso de sua vida inocentíssima, jamais houve mácula **(Ct 4, 7)** que obscurecesse sua cristalina pureza.

A mancha ou sombra, ainda que seja de um átomo, que caísse no vidro ao ser fabricado, nunca mais desapareceria. Seria sempre uma sombra em sua transparência, claridade e pureza. Da mesma forma, se Maria Santíssima em sua conceição houvera contraído a mancha ou sombra do pecado original, este sempre seria notado, e com esse defeito não poderia ser vidro puro e limpidíssimo.

Tampouco seria ouro puro, pois sua santidade teria tido a liga do pecado original a diminuir seus quilates. Pelo contrário, foi de ouro e vidro esta cidade, porque puríssima e semelhante à Divindade.

CAPÍTULO 19

ÚLTIMA PARTE DO CAPÍTULO 21 DO APOCALIPSE, SOBRE A CONCEIÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA.

283. O texto da última e terceira parte do Apocalipse, capítulo 21, que estou explicando é o seguinte:

"E os fundamentos do muro da cidade eram ornados de toda a qualidade de pedras preciosas. O primeiro fundamento de jaspe; o segundo de safira; o terceiro de calcedônia; o quarto de esmeralda; o quinto de sardônica; o sexto de sárdio; o sétimo de crisólito; o oitavo de berilo; o nono de topázio; o décimo de crisópraso, o undécimo de jacinto; o duodécimo de ametista. E as doze portas eram doze pérolas; e cada porta era uma pérola, e a praça da cidade era de ouro puro, como vidro transparente. E não vi templo nela, porque o Senhor Deus onipotente e o Cordeiro é o seu templo. E esta cidade não tem necessidade de sol, nem de lua, que a ilumine, porque a claridade de Deus a ilumina, e a sua lâmpada é o Cordeiro. E as nações caminharão à sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória e a sua honra. E as portas não se fecharão no fim de cada dia, porque ali não haverá noite. Ser-lhe-ão trazidas a glória e a honra das nações. Não entrará nela coisa alguma contaminada, ou quem comete abominações ou mentira, mas somente aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro" (**Ap 21, 19-27**). Até aqui chega o texto do capítulo XXI que vou explicando.

Os alicerces da cidade de Deus

284. O Altíssimo de Deus escolhera esta cidade de Maria para sua habitação, a mais apropriada e aprazível que, fora de si mesmo, em pura criatura, poderia ter. Não era muito que construísse os alicerces do muro de sua cidade com os tesouros de sua divindade e méritos de seu Filho Santíssimo, adornando-os de todo gênero de pedras preciosas.

Os muros de sua fortaleza e segurança; as pedras preciosas da sublime beleza de sua santidade e dons; os alicerces do muro, quer dizer, de sua conceição: tudo nela deveria estar proporcionado entre si e de acordo com o altíssimo fim para o qual fora edificada, a saber: Deus iria Nela habitar pelo amor e pela humanidade que recebeu em seu virginal seio.

Tudo isto compreendeu e disse o Evangelista. Para Deus habitar em Maria como em fortaleza invencível, exigia espe-

cial dignidade, santidade e fortaleza. Daí convinha que os fundamentos de seus muros - os primeiros princípios de sua Conceição Imaculada - fossem construídos com todo o gênero de virtudes em grau eminentíssimo, e de tanta riqueza que não se encontrassem pedras mais preciosas para seus alicerces.

Jaspe: constância, fortaleza e poder sobre o demônio

285. *"O primeiro fundamento ou pedra era de jaspe"*, cujo matiz e solidez significam a constância e fortaleza infundida nesta grande Senhora, no momento de sua Conceição santíssima.

Com esta virtude ficou preparada para, no decurso de sua vida, praticar todas as virtudes com inabalável magnanimidade e constância. Estas virtudes e hábitos infundidos em Maria Santíssima, no instante de sua conceição, foram simbolizados por estas pedras preciosas. Foram dotadas de singulares privilégios concedidos pelo Altíssimo, que explicarei quanto me for possível.

Compreendendo o simbolismo, entender-se-á o mistério dos doze fundamentos da cidade de Deus. Com o hábito da fortaleza em geral, foi-lhe concedido especial domínio sobre a antiga serpente, e poder para vencer e sujeitar os demônios. Infundia-lhes tal espécie de terror que os afugentava, e à grande distância ainda a temiam, apavorados de se aproximarem dela.

Foi liberalíssima a divina providência com Maria: não a incluiu nas leis comuns dos filhos do primeiro pai; livrou-a da culpa original e da sujeição ao demônio, conseqüência da culpa. Isentando-a de todos estes males, concedeu-lhe sobre os demônios o poder que os homens perderam, por não se haverem conservado no estado da inocência.

Além de tudo isso, pelo fato de ser Mãe do Filho do eterno Pai descido às suas entranhas para destruir o império do mal, foi outorgado à eminentíssima Senhora participação no poder real do ser divino. Com este poder subjugava os demônios, e muitas vezes os enviava às cavernas infernais, como adiante direi.

Safira: serenidade

286. *"O segundo é safira"*. Esta pedra é da cor do céu sereno e claro, e apresenta uns pontozinhos ou átomos dourados e refulgentes. Significa a tranqüilidade que o Altíssimo concedeu aos dons e graças de Maria Santíssima para sempre gozá-los, como em céu inalterável de serena paz, sem nuvens de perturbação.

Desta tranqüilidade se lhes desprendiam, desde o instante de sua imaculada conceição, certos reflexos de divindade. Provinham da participação e semelhança de suas virtudes com os atributos divinos, em particular a imutabilidade, e da clara visão da divindade que muitas vezes recebeu, sendo ainda viadora, como adiante direi [16]

Concedeu-lhe o Senhor, com este dom singular, privilégio e virtude para comunicar calma e serenidade de entendimento a quem, por sua intercessão, pedi-lo a Deus. Assim solicitaram e alcançaram os fiéis, quando assaltados pelas agitadas tormentas dos vícios.

Calcedônia: o nome de Maria

287. *"O terceiro é calcedônia"*. O nome desta pedra deriva-se da Calcedônia, província onde é encontrada.

16- nº 623.

Tem a cor do rubi, e à noite brilha qual uma lanterna.

O mistério desta pedra é simbolizar o nome de Maria Santíssima e a virtude que ele encerra. Recebeu-o da província deste mundo onde viveu, chamando-se filha de Adão como os demais.

Maria, pronunciado com acento latino (Mária), significa mares, porque foi o oceano das graças e dons da Divindade. Com elas inundou o mundo através de sua conceição puríssima, afogando a malícia do pecado e suas conseqüências. Desterrou as trevas do abismo com a luz de seu espírito, iluminado pelo farol da sabedoria divina.

Correspondente a este fundamento, concedeu o Altíssimo especial virtude ao nome santíssimo de Maria. Afugenta as espessas nuvens da infidelidade e destrói os erros da heresia, paganismo, idolatria e quaisquer dúvidas sobre a fé católica.

Se os infiéis procurassem e invocassem esta luz, é certo que muito depressa sacudiriam do entendimento as trevas de seus erros. Felizmente mergulhariam neste mar da Mãe de Deus, pela virtude que do alto lhe foi concedida para esse fim.

Esmeralda: amabilidade

288. *"O quarto fundamento é esmeralda"*, cuja agradável cor verde recreia e descansa a vista.

Misteriosamente exprime a graça que Maria Santíssima recebeu em sua conceição, para ser amabilíssima e graciosa aos olhos de Deus e das criaturas. Jamais ofenderia seu santo Nome e memória, conservando em si mesma o verdor e viço da santidade, com as virtudes e dons que recebera.

Correspondente a esta graça, deu-lhe o Altíssimo poder para comunicar aos fiéis devotos que a invocassem, a perseverança e constância nas virtudes e amizade de Deus.

Sardônica: sofrimento e pureza

289. *"O quinto é sardônica"* (**v. 20**). Esta pedra é transparente e sua tonalidade aproxima-se do encarnado claro, ainda que seja composta de três cores em gracioso conjunto: na parte inferior preto, no meio branco e na superior rosado.

O mistério desta pedra e suas cores, simboliza tanto a Mãe como seu Filho santíssimo. O negro exprime, em Maria, a parte inferior e terrena do corpo escurecido pela mortificação e sofrimento; no de seu Filho santíssimo, os tormentos sofridos pelas nossas culpas (**Is 53, 2**). O branco significa a pureza da alma da virgem Mãe e a de Cristo, nosso bem. O rosado figura, em Cristo, a divindade unida hipostaticamente à humanidade. Em Maria, a participação do amor de seu Filho santíssimo com os resplendores da Divindade a Ela comunicados.

Por este fundamento foi concedido à grande Rainha do céu, interceder para que os frutos da Encarnação e Redenção fossem eficazes aos seus devotos. Para conseguirem este benefício, alcança-lhes particular devoção aos mistérios e à vida de Cristo Senhor nosso.

Sárdio: amor de Deus

290. *"O sexto é sárdio"*. Esta pedra também é transparente. Por imitar a clara chama do fogo, significou o dom concedido à Rainha do céu, de em seu

coração, sempre arder a chama do divino amor. Este incêndio nunca se apagou nem se interrompeu em seu peito. Desde o instante de sua conceição, em que foi aceso este fogo, sempre cresceu e, no supremo grau possível em pura criatura, arde e arderá por toda a eternidade.

Aqui foi concedido à Maria Santíssima especial privilégio para dispensar o influxo do Espírito Santo, seu amor e dons, a quem os pedir mediante sua intercessão.

Crisólito: amor à Igreja

291. *"O sétimo é crisólito"*. Esta pedra é cor de ouro refulgente assemelhando-se ao fogo, mais visível à noite que durante o dia.

Simboliza o ardente amor que Maria Santíssima teve à Igreja militante, a seus mistérios e especialmente à lei da graça. Este amor brilhou mais durante a noite que desceu sobre a Igreja, depois da morte de seu Filho Santíssimo. Refulgiu no magistério que esta grande Rainha desempenhou nos princípios da lei evangélica, e no fervor com que pediu seu estabelecimento e Sacramentos. Em tudo cooperou, - como em seus lugares direi - com ardentíssimo amor pela salvação humana, tendo sido a única que soube e pôde fazer digno apreço da santíssima lei de seu Filho.

Dotada com este amor, desde sua imaculada conceição, e preparada para coadjutora de Cristo nosso Senhor, foi-lhe concedido este especial privilégio: alcançar, para quem a invocar, a graça de bem se dispor para a recepção dos sacramentos da santa Igreja, sem opor impedimentos a seus efeitos e fruto espiritual.

Berilo: fé e esperança

292. *"O oitavo é berilo"*, de cor verde amarelada, semelhante à oliva e muito brilhante.

Representa as singulares virtudes da fé e esperança comunicadas à Maria Santíssima em sua conceição. Acompanhava-as especial luz para empreender coisas árduas e superiores, como efetivamente realizou para glória de seu Criador.

Foi-lhe concedido com este dom, comunicar a seus devotos fortaleza e paciência nas tribulações e dificuldades. Dispensa aquelas virtudes e dons, por graça da divina fidelidade e assistência do Senhor.

Topázio: casta virgindade

293. *"O nono é topázio"*. Esta pedra é transparente, roxa e muito preciosa.

Exprimiu a honestíssima virgindade de Maria Senhora nossa, unida à sua divina maternidade, dons que Ela estimou e agradeceu humildemente durante toda a vida. No momento de sua conceição, pediu ao Altíssimo a virtude da castidade, prometendo guardá-la enquanto fosse viadora. Conheceu, então, que esta rogativa lhe era concedida muito além de seus votos e desejos, não apenas para ela, mas também para ser guia e mestra das almas virgens e castas, suas devotas. Por sua intercessão, alcançariam estas virtudes e a perseverança nelas.

Crisópraso: esperança

294. *"O décimo é crisópraso"*, cuja cor é verde, um pouco dourada.

Símbolo da firmíssima esperança

realçada pelo amor de Deus, concedida a Maria Santíssima em sua conceição. Esta virtude foi inabalável em nossa Rainha e comunicou às demais este mesmo efeito. Essa estabilidade fundava-se na constância imutável de seu generoso ânimo em todos os trabalhos e ocorrências de sua vida santíssima, especialmente na morte e paixão de seu benditíssimo Filho. Com este benefício, foi-lhe outorgado ser eficaz medianeira junto ao Altíssimo, para obter aos seus devotos a virtude da firme esperança.

Jacinto: amor misericordioso

295. *"O undécimo é jacinto"* de perfeita cor violácea. Neste fundamento encerra-se o amor pela redenção do gênero humano. Infundido em Maria Santíssima desde sua conceição, era antecipadamente participado daquele que levaria seu Filho e nosso Redentor a dar a vida pelos homens.

Como este sacrifício seria a origem da salvação dos pecadores e justificação das almas, com este amor que lhe durou toda a vida, foi concedido a esta grande Rainha, o privilégio de interceder por qualquer espécie de pecadores, por grandes e abomináveis que fossem. Nem um sequer seria excluído do fruto da Redenção e justificação, se a invocasse fervorosamente, alcançando por esta poderosa Senhora e Advogada, a vida eterna.

Ametista: poder sobre o inferno

296. *"O duodécimo é ametista"* de cor refulgente com reflexos violáceos.

O mistério desta pedra ou fundamento é análogo ao primeiro. Significa certo gênero de poder concedido à Maria Santíssima em sua conceição, contra as forças do inferno. Sentiam os demônios sair Dela uma força que, mesmo sem sua ação pessoal, os atormentava, caso quisessem se lhe aproximar.

Foi-lhe concedido este privilégio pelo incomparável zelo desta Senhora em defender a honra e glória de Deus. Em virtude deste singular benefício, tem Maria Santíssima particular poder para expelir os demônios dos corpos humanos, mediante a invocação de seu dulcíssimo nome. É ele tão poderoso contra estes espíritos malignos, que só de ouvi-lo ficam vencidos e aniquilados.

Estes são, em resumo, os mistérios dos doze fundamentos sobre os quais Deus edificou sua cidade santa, Maria. Ainda que contenham muitos outros mistérios a respeito das graças que recebeu, não é possível explicar tudo inteiramente. No decurso desta história, porém, irão sendo manifestados, segundo a luz e capacidade que Deus me conceder para os declarar.

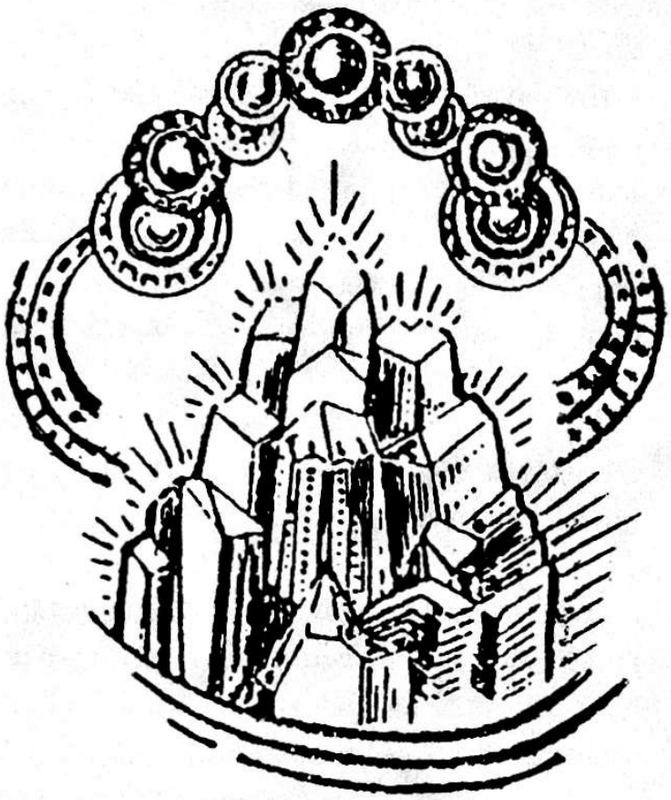
Maria, porta do céu

297. Prossegue o Evangelista: *"As doze portas são doze pérolas, cada porta de uma pérola"* (**v. 21**).

O grande número de portas nesta cidade traduz que, por Maria Santíssima e sua inefável dignidade e merecimentos, a entrada para a vida eterna fez-se tão feliz quão gratuita. Era como devido à excelência desta Rainha que nela se exaltasse a infinita misericórdia do Altíssimo. Por Ela seriam abertos inúmeros caminhos para a Divindade se comunicar e para todos os mortais entrarem em sua participação, caso quisessem passar pelos méritos e poderosa intercessão de Maria Santíssima.

A grandiosidade, valor, formosu-

ra e preciosidade destas doze portas que eram de pérolas, manifesta o valor da dignidade e das graças desta Imperatriz das alturas, e a suavidade de seu dulcíssimo nome para atrair os mortais a Deus.



Conheceu Maria Santíssima a graça que o Senhor lhe fazia de ser, através de seu Filho Unigênito, medianeira única do gênero humano, e dispenseira dos tesouros de sua divindade. Usando deste privilégio, soube a prudente e oficiosa Senhora tornar tão preciosos e belos os méritos de suas obras e dignidade, que arrebata de admiração os bem-aventurados do céu. Assim, foram as portas desta cidade preciosas pérolas, tanto para Deus como para os homens.

O interior de Maria

298. *"E a praça desta cidade era de ouro puríssimo como vidro transparente"* **(v. 21).**

A praça desta cidade de Deus, Maria Santíssima, é seu interior, onde, como em lugar público, reúnem-se as faculdades da alma. Ali se realiza o comércio e as atividades da cidade da alma, com tudo o que nela entra pelos sentidos ou por outros caminhos.

Esta praça, em Maria Santíssima, foi de ouro lúcido e puríssimo, porque era construída de sabedoria e amor divino. Ali nunca existiu tibieza, ignorância ou inadvertência; todos os seus pensamentos foram altíssimos e seus afetos inflamados em imensa caridade.

Nesta praça consultaram-se os mistérios altíssimos da Divindade. Ali despachou-se aquele *fiat mihi* **(Lc 1, 38)** que deu princípio à maior obra que Deus haja feito nem fará jamais. Ali nasceram e foram ponderadas inumeráveis rogativas para serem apresentadas no tribunal de Deus a favor da humanidade.

Ali estão depositadas riquezas que bastariam para tirar da pobreza o mundo inteiro, se todos participassem no comércio desta praça. É também praça armada contra o demônio e todos os vícios, pois no interior de Maria puríssima habitaram graças e virtudes que a tornaram terrível contra o inferno, enquanto para nós são força e virtude para vencê-lo.

Deus em Maria, e Maria em Deus

299. *"Na cidade não há templo porque o Senhor Deus onipotente e o Cordeiro é o seu templo"* **(v. 22).**

Nas cidades, o templo destina-se ao culto de Deus e à oração. Seria grande falta, se na cidade de Deus não houvesse templo à altura de sua grandeza e excelência.

Nesta cidade de Maria Santíssima, porém, houve templo tão sagrado, que o

mesmo Deus onipotente e o Cordeiro, a divindade e a humanidade de seu Filho Unigênito, foram seu templo. Nela habitaram como em seu legítimo lugar, e ali foram adorados e reverenciados, em espírito e verdade (**Jo 4, 23**), mais dignamente que em todos os templos do mundo. Por sua vez, a humanidade e a Divindade de Cristo foram também templo para Maria puríssima, porque nelas esteve encerrada como numa habitação e tabernáculo (**Sl 92, 5**).

Como ao templo é devida a santidade em qualquer momento, nele nunca cessou de adorar, dar culto e orar a Deus e ao Verbo encarnado em seu seio. Deste modo, estava em Deus e no Cordeiro como em seu templo.

Por este motivo, ao considerar esta divina Senhora, sempre a devemos imaginar na Divindade e em seu Filho santíssimo, como que encerrada num templo. Então, entenderemos que atos e operações de amor, adoração e reverência realizaria; que delícias gozaria com o Senhor e que súplicas faria a favor do gênero humano.

Em Deus, compreendia a grande necessidade da redenção humana, inflamava-se em caridade e pedia e suplicava do íntimo do coração, a salvação dos mortais.

Maria, instruída só por Deus

300. Diz também o Evangelista: *"A cidade não tem necessidade do sol nem da lua que a iluminem, porque a claridade de Deus a iluminou e sua lâmpada é o Cordeiro"* (**v. 23**).

Na presença de uma claridade mais forte e refulgente que a do sol ou da lua, estes já não são necessários. Tal acontece no céu empíreo onde existem infinitos sóis, e não lhe faz falta este que nos alumia, ainda que seja tão resplandecente e formoso.

Para Maria Santíssima, nossa Rainha, não foi necessário outro sol ou lua de criaturas que a iluminassem e guiassem, porque só Ela agradou a Deus mais que todas. Tampouco sua sabedoria, santidade e perfeição pôde ter outro mestre e árbitro que o mesmo Sol de justiça, seu Filho Santíssimo. Todas as demais criaturas foram ignorantes para ensiná-la a merecer ser digna Mãe de seu Criador, em cuja escola aprendeu a ser humilíssima e obedientíssima entre todos os humildes e obedientes.

Instruída pelo mesmo Deus, nem por isso deixou de consultar e obedecer, até aos mais inferiores, nas coisas que convinha lhes obedecer. Singular discípula Daquele que emenda os sábios, aprendeu com Ele esta divina sabedoria. Veio a ser tão sábia que o Evangelista pôde dizer:

Maria, luz para as criaturas

301. *"E as nações caminharão à sua luz"* (**v. 24**).

Se Cristo, Senhor nosso, chamou aos doutores e santos, luzes acesas (**Mt 5, 34**) sobre o candelabro da Igreja para a iluminarem; se o esplendor da luz derramada pelos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires e doutores, encheram a Igreja católica de tanta claridade que ela parece um céu com muitos sóis e luas - que se poderá dizer de Maria Santíssima, cuja luz e esplendor excede incomparavelmente, a todos os mestres e doutores da Igreja, e ainda aos mesmos anjos do céu?

Se os mortais tivessem olhos abertos para ver estas luzes de Maria Santíssima, Ela só bastaria para iluminar a todo o homem que vem a este mundo e encaminhá-lo pelas sendas retas da eternidade. E porque todos os que chegaram ao conhecimento

de Deus, foi caminhando com a luz desta santa cidade, diz S. João: *"As nações caminharão à sua luz"*. A isto segue-se também:

Maria conduz os chefes e governantes

302. *"E os reis da terra lhe trarão a sua glória e a sua honra"*)**v. 24**).

Felicíssimos serão os reis e governantes que, pessoalmente e por seus estados, trabalharem com desvelo para cumprir esta profecia. Todos assim deveriam fazer.

Bem-aventurados os que assim procederem, devotando-se com íntimo afeto à Maria Santíssima; empregando a vida, honra, riquezas e grandezas de seu poder e estados na defesa desta cidade de Deus; em estender sua glória pelo mundo, e enaltecer seu nome na santa Igreja, contra a louca ousadia dos infiéis e hereges.

Com íntimo sentimento, admiro-me que os príncipes católicos não se esforcem por empenhar esta Senhora, invocando-a nos perigos - que para os príncipes são maiores - e para nela encontrar refúgio, proteção, intercessora e advogada.

Se os perigos são grandes para os reis e potentados, lembrem-se que não é menor sua obrigação de serem agradecidos. Diz a sagrada Escritura que, por esta Rainha reinam os reis (**Pr 8,15-16**), mandam os príncipes, os grandes e poderosos administram a justiça. Ama aos que a amam, e os que a glorificam conseguirão a vida eterna, porque agindo por Ela não pecarão (**Eclo 14, 31**).

Maria, protetora da Igreja e extirpadora das heresias

303. Não quero esconder a luz que muitas vezes me tem sido dada, e em particular agora, para que a manifeste. Tenho entendido, no Senhor, que todas as aflições da Igreja católica e os trabalhos que padece o povo cristão, sempre se reparam por meio da intercessão de Maria Santíssima.

Em nosso atribulado século, quando a soberba dos hereges tanto se levanta contra Deus; quando sua Igreja está tão chorosa e aflita, com tão lamentáveis misérias, só há um único remédio: voltarem-se os reinos e reis católicos à Mãe da graça e misericórdia, Maria Santíssima.

Empenhem-na com algum singular serviço no aumento de sua devoção e glória em toda a terra, para que se inclinem para nós e nos acolha com misericórdia.

Em primeiro lugar, alcance graça de seu Filho Santíssimo para se reformarem os vícios tão escandalosos, que o inimigo semeou no povo cristão.

Em seguida, por sua intercessão, aplaque a ira do Senhor que tão justamente os castiga e ameaça com maiores açoites e desgraças. Da reforma e emenda de nossos pecados, seguir-se-á a vitória contra os infiéis e extirpação das falsas seitas que oprimem a santa Igreja, pois Maria Santíssima é o cutelo que as degola e as extermina do mundo inteiro.

Conseqüências de não recorrer à Maria

304. Atualmente, o mundo experimentou o dano deste esquecimento. Se os príncipes católicos não alcançam êxito no governo de seus reinos, na conservação e aumento da fé católica, no combate de seus inimigos, nas guerras contra os infiéis, tudo sucede porque não atinam com este norte para se guiarem. Não visaram Maria como princípio e fim imediato de

suas obras e pensamentos, esquecidos que esta Rainha anda pelos caminhos da justiça para ensiná-la, desejando levá-los por ela e enriquecer aos que a amam (**Pr 8, 20**).

Exortação aos chefes religiosos e civis

305. Ó Príncipe e Cabeça da santa Igreja católica, ó Prelados, também chamados príncipes dela!

- Ó católico Príncipe e Monarca da Espanha, a quem por natural obrigação, por singular afeto e por ordem do Altíssimo, dirijo esta humilde, porém, sincera exortação!

- Lançai vossa coroa e monarquia aos pés desta Rainha do céu e da terra; procurai a Restauradora da humanidade, recorrei a quem, com o poder divino, está acima de todo o poder dos homens e do inferno; voltai vossos afetos àquela que tem em suas mãos as chaves da vontade e tesouros do Altíssimo; levai vossa honra e glória a esta santa cidade de Deus (**Ap 21, 24**) que a deseja, não por precisar aumentar a dela, mas para melhorar e aumentar a vossa.

- Oferecei-lhe com vossa piedade católica, e de todo o coração, algum grande e agradável obséquio, a cuja recompensa estão ligados infinitos bens: a conversão dos gentios, a vitória contra os hereges e pagãos, a paz e a tranqüilidade da Igreja, nova luz e auxílios para melhorar os costumes, e vos fazer grande e glorioso rei, nesta e na outra vida.

Exortação à Espanha

306. - Ó monarquia da Espanha, ditosa por ser católica! Se à firmeza e zelo da fé que, sem merecer, recebeste da destra do Onipotente, acrescentasses o santo temor de Deus exigido pela profissão desta fé, com que foste distinguida entre todas as nações do orbe!

- Oh! se para conseguir este fim e cúmulo de tuas felicidades, todos teus moradores se enchessem de ardente fervor na devoção de Maria Santíssima! Como resplandeceria tua glória, como serias iluminada, amparada e defendida por esta Rainha! Teus reis católicos seriam enriquecidos pelos tesouros do alto, e por ti a suave lei do evangelho seria propagada por todas as nações.

- Lembra que esta grande Princesa honra aos que a honram, enriquece aos que a procuram, glorifica aos que a exaltam, e defende aos que nela esperam.

- E para exercitar contigo estes ofícios de singular mãe e usar de novas misericórdias, asseguro que espera e deseja que a empenhes, suplicando seu maternal amor.

- Lembra-te, porém, que Deus de ninguém tem necessidade (**Sl 15, 2**) e é poderoso para das pedras fazer filhos de Abrão (**Lc 3, 8**). Se te tornas indigna de tantos bens, reservará esta glória para quem lhe aprouver e menos a desmerecer.

Glorificar a imaculada Conceição

307. - Para saberes qual o serviço que atualmente muito agradará esta Rainha e Senhora de todos, entre os muitos que te inspirar a devoção e piedade, trabalha pelo mistério de sua Imaculada Conceição. Considera como ele se encontra em toda a Igreja, e o que falta para assegurar com firmeza os fundamentos desta cidade de Deus [17].

- Ninguém julgue esta advertência como de mulher fraca e ignorante, ou nascida de particular devoção e amor ao

17- Como já notamos, nesta época, o dogma da Imaculada Concei-

estado que professo, sob o nome e religião de Maria sem pecado original. Para mim basta minha crença e a luz que nesta História tenho recebido. Não é para mim esta exortação, nem a daria só por meu juízo e parecer. Obedeço ao Senhor que faz os mudos falarem e torna eloqüentes a língua das criancinhas (**Sb 10, 21**).

- E quem se admirar desta liberal misericórdia, advirta o que desta Senhora diz mais o Evangelista:

Ilimitada a bondade de Maria

308. "*Suas portas não estarão fechadas durante o dia e ali não há noite*" (**v. 25**).

As portas da misericórdia de Maria Santíssima, nunca estiveram nem estão fechadas. Desde o primeiro instante de sua existência, ao ser concebida, não houve noite de culpa, como nos demais santos, que fechasse as portas desta cidade de Deus.

Como num lugar onde as portas estão sempre abertas, saem e entram livremente todos os que querem, em qualquer tempo e hora: assim, a nenhum dos mortais está vedado que entre livremente ao comércio da Divindade, pelas portas da misericórdia de Maria puríssima.

Ali se derramam os tesouros do céu sem limitação de tempo, lugar, idade e sexo. Desde sua fundação todos têm podido entrar, pois para isto a construiu o Altíssimo com tantas portas abertas à plena luz.

Desde sua puríssima conceição, começaram a sair por estas portas misericórdias e benefícios para toda a linhagem humana.

Contudo, apesar de tantas portas abertas para distribuir as riquezas da Divindade, a cidade está plenamente segura dos inimigos. Assim, acrescenta o texto:

A pureza de Maria

309. "*Não entrará nela coisa alguma contaminada, ou quem pratique abominação ou mentira, mas somente aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro*" (**v. 27**).

Tornando a recordar o privilégio da imunidade desta cidade de Deus, Maria, termina o Evangelista este capítulo, garantindo-nos que nela jamais entrou coisa manchada, porque lhe foram dados corpo e alma imaculados.

Isso não poderia ser dito se houvesse contraído o pecado original, mesmo se depois não entrassem as manchas dos pecados atuais.

Tudo o que entrou nesta cidade santa, foi o que estava escrito na vida do Cordeiro. Foi formada pelo padrão de seu Filho Santíssimo, e de ninguém mais foram suas virtudes copiadas, ainda as mais pequenas, se Nela pôde haver alguma coisa pequena.

É cidade de refúgio para os mortais, mas sob a condição de nela não entrar quem comete abominação e mentira.

Nem por isto desistam os manchados e pecadores filhos de Adão, de se dirigirem às portas desta cidade santa de Deus. Se chegarem arrependidos e humilhados em busca da limpeza da graça, só a acharão nas portas desta Rainha e em nenhuma outra.

Ela é limpa, pura, opulenta, e acima de tudo Mãe de misericórdia, doce, amável e poderosa para enriquecer nossa pobreza, e limpar as máculas de todas as nossas culpas.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA SOBRE ESTES CAPÍTULOS.

Correspondência à graça

310. Minha filha, os mistérios destes capítulos encerram grande ensinamento e luz, mesmo que tenhas deixado de dizer muitas coisas. Mas de tudo o que entendeste e escreveste, trabalha por tirar proveito (**2Cor 6, 1**), e não recebas em vão a luz da graça. Em resumo, o que desejo de ti é que te lembres: apesar de seres concebida em pecado, descendente da terra e com inclinações terrenas, nem por isso desanimes no combate contra as paixões até vencê-las, e com elas a teus inimigos. Auxiliada com a força da graça do Altíssimo, podes elevar-te sobre ti mesma e vir a ser descendente do céu, donde procede a graça.

Para o conseguir deves habitar nas alturas, conservando a mente fixa no conhecimento do Ser imutável de Deus e suas perfeições, sem consentir que qualquer coisa, ainda necessária, afaste daí tua atenção. Com a contínua memória e visão interior da grandeza de Deus, estarás disposta para tudo o mais. Praticarás o mais perfeito das virtudes e serás idônea para receber o influxo e dons do Espírito Santo, e chegar ao estreito vínculo da amizade e comunicação com o Senhor.

Esta é a sua santa vontade como muitas vezes te manifestou, e para não faltares a ela trabalha em mortificar a parte inferior da natureza, onde vivem as funestas inclinações e paixões. Morre a tudo o que é da terra, sacrifica diante do Altíssimo todos os teus apetites sensitivos, e em nenhum satisfaças, nem sigas tua vontade, sem permissão da obediência.

Não deixes o segredo do teu interior onde serás iluminada pela lâmpada do Cordeiro. Prepara-te para entrar no tálamo de teu esposo, e deixa-te adornar como o fará a destra do Todo-poderoso, se com Ele colaborares e não ofereceres impedimento. Purifica tua alma com muitos atos de contrição por tê-lo ofendido, e com ardentíssimo amor louva-o e glorifica-o. Procura-o e não sossegues até achares aquele que tua alma deseja, e encontrando-o não o largues (**Ct 3, 2-4**).

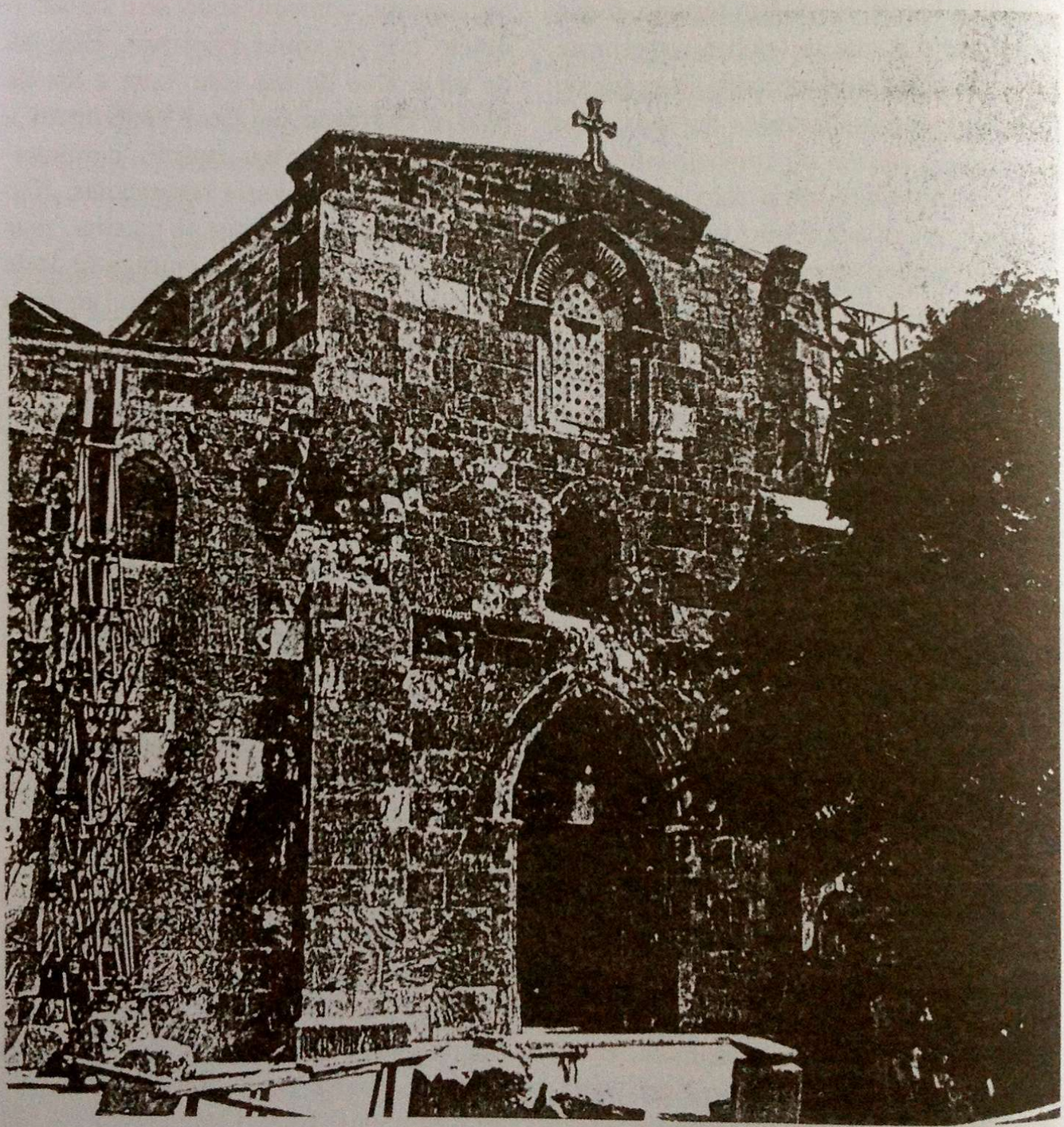
Quero que vivas na peregrinação da terra ao modo dos que a terminaram, contemplando sem cessar o objeto que os torna gloriosos. Este há de ser o alvo de tua vida: com a luz da fé e a claridade de Deus onipotente a encher e iluminar teu espírito, continuamente o ames, adores e reverencies. Não tentes alcançar isso por ti mesma, mas submete tua vontade e entrega-te toda ao ensinamento de teu Esposo, ao meu e à obediência com a qual hás de conferir tudo.

Oração da filha

311. Rainha e Senhora de toda a criação, a quem pertenço e desejo pertencer por toda a eternidade, louvando a onipotência do Altíssimo que tanto vos quis engrandecer. Já que sois tão feliz e poderosa junto de Sua Alteza, suplico-vos, Senhora minha, olheis com misericórdia a esta vossa pobre e mísera serva. Com os dons que o Senhor colocou em vossas mãos para distribuir aos necessitados, socorrei minha vileza, enriquecei minha pobreza.

- Como Senhora, compeli-me até que eficazmente eu queira e faça o mais perfeito, e ache graça aos olhos de vosso Filho Santíssimo. Conquistai para vós mesma a glória de erguer do pó a mais inútil criatura (**Sl 30, 16**).

- Em vossas mãos entrego minha sorte. Desejai-a, Senhora e Rainha, pois vosso querer é santo e poderoso pelos méritos de vosso Filho, e pela palavra da beatíssima Trindade empenhada em receber todas as vossas súplicas e vontades sem negar nenhuma. Não posso obrigar-vos porque sou indigna, mas apresento-vos, Senhora minha, vossa mesma santidade e clemência.



Igreja da Natividade de Maria construída em Jerusalém, na época das cruzadas.

CAPÍTULO 20

OS NOVE MESES DA GRAVIDEZ DE SANT'ANA. ATOS DE MARIA SANTÍSSIMA E SUA MÃE DURANTE ESSE TEMPO

A contemplação da Virgem jamais se interrompeu

312. Concebida Maria Santíssima sem pecado original - como fica dito - naquela primeira visão que recebeu da Divindade, seu espírito ficou absorto e atraído por aquele objeto de seu amor. No estreito tabernáculo do seio materno, desde o primeiro instante em que foi criada, sua alma ditosíssima começou o que continuaria sem interrupção durante a vida mortal, e prosseguiria na suprema glória que goza a destra de seu Filho Santíssimo, agora e por toda a eternidade.

Da primeira visão da Santíssima Trindade, redundaram-lhe espécies infusas de outras coisas criadas, inspirando-lhe muitos atos de virtudes que então podia exercer.

Para que fosse sempre crescendo na contemplação e amor divino, renovou-lhe o Senhor a graça daquela manifestação abstrativa de sua Divindade mais duas vezes. Deste modo, antes de nascer, teve três vezes aquele gênero de visão: uma no instante em que foi concebida, outra pela metade dos nove meses, e a terceira um dia antes de seu nascimento.

Não se pense que, por não lhe ser contínua esta espécie de visão, lhe haja faltado outra inferior, mas altíssima, com a qual via a Deus pela fé e por especial iluminação.

Este modo de contemplação foi incessante em Maria Santíssima, superior à contemplação que tiveram todos os viadores juntos.

A alma de Maria, independente dos sentidos corporais

313. Apesar de não ser alheia ao estado de viadora, aquela visão abstrativa da Divindade era elevadíssima e imediata à visão intuitiva. Não poderia ser contínua para quem devia merecer a glória intuitiva por outros atos. Não obstante, constituía sublime benefício da graça para esse fim, porque deixava impressa na alma espécies do Senhor, elevava-a e absorvia toda no incêndio do divino amor.

Estes afetos eram renovados na alma de Maria Santíssima por essas visões enquanto esteve no seio de Sant'Ana. Disto resultou que, possuindo uso da razão e ocupando-se em contínuas petições

pelo gênero humano, em atos heróicos de reverência, adoração, amor de Deus e trato com os anjos, não sentiu a sua natural prisão. Não lhe fez falta o uso dos sentidos, nem lhe foram mortificantes os naturais gravames daquele estado. Nada percebeu, estando mais em seu amado, do que no seio materno e em si mesma.

Oração de Maria antes de nascer

314. Na última destas visões, recebeu novos e mais admiráveis favores do Senhor, que lhe manifestou haver chegado o tempo de sair à luz do mundo para conviver com os mortais.

Obedecendo à divina vontade, disse a Princesa do céu: - Deus altíssimo e Senhor de todo meu ser, alma de minha vida e vida de minha alma, infinito em atributos e perfeições, incompreensível e rico em misericórdias, Rei e Senhor meu;



do nada me destes o ser que tenho sem ter merecido, me enriquecestes com os tesouros de vossa divina graça e luz, para que logo conhecesse vosso Ser imutável e divinas perfeições, e conhecendo-vos fosseis o primeiro objeto de minha vista e amor, para não procurar outro bem fora de Vós, sumo e verdadeiro bem, todo meu consolo.

Mandais-me, Senhor meu, que saia à luz material e convívio com as criaturas; em vosso mesmo ser, onde tudo se conhece como em claríssimo espelho, vi o perigoso estado da vida mortal e suas misérias. Se nela - por minha frágil natureza - hei de faltar um só instante ao vosso serviço e amor e assim morrer, morra aqui, agora, antes de passar ao estado onde vos possa perder.

Se no entanto, Senhor meu, vossa vontade há de se cumprir, enviando-me ao tempestuoso mar deste mundo, suplico-vos, altíssimo e poderoso bem de minha alma, governeis minha vida, guieis meus passos, e torneis todas as minhas ações conforme ao vosso maior agrado. Ordenai em mim a caridade (**Ct 2, 4**) para que convosco e com o uso das criaturas ela se aperfeiçoe. Conheci em vossa visão a ingratidão de muitas almas e temo, com razão pois sou da mesma natureza, cometer a mesma culpa.

Nesta estreita prisão do seio de minha mãe gozei dos espaços infinitos de vossa Divindade, aqui possuo todo o bem que sois Vós, meu amado; sendo agora Vós só a minha herança (**Sl 72, 26**) não sei se fora deste encerramento a perderei, na visão de outra luz e no uso de meus sentidos. Se fosse possível e conveniente renunciar ao exércicio da vida que me aguarda, de boa vontade o faria e dela me privaria; porém não se faça a minha vontade, mas a vossa. E como assim o quereis, dai-me vossa

bênção para nascer e não afasteis de mim, no século onde me pondes, a vossa divina proteção.

Feita esta oração pela amável menina Maria, o Altíssimo lhe deu sua bênção e mandou-a vir à luz deste sol visível, instruindo-a sobre o que deveria fazer, em cumprimento de seus desejos.

Sant'Ana durante a gravidez

315. A feliz mãe Sant'Ana passava o tempo da gravidez toda espiritualizada, com divinos efeitos e suavidades espirituais. Entretanto, para maior coroa e segurança de sua próspera navegação, ordenou a Providência que levasse algum lastro de trabalhos, porque sem eles não se colhem em abundância os frutos da graça e do amor.

Para melhor entender o que sucedeu a esta matrona santíssima, deve-se advertir que o demônio, depois de haver sido precipitado do céu com seus maus anjos nas penas eternas, andava sempre solícito, observando e espreitando as mais santas mulheres da antiga lei. Queria encontrar aquela cujo sinal vira (**Ap 12, 1; Gn 3, 15**) e cujo pé o havia de pisar, esmagando-lhe a cabeça.

Tão ansiosa era a indignação de Lúcifer, que nestas diligências não se fiava só de seus inferiores. Auxiliado por eles, ele mesmo vigiava e rodeava dentre algumas mulheres virtuosas, as que mais se distinguiam nas virtudes e graça do Altíssimo.

O demônio desconfia de Sant'Ana

316. Com esta maligna astúcia notou muito a extrema santidade da grande matrona Ana, em tudo quanto podia perceber que nela se passava. Ainda que não pôde conhecer o valor do tesouro que seu ditoso seio encerrava, porque o Senhor lhe ocultava este e outros mistérios, sentia desprender-se da santa uma grande força contra ele.

A impossibilidade de penetrar a causa daquela virtude, punha-o perturbado e sufocado em furor. Às vezes sossegava um pouco, julgando que aquela gravidez procedia da mesma ordem e causas naturais das outras, e não havia novidade para temer. O Senhor o deixava enganar-se com a própria ignorância, e andar flutuando nas ondas de sua soberba indignação.

Apesar disso, seu perverso espírito escandalizava-se de ver tanta serenidade em Sant'Ana, e talvez sabia que era assistida por muitos anjos. Acima de tudo despeitava-se com a fraqueza que sentia no resistir à força que emanava da bem-aventurada Sant'Ana, pelo que suspeitava que tal fato não procedia dela apenas.

O demônio tenta Sant'Ana

317. Perturbado o dragão com estes receios, determinou tirar a vida à ditosíssima Ana, e se não fosse possível, procuraria ao menos que viesse a ser mal sucedida no parto. Tão destemida era a soberba de Lúcifer que acreditava poder vencer ou tirar a vida - se não lhe fosse oculta - daquela que seria Mãe do Verbo humanado, e até ao próprio Messias redentor do mundo. Baseava esta suma arrogância em sua natureza angélica, superior em poder e capacidade à humana, como se a graça não fosse superior a ambas, e como se não estivessem subordinadas à vontade de seu Criador.

Com esta audácia animou-se a tentar Sant'Ana com muitas sugestões, sobressaltos e dúvidas sobre a realidade de sua gravidez, representando-lhe a tardança desta, e sua avançada idade.

Tudo isto fazia o demônio para explorar a virtude da Santa, e ver se o efeito destas sugestões lhe abriria uma brecha por onde pudesse entrar e assaltar-lhe a vontade com algum consentimento.

Outros ardis do demônio

318. A corajosa matrona, porém, resistiu a estes golpes varonilmente, com humilde fortaleza, paciência, contínua oração e viva fé no Senhor. Deste modo desvaneceu os fabulosos enredos do dragão, e os transformou em maiores aumentos da graça e proteção divina. Além dos grandes merecimentos que a santa mãe acumulava, defendiam-na os anjos que guardavam sua Filha santíssima e expulsavam os demônios de sua presença.

Mas nem por isto desistiu a insaciável malícia do inimigo e, como sua arrogância e soberba excede-lhe a fortaleza, procurou valer-se de meios humanos, pois com tais instrumentos sempre se promete maiores vitórias.

Procurou fazer desabar a casa de S. Joaquim e Sant'Ana para alterá-la com o susto. Como, impedido pelos anjos, não o pôde conseguir, irritou umas mulherzinhas, conhecidas de Sant'Ana, para brigarem com ela. Assim o fizeram com grande ira, injuriando-a com palavras descomedidas e contumeliosas. Entre estas, mofaram muito de seu estado de gravidez, dizendo-lhe que tal coisa, depois de tantos anos de idade, não passava de embuste do demônio.

Incita criaturas contra Sant'Ana

319. Não se alterou Sant'Ana com esta tentação. Com toda mansidão e caridade suportou as injúrias, afagou a quem lhas fazia, e daí em diante nutriu por aquelas mulheres maior afeição e lhes fez mais extensos benefícios. A ira delas, entretanto, não se abrandou logo, por tê-las o demônio dominado com aceso ódio pela santa.

Uma vez que alguém se entregue a este cruel tirano, ele cobra mais forças para dominar a quem se lhe sujeita. Incitou aqueles maus instrumentos para mover algum atentado contra a pessoa e a vida de Sant'Ana.

Não puderam, contudo, executá-lo, porque a virtude divina tornou mais débeis e ineptas as fracas forças daquelas mulheres, e nada puderam fazer contra a Santa. Pelo contrário, foram vencidas pelas suas admoestações, e convertidas com suas orações ao conhecimento e emenda de suas vidas.

Sant'Ana vence todas as tentações

320. Com isto ficou vencido o dragão, mas não capitulou. Valeu-se de uma criada que servia ao santo casal, e a irritou contra Sant'Ana, de sorte que esta veio a ser pior que as outras mulheres, por ser inimigo doméstico e portanto mais pertinaz e perigoso.

Não me detenho em referir o que o inimigo intentou por meio desta criada, por ter sido quase o mesmo das outras mulheres, ainda que com maior moléstia e risco da santa matrona. Com o favor divino, porém, alcançou vitória desta tentação mais gloriosamente que das outras.

Não dormitava o guarda de Is-

rael na custódia de sua santa cidade (**Sl 120, 4**) e a mantinha guarnecida com numerosas sentinelas, as mais valentes de sua milícia. Afugentaram Lúcifer e seus ministros, para não molestarem mais a ditosa mãe, que aguardava o felicíssimo parto, já próximo, da Princesa do céu, e para ele se preparava com os atos heróicos das virtudes e merecimentos adquiridos nesses combates.

Eu também desejo o fim destes capítulos para ouvir a salutar doutrina de minha Senhora e Mestra. Ainda que me administra tudo quanto escrevo, a mim mais me convém sua maternal admoestação, e assim a aguardo com sumo gozo e júbilo de meu espírito.

A escritora pede esclarecimento à Virgem

321. Falai, portanto, Senhora, que vossa serva ouve (**Gn 18, 17**). Se me derdes licença, ainda que sou pó e cinza, apresentarei uma dúvida que se me deparou neste capítulo, pois em todas me remeto à vossa benevolência de Mãe, Mestra e Senhora minha.

A minha dúvida é a seguinte: Sendo vós Senhora de toda a criação, concebida sem pecado e com tão alto conhecimento de todas as coisas na visão da Divindade que vossa alma santíssima gozou, como podiam ser compatíveis com estas graças os grandes temores e ânsias que sentíeis para não perder a amizade de Deus e não o ofender?

Se no primeiro instante de vosso ser fostes prevenida com a graça, como apenas começando a existir já temíeis perdê-la? Se o Altíssimo vos eximiu da culpa, como podíeis cair em outras e ofender quem vos guardou da primeira?

DOUTRINA E RESPOSTA DA RAINHA DO CÉU.

322. Minha filha, ouve a resposta a tua dúvida.

Ainda que na visão da Divindade, no primeiro instante houvera conhecido minha inocência e que estava concebida sem pecado, estes benefícios e dons do Altíssimo são de tal natureza que, quanto mais certeza e conhecimentos comunicam, tanto maior cuidado e atenção despertam para conservá-los e não ofender seu Autor que, unicamente por sua bondade, os concede às criaturas.

Trazem consigo tanta convicção de que se derivam unicamente do alto, pelos méritos de meu Filho Santíssimo, que fazem a criatura conhecer apenas a própria indignidade e insuficiência.

Levam-na a entender, claramente, estar recebendo o que não merece, bens alheios que não pode atribuir a si mesma. Compreende que seu dono e causa suprema, assim como liberalmente os concede, também pode tirá-los e os dar a quem quiser.

Daqui, forçosamente, nasce a solicitude e cuidado de não perder o que se recebeu gratuitamente, e o desvelo para conservá-lo fazendo render o talento (**Mt 25, 16**). Entende-se que este é o único meio para não perder o depósito, dado à criatura para que o faça frutificar, trabalhando na glória de seu Criador. Zelar por este fim é condição necessária para conservar os benefícios da graça recebida.

Temor para não perder a graça

323. Além disso, ali se conhece a fragilidade da natureza humana, e sua vontade livre para fazer o bem e o mal.

Este conhecimento não me foi tirado pelo Altíssimo, que dele não priva ninguém enquanto é viador. Deixa-o em todos, como convém para os arraigar no santo temor de não cair em culpa, ainda que seja pequena.

Em mim esta luz foi maior, porque compreendi que uma pequena falta dispõe para outra maior, e a segunda é castigo da primeira.

Verdade é que, pelos benefícios e graças que o senhor havia prodigalizado à minha alma, não me era possível cair em pecado. Sua providência, porém, de tal modo dispôs este benefício, que me ocultou a segurança absoluta de não pecar. Conhecia que, só por mim, era possível cair, e somente dependia da divina vontade o não fazê-lo.

Deste modo, reservou para si o conhecimento de minha impecabilidade, e a mim, viadora, deixou o santo temor de pecar, que desde minha concepção até a morte não perdi, antes crescia com a passagem do tempo.

Amor e temor

324. Deu-me também o Altíssimo discreção e humildade para não inquirir nem examinar este mistério. Somente atendia em confiar na sua bondade e amor com que me assistiria para não pecar.

Daqui resultavam dois efeitos necessários à vida cristã: um, manter a tranqüilidade da alma e outro não perder o temor e desvelo de guardar seu tesouro. Como o temor era filial, não diminuía meu amor, antes o aumentava. Amor e temor produziam em minha alma harmonia divina para ordenar todas as minhas ações, afastar-me do mal e unir-me ao sumo bem.

Sinais do bom espírito

325. Amiga minha, o meio mais certo de provar as coisas espirituais é ver se trazem a verdadeira luz e sã doutrina; se ensinam a maior perfeição das virtudes, e com grande energia estimulam a procurá-la. Estes são os efeitos que acompanham os dons que descem do Pai das luzes: dão segurança, produzindo humildade; humilham sem levar à desconfiança; com a confiança comunicam solicitude e desvelo, e com a solicitude, tranqüilidade e paz, para que nenhum destes sentimentos embaracem o cumprimento da vontade divina.

Quanto a ti, oferece humilde e fervoroso agradecimento ao Senhor por ter sido tão liberal contigo, havendo-o tu obrigado tão pouco. Ilustrou-te com sua divina luz, abriu-te o arquivo de seus segredos e te preveniu com o temor de perder sua graça.

Usa, porém, do temor com medida e excede-te mais no amor. Com estas duas asas eleva-te acima do que é terrestre e de ti mesma. Procura afastar logo qualquer exagerado sentimento, que te leve ao excessivo temor. Entrega teu interesse ao Senhor e assume o d'Ele como se fosse o teu.

Teme, até que sejas purificada de tuas culpas e ignorâncias: ama o Senhor até seres toda transformada nele, e em tudo seja Ele o dono e árbitro de tuas ações, e tu de nenhuma.

Não te fies de teu próprio juízo, nem sejas sábia contigo mesma (**Pr 3,7**). O próprio ditame deixa-se facilmente cegar pelas paixões que o arrastam consigo para arrebatar a vontade. Daqui se vem a temer o que não se deveria temer, e empreender o que não convém.

Não te deixes levar por qualquer leve gosto interior; duvida e teme até que, com solícita serenidade, encontres em tudo

o meio conveniente. Encontrá-lo-ás sempre, se te sujeitares à obediência de teus prelados e ao que o Altíssimo te ensinar e fizer contigo.

Ainda que os fins desejados sejam bons, todos devem ser conferidos com a obediência e conselho, pois sem esta orientação, costumam terminar deformados e sem proveito. Em tudo hás de procurar o mais santo e perfeito.



Os Anjos de Maria santíssima



O nome de Maria é trazido do céu

CAPÍTULO 21

O FELIZ NASCIMENTO DE MARIA SANTÍSSIMA SENHORA NOSSA. OS FAVORES QUE LOGO RECEBEU DO ALTÍSSIMO. O NOME QUE LHE DERAM NO CÉU E NA TERRA.

Nascimento de Maria

326. Chegou para o mundo o alegre dia do feliz parto de Sant'Ana, e nascimento daquela que vinha santificada e consagrada para Mãe do mesmo Deus. Sucedeu este nascimento aos oito dias de setembro, passados nove meses completos, depois de concepção da alma santíssima de nossa Rainha e Senhora.

Sua mãe Ana foi prevenida por interior ilustração, na qual recebeu aviso do Senhor que chegara a hora do parto. Ouviu sua voz, cheia de gozo do divino Espírito, e prostrada em oração pediu ao Senhor que a assistisse com sua graça e proteção para o feliz sucesso de sua maternidade.

Sentiu o natural movimento que acontece em tal caso, e a mais que ditosa menina Maria foi, por virtude e providência divina, arrebatada num altíssimo êxtase. Abstraída de todas as operações sensitivas, nasceu ao mundo sem o conhecer pelos sentidos, pois por eles poderia ter notado, já que possuía o uso da razão. O poder do Altíssimo dispôs daquele modo, para que a princesa do céu não percebesse o próprio nascimento.

Maria, aurora da graça

327. Nasceu pura, limpa, formosa e cheia de graças, publicando por elas que vinha livre da lei e tributo do pecado. Em substância, nasceu como os demais filhos de Adão, mas com tais condições e



particularidades da graça, que este nascimento foi admirável milagre para toda a natureza e eterno louvor de seu Autor.

Despontou, pois, este divino luzeiro no mundo às doze horas da noite, começando a separar a noite e trevas da antiga lei, do novo dia da graça que já queria amanhecer.

Envolveram-na em panos e foi

tratada como as demais crianças, aquela que tinha sua mente na Divindade, e como infante, quem em sabedoria excedia a todos os mortais e aos mesmos anjos. Não consentiu sua mãe que outras mãos cuidassem da menina, e com as suas a envolveu em mantilhas. Seu estado não lhe foi impedimento, porque foi isenta das onerosas conseqüências que ordinariamente sofrem as outras mães em seus partos.

Oração de Sant'Ana

328. Recebeu Sant'Ana em suas mãos aquela que, sendo sua filha, era ao mesmo tempo o maior tesouro do céu e da terra entre as puras criaturas, inferior somente a Deus e superior a toda a criação.

Com fervor e lágrimas a ofereceu a Deus dizendo interiormente: Senhor de infinita sabedoria e poder, Criador de tudo quanto existe: ofereço-vos o fruto do meu seio, recebido de vossa bondade, com eterno agradecimento por mo terdes dado sem eu tê-lo podido merecer. Na filha e mãe cumpri vossa vontade santíssima e do alto de vosso trono e grandeza olhai para nossa pequenez.

Sede eternamente bendito por terdes enriquecido o mundo com criatura tão agradável ao vosso beneplácito, e porque Nela preparastes a morada e tabernáculo (**Sb 9, 8**) para o Verbo Eterno residir. A meus santos pais e profetas dou felicitações e neles a toda a linhagem humana, pelo seguro penhor que lhes dais de sua redenção.

Entretanto, como tratarei aquela que me dais por filha, se não mereço ser sua serva? Como tocarei a verdadeira arca do testamento? Dai-me, Senhor e Rei meu, a luz que necessito para conhecer vossa vontade, e executá-la para vosso agrado e serviço de minha filha.

Resposta do Senhor

329. Respondeu o Senhor no íntimo da santa matrona, que exteriormente tratasse a divina menina como sua filha, sem mostrar-lhe reverência, mas que conservasse em seu coração essa reverência. No mais, cumprisse com as obrigações de verdadeira Mãe, criando sua filha com solicitude e amor.

Assim fez a feliz mãe, usando deste direito e permissão, sem perder a devida reverência, deliciava-se com sua Filha Santíssima, tratando-a e acariciando-a como as outras mães, mas atenta à grandeza do tão oculto e divino segredo que entre ambas havia.

Os anjos de guarda da meiga menina, com grande multidão de outros deles, a reverenciaram nos braços de sua mãe e lhe entoaram celestial música, da qual ouviu um pouco a ditosa Ana.

Os mil anjos nomeados para a custódia da grande Rainha, ofereceram-se e dedicaram-se ao seu serviço. Foi esta a primeira vez que a divina Senhora os viu em forma corpórea, com as divisas e vestes que explicarei noutro capítulo [1]. A Menina pediu-lhes louvassem com Ela, e em seu nome, ao Altíssimo.

S. Gabriel anuncia ao limbo o nascimento de Maria

330. No momento em que nasceu nossa princesa Maria, o Altíssimo enviou o santo Arcanjo Gabriel para participar aos santos pais do limbo esta tão alegre nova para eles.

O embaixador celestial desceu logo, iluminando aquela profunda caverna e alegrando aos justos nela detidos. Noticiou-lhes que já começava a amanhecer o dia da eterna felicidade e redenção do gênero humano, tão desejado e espe-

1- Capítulo 23.

rado pelos santos e vaticinado pelos profetas. Já nascera a futura Mãe do Messias prometido, e muito em breve veriam a salvação e glória do Altíssimo.

Deu-lhes notícia o santo Príncipe, das excelências de Maria Santíssima e do que a mão do Onipotente começara a fazer por Ela, para conhecerem melhor o ditoso princípio do mistério que poria fim à sua prolongada prisão.

Todos aqueles pais, profetas e demais justos que estavam no limbo alegraram-se em espírito, e com novos cânticos louvaram o Senhor por este benefício.

A Menina é levada ao céu

331. Havendo-se passado rapidamente o que disse a respeito do nascimento de nossa Rainha, conheceu Ela com os sentidos a seus pais naturais e outras criaturas, e este foi o primeiro passo de sua vida ao nascer neste mundo. O poderoso braço do Altíssimo começou a operar Nela novas maravilhas, acima de todo o pensamento humano. A primeira e mais estupenda foi enviar inumeráveis anjos para que levassem ao céu empíreo, em corpo e alma, a eleita para Mãe do Verbo eterno.

Obedeceram esta ordem os santos príncipes. Tomaram a Menina Maria dos braços de sua mãe Sant'Ana e, ordenados em solene procissão, conduziram com cânticos de incomparável júbilo a verdadeira arca do Novo testamento. Ela iria permanecer algum tempo, não na casa de Obededon, mas no templo do sumo Rei dos reis e Senhor dos Senhores, onde mais tarde seria colocada eternamente. Do mundo ao supremo céu, este foi o segundo passo da vida de Maria Santíssima.

Os anjos reconheceram Maria por sua Rainha

332. Quem poderá dignamente exaltar este maravilhoso prodígio da destra do Onipotente? Quem dirá o gozo e admiração dos espíritos celestiais, ao verem e celebrarem com novos cânticos aquela tão nova maravilha entre as obras do Altíssimo?

Ali reconheceram e reverenciaram a sua Rainha e Senhora, escolhida para Mãe Daquele que seria sua cabeça, causa da graça e da glória que possuíam, pois as deviam aos méritos de Cristo, previstos na divina aceitação.

Mas, que língua ou que pensamento mortal pôde entrar no segredo do coração daquela tenra Menina, no sucesso e feitos de tão peregrino favor? Deixo-o à piedade católica, e muito mais aos que no Senhor o conhecerão, e a nós quando por sua misericórdia infinita chegarmos a gozá-lo face a face.

Maria vê a Deus claramente pela primeira vez

333. Pela mão dos anjos entrou a menina Maria no céu empíreo. Prostrada, pelo afeto, na presença do real trono do Altíssimo, verificou-se então, ao nosso modo de entender, a realidade do que antes aconteceu em figura entre Betsabé (**3Rs 2, 19**) e seu filho Salomão. Estando este em seu trono a julgar o povo de Israel, entra Betsabé. O monarca levanta-se do trono para receber sua mãe, e com reverência, deu-lhe a honra e o assento de rainha a seu lado.

O mesmo, e mais gloriosa e admiravelmente fez a pessoa do Verbo eterno com a menina Maria, que escolhera para mãe. Recebeu-a em seu trono, dando-lhe a

seu lado lugar de Mãe e Rainha da criação, ainda que por então Ela desconhecesse a própria dignidade e a finalidade de tão inefáveis mistérios e favores.

Insuficientes seriam suas forças para recebê-los, se não fossem confortadas pela virtude divina. Para tanto, foram-lhe dadas novas graças e dons para elevar suas potências. Para as interiores, além de nova graça e luz com que foram preparadas, Deus as elevou e proporcionou ao objeto que lhe seria manifestado. Comunicando-lhe a luz da glória, descobriu sua Divindade e lha manifestou intuitiva e claramente em grau altíssimo. Foi esta a primeira vez que a alma santíssima de Maria viu a beatíssima Trindade com visão clara e beatífica.

Maria pede a encarnação do Verbo

334. Da glória que nesta visão recebeu a menina Maria, dos mistérios que lhe foram revelados, dos efeitos que redundaram em sua alma puríssima, foi testemunha somente o autor de tão inaudito milagre, e a admiração dos anjos que, em Deus, conheciam algo deste mistério.

Estando a Rainha à destra do Senhor, que seria seu Filho, e vendo-o face a face, pediu-lhe com mais êxito do que Betsabé (**3Rs 2, 21**) que desse à intata sunamita Abisaí, sua inacessível Divindade, à natureza humana sua irmã; descesse do céu ao mundo e celebrasse o matrimônio da união hipostática na pessoa do Verbo; cumprisse desse modo sua palavra, tantas vezes dada aos homens por meio dos antigos patriarcas e profetas.

Pediu-lhe apressasse a salvação do gênero humano por tantos séculos esperada, pois multiplicavam-se os pecados e a perda das almas.

Ouviu o Altíssimo esta súplica que lhe era agradável, e prometeu à sua Mãe, melhor que Salomão à sua, que logo cumpriria suas promessas e desceria ao mundo, encarnando-se para redimi-lo.

Deus impõe-lhe o nome de Maria

335. Determinou-se naquele divino consistório e tribunal, dar nome à Menina rainha. Como nenhum é legítimo e adequado se não o que é posto no ser imutável de Deus, onde com equidade, peso, medida e infinita sabedoria se dispensam e ordenam todas as coisas, quis Sua Majestade dá-lo por si mesmo, no céu.

Manifestou aos espíritos angélicos que as três divinas pessoas haviam decretado e formado os dulcíssimos nomes de Jesus e Maria, para Filho e Mãe, *ab initio ante saecula*. Que desde toda a eternidade haviam se comprazido neles, gravando-os em sua memória eterna e tendo-os presentes em todas as coisas a que haviam dado existência, pois para o serviço deles tinham sido criadas.

Conhecendo estes e outros mistérios, os santos anjos ouviram sair do trono a voz do Pai Eterno que dizia: - Nossa eleita chamar-se-á Maria, e este nome há de ser maravilhoso e magnífico. Os que o invocarem com devoção receberão copiosíssimas graças, os que o pronunciarem com reverência serão consolados, e todos acharão nele alívio para suas dores, tesouros com que se enriquecerem, luz para serem guiados à vida eterna. Será terrível contra o inferno, esmagará a cabeça da serpente e obterá insignes vitórias contra os príncipes das trevas.

Mandou o Senhor aos espíritos angélicos que participassem este ditoso nome à Sant'Ana, para ser realizado na

terra o que fora confirmado no céu. A divina Menina prostrada pelo afeto ante o trono, deu humildes graças ao Ser eterno e com admiráveis e dulcíssimos cantos recebeu o nome.

Se se quisesse escrever as prerrogativas e graças que lhe concederam, seria mister compor livro separado em maiores volumes.

Os santos anjos reverenciaram de novo, no trono do Altíssimo, a Maria Santíssima por futura Mãe do Verbo, sua Rainha e Senhora. Veneraram seu nome, prostrando-se ao ser pronunciado pela voz do eterno Pai, particularmente os que o levavam sobre o peito como divisa. Todos cantaram louvores por mistérios tão grandes e ocultos, mas a Menina Rainha ignorava a causa de quanto presenciava, porque não lhe seria manifestada sua dignidade de Mãe do Verbo até o tempo da Encarnação.

Com o mesmo júbilo e reverência, voltaram os anjos a pô-la nos braços de Sant'Ana, a quem foi oculto este sucesso e a ausência de sua filha, pois fora substituída por um dos seus anjos da guarda, com um corpo aparente.

Além disso, enquanto a divina Menina esteve no céu empíreo, teve sua mãe Ana um êxtase de altíssima contemplação. Nele, ainda que ignorava o que se passava com sua Menina, lhe foram manifestados grandes mistérios da dignidade da Mãe de Deus para a qual sua filha era escolhida. A prudente matrona conservou-os sempre em seu coração, meditando-os para, de acordo com eles, proceder com sua filha.

O nascimento de Maria, alegria para o céu e a terra

336. Aos oito dias do nascimento da grande Rainha, desceram das alturas multidão de anjos formosíssimos e roçagantes. Traziam um brasão no qual vinha gravado e resplandecente o nome de MARIA. Manifestando-se à ditosa mãe Ana disseram-lhe que o nome de sua filha era o que traziam. Que a divina providência lho havia dado e ordenava que ela e Joaquim o impusessem logo.

Chamou a santa seu esposo e conferiram a vontade de Deus em dar à sua filha o nome, que o feliz pai aceitou com júbilo e devoto afeto. Resolveram convidar os parentes e um sacerdote e com muita solenidade e suntuoso banquete puseram o nome de Maria à recém-nascida. Os anjos o celebraram com dulcíssima e sublime harmonia, ouvida somente por mãe e filha santíssima.

Deste modo recebeu nossa Princesa o nome que lhe foi dado pela Santíssima Trindade, no céu no dia em que nasceu, e na terra oito dias depois. Foi inscrito no registro dos demais, quando sua mãe foi ao Templo para cumprir a lei, como se dirá.

Este foi o singular nascimento que até então o mundo jamais vira, nem de pura criatura pôde haver outro semelhante. Foi o mais ditoso que a natureza conheceu, pois uma criancinha de um dia não somente pura das imundícies do pecado, mas ainda mais santa que os supremos serafins.

O nascimento de Moisés, notável pela beleza e graça do menino (**Êx 2, 2**), não passou de aparência transitória.

Oh! quão formosa sois nossa grande Menina! (**Ct 7, 6**). Toda formosa e suavíssima em vossas delícias, porque tendes todas as graças e formosuras, sem vos faltar nenhuma!

O prometido nascimento de Isaac, concebido por mãe estéril, foi riso (**Gn 21, 6**) e alegria para a casa de Abraão.

Sua importância, porém, lhe provinha da participação de nossa Menina rainha, a quem se referia toda aquela tão desejada alegria. Se aquele parto foi admirável e de tanto gozo para a família do Patriarca, era por ser o exórdio do nascimento de Maria dulcíssima. Neste se devem alegrar céu e terra, pois nasce aquela que há de restaurar o céu e santificar o mundo.

Quando nasceu Noé (**Gn 5, 29**) consolou-se Lamec, seu pai, porque aquele filho seria o chefe em quem Deus ia assegurar a conservação da linhagem humana pela arca, e a restauração de suas bênçãos, desmerecidas pelos pecados dos homens. Tudo isso, porém, realizou-se para nascer no mundo esta Menina, que seria a verdadeira Reparadora, a mística arca que guardou o novo e verdadeiro Noé, trazendo-o do céu para encher de bênçãos a todos os moradores da terra.

Oh! ditoso nascimento! Fostes o maior aprazimento dos que em todos os séculos passados recebera a Santíssima Trindade. Gozo para os anjos, refrigério para os pecadores, alegria dos justos e singular consolo aos santos que te esperavam no limbo!

337. Oh! preciosa e rica pérola, que viestes à luz na grosseira concha deste mundo! Oh! grande Menina que sendo apenas notada pelos olhos terrenos, aos do supremo Rei e seus cortesãos excedes em dignidade e grandeza a tudo quanto não é o mesmo Deus!

Todas as gerações te bendigam. Todas as nações reconheçam e louvem tua graça e formosura. A terra seja iluminada por este nascimento, os mortais se alegrem por lhes ter nascido a reparadora, que encherá o caos no qual os lançou o primeiro pecado. Bendita e exaltada seja vossa dignação comigo, que sou o mais baixo pó e cinza.

Se me derdes licença, Senhora minha, para falar em vossa presença, vou expor-vos uma dúvida, que se me deparou no mistério do vosso admirável e santo nascimento, a respeito do que o Altíssimo vos concedeu na hora em que vos colocou à luz material do sol.

A escritora pede esclarecimentos

338. A dúvida é a seguinte: como se há de entender que fostes com o corpo, por mão dos santos anjos, até o céu empíreo e gozastes da visão da Divindade?

Segundo a doutrina da santa Igreja e seus doutores, o céu esteve fechado e interdito aos homens, até que vosso Filho Santíssimo o abriu com sua vida e morte. Como Redentor e cabeça entrou nele quando ressuscitado. A ele subiu no dia de sua admirável ascensão, e foi o primeiro para quem se abriram aquelas portas eternas, até então fechadas pelo pecado.

RESPOSTA E DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

O pecado fechou o céu para os homens

339. Caríssima filha, é verdade que a divina justiça fechou o céu aos mortais desde o primeiro pecado, até que meu Filho Santíssimo o abriu, satisfazendo superabundantemente, pela sua vida e morte, a dívida dos homens.

Deste modo foi conveniente e justo que o mesmo Redentor, cabeça que havia unido a si os membros redimidos, para os quais abriu o céu, fosse o primeiro entre os filhos de Adão a nele entrar. Se não existira o pecado, não fora necessário

observar essa ordem para os homens subirem ao gozo da divindade no céu empíreo. Em vista da queda do gênero humano, determinou a Santíssima Trindade o que agora sucede.

Este grande mistério foi encerrado por David no salmo 23, v. 7 quando, falando com os espíritos celestiais, disse duas vezes: - Abri, príncipes, vossas portas, levantai-vos, portas eternas, para entrar o Rei da glória. Disse aos anjos que as portas eram deles, porque só para eles estavam abertas, a para os homens fechadas.

Aqueles cortesãos celestes não ignoravam que o Verbo humanado já lhes havia tirado os cadeados e ferrolhos da culpa, e que subia rico e glorioso com os despojos da morte e do pecado, estreando o fruto de sua paixão, na glória dos santos pais do limbo que levava consigo. Com tudo isto, perguntam-se os anjos admirados e suspensos pela maravilhosa novidade: **(Sl 23, 8)** - Quem é este Rei da glória, homem da mesma natureza daquele que perdeu para si e para toda a linhagem humana o direito de entrar no céu?

Cristo abriu o céu pela redenção

340. Eles mesmos responderam à dúvida, dizendo que é o Senhor forte e poderoso nas batalhas, o Senhor das virtudes, o Rei da glória. Mostravam entender que aquele homem, chegado à terra para abrir as portas eternas, não era apenas homem, nem estava compreendido na lei do pecado, mas era homem e Deus verdadeiro. Forte e poderoso na batalha, vencera o forte armado **(Lc 11, 22)** que reinava no mundo, despojando-o de seu reino e de suas armas.

Era o Senhor das virtudes **(Sl 23, 10)** porque as havia praticado como Senhor delas, com absoluto domínio, sem a contradição do pecado e seus efeitos. Senhor das virtudes e Rei da glória, vinha triunfante, distribuindo virtudes e glória a seus redimidos. Enquanto homem padecera e morrera por eles, e enquanto Deus, os elevava à Eternidade da visão beatífica. Quebrava os eternais ferrolhos e obstáculos que lhes pusera o pecado.

Para a Imaculada o céu esteve sempre aberto

341. Tudo isto foi realizado por meu querido Filho, Deus e homem verdadeiro. Senhor das virtudes e da graça, quis elevar-me e adornar-me com elas desde o primeiro instante de minha Imaculada Conceição. Não me havendo tocado o óbice do primeiro pecado, não tive o impedimento dos demais mortais para entrar por aquelas portas eternas do céu, e o braço poderoso de meu Filho agiu comigo como Senhora das virtudes e Rainha do céu.

Pelo fato de que se faria homem, vestindo-se de minha carne e sangue, quis sua benignidade, de antemão, fazer-me sua semelhante na pureza, isenção da culpa, e em outros dons e privilégios. Como não fui escrava da culpa, praticava as virtudes, não como dependente delas, mas como Senhora, com domínio e sem contradição. Nisto não me assemelhava aos filhos de Adão, mas ao Filho de Deus que também era meu Filho.

Os anjos reconhecem os privilégios de Maria

342. Por esta razão, os espíritos celestiais me abriram as portas eternas, que eles consideravam suas, reconhecendo que o Senhor me criara mais pura que

os supremos anjos do céu, para Rainha e Senhora deles e de toda as criaturas.

Além disso, o autor da lei pode dispensá-la sem se contradizer. Assim o fez comigo o Supremo Senhor e Legislador, estendendo o cetro de sua clemência, mais do que Assuero a Ester (**Est 4, 11**): as leis relativas à culpa, comuns aos outros, não atingiram a mim que seria Mãe do Autor da graça. Ainda que eu, pura criatura, não poderia merecer estes benefícios, contudo a bondade divina inclinou-se liberalmente, e olhou sua humilde serva, para que eternamente louvasse o Autor de tais favores. Quero que também tu, minha filha, o enalteças e o bendigas.

Oferta matutina

343. Já que, com liberal piedade, te escolhi por discípula e companheira, sendo tu pobre, desamparada e desvalida, a doutrina que te dou agora é a seguinte: põe todo o esforço em praticar o exercício que fiz durante toda minha vida desde que nasci. Nunca o omiti, por mais cuidados e trabalhos que tivesse.

Ao amanhecer de cada dia, prostrava-me na presença do Altíssimo e lhe dava graças e louvores pelas infinitas perfeições de seu Ser imutável, e por me haver criado do nada. Reconhecendo-me criatura sua bendizia-o, adorava-o, dando-lhe honra, magnificência e divindade, como a supremo Senhor e Criador meu, e de tudo quanto existe. Elevava meu espírito para colocá-lo em suas mãos e com profunda humildade e submissão, nelas me abandonava. Pedia-lhe que usasse de mim conforme sua vontade, naquele dia e em todos os que me restassem de vida, ensinando-me o que fosse de seu maior agrado para cumpri-lo.

Devoção ao nome de Maria

344. Do meu dulcíssimo nome serás muito devota. Quero que saibas terem sido tantas as prerrogativas e graças que lhe concedeu o Todo-poderoso, que ao conhecê-las na visão da divindade, fiquei empenhada e cuidadosa para lhe corresponder. Sempre que me ocorria à memória MARIA - e era muitas vezes - e quando ouvia-me nomear, despertava-me a gratidão e o desejo de realizar árduas empresas para o serviço do Senhor que mo dera.

O mesmo nome tens tu, e na devida proporção, quero produza em ti os mesmos efeitos, e que me imites pontualmente na doutrina deste capítulo, sem faltar, desde hoje, por razão nenhuma.

Se por fraqueza te descuidares, volta logo à presença do Senhor e minha, contrita reconhece e confessa tua culpa. Com este cuidado, e repetindo muitos atos deste santo exercício, evitarás imperfeições e te irás acostumando ao mais elevado das virtudes e do agrado do Altíssimo.

Ele não te negará sua divina graça para o praticares, se fores fiel à sua luz. O mais agradável e desejável aos teus e meus afetos, seja estar atenta a ouvir e obedecer ao teu Esposo e Senhor. Ele quer de ti o mais puro, santo e perfeito, e a vontade pronta e diligente para executá-lo.

CAPÍTULO 22

SANT'ANA, EM SEU PARTO, CUMPRIU A LEI DE MOISÉS. COMO A MENINA MARIA PROCEDIA EM SUA INFÂNCIA.

O preceito da purificação

345. Era preceito da lei, no capítulo 12 do Levítico (**v. 5-6**), que a mulher dando à luz uma filha seria considerada impura duas semanas, e devia permanecer na purificação do parto sessenta e seis dias, o dobro dos dias para o filho do sexo masculino. Terminando o prazo pela filha ou pelo filho, deveria oferecer à porta do tabernáculo um cordeiro de um ano em holocausto, e uma pomba ou rola pelo pecado. Entregava-os ao Sacerdote para oferecê-los ao Senhor, e aquele rezaria por ela, ficando assim purificada.

O parto da felicíssima Ana foi tão puro e limpo qual convinha à sua divina Filha, pois desta procedia a pureza da mãe. Ainda que não tinha necessidade de purificação, contudo, saldou a dívida da lei, cumprindo-a pontualmente. Aos olhos humanos passou por impura, quem estava isenta do que a lei mandava purificar.

Simeão

346. Passados os sessenta dias da purificação, dirigiu-se Sant'Ana ao templo, levando a mente inflamada no divino amor, e nos braços sua bendita Filha. Com a oferenda, acompanhada de inumeráveis anjos, chegou à porta do tabernáculo e falou com o sumo sacerdote, que então era o santo Simeão.

Por permanecer longamente no templo, mereceu ele o favor de, em sua presença e por suas mãos, oferecer a menina Maria todas as vezes que foi apresentada no templo e oferecida ao Senhor. Ainda que nestas ocasiões o santo sacerdote não conheceu a dignidade desta divina Senhora, como adiante diremos [2], todavia sempre sentiu fortes pressentimentos de que aquela Menina era grande aos olhos de Deus.

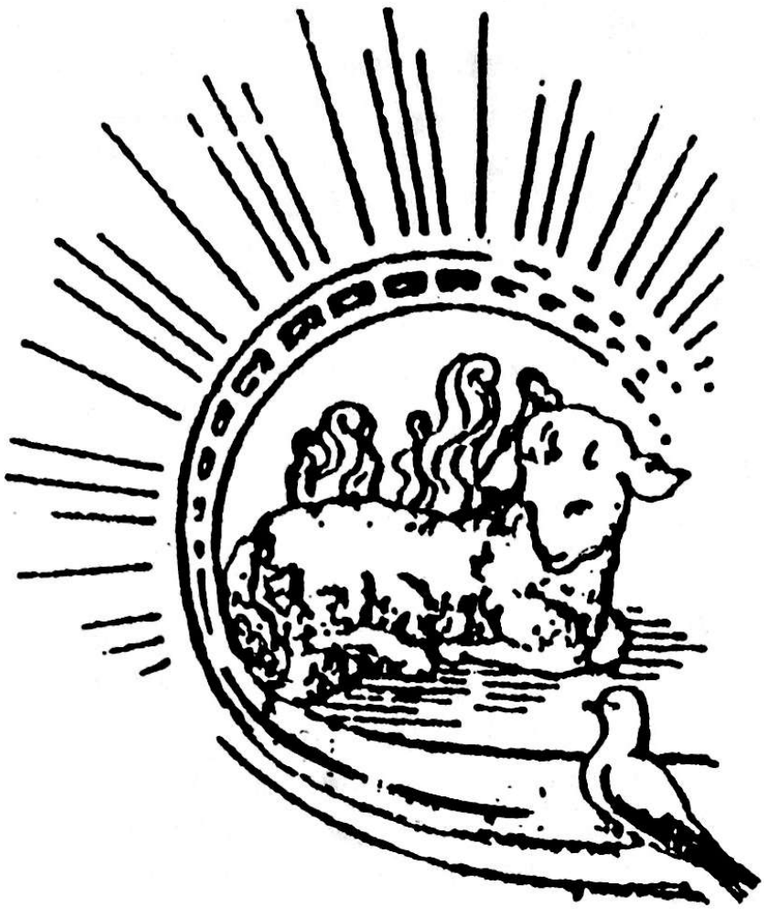
Apresentação da Menina Maria

347. Ofereceu-lhe Sant'Ana o cordeiro, a rola e o mais que levava, e com humildes lágrimas, pediu-lhe que orasse por ela e por sua Menina, para serem perdoadas pelo Senhor, caso tivessem culpa. Nada houve que ser perdoado em filha e mãe, nas quais a graça era tão copiosa, mas sim o que ser

2- n"s 424, 713, 745.

premiado: a humildade de se apresentarem como pecadoras, sendo santíssimas.

O santo sacerdote recebeu a oblação, e seu espírito se encheu de extraordinário júbilo. Sem compreender a



causa, nem se manifestar, disse consigo: - Que será esta novidade? Porventura serão estas mulheres parentes do Messias que há de vir? Nesta admiração e alegria mostrou-lhes grande benevolência. Sant'Ana entrou com sua Filha Santíssima nos braços e a ofereceu ao Senhor com devotíssimas e ternas lágrimas, como a única pessoa no mundo conhecedora do tesouro que lhe fora confiado em depósito.

Sant'Ana renova seu voto

348. Renovou o voto, que antes fizera, de oferecer no templo sua primogênita quando chegasse à idade conveniente. Nesta renovação foi ilustrada com nova graça e luz do Altíssimo. Sentiu em seu coração uma voz que lhe dizia que se cumprisse o voto de oferecer sua Filha no templo, dentro de três anos. Esta inspiração foi o eco da voz da santíssima Rainha, cuja súplica tocou o coração de Deus e ressoou no de sua Mãe.

Ao entrarem ambas no templo e vendo a doce Menina com seus olhos corporais, aquela majestade e grandeza dedicadas ao culto e adoração da Divindade, sentiu admiráveis efeitos em seu espírito, e quisera prostrar-se para beijar a terra e adorar o Senhor. O que não pôde fazer com ações exteriores, supriu com o afeto interior. Adorou e bendisse a Deus com o amor mais sublime e a reverência mais profunda que, nem antes nem depois, outra pura criatura o pôde fazer. Falando em seu coração com o Senhor, fez esta oração:

Oração da Menina Maria

349. - Altíssimo e incompreensível Deus, Rei e Senhor meu, digno de toda glória, louvor e reverência; eu, humilde pó, mas obra vossa, adoro-vos neste vosso santo templo, exalto-vos e vos glorifico pelo vosso ser e perfeições infinitas. Quanto me é possível, agradeço à vossa dignação, por me concederdes ver com meus olhos este santo templo e casa de oração, onde vossos profetas, meus antigos pais vos louvaram e bendisseram, e onde vossa liberal misericórdia operou com eles grandes maravilhas e mistérios. Aceita-me, Senhor, para que possa servir-vos nele quando for vossa santa vontade.

Sant'Ana volta ao templo

350. Fez este humilde oferecí-

mento ao modo de escrava do Senhor, aquela que era Rainha de todo o universo. Em testemunho da aceitação divina, veio do céu uma claríssima luz que sensivelmente envolveu a Menina e sua Mãe, enchendo-as de resplendores e graça.

Tornou a compreender Sant'Ana que, ao terceiro ano, devia apresentar sua Filha no templo, porque a complacência que o Altíssimo receberia daquela oferenda, e o afeto com que a Menina a desejava ,não permitiam mais longa demora.

Seus santos anjos da guarda e outros que assistiram a este ato, cantaram suavíssimos louvores ao Autor dessas maravilhas. Somente filha e mãe santíssimas tiveram conhecimento desses prodígios, sentindo interior e exteriormente o que respectivamente era espiritual ou sensível. Só o santo Simeão percebeu um pouco da luz sensível. Depois de tudo, voltou Sant'Ana para casa, enriquecida com seu tesouro e novos dons do Deus Altíssimo.

O demônio se engana

351. À vista destes sucessos, a antiga serpente enchia-se de ansiedade. O Senhor ocultava-lhe o que não devia entender, e permitia-lhe ver somente o que convinha, para que falhando seus planos de destruição, viesse a servir de instrumento na execução dos ocultos desígnios do Altíssimo.

Fazia este inimigo muitas conjecturas sobre as novidades que observava em mãe e filha. Vendo que levavam a oferenda ao templo, e como pecadoras praticavam quanto mandava a lei, pedindo ao sacerdote rezar para que fossem perdoadas, enganou-se e sossegou seu furor. Acreditou que aquela filha e mãe estavam incluídas entre as demais mulheres, e que eram da mesma condição, ainda que mais perfeitas e santas que as outras.

Tratamento dado à Menina Maria

352. A soberana Menina, era tratada como as demais crianças de sua idade. Seu alimento era o comum, ainda que em quantidade muito pequena, assim como o sono, mesmo que a pusessem para dormir. Não era impertinente, nem jamais chorou com irritação, como as demais crianças, mas era extremamente agradável e aprazível. Algumas vezes dissimulava, chorando e soluçando - qual Rainha e senhora, de acordo com aquela idade - pelos pecados do mundo e para obter o remédio deles e a vinda do Redentor dos homens.

Ordinariamente, mesmo naquela infância, tinha o semblante alegre e ao mesmo tempo grave, com peregrina majestade, sem jamais admitir ação pueril, ainda que às vezes aceitava carícias. As que não procediam de sua mãe, e por isso eram menos comedidas, moderava-as com a especial virtude e severidade que demonstrava.

Sua prudente mãe tratava-a com incomparável cuidado, amor e carinho. Seu pai Joaquim também a amava como pai e como santo, apesar de ignorar o mistério, e a Menina mostrava-se com ele mais amorosa, como quem o conhecia por pai e tão amado de Deus. Ainda que dele aceitava mais carinhos que de outros, a todos infundiu Deus tão extraordinária reverência e respeito por aquela que escolhera para Mãe sua, que ainda o cândido afeto e amor de seu pai era

sempre muito reservado nas demonstrações sensíveis.

Comunicações da Menina Maria com Deus

353. Em tudo, era a Menina rainha graciosa, perfeitíssima e admirável. Se bem passou pelas leis comuns da natureza, estas não impediram as da graça. Se dormia, não cessava nem interrompia as ações interiores do amor, e outras que não solicitam os sentidos exteriores. Sendo possível este benefício ainda em outras almas a quem o poder divino favoreceu, é certo que com aquela que escolhera por Mãe e Rainha de toda a criação, faria o que está acima de todo o pensamento.

Durante o sono natural Deus falou a Samuel (**1Rs 3, 4**) e a outros santos e profetas. A muitos deu sonhos misteriosos ou visões (**Gn 37, 5-9**) porque ao seu poder pouco importa que os sentidos durmam com o sono natural, ou sejam suspensos com a força do êxtase. Tanto num como no outro caso ficam suspensos, e sem eles o espírito ouve, entende e fala com os objetos a ele proporcionados.

Esta lei, perpétua para a Rainha desde sua conceição até agora, e por toda a eternidade, porque mesmo em seu estado de viadora, estas graças não lhe foram dadas com intervalos como às outras criaturas.

Quando estava só ou a punham para dormir, sendo-lhe o sono tão curto, conferia os mistérios e louvores do Altíssimo com seus santos anjos, e gozava de divinas visões e colóquios com Deus. Como o trato com os anjos lhe era tão freqüente, direi no capítulo seguinte os modos deles se lhe manifestarem, e algumas de suas excelências.

Pergunta da escritora

354. Rainha e Senhora do céu, se como piedosa Mãe e Mestra me ouvirdes, sem vos ofender com minha ignorância, exporei à vossa benignidade algumas dúvidas que neste capítulo encontrei. Se minha ousadia resvalar para o erro, corrigi-me com vossa maternal misericórdia.

Minha dúvida é a seguinte: Se, em vossa infância, sentíeis a necessidade e fome que pela ordem natural sentem as demais crianças, e sendo tão admirável vossa paciência, como pedíeis o alimento e socorro necessário, quando às outras crianças o pranto serve de linguagem? Também ignoro se vos eram penosas as exigências daquela idade, como enfaixar vosso virginal corpo, alimentar-vos e outras coisas que as crianças recebem inconscientemente, enquanto vós Senhora, tudo compreendíeis?

Parece-me quase impossível que no modo, tempo, quantidade e outras circunstâncias, não houvesse excesso ou falta, já que na idade éreis menina, mas na capacidade adulta para considerar tudo com devida ponderação. Vossa prudência celestial conservava digna majestade e compostura; vossa idade e natureza pediam o necessário; não o pedíeis como as crianças, chorando, nem como adulto, falando; ninguém sabia que possuíeis perfeito conhecimento, nem vos tratavam segundo o vosso uso da razão.

Além disso, vossa santa mãe não poderia acertar tudo, ignorando o tempo e o modo exato de o fazer, tampouco em todas as coisas poderia ela

vos servir. Tudo isto me causa admiração e desperta-me o desejo de conhecer os mistérios encerrados em tais circunstâncias.

RESPOSTA E DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Paciência e sobriedade

355. Minha filha, à tua admiração respondo com benevolência. Verdade é que tive a graça e o perfeito uso da razão desde o primeiro instante de minha conceição, como tantas vezes te mostrei. Não obstante, passei pelas necessidades da infância como as outras crianças, e fui tratada pela ordem comum de todas. Senti fome, sede, sono e penalidades em meu corpo e, como filha de Adão, estive sujeita a tais acidentes. Era justo imitar meu Filho Santíssimo, que aceitou estas contingências e penas, para assim merecer e dar exemplo aos mortais.

Governada pela divina graça, usava alimentos e sono com peso e medida, recebendo menos que os outros, e apenas o necessário para o crescimento e conservação da vida e saúde. A desordem nestas coisas não só é contra a virtude, mas contra a própria natureza que se altera com semelhantes excessos. Por causa da minha compleição, era mais sensível à fome e à sede do que as outras crianças, e para mim era mais nociva esta falta de alimento. Se não me davam a tempo, ou se nele se excediam, tinha paciência até que, oportunamente, com alguma discreta demonstração o solicitava. Sentia menos a falta de sono, pela liberdade que me deixava de gozar a sós da visão dos anjos e de sua conversação sobre os mistérios divinos.

Mortificação por amor de Cristo crucificado

356. Permanecer envolta em panos, apertada e atada, não me causava pena, porém muita alegria, por saber que o Verbo humanado sofria o opróbrio de ser atado e padeceria morte ignominiosa. Quando estava só, naquela idade, punha-me em forma de cruz a orar para imitá-lo, porque sabia que meu amado assim morreria, ainda que, por então ignorava que o crucificado seria meu Filho.

Em todas as incomodidades que padeci, senti-me conformada e alegre, porque nunca deixei de fazer, interiormente, aquela consideração que desejo guardes inteira e perpetuamente. Pesa na mente e coração essas retíssimas verdades que eu contemplava, e julga todas as coisas sem errar, dando a cada qual o valor que lhe é devido. Nesse erro e cegueira incorrem ordinariamente os filhos de Adão, e não quero que a ti, minha filha, aconteça o mesmo.

Ingratidão e presunção das criaturas

357. Assim que nasci no mundo, vendo a luz que me iluminava, sentindo os efeitos dos elementos, os influxos dos planetas e astros, a terra que me recebia, o alimento que me sustentava, e todas as outras causas da conservação da vida, dei graças ao Autor de tudo.

Reconheci suas obras, por benefício que me era prodigalizado e não por direito que me fosse devido. Assim, quando acontecia me faltar alguma coisa necessária, sem desgosto mas com alegria, confessava que se fazia comigo o que era justo. Tudo me era dado de graça, sem merecê-lo, e portanto sua

privação estava dentro da justiça.

Dize-me pois, alma, se eu reconhecia isto, confessando uma verdade que a razão humana não pode ignorar ou negar, onde está o juízo dos mortais? Que pensam eles quando, faltando-lhes alguma coisa que cobiçam e talvez não lhes convêm, entristecem-se e enfurecem-se uns contra os outros, e se irritam com Deus, como se Dele estivessem recebendo algum agravo? Perguntem-se a si mesmos: - Que tesouros e riquezas possuíam antes de receberem a vida? Que serviços prestaram ao Senhor para lhe serem devidas?

Se o nada não pode granjear senão o nada, nem merecer a existência que do nada lhe deram, que obrigação há de se lhe conservar por justiça, o que lhe foi dado gratuitamente? A criação do homem não foi benefício que Deus fez a si mesmo, mas foi muito grande para a criatura, pelo ser e fim a que é destinada. Se, com a existência, contraiu a dívida que jamais poderá pagar, diga-me: que direito alega agora para que, tendo-lhe sido dada a vida sem a merecer, lhe dêem a conservação dela, depois de tantas vezes a desmerecer? Onde tem o documento de garantia e abono para que nada lhe falte?

O pecado priva o homem de todos os direitos

358. Se a sua origem já constituiu dívida com que se empenhou, como pede com impaciência o mais a que não tem direito? Se, apesar de tudo isto, a suma bondade do Criador lhe proporcionou graciosamente o que necessita, porque se perturba quando lhe falta o supérfluo? Oh! minha filha, que desordem tão execrável e que cegueira tão odiosa é esta dos mortais! O que o Senhor lhes dá gratuitamente, não agradecem nem correspondem com reconhecimento. Pelo que lhes nega com justiça, e às vezes por grande misericórdia, inquietam-se, revoltam-se e o procuram por meios injustos e ilícitos, e se precipitam atrás do mesmo perigo que deles foge.

Com o primeiro pecado que o homem comete, perdendo a amizade de Deus, perde juntamente a amizade de todas as criaturas. Se o mesmo Senhor não as impedisse, todas se voltariam para vingar a ofensa do Criador, e negariam ao homem as operações e obséquios com que lhe sustentam a vida. O céu o privaria de sua luz e influências, o fogo de seu calor, o ar lhe negaria a respiração e todas as outras coisas, a seu modo, fariam o mesmo, porque assim seria justo.

Quando, pois, a terra lhe negar seus frutos, os elementos seu controle e atividade, e as outras criaturas se armarem para vingar os desacatos contra o Criador (**Sb 5, 18**), humilhe-se o homem desagradecido e vil. Não entesoure a ira do Senhor (**Rm 2, 5**) para o dia infalível das contas, quando o ajuste se tornará tão assustador.

Humildade e alegria nas privações

359. Tu, minha amiga, foge de tão pesada ingratidão e reconhece humildemente que de graça recebeste a vida, e de graça te é conservada pelo Autor dela. Sem méritos recebes gratuitamente todos os outros benefícios. Recebendo tanto e pagando tão pouco, cada dia te fazes menos digna deles e, à medida que cresce contigo a liberalidade do Senhor, aumenta a tua dívida para com Ele. Quero que esta consideração seja contínua

em ti, para te mover a muitos atos de virtude.

Se as criaturas irracionais te faltarem, quero que te alegres no Senhor, agradeças e a elas abençoes, porque obedecem ao Senhor. Quando as racionais te perseguirem, ama-as de todo o coração, e estima-as como instrumento da justiça divina que, de algum modo, a satisfazem pelo que lhe deves. Abraça-te com os trabalhos e alegra-te com as adversidades e tribulações que, além de mereceres por tuas culpas, são adorno da alma e jóias muito ricas de teu Esposo.

Observância na vida religiosa

360. Esta foi a resposta de tua dúvida. Agora quero dar a doutrina que prometi para cada um dos capítulos. Considera a pontualidade de minha santa mãe Ana em cumprir o preceito da lei do Senhor, a cuja grandeza muito agradou esta solicitude. Deves imitá-la, guardando inviolavelmente todos e cada um dos mandatos de tua Regra e Constituições, porque Deus remunera liberalmente esta fidelidade, enquanto da negligência se ofende.

Concebida sem pecado, não me era necessário ir pedir ao sacerdote para ser purificada pelo Senhor. Minha mãe tampouco tinha pecado, porque era muito santa. Entretanto, obedecemos à lei com humildade, e com isso merecemos grande aumento de virtudes e graças. Desprezar as leis justas e bem ordenadas, dispensá-las a cada passo, prejudica o culto e temor de Deus, altera e destrói a boa ordem da organização humana.

Guarda-te de dispensar facilmente, quer para ti, quer para as outras, as obrigações da vida religiosa. Quando a enfermidade ou alguma justa causa o exigir, seja, com medida, conselho de teu confessor e aprovação da obediência, justificando o fato diante de Deus e dos homens. Se te encontrares cansada e sem forças, não mitigues logo o rigor, que Deus te sustentará segundo tua fé. Por ocupações nunca dispenses; dá preferência ao mais importante, e mais ao Criador do que às criaturas.

Sendo superiora terás menos desculpa ainda, pois na observância das leis deves ser a primeira a dar o exemplo. Para ti jamais hão de valer motivos humanos, ainda que algumas vezes os leves em consideração para tuas irmãs e súditas. Lembra-te, caríssima, que de ti quero o melhor e mais perfeito, razão deste rigor, porque a observância dos preceitos é dívida para com Deus e os homens. Ninguém pense que basta justificar-se diante do Senhor, se diante do próximo continuar em falta, pois a este se deve dar bom exemplo, e evitar matéria e ocasião de escândalo.

- Rainha e Senhora de toda a criação, eu quisera conseguir a pureza e virtude dos espíritos angélicos, para que a parte inferior que oprime a alma (**Sb 9, 15**) fosse dócil em praticar esta celestial doutrina. Sou pesada a mim mesma (**Jó 7, 20**), porém, com a vossa intercessão e a graça do Altíssimo procurarei obedecer à vossa vontade e à sua santíssima, com prontidão e afeto de coração. Não me falte vossa intercessão, amparo e o ensinamento de vossa santa e altíssima doutrina.



Sant'Ana e sua Filha santíssima

CAPÍTULO 23

INSÍGNIAS QUE OS SANTOS ANJOS DA GUARDA DE MARIA SANTÍSSIMA TRAZIAM QUANDO LHE APARECIAM; SUAS PERFEIÇÕES.

Os mil anjos custódios de Maria

361. Já fica dito [3] que o número destes anjos era mil, enquanto para as demais pessoas é apenas um. Devemos ainda entender que, pela dignidade de Maria Santíssima, seus mil anjos a guardavam e assistiam, com maior vigilância do que qualquer anjo custódio guarda a alma que lhe foi confiada.

Fora destes mil que formavam sua guarda ordinária e mais contínua, serviam-na em diversas outras ocasiões outros muitos, especialmente depois que concebeu em seu seio o Verbo divino humanado.

Disse também acima [4] que a escolha destes mil anjos foi feita por Deus no princípio, por ocasião da criação deles, após a justificação dos bons e a queda dos maus. Sendo ainda viadora, foi-lhes proposto reconhecerem por superiores a eles: primeiro a Divindade, depois a humanidade santíssima que o Verbo assumiria, e em seguida, sua Mãe puríssima.

Diferença entre os anjos

362. Nesta ocasião, quando os apóstatas foram castigados e os obedientes premiados, guardando o Senhor a devida proporção segundo sua justíssima eqüidade, eu escrevi [5]: na recompensa acidental houve alguma diferença entre os santos anjos, conforme os diversos sentimentos que demonstraram aos mistérios do Verbo humanado e de sua Mãe puríssima, à medida que os foram conhecendo, antes e depois da queda dos maus anjos.

Consistiu este prêmio acidental em serem escolhidos para assistir e servir Maria Santíssima e o Verbo humanado, e no modo e forma de se manifestarem quando apareciam visivelmente à Rainha para servi-la. É isto que pretendo explicar neste capítulo, confessando minha incapacidade, pois é difícil traduzir em razões e termos materiais as perfeições e operações de tão elevados espíritos intelectuais.

No entanto, se passasse em silêncio este assunto, omitiria nesta História uma grande parte das mais excelentes ocupações da Rainha do céu, enquanto foi viadora. Depois dos atos que exercia com o Senhor, seu mais contínuo trato era com seus ministros, os

3- nº 205.
4- nº 114.
5- nº 106, 107.

espíritos angélicos. Sem esta importante exposição ficaria incompleta a descrição desta santíssima Vida.

Forma visível dos anjos

363. Supondo tudo o que já disse sobre as ordens, hierarquias e diferenças destes mil anjos, direi aqui a



forma na qual apareciam corporalmente à sua Rainha e Senhora. Remeto as aparições intelectuais e imaginárias para outros capítulos [6], onde intencionalmente falarei das diversas espécies de visões que a Senhora gozava.

Os novecentos anjos escolhidos dos nove coros, cem de cada um, foram nomeados entre aqueles que mais se distinguiram na estima, amor e admirável reverência por Maria Santíssima. Quando lhe apareciam, vinham na forma de jovem de extrema formosura e agrado. O corpo quase nada demonstrava de terreno, porque era claríssimo e como um cristal animado e banhado de glória, imitando os corpos gloriosos e refulgentes.

À beleza uniam grande compostura e amável gravidade. As vestes eram roçagantes, translúcidas, semelhantes a brilhante ouro esmaltado com matizes de finíssimas cores, formando admirável e belíssimo conjunto para o olhar. Todo aquele ornato visível, ainda que perceptível aos olhos, não era materialmente tangível, nem se poderia pegar com a mão. Era semelhante à luz do sol quando entra por uma janela e deixa ver os átomos do ar, mas incomparavelmente mais bela e vistosa.

Beleza dos anjos

364. Traziam na cabeça coroa de finas e vivíssimas flores que desprendiam suavíssima fragrância de perfumes não terrenos, suaves e espiritualizados. Nas mãos levavam palmas tecidas de variedade e formosura, significando as virtudes que Maria Santíssima praticaria e as coroas que conquistaria com tanta santidade e glória. Coroas e palmas que estavam como a lhe oferecer antecipadamente, de modo velado, mas com júbilo e alegria.

- No peito traziam certa divisa ou dístico, mais ou menos como os distintivos dos hábitos das Ordens militares, com as palavras "Maria Mãe de Deus". Para aqueles santos príncipes eram de muita glória, adorno e beleza, mas à Rainha não foram manifestados, até o momento em que concebeu o Verbo encarnado.

6- do nº 615 em diante.

Maria, Mãe de Deus

365. Esta divisa era admirável pelo grande brilho que irradiava, salientando-se entre os refulgentes adornos dos anjos. Variavam também nos reflexos e raios, que representavam os diferentes mistérios e excelências desta santa Cidade de Deus. Continham o maior renome e o mais sublime título e dignidade que pode caber em pura criatura: "Maria Mãe de Deus".

Com este elogio prestavam a suprema homenagem à sua Rainha e nossa, ficando eles também honrados por lhes pertencer, e recompensados por se haverem distinguido na devoção e veneração à criatura mais digna de ser venerada entre todas. Mil vezes ditosa as que merecerem a singular correspondência do amor de Maria e de seu Filho Santíssimo.

Sentimentos de Maria

366. Os efeitos que estes anjos e seus adornos produziam em Maria, Senhora nossa, ninguém senão Ela os poderia explicar. Lembravam-lhe misteriosamente a grandeza de Deus e seus atributos, os benefícios que Ele lhe prodigalizava: tê-la criado, escolhido e enriquecido, com tantos dons do céu e tesouros da divina destra.

Inflamavam-na em grandes incêndios do divino amor e louvor, que iam crescendo com a idade e os acontecimentos. Aumentaram muito mais depois de se realizar a Encarnação do Verbo, pois então foi-lhe explicado aquele misterioso dístico, cujo significado lhe tinha permanecido oculto. Essa explicação e o que Ela compreendeu de sua dignidade e obrigação a Deus, despertavam em seu cândido coração tal fogo de amor, tão profunda humildade, afetos tão ternos, que não se podem dignamente encarecer, pois considerava-se inepta e indigna para tão inefável mistério e dignidade de Mãe de Deus.

Os setenta serafins

367. Os setenta serafins, dos mais próximos ao trono e que assistiam à Rainha, foram os que se salientaram na devoção e complacência da união hipostática das duas naturezas, divina e humana, na pessoa do Verbo. Estando mais próximos a Deus pelo conhecimento e amor, tiveram particular desejo de que este mistério se realizasse no seio de uma mulher. A este sentimento lhes correspondeu o prêmio de glória essencial e acidental. A esta última, de que vou falando, pertenceu o encargo de assistir Maria Santíssima e aos mistérios que nela se operaram.

As seis asas dos serafins

368. Quando estes setenta serafins lhe apareciam, via-os na mesma forma que, em visão imaginária, os viu Isaías. Tinham seis asas. Com duas cobriam a cabeça, significando esta humilde posição e obscuridade de seus entendimentos para penetrar o mistério a que serviam.

Prostrados ante a majestade e grandeza de seu Autor, criam no mistério compreendendo-o sob o véu da oculta notícia que lhes era dada, e por esta enalteciam com eterno louvor os incompreensíveis e santos juízos do Altíssimo.

Com outras duas asas cobriam os pés, a parte inferior que toca a terra. Com isto simbolizavam a mesma Rainha,

Senhora do céu, mas de natureza humana e terrena. Cobriam-na em sinal de veneração, reconhecendo-a suprema criatura entre todas, de incompreensível dignidade e grandeza, imediata ao mesmo Deus, acima de todo o entendimento e juízo criado. Também por isto encobriam os pés, significando que os passos de tão elevados serafins, não podiam ser comparados aos de Maria por sua dignidade e excelência.

Os serafins refletiam a divindade

369. Com as duas asas do peito voavam ou as estendiam, dando a entender seu incessante movimento e vôo de amor para Deus, e o louvor e profunda reverência que lhe prestavam. No interior do peito, como num espelho puríssimo no seu modo de ser e agir, refletiam para Maria Santíssima os reflexos da Divindade, pois enquanto viadora não era possível que Deus se lhe mostrasse continuamente em si mesmo. Por este motivo ordenou a beatíssima Trindade que sua Filha e Esposa tivesse nestes serafins, as criaturas mais próximas de sua Divindade, uma viva imagem do original que Ela nem sempre podia ver claramente.

Comunicação angélica

370. Deste modo, gozava a divina Esposa, na ausência de viadora, do retrato de seu amado. Abrasava-se toda a chama de seu santo amor, na vista e comunicação com estes inflamados e supremos príncipes.

O modo de se comunicar com eles, além do sensível, era o mesmo que eles usam entre si, os superiores ilustrando aos inferiores, como outras vezes tenho dito [7]. Não obstante, a Rainha lhes ser superior em dignidade e graça, em a natureza - como disse David, salmo 8, 6 - o homem foi feito inferior aos anjos, e a ordem comum de transmitir e receber estas influências divinas, segue a natureza e não a graça.

Os doze anjos das doze portas

371. Os outros doze anjos são os das doze portas de que S. João falou no capítulo 21 do Apocalipse (**v. 12**) como acima disse [8]. Distinguiram-se no afeto e louvor de que Deus se encarnasse, a fim de ser mestre e companheiro dos homens, para depois redimi-los e lhes abrir, com seus merecimentos, as portas do céu, tendo por coadjutora sua admirável Mãe.

Consideraram particularmente estes santos anjos, as maravilhosas obras e caminhos que Deus ensinaria para os homens alcançarem a vida eterna, simbolizados nas doze portas correspondentes à doze tribos.

A recompensa desta singular devoção, foi serem por Deus nomeados para testemunhas e secretários dos mistérios da Redenção, e colaboradores da Rainha do céu no privilégio de ser mãe de misericórdia e medianeira dos que a Ela recorrem para se salvar. Por isto, disse acima [9] que a Rainha se serve principalmente destes doze anjos para amparar, esclarecer e defender seus devotos, e em particular para os tirar do pecado, quando juntamente com Maria, eles invocam estes anjos.

Ofícios dos doze anjos

372. Estes doze anjos lhe apareciam corporalmente, como falei dos

7- nº 203.

8- nº 273.

9- nºs 273 e 274.

primeiros, mas levavam muitas coroas e palmas, reservadas para os devotos desta Senhora. Serviam-na dando-lhe a conhecer a inefável piedade do Senhor pelo gênero humano. Inspiravam-na a louvá-lo e a pedir-lhe que usasse dessa piedade com os homens. Para este fim enviava-os como portadores de suas súplicas ao trono do eterno Pai.

Estes anjos eram mandados também para inspirar e socorrer os devotos que A invocavam ou que Ela queria acudir e proteger. Mais tarde isso aconteceria muitas vezes com os santos Apóstolos, a quem, por ministério dos anjos, auxiliava nos trabalhos da primitiva Igreja. Até hoje, do céu, exercem estes doze anjos o mesmo ofício, assistindo aos devotos de sua e nossa Rainha.

Os anjos da Paixão

373. Os dezoito anjos que faltam para completar o número de mil, foram os que se distinguiram na compaixão pelos sofrimentos do Verbo humanado; por isto, foi grande seu prêmio e glória.

Apareciam a Maria Santíssima com admirável beleza, levando como ornamento muitos distintivos da Paixão e de outros mistérios da Redenção. Tinham o particular ornato de uma cruz no peito e outra no braço, ambas de singular formosura e refulgente esplendor.

A vista de tão peregrino hábito despertava na Rainha grande admiração, a mais terna e compassiva lembrança do que o Redentor do mundo haveria de padecer, assim como fervorosa gratidão pelos benefícios que os homens receberiam dos mistérios da Redenção e resgate de seu cativeiro. Servia-se a grande Princesa destes anjos para enviá-los muitas vezes a seu Filho Santíssimo, com diversas embaixadas e petições para o bem das almas.

Perfeições angélicas

374. Com a descrição das formas e divisas destes anjos, declarei alguma coisa das perfeições e operações destes espíritos celestiais, porém muito menos do que possuem. São uns invisíveis raios da Divindade, agilíssimos em seus movimentos e operações, fortíssimos no poder, perfeitíssimos no entender sem errar, imutáveis em suas capacidades e vontade; o que uma vez aprendem nunca mais esquecem nem perdem de vista.

Acham-se repletos de graça e glória sem perigo de perdê-las. Sendo incorpóreos e invisíveis, quando o Altíssimo quer conceder aos homens o favor de os ver, tomam corpo aéreo e aparente, adequado ao sentido e à finalidade para a qual o assumem.

Todos estes mil anjos da Rainha Maria eram dos superiores, de suas respectivas ordens e coros, consistindo esta superioridade principalmente no grau de graça e glória.

Assistiram à guarda desta Senhora, sem faltar um instante, durante sua vida santíssima, e agora no céu têm especial e acidental gozo com sua vista e companhia. Ainda que alguns deles são distintamente enviados por Ela, todos mil servem para este ministério, em algumas ocasiões que a disposição divina determina.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Gratidão a Deus por nos ter dado anjos custódios

375. Minha filha, em três reco-

mendações quero te dar a doutrina deste capítulo. A primeira, para seres agradecida, com eterno louvor e reconhecimento, ao benefício de Deus em te dar anjos para te assistir, ensinar e guiar em tuas tribulações e trabalhos.

Ordinariamente esquecem os mortais esta graça, com odiosa ingratidão e detestável grosseria. Não consideram a divina misericórdia e benignidade do Altíssimo em mandar estes santos príncipes para assistir, guardar e defender criaturas terrenas, cheias de misérias e culpas, sendo eles de natureza tão superior e espiritual, cheios de tanta glória, dignidade e beleza. Com este esquecimento privam-se os ingratos homens de muitos favores dos mesmos anjos, e irritam ao Senhor. Tu, porém, caríssima, reconhece esta graça e a ela corresponde com todas as tuas forças.

Respeito à presença do Anjo

376. A segunda recomendação seja que, sempre e em todo lugar, tenhas amor e reverência a estes divinos espíritos, como se os visse com os olhos do corpo. Vive advertida e circunspecta na presença dos cortesãos do céu, e não te atrevas a proceder diante deles como não procederias diante de outras criaturas.

Não deixes de fazer no serviço do Senhor o que eles fazem e de ti desejam. Lembra-te que eles estão sempre vendo a face de Deus (**Mt 18, 10**), como bem-aventurados, e quando ao mesmo tempo te olham, nada vejam menos decente. Agradece-lhes por te guardarem, defenderem e ampararem.

Docilidade às inspirações do anjo

377. A terceira recomendação, é para viveres atenta aos chamamentos, avisos e inspirações com que eles te despertam, movem e iluminam, para dirigir tua mente e coração à lembrança do Altíssimo, e ao exercício de todas as virtudes. Considera quantas vezes tu os chamas e eles te atendem. Sempre que os procuras os encontras. Todas as vezes que lhes pediste notícias de teu amado as têm dado. Quantas outras te chamaram ao amor de teu Esposo e repreenderam bondosamente teus descuidos e omissões!

E, quando por tuas fraquezas e tentações perdeste a direção da luz, eles te esperaram, suportaram e te esclarecendo trouxeram de novo ao caminho certo das justificações e testemunhos do Senhor. Não esqueças quanto deves a Deus por este benefício, mais do que muitas nações e gerações. Esforça-te por ser grata a teu Senhor e aos anjos, seus ministros.

CAPÍTULO 24

AS SANTAS OCUPAÇÕES E EXERCÍCIOS DA RAINHA DO CÉU DURANTE O PRIMEIRO ANO E MEIO DE SUA INFÂNCIA.

O silêncio de Maria foi voluntário

378. O inevitável silêncio dos primeiros anos das outras crianças, sua ignorância e incapacidade de saber e poder falar, em nossa Menina rainha foi heróica virtude. As palavras são geração do entendimento e manifestação do raciocínio, faculdades que Sua Alteza possuía em grau perfeitíssimo desde sua conceição. Se não falou logo ao nascer, não foi por não poder, mas sim por não querer.

Ainda que às demais crianças faltam as forças naturais para abrir a boca, mover a tenra língua e pronunciar palavras, em Maria não houve essa falha. Em a natureza era mais robusta, e dispondo de poder sobre todas as coisas, suas potências ter-lhe-iam obedecido, se Ela assim ordenasse.

O não falar foi nela grande virtude e perfeição para ocultar sua ciência e graça, e evitar a admiração que produziria uma recém-nascida falando. Se fôra admiração falar quem naturalmente está impedido de o fazer, parece que é mais admirável calar, durante ano e meio, quem teria podido falar desde o nascer.

Amor e reverência filial de Maria

379. Foi disposição do Altíssimo que nossa menina e Senhora guardasse este silêncio durante o tempo em que, naturalmente, as outras crianças não podem falar.

Somente com seus santos anjos da guarda se dispensou desta lei, ou quando a sós orava vocalmente ao Senhor. Para falar com Deus, autor daquele privilégio, e com os anjos seus companheiros, quando com Ela tratavam corporalmente, não havia a mesma razão de calar, como na presença dos homens. Convinha que orasse com a boca, pois não tendo impedimento para isso, não era razão que aquele órgão ficasse inativo por tanto tempo.

Apesar disto, sua mãe Sant'Ana nunca a ouviu, nem soube que era capaz de falar naquela idade. Assim, melhor se entende como foi virtude seu silêncio durante aquele primeiro ano e meio de sua infância.

Por este tempo, quando à sua Mãe pareceu oportuno, soltou as mãos e os braços da Menina Maria. Ela logo tomou as de seus pais e as beijou com

grande submissão e humildade reverencial, observando sempre este costume enquanto eles viveram. Com algumas demonstrações acenava para que a abençoassem, falando-lhes ao coração melhor do que com a boca. Tanta era a reverência que lhes votava que jamais faltou em obedecer-lhes; tampouco lhes deu trabalho ou desgosto, porque conhecia seus pensamentos e antecipava-se em satisfazer-lhes as vontades.

Vida mística da Menina Maria

380. Em todas as suas ações e movimentos era dirigida pelo Espírito Santo, e sempre fazia o que era perfeitíssimo. Não obstante, longe de estar satisfeita



com este ardentíssimo amor, nasciam-lhe contínuos e fervorosos desejos para alcançar melhores carismas (**1Cor 31**).

Eram-lhe muito freqüentes as revelações divinas e visões intelectuais, e quando Deus lhe suspendia um modo de visões ou intelecções, gozava de outras. Da clara visão da Divindade - como a que descrevi acima, quando ao nascer foi levada ao céu pelos anjos - ficaram-lhe as espécies de quanto conheceu. Desde que saiu daquela adega do vinho (**Ct 2, 4**) ordenada em caridade, ficou tão ferido seu coração que, ocupando-se nesta contemplação ficava toda abrasada. Sendo-lhe o corpo frágil e tenro e o amor forte como a morte (**Ct 8, 6**), chegava a sofrer extrema dor de amor, da qual morreria se o Altíssimo não lhe fortalecesse e conservasse miraculosamente a parte inferior e a vida natural.

Muitas vezes, porém, permitia o Senhor que aquele virginal e débil corpinho, desfalecesse pela força do amor, e os santos anjos a sustentavam e confortavam, cumprindo-se o que é dito da Esposa: confortai-me com flores, fortalecei-me com frutos porque desfaleço de amor (**Ct 2,** 5). Este sublime gênero de martírio foi milhares de vezes sofrido por esta Senhora, com o que ultrapassou a todos os mártires no merecimento e ainda na dor.

A dor do amor a Deus

381. A dor do amor é tão doce e apetecível que, quanto maior é sua causa, tanto mais a deseja quem a padece; procura quem lhe fale do amado e pretende curar a ferida reabrindo-a. Este suavíssimo artifício entretém a alma, entre uma penosa vida e uma doce morte.

Isto sucedia à Menina Maria quando falava de seu amado com os anjos. Interrogava-os Ela muitas vezes, dizendo: - Ministros do meu Senhor e mensageiros seus, formosíssimas obras de suas mãos, centelhas daquele divino

fogo que abrasa meu coração, já que gozais de sua beleza sem véu, dai-me notícias do meu amado; quais são os dotes de meu querido? Avisai-me se, por acaso, o tenho desgostado, perguntai-lhe o que deseja e quer de Mim, e não tardeis em aliviar minha pena que desfaleço de amor.

Perfeições divinas

382. Respondiam-lhe os espíritos celestiais: - Esposa do Altíssimo, vosso amado é único, aquele que existe por si mesmo sem de ninguém necessitar, quando dele todos precisam. Infinito em perfeições, imenso na grandeza, ilimitado no poder, sem medida na sabedoria, sem comparação na bondade, aquele que sem princípio o deu a tudo quanto é criado; tudo governa sem fadiga, tudo conserva sem de nada ter necessidade; veste de beleza toda a criação e sua formosura incompreensível tornará bem-aventurados aqueles que chegarem a vê-lo face a face. Infinitas são, Senhora, as perfeições de vosso Esposo, excedem a nosso entendimento e seus altos juízos são impenetráveis às criaturas.

Comunicações com Deus

383. Nestes e noutros colóquios que nossa insuficiente capacidade não pode compreender, decorria a infância de Maria Santíssima em companhia dos anjos e do Altíssimo no qual vivia transformada. Sendo inevitável que crescesse no fervor e ânsias de ver o sumo Bem que amava acima de todo o pensamento, muitas vezes por vontade do Senhor e por mãos dos anjos, era levada corporalmente ao céu empíreo, onde gozava da presença da Divindade.

Algumas vezes a via claramente, outras, somente por espécies infusas, mas altíssimas e claríssimas neste gênero de visão. Conhecia clara e intuitivamente também os anjos, seus graus, ordens, hierarquias e outros grandes mistérios. Como este favor era muito freqüente, pela sua renovação e atos que exercitava, veio a adquirir tão intenso e vigoroso hábito de amor, que mais parecia divina que humana criatura. Nenhuma outra poderia ser capaz deste benefício e outros que o acompanhavam; nem a natureza mortal da mesma Rainha os poderia receber sem morrer, se por milagre não fosse sustentada.

Humildade da Menina Maria

384. Quando era necessário, naquela idade infantil, receber algum obséquio e benefício de seus santos pais ou de qualquer outra criatura, sempre o aceitava com interior humildade e gratidão, pedindo ao Senhor recompensar aquele bem que lhe faziam por amor dele.

Possuindo tão alto grau de santidade, estando repleta da divina luz do Senhor e seus mistérios, julgava-se a menor de todas as criaturas e comparando-se com elas, punha-se na própria estima, em último lugar. Até do alimento para a vida natural se reputava indigna, quem era a Rainha e Senhora de toda a criação.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Quem muito recebe muito deve

385. Minha filha, quem mais recebe deve considerar-se mais pobre, porque maior é sua dívida. Se todos

devem humilhar-se porque por si mesmo nada são, nada podem e nada possuem, por esta mesma razão há de se apegar mais à terra aquele que, sendo pó, foi exaltado pela mão poderosa do Altíssimo. Continuando por si e em si a não ser nem valer nada, encontra-se mais endividado e comprometido pelo que pessoalmente não pode pagar. Conheça a criatura o que é por si mesma. Ninguém poderá dizer: eu me criei, eu me sustento, eu posso prolongar minha vida e deter a morte. Todo ser e sua conservação depende da mão do Senhor. Humilhe-se em sua presença a criatura, e tu, caríssima, não esqueças este ensinamento.

Valor do silêncio e mal da loquacidade

386. Quero também que apreci-es, como grande tesouro, a virtude do silêncio que eu comecei a guardar desde meu nascimento. Conhecendo, na luz que recebi da poderosa mão do Senhor, todas as virtudes, afeiçoei-me muito a esta do silêncio, propondo-me tê-la por companheira e amiga durante a vida inteira. Assim, a guardei com inviolável recato, ainda que teria podido falar desde que nasci no mundo. O falar sem medida e peso é uma faca de dois gumes que fere ao que fala e ao que ouve, e em ambos se ofende ou destrói a caridade e as demais virtudes. Disto se deduz quanto ofende a Deus o vício da língua imprudente e solta. Com justiça, afasta seu espírito e desvia sua face da loquacidade, murmúrios e conversações onde, falando-se muito, não se podem evitar graves pecados (**Pr 10, 19**). Somente com Deus e seus santos se pode falar com segurança, e ainda isso há de ser com peso e discrição. Com as criaturas, porém, é muito difícil conservar o meio termo da perfeição, sem passar do justo e necessário, ao ilícito e supérfluo.

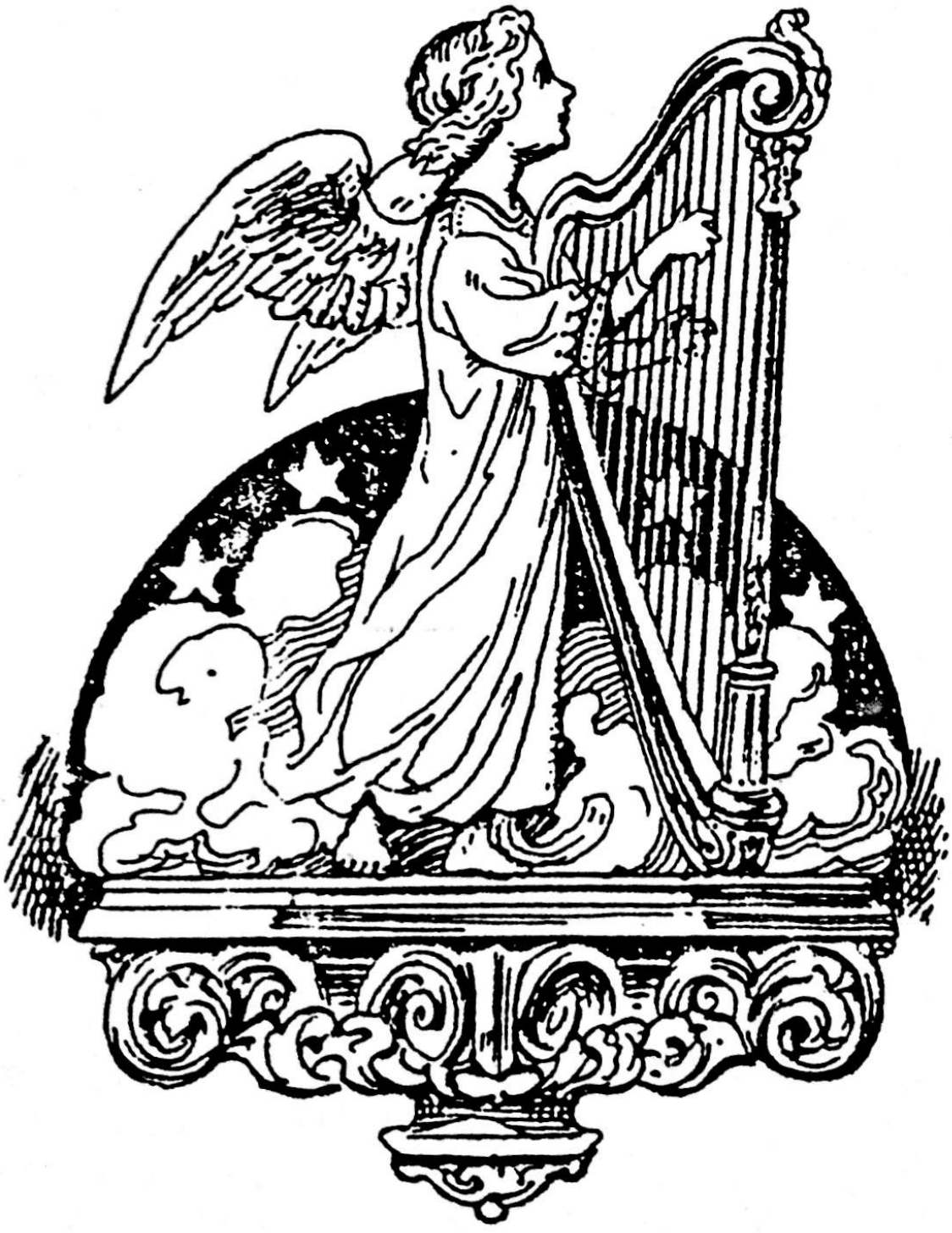
O silêncio evita pecados

387. O remédio que te preservará deste perigo é ficar sempre mais próxima do extremo contrário, excedendo-te em calar. A prudente moderação para falar só o necessário, acha-se mais perto do laconismo do que da verbosidade. Adverte que, sem deixar a Deus, saindo de teu recolhimento interior, não podes ir atrás de arbitrárias conversações humanas. O que, sem grosseria, não farias com outra criatura, não deves fazer com o Senhor teu e de todos. Afasta os ouvidos das inúteis fabulações que te podem obrigar a falar o que não deves, pois não é justo falares mais do que te ordena o Senhor. Ouve a santa lei que liberalmente gravou em teu coração, escuta a voz de teu pastor, responde a Ele só. Quero deixar-te avisada que, se quiseres ser minha discípula e companheira, deves te distinguir por extremo nesta virtude do silêncio. Cala muito e grava este ensinamento em teu coração agora. Afeiçoa-te sempre mais a esta virtude, pois antes quero ver em ti este desejo, para depois te ensinar como deves falar. Não obstante, não te proíbo de falares quando deves admoestar e consolar tuas filhas e súditas.

O silêncio cria a atmosfera de oração

388. Fala também com os que te podem dar notícias de teu amado, e te despertam e inflamam em seu amor. Nestas palestras adquirirás o desejado e proveitoso silêncio para tua alma. Delas nascer-te-á o desgosto e fastio das con-

versações humanas, e somente apreciarás falar do bem eterno que desejas. A força do amor, que transformará teu ser no amado, enfraquecerá o ímpeto de tuas paixões. Chegarás então a sentir um pouco daquele doce martírio que eu sofria quando me queixava do corpo e da mortal vida; pois me pareciam duras prisões que me impediam de voar, embora não me impedissem de amar. Oh! minha filha, esquece todo o terrestre no segredo de teu silêncio. Segue-me com todo o esforço e fervor para chegares ao estado que teu Esposo te convida, e possas ouvir aquela consolação que entretinha a minha amorosa dor: - Minha pomba, abre teu coração e aceita, minha querida, esta doce pena, pois meu coração está ferido pela tua afeição. Isto dizia-me o Senhor, e tu também ouviste o mesmo repetidas vezes, porque Deus não deixa de falar ao solitário e silencioso.





Menina palestinense abastecendo-se de água.

CAPÍTULO 25

COM UM ANO E MEIO DE IDADE A MENINA MARIA SANTÍSSIMA COMEÇOU A FALAR; SUAS OCUPAÇÕES ATÉ IR AO TEMPLO.

Maria começa a falar

389. Chegou o tempo de oportuna e perfeitamente, quebrar-se o santo silêncio de Maria puríssima, e assim se ouvir em nossa terra a voz daquela divina rola (**Ct 2, 12**), fidelíssima precursora do verão da graça.

Antes de receber permissão do Senhor para começar a falar com os homens - aos dezoito meses de sua idade - teve uma visão intelectual da Divindade. Não foi intuitiva, senão por espécies, e renovou-lhe as que outras vezes recebera, aumentando-lhe os dons e favores da graça. Nesta visão estabeleceu-se entre a Menina e o supremo Senhor comovedor colóquio que, com temor, me atrevo a traduzir em palavras.

Colóquio com Deus

390. Disse a Rainha à sua Majestade: - Altíssimo Senhor, Deus incompreensível, como favoreceis tanto à mais inútil e pobre criatura? Como à vossa escrava, incapaz de vos retribuir, inclinais vossa grandeza com tão amável benignidade? O poderoso enriquece ao pobre? O Santo dos Santos se inclina para o pó? Sou pequena, Senhor, entre todas as criaturas a que menos merece vossos favores. Que farei em vossa divina presença? Como darei a retribuição de quanto vos devo? Que tenho eu, Senhor, que não seja vosso, se sois Vós que me dais o ser, vida e movimento? Alegrar-me-ei, entretanto, meu amado, de que tenhais todo o bem e que a criatura nada tenha fora de Vós. Que seja propensão e glória vossa elevar ao que é menor, favorecer ao mais inútil e dar existência a quem não a tem, para que assim vossa magnificência seja conhecida e exaltada.

Resposta de Deus

391. Respondeu-lhe o Senhor: - Minha pomba e minha querida, achaste graça a meus olhos; és suave, amiga escolhida para minhas delícias. Quero revelar-te o que em ti será para mim de maior agrado e beneplácito.

Estas razões do Senhor feriam de novo com a força do amor, o terníssimo porém vigoroso, coração da Menina rai-

nha. Satisfeito, prosseguiu o Altíssimo:- Sou Deus de misericórdia, com imenso amor amo aos mortais, e entre os muitos que com suas culpas me têm desobrigado, tenho alguns justos e amigos que, de coração, me têm servido. Determinei remediá-los enviando-lhes meu Unigênito, para que eles não sejam privados da minha glória e Eu de seu louvor eterno.

Maria pede a redenção

392. A esta proposição respondeu a santíssima menina Maria: - Altíssimo Senhor e poderoso Rei, vossas são as criaturas e vosso é o poder; só Vós sois o Santo e o supremo Regedor de toda a criação; obrigai-vos Senhor, pela vossa mesma bondade, e apressai a vinda de vosso Unigênito para a redenção dos filhos de Adão. Chegue já o dia desejado pelos meus antigos pais e vejam os mortais vossa eterna salvação. Por que, amado Senhor meu, sendo piedoso pai das misericórdias, prorrogais tanto o que vossos aflitos e cativos filhos ansiosamente esperam? Se minha vida lhes pode ser de algum valimento, prontamente vô-la ofereço por eles.

Deus manda Maria falar

393. Com grande benevolência mandou-lhe o Altíssimo que daí em diante, todos os dias, muitas vezes, lhe suplicasse apressar a encarnação do eterno Verbo para a salvação de todo o gênero humano, e que chorasse os pecados dos homens, impedimento de sua salvação. Em seguida, lhe declarou que já era tempo de exercitar todos os sentidos e que para maior glória sua, convinha que falasse com as criaturas humanas. Para cumprir esta ordem, disse a Menina à Sua Majestade:

Maria pede a proteção de Deus para usar da palavra

394. - Altíssimo Senhor, de incompreensível majestade, como se atreverá o pó a tratar mistérios tão ocultos e soberanos e a vosso peito de tão estimável preço, quem é a menor entre todos os nascidos? Como pode interceder por estes, e que pode alcançar a criatura que em nada vos tem servido? Vós, amado, meu, vos dareis por obrigado da mesma necessidade, e a enferma buscará a saúde, a sedenta desejará a fonte de vossa misericórdia e obedecerá à vossa divina vontade.

- Se ordenais, Senhor meu, que eu descerre os lábios para falar e tratar com outros, fora de Vós que sois todo o meu bem e meu desejo, velai eu vos suplico, pela minha fragilidade e perigo. É muito difícil para a criatura racional não se exceder nas palavras. Eu calaria a vida inteira se fosse do vosso beneplácito, para não correr o risco de vos perder, pois se tal acontecesse, impossível ser-me-ia viver um instante sequer.

Poder da palavra de Maria

395. Esta foi a resposta da Menina Santíssima Maria, receosa do novo e perigoso dever de falar. Quanto era de sua vontade, se Deus o consentisse, tinha desejo de guardar inviolável silêncio e emudecer toda a vida.

Grande confusão e exemplo para a insipiência dos mortais! Temia o perigo da língua quem falando não podia pecar, enquanto nós, que não podemos falar sem pecar, vivemos ansiosos por fazê-lo!

- Mas, amável Menina e Rainha

de toda a criação, como quereis deixar de falar? Não sabeis, Senhora minha, que vossa mudez seria ruína para o mundo, tristeza para o céu e até, segundo nosso pobre modo de entender, um grande vazio para a própria beatíssima Trindade? Não sabeis que só com aquela resposta ao santo Arcanjo *Fiat mihi* etc. (**Lc 1, 38**) dareis a plenitude a tudo quanto existe? Dareis Filha ao Eterno Pai, Mãe ao Eterno Filho, Esposa ao Espírito Santo, reparação para os anjos, remédio para os homens, glória aos céus, paz à terra, advogada ao mundo, saúde para os enfermos, vida aos mortos.

Cumprireis a vontade e beneplácito de tudo quanto Deus quer fora de si mesmo. Pois, se unicamente de vossa palavra depende a maior obra do poder imenso e de todo o bem da criação, Senhora e Mestra minha, como deseja calar quem tão bem há de falar? Falai, pois, Menina, e vossa voz seja ouvida em toda a extensão do céu.

Complacência da SSma. Trindade

396. Agradou-se o Altíssimo do recato prudentíssimo de sua Esposa, e seu coração foi novamente ferido pelo amoroso temor de nossa grande Menina. Satisfeita com sua dileta, a Beatíssima Trindade, como examinando entre as três Pessoas a sua petição, disseram aquelas palavras dos Cânticos (**8, 8-9**) - "Nossa irmã é pequena e não tem seios, que faremos para nossa irmã no dia em que falar?

Se é muro, edifiquemos nela torrões de prata". És pequena a teus olhos, nossa querida irmã, porém grande aos nossos. Nesse desprezo de ti mesma, nos feriste o coração com um de teus cabelos (**Ct 4, 9**). És pequena em teu próprio parecer e estima, e isto nos afeiçoa e enamora. Não tens seios para alimentar com tuas palavras, mas tampouco és mulher para a lei do pecado, na qual não quis nem quero que sejas incluída.

És humilde, sendo superior a todas as criaturas; temes, possuindo segurança; e foges do perigo que não te poderá ofender. Que faremos com nossa irmã, no dia em que por nossa vontade, abra os lábios para nos bendizer, enquanto os mortais os abrem para blasfemar nosso santo nome? Que faremos para celebrar o dia tão festivo no qual começará a falar? Com que premiaremos o tão humilde recato de quem sempre foi deleitável a nossos olhos? Doce foi seu silêncio, e dulcíssima será sua voz aos nossos ouvidos.

Se é forte muralha, por estar construída com a virtude de nossa graça e sustentada com o poder de nosso braço, reedifiquemos sobre tanta fortaleza novos baluartes de prata, acrescentando novos dons aos passados. Sejam de prata para que se torne mais rica e preciosa, e suas palavras, ao começar a falar, sejam puríssimas, cândidas, retas, sonoras aos nossos ouvidos; tenha nossa graça derramada em seus lábios (**Sl 44, 3**), e esteja com Ela nossa poderosa mão e proteção.

A primeira palavra de Maria

397. Ao mesmo tempo que, a nosso entender, fazia-se esta conferência entre as três divinas Pessoas, nossa menina Rainha foi consolada em seu humilde receio de começar a falar. O Senhor prometeu-lhe governá-la e assisti-la em suas palavras, para que todas fossem para seu serviço e agrado.

Com isto, Ela lhe pediu novamente licença e bênção para abrir seus lábios cheios de graça. Para ser em tudo prudente



e sábia, dirigiu sua primeira palavra, pedindo-lhes a bênção, a seus pais São Joaquim e Sant'Ana, porque deles, depois de Deus, recebera a existência.

Ouviram-na os felizes pais, e vendo que também começava a andar sozinha, a ditosa mãe Ana, com grande alegria de espírito, tomando-a em seus braços lhe disse: - Que felicidade, querida filha do meu coração! Seja para glória do Altíssimo que ouçamos vossa voz e palavras, e que também comeceis a caminhar para seu maior serviço. Sejam vossas palavras poucas, refletidas e de muita seriedade, e vossos passos retos e dirigidos ao serviço e honra de nosso Criador.

Conversas entre Sant'Ana e a Menina Maria

398. Ouviu a santíssima Menina Maria estes e outros conselhos de sua mãe, e gravou-os em seu terno coração, para observá-los com profunda humildade e obediência.

Durante o seguinte ano e meio até completar três, quando foi ao templo, foram muito poucas suas palavras, salvo quando sua mãe a chamava para ter o gosto de ouvi-la, mandando-lhe que falasse de Deus e seus mistérios. A divina Menina assim fazia, ouvindo e fazendo perguntas à sua santa mãe. Deste modo, a que em sabedoria excedia a todos os nascidos queria ser instruída e ensinada; e assim, entre Filha e mãe faziam-se amenos diálogos sobre o Senhor.

Sant'Ana não revelava seu segredo

399. Não seria fácil nem possível dizer o que realizou a divina Menina Maria, nestes dezoito meses que permaneceu na companhia de sua mãe. Esta, muitas vezes ao olhar a filha, mais venerável que a figurativa arca do Testamento, derramava copiosas e doces lágrimas de amor e gratidão. No entanto, jamais deu a entender o segredo que guardava no coração, de ser Maria a escolhida para Mãe do Messias, ainda que muitas vezes ambas falavam sobre este inefável mistério. Nestas palestras a Menina inflamava-se em ardentíssimos afetos, e dizia grandes excelências do Messias, e de sua própria dignidade que misteriosamente ignorava. Com isto aumentava o gozo, amor e cuidado da felicíssima Sant'Ana por seu tesouro.

Humildade de Maria

400. As débeis forças da menina Rainha, eram muito insuficientes para o desempenho de trabalhos humildes, aos quais era inclinada por sua fervorosa e profunda humildade e amor. Senhora de todas as criaturas, julgando-se a menor delas, queria sê-lo exteriormente nas ações e nos trabalhos mais rudes e pesados de

sua casa.

Acreditava que se não servia a todos, não pagaria sua dívida nem agradava ao Senhor. Na realidade, só não satisfazia seus inflamados desejos, aquela de quem os supremos serafins beijavam as pegadas. Apesar de tudo, muitas vezes tentava desempenhar o trabalho de varrer e limpar a casa. Como não lho permitiam, procurava fazê-lo quando se encontrava só, auxiliando-a então os santos anjos, para lhe proporcionar um pouco o prazer de sua humildade.

O traje de Maria

401. Os haveres de Joaquim eram medianos, e de acordo com a condição da família, Sant'Ana desejava vestir sua Filha Santíssima com o melhor traje que pudesse, dentro da perfeita modéstia.

A Menina humilíssima conformou-se com este carinho materno, sem se opor, enquanto não falou. Ao começar a falar, porém, pediu humildemente à mãe que não lhe vestisse traje rico e de luxo, mas fosse grosseiro e pobre; sendo possível, já usado por outros, de cor parda cinzenta, como hoje usam as religiosas de Santa Clara [10].

A santa mãe, que considerava e respeitava a Filha como Senhora, lhe respondeu: - Minha Filha, farei o que me pedis quanto à forma e cor de vossas vestes; mas vosso físico infantil não o poderá suportar muito grosseiro como desejais, e nisto obedecereis a mim.

Obediência da Menina

402. Não replicou a obediente Menina à vontade de sua mãe Sant'Ana, pois jamais o fazia. Deixou-se vestir com o que ela quis, na forma e na cor que pediu, semelhante aos hábitos que por devoção as crianças costumam trazer. Desejava mais pobreza e austeridade, mas supriu-as com a obediência, sendo esta virtude mais excelente que os sacrifícios (**1Rs 15, 22**).

Deste modo, permaneceu obediente à mãe e pobre no desejo, julgando-se indigna do que usava para proteger a vida natural.

Nesta obediência aos pais foi perfeitíssima e exata, durante os três anos que viveu na companhia deles. Pela divina ciência que possuía, conhecia-lhes o íntimo e antecedia-se a obedecer-lhes prontamente. Para fazer algo de própria iniciativa pedia a bênção e licença da mãe, beijando-lhe a mão com grande humildade e reverência. Exteriormente sua mãe o consentia, mas interiormente reverenciava a dignidade e graça de sua Filha Santíssima.

Penitência de Maria

403. Retirava-se algumas vezes, em tempos oportunos, para com maior liberdade gozar da vista e colóquios de seus anjos, e manifestar-lhes com atos exteriores seu ardente amor pelo Senhor.

Em alguns exercícios que fazia, prostrava-se chorando e afligindo seu corpozinho perfeitíssimo e delicado, pelos pecados dos mortais. Pedia e inclinava à misericórdia do Altíssimo, a lhes fazer grandes benefícios, que desde já começou a lhes merecer.

A íntima dor das culpas que conhecia, a força do amor donde aquele sentimento procedia, produziam na Menina intensíssimos afetos de dor e pena. Começando, naquela idade, a usar das forças corporais, estreou-as na penitência e mortificação, para em tudo ser Mãe de misericórdia e medianeira da graça, sem perder um momento nem ação por onde pudesse adquiri-la para si a para nós.

10- Atualmente não usam cinzento e sim marrom. (N. da T.)

Caridade de Maria

404. Completando dois anos, começou a distinguir-se muito no amor e caridade pelos pobres. Pedia à sua mãe Sant'Ana esmolas para eles, e a piedosa mãe satisfazia juntamente ao pobre e à sua Filha Santíssima. Exortava a amá-los e reverenciá-los, a quem era mestra de caridade e perfeição.

Além do que recebia para distribuir aos pobres, desde aquela idade, reservava alguma parte de seu alimento para lhes dar, e assim poderia dizer melhor que o santo Jó; - Desde minha meninice a compaixão cresceu comigo (**Jó 31, 18**).

Dava esmola ao pobre, não como se lhe fizesse benefício gratuito, senão como quem saldava a justiça de uma dívida, dizendo em seu coração: - Este meu irmão não tem o que lhe é devido, e eu tenho o que não mereço. E, entregando a esmola beijava a mão do pobre, e se estava só, também o solo que ele havia pisado. Jamais, porém, deu esmola material ao pobre, sem lhe fazer maior oferta espiritual para a alma, rezando por ela. Assim, voltavam de sua presença socorridos no corpo e na alma.

Maria manifesta o desejo de ir para o Templo

405. Não foi menos admirável a humildade e obediência da santíssima Menina, em deixar-se ensinar a ler e fazer outras coisas, como é natural naquela idade. Seus pais cuidaram disso, e Ela tudo aceitava, não obstante estar repleta de ciência infusa em todas as matérias criadas. Calava e ouvia a todos, com admiração dos anjos, por verem tão peregrina prudência numa Menina. Sua mãe Sant'Ana, com amor e a luz que tinha, observava o procedimento da divina Princesa e bendizia o Altíssimo. Aproximando-se o dia de levá-la ao Templo, com o amor lhe crescia o sentimento de ver que, terminado o prazo de três anos marcados pelo Todo-poderoso, teria que imediatamente cumprir seu voto.

Para isto começou a Menina Maria a preparar a mãe manifestando-lhe, seis meses antes, o desejo que tinha de ir ao templo. Representou-lhe os benefícios que haviam recebido do Senhor e quão justo era cumprir seu maior agrado. No templo, dedicada a Deus, pertenceria mais à mãe do que em sua própria casa.

Sentimento de Sant'Ana

406. Ouvia a santa Mãe as prudentes razões de sua Menina Santíssima e concordava em cumprir a promessa de oferecer sua amada Filha. A força da natural afeição por tão rara e única prenda, porém, com o conhecimento do inestimável tesouro que Nela possuía, combatiam em seu fidelíssimo coração, com a dor da separação que tão de perto a ameaçava. Teria, sem dúvida, perdido a vida em tão dura pena, se o Altíssimo não a fortalecesse. A graça e dignidade, só por ela conhecida, de sua divina Filha lhe tinham cativado o coração, e sua presença e convivência lhe eram mais desejáveis que a própria vida.

Nesta dor responderia, às vezes, à Menina: Minha querida Filha, por muitos anos vos desejei e durante poucos mereço gozar de vossa companhia, por se cumprir a vontade de Deus. Não faltarei à promessa de vos levar ao Templo, mas como falta algum tempo para cumpri-la, tende paciência até chegar o dia de satisfazer vossos desejos.

Deus avisa Maria de sua ida ao Templo

407. Poucos dias antes que Maria Santíssima completasse três anos, teve uma visão abstrativa da divindade. Nela foi-lhe manifestado aproximar-se o tempo, em que Sua Majestade ordenava fosse levada ao Templo, onde viveria dedicada e consagrada ao seu serviço.

Com esta nova, seu puríssimo espírito encheu-se de novo gozo e reconhecimento, e falando ao Senhor lhe deu graças, dizendo: - Altíssimo Deus de Abraão, Isaac e Jacob, eterno e sumo bem meu, já que não posso louvar-vos dignamente, façam-no em nome desta humilde escrava todos os espíritos angélicos. Por que Vós, Senhor imenso, que de ninguém tendes necessidade, olhais a este vil bichinho, com a grandeza de vossa liberal misericórdia? Donde me vem a graça de ser recebida em vossa casa e serviço, se não mereço o mais desprezível lugar da terra que me sustenta? Mas se vos obrigais de vossa mesma grandeza, suplico-vos, Senhor meu, inspireis esta vossa santa vontade ao coração de meus pais para que a cumpram.

Visão de Sant'Ana e sua oração

408. Logo teve Sant'Ana outra visão, na qual o Senhor lhe mandou cumprir a promessa de levar ao templo sua Filha, e apresentá-la no mesmo dia em que completasse três anos.

Não há dúvida que esta ordem foi de maior dor para esta mãe, do que a de Abraão para sacrificar seu filho Isaac. O Senhor a consolou e confortou, prometendo-lhe assisti-la com sua graça, na soledade em que ficaria por lhe pedir a Filha.

A santa matrona mostrou-se submissa e pronta para cumprir a ordem do Senhor, e obediente fez esta oração: - Senhor e Deus Eterno, dono de todo o meu ser, já ofereci para vosso templo e serviço a Filha que por inefável misericórdia me destes. Ela é vossa e vô-la dou, agradecida pelo tempo em que a tive e por tê-la concebido e criado. Lembrai-vos, porém, Deus e Senhor, que guardando vosso inestimável tesouro eu era rica: tinha companhia neste desterro e vale de lágrimas, alegria em minha tristeza, alívio em meus trabalhos, espelho para regular minha vida, e um exemplo de altíssima perfeição que estimulava minha tibieza e afervorava meu afeto. Por esta singular criatura esperava vossa graça e misericórdia, e temo que tudo me falte ao mesmo tempo, achando-me sem Ela. Curai, Senhor, a ferida do meu coração e não procedais comigo segundo mereço, mas olhai-me como piedoso pai de misericórdia; levarei minha Filha ao Templo como Vós, Senhor, o ordenais.

Visão de São Joaquim

409. Ao mesmo tempo recebera São Joaquim outra visita ou visão do Senhor, mandando-lhe o mesmo que à Sant'Ana. Tendo ambos conferido e conhecido a vontade de Deus, determinaram cumpri-la com submissão, e marcaram o dia para levar a menina ao templo. Ainda que grande a dor e ternura do santo ancião, foi menos intensa do que a de Sant'Ana, porque então ignorava o grande mistério daquela que havia de ser Mãe de Deus.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Morte e eternidade

410. Minha caríssima Filha, lembra-te que todos os viventes nascem destinados a morrer, ignorando o último

dia da vida. Com certeza apenas sabem que sua duração é curta e a eternidade sem fim; e que nesta, o homem só colherá o que agora semear em boas ou más obras, que então darão fruto de morte ou de vida eterna. Em tão perigosa viagem, Deus não quer que ninguém conheça, com certeza, se é digno de seu amor ou de sua indignação (**Ecl 9, 1**). A quem tiver bom senso, esta dúvida servirá de estímulo para procurar com todas as forças adquirir a amizade do Senhor e nela crescer. Justifica Ele seu proceder, desde que a alma começa a ter uso da razão. Infunde-lhe luz e ditame para a estimular e dirigir à virtude, e desviar do pecado. Ensina-a a distinguir o fogo da água, para escolher a virtude e reprovar o vício. Além disto, a desperta e chama por muitos modos: diretamente, com santas inspirações e contínuos impulsos; por meio dos sacramentos e mandamentos, pelos anjos, pregadores, confessores, superiores e mestres. Pelas provações e favores, pelos exemplos alheios, pelas tribulações, mortes e outros vários sucessos. Tudo são meios que sua providência dispõe para atrair todos a si, porque a todos deseja salvar (**1Tm 2, 4**). De todas estas coisas faz um conjunto de grandes auxílios e favores, que a criatura pode e deve aproveitar.

Combate, renúncia, libertação

411. Contra isto combate a parte inferior e sensitiva que, com o "*fomes peccati*",[11] inclina aos objetos sensíveis e impele a concupiscência, para perturbar a razão e arrastar a vontade cega ao gozo e deleite. Por sua vez, o demônio, com fascinações e iníquas mentiras, obscurece o interior (**Sb 4, 12**) e dissimula o mortal veneno do deleite transitório. Mas, nem por isto o Altíssimo abandona logo suas criaturas, antes renova suas misericórdias e auxílios para chamá-las de volta. Se respondem às primeiras solicitações, acrescenta outras maiores e as vai aumentando e multiplicando. Em recompensa da alma se ter vencido, vão se enfraquecendo as forças das paixões e o "*fomes*". O espírito torna-se mais livre para poder elevar-se, e vir a se tornar muito superior às próprias inclinações e ao demônio.

Covardia, perigo de perdição

412. Se, porém, deixando-se arrastar pelo deleite e esquecimento, o homem dá a mão ao inimigo de Deus e seu, quanto mais se afasta da bondade divina, tanto menos digno se faz de seus chamamentos. Tanto menos percebe os auxílios da graça, ainda que sejam grandes, porque o demônio e as paixões adquiriram sobre a razão maior domínio e força, e a tornaram menos disposta à graça do Altíssimo. Nesta doutrina, minha filha e amiga, consiste o principal para a salvação ou condenação das almas: começar a resistir ou a aceitar os auxílios do Senhor. Quero que não esqueças estas lições, para responderes aos muitos chamamentos que recebes do Altíssimo. Procura ser forte, resiste a teus inimigos, e pontualmente executa o belprazer de teu Senhor para o agradar. Obedece à sua vontade que pela divina luz conheceres.

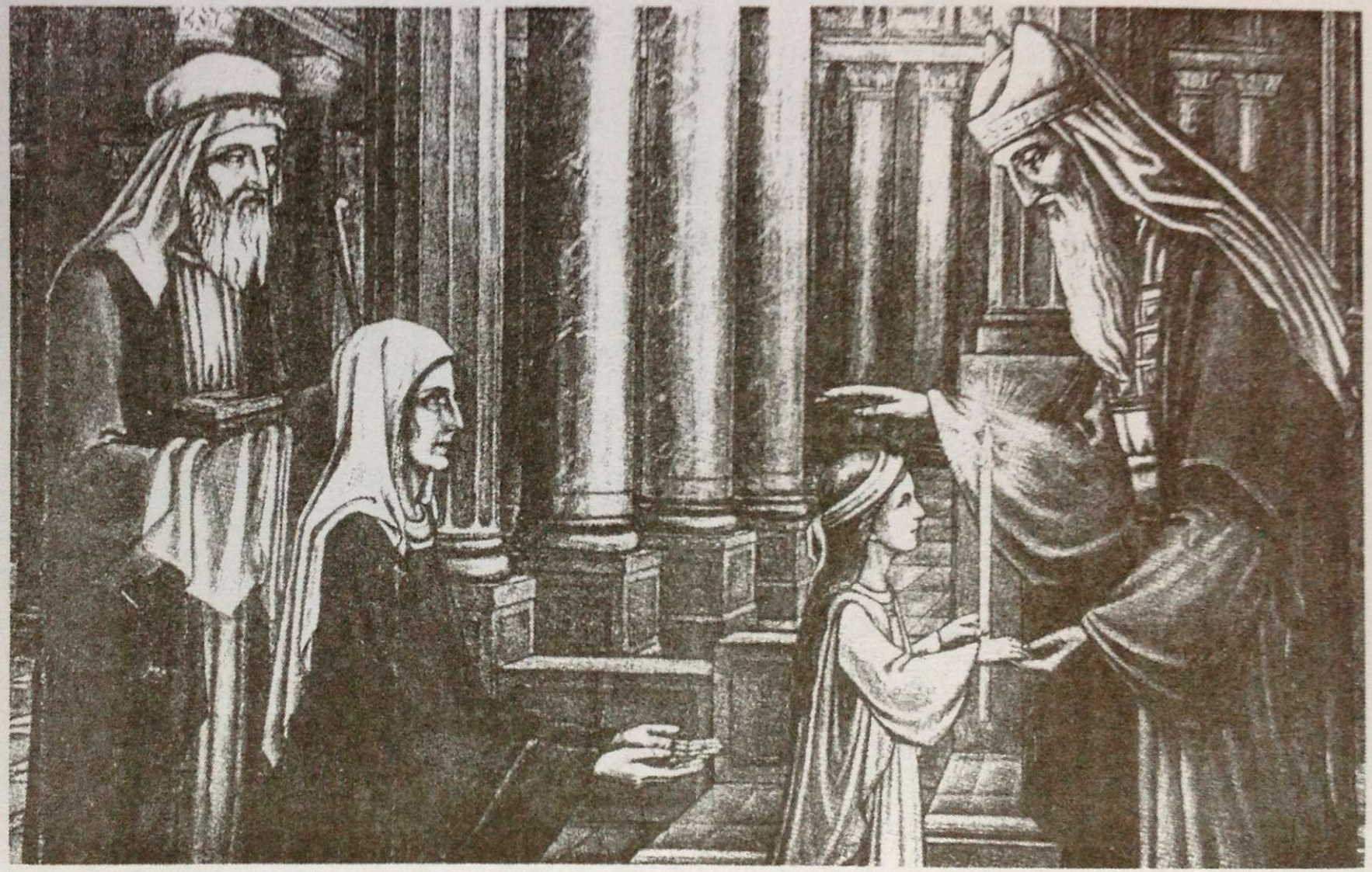
Grande amor tinha eu a meus pais. As razões e ternura de minha mãe me feriam o coração, mas como sabia ser vontade e agrado do Senhor deixá-los, esqueci a casa deles e meu povo (**Sl 44, 11**) para só seguir meu Esposo. A boa educação e instrução recebida na infância concorrem muito, para a criatura se encontrar depois mais livre e habituada à virtude, começando desde o porto da razão, a seguir este verdadeiro e seguro norte.

- Fim do 1° livro -

11- *Fomes peccati*, conjunto das más inclinações que ficaram no homem em conseqüência do pecado original (N. da T.).

SEGUNDO LIVRO

CONTÉM: A apresentação da Princesa do céu no templo, os favores que a destra divina lhe concedeu, a altíssima perfeição com que observou as cerimônias do templo, o grau de suas heróicas virtudes, seu santo desposório e o restante até a encarnação do Filho de Deus exclusive.



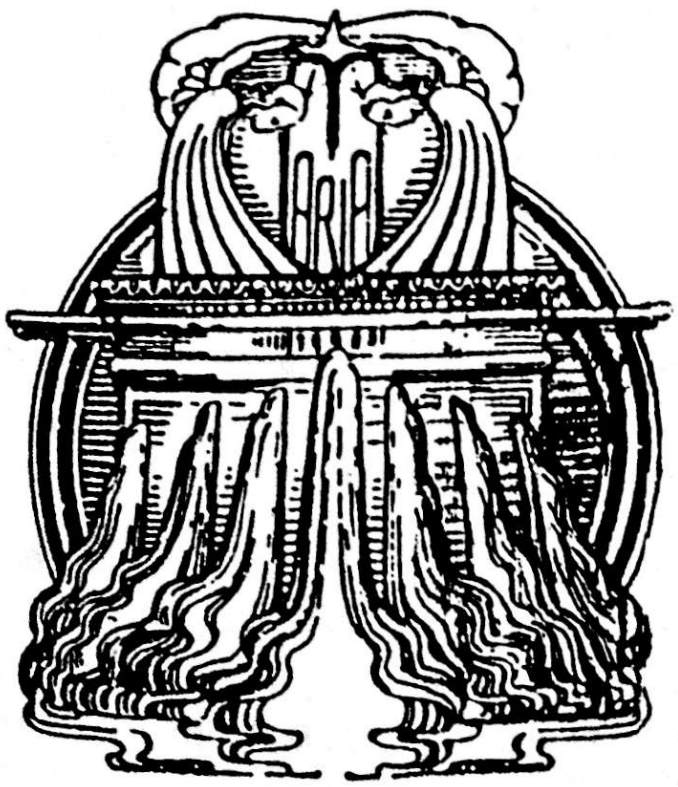
A menina Maria é apresentada no Templo.

CAPÍTULO 1

A APRESENTAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA NO TEMPLO AOS TRÊS ANOS DE IDADE

A arca da aliança, figura de Maria Santíssima

413. Entre as figuras que, na lei escrita, simbolizam Maria Santíssima, nenhuma foi mais expressiva que a Arca do Testamento.



A matéria de que era feita, o que continha, o fim para o qual servia, o que por ela e com ela operava o Senhor naquela antiga Sinagoga. Tudo era um esboço desta Senhora e do que por Ela e com Ela realizaria em a nova Igreja evangélica.

O cedro incorruptível (**Êx 25,10**) de que - não por acaso, mas por divina disposição - foi construída, representa expressamente nossa arca mística, livre da corrupção do pecado atual e da oculta carcoma do original, com seu inseparável *fomes* e paixões.

O finíssimo e puríssimo ouro (**Idem, 11**) de que era revestida, por dentro e por fora, indubitavelmente significava a mais perfeita elevação da graça e dons que em seus divinos pensamentos, ações e costumes resplandecia.

Interior e exteriormente, foi impossível divisar nesta arca, parte, tempo ou instante, em que não estivesse toda repleta e revestida de graça, e graça de subidíssimos quilates.

Maria, escrínio de Deus

414. As tábuas da lei, feitas de pedra, a urna do maná (**Hb 9,4**) e a vara dos prodígios, que aquela antiga Arca continha e guardava, não poderiam simbolizar com maior exatidão o Verbo humanado. Encerrado na arca viva de Maria Santíssima, foi seu Filho unigênito a pedra fundamental (**1Cor 3,11**) e viva do edifício da Igreja evangélica; a pedra angular (**Ef 2,20**) que uniu dois povos tão opostos, como o judeu e o gentio.

Para isso foi cortada do monte (**Dn 2,34**) da eterna geração, gravada pelo dedo de Deus com a nova lei da graça, e depositada na arca virginal de Maria. Entenda-se, portanto, que esta grande Rainha se tornou a depositária de quanto Deus era e fazia com as criaturas. Guardava também consigo o maná da Divindade e da graça, o poder e a vara dos prodígios e maravilhas, para que somente nesta divina e mística Arca se encontrasse a fonte das graças, o mesmo Deus, para Dela transbordarem as maravilhas e prodígios do poder divino. Quanto este Senhor é, quer e faz, saiba-se que em Maria está encerrado e depositado.

Maria, propiciatório e trono da graça

415. A tudo isto, era consequente que a Arca da Aliança (**Êx 26,34**), não pela figura e sombra, mas pela verdade que simbolizava, servisse de peanha ou sustentáculo ao propiciatório. Neste pusera o Senhor seu trono e tribunal de misericórdia, para ouvir seu povo, responder-lhe e conceder-lhe suas petições e favores.

Assim, em nenhuma outra criatura, fora de Maria Santíssima, colocou Deus seu trono de graça. Não podia deixar de fazê-la propiciatório, uma vez que havia construído esta mística e verdadeira Arca para nela se encerrar.

Deste modo, parece que o tribunal da divina justiça ficou reservado a Deus, enquanto o propiciatório e tribunal da misericórdia foram dados a Maria dulcíssima. A Ela, como ao trono da graça, deveríamos ir com segura confiança, apresentar nossos pedidos, suplicar benefícios, graças e misericórdias que, fora do propiciatório da grande rainha Maria, nem são ouvidas, nem despachadas para o gênero humano.

Maria, a arca do Novo Testamento, deveria ficar no Templo

416. Tão misteriosa e sagrada Arca, construída pela mão do mesmo Senhor para sua habitação, e propiciatório de seu povo, não estava bem fora do templo, onde se encontrava guardada a outra arca material, figura desta verdadeira e espiritual do Novo Testamento.

Por esta razão, ordenou o Autor desta maravilha, que Maria Santíssima fosse colocada em sua casa, o templo, terminados três anos após seu felicíssimo nascimento.

Verdade é que, com grande admiração, vejo muita diferença entre o que sucedeu com aquela primeira e figurativa Arca, e o que acontece com a segunda e verdadeira.

Quando o rei David trasladou a arca para diferentes lugares, e depois seu filho Salomão a colocou no templo, seu lugar apropriado - ainda que aquela arca não tinha outra grandeza senão a de representar Maria Puríssima e seus mistérios - foram suas trasladações e mudanças festivas e cheias de regozijo para aquele antigo povo. Testemunharam as solenes procissões que fez Davi da casa de Aminadab e à de Obededon (**2Rs 6,10; 2Par 23; 3Rs 8,5; 2Par 5**) e desta ao tabernáculo de Sião (**2Rs 12**), cidade de Davi. Finalmente, de

Sião foi trasladada por Salomão ao novo templo que edificara por ordem do Senhor, para casa de Deus e oração.

As trasladações da antiga arca e a apresentação de Maria

417. Em todas estas trasladações, conduziu-se a antiga arca da aliança com pública veneração, e culto soleníssimo de música, danças, sacrifícios e júbilo daqueles reis e de todo o povo de Israel. Refere-o a história sagrada nos livros segundo e terceiro dos Reis, e primeiro e segundo dos Paralipômenos.

Nossa mística e verdadeira Arca, Maria, entretanto, ainda que mais rica, estimável e digna da maior veneração entre todas as criaturas, não foi levada ao templo com tão solene aparato e ostentação pública. Não houve nesta misteriosa trasladação sacrifícios de animais, nem pompa real e majestade de Rainha. Foi conduzida da casa de seu pai Joaquim, nos humildes braços de sua mãe Ana que, embora não fosse pobre, nesta ocasião levou sua querida Filha para apresentá-la ao templo ao modo dos pobres, com humilde recolhimento, sozinha e sem ostentação popular.

Toda a glória e majestade desta procissão, quis o Altíssimo fosse divina e invisível. Os mistérios de Maria Santíssima foram tão elevados e ocultos, que muitos deles até hoje são desconhecidos, pelos inescrutáveis juízos do Senhor, que reserva tempo e hora oportunos para todas e cada uma das coisas.

Razão pela qual a apresentação da Virgem foi sem aparato

418. Admirando-me eu, na presença do Altíssimo, desta maravilha e louvando seus desígnios, dignou-se Sua Majestade responder-me desta maneira: - Se ordenei que a arca do velho testamento fosse venerada com tanta festividade e aparato, era por ser figura expressa de quem seria Mãe do Verbo humanado.

Aquela arca era irracional e material e com ela podia-se, sem inconveniente, usar de tal celebridade e ostentação. Com a Arca viva e verdadeira, porém, não permiti assim, enquanto viveu em carne mortal, para ensinar com este exemplo o que tu e as demais almas deveis aprender, enquanto sois viadoras.

A meus escolhidos, gravados em minha mente e aceitação para eterna memória, não quero que a honra e exagerado e ostensivo aplauso dos homens lhes sirva, na vida mortal, como recompensa do que fizeram para minha honra e serviço. Tampouco lhes convêm o risco de repartir o amor, entre Aquele que os justifica e faz santos, e aqueles que os celebram por tais.

Um é o Criador que os fez, sustenta, ilumina e defende; único há de ser o amor e atenção, e não o devem repartir, ainda que seja para remunerar e agradecer as honras tributadas, com zelo piedoso aos justos. O amor divino é delicado, a vontade humana fragilíssima e limitada; dividida, pouco e imperfeitamente pode fazer, e depressa tudo perde. Para deixar este ensinamento, Eu não quis que fosse conhecida e honrada durante a vida, nem levada ao templo com ostentação e honra visíveis, Aquela que era santíssima e por minha proteção não podia cometer imperfeição.

O exemplo de Cristo e Maria, devem abonar a virtude e condenar o vício

419. Além disto, enviei meu Unigênito do céu, e criei aquela que seria

sua Mãe, para desiludir os mortais e tirar do mundo o erro, que se tornara iniqüíssima lei estabelecida pelo pecado: ser o pobre desprezado e o rico estimado; abatido o humilde e exaltado o soberbo; o virtuoso vituperado e o pecador acreditado: o modesto e recolhido julgado por insensato e o arrogante considerado corajoso, a pobreza humilhante e infeliz; as riquezas, fausto, ostentação, pompas, honras e deleites perecedores, procurados e apreciados pelos homens insipientes e carnais.

O Verbo e sua Mãe vieram reprovar e condenar tudo isto como ilusório e enganador, para que os mortais conhecessem o formidável perigo em que vivem, amando e entregando-se tão cegamente, à falsidade do sensível e deleitável.

Deste insano amor lhes nasce o afã com que fogem da humildade, mansidão e pobreza, afastando de si tudo o que tem cheiro de virtude verdadeira, penitência e abnegação de suas paixões. Entretanto, é isto que agrada à minha justiça, e é aceito a meus olhos, por ser o santo, o honesto, o justo que será recompensado com prêmio de eterna glória, enquanto o contrário receberá sempiterno castigo.

O espírito de Deus oposto ao do mundo

420. Os olhos terrenos dos mundanos e carnais não conseguem ver esta verdade, nem querem aceitar a luz que ela lhes mostraria. Tu, porém, ouve-a, grava-a em teu coração pelo exemplo do Verbo humanado e de sua Mãe, que em tudo o imitou. Ela era santa, e em minha estima, a primeira depois de Cristo. Toda veneração e honra dos homens eram-lhe devidas, pois nem poderiam lhe dar o quanto merecia.

Todavia dispus que, por então, não fosse conhecida nem honrada, para nela ostentar o mais santo, o mais perfeito, o mais apreciável e seguro que meus escolhidos deveriam imitar e aprender da mestra da verdade: a humildade, o escondimento, o retiro, o desprezo da enganadora vaidade do mundo, o amor aos trabalhos, às tribulação, desprezos, aflições e descrédito das criaturas.

Uma vez que tudo isto não se ajusta com os aplausos, honras e estima dos mundanos, determinei que Maria Puríssima não as tivesse, nem quero que meus amigos as recebam ou aceitem. Se, para minha glória, às vezes os torno conhecidos no mundo, não é porque eles o desejem, mas com humildade e sem dela se afastarem, se submetem à minha disposição e vontade. Quanto deles depende, para si só desejam e amam o que o mundo despreza e o que o Verbo humanado e sua Mãe Santíssima fizeram e ensinaram.

Esta foi a resposta do Senhor à minha admiração e reparo: com isto me deixou satisfeita e instruída de quanto desejo e devo executar.

São Joaquim e Sant'Ana levam Maria ao templo

421. Findo o prazo dos três anos determinado pelo Senhor, saíram de Nazaré, Joaquim e Ana, acompanhados de alguns parentes, levando consigo a verdadeira Arca da Aliança, Maria Santíssima, nos braços de sua mãe, para depositá-la no santo templo de Jerusalém.

Apressava-se a formosa Menina com fervorosos afetos, seguindo os perfumes de seu amado (**Ct 1, 3**), para ir procurar no templo aquele mesmo que levava no coração. Esta humilde procissão seguia sem acompanhamento de criaturas terrenas nem visível aparato, mas com brilhante e numeroso séquito de espíritos angélicos.

Para celebrar esta festa haviam descido do céu, além dos que ordinariamente guardavam sua Rainha menina. Cantavam com música celestial novos cânticos de glória e louvor do Altíssimo, ouvindo-os a Princesa do céu, que caminhava com formosos passos à vista do supremo e verdadeiro Salomão.

Assim prosseguiram sua viagem de Nazaré até a cidade santa de Jerusalém, sentindo os ditosos pais da menina Maria grande júbilo e consolação espiritual.

Chegada ao templo

422. Chegaram ao templo, e nele entraram, a bem-aventurada Ana em companhia de São Joaquim, levando sua Filha e Senhora pela mão. Fizeram, os três, devota e fervorosa oração ao Senhor: os pais oferecendo a Filha, e esta oferecendo-se a si mesma, com profunda humildade, adoração e reverência.

Somente Ela conheceu como o Altíssimo a aceitava e recebia. De um divino resplendor, que encheu o templo, saiu uma voz que lhe dizia: - Vem, esposa minha, escolhida, vem a meu templo onde quero que me louves e bendigas.

Terminada a oração, levantaram-se e dirigiram-se ao sacerdote que os abençoou. Todos juntos, levaram a Menina a um aposento onde se encontrava o colégio das jovens que ali se educavam, em internato e santos costumes, até chegarem à idade de tomar estado de matrimônio. Recolhiam-se ali, especialmente, as primogênitas da tribo real de Judá e da sacerdotal de Levi.

Maria despede-se de seus pais

423. Subia-se a este colégio por uma escada de quinze degraus, onde vieram outros sacerdotes receber a bendita menina Maria; aquele que a levava colocou-a no primeiro degrau.

Ela lhe pediu licença e, voltando-se para seus pais Joaquim e Ana, pôs-se de joelhos, beijou-lhes as mãos, pediu-lhes a bênção e rogou-lhes que a encomendassem a Deus.

Os santos pais abençoaram-na com grande ternura e muitas lágrimas, e a menina subiu os quinze degraus com incomparável fervor e alegria, sem voltar-se para trás, sem chorar, sem tomar qualquer atitude pueril, nem demonstrar sentimento pela despedida de seus pais. A todos admirou vê-la com majestade e inteireza tão peregrina, em tão tenra idade. Os sacerdotes a receberam, levaram ao colégio das demais virgens, e o santo Simeão, sumo sacerdote, a entregou às mestras, uma das quais era Ana, a profetisa.

Esta santa matrona havia sido preparada com especial graça e luz do Altíssimo, para se encarregar da filha de Joaquim e Ana. Por divina disposição mereceu, por sua santidade e virtude, ter por discípula aquela que seria Mãe de Deus e mestra de todas as criaturas.

São Joaquim e Sant'Ana voltam a Nazaré. A escada de Jacó

424. Voltaram Joaquim e Ana para Nazaré, desolados e empobrecidos, sem o rico tesouro de seu lar, mas o Altíssimo os confortou e consolou.

O santo sacerdote Simeão, ainda que no momento não conhecesse o mistério encerrado naquela Menina, teve, porém, grande luz de que era santa e escolhida do Senhor. Os outros sacerdotes sentiram também por ela grande admiração e reverência.

Naquela escada, que a menina subiu, realizou-se com toda a exatidão o que Jacó viu na sua (**Gn 28,12**): anjos que subiam e desciam; uns acompanhavam, outros vinham receber sua Rainha; no alto esperava-a Deus para aceitá-la por Filha e Esposa: e, em seus afetos amorosos, ela sentiu que verdadeiramente aquela era a casa de Deus e a porta do céu.

Maria confia-se à Mestra e cumprimenta as companheiras

425. Confiada à mestra, a menina Maria com profunda humildade, de joelhos lhe pediu a bênção e lhe suplicou que a recebesse sob sua obediência, ensino e direção, tendo paciência pelo muito que com ela trabalharia e padeceria. Ana profetisa, a mestra, recebeu-a com agrado e lhe disse: - Minha Filha, em mim achareis mãe e amparo e eu cuidarei de vós e de vossa criação com todo o desvelo possível.

Em seguida, com a mesma humildade, Maria dirigiu-se a todas as meninas que ali se encontravam, cumprimentando-as e abraçando-as. Ofereceu-se para serva de todas, e pediu-lhes que, sendo mais velhas e mais instruídas no que deviam fazer, a ensinassem e mandassem. Finalmente, lhes agradeceu por a terem aceitado em sua companhia, apesar de não a merecer.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

Graça da vocação à vida religiosa

426. Minha filha, a maior felicidade que, nesta vida mortal, uma alma pode receber é ser chamada pelo Altíssimo à sua casa, para se consagrar ao seu serviço. Por este favor, a resgata de perigosa escravidão, e a liberta da vil servidão do mundo, onde, sem liberdade, deve comer o pão com o suor de seu rosto (**Gn 3,10**).[1]

Quem há, tão insipiente e obscurecido, que não conheça o perigo da vida mundana, com tantas leis e costumes abomináveis, tais como a astúcia diabólica e a perversidade dos homens nela introduziram?

A melhor parte é a vida religiosa e o retiro. Aqui se encontra porto seguro. O resto é tormenta, ondas encapeladas, cheias de dor e desgostos. Não reconhecerem os homens esta verdade, nem agradecerem este singular benefício, é repreensível dureza de coração e esquecimento de si mesmos.

Tu, porém, minha filha, não te faças surda à voz do Altíssimo. Atende, trabalha e corresponde a ela. Advirto-te que um dos maiores empenhos do demônio é impedir a vocação religiosa, quando o Senhor chama e dispõe as almas para se dedicarem ao seu serviço.

Aversão do demônio pela vida religiosa

427. Somente o ato público e sagrado de receber o hábito e entrar em religião, ainda que não se faça sempre com fervor e pureza de intenção devidas, revolta e enfurece o dragão infernal e seus demônios. Não toleram a glória do Senhor, o gozo que sentem os santos anjos, além de saber aquele mortal inimigo, que a vida religiosa santifica e aperfeiçoa.

Acontece, muitas vezes, que ha-

1- "Comer o pão com o suor do rosto", está aqui empregado por "viver espiritualmente oprimido por ocupações frívolas" como se depreende da continuação do texto. Não significa, como de início pode parecer, que na vida religiosa coma-se o pão ociosamente, em contraposição ao comê-lo no mundo com o suor do rosto.

A vida religiosa é serviço, compreendendo portanto trabalho e sacrifício, em alguns pontos mais do que no século. (N. da T.)

vendo nela entrado por motivos humanos e terrenos, depois a ação da graça melhora e corrige tudo. Se isto sucede quando no princípio não houve intenção tão reta como convinha, muito mais poderosa e eficaz será a luz e virtude do Senhor e disciplina da religião, para a alma que a abraça movida pelo divino amor, e com íntimo e verdadeiro desejo de procurar, servir e amar a Deus.

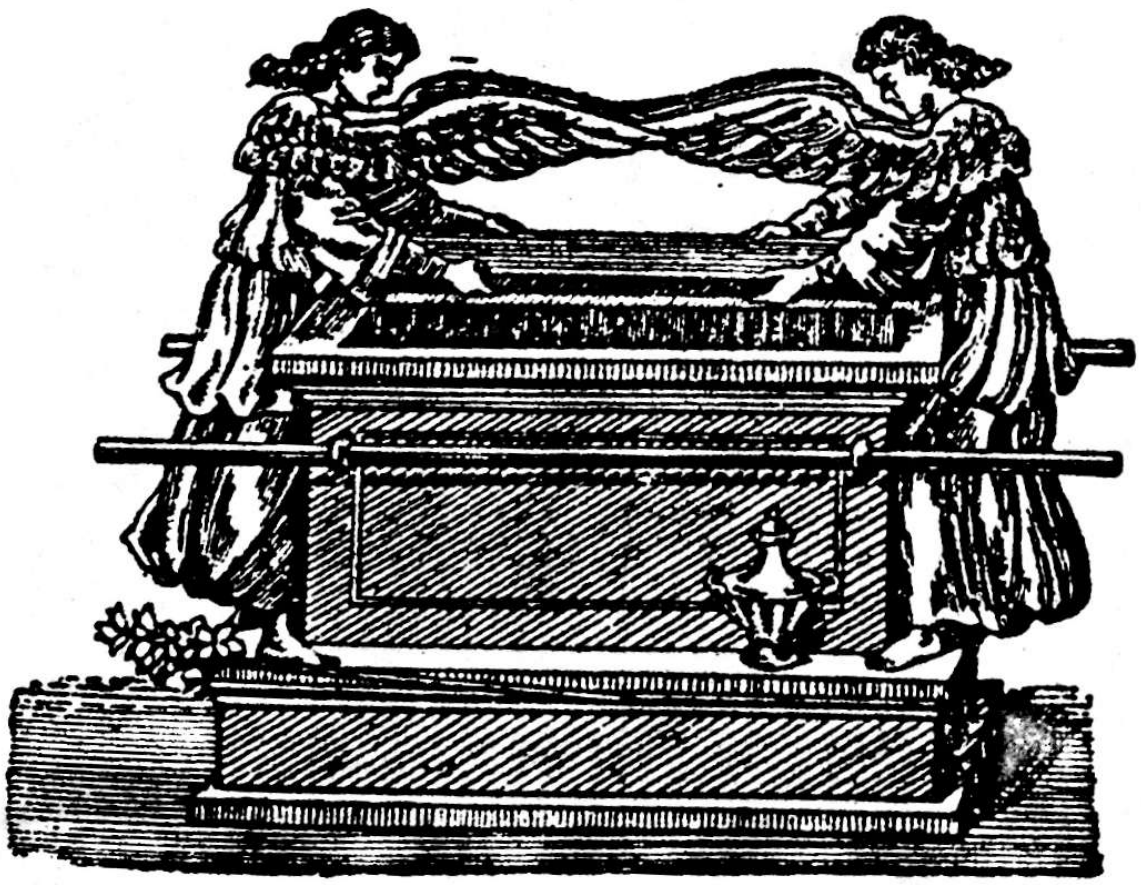
Ser fiel sem olhar para trás

428. Para o Altíssimo reformar e aperfeiçoar quem entra no estado religioso, qualquer que seja o motivo que o trouxe, convém que, tendo voltado as costas ao mundo, não torne a olhá-lo, apague suas imagens da memória e esqueça o que com tanta dignidade deixou.

Os que não seguem este ensinamento e são ingratos e desleais a Deus, sem dúvida são atingidos pelo castigo da mulher de Ló (**Gn 19,26**). Embora pela divina piedade, não seja visível ao olhar exterior, interiormente é muito real, tornando a alma seca, gelada, sem fervor nem virtude.

Sem o amparo da graça, não realizam o ideal de sua vocação, nem aproveitam o benefício da vida religiosa. Nela não encontram consolo espiritual, nem merecem que o Senhor os olhe e visite como a filhos; mas são repudiados como escravos infiéis e fugitivos.

Lembra, Maria, que para ti o mundo há de estar morto e crucificado e tu para ele, sem guardares afeto e recordação de qualquer coisa terrena. Se, às vezes, for necessário exercitar a caridade com o próximo, ordena-a tão bem que, em primeiro lugar, ponhas o bem de tua alma, sua segurança, quietude, paz e tranqüilidade interior. Evitando os excessos viciosos, deves ser muito atenta a estas advertências, se quiseres permanecer em minha escola.



Arca da Aliança



Desposório de Maria com as três Pessoas divinas.

CAPÍTULO 2

ESPECIAL FAVOR QUE O ALTÍSSIMO CONCEDEU A MARIA SANTÍSSIMA, LOGO APÓS SUA ENTRADA NO TEMPLO

Primeiros atos de Maria no templo

429. Tendo partido os pais da divina Menina, e ficando Ela a residir no templo, a mestra indicou-lhe a cela que, entre as demais virgens, lhe estava reservada, semelhante a grandes alcovas ou pequenos aposentos individuais.

Prostrou-se em terra a Princesa do céu e beijou-a, por ser solo e lugar do templo. Adorou ao Senhor, dando-lhe graças pelo novo benefício de a ter recebido ali, e à mesma terra por sustentá-la, quando se considerava indigna de a pisar.

Dirigiu-se a seus santos anjos, dizendo: - Príncipes celestiais, mensageiros do Altíssimo, fidelíssimos amigos e companheiros meus, suplico-vos de todo coração que neste templo de meu Senhor, exerciteis comigo o ofício de vigilantes sentinelas, avisando-me de tudo o que devo fazer. Ensinai-me e dirigi-me como guias e mestres de minhas ações, para que acerte a cumprir em tudo a perfeita vontade do Altíssimo, a comprazer aos santos sacerdotes e a obedecer à minha mestra e companheiras.

Falando em particular com os doze anjos os quais - como dissemos acima[2], eram os doze do Apocalipse, disse-lhes: - E a vós, embaixadores meus, peço-vos, se o Altíssimo vos permitir, consoleis meus santos pais em sua aflição e soledade.

A Virgem é levada ao céu empíreo[3]

430. Obedeceram à sua Rainha estes doze anjos. Ficando Ela com os demais em divinos colóquios, sentiu a força superior que a movia forte e suavemente, espiritualizando-a elevando-a em ardente êxtase. O Altíssimo ordenou aos serafins que a assistiam, que preparassem e iluminassem sua alma santíssima.

Foi-lhe dada uma luz, ou qualidade divina, que aperfeiçoou e proporcionou suas potências com o objeto que lhe queriam manifestar. Assim preparada, acompanhada de todos os seus anjos e outros muitos, vestida por uma refulgente nuvenzinha, foi levada em corpo e alma até o céu empíreo, onde a Santíssima Trindade a acolheu com digna benevolência e agrado.

Prostrou-se ante a presença do poderosíssimo e altíssimo Senhor, como costumava nas demais visões, e adorou-o

2- nº 207 e 273.

3- Céu empíreo ou de fogo, não pela propriedade de queimar, mas de iluminar. Em outras palavras: céu de luz (N. da T.)

com profunda humildade e reverência. Em seguida, foi iluminada novamente com outra qualidade ou luz, na qual viu a Divindade intuitiva e claramente, sendo esta a segunda vez que lhe foi manifestada por este modo intuitivo. Contava então três anos de idade.

Palavras do Eterno Pai a Maria

431. Não há sentido nem língua que possam manifestar os efeitos desta visão e participação na divina essência. A pessoa do eterno Pai falou à futura Mãe de seu Filho: - Pomba e dileta minha, quero que vejas os tesouros de meu ser imutável e perfeições infinitas, e os ocultos dons que destino para as almas que escolhi como herdeiras de minha glória, depois de serem resgatadas pelo sangue do cordeiro, que por elas há de morrer.

Verifica, minha filha, quão liberal sou com as criaturas que me conhecem e amam; quão verdadeiro em minhas palavras, quão fiel em minhas promessas, quão poderoso e admirável em minhas obras. Adverte, esposa minha, quão infalível é esta verdade: quem me seguir não viverá em trevas. Quero que tu, minha escolhida, sejas testemunha ocular dos tesouros que tenho preparado para elevar os humildes, remunerar os pobres, exaltar os desprezados, e premiar tudo quanto pelo meu nome fizerem ou padecerem os mortais.

Resposta de Maria santíssima

432. Outros grandes mistérios conheceu a Menina Santíssima nesta visão da Divindade. Ainda que em outra vez se lhe houvesse manifestado claramente, sendo infinito o objeto, sempre ficam novas imensidades para serem comunicadas, com maior admiração e amor de quem recebe este favor.

Respondeu Maria Santíssima ao Senhor: - Altíssimo e supremo Deus eterno, sois incompreensível em vossa grandeza, rico em misericórdias, pródigo em tesouros, inefável nos mistérios, fidelíssimo nas promessas, verdadeiro nas palavras, perfeitíssimo em vossas obras, porque sois Senhor infinito e eterno em vosso ser e perfeições.

Que fará minha pequenez, altíssimo Senhor, na visão de vossa grandeza? Reconheço-me, indigna de contemplar vossa grandeza, vendo-me necessitada de que com ela me olheis. Se, em vossa presença se aniquila toda a criatura, que fará vossa serva que é pó? Cumpri em Mim todo o vosso querer e beneplácito. Se a vossos olhos são tão estimáveis os trabalhos e desprezos, a humildade, paciência e mansidão dos mortais, não permitais, amado meu, que Eu me prive de tão rico tesouro e penhores de vosso amor. Quanto à recompensa, dai-a a vossos servos e amigos que a merecerão melhor que eu, pois nada tenho feito em vosso serviço e agrado.

Maria faz voto de castidade

433. Muito se agradou o Altíssimo com esta petição da divina Menina, e fê-la compreender que lhe concederia trabalhar e sofrer por seu amor, no decurso da vida, sem lhe revelar, por então, a ordem e o modo como tal sucederia.

Deu graças a Princesa do céu pelo benefício e favor, de ser escolhida para trabalhar e padecer pelo nome e glória do Senhor. Manifestou fervoroso desejo de

alcançar permissão de Sua Majestade para fazer, em sua presença, quatro votos: de castidade, pobreza, obediência e perpétuo encerramento no templo, para onde o Senhor a trouxera.

A este pedido, respondeu-lhe o Senhor: - Esposa minha, meus pensamentos elevam-se acima de todas as criaturas, e Tu, minha eleita, desconheces agora o que no decurso de tua vida te pode suceder, e que não será possível satisfazer teus fervorosos desejos, em tudo e no modo como pensas agora.

Aceito e quero que faças o voto de castidade e que também renuncies, desde já, às riquezas terrenas. Quanto aos demais votos e suas matérias, é minha vontade que, quanto possível procedas como se os tivesses feito. Teu desejo se cumprirá em outras muitas donzelas que, no tempo futuro da lei da graça, por te imitarem e me servirem, farão os mesmos votos, vivendo reunidas em congregações. Deste modo, serás mãe de muitas filhas.

Não fez voto de pobreza e obediência, mas praticou essas virtudes

434. Fez a Menina Santíssima, em presença do Senhor, o voto de castidade. Sem obrigar-se aos demais, renunciou à afeição de tudo quanto é terrestre e criado, propondo-se obedecer, por amor de Deus, a todas as criaturas. No cumprimento destes propósitos foi mais pontual, fervorosa e fiel, de quantos, por voto, o prometeram ou prometerão.

Com isto cessou a visão intuitiva e clara da Divindade, mas não foi logo restituída à terra. Em estado menos elevado, recebeu outra visão imaginária do mesmo Senhor, estando sempre no céu empíreo; de maneira que à visão da Divindade, seguiram-se outras imaginárias.

Os serafins preparam a Virgem para o desposório com Deus

435. Nestas visões, aproximaram-se alguns serafins, dos mais imediatos ao Senhor, que a seu mandato a adornaram, na seguinte forma: primeiro, todos os seus sentidos foram iluminados com uma claridade ou lume, que os enchia de graça e formosura. Em seguida, vestiram-lhe uma túnica preciosíssima e refulgente; cingiram-na com um cinto cravejado de diferentes pedras multicores, brilhantes e transparentes, que a embelezavam acima de toda imaginação, significando a imaculada pureza e demais virtudes heróicas de sua alma santíssima.



Puseram-lhe também um colar, de inestimável e subido valor, com três grandes pedras, símbolo das três maiores e mais excelentes virtudes: a fé, a esperança e a caridade; pendiam do colar, sobre o peito, como indicando o lugar onde repousam

tão ricas jóias. Deram-lhe depois sete anéis de rara beleza, colocados em seus dedos pelo Espírito Santo, em testemunho de que a adornava com seus dons, em grau eminentíssimo. Como remate de todo este ornato, a Santíssima Trindade pôs-lhe sobre a cabeça uma coroa imperial, de matéria e pedras inestimáveis, constituindo-a Esposa sua e Imperatriz do céu.

Por garantia destes títulos, sua branca e refulgente veste estava semeada de letras ou dísticos de ouro finíssimo e mui brilhante, que diziam: Maria, filha do eterno Pai, Esposa do Espírito Santo e Mãe da verdadeira Luz. Este último título não foi entendido pela divina Senhora, mas sim pelos anjos que, admirados no louvor do seu Autor, assistiam a acontecimento tão novo e peregrino.

Em confirmação de tudo o que se realizara, o Altíssimo despertou mais vivamente a atenção dos espíritos angélicos. Do trono da beatíssima Trindade saiu uma voz que assim falava a Maria: - Por toda a eternidade serás nossa Esposa, querida e escolhida entre todas as criaturas; os anjos te servirão e todas as nações e gerações te chamarão bem-aventurada (**Lc 1, 48**).

Celebra-se o desposório de Maria com o Altíssimo

436. Ataviada a soberana Menina com as galas da divindade, celebrou-se o mais célebre e maravilhoso desposório, que jamais puderam imaginar os mais elevados querubins e serafins.

O Altíssimo a recebeu por Esposa singular e única. Constituiu-a na mais suprema dignidade que pode caber em pura criatura, para nela depositar sua mesma divindade na pessoa do Verbo e, com Ele, todos os tesouros de graça que a tal dignidade convinha. Mantinha-se humilíssima entre todos os humildes, absorta no abismo de amor e admiração que lhe causavam tais favores e benefícios. Na presença ao Senhor, disse:

A Virgem exprime seus sentimentos

437. Altíssimo Rei e Deus incompreensível, quem sois Vós e quem sou eu, para que vossa dignação olhe a quem é pó, indigna de tais misericórdias? Em Vós, meu Senhor, como em claro espelho, conheço vosso ser imutável e vejo, sem engano, a baixeza e vileza do meu, contemplo vossa imensidade e meu nada. Neste conhecimento, fico aniquilada e desfeita em admiração, de que a Majestade infinita se incline a tão humilde vermezinho, que só pode merecer o desprezo de todas as criaturas.

Oh! Senhor e todo meu bem, quanto sereis glorificado e engrandecido por isso! Que admiração produzis em vossos espíritos angélicos, conhecedores de vossa infinita bondade, grandeza e misericórdia, por levantardes do pó quem é tão pobre e a colocardes entre os príncipes (**Sl 112, 7**).

Recebo-vos, meu Rei e Senhor, por Esposo e ofereço-me por vossa escrava. Não terá meu entendimento outro objeto, nem minha memória outra imagem, nem minha vontade outro alvo, nem desejo, fora de Vós, sumo, verdadeiro e único bem e amor meu. Meus olhos não se erguerão para ver outra criatura humana, nem minhas faculdades e sentidos se ocuparão de ninguém, fora de vós e no que Vossa Majestade quiser. Somente Vós, meu amado, existireis para vossa Esposa (**Ct 2, 16**), e Ela será só para vós, imutável e eterno bem.

Maria faz diversas súplicas a Deus, e é reconduzida ao templo

438. Recebeu o Altíssimo, com

inefável prazer, esta aceitação feita pela soberana Princesa, do novo desposório celebrado com sua alma santíssima. Como a verdadeira Esposa e Senhora de toda a criação, pôs-lhe nas mãos todos os tesouros de seu poder e graça, mandando-lhe pedir quanto desejasse, que nada lhe seria negado.

Assim o fez a humilíssima pomba. Pediu ao Senhor, com ardentíssima caridade, enviasse seu Unigênito ao mundo, para salvação dos mortais; que a todos chamasse ao conhecimento verdadeiro de sua Divindade; que a seus pais naturais, Joaquim e Ana, aumentasse o amor e dons de sua divina destra; que aos pobres e aflitos, consolasse e confortasse em seus trabalhos. Para si mesma, pediu o cumprimento e beneplácito de sua divina vontade. Estas foram as petições mais particulares que fez a nova esposa Maria, nesta ocasião, à beatíssima Trindade.

Entoaram os espíritos angélicos novos cânticos em louvor do Altíssimo. Os designados por Deus, com celestial harmonia, trouxeram de novo a Menina Santíssima do céu empíreo ao templo donde a tinham levado.

A Menina Maria despoja-se de todas as coisas materiais

439. Para começar logo a praticar o que prometera na presença do Senhor, dirigiu-se à sua mestra e lhe entregou tudo quanto sua mãe Sant'Ana lhe deixara para suas necessidades e bem-estar, até roupas e alguns livros. Pediu-lhe que distribuísse aos pobres, ou como lhe parecesse bem, e lhe ordenasse quanto deveria fazer.

A discreta mestra - que, como disse, era Ana a profetisa - com divina inspiração, aceitou e aprovou o que a formosa menina Maria oferecia e a deixou pobre e sem nada além da roupa que vestia. Propôs-se ter por ela particular cuidado, visto ser a mais pobre e destituída, porquanto as demais meninas tinham pecúlios, enxovais e outras coisas de que podiam dispor livremente.

A escritora confessa sua incapacidade para narrar estes mistérios

440. Deu-lhe também a mestra o regulamento de vida, tendo primeiro consultado o sumo sacerdote. Com este despojamento e submissão, conseguiu a Rainha e Senhora de todas as criaturas, ficar solitária, destituída e despojada de todas elas e de si mesma, sem reservar outro afeto e propriedade senão o ardentíssimo amor do Senhor, e seu próprio abatimento e humilhação.

Confesso minha suma ignorância, pobreza e insuficiência, sentindo-me totalmente indigna de explicar mistérios tão soberanos e ocultos. Se nem as expeditas línguas dos sábios e a ciência e o amor dos supremos querubins e serafins seriam suficientes, que poderá dizer uma mulher inútil e ignorante? Estou convencida do quanto ofenderia a grandeza de sacramentos tão veneráveis, se não tivesse a desculpa da obediência. Mas, ainda com ela temo, e conheço que ignoro e calo o mais importante, e só digo o que é o mínimo de cada um dos mistérios e sucessos desta cidade de Deus, Maria Santíssima.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA.

Origem da vida religiosa

441. Minha filha, entre os gran-

des e inefáveis favores que, no decurso de minha vida, recebi da destra do Todopoderoso, um deles foi o que acabas de conhecer e descrever.

Na visão clara da divindade e do incompreensível ser do Altíssimo, conheci ocultíssimos sacramentos e mistérios. Naquele ornato e desposório, recebi incomparáveis benefícios e dulcíssimos efeitos em meu espírito. O meu desejo de fazer os quatro votos: de pobreza, obediência, castidade e clausura, agradou muito ao Senhor. Por ele mereci que se estabelesse na Igreja e lei da graça, os mesmos votos para as religiosas, como hoje se costuma.

Essa foi a origem do que agora fazeis, vós as religiosas, segundo o que disse Davi: "Após dela as virgens serão conduzidas ao Rei", no salmo 44, 15. Ordenou o Altíssimo que meus desejos constituíssem o fundamento dos institutos religiosos da lei evangélica.

Tudo o que propus diante do Senhor cumpri, inteira e perfeitíssimamente, quanto era possível ao meu estado de vida. Jamais olhei para o rosto de homem algum, nem sequer ao de meu esposo José, ou dos anjos quando me apareciam em forma humana, mas em Deus vi e conheci a todos.

A nenhuma coisa criada ou racional, a nenhuma ação ou inclinação humana fui apegada. Não tive vontade própria, sim ou não, farei ou não farei, porque em tudo fui governada pelo Altíssimo, diretamente ou pela obediência às criaturas, a quem voluntariamente me sujeitava.

Seriedade da vida religiosa

442. Não ignores, caríssima, que o estado da vida religiosa é sagrado e ordenado pelo Altíssimo, para nele se conservar a doutrina da perfeição cristã e a perfeita imitação da vida santíssima de meu Filho. Por esta razão, encontra-se sumamente indignado com as almas religiosas que dormem esquecidas de tão alto benefício, vivendo tão descuidadas e mais relaxadamente que muitos mundanos. Mais do que a eles aguarda-lhes severo julgamento e castigo.

Também o demônio, antiga e astuta serpente, para tentar e vencer aos religiosos e religiosas, usa de mais zelo e sagacidade do que para perverter o resto dos mundanos. Quando derriba uma alma religiosa, há grande vigilância e solicitude em todo o inferno, para impedi-la de levantar-se mediante os recursos que o estado religioso lhes oferece com tanta facilidade, tais como a obediência, os piedosos exercícios, o uso freqüente dos sacramentos.

Para que tudo se torne inútil e não aproveite ao religioso infiel, usa o inimigo de tantas artes e ardis, que causaria espanto conhecê-los. Grande parte se deixa perceber nos esforços e diligências que emprega a alma religiosa para defender suas relaxações. Desculpa-as quanto pode, e se não, acrescenta-lhes maiores desobediências, desordens e culpas.

A religiosa deve sublimar a natureza

443. Fica avisada, pois, minha filha, e teme tão desastroso perigo. Com o auxílio da divina graça, procura elevar-te acima de ti mesma, sem consentir, voluntariamente, em qualquer afeto ou movimento desordenado. Quero que trabalhes em morrer inteiramente para tuas paixões e em te espiritualizar, para extinguir em ti tudo o que é terrestre, e adquirir em tua vida e conversação o estilo da natureza angélica.

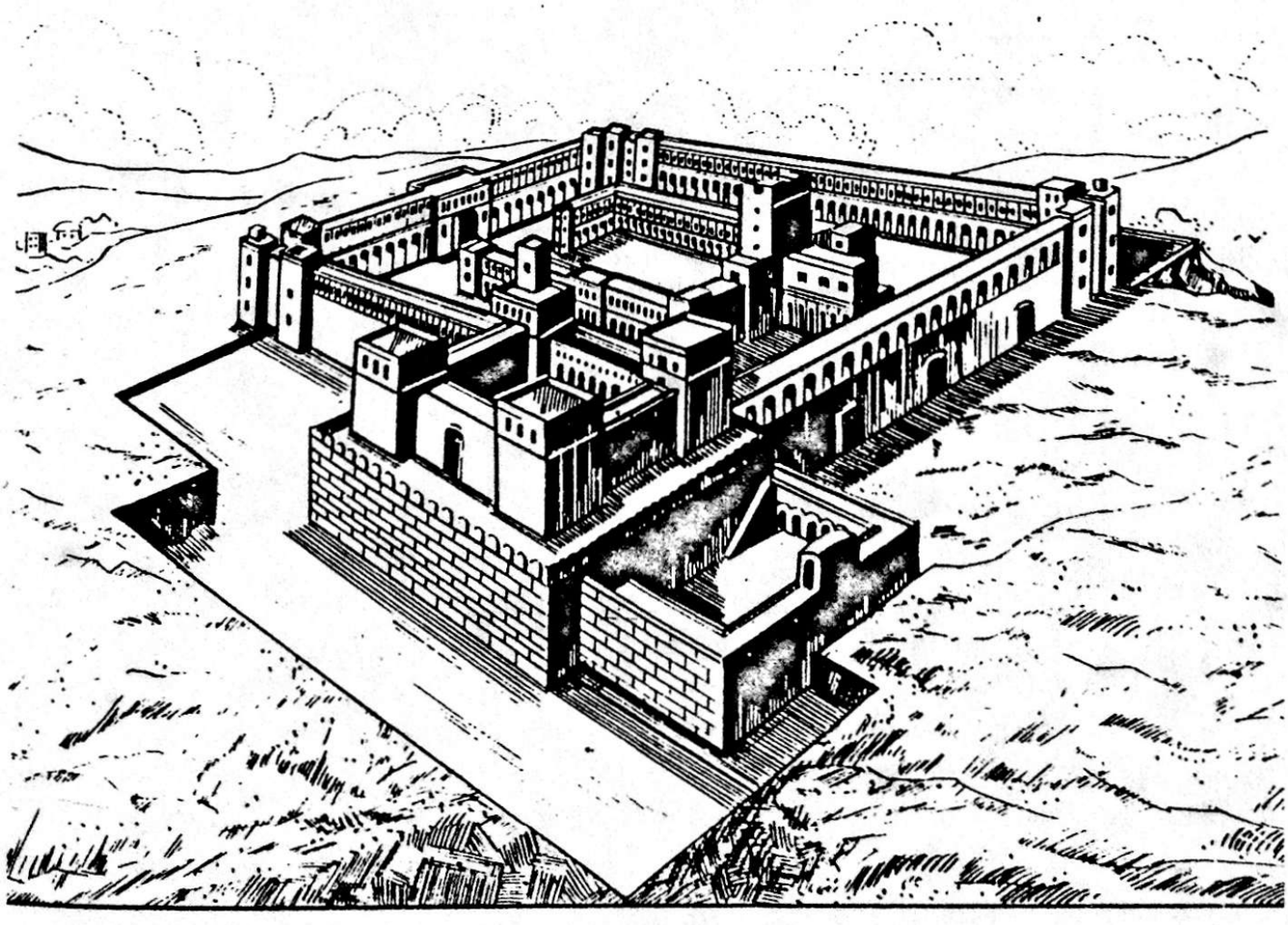
Para ter direito ao nome de esposa de Cristo, hás de ultrapassar o modo humano de ser, para subir a outro divinizado; ainda que sejas terra, deverás ser terra

abençoada, sem espinhos de paixões, e cujo copioso fruto seja todo para o Senhor, a quem pertence.

Se tens por esposo aquele supremo Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores, dedigna-te de voltar os olhos, e ainda menos o coração, aos vis escravos que são as criaturas humanas. Até os anjos te amam e respeitam pela tua dignidade de esposa do Altíssimo. Entre os mortais, considera-se temerária e desmedida ousadia, que um homem vil ponha os olhos na esposa do príncipe. Que delito será pô-los na esposa do Rei celestial e Todo-poderoso? E não será menor culpa, ela aceitar e consentir.

Fica certa e não esqueças que é desmedido e terrível o castigo que para este pecado está preparado. Não te mostro, porque tua fraqueza não o suportaria. Quero que baste meu ensinamento, para executares tudo o que te ordeno. Imita-me como discípula, quanto for possível às tuas forças, e sê solícita em instruir e fazer que tuas monjas pratiquem esta doutrina.

- Senhora e Rainha piedosíssima, com júbilo de minha alma ouço vossas dulcíssimas palavras, cheias de espírito e vida. Desejo gravá-las no íntimo do coração, com a graça de vosso Filho santíssimo, que vos suplico me alcanceis. Se me derdes licença, falarei em vossa presença, como discípula ignorante à sua Mestra e Senhora: - Minha Mãe e amparo, ordenais que eu cumpra os quatro votos de minha profissão, conforme é minha obrigação e vontade. Ainda que tíbia e indigna, peço-vos alguma doutrina mais extensa, para me orientar no cumprimento deste dever, de acordo com o desejo que à minha alma inspirastes.



Templo de Jerusalém, na época de Nossa Senhora.



A Escritora é instruida pela Virgem

CAPÍTULO 3

INSTRUÇÃO QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU SOBRE OS QUATRO VOTOS DE MINHA PROFISSÃO.

Voto é compromisso

444. Minha filha e amiga, não quero negar-te o ensinamento que me pedes com desejo de o praticar. Recebe-o, pois, com apreço e ânimo devoto e disposto para executá-lo.

Diz o Sábio (**Pr 6, 1**): *"Filho, se prometeste por teu amigo, prendeste tua mão a um estranho, com tua boca te ligaste, e por tuas palavras ficaste preso"*. De acordo com esta verdade, quem fez votos a Deus, cravou a mão da própria vontade, para não ficar livre de escolher outras obras, fora daquelas às quais se obrigou. Deverá seguir a vontade e escolha daquele a quem, por sua mesma boca, se atou, mediante as palavras da profissão.

Antes de fazer votos, estava em sua mão escolher o caminho; havendo-se, porém, ligado e comprometido, saiba a alma religiosa que perdeu totalmente sua liberdade e a entregou a Deus, na pessoa de seu superior. Toda a ruína ou salvação das almas consiste no modo de usar a liberdade. Porque o maior número delas usa-a mal e se perde, ordenou o Altíssimo o estado permanente da vida religiosa, mediante os votos. Usando uma vez da liberdade, com perfeita e prudente escolha, a criatura entrega a Deus, por esse ato, o que com outros muitos perderia, caso ficasse livre e independente para querer ou não querer.

As grandes vantagens dos votos

445. Pelos votos, perde-se felizmente a liberdade para o mal, e assegura-se para o bem, como rédea que desvia do perigo e adestra pelo caminho plano e seguro. Liberta-se a alma da servidão de suas paixões e, adquirindo poder sobre elas, reina como senhora em seus domínios.

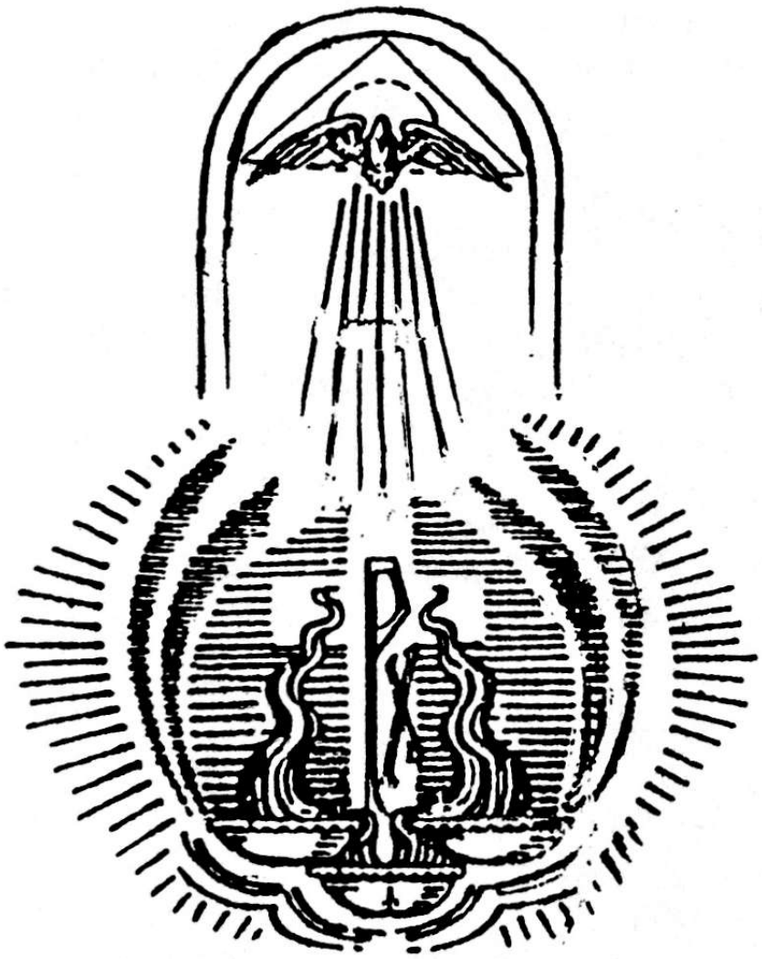
Fica subordinado somente à graça e moções do Espírito Santo, que a governará em suas operações, se ela empregar toda sua vontade em só fazer o que prometeu a Deus. Com isto, a criatura passa da qualidade de escrava à excelente dignidade de filha do Altíssimo, e da condição terrena à angélica. Os defeitos corruptíveis e o castigo do pecado não a atingem em cheio.

Não é possível, na vida mortal, compreender quais e quantos bens e te-

souros conquista a alma que se dispõe, com todas as forças e afetos, a cumprir perfeitamente os votos de sua profissão. Asseguro-te, caríssima, que as religiosas perfeitas e pontuais podem chegar, e ainda exceder, ao mérito dos mártires.

Exortação à fidelidade

446. Tu, minha filha, conseguiste o feliz princípio de tantos bens, no dia em que escolheste a melhor parte. Adverte, porém, muitíssimo, que te obrigaste a um Deus eterno e poderoso, que conhece o mais íntimo do coração.



Se mentir aos homens, e faltar-lhes às promessas, é coisa tão feia e reprovável, quanto pesará ser infiel a Deus, em promessas justíssimas e santíssimas? Sendo teu criador, conservador e benfeitor, deves-lhe gratidão; sendo pai, reverência; sendo esposo, lealdade. Por ser amigo, merece fiel correspondência, por veríssimo, fé e esperança. Sumo e eterno bem espera amor, onipotente a obediência, e justíssimo juiz o temor santo e humilde.

Contra estes, e outros muitos títulos, cometerás traição e aleivosia se faltares e quebrares as promessas de tua profissão. Se a qualquer religiosa, que vive com obrigação de trato e vida espiritual, é tão monstruoso chamar-se esposa de Cristo e ser membro e escrava do demônio, muito mais será em ti. Havendo recebido mais que todas, deves excedê-las no amor, trabalho e fidelidade a tão incomparáveis benefícios e favores.

Gravidade da ofensa a Deus

447. Adverte, pois alma, quão aborrecível esta culpa te faria ao Senhor, a mim, aos santos e aos anjos. Todos somos testemunhas do amor e fidelidade que ele tem mostrado, como rico, amoroso e fidelíssimo esposo. Trabalha, pois, com sumo desvelo para não o ofender, quer no muito quer no pouco. Não o obrigues a te desamparar, deixando-te entregue às bestas das paixões e do pecado.

Não ignoras que isto seria maior infelicidade e castigo, do que se te entregasse ao furor dos elementos ou à ira de todas as feras e animais brutos. Se ainda os demônios sobre ti desafogassem sua raiva, e o mundo te propinasse todas as penas e desonras que pudesse te causar; tudo fôra menor dano para ti, do que cometer uma só culpa venial contra Deus, a quem deves servir e amar em tudo e por tudo. Qualquer pena desta vida é menos que a culpa, porque as penas se acabarão com a vida mortal, enquanto a culpa pode ser eterna, e com ela o será o castigo.

Fuga do pecado

448. Na vida presente, muito atemoriza e assusta os mortais qualquer sofrimento e tribulação, porque os percebem pelos sentidos. Não os atemoriza nem acaba a culpa porque, embaraçados com as coisas visíveis, não pensam que a ela segue imediatamente a pena eterna do inferno. Apesar desta pena vir tão infiltrada no pecado, o coração humano é de tal modo pesado, que se deixa embriagar pela culpa e não adverte no castigo, por não sentir o inferno pelos sentidos. E, podendo vê-lo e tocá-lo pela fé, deixa-a ociosa e morta como se não a tivesse.

Óh! infeliz cegueira dos mortais! Óh! dureza e negligência que a tantas almas, capazes de razão e de glória, mantêm enganosamente escravizados! Não há palavras, nem razões suficientes, para encarecer este formidável e tremendo perigo.

Minha filha, foge e afasta-te, com santo temor, deste infeliz estado. É preferível abraçares todos os trabalhos e tormentos da vida que logo passa, a te expores a ele, pois nada te faltará se não perderes a Deus. Grande meio para tua segurança, será a consideração que não há culpa pequena para ti e teu estado. O pouco hás de temer muito, porque o Altíssimo conhece que o desprezo pelas pequenas faltas abre o coração da criatura para admitir outras maiores. Não é amor louvável o que não poupa qualquer desgosto à pessoa que ama.

Primeiro a obrigação, depois a devoção

449. A ordem que as almas religiosas devem guardar em seus desejos será: em primeiro lugar, com solicitude e pontualidade, cumprir as obrigações de seus votos e todas as virtudes que exigem. Depois disto, em segundo lugar, vêm as obras livres, chamadas de super-rogação.

Enganadas pelo demônio, algumas almas, com indiscreto zelo da perfeição, costumam inverter esta ordem. Faltando gravemente em coisas obrigatórias de seu estado, querem acrescentar outras ocupações de sua escolha, ordinariamente inúteis ou sem importância. Nascem-lhes da presunção e singularidade, com que desejam ser vistas e distinguidas por mais zelosas e perfeitas que outras, quando estão muito longe de começar a sê-lo.

Em ti, não quero esta falta repreensível, mas desejo que, em primeiro lugar, cumpras com a observância de teus votos e vida comum, e depois acrescentes o que puderes, com a divina graça e na medida de tuas forças. Com esta ordem, tudo aformoseia a alma e a torna perfeita e agradável aos divinos olhos.

O voto de obediência

450. O voto de obediência é o mais importante da vida religiosa, porque contém a renúncia e negação total da própria vontade. À religiosa não fica jurisdição nem direito algum sobre si mesma, para dizer quero ou não quero, farei ou não farei. A tudo isto renunciou pela obediência, colocando-o nas mãos do superior. Para cumpri-la é necessário que não te consideres sábia, nem te imagines senhora de teu gosto, querer e entender.

A obediência verdadeira gera-se na fé. Deve-se estimar, reverenciar e crer no que o superior manda, sem pretender examinar nem compreender. De acordo com isto, para obedecer, considera-te sem razão, sem vida nem raciocínio. Semelhante a um corpo morto, deixa-te mover e gover-

nar, estando viva somente para executar, com presteza, tudo o que for da vontade do superior.

Nunca discutas contigo as ordens que recebes, somente reflete como executarás o que te é mandado. Sacrifica teu próprio querer, degola todos os teus apetites e paixões, e depois de estares morta a teus movimentos, seja a obediência, vida e alma de tuas obras. Na vontade de teu superior deve estar incluída a tua, com todos teus movimentos, palavras e ações. Pede que em tudo tirem o teu ser próprio e te dêem outro novo que em nada seja teu, mas todo da obediência, sem contradição nem resistência alguma.

Obediência perfeita

451. O mais perfeito modo de obedecer é aquele que não desgosta o superior com resistência e contrariedade, mas sim o compraz com pronta execução do que manda, sem réplicas, murmurações, ou outros atos discordantes. O superior representa a Deus, e quem obedece aos prelados obedece ao mesmo Senhor que está neles, para os governar e iluminar no que mandam, para o bem e salvação da alma dos súditos. O desprezo que se faz do superior atinge a Deus (**Lc 10, 16**), que por eles e neles, está ordenando e manifestando sua vontade. Deves entender que é o próprio Senhor quem lhes move a língua, ou que são a palavra do mesmo Deus Onipotente..

Minha filha, esforça-te por ser obediente e cantarás vitórias (**Pr 21, 28**). Não temas obedecer. É caminho tão seguro, que os erros dos obedientes não serão lembrados por Deus no dia das contas. Ainda mais: Ele lhes apagará até os outros pecados, em consideração do sacrifício da sua obediência.

Meu Filho Santíssimo ofereceu ao eterno Pai sua preciosíssima paixão e morte, com particular afeto pelos obedientes. Quis que fossem mais beneficiadas no perdão, na graça e no acerto e perfeição de tudo quanto fizessem por obediência.

Ainda agora, muitas vezes, para aplacar ao Pai, representa-lhe que pelos homens morreu obedecendo até a cruz (**Fl 2, 8**), e com isto aplaca-se o Senhor. De igual modo, pelo agrado que recebeu da obediência de Abraão e seu filho, obrigou-se (**Gn 22, 16**) não somente a impedir a morte de Isaac, que tão obediente se mostrava, mas ainda a constituir Abraão pai da ascendência humana de seu Unigênito, fazendo-o Patriarca cabeça e fundamento de tantas bênçãos.

O voto de pobreza

452. O voto de pobreza é generosa abstenção e desembaraço da pesada carga das coisas temporais. É desafogo do espírito, alívio para a humana fraqueza, nobre liberdade do coração capaz de bens eternos e espirituais. É satisfação e fartura, que sossega o apetite sedento de tesouros terrenos; é domínio, posse e uso nobilíssimo de todas as riquezas. Tudo isto, minha filha, e outros maiores bens estão contidos na pobreza voluntária.

São bens desconhecidos pelos filhos do século, amadores das riquezas e inimigos da rica e santa pobreza. Não percebem, ainda que o padeçam, quão pesado é o gravame das riquezas. Oprime-os até o solo, e ainda até às entranhas da terra, onde procuram o ouro e a prata com cuidados, desvelos, trabalhos e suores não de homens de razão, mas de brutos irracionais que ignoram o que fazem e sofrem.

Se, antes de as adquirir, as riquezas são tão pesadas, quanto o serão depois

de conseguidas? Digam-no todos quantos com esta carga caíram no inferno. Digam-no os desmedidos afãs para conservá-las, e muito mais as intoleráveis leis que elas e os ricos introduziram no mundo.

Vantagens da pobreza

453. Tudo isto afoga o espírito, tiraniza sua fraqueza e envilece a nobilíssima capacidade que a alma possui, para os bens eternos e para o próprio Deus. Ao contrário, é certo que a pobreza voluntária restitui à criatura seu primitivo e nobre estado, liberta-a de baixíssima servidão e a coloca na singela liberdade em que foi criada para senhora de todas as coisas.

Nunca é mais senhora, do que quando as despreza. Quando as distribui ou as deixa voluntariamente, tem a maior posse e faz o mais excelente uso das riquezas. O apetite só acalma, quando se satisfaz por não as ter. Acima de tudo, o coração vazio torna-se disposto para acolher os tesouros da divindade, para os quais Deus o criou com capacidade quase infinita.

As transgressões da pobreza

454. Desejo, minha filham que estudes muito esta filosofia e ciência divina. É muito esquecida pelo mundo, e não só por ele, mas ainda por muitas almas religiosas que a prometeram a Deus, cuja indignação é grande por esta culpa. Os transgressores deste voto não percebem o merecido e pesado castigo que recebem.

Tendo rejeitado a pobreza voluntária, perderam o espírito de Cristo, meu Filho Santíssimo, aquele espírito que viemos ensinar aos homens em despojamento e pobreza. Ainda que agora não o sintam, porque o justo Juiz dissimula, e eles gozam da abundância que desejam, na prestação de contas que os aguarda, se acharão confusos e espantados com o rigor da divina justiça, da qual não quiseram lembrar nem meditar.

Os bens temporais e os eternos

455. O Altíssimo criou os bens temporais para servirem de sustento à vida dos homens, conseguido este fim, cessa a necessidade que, sendo limitada, em breve se acaba e com pouco se satisfaz. A alma, porém, é imortal. Não é, pois, justo que o cuidado dos homens por ela seja passageiro, enquanto fazem perpétuo o desejo e afã de adquirir riquezas.

É suma perversidade trocar assim os fins pelos meios, em coisa tão duradoura e importante: que o homem dê à breve e insegura existência do corpo todo o tempo, cuidado e trabalho de suas forças e desvelos de seu entendimento; e que à pobre alma, não queira dar mais que uma hora em muitos anos de vida, e essa, muitas vezes, a última e a pior da vida.

Desapego material e espiritual

456. Aproveita-te, pois, minha filha caríssima, da verdadeira luz e compreensão que, a respeito de tão perigoso erro, te deu o altíssimo. Renuncia a toda a afeição a qualquer coisa terrena. Ainda que seja com pretexto e aparência de necessidade, e porque teu convento é pobre, não sejas desordenadamente solícita em procurar as coisas necessárias para o sustento da vida. Quando nisto puseres o moderado cuidado que deves, seja de modo a não te perturbares se faltar o que desejas.

Nada desejes com apego, ainda que te pareça ser para o serviço de Deus,

pois tanto menos O amarás, quanto com Ele quiseres amar outras coisas. Ao que sobejar, deves renunciar como supérfluo e desnecessário, sendo falta conservá-lo inutilmente. O pouco também deves estimar pouco, pois seria maior erro embaraçar o coração com que nada vale e muito atrapalha.

Se conseguires tudo quanto julgas preciso, não serás verdadeiramente pobre, porque, em rigor, a pobreza é ter menos do que o necessário, e aquele a quem nada falta é rico. Ter mais do que o necessário é desassossego e aflição de espírito. Desejar e guardar sem usar, vem a ser uma pobreza sem quietude nem paz.

Liberdade espiritual

457. Quero que tenhas a liberdade de espírito que a coisa alguma se afeiçoa, seja grande ou pequena, supérflua ou necessária. Do que necessitares para a vida, deves aceitar só aquilo que é preciso para não morrer, nem faltar ao decoro.

Seja para teu vestir o mais pobre e remendado. Na alimentação o mais trivial, sem caprichos de paladar. Pede antes daquilo que menos gostas, para mortificar o apetite, e assim fazer sempre o que é mais perfeito.

O voto de castidade

458. O voto de castidade compreende a pureza de alma e corpo. Fácil é perdê-la, difícil e até impossível recuperá-la, conforme o modo como se perde. É grande tesouro guardado em castelo de muitas portas e janelas, sem segurança, se não estiverem bem guardadas e defendidas. Minha filha, para guardar com perfeição esse voto, é preciso que faças inviolável pacto com teus sentidos, para só se ocuparem no que for ordenado pela razão e para a glória do Criador.

Mortificados os sentidos, fácil é vencer os inimigos que, só por meio deles, te podem atacar. Os pensamentos não nascem, nem revivem, se não receberem suas espécies ou imagens pelos sentidos exteriores que os fomentam. Não hás de tocar, olhar e falar a nenhuma pessoa humana, de qualquer condição que seja, homem ou mulher, nem em tua imaginação entrem suas espécies ou imagens.

Neste cuidado, que te recomendo muito, guardarás a pureza que de ti quero. Se, por obediência ou caridade, falares com alguém - que só por estes motivos deves tratar com as criaturas - seja com toda a gravidade, modéstia e recato.

Mortificação

459. A respeito de tua pessoa, vive como estranha e alheia ao mundo. Pobre, mortificada, macerada, amando a aspereza de tudo o que é terrestre. Sem apetecer descanso ou consolação, como quem está fora do lar e da pátria, a trabalhar e combater contra fortes inimigos. Sendo a carne o mais perigoso e opressivo, convém resistires, sem descuido, a tuas naturais paixões, e nelas às tentações do demônio.

Eleva-te sobre ti mesma, procura alcançar um estado acima de tudo o que é terreno, para viveres à sombra daquele que desejas (**Ct 2, 3**) e, sob sua proteção, gozares de tranqüilidade e verdadeira paz. Entrega-te, de todo coração e com todas as forças, a seu casto e santo amor, lembrando que para ti existem criaturas, apenas enquanto te ajudam a amar e servir a teu Senhor. Para tudo o mais, hás de esquecê-las.

Semelhança com Cristo

460. Ainda que nenhuma virtude deve faltar, àquela que se chama e faz profissão de esposa de Cristo, a castidade é a que mais a assemelha a seu esposo. Esta virtude a espiritualiza e afasta da corrupção terrena, elevando-a ao ser angélico e a certa participação do mesmo Deus. Embelece e adorna todas as demais virtudes, eleva o corpo a um estado superior, esclarece o entendimento e conserva nas almas a sua nobreza superior a todo o corruptível. Diz-se que as virgens acompanham o Cordeiro (**Ap 14, 4**), porque esta virtude foi precioso fruto da redenção, operada por meu Filho Santíssimo na cruz, onde tirou os pecados do mundo.

Voto de clausura

461. O voto de clausura é o muro de proteção para a castidade e todas as virtudes, o engaste onde se conservam e resplandecem. É privilégio do céu para eximir as religiosas, esposas de Cristo, dos pesados e perigosos tributos pagos, pela liberdade do mundo, ao príncipe de suas vaidades. Por este voto, as religiosas vivem em porto seguro, enquanto outras almas naufragam e perecem, a cada passo, na tormenta dos perigos.

Com tantas vantagens, a clausura não é estreita prisão. Oferece às religiosas os espaçosos campos das virtudes, do conhecimento de Deus e suas infinitas perfeições, de seus mistérios e das admiráveis obras que realizou e realiza pelos homens. Nestes extensos campos e espaços, podem e devem espairecer e se recrear. Só quando não o fazem, é que a maior liberdade vem a dar impressão de opressivo cárcere.

Para ti, filha, não haja outra expansão, nem quero que te confines à pequenez da terra, ainda que seja o mundo inteiro. Sobe às alturas do conhecimento e do amor divino onde, sem confins e limites que te aprisionem, viva em ampla liberdade. Dali verás quão mesquinhas, vis e desprezíveis são todas as coisas criadas, para com elas ocupares tua alma.

Clausura dos sentidos

462. A esta inevitável clausura do corpo, acrescenta a de teus sentidos. Armados de fortaleza, conservem eles tua pureza interior e nela o fogo do santuário (**Lv 6, 12**), que deves sempre alimentar e vigiar, para que não se apague. A fim de guardar os sentidos e auferir as vantagens da clausura, nunca chegues à porta, nem à grade ou janela, nem te lembres que elas existem no convento, se não for para cumprir o teu ofício, ou por obediência. Nada apeteças, porque não o conseguirás, nem trabalhes pelo que não deves apetecer. No retiro, recato e cautela estará o teu bem e paz, o meu agrado, e merecerás o copioso fruto e recompensa do amor e graça que desejas.



Reconstituição imaginativa de uma solene celebração religiosa no primitivo templo de Jerusalém.

CAPÍTULO 4

PERFEIÇÃO COM QUE MARIA SANTÍSSIMA OBSERVAVA AS CERIMÔNIAS DO TEMPLO E SEUS DEVERES.

A menina Maria no templo

463. Voltando a prosseguir nossa divina história, depois que a Menina Santíssima consagrou o templo com sua presença, na verdade foi crescendo em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

As inteligências que me têm sido dadas sobre o que, naqueles anos, a mão poderosa ia operando na Princesa do céu, me colocam à margem de imenso e ilimitado mar.

Admirada, fico duvidosa por onde entrar acertadamente em tão extenso pélago, sendo inescusável omitir o muito, e difícil acertar o pouco. Direi, pois, o que o Altíssimo me declarou, em certa ocasião, falando-me deste modo:

Maria, modelo das almas consagradas

464. As obras que realizou no templo aquela que seria Mãe do Verbo humanado, foram em tudo perfeitíssimas, e compreendê-las excede a capacidade de qualquer criatura humana ou angélica. Os atos interiores de virtudes foram tantos, e de tão alto merecimento e fervor, que excederam a todos os dos serafins. Tu, alma, terás deles mais compreensão do que possibilidade para os explicar com palavras.

Contudo, é minha vontade que no tempo de tua peregrinação em corpo mortal, ponhas Maria por principio de tua alegria, e a sigas pelo deserto da renúncia e negação de todo o humano e visível. Segue-a pela perfeita imitação, conforme tuas forças e a luz que recebes. Ela será teu norte e tua Mestra, para te manifestar minha vontade, e nela acharás escrita, com o poder de meu braço, minha lei santíssima na qual meditarás dia e noite.

Com sua intercessão ferirá a pedra (**Nm 20, 11**) da humanidade de Cristo, e nesse deserto redundarão em ti as águas da divina graça e luz para saciar tua sede, iluminar teu entendimento e inflamar tua vontade. Será coluna de fogo (**Êx 13, 21**) para te dar luz, e nuvem para te fazer sombra e te refrigerar, com sua proteção, dos ardores das paixões e inclemências de teus inimigos.

Maria, espelho da divindade

465. Terás nela anjo para te guiar (**Idem 23, 20**) e te conduzir longe dos

perigos de Babilônia e Sodoma, onde não te atinjam os meus castigos. Terás mãe que te ame, amiga que te console, senhora que te governe, protetora que te ampare e rainha a quem, como escrava, sirvas e obedeças.

Nas virtudes que praticou a Mãe de meu Unigênito no templo, acharás o modelo universal da suma perfeição, por onde ordenares tua vida; o espelho sem mácula no qual se reflete a viva imagem do Verbo humanado; a cópia fiel e sem erratas de toda sua santidade: a beleza da virgindade, o encanto da humildade, o fervor da devoção e obediência, a firmeza da fé, a certeza da esperança, os ardores da caridade e um vasto mapa de todas as maravilhas de minha destra. Por este nível regularás tua vida, e por este espelho quero que a componhas e adornes, aumentando tua beleza e graça, como esposa que deseja entrar na câmara de seu esposo e senhor.



Maria no templo, mestra da perfeição

466. Se a nobreza e dotes do mestre servem de estímulo para o discípulo, e lhe tornam mais amável sua doutrina, quem poderá te atrair, com mais força, do que a mestra que é Mãe de teu Esposo? A escolhida por mais pura, santa e sem mácula de culpa, para ser Virgem e juntamente Mãe do Unigênito do eterno Pai, e resplendor de sua Divindade e mesma substância?

Ouve, pois, tão soberana Mestra, segue-a pela imitação e medita sem cessar suas admiráveis excelências e virtudes. Adverte que sua vida no templo foi o original que hão de reproduzir todas as almas que, à sua imitação, se consagram como esposas de Cristo.

- Esta inteligência e doutrina me deu o Altíssimo sobre a vida, em geral, de Maria Santíssima durante os anos que viveu no templo.

Maria pede instruções ao sacerdote e à mestra

467. Passo agora às suas particularidades. Depois daquela visão da divindade que descrevi no capítulo 2, tendo-se oferecido ao Senhor, e dado à mestra todas as coisas que possuía, ficou absolutamente pobre e entregue às mãos da obediência, dissimulando com o véu destas virtudes, os tesouros de sabedoria e graça, com os quais excedia aos supremos serafins e anjos.

Em seguida, pediu com humildade ao sacerdote e à mestra, que regulassem seu modo de vida e os trabalhos em que se deveria ocupar. Conferiram eles entre si, com a especial luz que lhes foi dada, procurando medir os exercícios da divina Menina pela sua idade de três anos. O sacerdote e a mestra chamaram-na à sua presença. Per-

maneceu a Princesa do céu de joelhos, para ouvi-los, ainda que lhe mandassem levantar, com grande modéstia, solicitou permissão para se manter com aquela reverência, por se achar perante o ministro e sacerdote do Altíssimo, e da mestra, cujos ofícios e dignidade queria respeitar.

Exortação do sacerdote à menina Maria

468. Falou-lhe o sacerdote: - Filha, muito criança trouxe-vos o Senhor à sua casa e santo templo; agradecei este favor e procurai merecê-lo, trabalhando muito em servi-lo com sinceridade e coração perfeito, aprendendo todas as virtudes. Assim, deste lugar sagrado vos retirareis instruída e preparada, para levar os trabalhos do mundo e defender-vos de seus perigos. Obedecei à vossa mestra Ana e começai, desde logo, a carregar o suave jugo da virtude (**Tren 3, 27**), para o achardes mais leve durante o restante da vida.

Respondeu a soberana Menina: Vós, meu senhor, que estais no lugar do Altíssimo como seu sacerdote e ministro e também minha mestra, me ensinareis e ordenareis o que devo fazer. Assim vô-lo suplico,e para não errar desejo obedecer em tudo à vossa vontade.

O sacerdote e a mestra sentem por Maria especial admiração

469. O sacerdote e a mestra sentiram, interiormente, grande ilustração e força divina para cuidarem particularmente da divina Menina, desvelando-se por ela mais do que pelas outras.

Conferindo o grande conceito que dela faziam, sem saber o oculto mistério daquele soberano impulso, determinaram prodigalizar-lhe especial atenção. Como, porém, isto só podia atingir às ações exteriores e visíveis, não lhe puderam limitar os atos interiores e afetos do coração, que somente o Altíssimo governava, com singular proteção e graça. Deste modo, aquele cândido coração permaneceu livre, para crescer e adiantar-se nas virtudes interiores, sem perder instante em que não praticasse o mais perfeito e excelente.

O sacerdote organiza o dia da Menina Maria

470. Ordenou-lhe o sacerdote suas tarefas e lhe disse: - Minha filha, assistireis com toda reverência e devoção aos divinos louvores e cânticos do Senhor, e sempre fareis orações ao Altíssimo pelas necessidades de seu santo templo, de seu povo e pela vinda do Messias.

Às oito da noite vos recolhereis para dormir, e ao despertar da aurora vos levantareis para orar e louvar ao Senhor, até a hora de tércia (nove horas). Da tércia até à tarde, vos ocupareis nalgum trabalho manual, para aprenderdes de tudo. Depois do trabalho, na alimentação guardareis a conveniente temperança. Em seguida, ireis ouvir as intenções da mestra e o restante do dia preenchereis com a leitura das santas Escrituras. Em tudo sereis humilde, afável e obediente ao que vos mandar a mestra.

Docilidade da Menina Maria

471. Sempre de joelhos, tudo ouviu a Menina santíssima. Pediu a bênção do sacerdote e da mestra, beijando-lhes as mãos, e propôs em seu coração observar, durante todo o tempo que permanecesse no templo, a ordem de viver que lhe pautaram, caso não mandassem outra coisa.

Como propôs, assim o cumpriu a mestra de santidade e virtude, como se fora a menor das discípulas. Seus afetos e ardentíssimo amor inclinavam-na a fazer muito mais do que lhe ordenaram; sujeitou-se, porém, à determinação do ministro do Senhor, antepondo o sacrifício da santa e perfeita obediência, aos seus fervores e próprio ditame.

Mestra de toda perfeição, conhecia que se garante mais o cumprimento da vontade divina na humilde submissão em obedecer, do que em desejos mais elevados de outras virtudes. Com este raro exemplo ficaremos instruídas, principalmente as religiosas, a não seguir nossos pequeninos fervores e desejos, contra a obediência e vontade dos superiores. Por estes, Deus nos manifesta seu gosto e beneplácito, e em nossos afetos procuramos somente nossos caprichos. Nos superiores é Deus quem age, e em nós - sendo contra eles - age a tentação, a paixão cega, e a ilusão.

Humildade da menina

472. Além do que lhe fora ordenado, nossa Rainha e Senhora mais se distinguiu, em pedir licença à sua mestra para servir a todas as outras meninas, e fazer os trabalhos humildes de varrer, limpar a casa e lavar os pratos. Embora isto parecesse novidade, principalmente nas primogênitas por serem tratadas com maior consideração e respeito, a humildade incomparável da divina Princesa, não podia se conformar em conter-se nos limites da majestade, sem descer a todos os afazeres mais simples. Antecipava-se, com previdente humildade, nos devidos tempos e ocasiões, para os desempenhar antes que todas as outras.

Com ciência infusa, conhecia todos os mistérios e cerimônias do templo, mas como se ignorasse, aprendeu-as pelo estudo e ensaio, sem faltar jamais à cerimônia ou ato, por mínimo que fosse. Era industriosíssima na humilhação e desprezo de si mesma. Todos os dias, pela manhã e à noite, pedia a bênção da mestra, beijando-lhe a mão. Fazia o mesmo, quando lhe ordenava algum ato de humildade ou lhe dava licença para fazê-lo; algumas vezes, se lho permitia, beijava-lhe os pés, com profundíssima humildade.

Suas demais virtudes

473. Era tão dócil a soberana Princesa, tão aprazível e suave no proceder, tão dedicada, submissa e diligente em se humilhar, servir e respeitar às meninas que viviam no templo, que lhes arrebatou o coração. Obedecia a todas, como se cada uma fora sua mestra. Com a inefável e celestial prudência de que era dotada, ordenava suas ações de tal modo, a não perder ocasião alguma de se antecipar às outras, nos trabalhos manuais de humildade, do serviço de suas companheiras e do agrado da vontade divina.

Reflexão da Escritora sobre a humildade de Maria

474. Mas que direi eu, vilíssima criatura, e que diremos todos nós, os fiéis da Igreja Católica, ao escrever e considerar este vivo exemplo de humildade? Parece-nos muita virtude que o inferior obedeça ao superior, o menor ao maior, e temos por grande humildade obedecer a um igual. Que o inferior, porém, mande e o superior obedeça, que a rainha se humilhe à escrava, a santíssima e perfeitíssima criatura a um vermezinho, a Senhora do céu e da terra

a uma pobre mulher, e isto tão de coração e sinceramente, quem não se admira e se confunde em sua desvanecida soberba? Quem, ao olhar neste claro espelho, não vê sua infeliz presunção? Quem poderá imaginar que conheceu a verdadeira humildade, quanto menos que a praticou, quando a considera e contempla em sua própria esfera, Maria Santíssima?

Nós, almas que vivemos sob o voto de obediência, cheguemos a esta luz para conhecer e corrigir nossas desordens, quando a obediência dos superiores, que representam a Deus, se nos antolha pesada e contradiz nosso capricho. Quebre-se aqui nossa dureza, humilhe-se a mais vaidosa, confunda-se em sua vergonhosa soberba. Desapareça a presunção de quem se julga obediente e humilde, só por se haver submetido aos superiores, pois não chegou a se ter por inferior a todas, e igual a nenhuma, como se julgou aquela que ultrapassa a todos.

Alimentação e sono de Maria

475. Incomparáveis eram a formosura, a graça, o donaire e o encanto de nossa Rainha, porque, além de nela estarem, em grau perfeitíssimo, todas as graças e dons naturais de alma e corpo, acompanhava-as o realce da graça sobrenatural e divina. Deste modo, tornava-se, no ser e agir, admirável conjunto de graças e beleza que arrebatava a admiração e o afeto de todos. A divina Providência, porém, moderava as demonstrações destes sentimentos a quantos com Ela conviviam, para não serem arrastados, segundo a medida da força do fervoroso amor que sentiam pela Rainha.

No sono e alimentação, como nas demais virtudes, era perfeitíssima; observava exatamente a temperança, jamais excedia, antes privava-se um tanto do que necessitava. Ainda que seu breve sono não lhe impedisse a altíssima contemplação [4], por sua vontade, tê-lo-ia deixado. Em virtude da obediência, porém, recolhia-se à hora que lhe fora marcada. Em seu pobre e humilde leito, florido (**Ct 1, 16**) de virtudes e guardado pelos serafins e anjos, gozava, fora da visão beatífica, das mais altas inteligência e do amor mais inflamado, do que todos eles juntos poderiam gozar.

A Menina Maria e a Sagrada Escritura

476. Distribuía o tempo com rara discreção, para dar quanto convinha a cada uma de suas ações. Lia muito no Antigo Testamento e, pela ciência infusa, estava de tal modo instruída em todo ele, e em seus profundos mistérios, que nada lhe foi oculto, pois o Altíssimo lhe manifestou todos seus segredos e sacramentos. Conferia-os com seus santos anjos custódios, esclarecendo-se e fazendo-lhes perguntas de incomparável profundidade e subtileza.

Se esta soberana Mestra tivesse escrito quanto entendeu, teríamos outras muitas sagradas escrituras, além da que tem a Igreja, e receberíamos a compreensão perfeita de seus profundos sentidos e mistérios. Desta plenitude de ciência, Ela se valia para o culto, louvor e amor divino, e tudo reduzia a este fim, sem que Nela houvesse raio de luz inútil e estéril.

Era prestíssima no raciocínio, profundíssima no entender, altíssima e nobilíssima em pensamentos, prudentíssima em escolher e dispor, eficacíssima e suavíssima no agir. Em tudo, regra perfeitíssima e prodigioso objeto de admiração para os homens, para os anjos e, de certo modo, para o mesmo Senhor, que a formara inteiramente segundo seu coração e complacência.

4- Como disse outras vezes, nº 353.

DOUTRINA DA SOBERANA SENHORA.

Perigo e ilusão da tibieza

477. Minha filha, a natureza humana é imperfeita e remissa para praticar a virtude, frágil e propensa a desanimar, porque muito inclinada ao descanso e muito avessa ao trabalho. Quando a alma dá ouvidos e contemporiza com as inclinações da parte animal, elas se apossam da alma, tão fortemente, que se fazem superiores às forças da razão e do espírito, e a reduzem a perigosa e vil servidão.

Em qualquer alma, esta desordem da natureza é detestável mas, sem medida, é aborrecida por Deus em seus ministros e religiosos. Com maior obrigação de serem prefeitos, maior prejuízo recebem destes assaltos e oposição das paixões. Da tibieza em resistir e da freqüência em se deixarem derrotar, resulta a lassidão e perversidade de consciência.

Isto os leva a se satisfazerem e a se sentirem seguros, quando praticam algumas leves tentativas de virtude e, ainda imaginam, sem fazer nada de proveito, que estão a transportar um monte de um lugar para outro. Vendo-os neste estado, o demônio lhes oferece outras distrações e tentações, e com o pouco apreço que fazem das leis e práticas comuns da vida religiosa, vêm a faltar em quase todas. Julgando que tudo é de pouca importância, chegam a perder a compreensão da virtude, e a viver em falsa segurança.

Progressivas quedas até o pecado

478. Tu, porém, minha filha, quero que te guardes de tão perigosa ilusão. Lembra que o descuido voluntário prepara caminho de uma imperfeição a outra. Estas levam aos pecados veniais e estes aos mortais. De um abismo a outro, chega-se ao total desprezo e indiferença por qualquer mal. Para prevenir este perigo, deve-se barrar de muito longe a correnteza, porque uma ação e cerimônia que parece pequena é antemuralha que detém longe o inimigo, e os preceitos e leis das obras maiores e obrigatórias são o muro da consciência.

Se o demônio rompe e ganha a primeira defesa, está mais próximo de ganhar a segunda. Se nesta faz alguma brecha de pecado, ainda que não seja gravíssimo, já tem mais fácil e seguro o assalto do reino interior da alma. Debilitada pelos atos e hábitos viciosos, sem a força da graça, não tem fortaleza para resistir. Sem encontrar resistência, dela se assenhoreia o demônio, dominando-a e tiranizando-a.

Exortação à fidelidade

479. Considera, pois, caríssima, que grande deve ser teu desvelo, entre tantos perigos, e quanta tua obrigação de não dormir no meio deles. Lembra-te que és religiosa, esposa de Cristo, prelada, instruída, esclarecida e cumulada de tão singulares benefícios. Por todos estes títulos e outros em que deves meditar, mede teu cuidado, pois por todos deves correspondência e gratidão a teu Senhor.

Trabalha em ser pontual no cumprimento de todas as cerimônias e leis da vida religiosa, e para ti não haja lei, preceito, nem ato de perfeição que seja pequeno. Não desprezes nem esqueças nenhuma, observa todas com rigor, porque aos olhos de Deus tudo é grande e precioso, quando feito para lhe agradar. Não há dúvida que Ele se compraz em ver executado o que manda, e se ofende quando o vê desprezado. Em tudo, considera que tens Esposo a

quem agradar, Deus a quem servir, Pai a quem obedecer, Juiz a quem temer e Mestra a quem imitar e seguir.

Meios para ser fiel

480. Para executares tudo isto, hás de renovar em teu ânimo, a enérgica resolução de não ouvir tuas inclinações, nem consentir na frouxidão remissa de tua natureza. Não omitas, pela dificuldade que sentires, ação ou cerimônia alguma, ainda que seja beijar a terra, como costumas fazer, segundo o costume da vida religiosa. O pouco e o muito pratica-o com amor e constância, e serás agradável aos olhos de meu Filho e aos meus.

Nas obras de super-rogação pede conselho a teu confessor e prelado. Antes, suplica a Deus que lhes dê acerto, e aproxima-te desprendida de toda inclinação e apego particular. O que te ordenarem ouve-o, grava-o em teu coração e executa-o com pontualidade. Se for possível recorrer à obediência e conselho, nunca, por ti mesma, te determines a coisa alguma, por melhor que te pareça, porquanto a vontade de Deus sempre te será manifestada pela santa obediência.



Vista atual da mesquita de Omar, santuário muçulmano construído na vasta esplanada do primitivo Templo destruído pelo Romanos no ano 70 de Jesus Cristo



A Menina Maria no Templo

CAPÍTULO 5

GRAU PERFEITÍSSIMO DAS VIRTUDES DE MARIA SANTÍSSIMA, EM GERAL, E MODO COMO AS PRATICAVA.

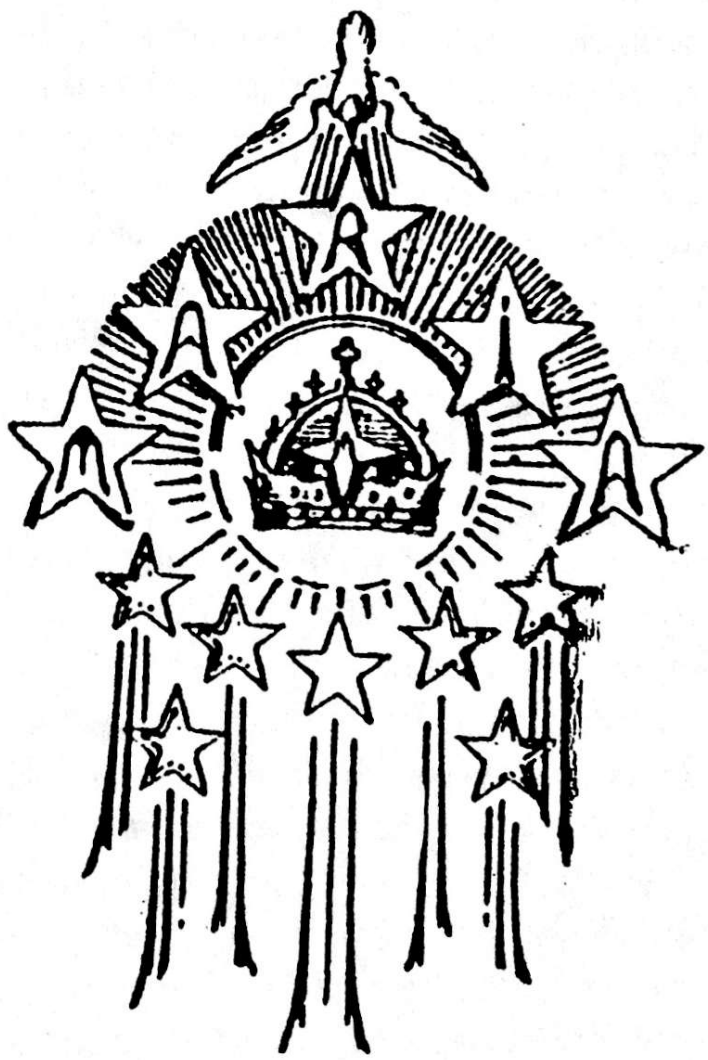
Definição da virtude. Como as possuía Maria Santíssima

481. A virtude é um hábito que adorna e enobrece a faculdade racional da criatura, inclinando-a aos bons atos. Chama-se hábito, por ser uma qualidade permanente, que dificilmente se separa da potência, diferente do ato transitório que não permanece. Inclina as faculdades espirituais para a virtude e facilita-lhes os atos, tornando-os bons, o que por si só não faz a potência, porquanto ela é indiferente, para as obras boas ou más.

Desde o primeiro instante de sua existência, Maria Santíssima foi adornada com os hábitos de todas as virtudes em grau eminentíssimo. Continuamente foram aumentando, com nova graça e com os atos perfeitos com que as exercitava. Cresciam também os altíssimos merecimentos, procedentes dessas mesmas virtudes que o Senhor lhe infundira.

Nossa Senhora não tinha que vencer más inclinações, mas pôde progredir na virtude

482. As potências desta soberana Senhora não eram desordenadas, nem tinham que vencer repugnâncias, como temos todos nós, os demais filhos de Adão, porque não foi atingida nem pela culpa, nem pelo *fomes* que inclina ao mal e se opõe ao bem. Suas ordenadas faculdades, tinham, porém, capacidade para, mediante



os hábitos virtuosos, se inclinarem ao melhor e mais perfeito, ao mais santo e louvável.

Além disto, era criatura passível e pura. Estava sujeita a sentir pena, a inclinar-se ao descanso lícito, a deixar de fazer algumas obras, pelo menos as de superrogação e, sem culpa, poderia sentir alguma propensão a não fazê-las. Para vencer esta natural propensão e apetite, ajudaram-na os perfeitíssimos hábitos das virtudes. Com as inclinações destas, a Rainha do céu cooperou tão varonilmente, que em nenhum ato frustrou ou impediu a força com que a moviam e aperfeiçoavam em todas as ações.

Perfeição de suas virtudes infusas e adquiridas

483. Com esta harmonia e beleza de todos os hábitos virtuosos, achava-se a alma santíssima de Maria tão iluminada, enobrecida e dirigida ao bem e último fim da criatura; tão fácil, pronta, eficaz e alegre em fazer o bem que, se fôra possível penetrar com nossa fraca vista aquele sagrado recesso de seu peito, seria para as criaturas o objeto mais belo, admirável e de maior gozo depois do mesmo Deus.

Tudo estava em Maria Santíssima, como em seu próprio centro e esfera. Suas virtudes possuíam inteira perfeição, sem que se pudesse dizer; falta-lhe isto para ser belo e completo. Além das virtudes que recebeu por modo infuso, teve também as que adquiriu pelo exercício. Nas demais almas, costuma-se dizer que um ato não pode se chamar virtude, por serem necessários muitos repetidos para adquiri-la. Os atos de Maria Santíssima, porém, eram tão eficazes, intensos e perfeitos, que um só deles excedia a todos os das demais criaturas.

De acordo com isto, quais seriam os hábitos que esta divina Senhora adquiriu com suas próprias obras, se seus atos virtuosos foram tão freqüentes e cada qual no mais perfeito grau de eficiência? A finalidade do agir também torna o ato virtuoso - porque deve ser bom e bem-feito - em Maria Senhora nossa, foi Deus o supremo fim de todas as suas obras. Nada fez sem ser movida pela graça, e sem ter em vista a maior glória e beneplácito do Senhor.

A sindérese em Maria Santíssima; como a exercitava

484. Estes dois gêneros de virtudes, infusas e adquiridas, assentam-se sobre outra virtude chamada natural, porque nasce em nós com a mesma natureza racional e denomina-se **sindérese**. É um conhecimento que a luz da razão tem sobre os primeiros fundamentos e princípios da virtude, e a correspondente inclinação da vontade para ela. Por exemplo: saber que deves amar a quem te faz bem; que não deves fazer aos outros o que não queres que te façam, etc.

Na Rainha santíssima, esta virtude natural ou sindérese foi excelentíssima. Dos princípios naturais deduzia, com suma e profunda clareza, as conseqüências de tudo quanto era bom, ainda que estivesse muito remoto, porque raciocinava com incrível vivacidade e retidão. Para estes raciocínios, valia-se da notícia infusa que recebera sobre as criaturas, especialmente as mais nobres e universais: os céus, o sol, a lua, as estrelas e a disposição de todos os orbes e elementos.

Em tudo discorria do princípio ao fim, convidando a todas estas criaturas que louvassem a seu Criador. Pedia-lhes que atraíssem o homem dando-lhe, o quan-

to possível, o conhecimento de Deus que por elas podia receber, e não o detivessem de chegar ao Criador e Autor de tudo.

As virtudes teologais e morais em Maria

485. As virtudes infusas são de duas ordens ou classes: na primeira ordem entram somente as que têm Deus por objeto imediato. Por isto chamam-se teologais: são a fé, a esperança e a caridade.

Na segunda ordem estão todas as outras virtudes que têm por objeto próximo algum meio ou bem honesto que conduz a alma ao último fim, a saber, o mesmo Deus. Estas chamam-se virtudes morais, porque pertencem aos costumes. Ainda que sejam muitas, ligam-se a quatro centrais, que por isto se denominam cardeais: são a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

Sobre todas estas virtudes e suas espécies falarei adiante, o que puder, declarando como todas, em geral e em particular, encontravam-se nas potências da soberana Rainha.

Agora advirto em geral, que nenhuma lhe faltou em grau perfeitíssimo e, com elas, todos os dons do Espírito Santo, seus frutos e bem-aventuranças. Nenhum gênero de graça e favor necessário para a belíssima perfeição de sua alma e potências deixou Deus de lhe infundir, desde o primeiro instante de sua conceição, tanto na vontade como no entendimento, onde possuiu os hábitos e espécies das ciências.

Para dizê-lo de uma vez, tudo o que de bom lhe pôde dar o Altíssimo, como à Mãe de seu Filho, sendo Ela pura criatura, tudo lhe foi dado em supremo grau. A isto, acrescentou-se ainda o crescimento de todas suas virtudes: as infusas, porque as aumentava com seus merecimentos, e as adquiridas, porque as concebeu e adquiriu com os intensíssimos e meritórios atos que praticava.

DOUTRINA DA MÃE DE DEUS E VIRGEM SANTÍSSIMA.

Dons conferidos por Deus às criaturas

486. Minha filha, a todos os mortais, sem exceção, o Altíssimo comunica a luz das virtudes naturais. Aos que com elas e o auxílio divino se dispõem, lhes concede as infusas, ao justificá-los pelo batismo. Autor da natureza e da graça, distribui estes dons, mais ou menos, segundo sua equidade e beneplácito. No batismo infunde as virtudes da fé, esperança e caridade, seguidas de outras para que, colaborando com elas, a criatura pratique o bem.

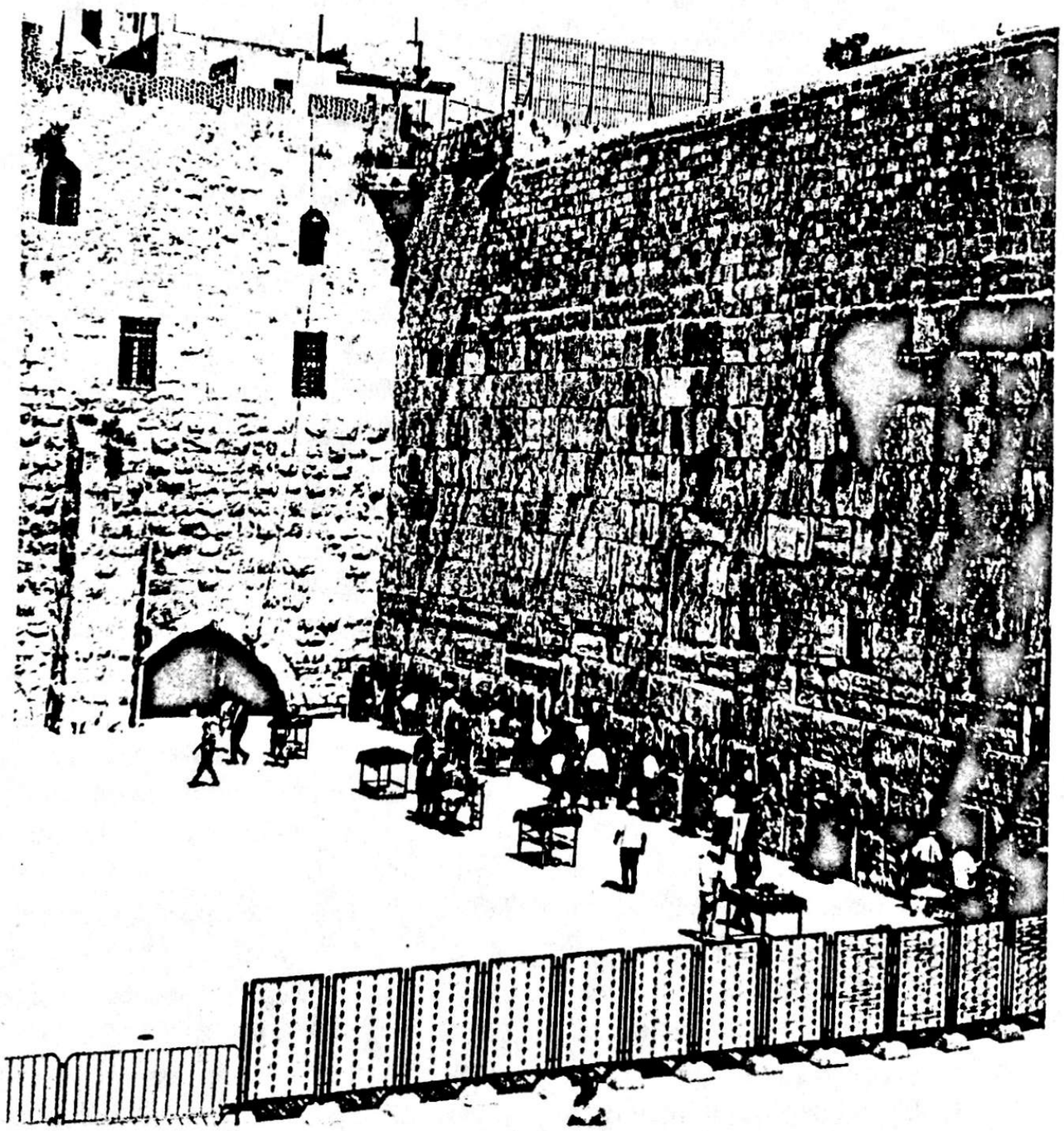
Deste modo, não só conservará os dons recebidos em virtude do sacramento, mas ainda adquirirá outros com suas próprias obras e merecimentos. Esta seria a suma felicidade dos homens, se correspondessem ao amor que seu Criador e Redentor lhes manifesta. Aformoseia suas almas e facilita-lhes, com os hábitos infusos, o virtuoso exercício da vontade. A falta de correspondência, porém, a tão inestimável benefício, torna-os extremamente infelizes, pois esta deslealdade constitui a primeira e maior vitória do demônio sobre eles.

Felicidade e recompensa da virtude

487. Quanto a ti, quero que exercites, com incessante diligência, as virtudes naturais e sobrenaturais. Isto te levará a adquirir os hábitos de outras virtudes que podes conquistar, mediante freqüentes atos daqueles que, graciosa e liberalmente, Deus te comunicou. Os

dons infusos, unidos aos que a alma adquire, formam um conjunto de admirável beleza, e adorno de sumo agrado aos olhos do Altíssimo.

Advirto-te, caríssima, que tendo sido teu Senhor, em tais benefícios, tão liberal para com tua alma, e tendo-a enriquecido com as ricas jóias de sua graça, se fores ingrata, tua culpa e responsabilidade serão maiores do que a de muitas gerações. Pondera a nobreza das virtudes, o quanto ilustram e embelezam a alma. Se não tivessem outra utilidade, e se não lhes seguisse outra recompensa, somente o possuí-las seria grande prêmio, em vista de sua própria excelência. O que engrandece, entretanto, as virtudes é terem por fim último o próprio Deus, a quem conduzem pela perfeição e verdade que encerram. Alcançando o tão alto prêmio da posse de Deus, fazem a criatura feliz e bem-aventurada.



- Muro do pranto -

Pedaço que restou da muralha do Templo destruído. Judeus piedosos vêm aí rezar, como diante de relíquias sagradas.

CAPÍTULO 6

A VIRTUDE E O EXERCÍCIO DA FÉ EM MARIA SANTÍSSIMA.

Fundamento e medida desta virtude em Maria

488. Em breves palavras resumiu Santa Isabel - como refere o evangelista S. Lucas, 1, 45 - a grandeza da fé em Maria Santíssima, quando lhe disse: - *Bem-aventurada és porque creste, e por isto cumprir-se-ão em ti as palavras e promessas do Senhor.* Pela felicidade e bem-aventurança desta grande Senhora, e por sua inefável dignidade, deve ser medida sua fé. Foi tal e tão excelente que, por haver crido, chegou à maior grandeza, depois do próprio Deus. Acreditou no maior dos sacramentos e mistérios que nela seria realizado.

Tal foi a prudência e a ciência divina de Maria, senhora nossa, para dar crédito à esta verdade, tão nova e nunca vista, que transcendeu todo o humano e angélico entendimento. Somente na sabedoria divina pôde ser forjada a sua fé, como em oficina do imenso poder do Altíssimo, onde todas as virtudes desta Rainha foram fabricadas pelo braço de Sua Alteza.

Sinto-me sempre tolhida e embaraçada para falar destas virtudes, principalmente das interiores. Enquanto a inteligência e luz que delas me são dadas são muito vastas, extremamente limitados são os termos humanos, para expressar os conceitos e atos de fé, concebidos no entendimento e espírito da mais fiel de todas as criaturas. Direi o que puder, reconhecendo minha incapacidade, para satisfazer meu desejo e ainda mais o assunto.

Grandeza da fé em Nossa Senhora. O que é a fé?

489. A fé da Virgem Santíssima foi assombro para toda natureza criada, e ostensivo prodígio do poder divino. Nela encontrou-se esta virtude no supremo e perfeitíssimo grau que pôde atingir, e de certo modo, satisfez a Deus pela falta e mediocridade da fé em todos os demais homens.

Aos mortais viadores concedeu o Altíssimo esta virtude para, sem impedimento da carne mortal, receberem conhecimento da divindade, de seus mistérios e obras admiráveis. Conhecimento

com verdade tão certa, infalível e segura, como se O vissem face a face, assim como O vêem os anjos e os bem-aventurados. O mesmo objeto e a mesma verdade que eles possuem claramente, nós cremos sob o véu e obscuridade da fé.

Valor da fé: quão pouco é apreciada. Maria compensou esta falha das criaturas

490. Este inestimável benefício, mal conhecido e menos agradecido pelos mortais, bem faz entender - olhando-se para a terra - quantas nações, reinos e províncias o têm desmerecido, desde o princípio do mundo. Quantas, infelizmente, rejeitaram a fé, quando o Senhor, com liberal misericórdia, lha havia concedido. Quantos fiéis, recebendo-a sem merecer, a inutilizam e a possuem como farsa, ociosa, sem proveito, nem utilidade para com ela se encaminhar ao último fim, onde os devia dirigir e guiar.

Convinha, pois, à divina equidade, que este lamentável prejuízo tivesse alguma compensação; que tão incomparável benefício recebesse adequada e proporcionada correspondência, quanto fosse possível às criaturas. E, que entre estas, se encontrasse alguma, na qual esta virtude alcançasse grau perfeitíssimo, para ser modelo e medida para todos os mais.

Maria, modelo e mestra de fé para os mortais

491. Tudo isto se achou na fé da Virgem Santíssima. Somente por Ela, e para Ela, - ainda que esta Senhora fosse a única criatura do mundo - seria muitíssimo conveniente que Deus criasse esta excelente virtude da fé. Somente Maria Santíssima satisfez à divina Providência, para que, a nosso modo de entender, a formação desta virtude não ficasse frustrada pela falta de correspondência dos mortais. Esta falha foi preenchida pela fé da soberana Rainha, realizando em si, com suma e possível perfeição, a divina idéia desta virtude.

Todos os demais crentes podem se regular e medir pela fé desta Senhora, e serão mais ou menos fiéis, quanto mais ou menos se ajustarem à perfeição de sua incomparável fé. Para isto foi escolhida e eleita mestra e modelo de todos os crentes, inclusive dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, e de todos quantos, como eles, creram ou crerão os artigos da fé cristã, até o fim do mundo.

Fé e visão em Maria

492. Alguém poderia objetar que não se adequava na Rainha do céu o exercício da fé, suposto haver muitas vezes recebido a clara visão da divindade e, outras muitas, a visão abstrativa, o que também dá a evidência do que o entendimento conhece, como disse acima [5], e adiante tornarei a repetir.

A dúvida procederá de que a fé é a substância das coisas que esperamos e argumentos das que não vemos, como diz o Apóstolo (**Hb 11, 1**). Quer dizer que, das coisas que esperamos na futura vida e bem-aventurança, não temos outra presença, nem substância ou essência, enquanto somos viadores, senão aquela que a fé contém em seu objeto, crido obscuramente como por um espelho.

Mas, a força deste hábito infuso que inclina a crer o que não vemos, e a certeza infalível do que é crido, produzem para o entendimento argumento eficaz e infalível, e leva a vontade a crer, segura e sem temor, o que deseja e espera.

5- n°s 229, 237.

Conforme a esta doutrina, se a Virgem Santíssima, nesta vida, chegou a ver e possuir a Deus - o que é o mesmo - sem o véu da fé obscura, parece que não lhe ficaria obscuridade para crer mediante a fé, o que havia visto claramente face a face. Mais ainda, sabendo-se que em seu entendimento permaneciam as espécies recebidas na visão, clara ou evidente, da divindade.

Concordância entre fé e visão, na alma de Maria Santíssima

493. Esta dúvida não derroga a fé em Maria Santíssima, antes a eleva e engrandece. Desejou o Senhor que sua Mãe fosse tão admirável no privilégio desta virtude da fé - como também na esperança - que transcendesse a qualquer ordem comum dos outros viadores. Quis que seu excelente entendimento, para vir a ser mestra e artífice destas grandes virtudes, fosse ilustrado, umas vezes por atos perfeitíssimos de fé e esperança, e outras vezes com a visão ou posse, ainda que de passagem, do fim e objeto que acreditava e esperava.

Em sua origem, conheceria e saborearia as verdades que, como mestra dos crentes, teria que ensinar a crer pela virtude da fé. Unir ambas as coisas na alma santíssima de Maria era fácil ao poder de Deus. Além disso, era como devido à sua Mãe puríssima, a quem nenhum privilégio, por grande que fosse excedia, nem poderia faltar.

Quando exercitava a fé obscura

494. Verdade é que, com a clareza do objeto conhecido, não se coaduna a obscuridade da fé, mediante a qual cremos o que não vemos, nem a posse pode coexistir com a esperança. Quando Maria Santíssima gozava destas evidentes visões, ou quando usava das espécies que, com evidência, ainda que abstrativa, lhe manifestavam os objetos, também não exercitava os atos obscuros da fé, nem usava deste hábito, mas apenas o da ciência infusa.

Mas, nem por isto lhe permaneciam ociosos os hábitos das virtudes teologais da fé e esperança. Para Maria Santíssima exercitá-los, o Senhor suspendia o concurso, ou detinha o uso das espécies claras e evidentes, com que cessava a ciência atual, deixando operar a fé obscura. Neste perfeitíssimo estado, permanecia em certos tempos a soberana Rainha, ocultando-lhe o Senhor as notícias claras, como sucedeu no altíssimo mistério da Encarnação do Verbo, conforme direi em seu lugar [6].

Sua fé no mistério da Encarnação

495. Não convinha que à Mãe de Deus faltasse a recompensa destas virtudes infusas da fé e esperança. Para consegui-la tinha que merecê-la, e para merecê-la devia exercitar os atos proporcionados à recompensa. Como esta foi incomparável, assim o foram os atos de fé que praticou esta grande Senhora, em todas e em cada uma das verdades católicas. Conheceu e creu a todas, explicitamente, com altíssima e perfeitíssima crença de viadora.

É certo que, quando o entendimento possui a evidência do que conhece não aguarda para crer o consentimento da vontade. Antes que ela lho mande, é compelido pela mesma clareza a dar firme assentimento. Tal ato de crer o que não pode negar, não é meritório.

6- II parte, nº 199, 133.

Quando, porém, Maria Santíssima anuiu à embaixada do Arcanjo, foi digna de incomparável prêmio, porque o mereceu, na aceitação de tal mistério. O mesmo sucedeu em outros que acreditou. Em tais ocasiões, o Altíssimo dispunha que usasse da fé infusa, e não da ciência, ainda que com esta também teria mérito, pelo amor com que a exercitava, como em diferentes passagens eu disse [7].

A fé que Maria exercitou na perda do Menino Jesus e na Paixão

496. Tampouco foi-lhe dado o uso da ciência infusa, quando perdeu o Menino, ao menos para saber onde ele se encontrava, assim como conhecia outras coisas mediante aquela luz. Nestas ocorrências, também não gozava das espécies claras da divindade, como aconteceu ao pé da cruz, quando o Senhor suspendeu na alma santíssima de sua Mãe, a visão e as operações que lhe impediriam a dor. Então convinha que sofresse somente com fé e esperança.

Tal não aconteceria, se gozasse de qualquer visão ou notícia, ainda que fosse abstrativa, da divindade, porque este gozo naturalmente impediria a dor, se Deus não fizesse novo milagre, para pena e gozo subsistirem juntos. Não convinha tal milagre, pois irmanavam-se bem, na Rainha do céu, o mérito e imitação de seu Filho Santíssimo pelo padecer, com as graças e excelências de Mãe.

Por isto, procurou o Menino com aflição (**Lc 2, 48**) conforme Ela o disse, na fé viva e esperança. Praticou-as também na paixão e ressurreição de seu único e amado Filho. Nesta ocasião, foi Ela a única depositária da fé da igreja, ficando essa virtude concentrada toda em sua Mestra e Fundadora.

A continuidade de sua fé

497. Três qualidades, ou excelências particulares, podem ser consideradas na fé em Maria Santíssima: a continuidade, a intensidade e a inteligência com que acreditava.

A continuidade era interrompida somente quando, com claridade intuitiva ou evidencia abstrativa, via a divindade, como já disse. Para discriminar os atos interiores do conhecimento de Deus que tinha a Rainha do céu, ainda que somente o Senhor que os concedia pôde saber quando e em que tempos sua Mãe santíssima exercitava uns e outros atos, não resta dúvida que seu entendimento jamais esteve ocioso, e nunca perdeu a Deus de vista sequer um instante, desde o primeiro de sua conceição. Se a fé se suspendia, era porque gozava da divindade por clara visão ou por altíssima ciência infusa. Se o Senhor lhe ocultava este conhecimento, operava a fé.

A sucessão e diversidade destes atos formavam harmoniosíssima melodia na mente de Maria Santíssima, para cuja consideração o Altíssimo convidava os espíritos angélicos, conforme disse nos Cânticos (**cap. 8, 13**): *Tu, que habitas nos jardins, nossos amigos estão atentos; faze-me ouvir a tua voz.*

Sua intensidade

498. A eficácia ou intensidade da fé desta soberana Princesa, excedeu a de todos os apóstolos, profetas e santos juntos, e atingiu ao supremo que pôde caber em pura criatura. Não somente ultrapassou todos os crentes, mas teve a fé que faltou a todos os infiéis que não têm crido, e com sua fé todos poderiam ter sido iluminados.

7- nº 231, 380, 383.

Foi sua fé, de tal modo firme e constante, como se viu no tempo da paixão, quando os Apóstolos duvidaram. Se fossem reunidas todas as tentações, enganos, erros e falsidades do mundo, não poderiam fazer oposição, nem abalar a invencível fé da Rainha dos fiéis. A Fundadora e Mestra da Fé a todos venceria, e de todos sairia triunfante.

Sua inteligência

499. A clareza ou inteligência com que acreditava, explicitamente, em todas as verdades divinas, não se pode explicar por palavras, sem com elas obscurecê-la. Sabia Maria puríssima tudo quanto acreditava, e acreditava em tudo quanto sabia, porque a ciência infusa teológica da credibilidade dos mistérios da fé, e sua inteligência, estiveram nesta sapientíssima Virgem e Mãe no mais alto grau possível em pura criatura.

Possuía, em ato, esta ciência e memória de anjo, sem esquecer o que uma vez aprendia. Sempre usava desta potência e dom para crer profundamente, salvo quando, por divina disposição, Deus ordenava que por outros atos lhe fosse substituída a fé, conforme acima disse [8].

Fora do estado de compreensora possuía, no de viadora, a mais alta e imediata inteligência, na esfera da fé, para crer e conhecer a Deus com a notícia clara da divindade. Com isto, seu estado transcendia ao de todos os viadores, constituindo Ela somente um singular gênero de viadora, ao qual ninguém pôde chegar.

Os méritos de sua fé e seu poder para conceder essa virtude

500. Ao praticar os atos de fé e esperança no estado mais inferior e ordinário, excedia a todos os santos e anjos; amando mais que eles, os sobrepujou nos merecimentos. Qual seria então sua atividade, merecimento e amor, quando era elevada pelo poder divino a outros benefícios, e estado mais sublime da visão beatífica, ou claro conhecimento da divindade? Se, ao entendimento angélico faltaria capacidade para entendê-lo e penetrá-lo, como terá palavras para o explicar uma criatura terrena? Ao menos, quisera eu que os mortais conhecessem o valor e preço desta virtude da fé, considerando-a neste divino modelo, onde ela chegou ao ápice de sua perfeição, e adequadamente preencheu o fim para o qual foi formada.

Cheguem os infiéis, hereges, pagãos, idólatras, à mestra da fé, Maria Santíssima, para serem iluminados em seus enganos e tenebrosos erros, e encontrarão seguro caminho para atinar com o fim último para o qual foram criados.

Cheguem também os católicos e conheçam o copioso prêmio desta excelente virtude e peçam, como os Apóstolos ao Senhor, que lhes aumente a fé (**Lc 17, 5**). Não para igualar a de Maria Santíssima, mas para imitá-la e segui-la, pois a sua fé nos instrui e dá esperança de conseguirmos tal graça, mediante seus altíssimos merecimentos.

A fé do pai de todos os crentes, Abraão

501. São Paulo chamou o patriarca Abraão pai de todos os crentes (**Rm 4, 11**), por haver sido o primeiro a receber as promessas do Messias, e por ter crido em tudo quanto Deus lhe prometeu, esperando contra toda esperança (**Rm 4, 18**).

Quis assim declarar quão excelente se mostrou a fé do Patriarca, pois acreditou nas promessas do Senhor quan-

8- nº 494, 467.

do, humana e naturalmente, delas nada podia esperar. Creu que sua mulher Sara, estéril, lhe daria um filho; creu ainda que depois deste filho ser oferecido em sacrifício, segundo lhe era ordenado, lhe ficaria inumerável descendência (**Gn 15, 5**), conforme lhe prometia o mesmo Senhor.

Tudo isto, que naturalmente era impossível, creu Abraão que Deus realizaria pelo seu poder sobrenatural. Por esta fé, mereceu ser chamado pai de todos os crentes e receber a circuncisão, sinal dessa fé, pela qual havia sido justificado.

Maria, mãe de todos os crentes

502. Nossa preexcelsa senhora Maria, entretanto, tem maiores títulos que Abraão para ser chamada Mãe da fé e de todos os crentes. Em sua mão está arvorado o estandarte e vexilo da fé para todos os crentes da lei da graça. O patriarca foi o primeiro, na ordem do tempo, destinado para pai e cabeça do povo hebreu. Grande e excelente foi sua fé no Cristo, nosso Senhor prometido, e nas palavras do Altíssimo.

Todavia, em todas estas obras, foi a fé da Virgem Santíssima, sem comparação mais admirável e assim, primeira em dignidade. Maior dificuldade e até impossibilidade do que uma anciã estéril, era uma virgem conceber, dar à luz.

Não estava o patriarca Abraão tão certo de que se executaria o sacrifício de Isaac, como estava Maria Santíssima de que, efetivamente, seria sacrificado seu Filho Santíssimo. Foi Ela quem creu e esperou em todos os mistérios, ensinando a toda a igreja como deveria crer no Altíssimo e nas obras da Redenção. Assim, conhecida a fé da nossa Rainha Maria, não resta dúvida, ser Ela a Mãe dos crentes, e modelo da fé e esperança católica.

Para concluir este capítulo, digo que Cristo nosso Redentor e Mestre, sendo compreensor e gozando sua alma santíssima da suma glória e visão beatífica, não tinha fé, não podia praticá-la, nem ser mestre desta virtude. O que não pôde fazer o Senhor, por si mesmo, quis fazê-lo por sua Mãe Santíssima, constituindo-a fundadora, mãe e exemplar da fé, da sua Igreja evangélica. No dia do juízo universal, será esta soberana Senhora e Rainha, juiz que assistirá, particularmente, com seu Filho Santíssimo, no julgamento dos que não têm crido, apesar de terem no mundo visto o seu exemplo.

DOUTRINA DA MÃE DE DEUS E SENHORA NOSSA.

Benefício da fé

503. Minha filha, o inestimável tesouro da virtude da fé divina, não é descoberto pelos mortais de olhar carnal e terreno. Não sabem dar a estimação e o apreço merecido por este dom e benefício de incomparável valor.

Considera, caríssima, qual era o estado do mundo sem a fé, e qual seria o de hoje, se meu Filho não a conservasse! Quantos homens que o mundo tem celebrizado por grandes, poderosos e sábios, precipitaram-se, por lhes faltar a luz da fé, em abomináveis pecados, e das trevas da infidelidade, para as eternas trevas do inferno! Quantos reinos e países cegaram-se, e hoje arrastam após si outros mais cegos, até caírem todos no fosso das penas eternas! A estes seguem os maus fiéis e crentes que têm recebido esta graça e benefício da fé, mas vivem como se não a tivessem.

Valor da fé

504. Não te esqueças, minha amiga, de agradecer esta preciosa pérola. Recebeste-a do Senhor, como penhor e vínculo do desposório que contigo celebrou, trazendo-te ao tálamo de sua santa Igreja, para depois te levar ao de sua visão beatífica. Exercita sempre esta virtude da fé, pois ela te aproxima do fim último para o qual caminhas, e do objeto que desejas e amas. Ela ensina o caminho certo da eterna felicidade, ilumina as trevas da existência mortal dos viadores, e os conduz seguros à posse de sua pátria, para onde deveriam caminhar, se não estivessem mortos pela descrença e pecados. Ela desperta as demais virtudes, serve de alimento ao justo e o sustenta em seus trabalhos. Ela confunde e atemoriza os infiéis e os crentes tíbios e negligentes no agir, porque lhes recorda nesta vida os pecados, e o castigo que os espera na outra.

A fé é poderosa para tudo, pois a quem crê nada é impossível (**Mc 9, 22**) mas tudo pode e consegue. Esta virtude ilumina e enobrece o entendimento humano, orientando-o para não errar nas trevas de sua natural ignorância. Com ela, a inteligência ultrapassa a si mesma, para ver e entender, com infalível certeza, o que não alcançaria com suas próprias forças.

Chega a crer, com tanta certeza, como se o visse com evidência. Ela liberta o entendimento da grosseria que leva o homem a crer apenas naquilo que com sua limitação alcança. Enquanto a alma vive no cárcere do corpo corruptível, muito pequeno e limitado é seu alcance, por estar o entendimento sujeito ao grosseiro uso dos sentidos. Estima, pois, minha filha, esta preciosa pérola da fé católica que Deus te concedeu, conserva-a e faz uso dela com apreço e reverência.





Nascentes do rio Jordão, Palestina

CAPÍTULO 7

A VIRTUDE DA ESPERANÇA NA VIRGEM, SENHORA NOSSA, E COMO A PRATICOU.

Definição da esperança

505. À virtude da esperança segue a fé, sendo esta ordenada para aquela. O Deus altíssimo infunde a luz da fé divina para, sem tardança, chegarmos ao conhecimento infalível da divindade, de seus mistérios e promessas. Ao conhecê-lo por nosso último fim e felicidade, e sabendo também os meios para a Ele chegar, podemos nos elevar em veemente desejo de o possuir. Este desejo, seguido pelo esforço de alcançar o sumo bem, chama-se esperança, cujo hábito é infundido pelo batismo em nossa vontade, que também se denomina apetite racional.

À esperança cabe apetecer a eterna felicidade, como a seu maior bem e interesse e também esforçar-se, com a divina graça, para consegui-la, vencendo as dificuldades que nesta conquista se apresentam.

Esperança e presunção

506. A excelência da virtude da esperança mede-se pelo seu objeto que é Deus, último e sumo bem nosso. Ainda que não o veja, e procure como ausente, sabe que é possível e adquirível, graças aos merecimentos de Cristo e das obras de quem espera.

Os atos e operações desta virtude, regula-os a luz da fé divina, e da particular prudência com que aplicamos a nós mesmos as promessas infalíveis do Senhor. Com esta regra, a esperança infusa mantém-se no razoável meio termo, entre os extremos viciosos do desespero e da presunção.

Deste modo, o homem não se presumirá, vãmente, de alcançar a glória eterna com suas próprias forças, ou sem praticar as obras para merecê-la. Tampouco, fazendo-as, não tema nem desconfie que a alcançará, conforme o Senhor promete e assegura.

Esta certeza, geral e comum a todos, ensinada pela fé, aplica-se ao homem que espera com prudência e com o reto juízo que faz de si mesmo, para nem desanimar nem desesperar.

Esperança e desespero

507. Daqui se entende que a

desesperação pode proceder de não se acreditar no que a fé promete, ou caso se acredite, de não aplicar a si mesmo a certeza das promessas divinas, julgando erradamente que não as pode conseguir.

Entre estes dois perigos, a esperança se mantém segura: supõe e acredita que Deus não negará a mim o que prometeu a todos; que a promessa não foi absoluta, mas sob a condição que, de minha parte, trabalhe e procure merecê-la, quanto me for possível com o auxílio de sua divina graça.

Deus fez o homem com capacidade para sua visão e glória eterna. Não era conveniente que chegasse a tanta felicidade fazendo mau uso, pelo pecado, das potências com que as haveria de gozar, mas sim usando delas de acordo com o fim para o qual se destinam. Isto é realizado pela prática das virtudes, com as quais o homem se dispõe para chegar ao gozo do sumo Bem, buscando-o desde esta vida pelo conhecimento de Deus e seu amor.

A esperança de Maria Santíssima

508. Esta virtude alcançou em Maria Santíssima o sumo grau de perfeição possível em si, em seus efeitos, circunstâncias e condições, porque o esforço e desejo de conseguir o fim último da visão e fruição divina, tiveram Nela maiores causas que em todas as demais criaturas.

Além disso, esta fidelíssima e prudentíssima Senhora não criava óbices aos seus efeitos, antes os produzia com a suma perfeição possível em pura criatura. Tendo Sua Alteza o maior grau de fé infusa nas promessas do Senhor, correspondia-lhe proporcionalmente a maior esperança. Além da fé, recebeu a visão beatífica na qual, por experiência, conheceu a infinita verdade e fidelidade do Altíssimo.

Ainda que não usasse da esperança quando gozava da visão e posse da divindade, depois que voltava ao estado ordinário, a memória do sumo bem que gozara, a impelia esperá-lo e desejá-lo, quando ausente, com maior força e anseio. Este desejo constituía um gênero de nova e singular esperança na Rainha das virtudes.

Causas da grandeza da fé e esperança de Nossa Senhora

509. A esperança de Maria Santíssima teve ainda outra causa, para ser superior a de todos os fiéis juntos: o prêmio e glória - principal objeto da esperança - desta soberana Rainha foram superiores a toda a glória dos anjos e santos; tendo o Altíssimo lhe dado o conhecimento de tanta glória, concebeu a suma esperança e afeto para desejá-la.

Para que chegasse ao supremo grau desta virtude, e tivesse esperança à altura de tudo o que o poderoso braço de Deus queria nela operar, foi preparada com a luz da suprema fé, com os hábitos, auxílios, dons proporcionados, e especial influxo do Espírito Santo.

O mesmo que dissemos de sua esperança, em relação ao objeto principal desta virtude, há de se entender dos outros objetos chamados secundários, porque os benefícios, dons e mistérios que se operaram na Rainha do céu foram tão grandes que mais não pôde lhe conceder o poderoso braço do Onipotente Deus.

Já que esta grande Senhora os havia de receber, mediante a fé e esperança nas promessas divinas, devia proporcionar-se a estas virtudes para recebê-los. Por esta razão era necessário que sua fé e esperança fossem as mais intensas e possíveis em pura criatura.

Só por amor de Maria, Deus teria criado a esperança

510. Conforme se disse na virtude da fé (**nº 499**), possuiu a Rainha do céu conhecimento e fé explícita de todas as virtudes reveladas e de todos os mistérios e obras do Altíssimo. Se aos atos de fé correspondiam os da esperança, quem poderia entender, fora do mesmo Senhor, quantos e quais seriam os atos de esperança que fez esta Senhora das virtudes?

Conheceu todos os mistérios de sua própria glória e felicidade eterna e os que, para Ela e para o resto da Igreja evangélica, seriam operados mediante os méritos de seu Filho Santíssimo. Somente por Maria, sua Mãe, Deus teria criado esta virtude e a daria, como a deu, a todo gênero humano, como já dissemos da virtude da fé [9]

Maria, Mãe da esperança

511. Por esta razão, o Espírito Santo a chamou *Mãe do amor formoso e da santa esperança* (**Eclo 24, 24**). Como o dar carne ao Verbo Divino a tornou Mãe de Cristo, assim o Espírito Santo a fez Mãe da esperança porque, por sua especial graça e influência, Ela concebeu e fez nascer esta virtude para os fiéis da Igreja.

Ser Mãe da santa esperança foi como conseqüente e anexo a ser Mãe de Jesus Cristo, nosso Senhor, pois conheceu que em seu Filho nos era dada toda nossa segura esperança. Por estas concepções e partos, adquiriu a Rainha santíssima certo gênero de domínio e autoridade sobre a graça e as promessas do Altíssimo, as quais seriam cumpridas pela morte de Cristo, nosso Redentor, filho de Maria.

Tudo nos deu esta Senhora, quando, mediante sua livre vontade, concebeu e deu à luz o Verbo humanado e, com Ele, todas nossas esperanças. Aqui se cumpriu exatamente aquilo que lhe disse o Esposo: tuas emissões são paraíso (**Ct 4, 13**), porque tudo quanto saiu desta Mãe da graça foi para nós felicidade, paraíso e esperança certa de o conseguir.

Maria, Mãe da Igreja

512. Em Jesus Cristo, tinha a Igreja verdadeiro e celestial pai que a engendrou e fundou, com seus merecimentos e trabalhos, a enriqueceu de graças, exemplos e doutrinas, como era conseqüente à propriedade de Pai e autor desta admirável obra.



Mas pareceu que convinha à perfeição da Igreja, dispor também de amorosa e terna mãe que, com carinho, suavidade, maternal afeto e intercessão, criasse a seu seio *os filhos pequeninos* (**1Cor 3, 2**), e

9- nº 491.

com delicada alimentação os sustentasse quando, por sua pequenez, não pudessem tolerar o pão dos fortes e robustos.

Esta mãe doce foi Maria Santíssima que, desde o nascimento da primitiva Igreja, aos ternos filhos da lei da graça, começou como piedosa mãe a lhes proporcionar o suave leite da luz e doutrina. Até o fim do mundo continuará este ofício, com os novos filhos que cada dia Cristo nosso Senhor gera pelos méritos de seu sangue e pelos rogos da Mãe de misericórdia.

Por Ela nascem, por Ela são criados e alimentados. Ela é a doce Mãe, vida e esperança nossa. É o modelo de nossa esperança, o exemplo para imitarmos, e por sua intercessão e auxílio, conseguirmos a eterna felicidade, que seu Filho Santíssimo nos mereceu.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

Efeitos da esperança

513. Minha filha, pelas virtudes da fé e esperança, semelhantes a duas asas infatigáveis, meu espírito se elevava ao interminável e sumo bem, até descansar na união de seu íntimo e perfeito amor. Enquanto este benefício não era contínuo para o estado de viadora, o era o exercício da fé e esperança. Independentes da visão e posse, logo as encontrava em minha mente e não interrompia mais seus atos.

Os efeitos que em mim produziam, o afeto, esforços e desejo que comunicavam ao meu espírito, para chegar à eterna posse da fruição divina, o entendimento humano, com sua limitação, não pode entender adequadamente. Conhecê-lo-á em Deus, para seu eterno louvor, quem merecer gozar de sua visão no céu.

Imitação da esperança de N. Senhora

514. Tu, caríssima, já que tanta luz recebeste sobre a excelência desta virtude e dos atos que eu praticava, trabalha por me imitar continuamente, segundo as forças que te der a divina graça. Relembra e medita sempre nas promessas do Altíssimo. Pela certeza de sua verdade, que a fé te confere, eleva teu coração com ardente desejo, anelando consegui-las.

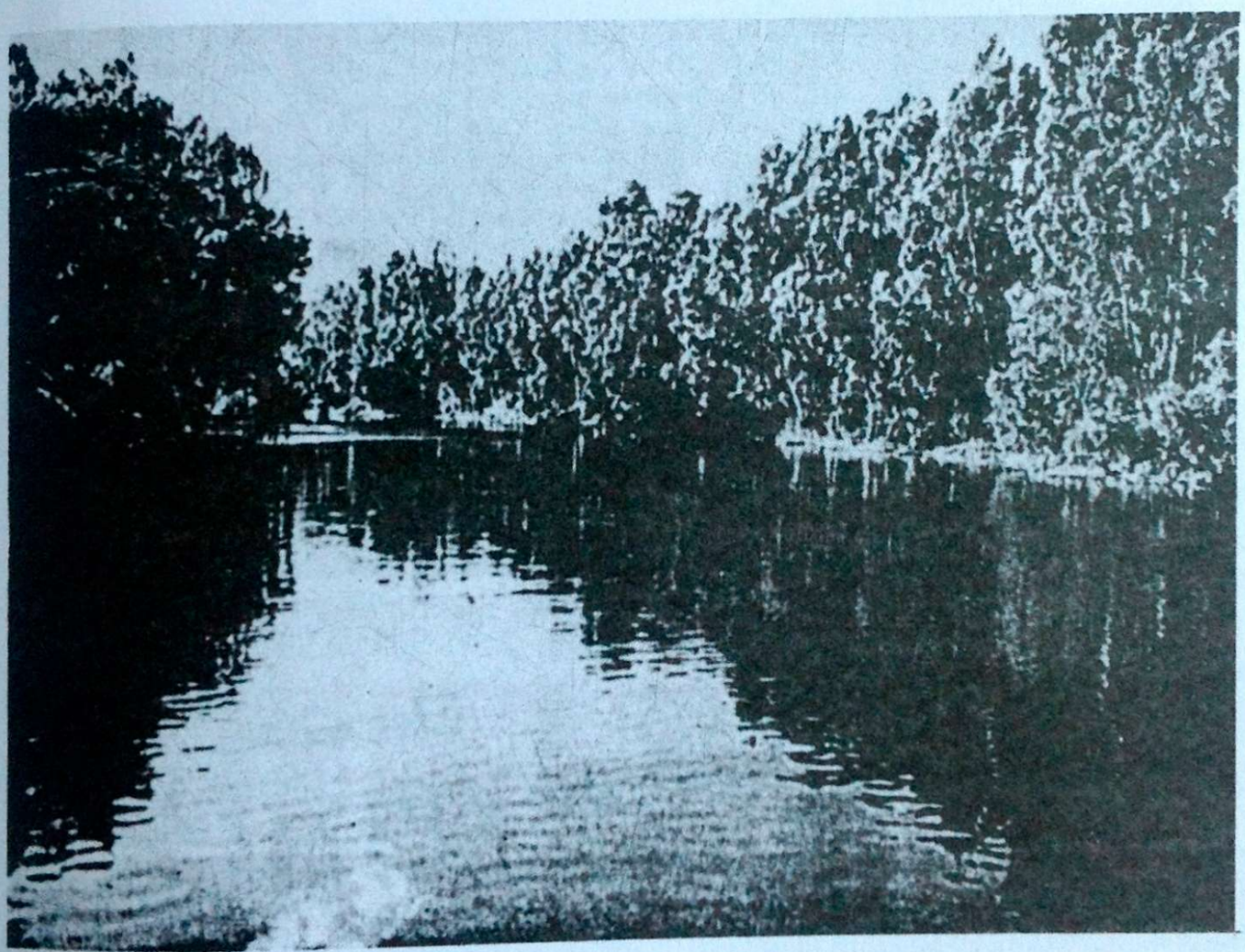
Com esta firme esperança podes confiar que, pelos méritos de meu Filho Santíssimo, chegarás a ser moradora da celestial pátria, e companheira dos que nela, com imortal glória, contemplam a face do Altíssimo. Se, auxiliada por esta virtude, elevares teu coração acima da terra e fixares tua mente no bem imutável que aspiras, todo o visível te será pesado e molesto. Julga-lo-ás vil e desprezível, e nada poderás apetecer fora daquele amabilíssimo e deleitável objeto de teus desejos. Em minha alma este ardor da esperança foi fruto da fé e da experiência. Nenhuma língua, nem palavra, podem explicar ou traduzir este ardor.

Infelicidade das almas sem esperança

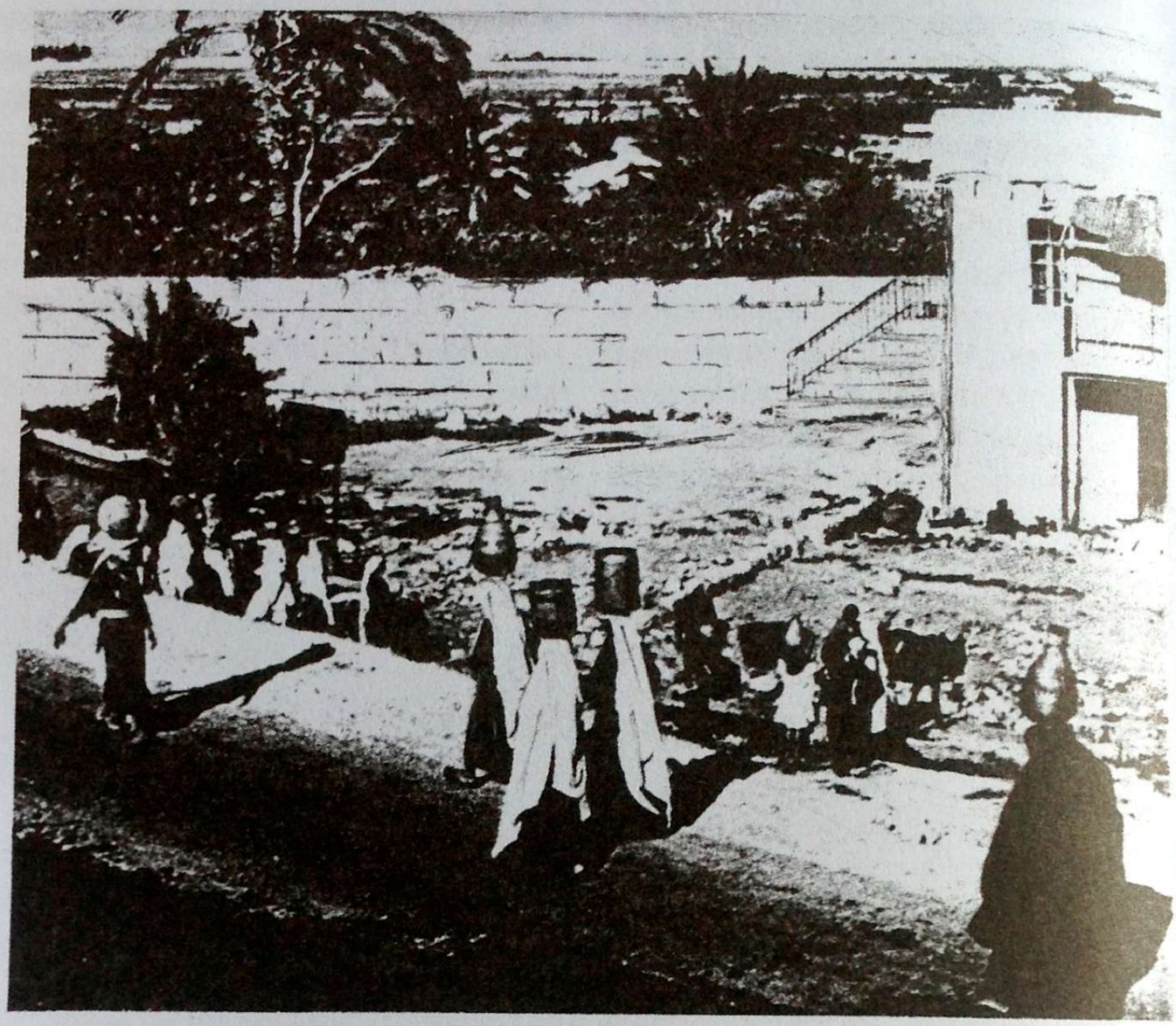
515. Para ainda maior estímulo, considera e chora com íntima dor, a infelicidade de tantas almas, imagens de Deus, capazes de sua glória, e por suas culpas sem a verdadeira esperança de O gozar. Deveriam os filhos da santa Igreja fazer pausa em seus vãos pensamentos, para se deterem a considerar e avaliar o benefício, de serem agraciados com a fé e esperança segura.

Sem merecer, foram separados das trevas e distinguidos por esta luz, que os tirou da cegueira da infidelidade. Se pensassem em tudo isto, sem dúvida, se envergonhariam de seu grosseiro esqueci-

mento, e repreenderiam sua detestável ingratidão. Fiquem certos que os esperam mais terríveis tormentos que aos infiéis. A Deus e aos santos são mais odiosos, por desprezarem o sangue que Cristo derramou, e por cuja virtude lhes foram prodigalizados estes benefícios. Desprezam o fruto da verdade, como se fossem fábulas, agitando-se a vida inteira, sem parar um só dia, e muitos nem uma hora, para considerar suas obrigações e os perigos que correm. Chora, alma, este lamentável dano e, segundo tuas forças, trabalha e suplica o remédio a meu Filho Santíssimo. Não duvides que qualquer cuidado e esforço que empregues nesse sentido, será recompensado por Sua Majestade.



Rio Jordão



Em Jericó. Cena da vida quotidiana

CAPÍTULO 8

A VIRTUDE DA CARIDADE EM MARIA SANTÍSSIMA, SENHORA NOSSA.

Elogio da caridade

516. A sobreexcelentíssima virtude da caridade é senhora, rainha, mãe, alma, vida e beleza de todas as outras virtudes. A caridade é que as governa, move e dirige para seu verdadeiro e último fim. Ela as gera em seu perfeito ser, aumenta-as, conserva-as, esclarece-as e adorna, dá-lhes vida e eficácia.

Se todas as demais virtudes comunicam à criatura alguma perfeição ou ornato, é da caridade que recebem esta perfeição porque, sem caridade, todas são defeituosas, obscuras, lânguidas, mortas e sem proveito, por não possuírem perfeito movimento de vida e sentido.

A caridade é benigna (**1Cor 13, 4**), paciente, mansíssima, sem inveja, de nada se apropria, tudo dá, produz todos os bens e, quanto lhe é possível, não consente em nenhum mal, por ser a participação do verdadeiro e sumo bem!

Oh! virtude das virtudes, resumo dos tesouros do céu! Só tu tens a chave do paraíso; és a aurora da eterna luz, sol do eterno dia, fogo que purifica, vinho que inebria e dá novo sentir; néctar que alegra, doçura que sacia sem enfastiar; tálamo em que repousa a alma e vínculo tão estreito que nos faz uma só coisa com Deus (**Jo 17, 21**), como o Pai e o Filho são um com o Espírito Santo.

A caridade, participação da essência divina

517. Pela incomparável nobreza desta senhora das virtudes, o mesmo Deus e Senhor - a nosso modo de entender - quis honrar-se com seu nome, ou honrar a ela, chamando-se caridade, como disse São João (**1Jo 4, 16**).

Diversas razões tem a Igreja católica quando, ao falar das perfeições divinas, atribui ao Pai a onipotência, ao Filho a sabedoria, e ao Espírito Santo o amor. O Pai é princípio sem princípio, o Filho é gerado pelo Pai por via do entendimento e o Espírito Santo procede de ambos pela vontade. O nome, porém, de caridade e sua perfeição, o Senhor aplica-se a si sem diferença e distinção de pessoas, conforme disse o Evangelista: *Deus é caridade.*

No Senhor esta virtude tem a plenitude do ser. É o fim de todas as operações *ad intra e ad extra,* porque

as divinas processões - as operações de Deus em si mesmo - acabam na união de amor e caridade recíproca entre as três divinas Pessoas. Isto forma entre as Pessoas Divinas vínculo indissolúvel, depois da unidade indivisa da natureza, pela qual são um só Deus.

Todas as obras *ad extra*, que são as criaturas, nasceram da caridade divina e a ela se ordenam, para que, saindo do mar imenso daquela bondade infinita, voltem pela caridade e amor à origem donde brotaram. Este predicado da caridade é singular entre todas as outras virtudes e dons, e constitui perfeita participação da caridade divina. Nasce do mesmo princípio, visa o mesmo fim, e com ele tem mais semelhança do que as outras virtudes.

Se chamamos a Deus nossa esperança, nossa paciência e nossa sabedoria, é porque as recebemos de sua mão, e não porque estas virtudes estejam em Deus como em nós. A caridade, porém, não somente a recebemos do Senhor, nem Ele se chama caridade apenas pelo fato de nô-la comunicar, mas Ele a possui em si mesmo, essencialmente. Dessa divina perfeição que imaginamos como forma e atributo em sua natureza divina, redunda nossa caridade, com mais perfeição e semelhança do que qualquer outra virtude.

A caridade divina por nós

518. A caridade tem outras propriedades admiráveis da parte de Deus, em ralação a nós. Sendo ela o princípio pelo qual nos comunicou todo o ser, e depois o sumo bem que é o mesmo Deus, vem a ser o estímulo e exemplar de nossa caridade e amor para com o mesmo Senhor. Se para amá-lo não nos desperta, nem move saber que em si mesmo é infinito e sumo bem, pelo menos nos obrigue e cative saber que é o sumo bem para nós. Se não podíamos, nem sabíamos amá-lo antes (**1Jo 4, 10**) que nos desse seu Filho Unigênito, não tenhamos excusa, nem ousadia, para O deixar de amar, depois de nô-lo ter dado. Se nos cabe desculpas, por não saber adquirir o benefício, nenhuma podemos aduzir para não o agradecer com amor, depois de o haver recebido sem o merecer.

O sol, exemplo da generosidade e desinteresse da caridade divina

519. O modelo de nossa caridade encontrado na de Deus, manifesta intensamente a excelência desta virtude, ainda que dificilmente eu possa explicar meu conceito.

Quando Cristo, Senhor nosso, fundava sua perfeitíssima lei de amor e graça, ensinou-nos a ser perfeitos, à imitação de nosso Pai Celestial, que faz nascer seu sol sobre justos e injustos (**Mt 5, 45**), sem diferença. Tal doutrina e exemplo só o Filho do eterno Pai podia propor aos homens.

Entre todas as criaturas visíveis, nenhuma quanto o sol nos manifesta a caridade divina e nô-la mostra para a imitarmos. Este nobilíssimo astro, por sua mesma natureza, sem outra deliberação mais do que sua inata propensão, comunica luz a toda parte e a quantos são capazes de recebê-la, sem distinção. Quanto dele depende, nunca a nega, nem a suspende (*Dion. de div. nom. cap. IV*). Assim procede, sem dever obrigação a ninguém, sem receber paga ou recompensa de que necessite, sem encontrar, nas coisas que ilumina e fecunda, alguma bondade antecedente para o mover e atrair. Nem pretende outro interesse, mais do que derramar a mesma virtude que em si contém, para todos serem dela participantes.

Amar desinteressadamente

520. Considerando, pois, os predicados de tão generosa criatura, quem há que nela não veja um retrato da caridade incriada, para a copiar? Quem há que não se confunda por não imitá-la? Quem imaginará que tem caridade verdadeira se não a imitar?

Não pode nossa caridade e amor produzir alguma bondade no objeto que ama, como o faz a caridade incriada do Senhor. Todavia, se não podemos melhorar o que amamos, pelo menos podemos amar a todos sem interesse de nos melhorarmos, e sem andar deliberando e escolhendo a quem amar e fazer o bem, com a esperança de ser correspondido.

Não digo que a caridade não é livre, nem que Deus haja feito alguma coisa fora de si por ter dela necessidade. Não vale aqui o exemplo: porque todas as obras *ad extra* - as da criação - são livres em Deus.

A vontade livre, porém, não deve desviar nem forçar a inclinação e impulso da caridade. Antes, deve segui-la à imitação do Sumo Bem que, pedindo sua natureza comunicar-se, não foi impedida pela divina vontade. Deixou-se levar e mover por sua inclinação, para comunicar os raios de sua luz inacessível a todas as criaturas, segundo a capacidade de cada uma para recebê-la. Isto, sem haver precedido de nossa parte bondade alguma, serviço ou benefício, e ainda sem esperá-los depois, porque de ninguém tem necessidade.

A ordem na comunicação da caridade divina. Cristo ocupa o primeiro lugar nessa ordem

521. Temos conhecido um pouco as propriedades da caridade, em seu princípio que é Deus. Fora Dele, será em Maria Santíssima que a encontraremos, com toda perfeição possível em pura criatura, por quem mais de perto poderemos modelar a nossa.

É óbvio que, partindo os raios desta luz e caridade do Sol incriado onde se encontra sem termo nem fim, vai-se comunicando a todas as criaturas, até a mais distante, com ordem, medida e modo, segundo o grau de proximidade de cada uma ao seu princípio.

Esta ordem traduz a plenitude e perfeição da divina Providência, pois sem a harmonia das criaturas criadas para a participação de sua bondade e amor, resultaria imperfeita, confusa e incompleta.

O primeiro lugar nesta ordem, depois do mesmo Deus, seria daquela alma e pessoa que fosse juntamente Deus incriado e homem criado; porque à suma e suprema união de naturezas, deveria seguir a suma graça e participação de amor, como aconteceu em Cristo Senhor nosso.

Maria Santíssima ocupa o segundo lugar na ordem da caridade divina

522. O segundo lugar pertence à sua Mãe Maria Santíssima, em quem repousa, por singular modo, a caridade e amor divino. A nosso modo de entender, a caridade divina não estaria suficientemente satisfeita enquanto não se comunicasse a uma pura criatura, com tanta plenitude, que nela estivesse reunido o amor e caridade de todo o gênero humano. Só ela poderia suprir, pelo restante da humanidade. Daria toda a correspondência possível e participaria da caridade incriada, sem as falhas e defeitos que nela mesclam os demais mortais infetos pelo pecado.

Somente Maria Santíssima, entre todas as criaturas, foi *escolhida como o*

Sol de justiça (**Ct 6, 9**), para imitá-lo na caridade, e ser nesta virtude, uma cópia fiel do original. Somente Ela soube e pôde amar mais e melhor que todas juntas, amando a Deus pura, perfeita, íntima e sumamente por ele só, e às criaturas pelo mesmo Deus, e como Ele as ama. Somente Ela seguiu verdadeiramente o impulso da caridade e sua inclinação, amando ao sumo bem por sumo bem, sem outra atenção, e amando às criaturas pela participação que têm de Deus, e não para delas receber compensações.

Reproduzindo em tudo a caridade incriada, somente Maria Santíssima pôde e soube amar, para melhorar a quem amava, pois com seu amor, agiu de sorte que melhorou o céu e a terra e tudo quanto existe, fora do mesmo Deus.



Paralelo entre a caridade de Maria e das demais criaturas

523. Se a caridade desta grande Senhora fosse colocada numa balança, e a de todos os homens e anjos em outra, pesaria mais a de Maria puríssima que a de todo o resto das criaturas.

Todas elas não chegaram ao conhecimento que só Ela teve da natureza e propriedades da caridade de Deus. Por conseqüência, somente Maria soube imitá-la com adequada perfeição, mais que toda a natureza das puras criaturas intelectuais.

Neste excesso de amor e caridade, satisfez e retribuiu a dívida das criaturas pelo infinito amor do Senhor, tanto quanto delas se lhes podia exigir, não, porém, em equivalência infinita, pois isto não era possível.

Como o amor e caridade da alma santíssima de Jesus Cristo teve, no grau possível, certa proporção com a união hipostática, assim a caridade de Maria teve outra proporção semelhante: a que resultou do privilégio que o Eterno Pai lhe conferiu, dando-lhe seu Filho Santíssimo, fazendo-a sua Mãe que o concebeu e o deu à luz para a salvação do mundo.

A caridade de Maria, princípio de nossa felicidade

524. Daqui entenderemos que todo o bem e felicidade das criaturas vem a se originar, de algum modo, na caridade e amor que Maria Santíssima teve a Deus. Nela esta virtude e participação do amor divino esteve, dentre as criaturas, em sua última e suma perfeição.

Ela pagou esta dívida por todos, inteiramente, quando ninguém acertava fazer a devida retribuição e nem sequer a conhecia. Com esta perfeitíssima caridade, Ela obrigou, no modo possível, ao eterno Pai a dar seu Filho Santíssimo tanto para Ela, como para todo o gênero humano.

Se Maria houvesse amado me-

nos, e sua caridade tivesse alguma falha, não haveria na natureza a necessária disposição para o Verbo se encarnar. Encontrando-se, porém, entre as criaturas, alguma que houvesse chegado a imitar a caridade divina em grau tão supremo, já era como razoável que Deus a ela descesse, como realmente o fez.

Mãe do amor formoso

525. Tudo isto foi significado, ao chamá-la o Espírito Santo, *Mãe da formosa dileção ou amor* (**Eclo 24, 24**), atribuindo-lhe estas palavras, conforme fica dito sobre a santa esperança, [10].

Maria é mãe de nosso suavíssimo amor, Jesus, Senhor e Redentor nosso, formosíssimo entre todos os filhos dos homens pela divindade, de infinita e incriada beleza, e pela humanidade, que não teve culpa nem dolo (**1Pd 2, 22**), mas possui todas as graças que lhe pôde comunicar a Divindade.

É também Mãe do amor formoso, porque só Ela concebeu em sua mente o amor e caridade perfeita, formosíssima dileção, que todas as demais criaturas não souberam conceber em toda sua beleza, sem falha alguma, de modo que pudesse ser chamada absolutamente formosa.

É Mãe de nosso amor, porque nô-lo trouxe ao mundo, nô-lo conquistou, nos ensinou a conhecê-lo e praticá-lo. Sem Maria Santíssima, não existiria outra pura criatura, nem no céu, nem na terra, de quem pudessem os homens e anjos se fazer discípulos do amor formoso.

Sendo assim, todos os santos são como raios deste sol, e como arroios deste mar. Tanto mais saberão amar, quanto mais participarem do amor e caridade de Maria Santíssima, imitando-a, copiando-a e assemelhando-se a Ela.

Causas de sua caridade

526. As causas desta caridade e amor de nossa princesa Maria foram: a profundidade de seu altíssimo conhecimento e sabedoria, assim pela fé infusa como pelos dons do Espírito Santo, de ciência, entendimento e sabedoria; e as visões intuitivas e abstrativas da divindade.

Por todos estes meios, adquiriu altíssimo conhecimento da caridade incriada, bebendo-a em sua mesma fonte. Conhecendo que Deus devia ser amado por si mesmo, e a criatura por Deus, assim o praticou com intensíssimo e fervente amor. Não encontrando o poder divino, na vontade desta Rainha, impedimento, óbice de culpa, inadvertência, ignorância, imperfeição ou tardança, pôde nela realizar tudo o que quis, e quanto não pode fazer com o resto das criaturas, pois nenhuma outra teve as disposições de Maria Santíssima.

Maria realizou perfeitamente o mandamento da caridade e supriu as falhas das demais criaturas

527. Foi Maria prodígio do poder divino, o maior ensaio e demonstração, em pura criatura, da caridade incriada, e a plena realização daquele grande preceito natural e divino: *Amarás a teu Deus de todo teu coração, mente e alma e com todas as tuas forças* (**Dt 6, 5**). Só Maria saldou esta dívida e obrigação das criaturas que, nesta vida, antes de ver a Deus, não saberiam nem poderiam pagar inteiramente.

Sendo viadora, esta Senhora a satisfez mais perfeitamente, do que os mesmos serafins sendo compreensores. Satisfez também este preceito em relação a Deus, para que não fosse defraudado por

10- nº 511.

parte dos viadores, pois só Maria Puríssima o santificou e realizou plenamente por todos, suprindo abundantemente o que lhes faltou.

Se Deus não tivesse presente Maria, nossa Rainha, ao intimar aos mortais este mandato de tanto amor e caridade, talvez não lhe haveria dado esta forma. Comprazeu-se, porém, em dá-lo assim, só por esta Senhora, de modo que a Ela devemos, tanto o mandamento da caridade perfeita como seu adequado cumprimento.

Louvores e exortação

528. Ó doce e formosíssima Mãe da formosa dileção e caridade! Todas as nações te conheçam, todas as gerações te bendigam, todas as criaturas te glorifiquem e louvem. Tu somente és perfeita, tu a única dileta, tu a escolhida para mãe da caridade incriada. Ela te formou singular, única (**Ct 6, 9**) e escolhida como o sol, para resplandecer em teu belíssimo e perfeitíssimo amor!

Aproximemo-nos deste Sol, nós os míseros filhos de Eva, para sermos iluminados e aquecidos. Cheguemos a esta Mãe, para que nos torne a conceber no amor. Vamos a esta Mestra, para aprendermos o amor, dileção e caridade formosa e sem defeitos.

Amor significa afeto que se compraz e repousa no amado; dileção quer dizer preferir e separar o que se ama de tudo o mais; caridade inclui, além de tudo isso, íntimo apreço e estima do bem amado. Tudo nos ensinará a Mãe deste amor formoso, que o é, por ter todas estas perfeições. Com Ela, aprenderemos a amar a Deus, descansando Nele todo nosso coração e afetos.

Aprenderemos a separar nosso amor de tudo o que não é o mesmo sumo bem, pois menos o ama quem, com ele, quer amar outra coisa. Saberemos apreciá-lo e estimá-lo mais do que o ouro, e acima de tudo quanto é precioso. Em sua comparação, todo o precioso é vil, toda beleza é fealdade. Tudo o que é grande e estimável aos olhos carnais vem a ser desprezível e sem valor.

Dos efeitos da caridade de Maria Santíssima falo em toda esta história, e deles está cheio o céu e a terra. Não me detenho, portanto, a descrever, em particular, o que não pode caber em língua, nem em palavras humanas ou angélicas.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Sinais do amor de Deus

529. Minha filha, com afeto de mãe, desejo que me sigas e imites em todas as virtudes. Mas nesta da caridade, que é o fim e coroa de todas elas, declaro-te minha absoluta vontade, que te esforces o mais possível em copiar na tua alma, com a maior perfeição, quanto conheceste na minha. Acende a luz da fé e da razão para encontrar esta dracma (**Lc 15, 8**) de infinito valor, e havendo-a achado esquece e despreza todo o terrestre e corruptível. Em tua mente considera muitas vezes, medita e pesa as infinitas razões e motivos para Deus ser amado sobre todas as coisas.

Para saberes amá-lo com a perfeição que desejas, estes são os sinais e efeitos do verdadeiro e perfeito amor: se continuamente meditas e pensas em Deus; se cumpres seus mandamentos e conselhos, sem tédio nem desgosto; se temes ofendê-lo; se, ofendendo-o, procuras logo desagravá-lo; se te dói vê-lo ofendido e se te alegras de que todas as criaturas o sirvam; se desejas e gostas de falar conti-

nuamente de seu amor; se gozas com sua presença e lembrança; se te contrista sua ausência e esquecimento; se amas o que Ele ama e aborreces o que Ele aborrece; se procuras atrair todos à sua amizade e graça; se lhe suplicas com confiança; se recebes seus benefícios com gratidão; se não os dissipas e se os fazes reverter à sua honra e glória; se trabalhas por extinguir em ti mesma os movimentos das paixões, que te retardam e impedem o afeto do amor e as obras virtuosas.

A inabitação da Trindade na alma

530. Estes, e outros efeitos, são indícios da caridade que está na alma, e de sua maior ou menor perfeição. Acima de tudo, quando é forte e fervorosa, não suporta ociosidade nas potências, nem consente mácula na vontade, porque logo as purifica. Só descansa quando saboreia a doçura do sumo bem que ama. Sem ele desfalece (**Ct 2, 5**), fica ferida e enferma, sedenta daquele vinho que inebria o coração (**Ct 5, 1**), produzindo o olvido de todo o corruptível, terreno e transitório.

Como a caridade é mãe e raiz de todas as outras virtudes, logo se percebe sua fecundidade na alma onde permanece e vive. Enche-a e adorna-a dos hábitos das demais virtudes que, por repetidos atos, vai gerando, como o descreveu o Apóstolo (**1Cor 13, 4**). O efeito do amor divino é recíproco. A alma que está em caridade, não somente recebe os efeitos desta virtude, pela qual ama o Senhor, mas é também amada por Ele. Deus permanece naquele que ama e nele vem residir, como em seu templo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo: graça tão soberana que, por nenhuma palavra ou comparação, se poderá compreender na vida mortal.

Ordem e motivo da caridade

531. A ordem a ser guardada na prática desta virtude é a seguinte: primeiro, amar a Deus, que está acima de toda a criatura; em seguida, amar-se a criatura a si mesma, e depois de si, amar a quem lhe é semelhante, o próximo (**1Jo 4**). A Deus se deve amar com todo o entendimento, sem erro; com toda a vontade, sem partilhas; com toda a mente, sem esquecimento; com todas as forças, sem remissão, tibieza ou negligência.

O motivo que a caridade tem para amar a Deus, e aos mais que a Ele se relaciona, é o mesmo Deus. Deve ser amado por si mesmo, por ser o sumo bem, infinitamente perfeito e santo. Amando a Deus por este motivo, é conseqüente que a criatura ame-se a si, e ao próximo como a si mesma, porque ela e seu próximo não pertencem tanto a si mesmos quanto ao Senhor, de cuja participação recebem o ser, vida e movimento.

Quem verdadeiramente ama a Deus por ser quem é, ama também tudo o que é de Deus e goza de alguma participação de sua bondade, e não faz diferenças entre amigo e inimigo. Vendo na criatura apenas o que ela tem de Deus e que e a Ele pertence, não repara esta virtude se é amigo ou inimigo, benfeitor ou malfeitor; nota somente o grau em que cada qual participa, mais ou menos, da bondade infinita do Altíssimo, e com a devida ordem ama a todos em Deus e por Deus.

Amor imperfeito

532. Amar por outros fins e motivos, esperando algum interesse, proveito ou retribuição; amar com amor de concupiscência desordenada, ou com amor humano e natural; mesmo o amor virtuoso

e bem ordenado, estes amores não pertencem à caridade infusa. Sendo ordinário aos homens moverem-se por estes bens particulares e fins interesseiros e terrenos, há mui poucos que conheçam e abracem a nobreza desta generosa virtude, e a pratiquem em sua devida perfeição.

Até ao mesmo Deus buscam, esperando bens temporais ou benefícios e prazer espiritual. Deste desordenado amor, quero, minha filha, que afastes teu coração. Nele só viva a caridade bem ordenada, para a qual o Altíssimo inclinou os teus desejos. Se tantas vezes repetes que esta virtude é a formosa, agraciada e digna de ser querida e estimada por todas as criaturas, estuda muito para conhecê-la. Tendo-a conhecido, compra tão preciosa pérola, esquecendo e extinguindo em teu coração todo o amor que não seja caridade perfeitíssima.

A nenhuma criatura amarás, senão só por Deus; ou porque O representa, ou porque é coisa sua, assim como a esposa ama a todos os servos e familiares da casa de seu esposo, por serem dele. Se esqueceres disso e amares alguma criatura sem atender a Deus nela, não a amando por este Senhor, saibas que não amas com caridade, nem como de ti quero, e o Altíssimo te mandou.

Também conhecerás que não amas com caridade, se fizeres distinção entre amigo ou inimigo, agradável ou desagradável, mais ou menos cortês, entre quem possui, ou não, graças naturais. A verdadeira caridade não faz todas estas diferenças, mas sim a inclinação natural ou as paixões dos apetites que tu, com esta virtude, deves governar e extinguir.



CAPÍTULO 9

A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA NA SANTÍSSIMA RAINHA DO CÉU.

Virtudes intelectuais. A prudência, raiz das virtudes cardeais

533. Como as operações do entendimento precedem e dirigem as da vontade, assim as virtudes relacionadas com o entendimento são consideradas primeiro que as da vontade. O ofício do entendimento é conhecer e entender a verdade. Poder-se-ia, por isto, duvidar se seus hábitos constituem virtudes, cuja natureza consiste em inclinar a fazer o bem.

E certo, porém, que existem também virtudes intelectuais, cujas operações são louváveis e boas, quando reguladas pela razão e pela verdade, que o entendimento conhece como seu próprio bem. Quando o ensina e propõe à vontade para ela o apetecer, dando-lhes regras para executá-lo, então o ato de entendimento é bom e virtuoso, se estiver na ordem teológica da fé ou moral.

Desta espécie é a prudência que, mediante o entendimento, dirige e governa as operações dos apetites. Por esta razão, a virtude da prudência é a primeira que pertence ao entendimento. Vem a ser como a raiz das outras três virtudes morais ou cardeais que dela dependem, porquanto, com ela, seus atos são louváveis e, sem ela, são viciosos e repreensíveis.

O supremo grau da prudência em Maria Santíssima

534. Possuiu a soberana rainha Maria a virtude da prudência, no supremo grau correspondente ao das outras virtudes que até agora descrevi e continuarei a expor. Pela sua superioridade nesta virtude, é que a Igreja a chama Virgem Prudentíssima.

É esta primeira virtude a que governa e dirige os atos das outras. Como em todo o decurso desta história se trata das virtudes de Maria Santíssima, toda ela estará repleta do pouco que puder dizer e escrever sobre este pélago de prudência, pois em todas as obras de Maria resplandece a luz desta virtude.

Por este motivo falarei agora, mais em geral, da prudência da soberana Rainha, explicando-a por suas partes e propriedades, segundo a doutrina comum dos doutores e santos, para assim poder ser melhor entendida.

Três gêneros de prudência

535. Das três espécies de prudência, chamadas *prudência política, prudência purificativa e prudência do espírito purificado ou perfeito*, nenhuma faltou, em supremo grau, à nossa Rainha.

Suas potências estavam purificadíssimas, ou melhor dizer, nada tinham a purificar, quer do pecado, quer da resistência à virtude. Tinham, entretanto, que se purificar de sua natural nesciência, e podiam também progredir do bom e santo ao mais perfeito e santíssimo. Deste modo se deve considerar suas obras, medidas por elas mesmas e não com as das outras criaturas. Mesmo comparadas às dos maiores santos, não houve obra menos perfeita nesta cidade de Deus, cujos fundamentos foram estabelecidos sobre os montes santos (**Sl 86, 2**).

Em si mesma, porém, houve progresso ou purificação. Como foi crescendo na graça, desde o instante da sua conceição, umas obras já, em si, perfeitíssimas e superiores às dos santos, Nela foram menos perfeitas em relação à outras mais elevadas que praticou posteriormente.

A prudência política

536. A prudência política, em geral, é a que pondera tudo o que se deve fazer e, de acordo com a razão, nada a que não seja reto e bom. A prudência purificativa é a que pospõe e abstrai de todo o visível, para dirigir o coração à divina contemplação e a tudo o que é celestial. A prudência do espírito purificado é a qué visa o sumo bem e dirige a ele todo o afeto, para unir-se e descansar Nele, como se nenhuma outra coisa existisse fora dele.

Todos estes gêneros de prudência encontravam-se no entendimento de Maria Santíssima, para discernir e conhecer sem engano, e para dirigir e mover sem tardança, mais altas e perfeitas operações. Nunca pôde o juízo desta soberana Senhora, ditar nem presumir coisa alguma em qualquer matéria, que não fosse o melhor e mais reto.

Ninguém, quanto Ela, compreendeu, pospôs e afastou de si todo o terrestre e visível, para endereçar o coração à contemplação das coisas divinas. Tendo-as conhecido, como as conheceu, com tantos gêneros de notícias, estava de tal sorte unida por amor ao sumo bem incriado, que nada a estorvou, nem impediu de repousar neste centro de seu amor.

A memória de Maria Santíssima

537. Encontravam-se, com suma perfeição, em nossa Rainha as partes que compõem a prudência. A primeira é a memória, para ter presentes as coisas passadas e experimentadas. Destas, se deduzem muitas regras para proceder no presente e no futuro, porque esta virtude trata dos atos em particular. Como não pode haver uma regra geral para todos é necessário deduzir muitos, de diversos exemplos e experiências passadas, sendo para isto necessário a memória.

Em nossa soberana Rainha ela foi tão constante, que jamais sofreu o natural defeito do esquecimento. Sempre lhe permaneceu imóvel e presente na memória tudo quanto uma vez entendeu e aprendeu. Neste privilégio, ultrapassou Maria Puríssima toda a ordem da natureza humana e angélica, porque Nela Deus reuniu o que de mais perfeito havia em ambas.

Da natureza humana teve o essencial, e do acidental recebeu o que era mais perfeito e distante da culpa. Dos na-

turais e sobrenaturais dons da natureza angélica, por especial graça, possui muitos, em mais elevado grau que os mesmos anjos. Um destes dons foi a memória fixa e constante, sem poder esquecer o que aprendia. Quanto excedeu aos anjos na prudência, tanto se avantajou a eles na memória.

Não conservava memória do que era menos puro

538. Numa só coisa foi este favor limitado para humilde pureza de Maria Santíssima: havendo de lhe ficar fixas na memória as espécies de todas as coisas, entre elas, foi inevitável conhecer muitas fealdades e pecados das criaturas. Pediu, então, ao Senhor, a puríssima Princesa, que aquele dom de fixa memória lhe conservasse dessas espécies apenas o necessário para o exercício da caridade fraterna e demais virtudes.

Concedeu-lhe o Altíssimo esta graça, mais em atenção à sua candidíssima humildade, do que ao prejuízo que lhe poderia advir. Os raios do sol não são ofendidos pela imundície que tocam, nem os anjos se perturbam com nossos vilezas, porque para os puros tudo é puro (**Tt 1, 15**).

Com este privilégio, porém, quis o Senhor dos anjos dotar sua Mãe, mais do que a eles. Só conservou em sua memória as espécies de tudo o que era santo, honesto, limpo e mais amável à sua pureza, e mais agradável ao mesmo Senhor. Deste modo, aquela alma santíssima - também nesta faculdade - ostentava-se mais formosa, ornada com a memória das espécies de tudo quanto era mais puro e desejável.

A Inteligência

539. Outra parte da prudência chama-se *inteligência*, que visa principalmente ao que no presente se deve fazer. Consiste em entender, profunda e verdadeiramente, as razões e princípios certos das ações virtuosas para executá-las. Quem quiser agir com retidão e perfeição, deduz a prática das virtudes dessa inteligência, assim no que o entendimento conhece da bondade da virtude em geral, como no que deve fazer em particular.

Por exemplo: se recebermos profunda inteligência desta verdade: a ninguém deves fazer o mal que não queres receber de outrem; deduziremos que a este irmão, não devemos fazer agravo algum que nos parecesse mal, se conosco ele fizesse o mesmo.

Superou Maria Santíssima nesta inteligência, a todas as criaturas, em tão mais alto grau, quanto mais verdades morais conheceu, e mais profundamente penetrou a infalível retidão delas, e a participação que tinham na retidão divina. Naquele claríssimo entendimento, iluminado pelos mais vivos resplendores da luz divina, não havia engano, ignorância, dúvidas e conjecturas, como nas demais criaturas. Penetrou e entendeu todas as verdades - principalmente nas matérias práticas das virtudes - como são em si mesmas, em geral e em particular. Neste incomparável grau, possuiu esta parte da prudência, a inteligência.

A providência

540. A terceira e principal parte da prudência chama-se providência, pois o mais importante nas ações humanas é ordenar o presente em relação ao futuro, para tudo ser governado com retidão.

Nossa Rainha e Senhora possuiu esta parte da prudência em mais excelente grau - se o pudesse ser - que

todas as outras. Além da memória do passado e da profunda inteligência do presente, tinha ciência e conhecimento infalível de muitas coisas futuras, às quais se estendia a boa providência. Com esta notícia e luz infusa, de tal modo prevenia as coisas futuras e dispunha os acontecimentos, que para Ela nada havia de imprevisto ou inesperado.

Previa, pensava e ponderava todas as coisas, na balança do santuário de sua mente, iluminada pela luz infusa. Assim aguardava, não com dúvida e incerteza como os demais homens, porém, com certeza claríssima, todos os sucessos antes de se realizarem. Deste modo, tudo se ordenava em lugar, tempo e conjuntura oportunos.

Docilidade, razão, solércia, circunspeção e cautela

541. As três partes já descritas da prudência, compreendem os atos que com essa virtude o entendimento opera, distribuídos em relação às três partes do tempo: pretérito, presente e futuro.

Considerando, porém, as operações desta virtude enquanto visa os meios das outras virtudes e dirige as operações da vontade, acrescentam os doutores e filósofos estas outras cinco partes ou operações na prudência: *docilidade, razão, solércia, circunspeção e cautela.*

A *docilidade* é a boa disposição da criatura para receber instrução dos mais sábios, não o sendo consigo mesma, nem se apoiando em seu próprio juízo e sabedoria.

A *razão*, que também se chama raciocínio, consiste em refletir com acerto, deduzindo de noções gerais, particulares razões ou conselhos para os atos virtuosos.

A *solércia* é a diligente atenção e aplicação a tudo o que sucede - como a docilidade ao que nos ensinam - para julgar e compor regras de bem agir.

A *circunspecção* é o julgamento e consideração das circunstâncias que deverão acompanhar a ação virtuosa, porquanto não basta a boa finalidade para torná-la louvável, se lhe faltarem as oportunas circunstâncias requeridas.

A *cautela* é a discreta atenção com que se devem advertir e evitar perigos, impedimentos ou imprevistos que podem ocorrer, mesmo com aparência de virtude, para que não nos encontrem descuidados e desprevenidos.

A docilidade

542. Todas estas partes da prudência estiveram na Rainha do céu, sem defeito algum e na maior perfeição. A *docilidade* foi em Sua Alteza, como filha legítima de sua incomparável humildade. Havendo recebido tanta plenitude de ciência, desde o instante de sua imaculada conceição, e sendo mestra e mãe da verdadeira sabedoria, sempre se deixou instruir pelos superiores, iguais e inferiores. Julgava-se a menor de todas e queria ser discípula dos que, em sua comparação. eram ignorantíssimos.

Singela pomba, durante toda a vida, mostrou esta docilidade, dissimulando sua sabedoria com maior prudência que a da serpente (**Mt 10, 16**). Quando menina, se deixou instruir pelos pais; no templo, pela mestra e pelas companheiras; mais tarde, por seu esposo José e pelos Apóstolos. Quis depender de todas as criaturas, para ser portentoso exemplo desta virtude, como o foi da humildade, conforme disse em outro lugar [1].

1- nºs 405 e 472.

A reflexão

543. A *razão* prudencial ou raciocínio de Maria Santíssima, se infere das muitas vezes que o evangelista São Lucas **(2, 19-51)**, fala que ela guardava e conferia em seu coração, tudo quanto ia sucedendo nas obras e mistérios de seu Filho Santíssimo.

Esta conferência parece ato da razão, com que confrontava as coisas primeiras com as seguintes que iam ocorrendo, e as conferia entre si, para formar em seu coração, prudentíssimas decisões, e aplicá-las no que era conveniente fazer e agir, com o acerto com que o fazia.

Ainda que conhecesse muitas coisas sem o raciocínio, mas com simplicíssima visão ou inteligência que excedia a todo o raciocínio humano, em relação, porém, aos atos das virtudes, podia raciocinar e aplicar, com a reflexão, as razões gerais das virtudes aos seus próprios atos.

A solércia

544. Na *solércia* e diligente advertência da prudência, foi também a soberana Senhora muito privilegiada, porque não possuía o gravame das paixões e corrupção. Não sofria os desfalecimentos, nem as tardanças das faculdades. Sentia-se pronta, fácil e mui expedita para advertir e atender a tudo o que podia servir para formar reto juízo e são conselho na prática das virtudes, em qualquer caso ocorrente, intuindo com rapidez os meios da virtude e de sua prática.

Na *circunspecção* foi Maria Santíssima igualmente admirável, tendo sido todas suas obras completas, sem a falta de nenhuma boa circunstância, antes, todas tiveram as melhores que puderam, para elevar-lhes a perfeição.

Como a maior parte de suas obras eram ordenadas à caridade do próximo, sendo tão oportunas no ensinar, consolar, admoestar, rogar e corrigir, sempre produziam o fruto da eficaz doçura de suas razões e da amabilidade de seus atos.

A cautela

545. A última parte, a *cautela*, para prevenir os impedimentos que podem estorvar ou destruir a virtude, era necessário que estivesse na Rainha dos anjos com mais perfeição do que neles mesmos. A sabedoria tão elevada, com o amor que lhe era correspondente, a tornavam tão cauta e advertida, que nenhum sucesso ou impedimento ocasional pôde encontrá-la desprevenida, ou desviá-la de agir com suma perfeição em todas as virtudes.

Já que o inimigo - conforme direi adiante - se desvelava tanto em lhe criar estranhas e esquisitas dificuldades para o bem, pois não lhas podia suscitar mediante as paixões, por isto exercitou a prudentíssima Virgem esta cautela, muitas vezes, com admiração de todos os anjos.

Por causa desta cautelosa discrição, concebeu o demônio por Maria Santíssima temerosa raiva e inveja. Desejava conhecer o poder pelo qual Ela desfazia as numerosas maquinações e astúcias que ele forjava para desviá-la e estorvá-la. Acabava sempre frustrado, pois a Senhora das virtudes realizava sempre o mais perfeito em qualquer matéria e ocasião.

Outras espécies de prudência

546. Além destas partes que compõem a prudência, ela divide-se em espécies, segundo os objetos e fins para que servem.

Conforme a prudência foi praticada em relação a si ou aos outros, divide-se em duas espécies diferentes: a que serve para regular as próprias ações de cada um, creio que se chama *enárquica*; sobre esta não há mais o que dizer, além do que já ficou exposto sobre o governo que a Rainha do céu tinha principalmente consigo mesma.

A que ensina o governo de muitos chama-se *poliárquica*; por sua vez, esta divide-se em quatro espécies, segundo as partes da multidão que governa. A primeira, chama-se *regnativa* e ensina a dirigir os reinos com leis justas e necessárias, é própria dos reis, príncipes e monarcas e daqueles que possuem a suprema autoridade.

A segunda chama-se *política*, indicando este nome a que ensina o governo das cidades ou repúblicas.

A terceira chama-se *econômica* que ensina a dispor o que pertence a administração doméstica das famílias e casas particulares.

A quarta é a prudência *militar* que a ensina dirigir a guerra e os exércitos.



Como as possuiu e praticou Maria Santíssima

547. Nenhuma destas espécies de prudência faltou a nossa grande Rainha. Todas lhe foram dadas em hábito, desde o instante em que foi juntamente concebida e santificada, para não faltar graça, virtude ou perfeição alguma que a elevassem e aformoseassem acima de todas as criaturas.

Formou-a o Altíssimo para arquivo e reservatório de todos os seus dons, para exemplar do resto das criaturas, e para expansão do seu mesmo poder e grandeza, a fim de ostentar à Jerusalém celestial, tudo o que pôde e quis fazer em uma pura criatura. Não estiveram ociosos em Maria Santíssima os hábitos destas virtudes. Praticou-as todas no decurso de sua vida, em muitas ocasiões que se lhe depararam.

Pelo que se refere à prudência econômica, é sabido quão incomparavelmente a exercitou na direção de seu lar, com seu esposo José e com seu Filho Santíssimo, em cuja assistência e serviço procedeu com tal prudência, como pedia o mais elevado sacramento que Deus confiou às criaturas. Sobre isso falarei em seu lugar, quanto puder e entender [2]

A prudência regnativa

548. O exercício da *prudência regnativa ou monárquica*, desempenhou-a como Imperatriz única na Igreja. Ensinou, admoestou e dirigiu os sagrados Apóstolos na primitiva Igreja, para fundá-la e estabelecer nela as leis, ritos e

2- Parte II, livro IV, cap. V, XXV e XXX.

cerimônias mais necessárias e convenientes, para sua propagação e firme estabelecimento. Ainda que obedecesse a eles em coisas particulares, especialmente a São Pedro, Vigário de Cristo, e a São João, seu capelão, também eles e os demais a consultavam e obedeciam nas coisas gerais e em outras do governo da Igreja.

Ensinou também aos reis e príncipes cristãos que lhe pediam conselho, pois muitos, depois da subida de seu Filho Santíssimo ao céu, a procuraram para conhecê-la [3]. Foi consultada especialmente pelos Reis magos, quando adoraram o Menino, instruindo-os em tudo o que deviam fazer, no governo de suas pessoas e de seus estados, com tanta luz e acerto que foi para eles estrela e guia no caminho da eternidade. Assim voltaram às suas pátrias ilustrados, consolados e admirados da sabedoria, prudência e dulcíssima eficácia das palavras daquela terna jovem.

Para testemunho de quanto a respeito se pode encarecer, basta ouvir a mesma Rainha que diz (**Pr 8, 15**): *Por mim reinam os reis, mandam os príncipes e os autores das leis determinam o que é justo.*

A prudência política e militar

549. Tampouco lhe faltou o uso da *prudência política*, ensinando as repúblicas e povos, e aos primitivos fiéis em particular, como deviam proceder nas ações públicas e governo. Como deviam obedecer aos reis e príncipes temporais, em particular ao vigário de Cristo, cabeça da Igreja, a seus prelados e bispos, e de que modo deviam organizar os concílios, definições e decretos que neles se estabeleciam.

A *prudência militar* também foi praticada pela soberana Rainha, porque foi nisto consultada por alguns fiéis, a quem aconselhou e instruiu sobre as guerras justas contra os inimigos, a fim de serem feitas com maior justiça e agrado do Senhor.

Nesta prudência poderia também ser incluído o valoroso ânimo com que esta poderosa Senhora venceu ao príncipe das trevas, e o ensino que deixou para com ele pelejar, com suprema sabedoria e prudência, melhor do que David com o gigante (**1Rs 7, 50**), Judite com Holofernes (**Jt 13, 10**) e Ester com Aman (**Est 7, 6**). Ainda que estas espécies e hábitos da prudência na Mãe da Sabedoria não tivessem servido para todas as ações acima referidas, convinha que os possuísse todos - sem falar no adorno de sua alma santíssima - para ser medianeira e advogada única do mundo.

Havendo de solicitar todos os benefícios que Deus concederia aos homens, passando todos por sua intercessão, convinha que tivesse conhecimento perfeito das virtudes que pedia para os mortais. Essas virtudes procediam desta Senhora, como do original e manancial imediato ao mesmo Deus e Senhor, onde estão como em princípio incriado.

Outros complementos da prudência

550. Outros adminículos atribuem-se à prudência, como instrumentos seus pelos quais opera, chamados partes potenciais: *a sínese* ou virtude para formar reto julgamento; a *ebulia* que dirige e cria a boa decisão; a *gnome* que, em alguns casos particulares, ensina a sair das regras comuns, sendo esta necessária para a *epiqueia* que julga alguns casos por regras superiores às leis ordinárias.

Com todas estas perfeições e energias esteve a prudência em Maria Santíssima. Ninguém quanto ela soube formar reto conselho para todos os casos

3- Parte II, nº 567 e Parte III nºs 587 e 588.

contingentes, nem tampouco alguém (ainda que fosse o supremo anjo) pôde fazer tão exato julgamento em todas as matérias. Acima de tudo isso, conheceu nossa prudentíssima Rainha as razões superiores e regras de agir, com todo o acerto, nos casos em que não podiam aplicar-se as regras ordinárias e comuns, o que seria muito longo querer referi-los aqui. Muitos serão entendidos na continuação desta história de sua vida santíssima.

Para concluir toda esta exposição referente à sua prudência, tenha-se por regra que ela deve ser medida pela prudência da alma santíssima de Cristo, Senhor nosso, com quem se assemelhou e ajustou na proporção de coadjutora sua. Assim, foi semelhante a Ele nas obras da maior prudência e sabedoria, realizadas pelo Senhor da criação e Redentor do mundo.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

A prudência é luz espiritual

551. Minha filha, tudo o que neste capítulo escreveste e entendeste, quero que sirva de doutrina e advertência para orientação de tuas ações. Grava na mente e fixa na memória o conhecimento que te foi dado sobre a prudência que pratiquei em tudo o que pensava, queria e executava. Esta luz te guiará no meio das trevas da ignorância humana, para que não te perturbe nem confunda a fascinação das paixões, e ainda mais daquela que, com suma malícia e empenho, teus inimigos procuram incutir no teu entendimento.

Não compreender todas as regras da prudência não é culpa; ser, porém, negligente em adquiri-las para estar advertida em tudo como deve, é grave culpa e causa de muitos enganos e erros. Desta negligência se origina o descontrole das paixões, que destroem ou impedem a prudência, particularmente a desordenada tristeza ou o gozo que pervertem o reto e prudente julgamento do bem e do mal.

Daqui nascem perigosos vícios: a precipitação no agir, sem atender aos meios convenientes; a inconstância nos bons propósitos e obras começadas; a imoderada ira ou o indiscreto fervor, que precipitam e lançam em muitas ações exteriores, feitas sem moderação nem conselho. A pressa no julgar e a falta de firmeza no bem, são causas para a alma imprudente abandonar o que começou. Deixa-se vencer por qualquer dificuldade que ocorre. Compraz-se levianamente, ora no verdadeiro bem, ora no aparente e ilusório que as paixões pedem e o demônio apresenta.

Docilidade à direção espiritual

552. Contra todos estes perigos quero-te avisada e prudente. Se-lo-ás se atenderes ao exemplo de minhas obras, e guardares os ensinamentos e conselhos de teus pais espirituais, sem cuja obediência nada deves fazer, a fim de proceder com prudência e docilidade.

Adverte que, através da obediência, o Altíssimo te comunicará copiosa sabedoria, porque o coração flexível, submisso e dócil agrada-lhe sobremaneira. Lembra-te sempre da infelicidade daquelas virgens imprudentes e loucas (**Mt 25, 12**), por seu descuido e negligência em usar a previdência e são conselho. Mais tarde, quando quiseram, acharam fechada a porta por onde se remediarem. Procura, minha filha, unir a simplicidade de pomba à prudência da serpente (**Idem 10, 16**) e tuas obras serão perfeitas.

CAPÍTULO 10

A VIRTUDE DA JUSTIÇA EM MARIA SANTÍSSIMA.

Definição e espécies

553. A grande virtude da justiça é a que mais serve à caridade de Deus e do próximo, e assim, é a mais necessária para o convívio e relações humanas. É um hábito que inclina a vontade a dar a cada qual o que lhe é devido. Tem por matéria e objeto a medida, ajuste ou direito que se devem guardar para com o próximo e com Deus.

Sendo tantas as coisas e diversos os modos nos quais o homem pode observar ou transgredir esta virtude, sua matéria vem a ser muito extensa e difusa. Diversas são as espécies desta virtude. Enquanto se ordena ao bem público e comum, chama-se *justiça legal*, e porque pode dirigir as demais virtudes para este fim, chama-se virtude geral, ainda que não participe da natureza das demais.

Quando porém, a matéria da justiça é coisa determinada, somente referindo-se a pessoas particulares, para guardar o direito de cada uma, então se chama *justiça particular* ou especial.

A justiça em Maria

554. Esta virtude, com suas partes, gêneros e propriedades, foi guardada pela Imperatriz do mundo em relação a todas as criaturas, sem comparação com qualquer outra. Só Ela conheceu, com a maior clareza, compreendeu perfeitamente o que a cada qual se devia.

Ainda que esta virtude não vise



imediatamente as paixões naturais, como o fazem a fortaleza e a temperança, conforme direi adiante, muitas vezes, porém, sucede que por não estarem as mesmas paixões moderadas e corrigidas, concorrem para a violação da justiça, como os que, por desordenada cobiça ou deleite, usurpam o alheio.

Visto que em Maria Santíssima não havia paixões desordenadas, nem ignorância para desconhecer o meio termo onde se situa a justiça, satisfazia a todos, fazendo o justíssimo a cada um, e ensinando a agir assim aos que mereciam ouvir suas palavras e doutrinas de vida.

Quanto à *justiça legal*, guardou-a, cumprindo as leis comuns, como na Purificação e noutros mandamentos da Lei, ainda que estivesse isenta deles como Rainha, sem a dívida do pecado.

Além disso, ninguém, fora de seu Filho Santíssimo, atendeu como esta Mãe de Misericórdia ao bem público e comum dos mortais, dirigindo para este fim todas as virtudes e atos, com os quais pôde merecer-lhes a divina misericórdia, e favorecer ao próximo com outros benefícios.

Modo pelo qual Maria Santíssima praticava a justiça distributiva

555. As duas espécies de justiça, *distributiva e comutativa*, também estiveram em Maria Santíssima em grau heróico. A *justiça distributiva* governa os atos com os quais se distribuem as coisas comuns às pessoas particulares. Esta equidade foi guardada por Sua Alteza em muitas coisas que, por sua vontade e disposição, foram praticadas entre os fiéis da primitiva Igreja, como distribuir os bens comuns para o sustento, e outras necessidades de pessoas particulares.

Ainda que nunca distribuísse por suas mãos dinheiro, porque jamais o tocava, era porém repartido por sua ordem, ou outras vezes, por seu conselho. Nestas coisas e noutras semelhantes, sempre observou suma equidade e justiça, segundo a necessidade e condição de cada um.

O mesmo fazia na distribuição dos ofícios, dignidades ou ministérios, entre os discípulos e primeiros filhos do Evangelho, nas reuniões que para isso realizavam. A Mestra Sapientíssima tudo ordenava e dispunha com perfeita equidade, porque tudo fazia com especial oração e ilustração divina, além da ciência e conhecimento ordinário, que possuia de todos os indivíduos.

Por isto os Apóstolos recorriam a Ela nestes assuntos. Outras pessoas que governavam lhe pediam conselho, e tudo quanto por Ela era dirigido, se fazia e dispunha com inteira justiça, sem acepção de pessoas.

Maria não exercitou a justiça comutativa, mas a conheceu e ensinou

556. A *justiça comutativa* ensina guardar recíproca igualdade no dar e receber entre pessoas particulares, quer no valor, quer na quantidade. Nesta espécie de justiça, a Rainha do céu exercitou-se menos do que nas outras virtudes, porque nem comprava, nem vendia coisa alguma, pessoalmente. Se era necessário comprar ou comutar alguma coisa, o fazia o patriarca São José, quando era vivo; depois, São João Evangelista ou algum outro dos Apóstolos.

O Mestre de santidade que vinha destruir e extirpar a avareza, raiz de todos os males (**1Tm 6, 10**), quis afastar de si e de sua Mãe Santíssima, os atos e ações nos

quais costuma acender-se e alimentar-se o fogo da cobiça humana. Por isso, em sua Providência divina, ordenou que, nem por sua mão, nem pela de sua Mãe Santíssima se realizassem ações do comércio humano de comprar e vender, ainda que fossem coisas necessárias para a conservação da vida natural.

Nem por isto deixava entretanto, a grande Rainha de ensinar quanto pertencia a esta virtude da justiça comutativa, para a praticarem com perfeição os que no apostolado e na Igreja primitiva necessitavam dela usar.

Julgamento público e civil

557. A Justiça inclui outros atos exercitados com o próximo, como o julgamento público, civil, ou particular. De seu vício contrário falou o Senhor por São Mateus: não julgueis e não sereis julgados (**Mt 7, 1**). Por estes atos de julgamento dar-se-á a cada um o que lhe é devido, na medida do critério de quem julga; serão ações justas se se conformarem com a razão, e injustiça, se dela discordarem.

Nossa soberana Rainha não exercitou o julgamento público e civil, ainda que tivesse poder para ser juiz de todo o universo. Com seus retíssimos conselhos, porém, durante o tempo de sua vida, e depois, por sua intercessão e méritos, cumpriu o que dela está escrito nos Provérbios (**Pr 8, 20, 16**): E*u ando nos caminhos da justiça e por mim decretam os poderosos o que é justo.*

Julgamento pessoal, vícios que lhe são contrários, Maria jamais os teve

558. O *julgamento pessoal* nunca pôde ser injusto no puríssimo coração de Maria Santíssima. Jamais foi leviana nas suspeitas, nem temerária nos juízos, nem teve dúvidas; mesmo que as tivesse, não as interpretava com impiedade, pelo pior lado. Estes injustíssimos vícios são próprios e naturais nos filhos de Adão, dominados pelas desordenadas paixões do ódio, inveja, rivalidade, malícia e outros vícios que os tiraniza como a vis escravos.

Destas raízes tão corrompidas nascem as injustiças, as suspeitas do mal com insuficientes indícios, os juízos temerários, e a interpretação do duvidoso pelo pior. Cada qual atribui ao seu irmão a mesma falta que vê em si. Se com ódio ou inveja se entristece pelo bem do próximo, alegrando-se com seu mal, levianamente dá crédito ao que não devia, porque o deseja, sendo seu julgamento arrastado pela paixão.

De todos estes achaques do pecado esteve isenta nossa Rainha, pois nele não tinha parte. Caridade, pureza, santidade e perfeito amor, era tudo quanto em seu coração entrava ou saía; Nela estava a graça de toda a verdade, caminho e vida (**Eclo 24, 25**).

Com plenitude de ciência e santidade, nada duvidava nem suspeitava, porque conhecia o íntimo de todos. Via-os com verdadeira luz e misericórdia, sem suspeitar mal de ninguém e sem atribuir culpa a quem não tinha. Pelo contrário, antes remediava a muitos culpados, dando a todos e a cada um, com equidade e justiça, o que lhe pertencia, estando sempre disposta, com benigno coração, para encher todos os homens da doçura da graça e da virtude.

Outras virtudes referentes à justiça comutativa e distributiva

559. Nos dois gêneros de justiça *comutativa e distributiva,* encerram-se

muitas espécies de diferentes virtudes que não me detenho a referir, pois todas as que convinham à Maria Santíssima, teve-as em hábitos e em ato, no grau mais elevado e excelente.

Existem, porém, outras virtudes que se reduzem à justiça, porque se exercitam com o próximo e participam, de algum modo, das propriedades dessa virtude.

Não a satisfazem, porém, inteiramente, porque nunca chegamos a pagar adequadamente tudo quanto devemos. Mesmo que pudessemos pagá-lo, não é a dívida obrigação tão mesquinha, como a julga o rigor da perfeita justiça comutativa ou distributiva. Sendo estas virtudes muitas e diferentes, não direi tudo o que contém, mas, para não excluí-las completamente, direi algo em breve resumo, para se entender como as possuiu nossa soberana e mui excelsa Princesa.

A virtude da religião

560. Justa dívida é prestar culto e reverência aos que nos são superiores. Segundo a grandeza da sua excelência e dignidade e os bens deles recebidos, será maior ou menor a obrigação e culto que lhes devemos, ainda que nenhuma retribuição possa eqüivaler à nossa dívida e à dignidade do doador. Para isto servem três virtudes, de acordo com três graus de superioridade daqueles a quem devemos reverenciar.

A primeira é a virtude da *religião* pela qual damos a Deus o culto e reverência que lhe devemos, não obstante sua grandeza lhes exceder infinitamente, e seus dons não poderem ser retribuídos, com equivalente agradecimento e louvor. Entre as virtudes morais, a religião é nobilíssima pelo seu objeto, o culto a Deus, e sua matéria tão extensa, quantos são os modos e matérias pelos quais Deus pode ser diretamente louvado e reverenciado.

Compreendem-se nesta virtude os atos interiores de oração, contemplação e devoção, com todas suas partes e condições, causas, efeitos, objetos e finalidades. Dos atos exteriores compreende-se aqui a adoração latria, suprema e devida somente a Deus, com as espécies ou partes que a seguem: o sacrifício, as oblações, dízimos, votos, juramentos, louvores externos e vocais. Com todos estes atos, devidamente realizados, Deus é honrado e reverenciado pelas criaturas, enquanto pelos vícios opostos é muito ofendido.

Piedade, observância, latria, dulia e obediência

561. Em segundo lugar vem a *piedade*, virtude com a qual reverenciamos os pais, a quem, depois de Deus, devemos a existência e educação, e também aos que nisso participam, como os parentes que nos sustentam e a pátria que nos governa. Esta virtude da piedade é tão importante que, quando obrigatória, deve preferir-se aos atos de super-rogação da virtude de religião. Assim ensinou Cristo, Senhor nosso, por São Mateus (**Mt 15, 3**), ao repreender os fariseus que, com pretexto de culto a Deus, ensinavam a faltar a piedade para com os pais naturais.

Em terceiro lugar, vem a *observância*, virtude com a qual prestamos honra e reverência aos que tem alguma dignidade superior e diferente da dos pais e da pátria. Como espécie desta virtude, consideram os doutores a *dulia* e a *obediência*. Dulia é a reverência aos que têm alguma participação na excelência e domínio do supremo Senhor, Deus, a quem pertence o culto de adoração latria. Por isto honramos os santos com

adoração ou reverência dulia [4], como também os dignatários superiores das quais nos consideramos súditos.

A obediência leva-nos a submeter nossa vontade à dos superiores, desejando fazer a sua e não a nossa. Visto ser a própria liberdade tão estimável, por isto a obediência é tão admirável e excelente entre todas as virtudes morais, porquanto leva a criatura a oferecer, por amor de Deus, algo mais do que qualquer outra virtude.

Como Maria Santíssima possuiu essas virtudes

562. Estas virtudes de *religião, piedade, e observância* estiveram em Maria Santíssima com tanta plenitude e perfeição, que nada lhes faltou de quanto poderia ter uma pura criatura.

Que entendimento poderá compreender a honra, veneração e culto com que esta Senhora servia seu Filho diletíssimo, conhecendo-o, adorando-o como verdadeiro Deus e Homem, Criador, Redentor, Glorificador, Sumo, Infinito, Imenso no ser, na bondade, e em todos os atributos? Entre todas as puras criaturas, e mais que todas, foi Ela quem melhor o conheceu, e nesta medida, prestava a Deus a devida reverência, tendo-a ensinado aos próprios serafins.

De tal sorte foi mestra nesta virtude que, somente o vê-la, despertava, induzia e excitava com oculta força a que todos reverenciassem o supremo Senhor e Autor do céu e da terra. Sem outra diligência, impelia muitos a louvarem a Deus. Sua oração, contemplação, devoção e poder sempre atual de suas súplicas, todos os anjos e santos conhecem com eterna admiração, sem contudo as poder explicar.

Todas as criaturas inteligentes devem a Ela ter suprido e reparado, não somente o que nisso faltaram, mas ainda o que não poderiam fazer, nem merecer. Esta Senhora apressou a salvação do mundo, pois se não estivesse nesta terra, o Verbo não teria descido do seio do seu eterno Pai.

Ela ultrapassou os serafins, desde o primeiro instante, no contemplar, orar, pedir e estar devotamente pronta para o serviço divino. Ofereceu sacrifícios, oblações, décimas, tão agradáveis a Deus que, por parte do oferente, ninguém foi mais aceito, depois de seu Filho Santíssimo.

Nos eternos louvores, hinos, cânticos e orações vocais que compôs, excedeu a todos os patriarcas e profetas. Se a Igreja militante conhecesse esses louvores, como os conhece a triunfante, constituiriam singular admiração para o mundo.

Piedade e Observância

563. As virtudes da *piedade* e *observância* foram exercitadas por Maria Santíssima, como quem melhor conhecia a heróica virtude de seus pais e o quanto lhes devia. O mesmo fez com seus consangüíneos, enchendo-os de especiais graças, como ao Batista, à sua mãe Santa Isabel e aos demais do colégio apostólico.

Se sua pátria não houvera desmerecido pela ingratidão e dureza dos judeus, tê-la-ia tornado felicíssima. Não obstante, quanto a divina equidade permitiu, prodigalizou-lhe grandes benefícios e favores espirituais e temporais.

Na reverência aos sacerdotes foi admirável, pois só Ela pôde e soube dar o devido valor à dignidade dos ungidos do

---

4- ..."honramos aos santos com *adoração* ou *reverência dulia*". As próprias palavras da escritora explicam que esta "adoração aos santos" é *reverência dulia*, distinta e inferior à *adoração latria*, supremo culto reservado só a Deus. Atualmente, no lugar de *adoração dulia* aos santos, usa-se o termo *veneração*, reservando *adoração* somente para Deus. Em muitas outras passagens desta obra, referindo-se à Nossa Senhora, aos Anjos e santos, a autora emprega a palavra *adoração* com aquele sentido de *veneração*. Como para os leitores de hoje pode criar equívoco, sempre a traduziremos pela palavra *veneração*.

Senhor. Assim ensinou a todos, como também a reverência aos patriarcas, profetas e santos e, depois deles, aos senhores civis de suprema autoridade.

Não omitiu nenhuma destas virtudes nos tempos e ocasiões oportunos. Ensinou-as especialmente aos primeiros fiéis no início da Igreja evangélica. Obedecendo, não já a seu Filho Santíssimo em presença visível, Esposo dessa Igreja, porém, aos ministros dela, foi para o mundo exemplo de nova modalidade de obediência: porque, então, por especiais razões, todas as criaturas é que deviam obediência, àquela que no mundo ficara como Senhora e Rainha que deveria governá-los.

Gratidão, veracidade, vindicação, liberalidade, amizade

564. Restam outras virtudes também relacionadas com a justiça, porque com elas damos o que devemos aos outros por alguma dívida moral, que é honesta e decente obrigação. São: a *gratidão, veracidade, a vindicação, a liberalidade, a amizade ou afabilidade.* Pela *gratidão* procuramos, de algum modo, nos equiparar àqueles de quem recebemos benefícios. Agradecemos-lhes segundo a qualidade do favor e o afeto com que foi feito o principal do benefício, e também de acordo com o estado e condição do benfeitor.

A tudo isso, o agradecimento deve ser proporcionado, podendo demonstrar-se com diversos atos.

A *veracidade* inclina a respeitar a verdade, como é justo que se faça na vida humana e convívio necessário entre os homens, excluindo toda mentira (que em nenhum caso é lícita), qualquer enganosa simulação, hipocrisia, jactância e ironia. Todos estes vícios opõem-se à verdade. Se bem é possível, e mesmo conveniente, cingir-se ao menos, quando falamos de nossa própria excelência ou virtude, a fim de não ser molestos com excesso de jactância, contudo, nem em tal caso é justo fingir com mentira, atribuindo-se vício que não se tenha.

A *vindicação* é virtude que ensina a reparar, com alguma pena, o dano feito a nós ou ao próximo. Difícil é a prática desta virtude entre os mortais que, ordinariamente, são movidos por imoderada ira ou ódio fraterno, com que se vem a faltar à caridade e justiça. Quando, porém, não se visa o dano alheio, senão o bem particular ou público, esta virtude não é pequena. Foi praticada por Cristo, nosso Senhor, quando expulsou do templo os que o profanavam com irreverência (**Jo 2, 15**). Elias e Eliseu pediram fogo do céu para castigar alguns pecados (**4Rs 1, 20**). Nos provérbios se diz (**Pr 13, 24**): quem poupa a vara, quer mal a seu filho.

A *liberalidade* orienta a distribuição do dinheiro ou coisas semelhantes, evitando declinar para os vícios da avareza ou da prodigalidade.

A *amizade* ou *afabilidade* consiste no decente e conveniente modo de convívio e trato com todos, sem litígios ou adulação, vícios contrários a esta virtude.

Gratidão e piedade em Maria Santíssima

565. Nenhuma de todas estas virtudes (e se houveram outras atribuídas à justiça) faltaram à Rainha do céu. Teve-as todas em hábito e praticou-as com atos perfeitíssimos, segundo as ocasiões que ocorriam. Mestra e Senhora de toda santidade, a muitas almas instruiu e esclareceu, para exercitá-las com perfeição.

A virtude da gratidão a Deus, exercitou-a com os atos de religião e culto

que dissemos, porque este é o mais excelente modo de agradecer. Como a dignidade de Maria Puríssima, e sua correspondente santidade, se elevou acima de todo o entendimento criado, assim agradeceu esta eminente Senhora, proporcionando-se ao benefício, quanto era possível à pura criatura.

Outro tanto fez pela virtude da piedade, com seus pais e com sua pátria, conforme fica dito. Aos demais que lhe faziam qualquer benefício, agradecia a humilíssima Imperatriz, como se nada lhe fora devido. Quando, por justiça, tudo se lhe devia, era Ela que o agradecia com suma graça e favor.

Somente Ela, porém, soube dignamente e conseguiu dar graças, tanto pelos agravos e ofensas, como por grandes benefícios. Sua incomparável humildade nunca se ofendia com as injúrias e por todas se considerava obrigada. Não esquecendo os benefícios, nunca suspendia o agradecimento.

A verdade e vindicação em Maria Santíssima

566. Sobre a verdade em Maria Senhora nossa, tudo quanto se poderia dizer seria pouco, pois quem foi tão superior ao demônio, pai da mentira, não pôde ser atingida por tão desprezível vício.

A regra pela qual se deve medir essa virtude em nossa Rainha, é sua caridade e singeleza columbina, que excluem qualquer duplicidade e falácia no trato com as criaturas. Como se poderia achar culpa e dolo na boca daquela Senhora que, com uma palavra de verdadeira humildade, atraiu ao seu seio Aquele que é a verdade e santidade por essência?

Da virtude chamada *vindicação* tampouco faltaram à Maria Santíssima muitos atos perfeitíssimos. Não somente a ensinou nas ocasiões em que foi necessária, no princípio da igreja evangélica, mas também a exercitou pessoalmente, zelando a honra do Altíssimo.

Procurava converter muitos pecadores por meio da correção, como fez com Judas muitas vezes, ou mandava às criaturas - pois todas lhe eram submissas - castigar alguns pecados para o bem dos que, cometendo-os, mereceriam eterno castigo. Ainda que nestes atos fosse mansa e suavíssima, nem por isso perdoava o castigo, quando era meio eficaz de reparar o pecado. Era porém, com o demônio, que mais exercitava a vingança para livrar de sua servidão o gênero humano.

A liberalidade e a afabilidade em Maria Santíssima

567. Das virtudes da liberalidade e afabilidade praticou também a soberana Rainha atos excelentíssimos. Sua generosidade em dar e distribuir era de suprema Imperatriz da criação, e de quem sabia dar a digna estima ao visível e ao invisível.

Coisa alguma das que pôde distribuir liberalmente, julgou-a mais sua que do próximo. Jamais as negou a ninguém, nem esperou que, constrangidos, as pedisse, quando pôde se adiantar a lhas oferecer. As necessidades e misérias dos pobres que remediou, os benefícios que lhes fez, as misericórdias que espalhou, ainda em coisas temporais, nem em imenso volume se podem descrever.

Sua cordial afabilidade com todas as criaturas foi singular e admirável. Se não a controlasse com rara prudência, todo o mundo a seguiria, atraído por seu dulcíssimo trato, porquanto sua mansidão e suavidade, temperada com divina severidade e sabedoria, davam-lhe uns visos de

criatura sobre-humana.

Dispôs o Altíssimo esta graça em sua Esposa com tal providência que, deixando algumas vezes aos que com Ela tratavam vislumbrarem o sacramento do Rei Nela encerrado, logo corria o véu e o escondia, para permitir os sacrifícios e impedir os aplausos dos homens.

Tudo era menos de quanto se lhe devia, nem os mortais compreendiam como reverenciar, sem exceder ou faltar, à criatura, Mãe do Criador. Isto seria compreendido quando chegasse o tempo dos filhos da Igreja serem ilustrados com a fé cristã e católica.

A epiquéia

568. Para o exercício mais perfeito e adequado desta importante virtude da justiça, indicam-lhe os doutores outra parte chamada *epiquéia*. Por ela regem-se alguns atos que saem das regras e leis comuns, porquanto estas não bastam para prevenir todos os casos e circunstâncias ocorrentes, sendo necessário, em algumas ocasiões, agir por razões superiores e extraordinárias.

Desta virtude teve necessidade, e usou a Rainha soberana em muitos sucessos de sua vida santíssima, antes e depois da ascensão de seu Filho Unigênito aos céus. Especialmente depois, para estabelecer a primitiva Igreja, como em seu lugar direi [5], se for servido ao Altíssimo.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Justiça e gratidão

569. Minha filha, sobre a extensa virtude da justiça, ainda que aprendeste muito do apreço que merece, ignoras a maior parte, em conseqüência do estado da vida mortal. As palavras são incapazes de traduzir o que a inteligência compreende. Apesar disto, no estudo desta virtude terás copiosa exortação para as relações que deves ter com as criaturas, e como exercitar o culto do Altíssimo. Advirto-te, caríssima, que a suprema majestade do Todo-poderoso, justamente se indigna da ofensa dos mortais, que se esquecem da veneração, adoração e reverência a Ele devidas. Quando alguma lhe dão, é tão grosseira, distraída e descortês, que mais merecem castigo do que recompensa.

Aos príncipes e magnatas do mundo, profundamente reverenciam; pedem-lhes mercês, solicitando-as com meios e diligências estudadas. Quando recebem o que desejam agradecem-lhes, dispondo-se a lhes ser reconhecido por toda a vida.

O supremo Senhor, infinito e sumo bem, no entanto, lhes dá o ser, vida e movimento, conserva-os e sustenta-os; remiu-os e elevou-os à dignidade de filhos, e lhes quer dar sua mesma glória. A esta majestade, por não a verem com os olhos corporais, esquecem-na como se de suas mãos não lhes viessem todos os bens e contentam-se, quando muito, numa fria lembrança e apressado agradecimento. Nem falo ainda dos que ofendem ao justíssimo Governador do universo; dos que iniquamente quebram toda a ordem da justiça com o próximo. Pervertem toda a razão natural e fazem a seus irmãos o que não quereriam para si mesmos.

Culto a Deus e justiça com o próximo

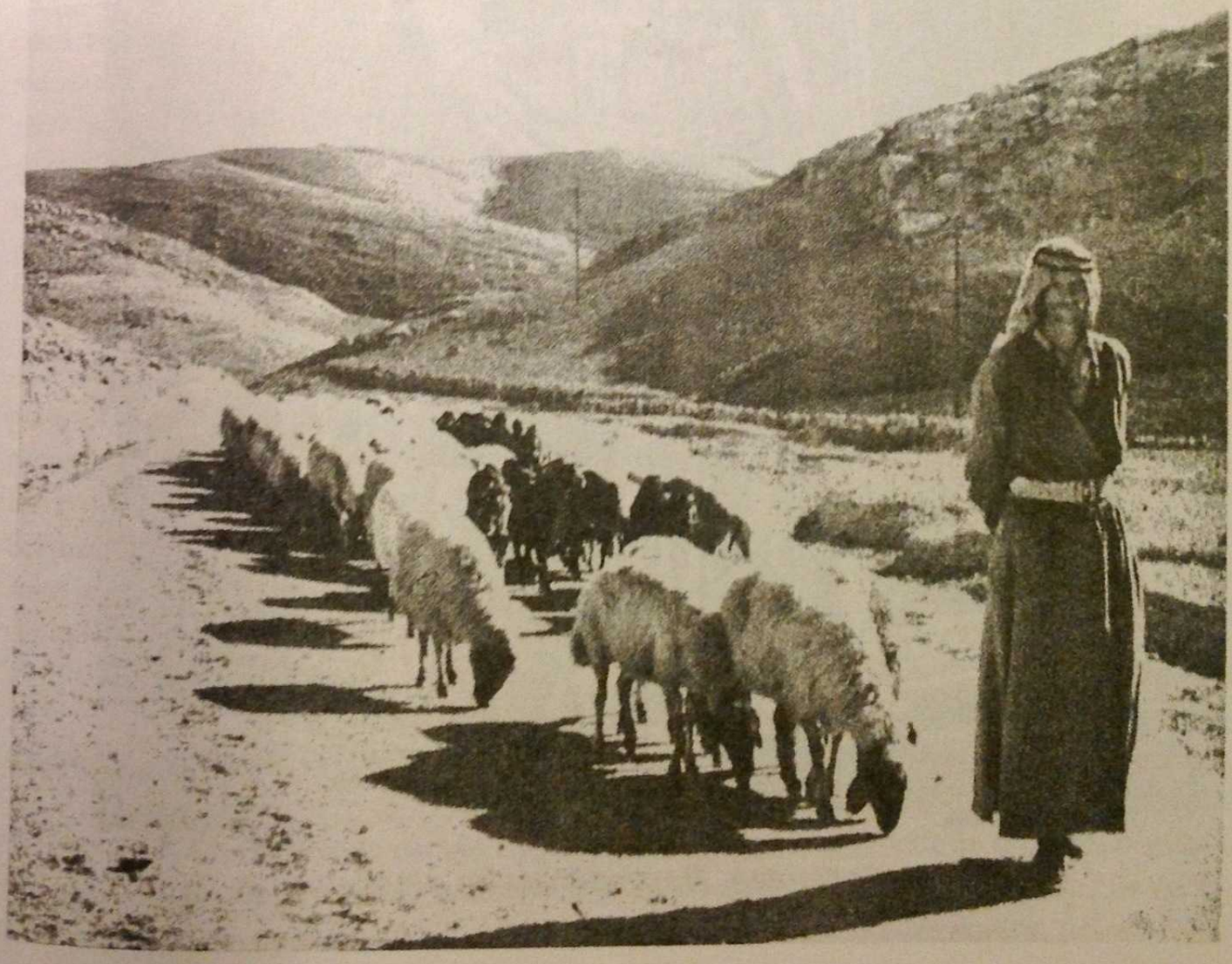
570. Detesta, minha filha, tão execráveis vícios, e, quanto estiver em tuas forças, repara por tuas obras o que esta má

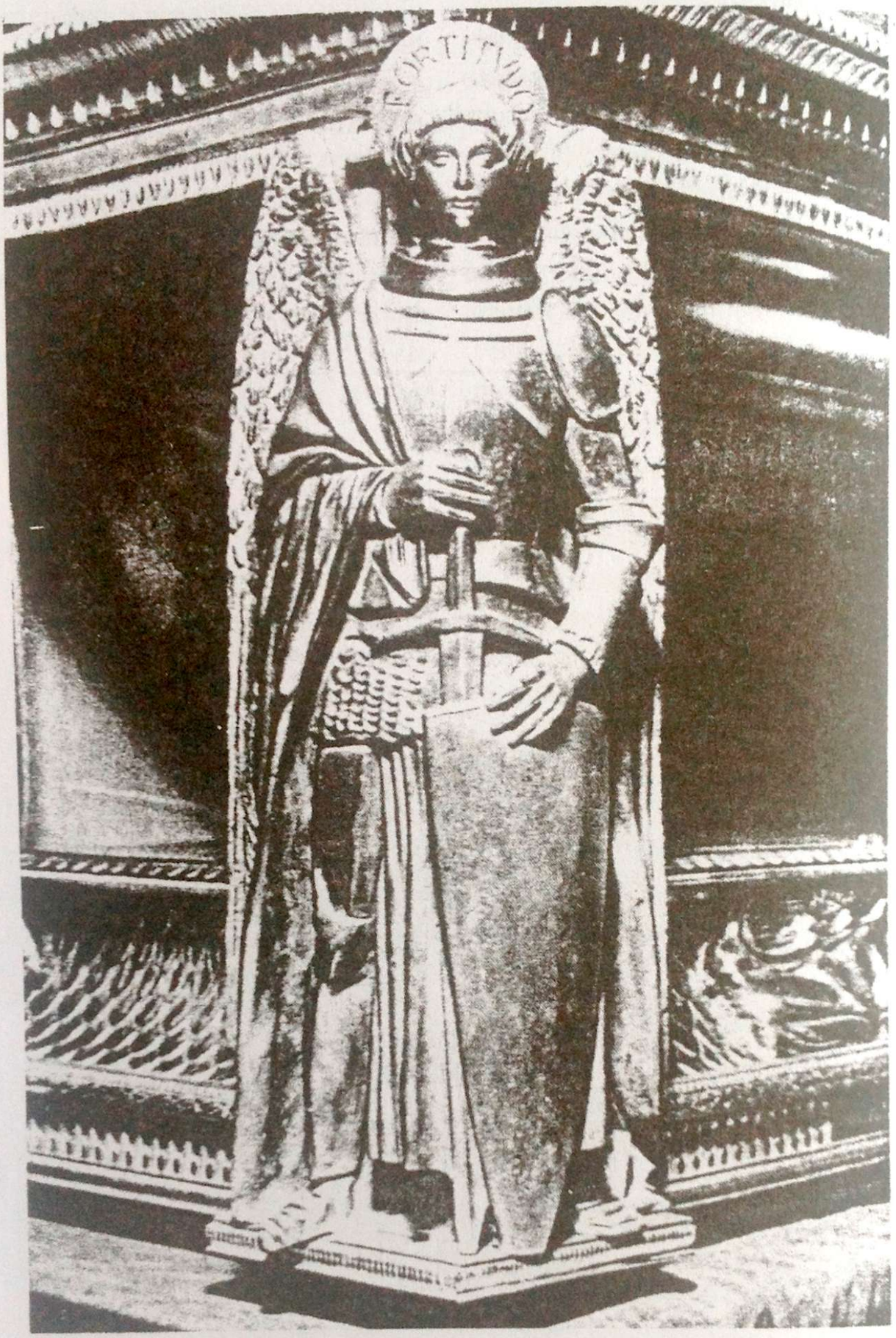
5- Parte III.

correspondência recusa ao Altíssimo. Já que por tua profissão estás dedicada ao culto divino, seja esta tua principal ocupação e prazer, assemelhando-te aos espíritos angélicos, incessantes no temor e culto do Senhor. Reverencia as coisas divinas e sagradas, até os ornamentos e vasos que servem a este ministério.

No ofício divino, oração e missa, procura estar sempre ajoelhada. Pede com fé e recebe com humilde gratidão, a qual também deves mostrar a todas as criaturas mesmo quando te ofenderem. Com todos mostra-te afável, simples e sincera, sem fingimento, duplicidade, detração ou murmuração, nem julgues levianamente a teu próximo.

Para cumprires com esta obrigação de justiça, conserva sempre, na memória e desejo, o propósito de fazer a teu próximo o que quererias fosse feito para ti. Acima de tudo, lembra-te o que meu Filho Santíssimo, e eu à sua imitação, fizemos por todos os homens.





A Fortaleza. Representação alegórica

CAPÍTULO 11

A VIRTUDE DA FORTALEZA EM MARIA SANTÍSSIMA.

A fortaleza e seus atos

571. A virtude da *fortaleza*, terceira entre as quatro cardeais, serve para moderar as operações da paixão irascível, principalmente consigo mesmo. É verdade que o concupiscível, a que pertence a temperança, é anterior ao irascível. O apetite da paixão concupiscível gera a paixão irascível, contra o que estorva o apetecido.

Apesar disso, trata-se primeiro da irascível e de sua virtude, a *fortaleza*, porque na prática, ordinariamente se consegue o apetecido pela intervenção da irascível, que supera aquilo que o impede. Por isto, a fortaleza é mais nobre e excelente que a *temperança*, de que falarei no capítulo seguinte.

As duas espécies de fortaleza

572. O controle da paixão irascível pela virtude da fortaleza, reduz-se a duas espécies de operações: usar da ira conforme a razão, nas circunstâncias que a tornem louvável e honesta, ou deixar de se irar reprimindo a paixão, quando é mais conveniente detê-la que praticá-la.

Ambos comportamentos são louváveis ou censuráveis, segundo o fim visado e as circunstâncias que os acompanham. A primeira destas operações, ou espécies, recebeu o nome de fortaleza, chamada por alguns doutores belicosidade. A segunda denomina-se paciência, a mais nobre e superior fortaleza, que principalmente possuem e possuíram os santos. Invertendo os valores e os nomes, os mundanos costumam chamar à paciência pusilanimidade, e à presunção impaciente e temerária fortaleza, por não compreenderem os verdadeiros atos desta virtude.

Maria, forte e suave

573. Não teve Maria Santíssima movimentos desordenados na irascível, para reprimir pela fortaleza. Na inocentíssima Rainha todas as paixões estavam ordenadas e submetidas à razão, e esta a Deus que a governava em todas as ações e movimentos. Teve, porém, necessidade desta virtude para se opor aos entraves que o demônio, por diversos modos lhe criava, para não vir a conseguir tudo o que, prudentíssima e ordenadamente, apetecia

para Si e para seu Filho Santíssimo.

Nesta corajosa resistência e combate, ninguém entre todas as criaturas foi mais forte. Todas reunidas não puderam chegar à fortaleza de Maria, nossa Rainha, pois não sofreram tantas pelejas e contradições do comum inimigo. Quando, porém, se fazia necessário usar desta fortaleza ou belicosidade com as criaturas humanas, era suave e forte, ou para melhor dizer, era tão forte quão suavíssima no agir. Somente esta divina Senhora, entre as criaturas, pôde copiar em suas obras aquele atributo do Altíssimo que, nas suas, une a suavidade com a fortaleza (**Sb 8, 1**).

Ao praticar assim a fortaleza, nossa Rainha não sentiu, em seu generoso coração, desordenado temor já que era superior a tudo. Tampouco se mostrou impávida e audaz além da medida. Não podia deslizar a estes extremos viciosos porque, com suma sabedoria, conhecia os temores que devia superar e a audácia que devia evitar. Assim estava vestida, como única mulher forte, de fortaleza e formosura (**Pr 31, 25**).

A paciência de Maria Santíssima

574. A parte da fortaleza que consiste na paciência, foi em Maria Santíssima mais admirável. Somente Ela participou da excelência da paciência de Cristo, seu Filho Santíssimo, no padecer e sofrer sem culpas, mais que todos os que as cometeram.

Toda a vida desta soberana Rainha foi uma contínua tolerância de sofrimentos, especialmente na vida e morte de nosso Redentor Jesus Cristo, onde a paciência excedeu a todo o pensamento de criaturas. Só o mesmo Senhor que lha outorgou pôde dignamente dá-la a conhecer.

Jamais esta candíssima pomba se indignou, faltando à paciência com criatura alguma, nem lhe pareceu grande algum trabalho e moléstia, das imensas que padeceu, nem se contristou por isso, nem deixou de receber tudo com alegria e ação de graças. Se a paciência (conforme o Apóstolo), é o primeiro filho da caridade (**1Cor 13, 4**), e nossa Rainha foi a Mãe do amor (**Eclo 24, 24**), também o foi da paciência.

Pelo amor deve medir-se a paciência, pois quanto mais amarmos e apreciarmos o bem eterno, acima de todo o visível, tanto mais nos determinamos a padecer qualquer pena para alcançá-lo e não perdê-lo. Por esta razão, foi Maria Santíssima pacientíssima acima de todas as criaturas, e, para nós, mãe desta virtude. Recorrendo a Ela, acharemos esta torre de David com mil escudos de paciência (**Ct 4, 4**), com os quais se armam os fortes da Igreja, e da milícia de Cristo, nosso Senhor.

Nada pode vencer a paciência de Maria

575. Não teve jamais nossa pacientíssima Rainha atitudes feminis de fraqueza, nem tampouco de ira exterior, porque tudo previa com divina luz e sabedoria. Esta não lhe evitava a dor, antes a aumentava, pois ninguém pôde conhecer o peso das culpas e ofensas infinitas contra Deus, como as conheceu esta Senhora. Mas nem por isso se alterou seu invencível coração. Seu semblante e seu íntimo jamais mudaram, quer pelas maldades de Judas, quer pelas contumélias e desacatos dos fariseus.

Mesmo que na morte de seu Filho Santíssimo (**Mt 27**) todas as criaturas e elementos insensíveis pareceram querer perder a paciência contra os mortais, não podendo suportar a injúria e ofensa de seu Criador, somente Maria mostrou-se inalterável. Estaria disposta para receber Judas, os fariseus e sacerdotes, se depois de

haverem crucificado a Cristo, nosso Senhor, recorressem a Ela como a Mãe de piedade e misericórdia.



Por que Maria nunca se irou?

576. Bem pudera a mansíssima Imperatriz do céu indignar-se e irar-se contra os que a seu Filho Santíssimo deram tão afrontosa morte, sem deixar esta ira passar dos limites da razão e virtude, pois o mesmo Senhor castigou justamente este pecado.

Estando eu com este pensamento, foi-me respondido que o Altíssimo dispôs que esta grande Senhora não tivesse estes movimentos e operações, ainda que razoavelmente os poderia ter. Não queria torná-la, mesmo indiretamente, acusadora dos pecadores, por tê-la escolhido como advogada e medianeira deles.

Seria mãe de misericórdia e por Ela viriam aos homens todas as que o Senhor queria prodigalizar aos filhos de Adão. Deste modo haveria quem dignamente abrandasse a ira do justo Juiz, intercedendo pelos culpados. Somente em relação ao demônio esta Senhora executou a ira, o necessário para a paciência, a tolerância e para vencer os impedimentos que este inimigo, antiga serpente, lhe opunha à prática do bem.

A magnanimidade

577. Também se inclui a magnanimidade e magnificência na virtude da fortaleza, porque delas participam em alguma coisa e dão firmeza à vontade em matérias com elas relacionadas. A magnanimidade induz a fazer grandes coisas, aqueles que estimam a elevada honra da virtude. Daqui dizer-se que ela tem por matéria os grandes honores e comunica aos magnânimos excelentes predicados como: aborrecer as lisonjas e simuladas hipocrisias, porque amá-las é próprio de ânimos mesquinhos e vis; não ser ambicioso, nem interesseiro, nem amigo do mais útil, mas sim do mais honesto e elevado; não falar de si com jactância; ser parci- monioso em fazer coisas pequenas para se reservar às maiores; ser mais inclinado a dar do que a receber. Todas estas coisas são dignas de maior honra. Apesar disto, esta virtude não se opõe à humildade, pois uma virtude não pode contradizer outra.

A magnanimidade torna o homem, mediante seus dons e virtudes, merecedor de grandes honras, porém, sem as ter apetecido ambiciosa e desordenadamente. A humildade, além disso, ensina-lhe referir as próprias virtudes a Deus e desestimar-se a si mesmo, pelos defeitos e fraquezas da própria natureza

A dificuldade que apresentam estes grandes e nobres atos de virtude, exige especial fortaleza que vem a ser a *magnanimidade*. Seu equilíbrio consiste em controlar as energias nas grandes ações, a fim de que nem as deixemos por pusilanimidade, nem as empreendamos com presunção ou desordenada ambição e apetite de vanglória, pois todos estes vícios os magnânimos os desprezam.

A magnificência

578. A *magnificência* também visa realizar grandes coisas. Neste sentido lato pode ser considerada virtude comum que, em todas as matérias virtuosas, faz coisas grandes. Contudo, como há especial razão ou dificuldade em fazer grandes despesas, ainda que seja conforme à razão, por isto chama-se magnificência especialmente a virtude que determinadamente inclina a grandes gastos.

Devem, contudo, regular-se pela prudência, para que o ânimo nem seja escasso, quando a razão pede muito, nem tampouco seja pródigo, quando não convém, e saiba cortar o inconveniente. Esta virtude parece ser a mesma que a liberalidade, se bem que os filósofos façam distinção entre elas. O magnífico visa coisas grandes, sem outras considerações, enquanto que o liberal atende ao amor e moderado uso do dinheiro. Assim, alguém poderá ser liberal, sem chegar a magnífico, se se abstém de distribuir o que tem maior valor e quantidade.

A magnanimidade em Maria Santíssima

579. Estas duas virtudes, magnanimidade e magnificência, possuiu-as a Rainha do céu com algumas propriedades, que os demais não puderam ter. Somente Maria Puríssima não encontrou dificuldade, nem resistência, para realizar todas as coisas grandes. Só Ela transformou todas, mesmo pequenas, em grandes. Só Ela entendeu perfeitamente a natureza e propriedades destas virtudes como de todas as mais.

Assim lhes pôde conferir a suprema perfeição, sem restringi-las pelas inclinações contrárias, ou pela ignorância no modo de praticá-las. O atender a outras virtudes também não a embaraçava, como costuma suceder ainda aos mais santos e prudentes que, não conseguindo tudo abranger, fazem só o que lhes parece melhor.

Em todas as obras virtuosas foi esta senhora tão magnânima, que sempre fez o mais elevado e digno de honor e glória. Merecendo recebê-la de todas as criaturas, foi a mais magnânima em a desprezar e pospor, para referi-la só a Deus. Praticou, dentro da humildade, o mais perfeito e magnânimo desta virtude.

Como os atos heróicos da humildade, divinamente competem com o magnânimo das virtudes, subsistiam em Maria todas reunidas, como ricas jóias, porfiando em formosa variedade, para adornar a filha do Rei, cuja glória residia toda em seu interior, como disse David, seu pai (**Sl 44, 14**).

A magnificência em Maria Santíssima

580. Na magnificência também se mostrou grande nossa Rainha, pois embora fosse pobre, principalmente de espírito, sem amor a coisa alguma terrena, contudo, de quanto o Senhor lhe deu, distribuiu magnificamente. Assim fez, quando os Reis Magos (**Mt 2, 11**) ofereceram preciosos dons ao menino Jesus e depois durante o

tempo que viveu na Igreja, após a ascensão do Senhor ao céu.

A sua maior magnificência consistiu em que, sendo Senhora de toda a criação, tudo destinou para magnificamente (quanto era de seu desejo) ser gasto em benefício dos necessitados, e para a honra e culto de Deus. A muitos ensinou esta doutrina e virtude.

Foi mestra de perfeição, em obras que os mortais em conseqüência de vis costumes e más inclinações, realizam tão mal e sem a prudência devida. Geralmente desejam os mortais, segundo sua inclinação, a honra e glória da virtude, para serem tidos por grandes e singulares. Esta inclinação e afeto coloca-os fora da verdadeira ordem, porque não dirigem esta glória ao Senhor de tudo. Daí, não acertarem os meios, e quando encontram ocasião de fazer algum ato de magnanimidade ou magnificência, fraquejam e não realizam, por serem de ânimos apoucados e vis. Querendo, por outro lado, parecer grandes, excelentes e dignos de veneração, usam de outros meios errados e verdadeiramente viciosos, fazendo-se iracundos, infatuados, impacientes, carrancudos, altivos e jactanciosos.

Como todos estes vícios não são magnanimidade, mas revelam mesquinhez e baixeza de coração, não conseguem entre os sábios glória nem honra e, sim, vitupério e desprezo. Mais se encontra a honra dela fugindo, do que a procurando; mais com obras, do que com desejos.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Vícios contrários à fortaleza

581. Minha filha, se atentamente, como eu te mando, procurares entender a necessidade e predicados da virtude da fortaleza, ela te entregará a rédea da paixão irascível, uma das que mais rapidamente se alteram e perturbam a razão. Será também o instrumento para realizares o mais alto e perfeito das virtudes, como o desejas. Será força com que resistirás e vencerás os obstáculos, que teus inimigos suscitam para te amedrontar no mais difícil da perfeição.

Adverte, porém, caríssima, que a potência irascível serve a concupiscível. Acende-se para resistir ao que estorva a concupiscência de conseguir o que apetece. Daqui procede que, se a concupiscência se desorienta, amando o que é vicioso ou bem apenas aparente, logo a irascível se desordena após ela, e em lugar da fortaleza virtuosa, nascem muitos vícios execráveis e feios.

Daqui entenderás, porque do desordenado apetite da própria excelência e vã glória, gerados pela soberba e vaidade, nascem tantos vícios da paixão irascível: discórdias, contendas, rixas, jactância, gritos, impaciência, pertinácia. E ainda outros vícios da mesma paixão concupiscível: hipocrisia, mentira, cobiça de vaidade, curiosidade, e desejar a criatura parecer mais do que é, e não o que verdadeiramente lhe pertence por seus pecados e baixeza.

A paciência

582. De todos este vícios tão feios ficarás livre, se energicamente mortificares e dominares os movimentos desordenados da concupiscível, mediante a temperança, da qual adiante falarás. Quando, todavia, apeteceres e amares o justo e conveniente, e para consegui-lo te valeres da fortaleza e da irascível bem ordenada, seja de maneira a não te excederes. Sempre há perigo de se irar com zelo da virtude, quem está sujeito a seu

próprio e desordenado amor. Às vezes, este vício se disfarça e se encobre com capa de bom zelo, e a criatura deixa-se enganar: ira-se pelo que apetece para si, querendo atribuí-lo ao zelo de Deus e bem do próximo.

Por isto, é tão necessária e louvável a paciência que nasce da caridade e é acompanhada pela largueza e magnanimidade. Quem ama deveras ao sumo e verdadeiro bem, facilmente sofre a perda da honra e glória aparentes, e com magnanimidade a despreza por abjeta e sem valor. Mesmo quando as criaturas lha oferecem, não a estima, e nos demais trabalhos se mostra invencível e constante. Deste modo conquista, quanto possível, o bem da perseverança e da paciência.



Colheita de trigo

CAPÍTULO 12

A VIRTUDE DA TEMPERANÇA EM MARIA SANTÍSSIMA.

Definição e utilidade da temperança

583. A criatura apetece o bem sensível e repele o mal. Este último movimento modera-o com a fortaleza, que serve, como disse, para a vontade não se deixar vencer pela paixão irascível, mas vença com coragem, mesmo a custa de padecer qualquer mal sensível, a fim de conseguir o bem honesto.

Os outros movimentos da paixão concupiscível governam-se com a *temperança*, última e menor das virtudes cardeais. O bem alcançado não é tão geral como aquele visado pelas outras virtudes, porque a temperança procura alcançar o bem particular de quem a possui.

Definem os doutores e mestres a temperança como universal moderação de todos os apetites naturais, sendo, neste sentido, virtude geral e comum, compreendendo todas as virtudes que movem o apetite de acordo com a razão. Não tratamos agora da temperança neste sentido geral, mas só enquanto governa o concupiscível na matéria do tato, onde o deleite move com maior força e conseqüentemente, em outras matérias deleitáveis, que imitam o deleite do tato, ainda que com menos intensidade.

Efeitos da temperança e do vício contrário

584. Assim considerada, a temperança ocupa o último lugar entre as virtudes, porque seu objeto não é tão nobre como o das outras. Não obstante, são-lhe atribuídas algumas excelências maiores, porque afasta de objetos e vícios mais feios e aborrecíveis, como a intemperança nos deleites sensitivos, comuns ao homem e aos brutos irracionais.

Por isto, disse David (**Sl 48, 13-21**), o homem tornou-se semelhante ao jumento quando se deixou levar pela paixão do deleite. Pela mesma razão, o vício da intemperança chama-se pueril, porque a criança não se move pela razão, mas pelo capricho do apetite, e só se modera pelo castigo.

Pedindo à paixão concupiscível que se refreie nestes deleites, a virtude da temperança redime o homem deste indecoro, ensinando-o a governar-se não pelo deleite, mas pela razão. A esta virtude se atribui certa honestidade, decoro e formo-

sura que ela transfere ao homem, quando este se mantém dentro da razão, contra uma paixão tão indômita, que poucas vezes a escuta e lhe obedece. Se, pelo contrário, o homem se sujeita ao deleite animal, segue-lhe grande desonra pela semelhança bestial e pueril que adquire.

Outras virtudes encerradas na temperança

585. Na temperança estão compreendidas as virtudes da *abstinência* e *sobriedade*, em oposição aos vícios da gula na comida, e da embriaguez na bebida. Na abstinência está compreendido o *jejum*. São estas as primeiras virtudes, porque a primeira coisa que se oferece ao apetite é o objeto do gosto, para conservar a natureza.

Depois destas virtudes seguem-se as que moderam o uso da propagação natural, a *castidade e pudor*, compreendendo a *virgindade e continência*, em contraposição aos vícios da luxúria, incontinência e suas espécies. A estas virtudes, que são as principais da temperança, seguem-se outras que abrandam o apetite em outros deleites menores. As que moderam os sentidos do olfato, ouvido e vista se reduzem às do tato.

Há, porém, outras semelhantes: a *clemência* e *mansidão* que governam a ira e a desordem no castigar, as quais podem transformar-se em crueldade desumana ou bestial. A *modéstia* encerra quatro virtudes: - a *humildade*, oposta à soberba, que detém o homem a não apetecer desordenadamente a própria excelência; a *estudiosidade* para não apetecer saber mais do que convém e como convém, contrapondo-se ao vício da curiosidade; a moderação ou *austeridade*, para não apetecer o fausto, supérfluo e ostentação no traje e aparência exterior; a que modera o apetite desmedido nos exercícios físicos, como os jogos, movimentos do corpo, divertimentos, dança, etc. Esta virtude é muito necessária, e geralmente se chama *modéstia* ou temperança.

A temperança em Maria Santíssima

586. Para manifestar a excelência que estas virtudes alcançaram na Rainha do céu, assim como expliquei das outras, sempre tenho por insuficientes os termos e palavras comuns, que usamos para falar das virtudes das outras criaturas. Maior proporção tiveram as graças e dons de Maria Santíssima com as de seu diletíssimo Filho, e estas com as perfeições divinas, do que todas as virtudes e santidade dos santos comparadas com as desta soberana Rainha das virtudes.

Daqui vir a ser muito despropor-



cionado, quanto Dela podemos dizer com palavras, empregadas para explicar as graças e virtudes dos demais santos. Nestes, por mais consumadas que fossem suas virtudes, encontravam-se em criaturas imperfeitas, sujeitas ao pecado e por ele desordenadas. Se, a respeito destas criaturas disse o Eclesiástico (**Eclo 26, 20**) que não se poderia fazer digna ponderação da excelência do casto, que diremos da temperança da Senhora das graças e virtudes, e da formosura de sua alma santíssima, repleta da plenitude de todas elas?

Todos os domésticos desta Mulher forte (**Pr 31, 21**) estavam guarnecidos com duplicadas vestes, porque suas potências estavam adornadas com dois hábitos ou perfeições de incomparável formosura e fortaleza: o da justiça original, que subordinava os apetites à razão e à graça; e os hábitos infusos, que acrescentavam nova beleza e energia para agir com suma perfeição.

Diferença entre a temperança dos santos e a de Maria Santíssima

587. Todos os santos que se distinguiram na perfeição da temperança, terão chegado a sujeitar a indômita paixão concupiscível ao jugo da razão, para não apetecer, fora da ordem, o que depois teriam que reparar com a dor de o haver apetecido. Quem se adiantasse até aí, conseguiria negar ao apetite tudo aquilo que se pode subtrair à natureza humana sem destruí-la. Nestes atos de temperança, porém, sentiria alguma dificuldade, que retardaria o afeto da vontade. Pelo menos, certa resistência, que o impediria de conseguir plenamente seu desejo e, com o Apóstolo, queixar-se-ia do infeliz jugo deste pesado corpo (**Rm 7, 24**).

Em Maria Santíssima não havia esta discordância, pois os apetites, sem pretensões e sem se antecipar à razão, deixavam todas as virtudes operar com tal sintonia e acordo que, fortalecendo-a como exércitos de esquadrões bem ordenados (**Ct 6, 3**), formavam um coro de celestial harmonia.

Além, disso, não tendo desvios do apetite a reprimir, de tal modo exercitava os atos da temperança, que em sua mente não puderam penetrar imagens ou memórias de movimentos desordenados. Ao contrário, imitando as divinas perfeições, suas operações eram como que originadas e copiadas daquele divino exemplar, a Ele se dirigindo como a única regra de perfeição e último fim a que tendiam.

A abstinência e sobriedade de Maria Santíssima

588. A *abstinência e sobriedade* de Maria Santíssima constituíram admiração para os anjos. Sendo Rainha de toda a criação, e estando sujeita às naturais paixões da fome e sede, jamais apeteceu finos manjares à altura de sua grandeza e poder, nem usava do alimento por gosto, mas apenas pela necessidade. A esta satisfazia com tal temperança que nem excedia, nem pôde exceder, além do exato necessário para a conservação da vida. Protelava um pouco o alimentar-se, para sentir fome e sede, e deixar à graça ocasião de agir, juntamente com o natural efeito do escasso alimento recebido. Nunca sofreu alterações orgânicas por excesso ou falta de comida ou bebida, nem por esta falta sentiu mais necessidade, nem a teve num dia mais de no outro. Se delas se abstinha um pouco mais do que a natureza pedia, era alimentada pela graça, da qual também vive a criatura, e não apenas de pão (**Mt 4, 4**).

Bem poderia o Altíssimo

sustentá-la sem comida e bebida, porém, não o fez para não privá-la do merecimento, e nós do exemplo de sua temperança. Sobre a qualidade e horário de sua alimentação, fala-se em diferentes lugares desta História [6]. Por sua própria vontade nunca comeu carne, nem mais de uma única vez por dia, salvo quando viveu com seu esposo José, e quando acompanhava seu Filho Santíssimo. Nestas ocasiões, para acomodar-se aos outros, seguia a ordem que o Senhor lhe dava. Sua temperança, porém, era sempre miraculosa.

A pureza de Maria

589. Da virginal *pureza e pudor* da Virgem das virgens, nem os supremos serafins podem dignamente falar. Nesta virtude, que neles é natural, foram inferiores à sua Rainha, porquanto, mediante privilégio da graça e poder do Altíssimo, esteve Maria Santíssima mais imune do vício contrário, do que os mesmos anjos que, por natureza, não podem ser por ele atingidos.

Nesta vida, nós, os mortais, não conseguimos formar o devido conceito desta virtude na Rainha do céu: embaraça-nos muito o pesado barro, que obscurece em nossa alma a cândida e cristalina luz da castidade. Possuiu-a nossa grande Rainha, em tal grau, que a pôde nobremente preferir à dignidade de Mãe de Deus, se não fora aquela virtude a que mais a dispunha para esta inefável grandeza.

Medindo, porém, a pureza virginal de Maria com o apreço que Ela lhe votou, conhecer-se-á um pouco qual foi esta virtude em seu virginal corpo e alma. Desejou-a desde sua imaculada conceição. Dela fez voto em sua natividade, e guardou-a de tal modo que jamais praticou ação, movimento ou gesto que a ofendesse, nem sequer tocasse em seu pudor. A não ser por vontade de Deus, jamais falou com homem algum. Não lhes fitava o rosto, nem ao das mulheres, não pelo perigo, mas por mérito, para nosso exemplo e pela superabundância de sua divina prudência, sabedoria e amor.

A clemência e mansidão de Nossa Senhora

590. De sua *clemência e mansidão* disse Salomão que a lei da clemência estava em sua língua (**Pr 31, 26**), pois nunca se moveu, a não ser para distribuir a graça que em seus lábios se derramava (**Sl 44, 3**). A mansidão governa a ira, e a clemência modera o castigo. Não teve nossa mansíssima Rainha ira para moderar, nem usava desta potência, como disse no capítulo passado [7], senão para os atos de fortaleza contra o pecado, o demônio etc.

Contra as criaturas racionais, porém, não se irou com o fim de castigá-las, nem por sucesso algum perdeu a mansidão perfeitíssima, mantendo imutável e inimitável igualdade interior e exterior. Jamais se lhe viu mudança no semblante, na voz, nem movimentos que demonstrassem alguma comoção interior de ira.

O Senhor usou desta mansidão e clemência como instrumento da sua e, por ela, difundiu todos os benefícios e efeitos das suas antigas misericórdias. Para este fim era necessário que a clemência de Maria, Senhora nossa, fosse proporcionado instrumento da que o Senhor tem pelas criaturas.

Considerando, atenta e profundamente, a ação da divina clemência para com os pecadores, e sabendo-se que se dispunha e executava através de Maria Santíssima, idôneo instrumento para ela,

6- Parte II, nºs 196, 424, 898.

7- nº 573 e ss.

conhecer-se-á de algum modo a clemência desta Senhora.

Quando repreendia, era mais rogando, admoestando e ensinando do que punindo. Assim o pediu Ela ao Senhor, e sua providência o dispôs, para que nesta excelsa Rainha a lei da clemência estivesse como em seu manancial e reservatório (**Pr 31, 26**), do qual Sua Majestade se servisse, e os mortais aprendessem esta virtude como as demais.

A humildade de Maria

591. Para dignamente falar alguma coisa, do modo como possuiu Maria Santíssima as outras virtudes encerradas na modéstia - especialmente a *humildade, austeridade e pobreza* - seriam necessários muitos livros e linguagem angélica. Do que posso conseguir dizer, está cheia esta história, porque em todas as ações da Rainha do céu resplandeceu, acima de qualquer virtude, sua incomparável humildade.

Temo ofender a grandeza desta singular virtude, querendo encerrar em breves termos, o pélago que abarcou o incompreensível e incomensurável. Tudo quanto conseguiram compreender e praticar os santos e anjos a respeito desta virtude da humildade, não chegou ao mínimo da de nossa Rainha.

A quem dos santos e anjos o mesmo Deus chamou Mãe? E quem, fora de Maria e do eterno Pai, pôde chamar filho ao Verbo humanado? Pois, se quem chegou, por esta dignidade, a ser semelhante ao Pai - tendo as graças e dons convenientes para isso - colocou-se na própria estima no último lugar das criaturas, a todas considerando superiores: que perfume, que fragrância desprendia para Deus este humilde nardo (**Ct 1, 11**) que guardava em si o supremo Rei dos reis?

A humildade nos anjos e nos homens

592. Que as colunas do céu (os anjos) se comovam e estremeçam (**Jó 26, 11**) em presença da inacessível luz da Majestade infinita, não é maravilha, pois presenciaram a ruína de seus semelhantes, enquanto foram preservados, mediante os mesmos benefícios e razões que todos tiveram.

Que os mais fortes e invencíveis santos se humilhassem, abraçando o desprezo e abatimento, reconhecendo-se indignos do menor favor da graça, e até do obséquio e socorro das coisas naturais, tudo era justíssimo e coerente, pelo fato de todos havermos pecado e necessitarmos de ser justificados por Deus (**Rm 3, 23**).

Ninguém foi tão grande e santo, que não pudesse ser maior; nem tão perfeito, que não lhe faltasse alguma virtude; nem tão inocente, que o olhar de Deus nele não encontrasse alguma coisa que repreender. Mesmo que alguém fosse em tudo perfeitamente consumado, todos permanecem na esfera da graça e favor comuns, sem ninguém chegar a ser em tudo superior a todos.

A humildade incomparável de Maria

593. Nisto porém, foi sem semelhante, a humildade de Maria Puríssima. Sendo autora da graça, princípio de todo o bem para as criaturas, a suprema entre todas elas, prodígio das perfeições de Deus, centro de seu amor, obra de sua onipotência, aquela que O chamou Filho e a quem Ele chamou Mãe, humilhou-se ao mais baixo lugar de toda a criação.

Gozando da maior excelência que Deus pôde colocar em pura criatura, e não tendo outra superior a Ela para atingir, humilhou-se, julgando-se indigna de rece-

ber a menor estimação, excelência e honra da mais ínfima criatura racional. Não somente se considerava indigna da dignidade de Mãe de Deus e das graças que isto encerrava, mas ainda do ar que respirava, da terra que a sustentava, do alimento que recebia e de qualquer obséquio e serviço das criaturas, tudo agradecendo como se nada merecera.

Para dizer muito em poucas palavras, não desejar a criatura racional a excelência que absolutamente não lhe compete, ou que por alguma razão desmerece, não é tão generosa humildade, ainda que a infinita clemência do Altíssimo a aceite e se dê por obrigado a quem assim se humilha.

O mais admirável, porém, é que se humilhe, mais que todas as criaturas juntas, Aquela que, merecendo toda majestade e excelência, não a desejou nem procurou. E, sendo digna Mãe de Deus, aniquilou-se em sua própria estima, merecendo com esta humildade ser, com justiça, elevada ao domínio e senhorio da criação universal.

A modéstia de Maria

594. A esta incomparável humildade, correspondiam em Maria Santíssima as outras virtudes compreendidas na modéstia. O apetite de saber mais do que convém, ordinariamente nasce de pouca humildade ou caridade. Sendo vício sem proveito, vem a ser muito prejudicial, como sucedeu a Dina (**Gn 24, 1**) que procurando ver, com inútil curiosidade, o que não precisava, foi vista com tanto dano para sua honra.

Da mesma raiz da presunçosa soberba, costuma originar-se a supérflua ostentação e fausto no trajar, as desordenadas ações, gestos e movimentos corporais, que servem à vaidade e sensualidade e dão prova da leviandade do coração, segundo o que diz o Eclesiástico (**Eclo 19, 27**): o traje do corpo, o riso da boca e os movimentos do homem, revelam seu interior.

Todas as virtudes contrárias a estes vícios estavam em Maria Puríssima intactas, sem contradição ou movimento que as pudesse perturbar ou manchar. Pelo contrário, como filhas e companheiras de sua profundíssima humildade, caridade e pureza, comunicavam a esta soberana Senhora certos vislumbres mais de criatura divina do que humana.

A pobreza, austeridade e modéstia de Maria

595. Era estudiosíssima[8] sem curiosidade. Estando repleta de mais sabedoria que os próprios querubins, deixava-se instruir por todos, como se fosse ignorante. Quando usava da divina ciência, para perscrutar a divina vontade, era tão prudente e movida por fins tão altos, e oportunas circunstâncias, que seus desejos sempre feriam o coração de Deus e o atraía a satisfazer-lhe sua ordenada vontade.

Na *pobreza e austeridade* foi admirável. Sendo Senhora de toda a criação e podendo de tudo dispor, tudo abandonou para imitar seu Filho Santíssimo. Assim como o Pai pôs todas as coisas nas mãos do Verbo Humanado, (**Jo 13, 3**) também as confiou às mãos de sua Mãe. Ela, porém, fez o mesmo e deixou-as todas, afetiva e efetivamente, pela glória de seu Filho e Senhor.

Da *modéstia* de suas ações, *doçura* de suas palavras e de seu porte, bastará dizer que, pela inefável grandeza que revelava nessas virtudes, poderia ser considerada criatura mais que humana, se a fé não ensinasse que era pura criatura, conforme confessou o sábio de Atenas, São Dionísio.

8- Estudiosidade - Ver explicação em o nº 585.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Necessidade da temperança

596. Minha filha, segundo o que compreendeste, disseste alguma coisa sobre a dignidade e excelência da virtude da temperança, e o modo como eu a praticava. Muito ficaria ainda por dizer, para que os mortais entendessem a premente necessidade de controlar seus atos pela temperança.

Castigo do primeiro pecado foi o homem perder o perfeito domínio da razão. As paixões, desobedientes a ela, se revoltaram contra o homem rebelde a Deus, por desprezar seu justíssimo preceito. Para reparar este dano foi necessária a virtude da temperança; ela doma as paixões, refreia seus movimentos de deleite, modera-as e restitui ao homem o conhecimento do perfeito equilíbrio da concupiscência. Ensina-o novamente a se sujeitar à razão, que tem capacidade para Divindade, e a não seguir os próprios deleites, como os irracionais. Sem esta virtude, impossível é à criatura despir-se do velho homem, e se dispor para os dons da graça e sabedoria divina, porquanto esta não habita na alma de um corpo sujeito a pecados (**Sb 1, 4**).

Aquele que, mediante a temperança, modera suas paixões, negando-lhes o desordenado e bestial deleite que apetecem, poderá dizer, por experiência, que o rei o introduz na adega de seu delicioso vinho (**Ct 2, 4**) e dos tesouros da sabedoria e espirituais carismas. Esta virtude é a comum geradora de outras muitas virtudes formosas, fragrantes e agradáveis ao Altíssimo.

Frutos espirituais da temperança

597. Apesar de ser meu desejo que te esforces por adquirir todas as virtudes, considera, em particular, a beleza e o agradável perfume da castidade; a energia da abstinência e sobriedade na comida e bebida; a suavidade da modéstia nas palavras e ações; a nobreza da altíssima pobreza no uso das coisas.

Com estas virtudes obterás a luz divina, a paz e a tranqüilidade de tua alma, a serenidade de tuas potências, o controle de tuas inclinações. Chegarás a ser toda iluminada com os resplendores da divina graça e seus dons. Da vida sensitiva e animal, serás elevada à vida angélica e sua conversação, vida que desejo para ti, e que tu mesma queres alcançar com o auxílio divino.

Adverte, pois, caríssima, e desvela-te em agir sempre pela luz da graça, e nunca se movam tuas potências somente pelo próprio deleite e gosto. Em todas as coisas necessárias para a vida: comer, dormir, vestir, falar, ouvir, desejar, corrigir, mandar, pedir - em tudo sejas governada pela luz e gosto de teu Senhor e Deus, e não pelo teu, visando unicamente sua glória e beneplácito.

Vícios contrários à temperança e seus danos

598. Para mais te afeiçoares à beleza e graça desta virtude, lembra-te da fealdade dos vícios contrários a ela. Medita, na luz que recebes, quão feio, abominável, horrível e monstruoso encontra-se o mundo aos olhos de Deus e dos santos, pela enormidade de tantas abominações, cometidas pelos homens contra esta amável virtude.

Observa quantos seguem, ao

modo dos animais brutos, a repelente sensualidade; outros a gula e a embriaguez, estes o luxo e a vaidade, aqueles a soberba e a presunção, outros a avareza, o deleite de adquirir bens. De modo geral, todos se deixam arrastar pelo ímpeto das paixões. Enquanto agora buscam apenas o deleite, vão entesourando, para o futuro, eternos tormentos na privação da vista beatífica de seu Deus e Senhor.



Moita de espinhos nos arredores de Jerusalém. Dessa espécie seriam os espinhos com que Jesus foi coroado em sua Paixão.

CAPÍTULO 13

MARIA SANTÍSSIMA E OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO.

Definição e nomenclatura dos dons

599. Parece-me que os sete dons do Espírito Santo, conforme a luz que deles tenho, acrescentam algo às virtudes a que se referem, e por este acrescentamento, delas se distinguem, embora tenham o mesmo objeto.

Qualquer benefício do Senhor, mesmo natural, pode chamar-se dom ou dádiva de sua mão. Agora, porém, não falamos dos dons em geral, mesmo que sejam virtudes e dádivas infusas, porque nem todos os que possuem alguma ou diversas virtudes, receberam com elas a graça dos respectivos dons. Pelo menos não chegam àquele grau que lhes confere o nome de dons perfeitos.

Assim deduzem os doutores sagrados das palavras de Isaías ao dizer que em Cristo, nosso Salvador, descansaria o Espírito do Senhor (**Is 11, 2**), enumerando sete graças que comumente se chamam dons do Espírito Santo: o espírito de *sabedoria e entendimento*, o espírito de *conselho e fortaleza*, o espírito de *ciência e piedade* e o do *temor de Deus.*

Estes dons encontram-se na alma santíssima de Cristo, redundantes da Divindade, à qual estava hipostaticamente unida, ao modo como na fonte se encontra a água que dela dimana para se comunicar a outros. Todos nós participamos das águas do Salvador (**Is 12, 3**), graça por graça (**Jo 1, 16**) e dom por dom, Nele estando escondidos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus (**Cl 2, 2**).

Atividade dos dons

600. Os dons do Espírito Santo correspondem às virtudes com que se relacionam. A respeito desta relação, há diferença de pareceres entre os doutores, não, porém, quanto à finalidade dos dons: comunicar especial perfeição às faculdades para praticarem, em matéria de virtude, ações e obras perfeitíssimas e heróicas.

Sem este característico, elas não se poderiam chamar dons particulares, pois para chegarem a ser dons, devem atingir grau mais perfeito e excelente que a prática comum das virtudes. Esta perfeição dos dons consiste, principalmente, em alguma especial e forte inspiração e moção do Espírito Santo, que permitem vencer, com maior eficácia os impedimentos. Move o

livre arbítrio e lhe dá maior energia para não agir remissivamente, mas com grande plenitude de perfeição e força, na espécie de virtude a que pertence o dom.

Tudo isto não consegue o livre arbítrio, se não for iluminado e impelido com especial virtude e força do Espírito Santo. É movido, forte, suave e docemente (**Sb 8, 1**) a seguir aquela ilustração e a fazer e querer aquela ação, que passa a ser realizada pela vontade, em virtude da graça do divino Espírito, como diz o Apóstolo aos Romanos (**Cap. 8**).

Essa moção chama-se instinto do Espírito Santo, porque ainda que a vontade aja livremente e sem violência, nestes casos mantém-se mais como instrumento passivo. Consulta menos a prudência comum, como o fazem as virtudes, ainda que não com menos inteligência e liberdade.

Ação dos dons

601. Procurarei explicar-me com um exemplo. Para inclinar a vontade aos atos de virtude, concorrem dois fatores sobre as potências: um é a própria vontade que a conduz e move, como o peso arrasta a pedra, e a leveza levanta o fogo. Esta inclinação da vontade é aumentada na medida dos hábitos virtuosos - outro tanto fazem os vícios em seu sentido - mediante o amor que constitui o peso que as atrai livremente.

Outra coisa que concorre a essa moção do entendimento é certa iluminação nas virtudes para mover e determinar a vontade. Esta iluminação é proporcionada aos hábitos e aos atos praticados pela vontade: para os atos ordinários basta a prudência e deliberação ordinária; mas para outros mais elevados é necessária mais alta e superior ilustração e moção do Espírito Santo. Nisto consiste seus dons.

Sendo a caridade e graça um hábito sobrenatural que depende da divina vontade, como o raio nasce do sol, recebe particular influência da Divindade, e por ela se move. De sua parte, a caridade move as demais virtudes e hábitos da vontade, principalmente quando esta age pelos dons do Espírito Santo.

Propriedades dos dons

602. De acordo com isto, parece-me haver nos dons do Espírito Santo especial ilustração do entendimento - o qual se conserva passivo - para mover os hábitos virtuosos da vontade em grau de perfeição superior, até aos atos heróicos. Assim como, se à pedra, além de seu peso natural, se acrescentasse a força de outro impulso, mover-se-ia muito mais rapidamente. Acrescentando-se à vontade a perfeição e impulso dos dons, os movimentos das virtudes serão mais excelentes e perfeitos.



O dom da *sabedoria* comunica à alma certo gosto que a faz conhecer, sem se enganar, o divino e o humano, por certa experiência ou sabor espiritual. A cada coisa dá o verdadeiro peso e valor, ao contrário do que faz o gosto procedente da ignorância ou estultice humana. Este dom pertence à caridade.

O dom do *entendimento* ilumina a rudeza e tardança de nossa inteligência, para penetrar as coisas divinas.

O da *ciência* penetra o mais obscuro e forma perfeitos mestres contra a ignorância. Estes dois dons pertencem à fé.

O dom do *conselho* encaminha, dirige e detém a precipitação humana da imprudência. Pertence à virtude da prudência.

O da *fortaleza* expulsa o desordenado temor e conforta a fraqueza. Pertence à mesma virtude.

O da *piedade* torna o coração benigno, tira-lhe a dureza e o abranda. Pertence à virtude da religião.

O dom do *temor de Deus* afasta da soberba e comunica amorosa submissão. Pertence à humildade.

Os dons do Espírito Santo em Cristo e em Maria Santíssima

603. Maria Santíssima possuiu todos os dons do Espírito Santo, com certo direito a essa posse, sendo Mãe do Verbo divino, de quem procede o mesmo Espírito e a quem os dons são atribuídos. Medidos pela dignidade especial de Mãe, era coerente que estes dons estivessem Nela na devida proporção, com tanta vantagem sobre todas as demais almas, quanta diferença existe em ser Ela Mãe de Deus e as demais apenas criaturas suas.

Além desta razão, por causa de sua dignidade e impecabilidade, a grande Rainha é a criatura mais próxima do Espírito Santo, enquanto as demais estão muito distantes, assim pela distância da culpa, como por serem criaturas comuns, sem especial afinidade com o divino Espírito.

Se em Cristo, nosso Redentor e Mestre, se encontram como em sua fonte e origem, em Maria, sua digna Mãe, estão como em reservatório ou mar, donde são distribuídos a todas as criaturas; porque de sua plenitude superabundante transbordam para toda a Igreja. Salomão declarou-o nos Provérbios (**9, 1 e 2**) sob a metáfora da Sabedoria que para si edificou uma casa sobre sete colunas etc. Nela preparou a mesa, serviu o vinho e convidou os pequenos e insipientes, para tirá-los do infantilismo e ensinar-lhes a prudência.

Não me detenho em maior explicação, pois nenhum católico ignora que Maria Santíssima foi esta magnífica habitação do Altíssimo. Edificada sobre os alicerces destes sete dons, para sua beleza, solidez, e para ser servido, nesta casa mística, o público banquete de toda a Igreja. Em Maria está preparada a mesa para todos os párvulos e ignorantes filhos de Adão se saciarem da influência e dons do Espírito Santo.

A sabedoria e seus efeitos

604. Quando se adquirem estes dons, mediante a disciplina e exercícios das virtudes, vencendo os vícios contrários, o temor de Deus vem em primeiro lugar. Em Cristo, Senhor nosso, porém, Isaías começou a citá-los pela sabedoria que é o mais perfeito, porque os recebeu como Senhor e mestre, e não como discípulo, que os adquire pela aprendizagem.

Na mesma ordem devem ser considerados em sua Mãe Santíssima que, nos

dons, mais se assemelhou a seu Filho Santíssimo, do que o resto das criaturas a Ela.

O dom da sabedoria encerra saborosa iluminação, mediante a qual o entendimento conhece a verdade das coisas por suas íntimas e supremas causas. A vontade discerne e distingue, pelo gosto da verdade, o bem verdadeiro do falso e aparente.

Realmente sábio é aquele que, sem erro, conhece o verdadeiro bem e goza-o por esse conhecimento. Este gosto da sabedoria consiste em fruir do sumo bem, por íntima união de amor, ao qual segue o sabor e gosto do bem honesto, participado e praticado pelas virtudes inferiores ao amor.

Por isto, não se chama sábio o que conhece a verdade somente por especulação, ainda que sinta deleite neste conhecimento. Tampouco será sábio quem pratica atos de virtude só pelo conhecimento, e ainda menos se os faz por outros motivos.

O verdadeiro sábio será aquele que o faz pelo gosto do sumo e verdadeiro bem, por íntimo amor intuitivo. Conhece esse bem sem engano, no próprio bem, e por ele todas as verdades inferiores. Este conhecimento é administrado à sabedoria pelo dom do entendimento que a recebe e acompanha, consistindo numa interior penetração das verdades divinas e das que a elas podem ser dirigidas e relacionadas, porque o espírito esquadrinha as profundezas de Deus (**1Cor 2, 10**), como diz o Apóstolo.

A sabedoria e o entendimento na Virgem Santíssima

605. Este mesmo espírito seria necessário para dizer algo sobre os dons da sabedoria e entendimento na Imperatriz do céu, Maria. A correnteza do rio, há tantos séculos represada na suma bondade, alegrou esta cidade de Deus (**Sl 45, 5**), com o caudal derramado em sua alma santíssima, através do Unigênito do Pai e seu.

Foi como se, a nosso modo de entender, desaguasse neste pélago de sabedoria o infinito mar da divindade, no mesmo instante em que Ela pôde invocar o Espírito de sabedoria. Para que o pudesse invocar, veio a Ela, a fim de que recebesse a sabedoria sem intenções reservadas (**Sb 7, 13**), e a comunicasse sem inveja (egoísmo), como o fez, pois por meio de sua sabedoria manifestou-se no mundo a luz do Verbo eterno humanado.

Conheceu esta sapientíssima Virgem a estrutura do universo, as propriedades dos elementos (**Sb 7, 17**), o princípio, o fim, o meio e a mudanças dos tempos, o curso das estrelas, a natureza dos animais e os instintos das feras, a força dos ventos, a compleição física e os pensamentos dos homens, as propriedades das plantas, ervas, frutos e raízes, o que há de oculto nos pensamentos humanos, os mistérios e caminhos escondidos do Altíssimo.

Tudo foi conhecido e saboreado por Maria, rainha nossa, mediante o dom da sabedoria, que bebeu em sua fonte original, e transformou-se em palavra de seu pensamento.

Elogio da Sabedoria, considerada em Maria

606. Ali recebeu esta exalação (**Sb 7, 25**) da virtude de Deus, emanação de sua sincera caridade que a tornou imaculada, a preservou da mancha que contamina a alma, e a criou espelho sem mácula da majestade de Deus. Ali participou do espírito de inteligência encerrado

na sabedoria, santo, único, multíplice, sutil (**Sb 7, 22**) penetrante, discreto, ágil, imaculado, claro, suave, amigo do bem, a quem nada pode impedir; benfazejo, amigo dos homens, benigno, constante, seguro, que encerra todas as virtudes, tudo pode, tudo compreende com pureza e finíssima penetração de um limite a outro.

Todas estas propriedades do espírito da Sabedoria descritas pelo Sábio, estiveram em Maria Santíssima, depois de seu Filho Unigênito, de modo singular e perfeito. Com a sabedoria lhe vieram todos os bens (**Sb 7, 11**) e em todos os seus atos era precedida por estes altíssimos dons de sabedoria e entendimento, para que todas suas virtudes fossem por eles governadas e impregnadas.

O dom do conselho

607. Sobre os demais dons, alguma coisa fica declarada na exposição das virtudes a que pertencem. Como, porém, quanto se possa dizer é muito menos do que possuía esta mística cidade Maria, sempre fica muito a acrescentar.

O dom do *conselho* segue, na ordem de Isaías, ao do entendimento. Consiste numa sobrenatural iluminação, com a qual o Espírito Santo toca o interior da alma, iluminando-a acima da comum inteligência humana, para que escolha o mais útil, decente e justo, reprovando o contrário. Por este modo leva a vontade, mediante as regras da eterna e imaculada lei divina, à unidade de um só amor e conformidade com a perfeita vontade do sumo bem.

Com esta divina erudição, a criatura abandona a multiplicidade dos afetos, e outros movimentos e amores externos e inferiores, que podem retardar e entravar o coração humano, para ouvir e seguir este divino impulso e conselho. Chega assim a assemelhar-se àquele vivo exemplar, Cristo Senhor nosso, que, com altíssimo conselho, disse ao eterno Pai: Não se faça a minha vontade, mas sim a tua (**Mt 26, 39**).

Os dons da fortaleza e ciência. Distinção entre este e o do conselho

608. O dom da *fortaleza* é a participação ou influxo da força divina, comunicada pelo Espírito Santo à vontade criada, para animosamente se elevar acima de quanto a humana fraqueza teme nas tentações, dores, tribulações e adversidades. Tudo superando e vencendo, adquire e conserva o mais difícil e excelente das virtudes, transcende, sobe e ultrapassa todas as virtudes, graças, consolações interiores e espirituais, revelações e amor sensível, por muito nobres e excelentes que sejam. Assim se lança, com divino esforço, até chegar a conseguir a íntima e suprema união do sumo bem, ao qual com ardentíssimos desejos aspira. Aí chega a experimentar, depois de ter vencido tudo Naquele que a conforta (**Fl 4, 13**), que verdadeiramente, do forte sai a doçura (**Jz 14, 14**).

O dom da *ciência* é uma notícia que julga, com retidão infalível, tudo o que se deve crer e o que se deve fazer com as virtudes. Diferencia-se do *conselho* porque este escolhe, e aquela examina e julga; um faz o reto julgamento, o outro, a prudente escolha. Distingue-se do entendimento, porque este penetra as verdades divinas interiores da fé e virtudes, com uma simples inteligência, e o dom da ciência conhece com raciocínio o que delas se deduz; aplica os atos exteriores das potências à perfeição da virtude, na qual o dom da ciência vem a ser como raiz e mãe da discrição.

O dom da piedade e seus efeitos

609. O dom da *piedade* é uma energia ou influxo com que o Espírito Santo abranda e liqüefaz a vontade humana, movendo-a para tudo o que pertence ao agrado do Altíssimo e bem do próximo. Com esta docilidade e suave doçura, a vontade fica disposta e a memória atenta para, em todo tempo, lugar e acontecimento, louvar, bendizer e dar graças e honra ao sumo bem, como também para sentir terna e amorosa compaixão pelas criaturas, prontificando-se a auxiliá-las em seus trabalhos e necessidades.

Este dom não é maculado pela inveja, não conhece o ódio, nem avareza, tibieza e mesquinhez de coração. Nele produz forte e suave inclinação que o leva, doce e amorosamente, a empreender todos atos do amor de Deus e do próximo. Quem possui esse dom torna-se benévolo, prestativo, dedicado e diligente. Por isto disse o Apóstolo que o exercício da piedade era útil para todas as coisa (**1Tm 4, 8**), e lhe está prometida a vida eterna, por ser nobilíssimo agente da caridade.

O dom do temor de Deus e seus efeitos

610. Em último lugar encontra-se o dom do *temor de Deus* tão louvado, encarecido e repetidamente recomendado na Sagrada Escritura (**Sl 2; 18; 33; 110; 118; Pr 9; 14; 15**) e pelos santos doutores, como fundamento da perfeição cristã e princípio da verdadeira sabedoria.

O temor de Deus é o primeiro que se opõe à estulta arrogância dos homens e o que, com mais energia, a combate e destrói. Este dom tão importante consiste num amoroso retraimento e nobre confusão da alma, quando ela compara sua própria condição e baixeza com a suprema grandeza e majestade de Deus, temendo presumir altamente de si, como advertiu o Apóstolo (**Rm 11, 21**).

O santo temor tem diversos graus: a princípio, chama-se inicial e depois, filial. Começa por fugir da culpa, por ser contrária ao sumo bem, que ama com reverência, e prossegue no próprio abatimento e desprezo, ao comparar seu ser com a majestade, sua ignorância com a sabedoria, sua pobreza com a infinita opulência.

Submete-se plenamente à divina vontade e, por Deus, humilha-se a todas as criaturas, consagrando a Ele e a elas, íntimo amor para chegar à perfeição dos filhos de Deus, e à suprema união espiritual com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Os dons em Maria

611. Se me estendesse mais na explicação destes dons, sairia muito de meu assunto e me alongaria demasiado; o que disse, parece-me suficiente para se entender sua natureza e propriedades.

Depois disto, leve-se em consideração que, na soberana Rainha do céu, todos os dons do Espírito Santo não estiveram só no grau suficiente e comum que, conforme a própria capacidade, todos possuem, pois isto se dá com os outros santos. Nesta Senhora encontraram-se com privilégio e excelência especiais que não pôde caber em santo algum, nem seria possível a algum inferior a Ela.

Ficando entendido em que consiste o *temor santo*, a *piedade*, a *fortaleza*, a *ciência* e o *conselho*, dons especiais do Espírito Santo, dilate-se o julgamento humano e o entendimento angélico, para imaginar o mais elevado, nobre, excelente, perfeito e divino. Tudo quanto podem conceber todas as criaturas reunidas, ainda estará abaixo dos dons de Maria. O

menor deles é o supremo do pensamento criado, assim como o supremo nesta Senhora e Rainha das virtudes toca, de certo modo, ao ínfimo em Cristo e na Divindade.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA RAINHA MARIA.

Os dons do Espírito Santo aperfeiçoam as virtudes

612. Minha filha, estes nobilíssimos e excelentíssimos dons do Espírito Santo, são a emanação pela qual a Divindade se comunica às almas santas e, por isto, não são limitados como o sujeito que os recebe. Se as criaturas se esvaziassem dos afetos e amores terrenos, ainda que seu coração seja limitado, participariam sem medida da torrente da divindade infinita, através dos inestimáveis dons do Espírito Santo.

As virtudes purificam a criatura da fealdade e mancha dos vícios, se os tinha, e começam a restaurar a perfeita ordem de suas potências, perdida, a princípio, pelo pecado original, e depois pelos seus próprios pecados atuais. Além disso comunicam beleza, força e alegria na prática do bem.

Os dons do Espírito Santo vão mais longe: elevam as virtudes à sublime perfeição, e constituem o ornamento e formosura com que a alma se dispõe, se aformoseia e agracia para entrar no tálamo do Esposo, onde, por admirável modo, se une à divindade, em espírito e vínculo de eterna paz.

Desse felicíssimo estado sai fortalecida e fiel para praticar heróicas virtudes. Estas, por sua vez, fazem-na voltar ao mesmo princípio donde saiu, Deus, a cuja sombra descansa (**Ct 2, 3**) sossegada e serena, sem ser perturbada pelos furiosos ímpetos das paixões e seus desordenados apetites. Esta felicidade, contudo, é conseguida por poucos, e só conhecida pela experiência de quem a recebe.

Disposições necessárias para receber os dons

613. Adverte, pois, caríssima, e com profunda atenção considera, como atingirás o cume destes dons. A vontade do Senhor e minha é que subas mais para cima (**Lc 14, 10**) no banquete que te prepara sua doçura, por meio das bênçãos e dons (**Sl 20, 4**) que, para este fim, recebeste de sua liberalidade. Lembra-te que para a eternidade só existem dois caminhos: o que leva à eterna morte, pelo desprezo da virtude e pelo desconhecimento da Divindade; e o que leva à eterna vida, pelo fecundo conhecimento do Altíssimo, pois nisto consiste a vida eterna: que conheçam a Ele e ao seu Unigênito que enviou ao mundo (**Jo 17, 3**).

O caminho da morte é seguido por inúmeros néscios (**Ecl 1, 15**) que desconhecem a própria ignorância, presunção, soberba e formidável insipiência. Aos que, por sua misericórdia, Deus chamou à sua admirável luz (**1Pd 2, 9**), os fez renascer filhos da luz. Nesta regeneração deu-lhes novo ser pela fé, esperança e caridade, que os torna seus, e herdeiros da divina e eterna fruição. Adotando-os por filhos, deu-lhes na primeira justificação, as virtudes infusas para, como filhos da luz, praticarem obras de luz. Depois dessas virtudes, prepara-lhes os dons do Espírito Santo.

Como o sol material a ninguém nega seu calor e luz, uma vez que tenham capacidade e disposição para receber a energia de seus raios, assim a divina Sabe-

doria a ninguém se negaria e ocultaria. Mais do que isso: nos altos montes, nas estradas reais (**Pr 8, 1**), nos atalhos mais escondidos e nas portas e praças das cidades, convida e chama todos a si. A estultice dos mortais, infelizmente, os torna surdos; a ímpia malícia, escarnecedores; e a incrédula perversidade os afasta de Deus, cuja sabedoria não encontra lugar no coração malvado (**Sb 1, 4**), nem no corpo escravo do pecado.

Advertência pessoal à Escritora

614. Tu, porém, minha filha, lembra de tuas promessas, vocação e desejos, porque a língua que mente a Deus é homicida de sua alma (**Sb 1, 11-12**), e não termines com a morte uma vida transviada. Não adquiras a perdição por tua própria indústria, como, na divina luz, vês fazerem os filhos das trevas. Teme ao poderoso Deus e Senhor com temor santo, humilde e bem ordenado, e em todas tuas obras guia-te por este Mestre. Oferece um coração dócil à disciplina e aos atos de piedade.

Julga com retidão a virtude e o vício. Anima-te com invencível fortaleza para praticar o mais árduo e elevado, e sofrer o mais adverso e difícil dos trabalhos. Escolhe com discernimento os meios para a execução disso. Segue a força da divina luz e ultrapassarás todo o sensível, subindo ao conhecimento altíssimo dos segredos da divina sabedoria, aprendendo a separar o novo do velho homem. Serás capaz de recebê-la quando, entrando na adega do vinho (**Ct 2, 4**) de teu Esposo, inebriada de amor, em ti for ordenada sua eterna caridade.



CAPÍTULO 14

EXPLICAÇÃO DAS ESPÉCIES E MODOS DE VISÕES SOBRENATURAIS QUE A RAINHA DO CÉU RECEBIA E OS EFEITOS QUE NELA PRODUZIAM.

Distinção entre virtudes santificantes e carismas gratuitos

615. A graça das visões divinas, revelações e raptos - não falo da visão beatífica - ainda que sejam operações do Espírito Santo, são distintas da graça justificante e das virtudes que santificam e aperfeiçoam a alma em suas operações.

Nem todos os santos e justos, obrigatoriamente, tiveram visões e revelações divinas, donde se prova que a virtude e santidade podem existir sem estes dons. Tampouco são as visões e revelações medidas pela santidade e perfeição de quem as recebe, mas sim pela vontade divina. Concede-as a quem lhe apraz, quando convém, e no grau que sua sabedoria e vontade dispõem, agindo sempre com medida e peso (**Sb 11, 21**), para os fins que pretende em sua Igreja. Bem pode Deus conceder maiores e mais elevadas visões e revelações ao menos santo, e menores ao mais santo.

O dom da profecia, com outros *gratis datos*, pode concedê-los aos que não são santos, e alguns arrebatamentos podem ter causa que não seja precisamente virtude da vontade. Por isto, quando se compara a excelência dos profetas, não se fala de santidade, que somente por Deus pode ser medida (**Pr 16, 2**), mas na luz da profecia e modo de recebê-la.

Sob este aspecto pode-se julgar qual seja o mais ou menos elevado, segundo diferentes razões. O fundamento desta doutrina consiste em que a caridade e virtudes, que fazem santos e perfeitos aos que as têm, referem-se à vontade, enquanto as visões, revelações e raptos pertencem ao entendimento, ou parte intelectiva, cuja perfeição não santifica a alma.

Conveniência das revelações estarem unidas à santidade de quem as recebe

616. Não obstante ser a graça das visões sobrenaturais distinta da santidade e virtudes, podendo vir separadas, muitas vezes a vontade e providência divina as une, conforme a finalidade e motivo que tem em vista, ao comunicar estes dons gratuitos e revelações particulares. Às vezes ordena-as ao bem público e comum da Igreja, como diz o Apóstolo (**1Cor 12, 7**). Assim sucedeu aos profetas que, inspi-

rados por Deus em revelações divinas do Espírito Santo (**2Pd 1, 21**), e não por sua própria imaginação, falaram e profetizaram para nós (**1Pd 1, 10**) os mistérios da Redenção e Lei evangélica.

Quando as revelações e visões são desta espécie, não é necessário que estejam unidas à santidade, pois Balaão foi profeta sem ser santo. A divina Providência, porém, dispunha com grande conveniência que, em geral, os profetas fossem santos. Deste modo o espírito de profecia e divinas revelações não seriam freqüentemente depositados em vasos imundos, ainda que em algum caso particular assim o fez. Convinha evitar que a má vida do instrumento estivesse em contradição com o magistério e verdade divina. Além destas, existem outras muitas razões.

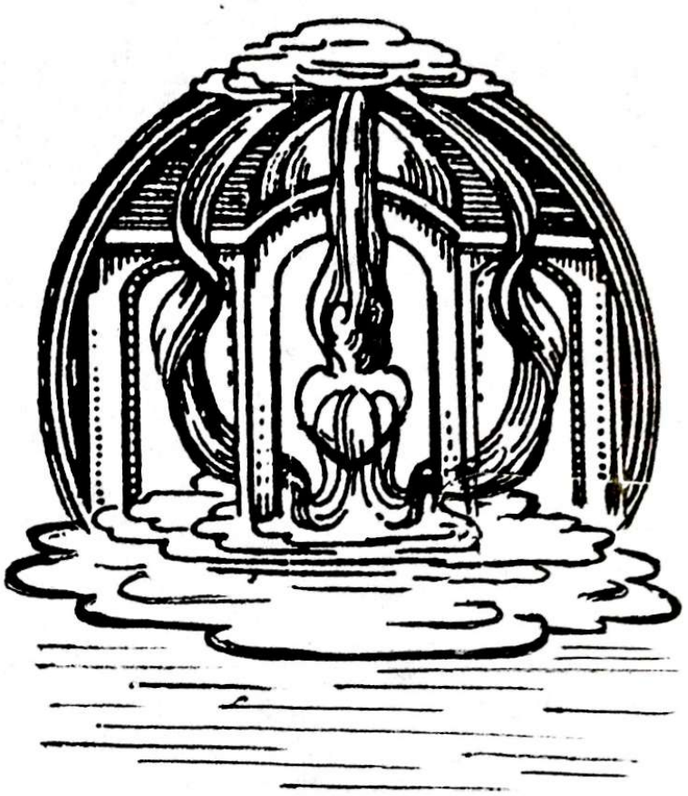
Razão e finalidade das revelações particulares

617. Outras vezes, as divinas revelações e visões não versam sobre assuntos tão universais, nem se endereçam imediatamente ao bem comum, mas sim ao particular de quem as recebe. Assim como as primeiras são efeito do amor de Deus por sua Igreja, estas visões particulares tem sua origem no amor de Deus pela alma a quem as comunica, a fim de instruí-la e elevá-la a mais alto grau de amor e perfeição.

Por estas revelações comunica-se (**Sb 7, 27**) o espírito de sabedoria a diferentes gerações nas almas santas, para fazer profetas e amigos de Deus. Sendo-lhes a causa eficiente o particular amor divino por algumas almas, assim a causa final e seu efeito é a santidade, pureza e amor dessas almas. A graça das revelações e visões constitui o meio para a consecução desse fim.

Razões para Deus conceder às almas visões e revelações

618. Com isto não quero dizer que as revelações e visões sejam meios absolutamente necessários para fazer santos e perfeitos, porquanto muitos o são por outros meios, sem estes favores. Apenas suponho a verdade, que somente da divina vontade depende conceder ou negar aos justos estes dons particulares.



Apesar disso, quer da parte do Senhor, quer da nossa, existem algumas razões de conveniência para Ele as comunicar tão freqüentemente a muitos servos seus. A primeira, entre outras, é por ser o modo mais proporcionado e conveniente para a criatura ignorante se elevar às coisas eternas e nelas entrar.

A luz sobrenatural comunicada pelos mistérios e segredos do Altíssimo, através de particulares revelações, visões e inteligências recebidas na soledade e arrebatamento da mente, espiritualiza a

criatura para chegar à perfeita união do sumo bem. Para isto a convida o mesmo Senhor com repetidas promessas e carinhos, de cujos mistérios está cheia a Sagrada Escritura, e em particular os Cânticos de Salomão.

O amor de Deus pelas almas, causa de lhes conceder carismas extraordinários

619. A segunda razão procede do Senhor, cujo amor não se resigna em negar ao amado e amigo seus bens e segredos. Já não vos quero chamar e tratar como a servos, mas como a meus amigos (**Jo 15, 15**), - disse aos Apóstolos o Mestre da eterna verdade - porque vos manifestei os segredos de meu Pai. De Moisés também se diz que Deus falava com ele como um amigo (**Êx 33, 11**). Os santos padres, patriarcas e profetas não só receberam do divino Espírito revelações gerais, mas também outras muitas particulares e privadas, em testemunho do amor que Deus lhes votava, como se colige da petição de Moisés para ver a divina face (**Êx 33, 13**).

O mesmo significam os títulos que o Altíssimo dá às almas escolhidas, chamando-as (**Ct 4, 8; 2, 10 etc.**) esposa, amiga, pomba, irmã, perfeita, dileta, formosa, etc. Ainda que todos estes títulos exprimam bastante a força do amor divino e seus efeitos, significam menos de quanto faz o Rei supremo, aos que assim deseja honrar. Somente este Senhor é poderoso para tudo o que quer, sabendo querer como esposo, amigo, pai, infinito e sumo bem, sem restrição nem medida.

As falsas visões e revelações; donde procedem

620. Por não ser entendida pela sabedoria carnal, não perde esta verdade seu crédito. Tampouco pode ser negada pelo fato de algumas almas se terem alucinado com falsas revelações e visões, deixando-se enganar pelo anjo de satanás, transformado em anjo de luz (**2Cor 12, 14**).

Este engano tem sido mais freqüente nas mulheres, em vista de sua ignorância e paixões, mas tem atingido também a muitos homens, na aparência fortes e cheios de ciência. A uns e outros nasceu-lhes de má raiz. Não falo dos que, com diabólica hipocrisia, fingiram falsas e aparentes revelações, visões e raptos, sem os ter. Refiro-me aos que foram enganados, recebendo-os do demônio, ainda que sem grave culpa nem consentimento.

Dos primeiros é mais exato dizer que enganam, enquanto dos segundos que são enganados. Vendo-os a antiga serpente imortificados nas paixões, pouco exercitados nos sentidos interiores e na ciência das coisas divinas, insufla-lhes, com astutíssima sutileza, a oculta presunção de que são muito favorecidos por Deus; rouba-lhes o humilde temor, induzindo-os a desejos vãos e curiosos de saber coisas elevadas e revelações, e a cobiçarem visões extáticas, para se tornarem singulares e notados. Com isto, abrem a porta ao demônio para os encher de erros e ilusões, e lhes entorpecer os sentidos em confusa treva interior. Nesta, nada chegam a entender de verdadeiro e divino, mas somenté alguma coisa que o inimigo lhes exibe, para autorizar seus enganos e disfarçar seu veneno.

Como evitar os falsos carismas e se dispor para os verdadeiros

621. Evita-se este perigoso erro,

temendo com humildade e não desejando saber mais do que convém (**Rm 11, 20**); não medindo a perfeição pessoal, no apaixonado tribunal do próprio juízo e prudência; remetam-na a Deus e a seus ministros e doutos confessores, que lhes examinarão a intenção. Indubitavelmente virão a conhecer se a alma deseja estas graças como meio de virtude e perfeição, ou para receber a glória exterior dos homens. O mais seguro é nunca desejá-las e temer sempre o perigo, que é grande em qualquer tempo, e mais ainda no princípio da vida espiritual.

A devoção e doçura sensível desses começos são dadas pelo Senhor - e talvez imitadas pelo demônio - , pelo fato da alma não estar preparada para o manjar sólido dos maiores segredos e favores. Concede-lhas ao modo de alimento de crianças, para mais facilmente retirá-las dos vícios e levá-las à renúncia dos prazeres sensíveis, e não porque estejam adiantados na virtude, pois, os mesmos arrebatamentos que resultam da admiração, supõem mais ignorância que amor.

Quando, porém, o amor chega a ser extático, fervoroso, ardente, maleável, dócil, inacessível, satisfeito só com o que ama; tendo conseguido domínio sobre todas as inclinações humanas, então a alma está disposta para receber a luz das ocultas revelações e visões divinas. E mais disposta se encontra quando, mediante essa luz, menos as deseja e mais indigna se considera desses benefícios.

Não se admirem os homens sábios de que as mulheres hajam sido tão favorecidas por estes dons, pois além de serem fervorosas no amor, Deus escolhe o mais fraco para mais abonado testemunho de seu poder. Além disso, como não possuem a ciência da teologia adquirida, como os homens doutos, o Altíssimo lha concede, por modo infuso, para iluminar seu fraco e ignorante juízo.

Maria Ssma. e as visões e revelações

622. Conhecida esta doutrina, quando não houvera em Maria Santíssima outras especiais razões, entenderemos que as divinas revelações e visões que lhe comunicou o Altíssimo foram mais altas, admiráveis, freqüentes e divinas que a todos os demais santos. Estes dons, como os outros, devem ser medidos pela sua dignidade, santidade, pureza, e pelo amor que seu Filho e toda a beatíssima Trindade consagrava àquela que era Mãe do Filho, Filha do Pai, Esposa do Espírito Santo.

Por estes títulos são-lhe comunicados os influxos da divindade, pois o Cristo Senhor nosso e sua Mãe, são infinitamente mais amados que todo o resto dos anjos e homens. Reunirei em cinco espécies ou graus as visões sobrenaturais de nossa soberana Rainha, e de cada uma direi o que puder, de quanto me foi manifestado.

Maria Ssma. e a visão clara da divina essência. Visão intuitiva

623. A primeira e sobreexcelente visão foi a beatífica da Essência divina que muitas vezes, sendo viadora, viu claramente, embora de passagem. Desde o princípio desta História, as vou relatando, nos tempos e ocasiões em que recebeu este benefício supremo para uma criatura. De outros santos, alguns doutores duvidam se, em carne mortal, chegaram a ver divindade clara e intuitivamente.

Pondo de lado estas conjecturas a respeito dos outros, não pode haver dúvida tratando-se da Rainha do céu, a

quem se faria injúria medi-la pela regra comum dos demais santos. Outros incontáveis favores e graças, além dos que eram possíveis a eles, realizaram-se na Mãe da graça, sem falar que a visão beatífica, de passagem, seja pelo modo que for, é possível aos viadores.

A primeira disposição da alma para ver a face de Deus é a graça santificante em grau muito perfeito, acima do ordinário. A que a santíssima alma de Maria possuía, desde seu primeiro instante, foi superabundante, e em tal plenitude que excedia aos supremos serafins.

Primeira disposição para a alma ver a Deus claramente

Para ver a Deus, acompanhando a graça santificante, deve existir grande pureza nas potências, sem restos e efeitos da culpa. Um recipiente que houvesse contido qualquer líquido imundo, teria necessidade de ser lavado e purificado, até de seus últimos ressaibos e odor, para não se misturarem ao licor puríssimo que se quisesse depois colocar no mesmo recipiente. Ficando a alma contaminada e infeccionada pelo pecado original e seus efeitos, e pelos pecados atuais, torna-se desconforme à suma bondade.

Para unir-se a ela por visão clara e amor beatífico, é necessário que antes seja lavada e purificada, de sorte a não lhe ficar resto, odor ou gosto de pecado, nem inclinação deles adquirida. Isto deve ser entendido, não somente dos efeitos e máculas deixadas pelos pecados mortais, mas também dos veniais que causam na alma justa, peculiar deformidade, como se, a nosso modo de entender, um cristal puríssimo fosse embaçado pelo hálito. De tudo isto deve ser a alma purificada, para ver a Deus claramente.

Outras condições para a visão de Deus

624. Além desta pureza, que constitui a negação da culpa, se a natureza de quem pretende ver a Deus beatificamente está corrompida pelo primeiro pecado, é necessário cauterizar-lhe o *fomes*, de modo a dominá-lo e apagá-lo como se a criatura não o tivesse. Não lhe deve ficar princípio, nem causa próxima, de inclinação ao pecado ou qualquer imperfeição, e o livre arbítrio deve estar como que impossibilitado para tudo o que repugna à suma santidade e bondade. De tudo isto, e de quanto direi adiante, se colige a dificuldade de tais disposições para a alma que vive em carne mortal.

A razão desta altíssima graça ser concedida mui raramente, com grande circunspecção e só por graves motivos, é porque a criatura, sujeita ao pecado tem, relativamente à natureza divina, duas desproporções ou imensas distâncias: a primeira consiste em que Deus é invisível, infinito, ato puro e simplicíssimo, enquanto a criatura é corpórea, terrena, corruptível e grosseira.

A segunda é a produzida pelo pecado, que desmedidamente se distancia da suma bondade, e constitui maior distância e desproporção que a primeira. Ambas, porém, devem desaparecer, para tornar possível a união de extremos tão afastados, e a criatura poder se elevar ao supremo estado, adequado à Divindade, e assimilar-se ao mesmo Deus, vendo-o e fruindo-o como Ele é (**1Jo 3, 2**).

Maria possuía todas as disposições para a clara visão da divindade

625. Todas estas disposições de

pureza, isenção de culpa e de imperfeição encontravam-se na Rainha do céu, em mais alto grau que nos mesmos anjos, pois não foi atingida pelo pecado, quer original, quer atual, nem pelos efeitos de qualquer deles.

Nela, a divina graça e proteção eram mais eficientes para esse benefício, do que nos anjos o era a natureza, pela qual estavam livres de contrair esses defeitos. Por esta parte, não havia em Maria desproporção, nem óbice de culpa que a impedisse de ver a divindade. Por outra parte, além de ser imaculada, a graça que recebeu no primeiro instante ultrapassava a dos anjos e santos. Seus merecimentos eram proporcionados à graça, pois com o primeiro ato mereceu mais do que eles com os supremos e últimos, que os levaram à visão beatífica que agora gozam.

De acordo com isto, aos demais santos é justiça deferir o prêmio, que merecem na glória até o termo da vida mortal. Não parece contra a justiça que esta lei fosse rigorosamente aplicada a Maria, e que o altíssimo Governador usasse com Ela de outra disposição, mesmo enquanto vivia em carne mortal. Não sofria o amor da beatíssima Trindade para com esta Senhora tanta espera, sem se lhe manifestar muitas vezes, pois o merecia mais do que todos os anjos, serafins e santos que, com menos graça e merecimentos, gozariam do sumo bem.

Fora desta razão, havia outra de conveniência, para se lhe revelar claramente a divindade: sendo escolhida para Mãe de Deus, deveria conhecer, por experiência e fruição, o tesouro da infinita divindade, que deveria vestir de carne mortal em suas virginais entranhas. Deste modo viria depois a tratar seu Filho Santíssimo como o Deus verdadeiro, de cuja visão havia gozado.

Outras preparações para a visão de Deus

626. Mesmo com toda a pureza, que acima descrevi, acrescentada a graça que a santifica, a alma ainda não está proporcionada nem disposta para a visão beatífica. Faltam-lhe outras disposições e divinas influências, que a Rainha do céu recebia quando gozava deste benefício. Com maior razão, delas tem necessidade qualquer outra alma, se lhe fosse concedido este favor em carne mortal.

Estando, pois, a alma pura e santificada, como fica dito, comunica-lhe o Altíssimo um retoque semelhante a fogo espiritualíssimo, que a queima e acrisola como o ouro no fogo material, de modo semelhante como os serafins purificaram Isaías (**Is 6, 7**). Este benefício produz dois efeitos na alma: espiritualiza-a e dela separa, a nosso modo de entender, a escória terrena de seu próprio ser e da união com seu corpo material; em seguida, enche a alma de nova luz, que expele certa obscuridade e trevas, como a luz da aurora desterra as da noite.

Esta nova luz lhe é dada em posse, deixando-a iluminada e repleta dos novos esplendores deste fogo, e opera outros efeitos na alma: se esta tem ou teve culpas, chora-as com tal dor e contrição, que não pode ser medida com nenhuma outra dor humana, pois em sua comparação todas as que aqui se sofre são mui pouco penosas. Em seguida, purifica o entendimento de todas as imagens de coisas terrenas visíveis ou invisíveis, porque todas estas imagens, recebidas pelos sentidos, desproporcionam o entendimento e lhe constituem óbice para ver claramente o sumo espírito da divindade. Assim, é necessário esvaziar aquela faculdade, daqueles terrenos simulacros e retratos que a enchem, tanto para receber a visão

clara e intuitiva de Deus, como para vê-lo abstrativamente.

627. Como na alma puríssima de nossa Rainha não existiam culpas para chorar, estas iluminações e purificações produziam os outros efeitos, começando a elevar e a proporcionar a natureza, para não permanecer tão distante do último fim, e não sentir os efeitos das coisas sensíveis e da dependência do corpo. Com isto, causavam naquela alma candidíssima novos afetos de humildade e conhecimento do nada da criatura, comparada ao Criador e seus benefícios; e seu inflamado coração fazia outros muitos atos de heróicas virtudes. Os mesmos efeitos, na devida proporção, produziria este favor, se Deus o concedesse a outras almas, dispondo-as para as visões de sua divindade.

Penúltima preparação para a visão da divindade

628. Bem poderia supor nossa rudeza que as referidas disposições bastassem para chegar à visão beatífica. Assim não é, porque ainda lhes falta outra qualidade, vapor ou luz mais divina, antes do *lumen gloriae*. Esta nova purificação, ainda que semelhante às que ficam ditas é, todavia, diferente em seus efeitos. Elevam a alma a outro estado mais alto e sereno onde, com maior tranqüilidade, sente dulcíssima paz, que não sentia no estado das precedentes disposições e purificações. Nestas, sentem-se alguma pena e amargura das culpas, tendo-as, e se não, certo tédio da natureza terrena e vil. Estes sentimentos não se coadunam com a proximidade em que a alma se encontra de ser assimilada à suma felicidade.

Parece-me que as primeiras purificações servem para mortificar, e esta que agora digo, para vivificar e curar a natureza. Em seu conjunto, o Altíssimo procede como o pintor que primeiro esboça a imagem, depois dá as primeiras cores do bosquejo, e por fim os últimos retoques.

A luz da glória, última preparação para a visão beatífica

629. Coroando todas estas purificações, disposições e os admiráveis efeitos que produzem, Deus comunica a última preparação que é o *lumem gloriae*, mediante o qual a alma se eleva, fortalece e acaba de se proporcionar para ver e gozar de Deus beatificamente. Neste *lumem* se manifesta a divindade que, sem ele, não poderá ser vista por criatura alguma. E, sendo-lhe impossível, por si, alcançar esta luz e disposições, por isto também lhe é impossível ver a Deus naturalmente, por serem dons que excedem às forças da natureza.

Visão beatífica em Maria

630. Com toda esta formosura e adorno era preparada a Esposa do Espírito Santo, Filha do Pai e Mãe do Filho, para entrar no tálamo da divindade, quando gozava, de passagem, de sua vista e fruição intuitiva. Correspondendo estes benefícios à sua dignidade e graças, não podem ser entendidas por razões e pensamento criado, ainda menos de uma mulher ignorante, quão altas e divinas seriam em nossa Rainha estas iluminações. Muito menos se poderá calcular e sondar o gozo daquela alma santíssima, superior aos supremos serafins e santos.

Se, para qualquer justo, ainda o menor, dos que gozam a Deus, é verdade infalível que nem olhos viram, nem ouvi-

dos ouviram, nem pode cair em humano pensamento aquilo que Deus lhe tem preparado (**1Cor 2,9**), que será para os maiores santos? E, se o Apóstolo confessou não poder explicar o que ouviu (**2Cor 12, 4**), nossa incapacidade o que dirá da Santa dos santos e Mãe d'Aquele que é a glória dos Santos?

Depois da alma de seu Filho Santíssimo, que era homem e Deus verdadeiro, foi Ela quem mais mistérios e sacramentos conheceu, naqueles infinitos espaços e segredos da Divindade. A Ela, mais que a todos os bem-aventurados, franquearam-se os infinitos tesouros e os espaços eternos daquele objeto inacessível, que nem o princípio nem o fim podem limitar. Ali foi letificada (**Sl 45, 5**) e banhada esta cidade de Deus pela torrente da divindade, que a inundou com os ímpetos de sua sabedoria e graça, deixando-a toda espiritualizada e divinizada.

MARIA SANTÍSSIMA E A VISÃO ABSTRATIVA DA DIVINDADE.

Descrição da visão abstrativa da divindade

631. O segundo modo de visões da divindade recebidas pela Rainha do Céu foi abstrativo, muito diferente e inferior ao intuitivo; por isto, pôde ser mais freqüente, ainda que não cotidiano nem contínuo. Este conhecimento ou visão é comunicado pelo Altíssimo, não se manifestando imediatamente ao entendimento criado como Ele é em si mesmo, mas sim mediante algum véu ou espécie.

Por haver intermédio entre o objeto e a potência, esta visão é muitíssimo inferior à clara visão intuitiva e não comunica a real presença, ainda que a contenha intelectualmente, com inferiores condições. Embora a criatura esteja próxima da divindade e nela conheça os atributos, perfeições e segredos, que como espelho voluntário quer Deus mostrar-lhe, não sente nem goza com plena satisfação a presença divina.

Disposições para a visão abstrativa e seus efeitos na alma

632. Apesar disso, este benefício é grande, raro e depois da clara visão, o maior. Ainda que não exige o *lumen gloriae*, mas lhe é suficiente a luz das mesmas espécies da visão, nem são requeridas as últimas disposições e purificações, que imediatamente precedem ao *lumen gloriae*, contudo são necessárias todas as demais disposições antecedentes, que precedem à clara visão.

Pela visão abstrativa, entra a alma nos átrios da casa do Senhor Deus eterno (**Sl 64, 5**). Admiráveis são os efeitos desta visão, porque além de supor a alma elevada acima de si mesma (**Tren 3, 28**) inebria-a (**Sl 35, 9**) de inexplicável suavidade e doçura, com que se inflama no amor divino e nele se transforma. Produz-lhe tal esquecimento e alheamento de todas as coisas terrenas e de si mesma, que já não vive em si (**Gl 2, 20**), mas em Cristo e Cristo nela.

Fora disto, deixa esta visão na alma uma luz que, se não a perder por negligência ou tibieza, sempre a conduzirá à mais alta perfeição, ensinando-lhe os mais seguros caminhos da eternidade. Será como o fogo perpétuo do santuário (**Lv 6, 12**) e o luzeiro da cidade de Deus (**Ap 22, 5**).

Maria Santíssima e a visão abstrativa

633. Em nossa soberana Rainha, esta divina visão produzia estes e outros

efeitos, em tão eminente grau que não posso explicar o que entendo com termos ordinários. Pode-se, porém, fazer alguma idéia, considerando o estado daquela alma puríssima, onde não existia impedimento de tibieza ou óbice de culpa, nem descuido, esquecimento, negligência, ignorância ou mínima inadvertência.

Pelo contrário, estava repleta de graça, ardente no amor, diligente no agir, incessante em louvar o Criador, solícita e industriosa para o glorificar, e sempre preparada para que seu braço poderoso Nela agisse sem resistência, nem dificuldade alguma. Este gênero de visão Ela o recebeu no primeiro instante de sua conceição, como já disse em seu lugar, e depois muitas vezes no decurso de sua vida santíssima, como direi adiante.

VISÕES E REVELAÇÕES INTELECTUAIS DE MARIA.

Propriedades e modos das visões intelectuais

634. O terceiro gênero de visões ou revelações divinas recebidas por Maria Santíssima foram as intelectuais. Não obstante a visão ou conhecimento abstrativo poder se chamar revelação intelectual, dou-lhe lugar distinto e mais elevado por duas razões: a primeira, porque o objeto daquela revelação é único e supremo entre as coisas inteligíveis, enquanto a revelação intelectual comum tem muitos e diferentes objetos, por se estender a coisas espirituais e materiais e às verdades e mistérios inteligíveis.

A segunda razão é porque a visão abstrativa da divina Essência é produzida por espécies altíssimas, infusas e sobrenaturais daquele objeto infinito, enquanto a revelação intelectual comum algumas vezes se faz por espécies infusas dos objetos revelados no entendimento. Outras vezes, não é necessário serem infusas para tudo o que se entende; pois podem servir para esta revelação as mesmas espécies da imaginação ou fantasia; nelas, pode o entendimento, ilustrado com nova luz e virtude sobrenatural, entender os mistérios que Deus lhe revela, como sucedeu a José do Egito (**Gn 40, 41**) e Daniel em Babilônia (**Dn 1, 2-4-5**). As revelações de David são deste gênero. Fora do conhecimento da divindade, é o mais nobre e seguro, e nem os demônios, nem os anjos podem infundir esta luz sobrenatural no entendimento, ainda que possam mover as espécies na imaginação ou fantasia.

O dom da profecia pertence às visões intelectuais. Disposições que exige

635. Esta forma de revelação intelectual foi comum aos santos profetas do Antigo e Novo Testamento. A luz da profecia perfeita, como a tiveram, completa-se pela inteligência de algum mistério oculto. Sem esta inteligência, ou luz intelectual, não seriam perfeitamente profetas, nem teriam falado profeticamente. Por isto, é possível fazer ou dizer alguma coisa profética sem ser perfeitamente profeta, como Caifás (**Jo 11, 49**) e os soldados que não quiseram dividir a túnica de Cristo (**Id 19, 24**). Ainda que tenham sido movidos por impulso divino, não falavam profeticamente, a saber, com luz e inteligência divinas.

Verdade é que também os santos profetas, chamados videntes, pela luz interior com que contemplavam ocultos segredos, podiam fazer alguma ação profética, sem lhes conhecer todos ou nenhum dos mistérios. Em tal ação, porém, não

foram tão perfeitamente profetas como quando profetizavam com inteligência sobrenatural. Esta revelação intelectual tem muitos graus que não cabe aqui explicar. Mesmo que o Senhor a possa comunicar na ausência da caridade, graça e virtudes, de ordinário vem acompanhada por elas, como acontecia com os profetas, apóstolos e justos. Como a amigos, Deus lhes manifestava seus segredos.

O mesmo sucede quando as revelações intelectuais são para o maior bem de quem as recebe, como acima fica dito [9]. Por esta razão, estas revelações pedem boas disposições, na alma que vai ser elevada às divinas inteligências. Ordinariamente Deus só as comunica quando a alma está quieta, pacífica, abstraída dos afetos terrenos e com as faculdades bem ordenadas, para receber os efeitos desta luz divina.

Diferença entre as visões intelectuais de Maria Ssma. e as dos santos

636. Na Rainha do céu foram estas inteligências ou revelações intelectuais, por modo muito diferente do que nos santos e profetas, porque as tinha continuamente, em ato e hábito, menos quando gozava de outras mais elevadas visões da divindade. Além disso, a claridade e extensão desta luz intelectual e seus efeitos foram incomparáveis em Maria Santíssima. Sobre os mistérios, verdades e sacramentos ocultos do Altíssimo, conheceu Ela mais que todos os santos patriarcas, profetas, apóstolos, e mesmo que todos os anjos reunidos. Superava-os também no conhecimento mais profundo, claro, firme e seguro.

Com esta inteligência, penetrava desde o ser de Deus e seus atributos, até a mínima de suas obras e criaturas, sem que coisa alguma lhe fosse oculta, vendo em todas a participação da grandeza do Criador, sua divina disposição e providência. Somente Maria Santíssima pôde dizer, com plenitude, que o Senhor lhe manifestou o incerto e oculto de sua sabedoria (Sl 50, 8), como afirmou o profeta. Os efeitos que estas inteligências produziam na soberana Senhora não é possível explicar, e toda esta História procura descrevê-los. Em outras almas eles são de admirável utilidade e proveito, porque iluminam altamente o entendimento, inflamam com incrível ardor a vontade, esclarecem, dirigem, e espiritualizam a criatura. Até o mesmo corpo terreno e pesado parece, às vezes, que se torna leve e sutil, em santa competição com a alma. Teve a rainha do céu, nesta espécie de visões, outro privilégio, do qual falarei no capítulo seguinte.

VISÕES IMAGINÁRIAS DA RAINHA DO CÉU.

Descrição das visões imaginárias

637. Em quarto lugar vem as visões imaginárias, produzidas por imagens sensíveis à imaginação ou fantasia. Representam as coisas de modo material e sensível, como se pudessem ser vistas, ouvidas, tocadas ou saboreadas pelos sentidos. Sob esta forma de visões, manifestaram os profetas do Antigo Testamento grandes mistérios que, por elas, lhes revelou o Altíssimo, principalmente Ezequiel, Daniel e Jeremias, e ainda São João evangelista que escreveu seu Apocalipse sob a forma destas visões.

Pelo que estas visões têm de sensível e corpóreo, são inferiores às precedentes. Por isto, na representação das imagens na fantasia, podem ser imitadas

9- nº 617.

pelo demônio, não porém, no que contêm de verdade, pois ele é o pai da mentira. Apesar disso, devem-se evitar muito estas visões e examiná-las com a doutrina segura dos santos e mestres. Doutro modo, se o demônio percebe nas almas dadas à oração e devoção alguma gula por elas, engana-as facilmente. Permite-o Deus, pois até os santos, que aborreciam o perigo destas visões, foram por meio delas assaltados pelo demônio, transfigurado em anjo de luz, conforme vem descrito em suas vidas, para nossa instrução e cautela.

Maria e as visões imaginárias

638. Sem perigo algum, com toda a segurança e com as condições divinas, estiveram estas visões em Maria Santíssima, cuja luz interior não pôde ser obscurecida, nem atingida pela astúcia da serpente. Teve nossa Rainha muitas visões deste gênero, e nelas lhe foram manifestadas muitas ações de seu Filho Santíssimo quando ausente, como no decurso de sua vida veremos.

Por visão imaginária, conheceu também outras muitas criaturas e mistérios, em ocasiões que era necessário, segundo a divina vontade e disposição do Altíssimo. Este benefício, como os demais que recebia a soberana Princesa do céu, eram ordenados para altíssimos fins, quer se referissem à sua santidade, pureza e merecimentos, quer se relacionassem com o bem da Igreja, cuja mestra e cooperadora da Redenção era a grande Mãe da graça.

Por tudo isso, os efeitos destas visões e de sua inteligência eram admiráveis. Sempre traziam consigo incomparáveis frutos, para a glória do Altíssimo e aumento de novos dons e carismas à alma santíssima de Maria. Sobre o que nas demais almas costumam produzir estas visões, direi ao falar da seguinte; porque de ambas se deve tirar a mesma conclusão.

Maria Santíssima e as visões divinas corpóreas. Descrição e espécies

639. O último e quinto grau de visões e revelações são as percebidas pelos sentidos corporais exteriores, donde se chamam corpóreas, ainda que podem ser de dois modos. Será verdadeira e propriamente corpórea quando se apresenta à vista ou ao tato, com corpo real e quantitativo, alguma coisa da outra vida: Deus, anjo, santo, alma humana ou demônio.

Para isto é formado, por virtude dos anjos bons ou maus, algum corpo aéreo ou aparente que, se bem não seja corpo natural e verdadeiro daquilo que representa. é verdadeiramente corpo de ar condensado, em suas dimensões quantitativas. Pode haver ainda outro modo mais impróprio de visões corpóreas, quando não é corpo quantitativo o que se percebe, senão aparências do corpo, cor etc. que um anjo, agindo no ar intermédio, pode produzir aos olhos. Quem recebe esta visão pensa que vê um corpo real e presente, mas não existe tal corpo e sim apenas as espécies, que ferem a vista com uma impressão imperceptível ao sentido.

Este modo de visões ilusórias ao sentido não é próprio dos bons anjos, nem das aparições divinas, ainda que sejam possíveis. Tal pôde ser a voz ouvida por Samuel (**1Rs 3, 4**), mas o demônio é que costuma fingi-las, apresentando falsas imagens, principalmente à vista. Tanto por isto, como por que a Rainha não teve esta forma de visões, falarei somente das verdadeiramente corpóreas, que foram as que tinha.

Exemplo de visões corpóreas na Sagrada Escritura

640. A escritura narra muitas visões corpóreas recebidas pelos santos e patriarcas. Adão viu Deus representado pelo anjo (**Gn 3, 8**); Abraão a três anjos (**Id 18, 1**), Moisés a sarça (**Êx 3, 2**) e muitas vezes o mesmo Senhor. Também pecadores tiveram muitas visões corpóreas e imaginárias: Cain (**Gn 4, 9**), Baltazar (**Dn 5, 5**) que viu a mão na parede. Das imaginárias o Faraó teve a das vacas (**Gn 41, 2**), Nabucodonosor a da árvore e da estátua (**Dn 4, 2 e 2, 1**) e outras semelhantes descritas nas divinas Letras.

Daqui se conclui que, para estas visões, não se requer santidade em quem as recebe. É verdade, porém, que quem tiver alguma visão imaginária ou corpórea, sem receber luz ou inteligência, não pode ser chamado profeta. Neste caso, a perfeita revelação não é dada a quem vê ou recebe as espécies sensitivas da visão, mas sim a quem recebe a inteligência dela, como disse Daniel (**Dn 10, 1**).

Nessas condições José e Daniel foram profetas e não o Faraó, Baltazar e Nabucodonosor. Será mais alta e excelente visão aquela que for acompanhada por maior e mais elevada inteligência, ainda que, sob o ponto de vista das aparições, são maiores as que representam Deus e sua Mãe Santíssima, e depois, os santos pelos seus graus.

As visões corpóreas e os sentidos

641. É certo que para as visões corpóreas devem os sentidos estar dispostos para percebê-las. As imaginárias são muitas vezes enviadas por Deus em sonhos, como a São José, esposo de Maria Puríssima (**Mt 1, 20**), aos reis Magos (**Idem 2, 12**), ao Faraó (**Gn 41, 2**), etc. Podem também ser recebidas estando-se nos sentidos corporais, não havendo discrepância para isso.

O modo mais comum, porém, e conatural a estas visões e as intelectuais, é serem comunicadas por Deus em algum êxtase ou arrebatamento dos sentidos exteriores. Neste caso, as potências interiores encontram-se mais recolhidas e dispostas para a inteligência de coisas elevadas e divinas.

Não obstante, os sentidos exteriores costumam estorvar menos as visões intelectuais do que as imaginárias. Estas estão mais próximas do exterior, do que as inteligências estão do entendimento. Por esta razão, quando as revelações intelectuais são por espécies infusas, ou quando o afeto não arrebata os sentidos, muitas vezes, sem perdê-los, recebem-se altíssimas inteligências de grandes e sobrenaturais mistérios.

Maria e as visões corpóreas

642. Na Rainha do céu sucedia isto muitas vezes, quase freqüentemente. Para a visão beatífica teve, é certo, muitos arrebatamentos, inevitáveis para os viadores, e também para algumas visões intelectuais e imaginárias. Não obstante, estando ordinariamente em seus sentidos, tinha mais altas revelações e inteligências do que todos os santos e profetas em seus maiores raptos e revelações. Tampouco lhe estorvavam os sentidos exteriores para as visões imaginárias, porque seu grande coração e sabedoria não se embaraçavam com os afetos de admiração e amor, que costumam arrebatar os sentidos aos demais santos e profetas.

Das visões corpóreas de anjos, por Ela recebidas, é exemplo a anunciação

de São Gabriel Arcanjo (**Lc 1, 18**). Ainda que os Evangelistas, no decurso de sua vida santíssima, não digam mais nada a respeito, não pode o prudente juízo católico duvidar, pois a Rainha do céu e dos anjos devia ser servida por seus vassalos, como adiante diremos [10]. Descreveremos no capítulo seguinte o contínuo obséquio que lhe prestavam os anjos de sua guarda, e outros em forma corporal e visível.

Convém não desejar visões e acautelar-se muito com elas

643. As outras almas devem ser muito circunspectas e cautelosas com este gênero de visões corporais, por estarem mais sujeitas aos perigos e enganos da antiga serpente; quem nunca as apetecer, evitará grande parte do perigo. Se, apesar de alheias a estes e a outros desordenados afetos, lhes acontecer alguma visão corporal ou imaginária, ainda assim detenham-se muito em acreditar e executar o que lhe pede a visão. Será muito mau sinal, próprio do demônio, querer logo, sem reflexão e conselho, que se lhe dê crédito e obedeça.

Assim não procedem os santos anjos, mestres de obediência, verdade, prudência e santidade. Há ainda outros indícios e sinais procedentes da causa e efeitos destas visões, para conhecer sua verdade ou ilusão. Não me detenho, porém, nisso, para não me afastar de minha finalidade, e porque remeto o assunto aos doutores e mestres.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Sinais das visões verdadeiras

644. Minha filha, da luz que neste capítulo recebeste, tirarás a regra certa para te orientar nas visões e revelações do Senhor. Esta regra consiste em duas condições: uma, em sujeitá-las com humilde e singelo coração, ao juízo e censura de teus pais espirituais e prelados. Ao mesmo tempo, pede com viva fé ao Altíssimo que lhes dê luz, para que entendam sua vontade divina, e nela te guiem em tudo.

A outra condição depende de teu interior, e consiste em observar os efeitos produzidos pelas visões e revelações, para discerni-las com prudência e sem engano. O bom espírito que nelas opera te inclinará e inflamará nestas virtudes: o casto amor e reverência do Altíssimo; o conhecimento de tua baixeza; a aversão pela vaidade terrena; o desejo do desprezo das criaturas; o padecer com alegria; o amor da cruz, levando-a com generoso coração; o desejo do último lugar; o amor dos que te perseguem. Levar-te-á a temer o pecado e aborrecê-lo ainda que seja leve; a aspirar ao mais puro, perfeito e elevado da virtude; a negar tuas inclinações, e a unir-te ao sumo e verdadeiro bem.

Estes serão infalíveis sinais de que o Altíssimo te visita por meio de suas verdadeiras revelações, para te ensinar o mais santo e perfeito da lei cristã e da imitação sua e minha.

Exortação à prática dessas instruções

645. Para praticares esta doutrina, que a dignação do Altíssimo te ensina, nunca a esqueças, nem percas de vista o benefício de te as haver ensinado com tanto amor e carinho. Renuncia a toda preocupação e consolação humana, aos deleites e gostos que o mundo oferece. Com firme resolução, nega tudo quanto tuas inclinações terrenas te pedirem, ainda que sejam coisas lícitas e pequenas, e volta

10- nº 761.

as costas a todo o sensível, para amares só o padecer, como quero.

Esta ciência e divina filosofia sempre foram e te serão ensinadas pelas visitas do Altíssimo, que te comunicará a força do divino fogo, que nunca deverá se extinguir em teu peito, por tua culpa ou tibieza. Vive cuidadosa, dilata o coração, cinge-te de fortaleza para receber e fazer coisas grandes. Sê constante em confiar nestas admoestações, apreciando-as e gravando-as em teu coração, com íntimo e humilde afeto e estima de tua alma, pois te foram enviadas pela fidelidade de teu Esposo, e administradas por Mim, tua Mestra e Senhora.



CAPÍTULO 15

OUTRO MODO DE VISÃO E COMUNICAÇÃO QUE MARIA SANTÍSSIMA TINHA COM OS SANTOS ANJOS QUE A ASSISTIAM.

O amor de Deus e as coisas terrenas

646. Tal é a força e eficácia do amor e da divina graça na criatura, que pode nela apagar a imagem do pecado e do homem terreno (**1Cor 15, 49**), criando outro ser novo e celestial. Sua conversação será nos céus (**Fl 3, 20**), entendendo, amando e agindo não como criatura terrena, mas celestial e divina. A força do amor arrebata o coração e a alma, transportando-a de onde anima, para levá-la e transformá-la no que ama. Esta verdade cristã é crida por todos, compreendida pelos doutores e experimentada pelos santos.

Em nossa Rainha e Senhora deve ser considerada com privilégios tão singulares, que não pode ser comparada aos exemplos de outros santos, e é impossível de ser explicada e compreendida, mesmo com entendimento de anjos.

Mãe do Verbo, era Maria Santíssima Senhora de toda a criação. Sendo, porém, imagem viva de seu Filho Unigênito, à imitação Dele, usou tão pouco das criaturas visíveis das quais era Senhora, que ninguém nelas teve menos parte, salvo o necessário para o serviço do Altíssimo, e conservação da vida natural de seu Filho Santíssimo e sua.

A visão celestial da Mãe de Deus

647. A este olvido e alheiamento de todo o terrestre, deveria corresponder a vivência celestial. Esta seria proporcionada à dignidade de Mãe de Deus e Senhora dos céus, cujas comunicações substituíam devidamente as relações terrenas. Por isto, era necessário e coerente que a Rainha e Senhora dos anjos fosse singularmente privilegiada, no obséquio de seus vassalos e cortesãos, e com eles tratasse por um modo diferente do usado por quaisquer criaturas humanas, ainda as mais santas.

No capítulo 23 do primeiro Livro, disse algo das múltiplas aparições ordinárias com que se manifestavam à nossa Rainha e Senhora, os santos anjos e serafins destinados à sua guarda. No capítulo precedente ficam declarados, em geral, os modos e formas de visões sobrenaturais que Sua Alteza tinha. E advirta-se que, em qualquer espécies de visões, as suas eram muito mais excelentes e divinas, quer na substância e modo, quer nos efeitos que

produziam em sua alma santíssima.

Maria e a comunicação angélica

648. Deixei para descrever neste capítulo outro modo e privilégio mais singular concedido pelo Altíssimo à sua Mãe, quando via e se comunicava com seus santos anjos da guarda e com outros, que em diversas ocasiões a visitavam. Este modo de visão e comunicação era o mesmo que as ordens e hierarquias angélicas têm entre si.



Cada um dos espíritos celestes conhece aos demais em si mesmos, sem outra nova espécie para mover o entendimento, do que a mesma substância e natureza do anjo conhecido. Além disso, os anjos superiores iluminam os inferiores, informando-os dos mistérios ocultos, cuja revelação os superiores recebem imediatamente do Altíssimo. Vão comunicando e passando esta iluminação do primeiro até o último, sendo esta ordem conveniente à grandeza do supremo Rei e Governador de toda a criação.

Daqui se entende que esta tão ordenada iluminação ou revelação, não faz parte da glória essencial dos santos anjos. Esta todos recebem imediatamente da divindade, cuja visão e fruição se comunica a cada um, segundo a medida dos próprios merecimentos. Um anjo não poderia tornar outro essencialmente bem-aventurado, só pelo fato de iluminá-lo ou revelar-lhe qualquer mistério, porque então não veriam Deus face a face, e sem isto não poderiam ser bem-aventurados, nem teriam conseguido seu último fim.

Comunicação angélica

649. Sendo Deus, porém, objeto infinito e espelho voluntário, independente de quanto pertence à ciência beatífica dos santos, ainda restam infinitos segredos e mistérios que lhes podem ser revelados, especialmente para o governo da Igreja e do mundo. Nestas iluminações é observada a ordem que fica explicada.

Como estas revelações estão fora da glória essencial, o carecer de sua notícia não é para os anjos ignorância ou privação de ciência, mas chama-se nesciência ou negação, e a revelação chama-se iluminação ou purificação desta nesciência. Acontece, a nosso modo de entender, como se os raios do sol penetrassem muitos cristais, colocados em ordem paralela, participando todos da mesma luz, comunicada dos primeiros aos últimos.

Só uma diferença há neste exemplo: a respeito dos raios do sol, as vidraças ou cristais agem passivamente, sem outra atividade que a do sol, que a todos ilumina com sua ação. Os santos anjos, porém, são pacientes em receber a iluminação dos

superiores, e agentes em comunicá-la aos inferiores, comunicação feita com louvor, admiração e amor, tudo procedendo do supremo Sol da justiça, Deus eterno e imutável.

Maria gozou dessa ordem de visões

650. Nesta maravilhosa ordem de revelações sobrenaturais, introduziu o Altíssimo sua Mãe Santíssima, para que gozasse dos privilégios próprios dos cortesãos do céu. Para isto, destinou os serafins, dos quais falei no cap. 14 do 1° Livro, os mais supremos e imediatos à divindade. O mesmo ofício era desempenhado também por outros anjos de sua guarda, conforme a divina vontade dispunha, quando e como era conveniente.

A todos estes anjos e a outros, conhecia a Rainha em si mesmos, sem dependência dos sentidos e imaginação, e sem impedimento do corpo mortal e terreno. Mediante esta vista e conhecimento, os serafins e anjos do Senhor a iluminavam e purificavam, revelando à sua Rainha muitos mistérios, cujo conhecimento recebiam do Altíssimo.

Ainda que este modo de visão intelectual e iluminação não era contínuo em Maria Santíssima, foi, entretanto, muito freqüente, particularmente quando, para lhe dar ocasião de maiores merecimentos e diferentes afetos de amor, se lhe encobria e ausentava o Senhor, como direi adiante. Nestas ocasiões, os anjos desempenhavam mais este ofício, sempre numa ordem da sucessiva iluminação, até chegar à Rainha.

Considerações

651. Esta forma de iluminação não derrogava a dignidade de Mãe de Deus e Senhora dos anjos. Neste favor, e no modo de sua participação, não eram levadas em consideração a dignidade e santidade de nossa soberana Princesa, pelas quais era superior a todas as ordens angélicas, mas sim ao estado e condição de sua natureza humana corpórea e mortal.

Vivendo em carne passível, com a natural necessidade de usar dos sentidos, elevá-la ao estado e operações angélicas foi grande privilégio, ainda que merecido por sua santidade e dignidade.

Creio que a mão poderosa do Altíssimo tenha concedido este favor a outras almas nesta vida mortal, ainda que não tão freqüentemente como à sua Mãe Santíssima, nem com tanta plenitude de luz e demais condições, tão excelentes a Ela concedidas. Se muitos doutores, não sem grande fundamento, admitem a visão beatífica a São Paulo, Moisés e os outros santos, muito mais crível será terem recebido alguns viadores este conhecimento próprio da natureza angélica, pois tal conhecimento não é outra coisa senão ver intuitivamente a substância do anjo. Deste modo, esta visão concorda, no que concerne à luz, com a primeira de que falei no capítulo passado, e por ser intelectual concorda com a terceira acima descrita, ainda que não se produzam por espécies impressas.

Disposições espirituais para ver intuitivamente os anjos

652. Não há dúvida que este favor não é comum, mas muito raro e extraordinário, exigindo na alma grande disposição de pureza de consciência. Não se coaduna com afetos terrenos, imperfeições voluntárias e afeição ao pecado, pois para ser introduzida na ordem dos anjos, a

alma deve ter vida mais angélica que humana. Se faltasse esta semelhança, pareceria deformidade a união de extremos tão opostos.

Com a divina graça, entretanto, pode a criatura, mesmo de corpo terreno e corruptível, renunciar a todas as paixões e inclinações depravadas, morrer ao visível, apagar suas espécies da memória, e viver mais no espírito do que na carne. Chegando a gozar de verdadeira paz, tranqüilidade e sossego de espírito, que lhe comuniquem serenidade doce, amorosa e suave pelo Sumo Bem, então estará menos incapaz para ser elevada à visão dos espíritos angélicos, com claridade intuitiva. Então deles receberá as divinas revelações, que eles comunicam entre si, e os efeitos admiráveis resultantes desta visão.

Efeitos desta visão em Maria Santíssima

653. Os efeitos recebidos por nossa soberana Rainha, correspondentes à sua pureza e amor, não podem caber em humana ponderação. Era incomparável a luz divina que recebia na visão dos serafins. De certo modo, neles se refletia a imagem da divindade, como em espirituais e puríssimos espelhos, onde Maria Santíssima a contemplava em seus infinitos atributos e perfeições.

Em alguns efeitos era-lhe manifestada também, por admirável modo, a glória que os mesmos serafins gozavam, pois isto resulta em grande parte de se ver claramente a substância do anjo. Com a vista de tais objetos, ficava toda inflamada na chama do divino amor, e muitas vezes arrebatada em milagrosos êxtases. Nestas ocasiões, prorrompia, com eles e outros anjos, em cânticos de incomparável glória e louvor da divindade. Admiravam-se disso os espíritos celestiais, porque embora fosse por eles iluminada no entendimento, na vontade lhe ficavam muito inferiores.

Pela força do amor, velozmente subia para se unir com o último e sumo bem, onde imediatamente recebia novas influências da torrente (**Sl 35, 9**) da divindade com que era alimentada. Se os serafins não tivessem presente o objeto infinito, princípio e termo de seu amor beatífico, poderiam ser discípulos de Maria Santíssima nesse amor, assim como nas ilustrações do entendimento, Ela era discípula deles.

Outro modo de ver os anjos e os efeitos da visão

654. Além desta forma de visão imediata da natureza espiritual angélica, existe outra inferior e mais comum para outras almas: a visão intelectual por espécies infusas, ao modo da visão abstrativa da divindade, conforme deixei explicada. Este modo de visão angélica teve a Rainha do céu algumas vezes, mas não freqüentemente como o primeiro.

Se bem para outras almas justas, este benefício de conhecer os anjos e santos, por espécies intelectuais infusas, é muito raro e estimável, para a Rainha dos anjos não era necessário, pois comunicava-se com eles de modo mais elevado, salvo quando o Senhor dispunha que se ocultassem. Neste caso, faltava-lhe aquela vista imediata para que maior mérito e exercício, e os via apenas por espécies intelectuais ou imaginárias, como disse no capítulo passado.

Em outras almas, estas visões angélicas por espécies produzem divinos efeitos, porque vêem aquelas supremas substâncias como reflexos e embaixadores do supremo Rei. Com elas entretém a alma doces colóquios sobre o Senhor e sobre

tudo o que é celeste e terreno. Em tudo é iluminada, instruída, corrigida, guiada, dirigida e excitada a elevar-se à união perfeita do amor divino e a praticar o mais puro, perfeito, santo e sublime da vida espiritual.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

Cuidado dos anjos pelos homens

655. Minha filha, admirável é o amor, fidelidade e cuidado dos espíritos angélicos em assistir às necessidades dos mortais, e muito censurável o esquecimento, ingratidão e grosseria da parte dos homens em reconhecer esta dívida. No segredo do peito do Altíssimo, cuja face contemplam (**Mt 18, 10**) na luz beatífica, conhecem estes celestiais espíritos o infinito e paternal amor do Pai dos céus pelos homens terrenos. Ali sentem digno apreço e estima pelo Sangue do Cordeiro, com que foram comprados (**1Cor 6, 20**) e resgatados, e compreendem quanto valem as almas adquiridas com o tesouro da Divindade.

Disto nasce nos santos anjos o desvelo e atenção no guardar e beneficiar as almas que, por estimá-las tanto, o Altíssimo confiou à sua custódia. Quero que entendas como, por este sublime serviço dos anjos, os mortais receberiam grandes influências de luz e incomparáveis favores do Senhor, se não os impedissem com o óbice de seus pecados e abominações, e com o esquecimento de tão estimável favor. Visto que fecham o caminho que Deus, com inefável providência, havia escolhido para dirigi-los à felicidade eterna, condenam-se muitos que poderiam se salvar com a proteção dos anjos, se não inutilizassem este benefício e socorro.

Exortação ao culto dos anjos

656. Filha caríssima, já que muitos homens vivem tão adormecidos, sem advertir nas paternais obras de meu Filho e Senhor, quero que sejas singularmente agradecida, pois com tanta liberalidade te favoreceu, dando-te anjos para te guardarem. Atende à sua presença, ouve seus ensinamentos com reverência, deixa-te guiar por sua luz, respeita-os como embaixadores do Altíssimo.

Pede-lhes auxílio para seres purificada de tuas culpas, libertada de imperfeições, inflamada no divino amor. Possas chegar a um estado tão espiritualizado, que estejas idônea para tratar com eles, ser sua companheira e participar de suas divinas iluminações, pois não as negará o Altíssimo, se te dispuseres como deves e eu quero.

Maria explica a razão de suas comunicações com os anjos

657. Como desejaste saber, com aprovação da obediência, a razão dos anjos se comunicarem comigo por tantos modos de visões, respondo a teu desejo, explicando-te melhor o que com a divina luz entendeste e escreveste.

As razões foram: o liberal amor do Altíssimo em favorecer-me, e a minha condição de viadora no mundo. A este estado não era possível nem conveniente a uniformidade nos atos das virtudes, por cujo meio dispunha a divina Sabedoria elevar-me acima de toda a criação. Tendo que proceder como viadora, humana e sensível, na diversidade de sucessos e obras virtuosas, umas vezes agia como espiritualizada e independente dos sentidos, e neste caso os anjos tratavam-me como se tratam entre si. Como agem uns com os

outros, assim agiam comigo.

Outras vezes era necessário padecer e ser afligida na parte inferior da alma, na sensibilidade ou no corpo; ora padecia necessidades, ora solidão e desamparos interiores. Segundo a vicissitude destes efeitos e estados, recebia os favores e visitas dos anjos. Deste modo, em certas ocasiões falava com eles por inteligências; noutras, por visão imaginária, ou ainda por visão corpórea e sensível, conforme o meu estado e necessidade exigiam e era disposto pelo Altíssimo.

Meios para receber essas graças e recompensa delas

658. Por todos estes modos, foram minhas potências e sentidos ilustrados e santificados com obras divinas, influências e favores. Devia conhecê-las por experiência, e através de todas receber os influxos da graça sobrenatural. Não obstante a gratuidade destes favores, quero, minha filha, que saibas: se o Altíssimo foi comigo tão magnífico e misericordioso, guardou sua equidade tal ordem, que não me favoreceu tanto apenas por minha dignidade de Mãe, mas também levou em consideração minhas obras e disposições, pelas quais colaborei com a assistência de sua divina graça.

Afastando minhas potências e sentidos de todo o comércio com as criaturas, e renunciando a todo o sensível e criado, converti-me ao sumo bem, entregando-me com todas as minhas forças e vontade unicamente ao seu santo amor. Por esta disposição de minha alma, Ele santificou minhas potências. Com tantos benefícios, visões e ilustrações das mesmas potências, retribuiu a privação de todo o deleitável humano e terrestre que, por seu amor, se haviam imposto. Foi tal a recompensa que de minhas obras recebi em carne mortal, que não podes entender nem escrever, enquanto nela vives. Tão grande é a liberalidade e bondade do Altíssimo que, antecipadamente, dá este pagamento em penhor daquele que tem reservado para a vida eterna.

Como obter tais graças

659. É certo que, por estes meios, o poder de Deus dispôs, desde minha conceição, fosse dignamente preparada à encarnação do Verbo em meu seio. Minhas potências e sentidos deveriam ser santificados e proporcionados à convivência que teriam com o Verbo encarnado. Se, porém, as demais almas se dispuserem à minha imitação, vivendo não segundo a carne, mas com a vida pura e espiritual, afastadas do contágio terreno, o Altíssimo é tão fiel com quem assim o empenha, que não lhe negará seus benefícios e favores, segundo a equidade de sua divina providência.

CAPÍTULO 16

PROSSEGUE A NARRAÇÃO DA INFÂNCIA DE MARIA SANTÍSSIMA NO TEMPLO; O SENHOR PREVINE-A PARA O SOFRIMENTO; A MORTE DE SEU PAI SÃO JOAQUIM.

Crescimento de Maria

660. Havíamos deixado nossa soberana princesa, Maria Santíssima no templo pelos três anos de idade. Desviamo-nos do assunto para dar alguma notícia das virtudes, dons e revelações divinas que, ainda menina na idade, mas adulta em suma sabedoria, recebia do Altíssimo e exercitava em suas faculdades.

Crescia a Menina Santíssima em idade e graça diante de Deus e dos homens, mas em tal proporção que sempre a devoção ultrapassava a natureza. A graça nunca lhe foi medida pela idade, mas sim pela divina vontade, e pelos altos fins aos quais a destinava a impetuosa corrente da divindade, que se ia represar e descansar nesta cidade de Deus.

Prosseguia o Altíssimo concedendo-lhe dons e favores, renovando continuamente as maravilhas de seu poderoso braço, como se Ele existisse unicamente para Ela. Correspondia Sua Alteza naquela tenra idade, enchendo o coração do Senhor de tão perfeito agrado, que aos santos anjos do céu causava grande admiração. Presenciavam os espíritos celestiais certa porfia e admirável competição entre o Altíssimo e a Princesa Menina. Para enriquecê-la, o poder divino tirava, cada dia, de seus tesouros, novos e antigos benefícios (**Mt 13, 52**), reservados só para Ela.

Nessa terra abençoada não se perdia a semente da palavra eterna. Seus dons e favores não davam apenas cento por um (**Lc 8, 8**) como no maior dos santos, mas com admiração do céu, uma tenra menina excedia em amor, agradecimento, louvor e todas as virtudes possíveis, aos mais elevados e ardentes serafins. Não passava tempo, lugar, ocasião ou ato nos quais não praticasse o supremo, então possível, da perfeição.

Maria e a Leitura da Bíblia

661. Nos primeiros anos de sua infância, sendo já manifesta sua capacidade para ler as Escrituras, lia-as assiduamente. Estando cheia de sabedoria, conferia em seu coração os conhecimentos, que pelas divinas revelações recebia, com o que nas Escrituras estava revelado para todos.

Nesta leitura e meditação, fazia contínuas e fervorosas súplicas pela re-

denção do gênero humano e encarnação do Verbo divino. Lia mais freqüentemente as profecias de Isaías, Jeremias e os Salmos, por estarem mais expressos e repetidos nestes profetas, os mistérios do Messias e da lei da graça. Além do que neles compreendia, propunha aos santos anjos questões altíssimas e admiráveis.

Sobre o mistério da humanidade santíssima do Verbo falava com incomparável ternura, considerando que se faria criança, nascendo de mãe virgem, criando-se como os demais homens, para sofrer e morrer por todos os filhos de Adão.

Maria meditava o mistério da Encarnação

662. A estas conferências e perguntas, respondiam-lhe os seus anjos e serafins, iluminando-a, confirmando-a e abrasando seu ardente e virginal coração em novas chamas do divino amor. Sempre porém, lhe ocultavam sua altíssima dignidade, mesmo quando, com humildade profundíssima, muitas vezes Ela se oferecia por escrava do Senhor e da feliz mãe que Ele escolheria para nascer no mundo.

Outras vezes, com admiração, perguntava aos anjos: - Príncipes e senhores meus, é possível que o Criador haja de nascer de uma criatura, fazendo-a sua Mãe? O Onipotente e Infinito que criou os céus e neles não cabe, há de encerrar-se no seio de uma mulher e se vestir da limitada natureza humana? Aquele que veste de beleza os elementos, os céus e os anjos, há de se fazer passível? É possível que de nossa mesma natureza chegue a existir mulher tão feliz, que possa chamar Filho ao mesmo que do nada a fez, e ouça chamar-se Mãe pelo que é incriado, e criador de todo o universo? Oh! inaudito milagre! Se o mesmo Autor não o revelasse, como poderia a capacidade terrena formar conceito tão magnífico? Oh! Maravilha das maravilhas! Oh! felizes os olhos que a virem e os tempos que a merecerem!

A estes afetos e amorosas exclamações respondiam os santos anjos, expondo-lhe os mistérios divinos, exceto o que a Ela se referia.



A sua compreensão das Escrituras excedeu a dos profetas e apóstolos

663. Qualquer um dos elevados, humildes e abrasados afetos da menina Maria eram aquele cabelo da Esposa que feria o coração de Deus (**Ct 4, 9**) com tão doce flecha de amor que, se não fora conveniente esperar a sua oportuna idade, para vir a conceber e dar à luz o Verbo, não teria podido - a nosso modo de entender - conter-se o agrado do Altíssimo, sem tomar logo nossa humanidade em suas entranhas.

Ainda que, desde sua infância, na graça e merecimentos, já tivesse capacidade, isso não aconteceu, para que melhor fosse dissimulado e encoberto o mistério da Encarnação. A honra de sua Mãe Santíssima estaria também mais oculta e segura, correspondendo seu virginal parto à idade natural do das outras mulheres.

Durante esta espera, entretinha-se o Senhor com os afetos e agradáveis cânticos que, a nosso modo de entender, escutava atento da Filha, Esposa e, em breve, digna Mãe do eterno Verbo. Foram tantos e tão elevados os cânticos e salmos compostos por nossa Rainha e Senhora que - segundo a luz que disto me foi dada - se ficassem escritos, a santa Igreja teria maior número deles do que todos os dos profetas e santos.

Além de compreender e dizer tudo quanto eles escreveram, Maria Puríssima disse e entendeu tudo quanto eles não o conseguiram. Ordenou o Altíssimo que sua Igreja militante tivesse nas escrituras dos apóstolos e profetas o necessário e superabundante. O que revelou à sua Mãe Santíssima reservou escrito em sua mente divina, para na Igreja triunfante manifestar o que for conveniente à glória acidental dos bem-aventurados.

Deus condescendeu com a humildade de Maria

664. Além disso, para engrandecer sua prudentíssima humildade e deixar aos mortais este raro exemplo de tão excelente virtude, condescendeu a divina dignação com a vontade de Maria, Senhora nossa, que sempre quis esconder o segredo do Rei (**Tb 12, 7**). E quando foi necessário revelar parte dele, para o serviço de Sua Majestade e benefício da Igreja, procedeu Maria Santíssima com tão divina prudência que, sendo mestra, não deixou de ser sempre humilíssima discípula.

Em sua infância, consultava os santos anjos e seguia seus conselhos. Depois do nascimento do Verbo humanado, teve a seu Unigênito por mestre e modelo de todas as suas ações. Terminado os mistérios de Cristo e subindo Ele ao céu, a grande Rainha do universo obedecia aos Apóstolos, como no decurso desta História diremos. Esta foi uma das razões por que São João Evangelista, escrevendo os mistérios desta Senhora no Apocalipse, os encobria com tantos enigmas, o que tornou possível serem aplicados à toda a Igreja militante e triunfante.

Deus prepara a Menina Maria para os sofrimentos

665. Determinou o Altíssimo que a plenitude de graças e virtudes da Princesa Maria antecipassem ao mais alto grau de merecimento que ela iria alcançar, mediante árduas e magnânimas ações, no modo possível a seus tenros anos.

Numa das suas visões divinas, disse-lhe o Senhor: - Esposa e pomba minha, amo-te com amor infinito e de ti quero o mais agradável a meus olhos, e a plena satisfação de meus desejos. Não ignoras, minha filha, o oculto tesouro encerrado nas provações e penalidades, que a cega ignorância dos mortais aborrece e que meu Unigênito, quando se vestir da natureza humana, ensinará pelo caminho da cruz, com sua doutrina e exemplo.

Deixa-la-á por herança a seus escolhidos, assim como a escolheu para si, estabelecerá a lei da graça, alicerçando sua firmeza e excelência na humildade e paciência da cruz e sofrimentos. Assim o exige a condição da natureza dos homens, ainda mais após o pecado que a deixou deprava-

da e inclinada ao mal. É também conforme à minha equidade e providência que os mortais conquistem a coroa da glória por meio do sofrimento e da cruz, pelos quais meu Filho Unigênito humanado a mereceu para eles.

Por esta razão, entenderás, minha esposa, que, tendo-te escolhido para minhas delícias e havendo-te enriquecido com meus dons, não será justo que minha graça esteja inativa em teu coração, nem teu amor se prive de seu fruto, nem te falte a herança de meus eleitos. Assim, quero que te prepares a padecer tribulações e penalidades por meu amor.

Maria oferece-se para tudo o que Deus quiser

666. A esta proposta do Altíssimo, respondeu a invencível Princesa Maria, com maior constância de coração do que tiveram no mundo todos os santos mártires. Disse a Deus: - Senhor Deus meu e Rei Altíssimo, todas minhas operações e faculdades e o mesmo ser que de Vós recebi, dediquei a vosso beneplácito, para que em tudo seja ele cumprido ao gosto de vossa infinita sabedoria e bondade. Se me permitis escolher alguma coisa, quero somente padecer por vosso amor até a morte.

Suplico-vos, bem meu, façais desta vossa escrava um sacrifício e holocausto de paciência aceitável a vossos olhos. Reconheço, Senhor e Deus poderoso e liberalíssimo, minha dívida e que nenhuma entre todas as criaturas, vos deve tanto, nem todas reunidas estão obrigadas como Eu sozinha, a mais incapaz para a retribuição que desejo dar à vossa magnificência. Se, porém, aceitais por alguma paga o padecer por Vós, venha sobre mim todas as tribulações e dores da morte. Somente peço vossa divina proteção e, prostrada ante o trono real de Vossa Majestade infinita, vos suplico que não me desampareis.

Lembrai-vos, meu Senhor, das promessas que por nossos antigos pais e profetas fizestes a vossos fiéis de auxiliar o justo, estar com o atribulado, consolar o aflito e ser sua sombra e defesa no combate da provação. Verdadeiras são vossas palavras, infalíveis e certas vossas promessas e antes faltará o céu e a terra que a realização delas. Não poderá a malícia da criatura extinguir vossa caridade por aquele que esperar em vossa misericórdia. Faça-se em mim vossa perfeita e santa vontade.

Deus anuncia-lhe a morte de S. Joaquim

667. Aceitou o Altíssimo este sacrifício matutino da terna esposa, a menina Maria Santíssima, e com agradável semblante lhe disse: - És formosa em teus pensamentos, filha do príncipe, minha pomba e dileta. Aceito teus desejos, agradáveis a meus olhos, e para satisfazê-los, participo-te que se aproxima o tempo que determinei, para teu pai Joaquim passar da vida terrena à imortal e eterna. Morrerá brevemente, descansará em paz e será conduzido ao limbo, onde com os santos aguardará a redenção da estirpe humana.

Este aviso do Senhor não perturbou nem alterou o real coração da Princesa do céu, Maria. O amor dos filhos aos pais é justo tributo da natureza. Como a Menina Santíssima possuía este amor em toda perfeição, não podia evitar a natural dor pela falta de seu pai São Joaquim, a quem, como filha, santamente amava.

Sentiu a terna e meiga menina Maria este doloroso afeto, compatível com a serenidade de seu magnânimo coração. Agindo em tudo com grandeza, na plenitude da graça e da natureza, orou fervorosamente por seu pai. Pediu ao Senhor

que, como poderoso e verdadeiro Deus, o auxiliasse na passagem de sua ditosa morte, o defendesse do demônio, principalmente naquela hora, e o colocasse entre o número de seus eleitos, pois em vida havia confessado e engrandecido seu santo e admirável nome. E, para mais empenhar o Senhor, ofereceu-se a fidelíssima filha para sofrer por seu santo pai Joaquim tudo o que Deus ordenasse.

Maria envia seus anjos para assistirem a São Joaquim

668. Aceitou Sua Majestade esta petição e consolou a divina Menina, assegurando-lhe que assistiriam a seu pai, e como misericordioso e piedoso remunerador dos que O amam e servem, o colocaria entre os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó.

Em seguida preveniu-a novamente, para receber e padecer outros trabalhos. Oito dias antes da morte do santo patriarca Joaquim, teve Maria Santíssima outro aviso do Senhor; declarando-lhe o dia e hora em que morreria, como de fato sucedeu, tendo-se passado apenas seis meses depois que nossa Rainha entrara no templo.

Depois que Sua Alteza recebeu estes avisos do Senhor, pediu aos doze anjos - que disse acima eram os citados por São João no Apocalipse, (**Ap 21, 12**) - assistissem a seu pai enfermo, o consolassem e confortassem, como o fizeram. Para a última hora de seu trânsito enviou todos os de sua guarda, e pediu ao Senhor os manifestasse a seu pai, para maior consolo seu. Em tudo acedeu o Altíssimo ao desejo de sua eleita, única e perfeita. O grande e ditoso patriarca Joaquim viu os mil anjos da guarda de sua filha Maria, por cujas petições e votos lhe superabundou a graça do Todo-poderoso. Por ordem Dela disseram os anjos a São Joaquim estas palavras:

Os anjos consolam São Joaquim e revelam a dignidade de sua filha Maria

669. Homem de Deus, seja o Altíssimo e poderoso tua eterna salvação, e do lugar santo envie o auxílio necessário e oportuno para tua alma. Maria, tua filha, nos envia para te assistirmos, nesta hora em que vais pagar ao Criador o tributo da morte natural. Ela é fidelíssima e poderosa intercessora tua perante o Altíssimo. Parte deste mundo, Joaquim consolado e alegre, em nome e santa paz do Altíssimo, que te fez pai de tão bendita filha. Por seus ocultos juízos, até agora, Ele não te manifestou o mistério e dignidade com que investirá tua filha.

Agora, porém, quer que o conheças para o exaltares, louvares, suavizando com o júbilo espiritual desta notícia, a natural tristeza e dor da morte. Maria, tua filha e nossa Rainha, é a escolhida pelo braço do Onipotente, para em suas entranhas vestir de carne e dar forma humana ao Verbo divino. Será a bem-aventurada Mãe do Messias e a bendita entre as mulheres, superior a todas as criaturas, e inferior somente a Deus.

Tua felicíssima filha será a reparadora do que a linhagem humana perdeu pela primeira culpa. Será o alto monte onde se há de formar e estabelecer a nova lei da graça. Uma vez que já deixas neste mundo sua restauradora e uma filha pela qual Deus lhe prepara o oportuno remédio, parte dele com a alma em júbilo. De Sião o Senhor te abençoe (**Sl 127, 5**) e te constitua entre os santos, para chegares à visão e gozo da feliz Jerusalém.

A alma de São Joaquim anuncia no limbo a proximidade da redenção

670. Quando os santos anjos di-

rigiram a São Joaquim essas palavras, encontrava-se presente sua esposa Sant'Ana, assistindo à cabeceira do leito. Por divina disposição as ouviu e compreendeu. No mesmo momento o santo patriarca perdeu a fala. Entrando pela comum vereda de todos os mortais começou a agonizar, num maravilhoso combate, entre o júbilo de tão alegre nova e a dor da morte.

Neste conflito, fez com as potências interiores muitos e fervorosos atos de amor divino, fé, admiração, louvor, humildade, ação de graças e outras virtudes que exercitou heroicamente. Absorto assim no conhecimento de tão divino mistério, chegou ao termo da vida natural com a preciosa morte dos santos (**Sl 115, 15**). Sua santíssima alma foi levada pelos anjos ao limbo dos santos pais e justos.

Para novo consolo e luz da prolongada noite em que estes viviam, ordenou o Altíssimo que a alma do santo patriarca Joaquim lhes servisse de embaixador junto àquela congregação de justos. Participou-lhes que começava a despontar o dia da eterna luz, havendo já nascido, filha de Joaquim e Ana, a aurora Maria Puríssima; dela nasceria o sol da divindade, Cristo, redentor de todo o gênero humano. Ouviram os santos pais e justos do limbo estas notícias. Com a alegria que ela lhes causou, fizeram novos cânticos de louvor ao Altíssimo.

Idade de São Joaquim ao morrer

671. A feliz morte do patriarca São Joaquim sucedeu seis meses, como acima disse, depois que sua filha Maria Santíssima entrou no templo. Aos três anos e meio de idade, portanto, já ficava sem pai na terra. Tinha o Patriarca sessenta e nove anos de idade, assim distribuídos: aos quarenta e seis desposou Sant'Ana; depois de vinte anos de matrimônio, tiveram Maria Santíssima, acrescentando os três e meio da Menina, resultam os sessenta e nove e meio e alguns dias, mais ou menos.

Atos da Menina Maria após o falecimento de seu santo Pai

672. Falecido o pai de nossa Rainha, voltaram logo os santos anjos de sua guarda à sua presença, e lhe relataram quanto havia sucedido no trânsito do santo patriarca. Imediatamente a Menina prudentíssima, com orações, solicitou o conforto para sua mãe Sant'Ana, pedindo ao Senhor que a dirigisse e lhe assistisse na soledade em que ficava, sem o esposo.

Sant'Ana também enviou à filha o aviso do falecimento, que foi dado primeiro à mestra de nossa divina Princesa. Deveria participá-lo à Menina, procurando consolá-la. Assim fez a mestra e a Menina sapientíssima a ouviu amavelmente, com paciência e modéstia de rainha, pois não ignorava o sucesso que lhe referiam como novidade. Sendo em tudo perfeitíssima, dirigiu-se imediatamente ao templo, para renovar o sacrifício de louvor, humildade, paciência e outras virtudes e orações, procedendo sempre com passos tão ligeiros quanto formosos (**Ct 7, 1**) aos olhos do Altíssimo. Para dar toda a plenitude a estes atos, pedia aos santos anjos que cooperassem com Ela e a auxiliassem a bendizê-lo e louvá-lo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Utilidade e necessidade do sofrimento

673. Minha filha, medita muitas

vezes, interiormente, o apreço que deves ter pela graça das provações que a oculta Providência, com justiça, distribui aos mortais. Estes são os juízos que por si mesmos justificam (**Sl 18, 10-11**), mais estimáveis que as pedras preciosas e o ouro, mais doces que o favo de mel, para quem tem acertado o paladar da razão.

Desejo que saibas que o padecer e ser atribulada a criatura, inocente ou não, é favor do qual seria digna só por grande misericórdia do Altíssimo. Além disso, padecer pelas próprias culpas, tem também muito de justiça. De acordo com isto, pondera a comum insipiência dos filhos de Adão, que só apetecem prazeres, graças e favores sensíveis ao seu gosto. Desvelam-se e trabalham para lançar longe de si tudo quanto é penoso. Guardam-se de serem tocados pela dor dos trabalhos. Quando sua maior felicidade estaria em procurá-lo com diligência, empregam-na toda em afastar o que merecem, e sem o que não poderão ser felizes nem bem-aventurados.

A cruz, caminho para Deus

674. Se o ouro fugisse da fornalha, o ferro da lima, o grão do moinho e do debulhador, as uvas da prensa, tornar-se-iam inúteis, sem preencherem o fim para que foram criados. Como, então, se deixam enganar os mortais que, cheios de feios vícios e abomináveis culpas, pretendem, sem a fornalha e a lima dos padecimentos, tornar-se puros e dignos de gozar de Deus eternamente?

Se, mesmo inocentes seriam incapazes e desmerecedores de receber o bem infinito por prêmio e coroa, como o serão estando nas trevas e inimizade do mesmo Deus? Não bastando isto, os filhos da perdição empregam todo o desvelo em se conservar indignos e inimigos de Deus. Lançam de si a cruz dos trabalhos, que são o caminho para voltar a Deus, luz para o entendimento, desengano do aparente, alimento dos justos, único meio da graça, preço da glória. Acima de tudo, é legítima herança de meu Filho e Senhor que a escolheu para si e seus eleitos, nascendo e vivendo sempre em trabalhos e morrendo na Cruz.

Conformidade

675. Por aqui, minha filha, deverás avaliar o preço do padecer, incompreendido pelos mundanos. Por serem indignos desta divina ciência, assim como a ignoram, a desprezam. Alegra-te e consola-te nas tribulações, e quando o Altíssimo se dignar enviar-te alguma, procura ir ao seu encontro para recebê-la como bênção sua e penhor de seu amor e glória.

Dilata o coração pela magnanimidade e constância para, na ocasião de sofrer, te portares do mesmo modo como na prosperidade, de acordo com os propósitos que então fazias. Não cumpras com tristeza o que prometias com alegria (**2Cor 9,7**). O Senhor ama quem é o mesmo no dar e no prometer. Sacrifica, pois, teu coração e faculdades em holocausto de paciência e cantarás, com novos cânticos de alegria e louvor, as justificações do Altíssimo quando, durante tua peregrinação te distinguir e tratar como sua, com o sinal de sua amizade: os trabalhos e a cruz das tribulações.

Exemplo de Cristo e sua Mãe

676. Adverte, caríssima, que meu Filho Santíssimo e eu desejamos possuir, entre as criaturas, alguma alma que haja chegado ao caminho da cruz. Queremos poder ensinar-lhe, ordenada-

mente, esta divina ciência; afastá-la da sabedoria mundana e diabólica, na qual os filhos de Adão, com cega porfia, querem se avantajar, lançando de si a saudável disciplina dos trabalhos.

Se queres ser nossa discípula, entra nesta escola, onde só se ensina a doutrina da cruz, e procura nela o descanso e verdadeiras delícias. Com esta sabedoria não se coaduna o amor terreno, dos deleites sensíveis e riquezas; nem a vã ostentação e pompa que fascina os fracos olhos mundanos, ambiciosos de honra vã e do precioso e grande que atrai a admiração dos ignorantes.

Tu, minha filha, escolhe para ti a melhor parte, entre os desconhecidos e esquecidos do mundo. Do mesmo Deus humanado eu era Mãe, e por isso Senhora de toda a criação, juntamente com meu Filho Santíssimo. No entanto, fui pouco conhecida, e Sua Majestade muito desprezada pelos homens. Logo, se esta doutrina não fosse a mais estimável e segura, não a teríamos ensinado com nosso exemplo e palavras. Esta é a luz que brilha nas trevas (**Jo 1, 5**), amada pelos escolhidos e detestada pelos réprobos.



Cortejo fúnebre em Jerusalém

CAPÍTULO 17

PRIMEIROS SOFRIMENTOS DA PRINCESA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA NA SUA INFÂNCIA; DEUS SE LHE OCULTA; SUAS DOCES E AMOROSAS QUEIXAS.

Razões dos sofrimentos da Menina Maria

677. O Altíssimo, que com infinita sabedoria, peso e medida dirige os seus (**Sab 11, 21**), determinou exercitar a nossa divina Princesa com algumas provações, proporcionadas à sua idade infantil, embora sempre grande na graça, a qual por aquele meio, aumentaria com maior glória.

Cheia de sabedoria e graça estava nossa meniña Maria. Apesar disso, convinha tornar-se discípula da experiência, nela se adiantando e aprendendo a ciência do sofrimento, por cujo exercício chega à última perfeição e valor. No curto prazo de seus primeiros anos, gozara as delícias e afagos do Altíssimo, dos santos anjos, dos pais, da mestra e sacerdotes no templo, pois aos olhos de todos era graciosa e amável.

Convinha começasse a ter outra nova ciência e conhecimento do bem que possuía. Ciência adquirida pela ausência e privação do bem pelo novo exercício que ocasiona às virtudes, mediante o confronto entre o estado das consolações e carícias, com o da soledade, aridez e tribulações.

Suspensão das visões

678. A primeira das provações sofridas por nossa Princesa foi a interrupção das contínuas visões que o Senhor lhe comunicava. Tanto maior era esta dor, quanto mais desconhecida, desacostumada, e mais elevado e precioso o tesouro que perdia de vista. Ocultaram-se também os Santos anjos.

Com a ausência de tantos, tão excelentes e divinos objetos, que ao mesmo tempo se esconderam de sua vista - ainda que não se afastassem de sua companhia, nem a privasse de sua proteção - ficou aquela alma puríssima, a seu sentir, deserta e solitária, em a noite obscura da ausência do Amado que a enchia de luz.

Atitude da Menina Maria

679. Este sucesso causou surpresa a nossa menina Rainha, porque ainda que o Senhor a houvesse prevenido para receber trabalhos, não lhe havia explicado

quais seriam. Como o cândido coração da singelíssima pomba nada podia pensar ou fazer, que não fosse fruto de sua incomparável humildade e amor, concentrava-se toda nestas duas virtudes: com a humildade, atribuía à sua ingratidão, não ter merecido a presença e posse do bem perdido; com abrasado amor, o pedia e procurava com tais e tão amorosos afetos e dor, que não há palavras que possam encarecê-lo. Naquele novo estado, voltava-se para o Senhor e lhe dizia:

Amorosas queixas de Maria a Deus

680. Altíssimo Deus e Senhor de toda a criação, infinito em bondade e rico em misericórdias, confesso que tão vil criatura não pôde merecer vossos favores. Minha alma, com íntima dor, receia sua própria ingratidão e vosso desagrado. Se ela me eclipsou o sol que me alentava, vivificava e iluminava, sendo eu remissa na correspondência a tantos benefícios, conheça Eu, meu Senhor e Pastor, a culpa de meu grosseiro descuido.



Se, como simples e ignorante ovelha não soube ser grata e fazer o mais agradável a vossos olhos, prostrada estou em terra, unida ao pó, para que Vós, meu Deus (**Sl 112, 5, 7**) que habitais nas alturas, me ergais como a pobre e desamparada. Vossas mãos poderosas me plasmaram (**Jó 10, 8**), não podeis ignorar nosso barro (**Sl 102, 14**), e em que vaso depositais vossos tesouros. Minha alma desfalece (**Sl 30, 11**) em sua amargura; faltando-lhe vós que sois sua doce vida, ninguém pode sustentar meu delíquio. Sem vós, aonde irei? Para onde voltarei os olhos, sem a luz que os ilumina? Quem me consolará, se tudo é penar? Quem me salvará da morte na ausência da vida?

Queixas aos santos anjos

681. Dirigia-se também aos santos anjos e, continuando suas amorosas queixas, dizia-lhes: - Príncipes celestiais, embaixadores do supremo e grande Rei das alturas, verdadeiros amigos de minha alma, por que também me deixastes? Por que me privais de vossa doce visão e me negais vossa presença?

Não me admiro, porém, senhores meus, de vosso desagrado, se por desgraça minha, mereci cair no de vosso Criador e meu. Luzeiros dos céus, iluminai nesta minha ignorância meu entendimento. Se tenho culpa, corrigi-me e alcançai-me o perdão de meu Senhor. Nobilíssimos cortesãos da feliz Jerusalém, apiedai-vos de minha aflição e desamparo.

Dizei-me aonde foi meu Amado (**Ct 3, 8**), revelai-me onde se escondeu. Ensinai-me onde poderei achá-lo, sem andar vagando (**Idem 1, 6**) e discorrendo pelos rebanhos de todas as criaturas. Mas, ai de Mim, tampouco vós me respondeis, apesar de serdes tão corteses, e claramente

conhecerdes os sinais de meu Esposo, que não vos expulsa da visão de sua face e formosura.

Queixa-se às criaturas

682. Voltava-se em seguida às demais criaturas e, com repetidas ânsias de amor, falava com elas, dizendo-lhes: - Sem dúvida, também vós que vos armais contra os ingratos (**Sb 5, 18**), e por serdes agradecidas, deveis estar indignadas com quem não o soube ser. Mas, se pela bondade de meu Senhor e vosso, me tolerais entre vós, ainda que Eu seja a mais vil, não podeis satisfazer a meus desejos.

Muito belos e espaçosos sóis, ó céus! Formosos e refulgentes os planetas e todas as estrelas; grandes e indômitos os elementos; ataviada a terra de plantas perfumosas e ervas inumeráveis; admiráveis os peixes das águas, rápidas as vagas do mar (**Sl 92, 4**), as aves velozes, os minerais ocultos, fortes os animais e o conjunto de tudo uma escala e doce melodia, para chegar ao conhecimento de meu Amado.

Mas, como sois longos rodeios para quem ama! mesmo que por todos caminhe com presteza, por fim paro e não encontro meu bem, pois os indícios certos de sua beleza, dados pelas criaturas, não sossega meu vôo, não alivia minha dor, não diminui minha pena; pelo contrário, cresce minha tristeza, aumenta-se o desejo, inflama-se o coração e, no amor insatisfeito, desfalece a vida terrena.

Oh! doce morte, sem minha vida! Oh! penosa vida, sem minha alma e sem meu Amado! Que fazer? Para onde ir? Onde viverei e onde morrerei? Se me faltou a vida, que força, fora dela, me sustenta? Ó vós, todas as criaturas, que com vossa constante conservação e perfeição me dais tantas notícias de meu Senhor, atendei e vede se há dor semelhante à minha !(**Tren 1, 12**).

Complacência da Ssma. Trindade nos afetos da Menina Maria

683. Outras muitas razões, que não podem caber em pensamento criado, formava no coração e repetia com a palavra nossa divina Senhora. Somente sua prudência e amor puderam compreender o peso e sentimento, produzidos pela ausência de Deus, numa alma que o gozara e conhecera como a de Sua Alteza. Os próprios anjos, com santa e amorosa emulação, se admiravam de ver numa pura criatura, tenra menina, tanta diversidade de prudentíssimos atos de humildade, fé, amor, afetos e vôos do coração.

Quem poderá explicar o agrado e complacência do Senhor, pelas aspirações da alma de sua eleita? Cada uma feria o coração divino, e procedia de maior graça e amor, do que havia no coração dos serafins. Se todos eles, na visão da Divindade, não sabiam realizar nem imitar as ações de Maria Santíssima, nem guardar as leis do amor com tanta perfeição quanto Ela, apesar de ausente e escondido o Senhor, qual seria a complacência que a beatíssima Trindade sentiria em tais afetos? Para nossa baixeza, isto consiste oculto mistério. Não obstante, devemos reverenciá-lo com admiração e admirá-lo com reverência.

Continuam suas amorosas queixas

684. Nossa candidíssima pomba não encontrava onde seu coração sossegar, nem onde pousar o pé (**Gn 8, 9**) de seus afetos que, em contínuos vôos e gemidos,

discorriam por todas as criaturas. Dirigia-se, muitas vezes ao Senhor, com lágrimas e suspiros amorosos. Voltava a suplicar aos anjos de sua guarda e despertava todas as criaturas, como se fossem capazes de razão. Elevava-se àquela altíssima habitação, com seu iluminado entendimento e ardentíssimo afeto, onde o sumo bem costumava deixar-se encontrar e fruir, de suas inefáveis delícias.

Agora, porém, o supremo Senhor e amável esposo deixava-se possuir mas não gozar, pela sua querida. Abrasava cada vez mais aquele puríssimo coração, aumentando seus méritos e conquistando-o de novo, por diferentes e ocultos dons, para que mais possuído mais o amasse, e mais amado e possuído o buscasse com novas indústrias e ânsias de inflamado amor.

Busquei-o (**Ct 3, 2**), dizia a divina Princesa, e não o achei. Levantarei novamente e, percorrendo as ruas e praças da cidade de Deus, renovarei meus cuidados. Ai de mim! Minhas mãos distilaram mirra! (**Idem 5, 5**) Não bastam minhas diligências, meus atos só têm poder para mais aumentar minha dor! Procurei aquele que meu coração ama, procurei-o e não o encontrei! (**Id 6, 7**). Meu amado partiu. Chamei-o e não me respondeu. Voltei os olhos para procurá-lo, porém os guardas e sentinelas da cidade, e todas as criaturas, foram-me importunas e me desgostaram com sua presença. Filhas de Jerusalém, almas santas e justas, rogo-vos e suplico, se encontrardes meu querido, lhe digais que desfaleço e morro de amor.

Intensidade das provações espirituais de Maria

685. Nestas doces e amorosas mágoas, passou nossa Rainha alguns dias, desprendendo aquele humilde nardo (**Ct 1, 11**) fragrantíssimo perfume de suavidade, a recear o desagrado do Senhor, que repousava no fundo de seu fidelíssimo coração. Para maior glória Dele, e superabundantes méritos de sua Esposa, prolongou a divina Providência esse prazo por algum tempo, ainda que não fosse muito longo.

Apesar disso, durante esse tempo, padeceu a divina Senhora mais tormentos espirituais e provações do que todos os santos reunidos. Chegando a suspeitar e temer, se perdera a Deus e caíra em sua desgraça por própria culpa, ninguém, senão Deus, pôde compreender qual seria a dor daquele ardente coração que tanto soube amar. Só o de Deus foi capaz de medi-la e só o de Maria a pôde sentir, com receios e temores de tê-lo perdido.

DOUTRINA DE MINHA SENHORA E RAINHA.

À estimação do bem corresponde a dor de sua perda

686. Minha filha, todos os bens são estimados de acordo com o apreço que deles fazem as criaturas. Estimam-nos na medida em que conhecem serem bens. Como, porém, um só e único é o verdadeiro bem, e os demais falsos e aparentes, somente este sumo bem deve ser apreciado e conhecido. Chegarás a lhe dar estima e amor, quando o conheceres, experimentares e o preferires acima de tudo o que é criado.

Por este apreço e amor, mede-se a dor de o perder. Por aqui entenderás, um pouco, o meu sentimento, quando se me ausentava o bem eterno, deixando-me no temor e na dúvida de o ter perdido por

minhas culpas. Não há dúvida que, muitas vezes, a dor destes receios e a força do amor me teriam privado da vida, se o mesmo Senhor não a conservasse.

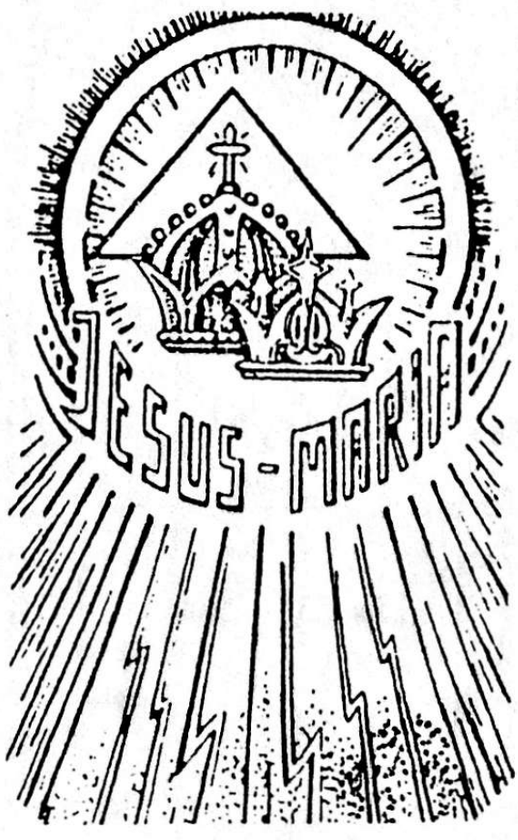
A aparente e a verdadeira perda de Deus

687. Pondera agora qual deve ser a dor de perder a Deus verdadeiramente por pecados, se numa alma que não tem os maus efeitos da culpa, podem causar tanta dor, a aparente ausência do verdadeiro bem. Esta sabedoria não penetra na mente dos homens carnais, antes, com estultíssima cegueira, apreciam o aparente e fingido bem, atormentando-se e desconsolando-se quando lhes falta. Do sumo e verdadeiro bem, no entanto, não fazem conceito nem estima alguma, porque nunca o conheceram nem experimentaram.

Esta tremenda ignorância, contraída pelo primeiro pecado, foi suprimida pelo meu Filho Santíssimo. Mereceu para os homens a fé e a caridade para poderem, de certo modo, conhecer e saborear o bem que nunca haviam experimentado. Por isto é doloroso que se perca e despreze a caridade, e por qualquer deleite deixe-se a fé morta, ociosa e sem proveito. Assim vivem os filhos das trevas, como se a eternidade não passasse de uma falsa e duvidosa narração.

Vigiar para não perder a amizade divina

688. Teme este perigo, nunca suficientemente ponderado. Desvela-te e vive sempre atenta e prevenida contra os inimigos, que jamais dormem. Medita dia e noite como trabalharás por não perder o sumo bem que amas. Não te convém dormir, nem cochilar entre inimigos invisíveis, e se alguma vez teu amado se esconder, espera com paciência, procura-o com solicitude sem descansar, pois não conheces seus ocultos juízos. Para o tempo da ausência e tentação, conserva preparado o azeite (**Mt 25, 12**) da caridade e pura intenção, pois se te vier a faltar, serás reprovada com as virgens estultas.





CAPÍTULO 18

PROSSEGUEM AS PROVAÇÕES DE NOSSA RAINHA PERMITIDAS PELO SENHOR, ATRAVÉS DAS CRIATURAS E DA ANTIGA SERPENTE.

Novos sofrimentos de Maria Santíssima

689. Continuava o Altíssimo ocultando-se à Princesa do céu. A esta provação, que era maior, acrescentou outras para lhe aumentar o mérito, graça, recompensa, e mais inflamá-la no castíssimo amor.

Lúcifer, o grande dragão e antiga serpente, observava atento as heróicas virtudes de Maria Santíssima. Ainda que não pudesse ser testemunha de vista das interiores, por lhe serem ocultas, estava à espreita das exteriores. Estas eram tão altas e perfeitas quanto bastava para atormentar a soberba e indignação deste invejoso inimigo, pois a pureza e santidade da menina Maria eram-lhe o maior de todos os insultos.

Conciliábulo no inferno

690. Impelido por este furor, reuniu no inferno um conciliábulo para consultar, sobre este negócio, aos mais graduados príncipes das trevas.

Reunidos, expôs este arrazoado: - Estou a recear e temer que o grande triunfo que gozamos no mundo, com a posse de tantas almas submetidas à nossa vontade, venha a ser destruído e humilhado por meio de uma mulher. Não podemos esquecer este perigo, pois o conhecemos desde nossa criação, tendo-nos sido avisado ainda, por modo de cominação (**Gn 3, 15**), que a mulher nos esmagaria a cabeça. Portanto, convém estar alerta, sem nos descuidar.

Já tivestes notícia de uma Menina, nascida de Ana, que vai crescendo em idade e distinguindo-se nas virtudes. Tenho observado suas ações, movimentos e obras. Ao chegar o tempo comum do uso da razão, em que os homens começam a sentir as paixões da natureza, não descobri Nela os efeitos de nossa semente e malícia, como costumam se manifestar nos demais filhos de Adão.

Vejo-a sempre ordenada e perfeitíssima, sem poder incliná-la às infantilidades pecaminosas, humanas ou naturais das outras crianças. Por estes indícios, receio que seja a escolhida para Mãe daquele que há de se fazer homem.

Suspeitas de Lúcifer

691. Apesar de tudo, não consi-

go me persuadir disto. Nasceu como os outros, sujeita às leis comuns da natureza, foi levada por seus pais ao templo como as demais mulheres. Ali fizeram orações e oferenda para que a eles, e a Ela, se perdoasse a culpa. Não obstante, ainda que Ela não seja a destinada contra nós, os grandes princípios de sua infância prometem, para o futuro, extraordinária virtude e santidade.

Eu não posso tolerar seu modo de proceder com tanta prudência e discrição. Sua sabedoria me abrasa, sua modéstia me irrita, sua paciência me revolta, sua humildade me aniquila e esmaga. Toda Ela me provoca insuportável raiva, detesto-a mais que a todos os filhos de Adão. Tem não sei que força especial, pois muitas vezes quero dela me aproximar e não posso. Se lhe envio sugestões não as aceita.

Todas minhas diligências até agora se desvaneceram sem obter resultado. Remediar isto é interesse de todos nós, empregando o maior cuidado para que nosso império não se arruine. Desejo mais a destruição desta única alma do que de todo o mundo. Dizei-me, agora, que meios usaremos para vencê-la e acabar com Ela. A quem o fizer, ofereço os prêmios de minha liberalidade.

Conselho de um demônio

692. Ventilou-se o caso naquela confusa sinagoga - somente para nosso dano concorde - e, entre outros pareceres, declarou um daqueles medonhos conselheiros: - Príncipe e senhor nosso, não te atormentes com tão pequeno cuidado, que uma fraca mulherzinha não será tão invencível e poderosa, como somos nós todos que te seguimos.

Tu enganaste Eva (**Gn 3, 4**), derribando-a do feliz estado que tinha e, por ela, venceste sua cabeça, Adão. Como, então, não vencerás essa Mulher, sua descendente, que nasceu depois da sua primeira queda? Conta certo com a vitória e, para alcançá-la, determinemos perseverar em tentá-la, ainda que resista muitas vezes. Sendo necessário que abdiquemos em alguma coisa de nossa grandeza e presunção, não reparemos nisso, a troco de conseguir enganá-la. Se não bastar, procuraremos destruir sua honra e lhe tiraremos a vida.

Outras sugestões diabólicas

693. A isto, outros demônios, dirigindo-se a Lúcifer, acrescentaram: - Temos experiência, ó poderoso príncipe, que para derrubar muitas almas, é meio poderoso e eficaz valer-nos de outras criaturas, para fazer o que por nós mesmos não conseguimos. Por este modo, forjaremos a ruína desta mulher, observando para isto o tempo e circunstâncias mais oportunas que se oferecerem em seu proceder. Acima de tudo, importa que apliquemos toda nossa sagacidade e astúcia, para que por algum pecado venha a perder a graça. Em lhe faltando este apoio e proteção dos justos, perseguí-la-emos e dominá-la-emos como a desamparada, sem haver quem a possa livrar de nossas mãos, e trabalharemos até reduzi-la ao desespero da salvação.

Lúcifer encarrega-se pessoalmente de tentar a Cristo e Maria

694. Agradeceu Lúcifer estas sugestões e encorajamentos, dados pelos seus sequazes e colaboradores de maldade. Por sua vez, ordenou aos mais astutos na malícia, o acompanhassem, constituindo-se novamente por chefe de tão árdua

empresa, não querendo fiá-la de outras mãos. Embora auxiliado por outros demônios, o próprio Lúcifer, pessoalmente, era sempre o primeiro a tentar Maria, como a seu Filho Santíssimo no deserto, e em todo o decurso de suas vidas, como veremos adiante.



Começam os demônios a tentar a Menina Maria

695. Por este tempo, continuava nossa divina Princesa na saudosa tristeza pela ausência de seu Amado, quando aquela infernal quadrilha investiu de tropel para tentá-la. A força divina, porém, que lhe fazia sombra, impediu os esforços de Lúcifer, para se aproximar muito dela e executar tudo quanto projetava. Com permissão do Altíssimo no entanto, lançou em suas faculdades, grosseiras sugestões e diversos pensamentos de suma iniquidade e malícia, pois não evitou o Altíssimo que a Mãe da graça fosse também tentada em tudo, mas sem pecar (**Hb 4, 15**), como depois seria seu Filho Santíssimo.

Atitude da Menina Maria nas tentações

696. Neste novo combate, não se pode facilmente conceber quanto padeceu o puríssimo e ilibado coração de Maria, vendo-se cercada de sugestões tão estranhas, e distantes de sua inefável pureza e da elevação de seus divinos pensamentos.

Percebendo a antiga serpente que a grande Senhora se encontrava aflita e entristecida, pretendeu com isto cobrar maior ânimo. Cego pela sua mesma soberba, pois desconhecia o segredo do céu, animava a seus infernais ministros, dizendo-lhes: Persigamo-la agora, persigamo-la, pois parece que já conseguimos nossos intentos e começa a sentir tristeza, o caminho da desconfiança.

Nesta ilusão, enviaram-lhe novos pensamentos de desânimo e desconfiança e, com terríveis imaginações, em vão a combateram, porque a pedra da generosa virtude, quando ferida, com mais força solta faíscas e fogo de amor divino. Manteve-se nossa invencível Rainha tão superior e insensível ao bombardeio do inferno, que em seu interior nem se alterou, nem deu atenção a tantas sugestões, senão para melhor se reconcentrar em suas incomparáveis virtudes, e mais elevar a chama do divino incêndio de amor que em seu peito ardia.

O demônio pretende tirar a vida de Maria Santíssima

697. Ignorando o dragão a oculta

sabedoria e prudência de nossa soberana Princesa, ainda que reconhecesse sua força imperturbável, persistia em sua antiga soberba, acometendo a cidade de Deus por diversos meios e ataques. Não obstante o astuto inimigo variar técnicas, suas armas não passavam de insignificante formiga contra um muro de diamante.

Era nossa Princesa a mulher forte (**Pr 31, 11**) em quem pôde confiar o coração de seu esposo, sem receios de ver frustrados seus desejos. Seu ornamento era a fortaleza (**Idem 31, 25**) que a enchia de encantos; sua veste de gala, a pureza e caridade.

Não podia suportar a imunda e altiva serpente este objeto, cuja vista o ofuscava e exasperava com nova confusão. Pretendeu, então, tirar-lhe a vida, esforçando-se muito com todo o esquadrão de espíritos malignos. Nesta labuta levaram algum tempo, sem maior resultado que no resto.

Reflexões da escritora

698. Grande admiração me produziu o conhecimento deste oculto sacramento, considerando quanto se exercitou o furor de Lúcifer contra Maria Santíssima durante seus primeiros anos, e, por outro lado, a oculta e vigilante proteção do Altíssimo para defendê-la. Vejo quanto o Senhor estava atento à sua Esposa, escolhida e única entre todas as criaturas. Vejo também todo o inferno transformado em raiva, estreando contra Ela tal indignação, como até então não haviam empregado com outra criatura, e a facilidade com que o poder divino desvanecia todo o poder e astúcia infernal.

Oh! infelicíssimo e mísero Lúcifer, quão maior é tua soberba e arrogância que tua fortaleza! (**Is 16, 6**). Não passas de anão fraquíssimo, para tão louca presunção. Desengana-te e não te prometas tantos triunfos, pois uma frágil Menina esmagou tua cabeça e te deixou vencido, em tudo e por tudo.

Confessa que vales e sabes muito pouco, pois ignoraste o maior sacramento do Rei que te humilhou, mediante o instrumento que desprezavas, uma criança, fraca mulher nas condições de sua natureza. Como seria grande tua debilidade, se os mortais se valessem da proteção do Altíssimo e do exemplo, imitação e intercessão desta vitoriosa triunfadora, Senhora dos anjos e dos homens!

A oração de Maria durante a tentação

699. Entre estas tentações e combates, era incessante a fervorosa oração de Maria Santíssima, dizendo ao Senhor: - Agora, meu Deus altíssimo, que estou na tribulação, fica comigo (**Sl 90, 15**); agora, que de todo meu coração vos chamo e procuro vossas justificações (**Sl 118, 145**), cheguem minhas súplicas aos vossos ouvidos; agora, que padeço violência, respondei por Mim (**Is 38, 14**); Vós meu Senhor e meu Pai, sois minha fortaleza e meu refúgio (**Sl 30, 4**), e por vosso santo nome me livrareis do perigo, me guiareis por seguro caminho e me alimentareis como filha vossa.

Repetia também muitos mistérios da sagrada Escritura, especialmente os Salmos que falam contra os inimigos invisíveis. Com estas armas invencíveis, sem perder um átomo de paz, igualdade e conformidade interior, mas confirmando-se sempre mais nessas disposições, com o puríssimo espírito elevado nas alturas, pelejava, resistia e vencia a Lúcifer, obtendo para si incomparável merecimento e complacência do Senhor.

Novas tentações por intermédio das criaturas

700. Vencidas estas invisíveis tentações e combates, começou a serpente novo duelo, por intervenção das criaturas. Insuflou algumas faíscas de inveja contra Maria Santíssima, no coração das meninas, suas companheiras, que residiam no templo. Este achaque era de remédio tanto mais difícil por o terem contraído ao ver a exatidão de nossa divina Princesa na prática de todas as virtudes, pelas quais, em sabedoria e graça, crescia diante de Deus e dos homens.

Onde reponta a ambição da honra, as mesmas luzes da virtude aprisionam, obscurecem a razão e acendem a labareda da inveja. Administrava o dragão às incautas meninas muitas sugestões interiores. Persuadiu-as que a presença daquele sol, Maria Santíssima, deixava-as na sombra, menos estimadas e suas negligências chamavam mais a atenção da mestra e dos sacerdotes, pois só Maria era a preferida na estimação de todos.

A Menina Maria perseguida e maltratada pelas colegas

701. Acolheram esta má semente as companheiras de nossa Rainha. Pouco advertidas e adestradas nas batalhas espirituais, deixaram-na crescer, até degenerar em interior aversão por Maria Puríssima. Este ódio transformou-se em indignação ao vê-la e tratá-la, chegando a não poderem suportar a modéstia da cândida pomba.

Instigava-as o dragão, insuflando nas descuidadas meninas, a mesma raiva que ele concebera contra a Mãe das virtudes. Persistindo a tentação, começaram aparecer seus efeitos: as meninas revelaram-na entre si, ignorando o espírito que as movia. Combinaram molestar e perseguir a ignorada Princesa do mundo, até despedi-la do templo.

Chamando-a à parte, dirigiram-lhe palavras pesadas, tratando-a arrogantemente de farsista, hipócrita, que só cuidava em conquistar com fingimento, as boas graças da mestra e dos sacerdotes; que desacreditava às demais companheiras, murmurando delas, exagerando suas faltas, quando Ela mesma era a mais inútil de todas. Por tudo isto, a detestavam tanto como ao inimigo.

A reação de Maria

702. Estas, e outras muitas contumélias, foram ouvidas pela prudentíssima Virgem que, sem se alterar, com serena humildade, respondeu: - Minhas amigas e senhoras, tendes certamente razão em dizer que sou a menor e mais imperfeita de todas. Vós, porém, minhas irmãs, mais advertidas, haveis de perdoar minhas faltas e ensinar minha ignorância, guiando-me para acertar em fazer o melhor e vos dar gosto.

Suplico-vos, amigas minhas, que ainda que eu seja tão inútil, não me negueis vossa graça, não acrediteis que desejo desmerecê-la, pois vos amo e reverencio como serva. Se-lo-ei em tudo o que quiserdes, experimentai minha boa vontade, ordenai-me e dizei o que desejais de mim.

Continuaram as animosidades

703. Estas humildes e suaves razões da modesta Maria, não abrandaram o coração endurecido de suas amigas e companheiras, possuídas pela sanha furiosa do dragão. Pelo contrário, aumentando sua raiva, ele as instigava e irritava mais,

para que aquela doce medicação viesse a entumecer mais a picada da serpente e o veneno que derramara contra a mulher do grande sinal do céu (**Ap 12, 15**). Continuou esta perseguição muitos dias, sem que a humildade, paciência, modéstia e tolerância da divina Senhora fossem capazes de abrandar o ódio de suas companheiras.

Avançou o demônio a propor-lhes muitas sugestões, cheias de temeridade, para agredirem a humilíssima ovelha e a maltratarem até lhe tirarem a vida. Não permitiu o Senhor que tão sacrílegos pensamentos fossem executados. O máximo a que chegaram foi injuriá-la com palavras e dar-lhe alguns empurrões.

Esta batalha travava-se em segredo, sem ter chegado ao conhecimento da mestra e dos sacerdotes. Durante esse tempo, ia Maria Santíssima adquirindo incomparáveis merecimentos e dons do Altíssimo, com a oportunidade de praticar tantas virtudes, em relação a Deus, e às criaturas que a perseguiam e odiavam. Por elas fez heróicos atos de caridade e humildade, dando bem por mal, bênçãos por maldições, orações (**1Cor 4, 13**) por blasfêmias, cumprindo, em tudo, o mais perfeito e elevado da divina lei.

Para com Deus, exercitou as mais excelentes virtudes, rogando pelas criaturas que a perseguiam, humilhando-se, com admiração dos anjos, como se fora a mais vil dos mortais e merecedora de quanto lhe faziam. Todos estes atos excediam à compreensão dos homens e ao mais elevado mérito dos serafins.

As perseguições chegam ao conhecimento da mestra e dos sacerdotes

704. Aconteceu certo dia que, instigadas aquelas meninas pela tentação diabólica, levaram a princesa Maria a um aposento retirado. Ali, parecendo-lhes estar mais seguras, cobriram-na de injúrias e desmedidas contumélias, para irritar sua mansidão, e ver se Ela quebraria sua invencível modéstia com algum gesto impaciente. Visto a Rainha não estar sujeita a qualquer vício, mesmo por um só instante quando foi mais necessário a paciência, mais invencível se mostrou, respondendo-lhes com maior agrado e doçura.

Ofendidas por não conseguirem seu desordenado intento, puseram-se a gritar, de modo que foram ouvidas no templo, mais do que era costume, produzindo grande surpresa e confusão. Acudiram ao barulho os sacerdotes e a mestra, e permitindo o Senhor esta nova aflição para sua Esposa, perguntaram severamente o motivo daquela inquietação.

Calando-se a mansíssima pomba, responderam as outras meninas com muita indignação: - Maria de Nazaré nos inquieta e exaspera com seu gênio insuportável. Longe de vossa presença nos contraria e provoca, de tal sorte que se não sair do templo, não será possível manter paz com Ela. Se a toleramos se torna altiva, se a repreendemos, zomba de nós, prostrando-se a nossos pés com fingida humildade, para depois murmurar e criar discórdias entre nós.

Maria é repreendida pela mestra e pelos sacerdotes

705. Os sacerdotes e a mestra levaram a Senhora do mundo a outro aposento, e ali a repreenderam com a severidade que merecia o crédito que, por então, deram às suas companheiras. Exortaram-na a que se emendasse, e procedesse como quem vivia na casa de Deus, do contrário ameaçaram-na despedi-la, expulsando-a do templo. Esta ameaça foi o maior castigo que

lhe poderiam impor, ainda quando tivesse alguma culpa, sendo, não obstante, inocente de todas as que lhe imputavam.

Quem tiver luz e inteligência do Senhor para compreender um pouco da profundíssima humildade de Maria Santíssima, entenderá algo dos efeitos que em seu candidíssimo coração produziam estes mistérios, porque se julgava o mais vil dos nascidos, e a mais indigna de viver entre eles, e pisar a terra.

Comoveu-se um pouco a prudentíssima Virgem com esta ameaça, e entre lágrimas respondeu aos sacerdotes: - Senhores, agradeço o favor que me fazeis, repreendendo-me e ensinando-me, como a imperfeita e pobre mulher. Suplico-vos, porém, me perdoeis, pois sois ministros do Altíssimo. Desculpando meus defeitos, me dirijais em tudo, para que eu acerte melhor do que até agora, a dar gosto à Sua Majestade e às minhas irmãs e companheiras. Com a graça do Senhor, prometo-o novamente, começando desde hoje.

A resposta da Virgem

706. Acrescentou nossa Rainha outras razões de dulcíssima singeleza e modéstia. Com isto, a deixaram a mestra e os sacerdotes, advertindo-a novamente na doutrina, da qual Ela era mestra sapientíssima. Dirigiu-se logo às meninas, suas companheiras, e prostrando-se aos seus pés, pediu perdão, como se os defeitos que lhe imputavam, pudessem existir em quem era Mãe da inocência.

Receberam-na melhor por enquanto, julgando suas lágrimas efeitos do castigo dos sacerdotes e mestra, que elas haviam inclinado às suas más intenções. O dragão, que ocultamente ia urdindo essa teia, alçou a maior altivez e presunção ao incauto coração daquelas meninas e, como tinham aberto caminho pelos sacerdotes, prosseguiram com maior audácia em desacreditar a puríssima virgem e preveni-los contra Ela. Para isto, instigadas pelo demônio, forjaram novas invenções e mentiras.

Nunca, entretanto, permitiu o Altíssimo que, da escolhida para Mãe Santíssima de seu Unigênito, fosse dita ou presumida coisa muito grave ou menos decente. Permitiu somente que a falsa indignação das meninas do templo chegasse a exagerar muito algumas pequenas e imaginárias faltas que lhe imputavam. O máximo que fizeram foi demonstrar sua exasperação com muitas artimanhas pueris. Isto, mais a repreensão da mestra e dos sacerdotes, foi para nossa humilíssima Senhora ocasião de praticar virtudes, aumentar os dons do Altíssimo e adquirir méritos em plenitude, conforme as divinas intenções.

Oração de Maria Santíssima

707. Em tudo agiu nossa Rainha, agradando plenamente o Senhor, que se recreava com o suavíssimo perfume daquele humilde nardo (**Ct 1, 11**), maltratado e desprezado pelas criaturas que o desconheciam. Insistia nos queixumes e gemidos pela prolongada ausência de seu amado. Numa destas ocasiões, lhe disse:

- Meu sumo Bem e Senhor, se vós que sois meu Dono e Criador me desamparastes, não é muito que o resto das criaturas me aborreçam e se voltem contra mim. Tudo o merece minha ingratidão pelos vossos benefícios. Não obstante, sempre Vos reconheço e confesso por meu refúgio e meu tesouro. Só vós sois meu bem, meu amado e descanso. Mas, se estais ausente, como sossegará meu aflito coração?

As criaturas agem comigo como devem. Ainda não chegam a tratar-me como

mereço, porque Vós, Senhor e Pai meu, sois parco em castigar e liberalíssimo em premiar. Descontai, Senhor, minhas negligências, com a dor de vos terdes ocultado a meu interior. Pagai largamente o bem que vossas criaturas me granjeiam, obrigando-me a reconhecer vossa bondade e minha vileza. Levantai, Senhor, a indigente do pó da terra (**1Rs 2, 8**), transformai a que é pobre e vilíssima entre as criaturas, e veja eu vosso divino rosto e serei salva (**Sl 79, 4**).

Consideração da autora

708. Não é possível, nem necessário, relatar tudo o que sucedeu a nossa grande Princesa, nesta prova de sua virtude. Por ora, sirva-nos Ela de vivo exemplo para levarmos com magnanimidade quaisquer trabalhos, penas e duros golpes, necessários para satisfazer por nossos pecados, e dobrar nossa cerviz ao jugo da mortificação.

Não cometeu culpa, nem se achou dolo em nossa inocentíssima pomba, que padeceu, com humilde silêncio e paciência, ser injustamente aborrecida e perseguida. Em sua presença, sintamo-nos confusos por reputar uma leve injúria por ofensa imperdoável, que exige vingança, sendo todas muito leves, para quem tem a Deus por inimigo.

Poderoso era o Altíssimo para afastar de sua eleita e Mãe qualquer perseguição e contrariedade. Mas, se nisso houvesse usado o seu poder, não o teria manifestado em sustentá-la na perseguição, nem lhe teria dado penhor tão seguro de seu amor, nem Ela teria adquirido os preciosos frutos do amor aos inimigos e perseguidores. De todos esses bens nos fazemos indignos, quando nos agravos nos alteramos contra as criaturas; quando, com soberba de coração, resistimos a Deus, que em tudo as governa, não nos querendo sujeitar a nosso Criador e justificador, que sabe o que precisamos para nossa salvação.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A vingança e o perdão das ofensas

709. Já que estás ponderando o exemplo destes sucessos, minha filha, quero que ele te sirva de doutrina e ensinamento. Guarda-os com apreço no coração e alarga-o para receber com alegria as perseguições e calúnias das criaturas, se mereceres participar desta graça.

Os filhos da perdição que, servindo à vaidade, ignoram o tesouro do padecer injúrias e perdoá-las, consideram a vingança ponto de honra. Enganam-se, pois ainda em termos da lei natural é o mais vil e feio de todos os vícios, porque se opõe à razão e nasce de coração desumano, irracional e feroz.

Pelo contrário, o que perdoa e esquece as injúrias, ainda que não possua fé divina nem a luz do Evangelho, torna-se, por esta magnanimidade, superior e rei da própria natureza. Dela possui o que há de mais nobre e excelente, e não se abaixa à vilíssima sujeição de se assemelhar, pela vingança, a uma fera irracional.

A vingança opõem-se à natureza e à graça

710. Se o vício da vingança é tão contrário à natureza, considera, caríssima, qual será sua oposição à graça. Quão odioso e detestável é o vingativo aos olhos de meu Filho Santíssimo, que se fez homem,

morreu e padeceu somente para perdoar, e para que o gênero humano obtivesse perdão das injúrias que fizera ao Senhor.

A vingança nega estas suas intenções e obras, contradiz à sua natureza e bondade infinitas. Quanto está em seu poder, o vingativo destrói a Deus e suas obras, merecendo ser por ele destruído. A diferença entre o que perdoa as injúrias e o vingativo é a mesma que entre o filho único, herdeiro, e o inimigo mortal; este provoca toda a força da indignação de Deus, e o outro merece e adquire todos os bens, pois com a virtude do perdão, torna-se imagem perfeitíssima do Pai celestial.

Quanto o perdoar agrada a Deus e beneficia a alma

711. Quero, alma, que entendas: sofrer injúrias com serenidade de coração e perdoá-las totalmente por amor do Senhor, será mais grato a seus olhos do que se, por tua vontade, fizesses rígidas penitências e derramasses teu próprio sangue. Humilha-te aos que te perseguem, ama-os e roga por eles de todo o coração. Com isto conquistarás para teu amor o coração de Deus, subirás à perfeição da santidade, e vencerás todo o inferno.

Com esta humildade e mansidão, eu confundia aquele dragão que a todos persegue; seu furor não podia tolerar estas virtudes, e mais rápido que o raio fugia de minha presença. Assim, obtive grandes vitórias para minha alma, e gloriosos triunfos para a exaltação da divindade. Quando alguma criatura se alterava contra mim, não concebia indignação contra ela, porque a reconhecia por instrumento do Altíssimo, para meu próprio bem, governada por sua providência. Este conhecimento, mais a consideração de ser ela criatura de meu Senhor, capaz de sua graça, inclinava-me a amá-la sincera e profundamente. Não sossegava até remunerar-lhe este benefício, alcançando-lhe, quanto me era possível, a salvação eterna.

Exortação à prática do perdão

712. Procura, pois e esforça-te por imitar o que compreendeste e escreveste. Mostra-te mansíssima, pacífica e amável aos que te forem molestos. Estima-os sinceramente, de coração, e não atraias a vingança do Senhor, tomando-a de seus instrumentos, nem desprezes a estimável pérola das injúrias. Quanto estiver em teu poder, paga sempre o mal com o bem (**Rm 12, 14**), agravos com benefícios, ódio com amor, vitupérios com louvores, maldições com bênçãos. Deste modo, serás filha perfeita de teu Pai (**Mt 5, 45**), esposa amada de teu Senhor, e minha queridíssima amiga.



Sofrimentos da Menina Maria no Templo

CAPÍTULO 19

O ALTÍSSIMO ESCLARECE OS SACERDOTES SOBRE A INOCÊNCIA DE MARIA SANTÍSSIMA. PARTICIPA-LHE ESTAR PRÓXIMO O FELIZ TRÂNSITO DE SUA MÃE SANT'ANA, AO QUAL ASSISTIRIA.

Deus revela a inocência de Maria

713. Não dormia nem dormitava o Excelso (**Sl 120, 4**), durante os doces clamores de sua dileta esposa Maria, ainda que aparentasse não ouvi-los. Recreava-se com eles e com o prolongado exercício de suas penas, que ocasionavam a Ela tão gloriosos triunfos e, aos celestiais espíritos, admiração e louvor. Persistia o fogo lento daquela perseguição, para que a divina fênix, Maria, se renovasse muitas vezes nas cinzas de sua humildade, e seu puríssimo coração e espírito renascessem com novo ser da divina graça.

Chegou, todavia, o tempo oportuno de acabar com a cega inveja e ciúme daquelas iludidas meninas, para que suas criancices não degenerassem em descrédito de quem seria honra de toda a natureza e graça. Falou o Senhor, em sonhos, ao sacerdote, dizendo-lhe: minha serva Maria é agradável aos meus olhos, perfeita e escolhida, e não é culpada de quanto lhe atribuem. A mesma revelação e inteligência teve Ana, a mestra das meninas.

Pela manhã, ela e o sacerdote conferiram a divina luz e aviso por ambos recebidos. Com este conhecimento, compungiram-se de seu engano. Chamaram a princesa Maria, pedindo-lhes desculpas por terem dado crédito à falsa acusação de suas companheiras. Propuseram-lhe tudo quanto lhes pareceu conveniente, para defendê-la da perseguição que lhe faziam, e das penas que lhe ocasionavam.

Sentimento de Maria por se privar do sofrimento

714. Ouviu esta proposta a Mãe e fonte da humildade e respondeu: - Senhores, a Mim se devem as repreensões e vos suplico não desmereça Eu ouvi-las, pois delas necessitando, as peço e estimo. A companhia de minhas irmãs, as meninas, é para Mim muito agradável. Não quero, por meus deméritos, perdê-la. Muito devo a todos por me terem tolerado e em retribuição deste benefício, mais desejo servi-las. Se, porém, me mandais outra coisa, aqui estou para obedecer à vossa vontade.

Esta resposta de Maria Santíssima confortou e consolou a mestra e o sacerdote que aprovaram sua humilde petição. Daí em diante, porém, protegeram-na mais,

dedicando-lhe nova reverência e afeto. Pediu-lhes a humilíssima Virgem a bênção, beijando a mão do sacerdote e da mestra, conforme costumava, e com isto a deixaram.

Entretanto, assim como os sentidos e apetites do sedento correm em busca da água cristalina que lhe foge, assim ficou o coração de Maria, Senhora nossa, entre a dor e o desejo do sofrimento. Sedenta e abrasada no amor divino, julgava que as diligências do sacerdote e da mestra a privariam, daí em diante, do tesouro das tribulações.



Oração de Maria Santíssima

715. Retirou-se nossa Rainha e, a sós, dirigiu-se ao Altíssimo, dizendo-lhe: porque, Senhor e amado meu, tanto rigor comigo? Por que tão longa ausência e tanto esquecimento de quem sem Vós não pode viver? Se em minha prolongada soledade, sem vossa doce e amorosa visão, consolava-me com pequenos trabalhos sofridos por Vós, penhor seguro de vosso amor, como viverei agora sem este alívio para meu delíquio?

Por que, Senhor, tão depressa me retirais este favor? Quem senão Vós, poderia ter tocado o coração de meus senhores, os sacerdotes e a mestra? Não mereci o benefício de suas caritativas repreensões, não sou digna de padecer trabalhos, porque tampouco o sou de vossa desejada vista e deliciosa presença. Se não tenho sabido vos agradar, Pai e Senhor meu, emendarei minhas negligências e se concedeis algum alívio à minha fraqueza, nada o poderá ser, faltando à minha alma a alegria de vossa face. Em tudo, porém, espero, Esposo meu, com submisso afeto, que se cumpra vosso divino beneplácito.

Finalidade das provações de Maria Santíssima

716. Com a mudança de parecer dos sacerdotes e da mestra do templo, suprimia-se a importunação das meninas à nossa soberana Princesa, e Deus também serenou aquelas almas, impedindo o demônio de continuar a irritá-las.

Contudo, a ausência pela qual se ocultava da divina Esposa durou dez anos - coisa admirável - ainda que interrompida algumas vezes, quando corria o véu de sua face para sua querida gozar de algum repouso. Mas, não foram muitas as visões que lhe concedeu nesse tempo e com menos carícias que nos primeiros anos de sua infância.

Esta ausência do Senhor foi conveniente para, mediante o exercício de todas as virtudes, preparar nossa Rainha,

com a necessária perfeição, à dignidade que o Altíssimo lhe destinava. Se gozasse sempre da visão divina, pelos modos que sucessivamente recebia em outro tempo, como acima descrevemos [1], não teria podido sofrer pela ordem comum de pura criatura.

Tempo que durou a provação e aviso da morte de Sant'Ana

717. Neste gênero de retiro e ausência do Senhor, faltaram à Maria Santíssima as visões intuitivas e abstrativas da essência de Deus e dos anjos, como disse acima. Apesar disso, tinham as potências de sua alma santíssima maiores dons de graça e luz sobrenaturais do que jamais alcançaram, nem receberam os santos, pois nisto nunca o Altíssimo se mostrou parcimonioso com Ela.

Não obstante, em comparação às freqüentes visões dos primeiros anos, chamo ausência e retiro do Senhor, haver estado sem elas tanto tempo. Começou esta ausência, oito dias antes da morte de seu pai, São Joaquim. Vieram em seguida as perseguições do inferno, diretamente e pelas criaturas, até nossa Princesa chegar aos doze anos de idade.

Nesta época, os santos anjos, sem se mostrarem, disseram-lhe certo dia: - Maria, o termo da vida de tua santa mãe Ana, marcado pelo Altíssimo, chegou. Deus determinou que seja libertada das prisões do corpo mortal, e seus trabalhos tenham ditoso fim.

Oração de Maria por sua mãe

718. Este doloroso aviso enterneceu o coração da piedosa Filha. Prostrando-se na presença do Altíssimo, fez esta fervorosa oração pela boa morte de sua mãe: Invisível e eterno Rei dos séculos, imortal e poderoso Senhor, autor de todo o universo, ainda que seja pó e cinza, desmerecedora de vossa atenção, não deixarei de falar a meu Senhor (**Gn 18, 27**) e derramarei meu coração em vossa presença (**Sl 61, 9**), esperando, meu Deus, que não desprezareis quem sempre confessou vosso santo nome.

Enviai, meu Senhor, em paz a vossa serva que, com fé invicta e inabalável esperança, tem desejado cumprir vosso divino beneplácito. Chegue vitoriosa e triunfante de seus inimigos, ao seguro porto dos santos, vossos escolhidos. Conforte-a vosso braço poderoso. Assista-lhe no termo da carreira de nossa mortalidade, a mesma destra que tornou perfeitos seus passos e descanse, Senhor, na paz de vossa graça e amizade aquela que sempre, de todo o coração, a procurou.

Maria é levada à presença de sua mãe

719. Não respondeu o Senhor, por palavras, a esta petição de sua amada, mas com admirável favor para Ela e para a mãe Sant'Ana. Mandou, naquela noite, que os santos anjos de Maria Santíssima a levassem, real e pessoalmente, à presença de sua mãe enferma e que, no lugar de Maria, ficasse um deles a substituí-la, com corpo aéreo em sua mesma figura.

Obedeceram os anjos e levaram sua Rainha ao aposento de Sant'Ana. Achando-se com ela, a divina Senhora lhe beijou a mão e disse: - Minha mãe e minha Senhora, seja o Altíssimo vossa luz e fortaleza. Seja bendito, pois não quis sua dignação que eu, pobre e necessitada, ficasse sem o benefício de vossa última bênção. Receba-a eu de vossa mão, minha mãe.

1- Cap. 14 deste livro.

Abençoou-a Sant'Ana e, com íntimo afeto, agradeceu ao Senhor aquela graça, pois conhecia o mistério de sua Filha e Rainha, a quem agradeceu também o amor que então lhe manifestava.

Maria conforta sua mãe

720. Dirigindo-se à sua santa mãe, nossa Princesa a confortou e animou para o transe da morte. Entre outras razões de incomparável consolo, disse-lhe estas: - Mãe querida de minha alma, é necessário que pela porta da morte passemos à eterna vida que esperamos. Amargo e penoso é o trânsito, porém, frutuoso quando se aceita como vontade de Deus. Torna-se princípio de segurança e sossego, e também de reparação pelas negligências e defeitos da criatura, em não ter empregado a vida tão acertadamente como deveria.

Recebei, minha mãe, a morte e pagai a comum dívida com alegria de espírito, partindo confiante para a companhia dos santos patriarcas, profetas, justos e amigos de Deus, nossos pais. Com eles, esperareis a redenção que nos enviará o Altíssimo por meio de nosso Salvador. A certeza desta esperança vos será alívio, até alcançar a posse do bem que todos esperamos.

Resposta de Sant'Ana

721. Sant'Ana respondeu à Filha Santíssima com igual amor e consolo, dignos de tal mãe e de tal Filha, naquela ocasião e, com maternal carinho, lhe disse: - Maria, minha filha querida, cumpri agora com a obrigação de não me esquecer na presença de nosso Senhor, Deus e Criador. Apresentai-lhe a necessidade, que nesta hora tenho de sua divina proteção. Lembrai quanto deveis a quem vos concebeu e trouxe em seu seio durante nove meses, e depois vos alimentou a seus peitos, e vos guarda sempre no coração.

Pedi, minha filha, ao Senhor estenda suas misericórdias infinitas sobre esta inútil criatura, e venha sobre mim sua bênção, nesta hora de minha morte. Saí de suas mãos e pus minha inteira confiança, agora e sempre, só em seu santo nome. Não me desampareis, amada minha, até que fecheis meus olhos. Ficareis órfã e sem amparo das criaturas, mas na proteção do Altíssimo vivereis, esperando em suas antigas misericórdias. Caminhai, filha de meu coração, pelo caminho das justificações do Senhor (**Sl 118, 27**). Pedi à Sua Majestade que governe vossos afetos e potências, e seja o mestre que vos ensina sua santa lei.

Não deixeis o templo antes de tomar estado, mediante o prudente conselho dos sacerdotes do Senhor, pedindo continuamente a Deus que o disponha com sua providência. Sendo sua vontade vos dar esposo, seja de Judá e da linhagem de David. Dos bens do vosso pai Joaquim e meus, que vos pertencem, repartireis com os pobres, generosa e caritativamente. Guardareis vosso segredo dentro de vosso peito. Continuamente pedireis ao Onipotente, queira sua misericórdia enviar ao mundo a salvação e redenção pelo Messias prometido. Rogo e suplico à sua infinita bondade seja vosso amparo, e repouse sobre vós sua bênção, com a minha.

Morte de Sant'Ana

722. Entre tão elevados e divinos colóquios, a ditosa mãe Sant'Ana sentiu as últimas angústias da morte, ou da vida. Reclinada no trono da graça, nos braços de

sua Filha Santíssima, entregou ao Criador sua alma puríssima. Tendo-lhe Maria cerrado os olhos e deixando o corpo composto, os santos anjos conduziram sua Rainha ao templo.

Deixou o Altíssimo a força do natural amor, para a divina Senhora sentir, com grande ternura e dor, a morte de sua feliz mãe e sua própria soledade, sem tal amparo. Estes afetos dolorosos foram, porém, em nossa Rainha, santos e perfeitíssimos, controlados e regidos pela graça de sua inocente pureza e de sua prudentíssima inocência. Não deixou de louvar o Excelso pelas infinitas misericórdias que havia concedido à sua mãe, durante a vida e na morte, e continuou em seus doces e amorosos queixumes pela ausência do Senhor.

Retrato e idade de Sant'Ana

723. Não pôde saber a Filha Santíssima, todo o consolo de sua ditosa mãe, em tê-la presente à sua morte. Ignorava a própria dignidade e mistério, que a mãe conhecia, e do qual sempre guardou segredo, como o Altíssimo lhe havia ordenado. Tendo Sant'Ana à sua cabeceira quem era a luz de seus olhos, e o seria de todo o universo, expirando em suas mãos, nada mais pôde desejar em sua vida mortal.

Graças a sua Filha, teve morte mais feliz do que todos os mortais que a precederam. Morreu repleta, não tanto de anos, quanto de merecimentos. Sua alma santíssima foi colocada pelos anjos no seio de Abraão, reconhecida e venerada por todos os patriarcas, profetas e justos que ali se encontravam.

Foi esta matrona santíssima, de esclarecido e elevado entendimento, ao mesmo tempo serena e pacífica. Tinha estatura mediana, um pouco menor que sua filha Maria Santíssima; o rosto um tanto largo, o semblante sempre igual e muito modesto, a cor clara e corada. Finalmente, sendo mãe daquela que o foi do mesmo Deus, sua dignidade encerra muitas perfeições reunidas.

Viveu Sant'Ana cinqüenta e seis anos, assim distribuídos: com vinte e quatro casou-se com São Joaquim; passou vinte sem ter filhos; aos quarenta e quatro nasceu Maria Santíssima; depois disso, viveu doze anos, dos quais três a teve em sua companhia e nove dos que a filha viveu no templo. Somados, fazem cinqüenta e seis.

Opiniões controversas sobre Sant'Ana

724. Sobre esta grande e admirável Senhora, ouvi alguns graves autores afirmarem que se casou três vezes, e de cada matrimônio teve uma das três Marias. Outros pensam o contrário. A mim, foi dado pelo Senhor - apenas por sua imensa bondade - , grande luz sobre a vida desta ditosa Santa.

Nunca me foi mostrado haver casado com outros, além de São Joaquim, nem ter tido outra filha, além de Maria, Mãe de Cristo. Pode ser que, não pertencendo, nem sendo necessário à história que escrevo, não me tenha sido declarado, se foi ou não casada três vezes, ou se as outras Marias, chamadas irmãs da Mãe de Jesus, fossem suas primas irmãs, filhas de irmã de Sant'Ana. Contava quarenta e oito anos de idade, quando seu esposo São Joaquim morreu.

O Altíssimo a escolheu, entre as mulheres, para ser a mãe daquela que foi superior a todas as criaturas, inferior só a Deus e Mãe sua. Por ter tido esta Filha e ter sido avó do Verbo humanado, todas as nações podem chamar Sant'Ana bem-aventurada e felicíssima.

DOUTRINA DA RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Abandono à providência

725. Minha filha, a mais proveitosa ciência para a criatura é abandonar-se nas mãos do seu Criador, que sabe para que a formou, e como há de governá-la. A ela só compete viver atenta à obediência e amor do Senhor; sendo Ele fidelíssimo em cuidar de quem assim se lhe entrega, toma por própria conta todos os seus negócios e sucessos, para neles vir a ser bem sucedida e melhorada, já que confiou em sua palavra.

Aos justos aflige e corrige com adversidades, consola e vivifica (**Rs 2, 6**) com favores, anima com promessas, atemoriza com ameaças; ausenta-se para mais solicitar os afetos do amor, mostra-se para premiá-los e mantê-los, e com esta diversidade torna mais bela e agradável a vida de seus escolhidos. Tudo isto acontecia a mim, conforme tens escrito: visitava-me e preparava-me por diversos gêneros de graças, tentações do inimigo, perseguições das criaturas, desamparo de meus pais e de todos.

Diferença entre a divina e a humana solicitude

726. Nesta variedade de exercícios, o Senhor não se esquecia de minha fraqueza, e à dor pela morte de minha mãe Sant'Ana, uniu o consolo e alívio de me encontrar presente a ela. Oh! quantos bens perdem as criaturas, por não adquirir esta sabedoria! Ignorantes, fogem da Divina Providência que é forte, suave, eficiente, que mede os orbes e elementos (**Is 40, 12; Jó 31, 4**), conta os passos, enumera os pensamentos e tudo dispõe para o bem da criatura. Em lugar dela, entregam-se à própria solicitude que é pesada, incapaz, frágil, cega, incerta e precipitada.

Deste mau princípio, originam-se para a criatura irreparáveis danos, porque se priva da divina proteção e se degrada da dignidade de ter a seu Criador por amparo e tutor. Além disto se, mediante a sabedoria carnal e diabólica, lhe sucede conseguir alguma vez o que deseja, julga-se feliz em sua desgraça e, com sensível gosto, bebe o mortal veneno da eterna morte, no falso deleite que conseguiu, fora do amparo e vontade de Deus.

Recompensa da confiança na Providência Divina

727. Conhece, pois, minha filha, este perigo, e esteja toda tua solicitude em entregar-te confiante à providência de teu Deus e Senhor que, infinito em sabedoria e poder, ama-te muito mais que tu a ti mesma, e sabe e quer para ti, maiores bens do que poderias desejar e pedir. Confia na bondade de suas promessas, que não podem enganar.

Ouve o que Ele diz pelo seu profeta (**Is 3, 10**): O justo será bem sucedido, pois Deus acolhe seus desejos e cuidados, e deles se encarrega para remunerá-los com generosidade. Com esta inabalável confiança chegarás, na vida mortal, à certa participação da bem-aventurança, pela tranqüilidade e paz de tua consciência. Mesmo que fores investida pelas impetuosas vagas das tentações e adversidades, mesmo que te acometerem as dores da morte (**Sl 17, 5-6**) e te cercarem as penas do inferno, espera e sofre com paciência, que não perderás o porto da graça e amizade do Altíssimo.

CAPÍTULO 20

SINGULAR FAVOR PELO QUAL O ALTÍSSIMO SE REVELOU À SUA DILETA MARIA.

Aproxima-se o fim da ausência divina

728. Sentia nossa divina Princesa aproximar-se o claro dia da almejada visão do sumo bem. Por certo crepúsculo e indícios percebia em suas faculdades a influência dos raios daquela luz divina que já se aproximava. Abrasava-se com a proximidade da invisível chama que ilumina e não consome.

Retocado seu espírito com os reflexos desta nova claridade, perguntava a seus anjos: Amigos e senhores meus, minhas vigilantes e fiéis sentinelas, dizei-me em que hora de minha noite estou. Dizei quando chegará a aurora do claro dia, no qual verão meus olhos o Sol de justiça, que os alumia e dá vida a meus afetos e espírito.

Responderam-lhe os santos príncipes: Esposa do Altíssimo, está próxima vossa desejada verdade e luz, não tardará muito a vir. Com esta resposta afastou-se um pouco a cortina, que encobria a vista das substâncias espirituais, e se lhe manifestaram os santos anjos. Viu-os como costumava, em seu mesmo ser, sem estorvo nem dependência do corpo e sentidos.

Maria vê os anjos

729. Com estas esperanças e com a vista dos espíritos divinos, aliviaram-se um pouco as ânsias de Maria Santíssima pela visão de seu amado. Aquele grau de amor, porém, procura o objeto nobilíssimo da vontade e somente com ele se satisfaz. Sem ele, ainda que sejam os mesmos anjos e santos, não encontra repouso o coração ferido pelas flechas do Todo-poderoso.

Apesar disso, alegre com esse refrigério, nossa divina Princesa falou aos anjos: - Príncipes soberanos e luzeiros da inacessível luz onde habita o meu amado, por que tão longo tempo desmereci vos ver? Em que vos desagradei? Dizei-me, meus senhores e mestres, em que fui negligente, para que não me desampareis por culpa minha.

- Senhora, Esposa do Todo-poderoso - responderam-lhe eles - obedecemos à voz de nosso Criador e nos governamos por sua vontade, que nos envia e ordena como a seus espíritos, para o que é de seu serviço. Mandou-nos ficar ocultos à vossa vista, quando também encobriu a sua, mas ordenou que, escondidos, assistíssemos cuidadosos a vossa

proteção e defesa. Assim fizemos, ficando em vossa companhia, ainda que sem ser vistos.

Maria pede aos anjos notícias de Deus

730. Dizei-me, então - replicou Maria Santíssima - onde está meu dono,



meu bem e Criador; dizei se meus olhos o verão logo, ou se o tenho desgostado, para que esta vilíssima criatura chore amargamente a causa de sua pena. Ministros e embaixadores do supremo Rei, tende compaixão de minha amorosa aflição e dai-me notícias de meu amado.

Logo, Senhora - responderam-lhe -, vereis aquele que vossa alma deseja. Seja esta confiança, a consolação de vossa doce pena. Nosso Deus não se recusa a quem o busca tão ardentemente; grande é, Senhora, o amor de sua bondade por quem o procura, e não será avaro em satisfazer vossos clamores.

Chamavam-na os anjos, Senhora, sem receio, seguros de sua profundíssima humildade. Dissimulavam a honra desse título, com o de Esposa do Altíssimo, pois tinham sido testemunhas do desposório que o Excelso celebrara com a Rainha. Pôde sua sabedoria dispor que, ocultando-lhe os anjos a dignidade de Mãe do Verbo até seu devido tempo, no mais lhe manifestassem grande reverência. Assim a tratavam exteriormente, ainda que, intimamente, a respeitassem muito mais.

Os serafins começam a prepará-la para a visão divina

731. Entre estas conferências e amorosos colóquios, aguardava a divina Princesa a chegada do Esposo e sumo bem, quando os serafins que lhe assistiam começaram a prepará-la com nova iluminação de faculdades, penhor certo e exórdio do bem que a esperava. Como, porém, estas graças inflamavam cada vez mais a chama de seu amor, sem ainda conseguir o desejado fim, crescia sempre o afeto de suas amorosas angústias.

Disse aos serafins: - Espíritos supremos que vos encontrais mais próximos de meu bem, espelhos brilhantíssimos, onde refletindo seu retrato, eu o costumava contemplar com alegria de minha alma, dizei-me: Onde está a luz que vos ilumina e enche de formosura? Por que meu amado tarda tanto? Que impede meus olhos de o verem? Sendo por minha culpa, emendarei meus erros. Se não mereço a satisfação de meus desejos, conformar-me-ei com sua vontade. Se ele deseja minha dor, sofrerei com alegria de coração, porém, como viverei sem minha vida e me guiarei sem minha luz?

Resposta dos serafins

732. A estes doces queixumes responderam-lhe os santos serafins: - Senhora, não tarda vosso amado, quando por vosso bem e amor se ausenta. Para consolar, aflige a quem mais ama; para dar mais alegria, entristece; e para ser encontrado, retira-se. Quer que semeeis com lágrimas (**Sl 125, 5**) para colher depois com alegria o doce fruto da dor. Se o bem-amado não se ocultasse, nunca seria procurado com as ânsias que sua ausência produz, nem a alma multiplicaria seus afetos, nem cresceria tanto na devida estimação de seu tesouro.

Deus e os serafins terminam a preparação de Maria

733. Comunicaram-lhe aquela luz que deixei explicada[2], para lhe purificar as potências, não por ter culpas de que se purificar, pois não as pôde cometer. Não obstante, todos seus movimentos e atos, naquela ausência do Senhor, terem sido muito meritórios e santos, contudo, eram necessários estes novos dons, para lhe serenar o espírito e potências, dos movimentos causados pelo sofrimento e afetuosas tristezas de estar o Senhor oculto.

Para passar daquele estado a outro de diferentes e novos dons, e proporcionar as potências ao objeto e modo de vê-lo, era mister renová-las e dispô-las. Tudo isto faziam os serafins, pelo modo que acima ficou dito[3]. Por fim, deu-lhe o Senhor o último adorno e preparação, para estar disposta à imediata visão que lhe queria conceder.

Maria recebe a visão abstrativa da divindade

734. Esta ordem de elevações ia produzindo nas potências da divina Rainha, os efeitos e atos de amor e virtudes que o Senhor pretendia, sendo isto tudo quanto posso dizer. No meio delas, afastou o véu e, depois de ter permanecido tanto tempo oculto, manifestou-se à sua esposa, única e dileta, Maria Santíssima, por visão abstrativa da divindade. Apesar desta visão ter sido por espécies, e não imediata, foi clara e altíssima em seu gênero.

Por ela, o Senhor enxugou as lágrimas de nossa Rainha, recompensou seus amorosos afetos e ânsias, satisfez seu desejo. Ela descansou inteiramente na afluência de delícias, reclinada (**Ct 8, 5**) nos braços de seu amado. Ali se renovou a juventude (**Sl 102, 5**) desta ardente e fervorosa águia, para mais elevar o vôo à região impenetrável da divindade. Com as espécies que, depois da visão lhe permaneceram por admirável modo, subia até onde não pôde chegar, nem entender criatura alguma.

Gozo recebido por Maria

735. O gozo que esta puríssima Senhora recebeu nesta visão, devia regular-se tanto pela extrema dor, como pelos méritos que a precederam. De minha parte, só posso dizer que onde abundou a dor, assim também abundou a consolação (**2Cor 1, 5**). A paciência, a humildade, a fortaleza, a constância, afetos e ânsias amorosas foram em Maria, durante todo o tempo desta ausência, as mais insignes e excelentes que, em pura criatura, nunca houve, nem depois haveria.

Somente essa única Senhora entendeu o primor desta sabedoria, e pôde dar o devido peso à privação da vista do Senhor e sentir sua ausência. Sentindo e pesando sua importância, soube também buscá-lo com paciência, padecendo com

2- Supr. nº 626.
3- Livro II, Cap. 14.

humildade, tolerando com fortaleza e santificando tudo com seu inefável amor, para depois estimar e gozar do benefício.

Oração de Maria

736. Elevada Maria Santíssima a esta visão, prostrando-se com o afeto na presença divina, disse à Sua Majestade: - Senhor e Deus Altíssimo, incomparável e sumo bem de minha alma, já que levantais do pó este pobre e vil bichinho, recebei, Senhor, vossa mesma bondade e a glória que vos dá vossos cortesãos, como humilde agradecimento de minha alma. Se minhas obras, como de criatura baixa e terrena, vos desagradaram, reformai, Senhor meu, o que em mim vos desagrada.

Oh! bondade e sabedoria única e infinita! Purificai este coração. Transformai-o para vos ser grato, humilde e contrito e assim não o desprezardes. Se não recebi os pequenos sofrimentos e morte de meus pais como devia e, em alguma coisa, me desviei de vossa vontade, ordenai, Altíssimo, minhas potências e obras como Senhor poderoso, como Pai e único Esposo de minha alma.

Resposta de Deus

737. A esta humilde oração, respondeu o Altíssimo: - Esposa e pomba minha, a dor da morte de teus pais, e o sentimento de outras provações é natural efeito da condição humana. Não é culpa, e pelo amor com que te conformaste em tudo com a disposição de minha vontade, mereceste de novo minha graça e agrado. Como Senhor, dispenso tudo com minha sabedoria e verdadeira luz e seus efeitos, e formo sucessivamente o dia e a noite. Crio a serenidade e dou tempo também para a tormenta, para que meu poder e glória se engrandeçam.

Nessas vicissitudes, a alma caminha mais segura, com o lastro do próprio conhecimento. Nas violentas vagas da tribulação apressa a viagem, e chega ao porto seguro de minha amizade e graça, mais cheia de merecimentos, obrigando-me assim a recebê-la com maior agrado. Esta é, minha querida, a ordem admirável de minha sabedoria e, por isto, me escondi tanto tempo à tua vista, porque de ti quero o mais santo e perfeito. Serve-me, pois, minha formosa, como a teu Esposo e Deus de misericórdias infinitas, pois meu nome é admirável na diversidade de minhas grandes obras.

Efeitos da visão

738. Saiu desta visão nossa Princesa Maria toda renovada e deificada, cheia de nova ciência da divindade, e dos ocultos sacramentos do Rei. Engrandecendo-o, e louvando-o com incessantes cânticos e vôos de seu pacífico e tranqüilíssimo espírito, no mesmo passo aumentavam sua humildade e demais virtudes. Sua contínua súplica era sempre inquirir a mais perfeita e agradável vontade do Altíssimo e, em tudo e por tudo, executá-la. Assim passou alguns dias, até que sucedeu o que se dirá no capítulo seguinte.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, SENHORA NOSSA.

Exortação ao amor da cruz

739. Minha filha, muitas vezes te repetirei a lição da maior sabedoria espiritual, que consiste em adquirir o co-

nhecimento da cruz, mediante o amor e a aceitação dos sofrimentos. Se os mortais não fossem de índole tão grosseira, deveriam cobiçá-los, apenas pelo gosto de seu Deus e Senhor, que, nessa matéria, lhes manifestou sua vontade e beneplácito.

O amoroso servo, para ser fiel, deve sempre antepor o agrado de seu dono à sua própria comodidade. Nada, porém, pode quebrar a dureza dos mundanos: nem a boa correspondência que devem a seu Pai e Senhor, nem o ter-lhes declarado que a salvação só se alcança seguindo a Cristo pela cruz. Filhos pecadores, cumpre-lhes padecer com o Pai inocente, a fim de conseguirem os frutos da redenção, e ser membros semelhantes à cabeça.

Preferir o sofrimento ao gozo

740. Acolhe, pois, caríssima, este ensinamento e grava-o no fundo do coração. Entende que, sendo filha do Altíssimo, esposa de meu Filho Santíssimo e minha discípula, quando não tivesse outro interesse, deverias, pra teu adorno, comprar a preciosa pérola do sofrimento, e assim te tornares agradável a teu Senhor e Esposo. Lembro-te, minha filha, que na escolha entre as carícias e favores de sua mão, e os trabalhos de sua cruz, deves preferir antes o padecer do que ser regalada com seus carinhos.

No escolher favores e delícias, pode entrar o amor de ti mesma, mas na aceitação de tribulações e penas, somente opera o amor de Cristo. Se entre os carinhos do Senhor, e qualquer sofrimento, mesmo sem culpa, se hão de preferir as penas ao próprio gozo espiritual, qual será a estultice dos homens em amar tão cegamente os deleites sensíveis e feios, e aborrecer tanto todo o padecer por Cristo, quando isso lhes é necessário para salvação da alma?

Oração e pureza da alma fiel

741. Tua insistente oração, minha filha, seja repetir sempre: Aqui estou, Senhor, que quereis fazer de mim? Preparado está o meu coração, disposto e não contrariado. Que quereis, Senhor, que eu faça por Vós? Estas palavras sejam em ti sinceras, pronunciando-as mais com o interior e fervoroso afeto do coração, do que com os lábios. Teus pensamentos sejam elevados, tua intenção muito reta, pura e nobre, de fazer somente, e em tudo, o que mais agrada ao Senhor que, com medida e peso, distribui os trabalhos como suas graças e favores.

Examina sempre quais pensamentos, ações e ocasiões que podem te levar a ofender ou a mais agradar a teu amado, para conheceres o que deves evitar ou ambicionar. Qualquer desordem, por pequena que seja, qualquer coisa menos pura e perfeita, corta e afasta logo, mesmo que te pareça lícita e de algum proveito.

Tudo o que agrada menos ao Senhor, deves julgar mal e inútil para ti, e nenhuma imperfeição te pareça pequena, se desagrada a Deus. Com este cuidadoso temor e santo cuidado, caminharás segura. Fica certa, filha caríssima, que não cabe em humano pensamento, a copiosa recompensa que o Altíssimo Senhor reserva para as almas fiéis, que vivem com esta atenção e solicitude.



Escolha do esposo para Maria Santíssima

CAPÍTULO 21

O ALTÍSSIMO ORDENA À MARIA SANTÍSSIMA TOMAR O ESTADO DE MATRIMÔNIO.

Maria recebe ordem para abraçar o estado de matrimônio

742. Aos treze anos e meio de idade, estando muito crescida, nossa formosíssima princesa Maria puríssima, teve outra visão abstrativa da divindade, pela mesma ordem e forma que as outras deste gênero já referidas. Nesta visão, podemos dizer, aconteceu o mesmo que a Escritura narra de Abraão, quando Deus lhe mandou sacrificar seu querido filho Isaac, único penhor de todas suas esperança. Tentou Deus a Abraão, diz Moisés (**Gn 22, 1-2**), experimentando e examinando a sua pronta obediência para coroá-la.

De nossa grande Senhora também podemos dizer, foi nesta visão tentada por Deus, ao mandar-lhe tomar estado de matrimônio. Daqui também compreendemos a verdade destas palavras: Quão ocultos são os juízos do Senhor, e quanto se elevam seus caminhos (**Rm 11, 33**) e pensamentos acima dos nossos! (**Is 55, 9**) Distanciavam-se como o céu da terra, os de Maria Santíssima, daqueles que o Altíssimo lhe manifestou, ao lhe ordenar receber esposo para sua guarda e companhia. Em toda a vida, quanto era de sua vontade, havia proposto não ter esposo [1], renovando o voto de castidade que tão cedo havia feito.

Perplexidade de Maria

743. Ao entrar no templo a divina princesa Maria, o Altíssimo celebrara com Ela aquele solene desposório que acima descrevi [2]. Fora confirmado pela aprovação do voto de castidade que então Ela fez, na presença e glória de todos os espíritos angélicos. A candidíssima pomba renunciar a toda ligação humana, sem preocupação, desejo e esperança de afeto de qualquer criatura, totalmente entregue e transformada no puro e casto amor daquele sumo bem que nunca falta. Sabia que seria mais casta amando-O, mais pura tocando-O, e mais virgem recebendo-O.

Possuindo esta certeza, qual seria a admiração e surpresa produzida no inocentíssimo coração desta divina donzela, a ordem do Senhor? Sem outras explicações, ordenava recebesse por esposo homem terreno, a Ela que vivia convencida de ter por esposo somente a

1- Supra nº 434, 589.
2- Idem nº 435.

Deus? Maior foi esta prova que a de Abraão (**Gn 22**), pois este não amava tanto Isaac, quanto Maria Santíssima estimava sua intacta castidade.

Resposta de Maria

744. Não obstante, a tão inesperado mandato, suspendeu a prudentíssima Virgem o próprio juízo, e somente o usou para crer e esperar, mais que Abraão, contra toda a esperança (**Rm 4, 18**).

Respondeu ao Senhor: - Eterno Deus de incompreensível majestade, Criador do céu e da terra e de tudo quanto eles contém; vós, Senhor, que pesais os ventos (**Jó 28, 25**) e com vosso império pondes termo ao mar (**Sl 103, 9**) e tudo submeteis à vossa vontade (**Est 13, 9**), podeis dispor deste vil bichinho conforme vosso agrado, sem faltar ao que vos prometi.

Sem me desviar, meu bem e Senhor, de vosso gosto, de novo confirmo e ratifico meu desejo de ser casta durante toda a vida, e ter a vós por meu dono e Esposo. Já que a mim só compete, como criatura vossa, obedecer-vos, olhai, Esposo meu, que a vós pertence defender minha humana fraqueza, neste compromisso em que vosso amor me coloca.

Inquietou-se um pouco na parte inferior a castíssima donzela Maria, como sucedeu depois com a embaixada do arcanjo São Gabriel (**Lc 1, 9**). Esta tristeza, porém, não lhe diminuiu a heróica obediência que até então mostrara, abandonando-se completamente nas mãos do Senhor.

Sua Majestade lhe respondeu: Maria, não se perturbe teu coração, que tua submissão me é agradável. Meu poderoso braço não é dependente de lei alguma, por minha conta correrá o que a Ti melhor convier.

Deus revela sua vontade ao sumo sacerdote Simeão

745. Com esta única promessa do Altíssimo, voltou Maria Santíssima da visão a seu ordinário estado. Entre a perplexidade e a esperança, nas quais a deixaram a ordem e promessas divinas, continuou apreensiva. Obrigou-a o Senhor, por este meio, a multiplicar com lágrimas, novos afetos de amor, confiança, fé, humildade, obediência, castidade puríssima e outras virtudes que seria impossível referir.

Neste ínterim, que nossa grande Princesa preenchia com orações, ânsias e prudente e resignada apreensão, falou Deus em sonhos ao sumo sacerdote, o santo Simeão. Mandou-lhe providenciar estado de matrimônio para Maria de Nazaré, filha de Joaquim e Ana, porquanto Sua Majestade lhe dedicava especial cuidado e amor.

Perguntou o santo sacerdote a Deus, qual era a pessoa, a quem sua vontade desejava dar Maria por esposa. Ordenou-lhe o Senhor que reunisse os outros sacerdotes e mestres, e lhes propusesse como aquela donzela era órfã e só, não tendo vontade de se casar. No entanto, de acordo com o costume de as primogênitas não saírem do templo sem tomar estado, era conveniente que o fizesse, com quem mais a propósito lhes parecesse.

Reunião dos sacerdotes

746. Obedeceu o sacerdote Simeão à ordem divina. Reuniu os demais, deu-lhes notícia da vontade do Altíssimo, e lhes propôs a estima que Sua Majestade votava por aquela donzela, Maria de Nazaré, conforme lhe havia revelado. Achando-se no templo e não tendo pais, era

obrigação deles protegê-la, e procurar esposo digno de mulher tão honesta, virtuosa e de costumes irrepreensíveis, como todos tinham verificado durante sua permanência no templo.



Além disto, era pessoa muito distinta pela sua condição, seus bens e demais qualidades, exigindo se ponderasse bem, a quem tudo entregar. Acrescentou ainda que Maria de Nazaré não desejava abraçar o estado de matrimonio, mas que não era justo sair do templo sem se casar, por ser órfã e primogênita.

Decisão dos sacerdotes

747. Estudado o caso em reunião, movidos todos por inspiração e luz do céu, determinaram os sacerdotes que, em negócio que tanto se desejava acertar e em que o mesmo Senhor havia manifestado seu beneplácito, convinha inquirir sua santa vontade sobre o restante.

Pedir-lhe-iam designasse, por algum modo, a pessoa mais indicada para esposo de Maria, da casa e linhagem de David, em cumprimento da lei. Marcaram para isto um dia, em que reuniriam no templo todos os homens livres e solteiros dessa linhagem, que então se encontravam em Jerusalém.

Esse dia ocorreu no mesmo em que a Princesa do céu completava catorze anos de idade. Como era necessário comunicar-lhe essa resolução e pedir-lhe o consentimento, o sacerdote Simeão chamou-a e lhe expôs a intenção dele e dos demais sacerdotes, em que lhe dar esposo, antes que ela deixasse o templo.

Resposta de Maria

748. Cheia de virginal pudor, a prudentíssima Virgem, com grande modéstia e humildade, respondeu ao sacerdote: - Quanto é de minha vontade, Senhor meu, sempre desejei guardar perpétua castidade, dedicando-me a Deus e ao seu serviço neste santo templo, em agradecimento pelos grandes bens que Dele tenho recebido. Jamais tive intenção, nem inclinação ao estado de matrimônio, julgando-me incapaz para os cuidados que acarreta. Esta é minha inclinação, porém, vós senhor, que estais no lugar de Deus, me ensinareis o que for de sua santa vontade.

- Minha filha, replicou o sacerdote, vossos santos desejos serão aceitos pelo Senhor. Adverti, porém, que nenhuma das donzelas de Israel se abstêm do matrimônio, enquanto aguardamos, conforme as profecias, a vinda do Messias, julgando-se feliz e abençoada a que tem sucessão de filhos em nosso povo. No estado de matrimônio podeis servir a Deus

com muito fervor e perfeição. Para que tenhais quem vos acompanhe e se conforme a vossas intenções, faremos oração, pedindo ao Senhor, como vos disse, indique diretamente o esposo que esteja mais de acordo com sua divina vontade, escolhido entre os descendentes de David. Pedi o mesmo, com oração contínua, para que o Altíssimo vos atenda e nos guie a todos.

Maria continua suas orações; resposta divina

749. Isto aconteceu nove dias antes do marcado para a última decisão e execução do que fora combinado. Durante este tempo, com incessantes lágrimas e suspiros, a santíssima Virgem multiplicou suas petições ao Senhor, pedindo o cumprimento de sua divina vontade, no que lhe parecia ser tão importante.

Num destes nove dias, apareceu-lhe o Senhor e lhe disse: - Esposa e pomba minha, acalma teu aflito coração, não se perturbe nem contriste. Estou atento a teus desejos e súplicas, tudo dirijo e o sacerdote se guia por minha luz. Dar-te-ei esposo que não contrarie teus desejos, mas com minha graça te ajudará neles. Escolherei entre meus servos um homem perfeito, segundo meu coração. Meu poder é infinito e não te faltará minha proteção e amparo.

Maria pede a proteção divina

750. Respondeu Maria Santíssima: - Sumo bem e amor de minha alma, bem conheceis o segredo de meu coração e os desejos que nele depositastes, desde o instante que de Vós recebi o ser. Conservai-me, pois, Esposo meu, casta e pura, como por Vós e para Vós me desejastes. Não desprezeis meus suspiros, não me afasteis de vossa divina face. Atendei, Senhor e dono meu, que sou pobre, fraca e vil vermezinho, desprezível por minha baixeza. Se no estado do matrimônio fraquejar, faltarei a Vós e a meus desejos. Disponde meu seguro acerto, não vos negueis a isso pelo que tenho desmerecido. Ainda que seja pó inútil (**Gn 18, 27**), clamarei aos pés de vossa grandeza, esperando, Senhor, em vossas infinitas misericórdias.

Os anjos consolam e exortam Maria

751. Recorria também a castíssima donzela e seus santos anjos, aos quais excedia na santidade e pureza, e muitas vezes conferia com eles as apreensões de seu coração, a respeito do novo estado que a esperava.

Disseram-lhe certo dia os santos espíritos: - Esposa do Altíssimo, já que não podeis ignorar nem esquecer este título, ainda menos o amor que Ele vos tem, e que é todo poderoso e leal, sossegai, Senhora, vosso coração, antes faltarão céus e terra (**Mt 24, 35**) do que a verdade e cumprimento de suas promessas. Por conta de vosso Esposo correm vossos interesses. Seu poderoso braço, que impera sobre os elementos e criaturas, pode suspender as impetuosas vagas e impedir a força da ação natural, para que nem o fogo queime, nem a terra pese. Seus altos desígnios são ocultos e santos, seus decretos, retíssimos e admiráveis. As criaturas não podem compreendê-los, mas devem reverenciá-los. Se sua grandeza deseja que o sirvais no matrimônio, melhor será para vós nele agradar-lhe do que desgostá-lo em outro estado. Sua Majestade, sem dúvida, fará convosco o melhor, mais perfeito e santo, ficai certa de suas promessas.

Com esta exortação angélica, sossegou um pouco nossa Princesa de seus cuidados. Pediu-lhes novamente a assistissem, guardassem e apresentassem ao Senhor sua submissão, aguardando o que sobre Ela ordenasse seu divino beneplácito.

DOUTRINA QUE ME DEU A PRINCESA DO CÉU.

Os desígnios de Deus são insondáveis

752. Filha minha caríssima, altíssimos e veneráveis são os juízos do Senhor, e as criaturas não os devem inquirir, pois não os podem penetrar. Mandou-me Sua Alteza tomar estado de matrimônio, sem me explicar a razão desta ordem. Era conveniente que assim fosse, para que minha maternidade se justificasse perante o mundo que, enquanto ignorava o mistério, consideraria o Verbo humanado em meu seio como filho de meu esposo. Foi também oportuno, para o esconder de Lúcifer e seus demônios que, enfurecidos contra mim, procuravam atacar-me com sua furibunda cólera. Quando me viu seguir o comum estado das mulheres casadas, iludiu-se, crendo não ser possível ter esposo humano e ser Mãe do mesmo Deus. Com isto, sossegou um pouco e deu alguma trégua à sua malícia. Outros fins, agora conhecidos, teve em vista o Altíssimo ao fazer-me desposar, mas então me foram ocultas porque assim convinha.

Absoluta confiança em Deus

753. Quero que entendas, minha filha, ter sido para mim a maior dor e aflição, de quantas até aquele dia padecera, saber que teria um homem por esposo, não me revelando o Senhor o mistério encerrado em tal fato. Se nesta pena não fosse confortada por sua virtude divina, e não me conservasse a confiança, ainda que obscura, houvera perdido a vida nessa dor.

Por este sucesso ficarás instruída, qual deve ser a sujeição da criatura à vontade do Altíssimo, e como lhe deve submeter o curto entendimento, sem esquadrinhar os elevados e ocultos desígnios do Senhor. Quando se apresentar alguma dificuldade ou perigo no que o Senhor lhe dispõe e ordena, saiba a criatura confiar Nele. Creia que não a coloca em tal situação para abandoná-la, mas para fazê-la vitoriosa, se de sua parte cooperar com o auxílio do mesmo Senhor. Mas, se antes de crer e obedecer, deseja a alma esquadrinhar os juízos de sua sabedoria, saiba que defrauda a glória e grandeza de seu Criador, e ao mesmo tempo perde o próprio mérito.

Docilidade às inspirações divinas

754. Eu reconhecia o Altíssimo por superior a todas as criatura, sem ter necessidade de nosso raciocínio. Deseja apenas a submissão da nossa vontade, pois à criatura não cabe lhe dar conselho, mas só obediência e louvor. Não obstante, ignorar o que Ele me reservaria no estado de matrimônio, e me afligir muito pelo amor da castidade, esta dor e pena não me levaram à curiosa inquirição. Serviram para que minha obediência fosse mais excelente e agradável a seus olhos. Por este exemplo, deves regular a sujeição que hás de ter em tudo o que entenderes ser do gosto de teu Esposo e Senhor, entregando-te ao seu cuidado, e à certeza de suas infalíveis promessas. Tendo aprovação de seus sacerdotes e teus prelados, deixa-te governar, sem resistir a seus mandatos e as divinas inspirações.



São José e Maria santíssima, duas virgindades ilibadas que mutuamente se comprometem a guardá-las só para Deus.

CAPÍTULO 22

CELEBRAÇÃO DO DESPOSÓRIO DE MARIA SANTÍSSIMA COM O SANTO E CASTÍSSIMO JOSÉ.

Reunião dos jovens no templo

755. Chegou o dia marcado, em que nossa Princesa completava catorze anos de idade, como dissemos no capitulo precedente. Reuniram-se os jovens descendentes da tribo de Judá e linhagem de David, de quem descendia a soberana Senhora, que nessa ocasião se encontravam na cidade de Jerusalém. Pertencendo à família real de David, também foi chamado José, natural de Nazaré e residente na cidade santa. Tinha então trinta e três anos de idade, de talhe distinto e agradável semblante, onde se espelhava incomparável modéstia e gravidade. Acima de tudo, era castíssimo no proceder e pensamentos, de inclinações santíssimas; fizera, desde os doze anos, voto de castidade. Era primo em terceiro grau da Virgem Maria, de vida puríssima e irrepreensível aos olhos de Deus e dos homens.

Súplicas a Deus a manifestação de sua vontade

756. Reunidos estes homens no templo, juntamente com os sacerdotes, fizeram oração ao Senhor pedindo que fossem guiados por seu divino Espírito, no que iam realizar. Falou o Altíssimo interiormente ao sumo sacerdote, inspirando-lhe dar uma vara seca a cada um dos jovens ali reunidos e pedirem, com viva fé, à Sua Majestade, declarar por aquele meio, quem seria o escolhido para esposo de Maria.

O perfume das virtudes da Virgem, a fama de sua formosura, bens e família, o fato por todos conhecido de ser primogênita e único membro da família, levava todos eles a cobiçar a sorte de a merecer por esposa.

Somente o humilde e retíssimo José, entre os presentes, se reputava indigno de tanto bem. Lembrando-se do voto de castidade que fizera, propondo de novo sua perpétua observância, entregou-se à divina vontade, para o que dele quisesse fazer. Apesar disso, sentiu pela honestíssima donzela, Maria, maior veneração e apreço do que qualquer um dos outros.

José foi o indicado para esposo de Maria

757. Estando todos nesta oração, floresceu somente a vara de José e, ao

mesmo tempo, desceu alvíssima pomba, cheia de admirável resplendor, pousando-lhe acima da cabeça. Ao mesmo tempo, falou-lhe Deus interiormente, dizendo-lhe: - José, meu servo, tua esposa será Maria, recebe-a com reverência e cuidado, porque a meus olhos é aceita, justa e puríssima de alma e corpo, e farás tudo o que Ela te disser.

Com a revelação e sinal do céu, os sacerdotes declararam São José, escolhido pelo próprio Deus, para esposo da donzela Maria. Chamada para o desposório, apresentou-se a eleita como o sol, mais formosa que a lua (**Ct 6, 9**). Apareceu na presença de todos, com semblante mais que angélico, de incomparável beleza, modéstia e graça, e os sacerdotes desposaram-na com o mais casto e santo dos homens, José.



Maria despede-se e deixa o templo

758. Saudosa e séria, a divina Princesa, mais pura do que as estrelas do firmamento e rainha de majestade humilíssima, despediu-se dos sacerdotes, pedindo-lhes a bênção. Outro tanto fez com a mestra e condiscípulas, pedindo-lhes perdão e agradecendo-lhes todos os benefícios que, por elas, recebera no templo.

Procedeu com grande humildade e mui breves e prudentes palavras porque, em todas as ocasiões, proferia poucas e muito ponderadas. Despediu-se do templo, não sem grande sentimento, por ter que o deixar, contra a própria inclinação e desejo. Acompanharam-na alguns dos principais ministros leigos do templo, que ali serviam nas coisas temporais. Com o esposo José, dirigiram-se para Nazaré, cidade natural dos felicíssimos esposos.

Não obstante ter José nascido em Nazaré, dispôs o Altíssimo, por meio de alguns sucessos de fortuna, fosse viver algum tempo em Jerusalém, para ali a melhorar tão ditosamente, que se tornou esposo Daquela que Deus escolhera para Mãe.

Em Nazaré, Maria e José recebem visitas de felicitações

759. Chegando a Nazaré, onde a princesa do céu tinha a casa e os bens de seus felizes pais, foram recebidos e visitados pelos amigos e parentes, com a alegria e cumprimentos que em tais ocasiões se costumam. Tendo santamente cumprido com o natural dever de urbanidade e satisfeito estas obrigações sociais do convívio humano, ficaram sossegados José e Maria em sua casa.

Era costume entre os hebreus que, durante os primeiros dias de matri-

mônio, os esposos fizessem mútuo exame e experiência dos costumes e índole de cada qual, para melhor reciprocamente se adaptarem.

São José procura conhecer as intenções e desejos de Maria Santíssima

760. Disse São José à sua esposa Maria: - Esposa e Senhora minha, dou graças ao Altíssimo pela mercê de me haver escolhido, sem méritos, para vosso esposo, quando me julgava indigno de vossa companhia. Mas, já que Sua Majestade quer exaltar o pobre e fez esta misericórdia para comigo, desejo me ajudeis, como espero de vossa discrição e virtude, a lhe dar a devida retribuição, servindo o Senhor com sincero coração. Para isto, considerai-me vosso servo, com o verdadeiro afeto com que vos estimo. Peço-vos queirais suprir o muito que me falta de bens materiais e outros predicados, que se exigiriam para ser esposo vosso. Dizei-me, Senhora, qual é vossa vontade para eu cumpri-la.

Resposta da Virgem. Presença de seus anjos

761. Ouvindo estas razões a divina Esposa, com humilde coração e aprazível seriedade no semblante, respondeu ao Santo: - Sinto-me feliz, senhor meu, que o Altíssimo, ao colocar-me neste estado de vida, vos escolhesse para meu esposo e senhor, e que servir-vos fosse a expressão de sua divina vontade. Se, porém, me permitirdes, manifestarei minhas intenções e pensamentos.

Preveniu o Altíssimo, com sua graça, o sincero e leal coração de São José. Por meio das palavras de Maria Santíssima, novamente o inflamou no divino amor. Respondeu São José: - Falai, Senhora, que vosso servo ouve.

Assistiam, nesta ocasião, à Senhora do mundo, seus mil anjos da guarda em forma visível, conforme Ela lhes pedira. A razão deste pedido foi permitir o Altíssimo que a puríssima Virgem se sentisse tomada de respeito e recato para falar com seu esposo, e assim agir em tudo com maior graça e mérito. Deixou-lhe a natural timidez, e receio que sempre tivera de falar a sós com um homem, o que nunca até aquele dia acontecera, a não ser, vez ou outra, com o sumo sacerdote.

Maria confia a São José seu voto de perpétua castidade

762. Obedeceram os santos anjos a sua Rainha e lhe assistiram, vendo-os só Ela. Assim acompanhada, falou a São José: - Meu Senhor e esposo, é justo que, com toda a reverência, louvemos e glorifiquemos nosso Deus e Criador, infinito na bondade, incompreensível em seus desígnios. Deus nos manifestou sua misericórdia, escolhendo-nos a nós, pobres, para servi-lo.

Entre todas as criaturas, reconheço-me por mais devedora do que qualquer uma delas, ou do que todas juntas, porque, merecendo menos, recebi mais de sua mão liberalíssima. Em meus primeiros anos, compelida por esta verdade e pelo desprendimento de todas as coisas visíveis que a divina luz me comunicou, consagrei-me a Deus com perpétuo voto de ser casta de alma e corpo. A Ele pertenço e o reconheço por Esposo e Senhor, com imutável vontade de lhe guardar fiel castidade.

Para cumpri-lo, meu Senhor, quero que me ajudeis e, no mais, serei vossa fiel serva, para cuidar de vossa vida, enquanto durar a minha. Concordai, meu

esposo com esta determinação. Confirmando-a com a vossa, ofereçamo-nos em agradável sacrifício a nosso eterno Deus, para que nos receba em odor de suavidade, e possamos alcançar os bens eternos que esperamos.

Resposta de São José

763. Repleto de interior júbilo com as razões de sua divina esposa, o castíssimo José lhe respondeu: - Declarando-me, Senhora, vossos propósitos e castos pensamentos, penetrastes meu coração, que não quis abrir antes de conhecer o vosso. Reconheço-me também, entre os homens, pelo mais devedor ao Senhor de toda a criação, porque, muito cedo, me atraiu com sua verdadeira luz, para que o amasse na retidão de coração.

Quero saibais, Senhora, que, aos doze anos de idade, também fiz promessa de servir ao Altíssimo em castidade perpétua. Volto agora a ratificar meu voto, para não impedir o vosso, antes, na presença de Sua Alteza, prometo-vos ajudar, quanto estiver em minhas forças, para que, em toda pureza, O sirvais e ameis, conforme vosso desejo. Com a divina graça, serei vosso fidelíssimo servo e companheiro. Suplico-vos, aceiteis meu casto afeto e me considereis vosso irmão, sem jamais admitir outro amor estranho, fora do que deveis a Deus e depois a mim.

Durante esta palestra, o Altíssimo confirmou novamente o coração de São José, na virtude da castidade e no amor santo e puro que deveria nutrir por sua santíssima esposa Maria. Assim o teve o Santo, em grau eminentíssimo, que a prudentíssima conversação da Senhora, contínua e docemente aumentava, arrebatando-lhe o coração.

Distribuem os bens herdados de Sant'Ana e São Joaquim

764. Mediante a divina graça que Deus lhes infundia, sentiram os santíssimos e castíssimos esposos incomparável júbilo e consolação. A divina Princesa ofereceu-se a São José para corresponder a seus desejos, como Senhora das virtudes que, sem contradição, praticava em todas o mais elevado e excelente.

Comunicou o Altíssimo a São José nova pureza e domínio sobre a natureza e suas paixões, para que sem rebelião nem solicitação, mas com admirável e nova graça, servisse sua esposa Maria, e Nela, à vontade e beneplácito do Senhor.

Em seguida, distribuíram os bens herdados de São Joaquim e Sant'Ana, pais da Santíssima Senhora. Uma parte ofereceram ao templo onde ela vivera, outra foi aplicada aos pobres e a terceira deixou ao cuidado de São José para administrá-la. Para si, nossa Rainha reservou somente o cuidado de servi-lo e trabalhar no interior de seu lar.

Do movimento externo, do uso do dinheiro para compras e vendas, sempre se eximiu a prudentíssima Virgem, como disse em outra parte [3].

São José desempenha o ofício de carpinteiro

765. Aprendera São José, na infância, o ofício de carpinteiro, trabalho honesto e acomodado para adquirir o sustento da vida, pois era pobre de fortuna, como acima disse. Perguntou à Santíssima Esposa se gostaria que exercitasse aquele ofício, para servi-la e ganhar alguma coisa para os pobres, porquanto era necessário trabalhar e não viver ocioso. Concordou a Virgem pru-

3- Supra nº 555 e 556.

dentíssima, advertindo a São José que o Senhor não os queria ricos, mas pobres e amantes dos pobres, dando para estes o que lhes sobrasse.

Em seguida, travaram os santos esposos santa contenda, sobre qual dos dois obedeceria ao outro como superior. Venceu a humildade de Maria Santíssima, que entre os humildes era humilíssima. Não consentiu que, sendo o homem a cabeça, se pervertesse a ordem da mesma natureza. Quis em tudo obedecer a seu esposo, pedindo-lhe liberdade somente para dar esmolas aos pobres do Senhor, o que o Santo lhe concedeu.

Reverência de José por Maria

766. Reconheceu São José, com nova luz do céu, os predicados de sua esposa Maria, sua rara prudência, humildade, pureza e demais virtudes, superiores a qualquer pensamento e ponderação. Aumentou-se-lhe a admiração por ela, e cheio de grande júbilo espiritual, não cessava, com ardentes afetos, de louvar e agradecer ao Senhor, por lhe ter dado companhia de esposa tão acima de seus méritos.

Para que esta ocorrência fosse em tudo perfeitíssima, pois era o princípio da maior obra que Deus realizaria com toda sua onipotência, fez que a Princesa do céu infundisse, com sua presença, no coração de seu esposo, tão grande temor e reverência, que nenhuma espécie de palavras pode traduzir.

Tal reverência originava-se de certa refulgência, ou raio de luz divina, desprendida do rosto de nossa Rainha, unida à inefável majestade que sempre a acompanhava. Se isto sucedera a Moisés, quando desceu do monte (**Êx 34, 30**), com maior razão aconteceu à Virgem, pois muito mais prolongado e íntimo era o seu trato e conversação com Deus.

Dedicação de Maria por José

767. Em breve, teve Maria Santíssima uma visão do Senhor, durante a qual lhe disse Sua Majestade: - Esposa minha, diletíssima e escolhida, vê como sou fiel em minha palavras, para os que me amam e temem. Corresponde, pois, agora à minha fidelidade, guardando as leis de esposa minha, em santidade, pureza e toda perfeição. Para isso, te ajudará meu servo José. Obedece-lhe como deves e cuida de seu bem-estar, que essa é minha vontade.

Respondeu Maria Santíssima: - Senhor, eu vos louvo e exalto pela vossa admirável providência por Mim, indigna e pobre criatura. Meu desejo é obedecer-vos e vos agradar como vossa serva, mais obrigada que qualquer outra criatura. Dai-me, Senhor, vosso auxílio divino, para que, em tudo, me assistais, segundo vosso maior agrado e também para que atenda às obrigações do estado em que me pusestes. Ajudai-me para que, como vossa escrava, não me afaste de vossas ordens e beneplácito. Dai-me vossa licença e bênção, para que acerte em obedecer e servir a vosso servo José, como Vós meu Senhor e Criador me ordenais.

As virtudes, fundamento do lar de José e Maria

768. Sobre estes divinos alicerces, fundou-se o lar e matrimônio de Maria e José. Desde oito de setembro, dia do desposório, até vinte e cinco de março seguinte, quando se realizou a Encarnação

do Verbo divino [4], os dois esposos foram sendo preparados pelo Altíssimo, para a obra para qual os escolhera. Ordenou a divina Senhora sua casa e modo de viver, como direi nos capítulos seguintes.

Admiração da Escritora pela felicidade de São José

769. Agora, não posso deixar de congratular-me com a boa sorte do mais feliz dos nascidos, São José. De onde, ó homem de Deus, vos veio tamanha felicidade e ventura que, entre os filhos de Adão, só de vós se dissesse ser vosso o mesmo Deus, e tão somente vosso, que fosse reputado por vosso único Filho? O eterno Pai vos dá sua Filha, o Filho vos confia sua real e verdadeira Mãe, o Espírito Santo vos confia sua Esposa. A beatíssima Trindade vos entrega sua eleita, única e escolhida como o sol, concedendo-a por vossa legítima esposa.

Conheceis, meu Santo, vossa dignidade? Compreendeis ser vossa esposa, a Rainha e Senhora do céu e da terra, e vós, o depositário dos inestimáveis tesouros de Deus? Velai pelos vossos interesses. Sabei, que se não causais inveja aos anjos e serafins, eles ficam admirados e suspensos por causa da vossa sorte, e pelo sacramento oculto em vosso matrimônio.

Recebei parabéns por tanta ventura, em nome de toda a linhagem humana. Sois arquivo das divinas misericórdias, dono e esposo daquela a quem só Deus é superior. Ficaste rico e próspero entre os homens e os anjos. Lembrai-vos de nossa pobreza e miséria, e de mim, o mais vil bichinho da terra, que desejo ser vossa fiel devota, beneficiada por vossa poderosa intercessão.

4Como direi na segunda parte, nº 138.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Qualquer estado de vida é santificante

770. Minha filha, o exemplo de minha vida no estado do matrimônio, no qual o Altíssimo me colocou, censura a desculpa alegada por aqueles que, vivendo casados no século, dizem que não podem ser perfeitos. Para Deus nada é impossível, e tampouco o é para quem, com viva fé, Nele espera e se entrega à sua divina disposição.

Eu vivia na casa de meu esposo, com a mesma perfeição que no templo. Mudando de estado, em nada mudei no afeto, desejo e cuidado de amar e servir a Deus. Pelo contrário, aumentei estes sentimentos, a fim de não serem embaraçados pelas obrigações de esposa. Por isto, me assistiu mais a graça divina, e por sua mão poderosa, Deus dispunha e acomodava todas as coisas, de acordo com meus desejos.

O mesmo faria o Senhor com todas as criaturas, se de sua parte, lhe correspondessem. Culpam o estado do matrimônio, enganando-se a si mesmas, porque o impedimento para serem perfeitas e santas não é o estado de vida. São-no os cuidados vãos e solicitudes supérfluas a que se entregam, pondo de lado o gosto do Senhor, para antepor e procurar o delas.

Vida religiosa, estado de perfeição

771. Se no mundo não há desculpa para dispensar a busca da perfeição da virtude, menos haverá na vida religiosa, alegando os ofícios e ocupações dela. Nunca te imagines impedida pelo teu cargo de prelada, porquanto tendo-te Deus posto

nele, através da obediência, não deves duvidar de sua assistência e amparo. Naquele mesmo dia, tomou por sua conta, dar-te forças e auxílios para atenderes a tuas obrigações de superiora, e também a de tua pessoal perfeição, com a qual deves amar teu Deus e Senhor. Empenha-o com o sacrifício de tua vontade, e com humilde paciência, em tudo que sua divina providência ordena. Se não lhe resistires, asseguro-te sua proteção, e por experiência sentirás seu poder, sempre governando e dirigindo perfeitamente todos os teus atos.



Desposório de Nossa Senhora com São José. Parmenor do quadro de Rafael Sanzio.



Igreja de São José em Nazaré

CAPÍTULO 23

EXPLICAÇÃO DE PARTE DO CAPÍTULO 31 DAS PARÁBOLAS DE SALOMÃO, AO QUAL ME REMETEU O SENHOR, PARA MANIFESTAR A ORDEM DE VIVER QUE MARIA SSMA. ADOTOU NO MATRIMÔNIO

Maria, a mulher forte da Sagrada Escritura

772. Encontrando-se a Princesa do céu, Maria, no estado do matrimônio, em que nunca cogitara, elevou sua mente puríssima ao Pai das luzes, para saber qual seria o modo mais agradável de se reger nas obrigações de seu novo estado. Para eu dar alguma notícia das santas resoluções de Sua Alteza, remeteu-me o Senhor aos predicados da mulher forte, subentendendo que foi para esta Senhora que Salomão os deixou escritos, no último capítulo de suas Parábolas. Percorrendo-o, direi o que puder de quanto me foi dado a entender.

O começo deste capítulo diz o seguinte:

Quem achará uma mulher forte? **(Pr 31, 10).** *Seu preço vem de longe e dos últimos confins.*

Esta pergunta é admirativa, quando se refere à nossa grande e forte mulher, Maria. Seria negativa se se referisse a outra mulher, comparada à Virgem, pois em todo o resto da natureza humana e lei comum não se pode achar outra mulher forte como a Princesa do céu. Todas as demais, sem exceção alguma, foram fracas e débeis, por terem sido, na culpa, tributárias do demônio.

Quem, pois, achará outra mulher forte? Nem os reis e monarcas, nem os príncipes poderosos da terra, nem os anjos do céu, nem o mesmo poder divino a achará, porque não criará outra semelhante a Maria Santíssima. Ela é única, singular, sem igual. Sua dignidade esgotou o poder do Onipotente, que não lhe pôde dar mais do que lhe deu: seu eterno Filho, consubstancial a Ele, imenso, incriado e infinito.

O preço de Maria

773. Sendo assim, era lógico que o preço e valor desta mulher viesse de longe, pois na terra, entre as criaturas, não podia existir. Chama-se preço, o valor pelo qual se compra ou estima alguma coisa, e sabe-se quanto vale quando ela é avaliada. O preço desta mulher forte, Maria, foi avaliado no conselho da beatíssima Trindade.

De certo modo, recebeu-a da natureza humana, mediante algum pagamento, pois isto, em rigor, é comprar. O preço que ofereceu por Maria foi o mesmo

Verbo eterno encarnado, dando-se por satisfeito, a nosso modo de entender, com a permuta. Encontrando esta mulher forte em sua mente divina, a estimou e avaliou tanto, que determinou dar-lhe seu Filho. Ele seria também exata e dignamente Filho de Maria Santíssima, e Dela tomaria carne humana, fazendo-a sua Mãe.

O Altíssimo adquiriu-a para si pelo preço de todos seus atributos: sabedoria, bondade, onipotência, justiça e os mais, acrescentando-lhes todos os méritos de seu Filho humanado. Antecipadamente, separou-a da natureza humana, para no caso em que essa natureza se perdesse, como de fato se perdeu em Adão, somente Maria com seu Filho ficassem ilesos e preservados. De tão longe foi apreciada, que toda a natureza criada não pôde calcular o decreto de sua estimação e apreço. Esta foi a longínqua origem donde veio.

Onde se avaliou o preço de Maria

774. Este longe são também os fins da terra: Deus, princípio e último fim de toda a criação. Dele tudo sai e torna a voltar, como os rios para o mar (**Ecl 1, 7**). O céu da glória é outro fim, sendo o lugar material destinado às demais criaturas corpóreas, chamando-se também, em particular, trono da Divindade (**Is 66, 1**). Em outro sentido, chamam-se fins da terra, o término natural da vida. Acabando esta, também termina o trabalho da aquisição das virtudes e se traça a última linha em direção ao destino final da existência humana: o conhecimento e amor do Criador, fim imediato do seu agir e viver humano.

Tudo isto significa que o preço de Maria Santíssima veio dos últimos fins, porque sua graça, dons e merecimentos começaram onde terminaram os demais santos: virgens, confessores, mártires, apóstolos e patriarcas. Todos eles, no fim da via e no máximo de sua santidade, não chegaram à perfeição com que Maria começou a sua existência.

Se Cristo, seu Filho e Senhor nosso, também se chama fim das obras do Altíssimo, com igual verdade se diz que o preço de Maria Santíssima veio dos últimos fins. Toda sua pureza, inocência e santidade veio de seu Filho Santíssimo, causa exemplar e principal autor dessa santidade.

Confiança de S. José em Maria

775. *O coração de seu esposo põe nela sua confiança e não necessitará de despojos* (**Pr 31, 11**).

São José, esposo desta mulher forte, a teve por legítima esposa. Nela confiou, esperando receber, por sua incomparável virtude, todos os verdadeiros bens; nela confiou, porém, de modo singular, quando a viu grávida, ignorando então o mistério do fato. Nessa ocasião, creu e confiou contra toda a esperança (**Rm 4, 18**), pois os sinais que notoriamente verificou, não tinham outra atenuante, senão a mesma santidade de tal esposa e mulher.

Não obstante se ter resolvido deixá-la (**Mt 1, 19**), porque os olhos viam o efeito, embora a causa lhe fosse desconhecida, nunca se atreveu a desconfiar de sua honestidade, nem pôde renunciar ao amor santo e puro, com que o retíssimo coração de tal esposa o havia cativado. Assim, não se viu decepcionado em coisa alguma, nem pobre de despojos. Se estes são sobra do necessário, tudo foi superabundante para este esposo, quando conheceu quem era sua esposa e quem Nela se encerrava.

Confiança de Deus em Maria

776. Outro esposo teve esta divina Senhora, que Nela confiou e de quem, principalmente, falou Salomão: seu Filho, verdadeiro Deus e homem, que a esta mulher forte confiou até seu próprio ser e honra perante todas as criaturas. Nesta confiança que depositou em Maria, se encerra toda a grandeza de ambos. Nem Deus lhe pôde confiar mais, nem Ela pôde corresponder melhor, de modo que Ele não se viu decepcionado, nem pobre de despojos.

Oh! estupenda maravilha da sabedoria e poder de Deus, confiar assim numa criatura! Tomar carne humana em seu seio e de sua mesma substância! Chamá-la Mãe, com infectível verdade e Ela chamá-lo Filho, criá-lo a seu peito, sob sua autoridade! Fazê-la coadjutora no resgate e reparação do mundo, depositária da divindade, dispenseira de seus tesouros infinitos, dos méritos de seu Filho Santíssimo, de sua vida, milagres, pregação, morte e de todos os seus mistérios!

Tudo foi confiado a Maria Santíssima. Aumente-se porém, a admiração ao saber que nesta confiança, Deus não foi decepcionado. Soube esta mulher, pura criatura, satisfazer adequadamente a quanto lhe confiaram. Em nada faltou, e agiu em tudo com a maior fé, esperança, amor, prudência, humildade e plenitude possível de santidade. Não se viu esse esposo, pobre de despojos, senão rico, próspero e cheio de louvor e glória. Por isto acrescenta:

Crescimento de Maria na graça e na recompensa

777. *"Ele lhe retribuirá com o bem e não com o mal, todos os dias de sua vida"* **(Pr 31, 12).** Entendi que esta retribuição foi dada a Maria Santíssima, por Cristo seu esposo e Filho verdadeiro, pois a retribuição que Ela deu já ficou explicada. Se o Altíssimo remunera as menores ações feitas por seu amor, não só com a glória futura, mas também com a graça desta vida, qual seria a retribuição e tesouros com que recompensaria as obras de sua Mãe? Somente Ele que o fez pôde saber.

Entender-se-á um pouco do que se passava entre o poder divino e nossa Rainha, durante toda sua vida, considerando-se a equidade do Senhor em remunerar com um benefício e auxílio maior, a quem se aproveita de um menor. Desde o primeiro instante, havendo recebido mais graça que os supremos anjos, pela preservação do pecado original, começou Maria a lhe corresponder adequadamente, crescendo de graça em graça.

Por seu lado, Deus Nela agia na medida proporcionada a esse crescimento e correspondência. Deste modo, todos os passos de sua vida não conheceram tibieza, negligência ou tardança. Não é muito, portanto, que somente seu Filho Santíssimo lhe fosse superior, e todo o restante das criaturas lhe ficasse quase infinitamente inferior.

Laboriosidade exterior e interior de Maria

778. *"Buscou lã e linho, trabalhou com a indústria de suas mãos"* **(Pr 31, 13).**

É digno e legítimo louvor para a mulher forte a laboriosidade com que, no interior de sua casa, fia lã e linho para agasalhar sua família, e para adquirir com este trabalho, outras coisas necessárias. Préstimo sadio, fruto de mãos ativas e não ociosas. A ociosidade da mulher de mãos

desocupadas é argumento de sua grosseira estultice e de outros vícios que dá acanhamento referir.

Nesta virtude exterior, que numa mulher casada, é base da ordem doméstica, foi Maria Santíssima mulher forte e digno modelo de todas as mulheres. Jamais ficou ociosa, e realmente tecia linho e lã para seu esposo, seu Filho e para muitos pobres, que socorria com seu trabalho.

Como unia, em grau perfeitíssimo,



as ações de Marta e Maria, era mais laboriosa mediante a luz dos atos interiores, do que dos exteriores. Conservando as espécies das visões divinas, e memória da leitura das Sagradas Escrituras, jamais esteve espiritualmente inativa, trabalhando e aumentando os dons e virtudes da alma. Por isto, acrescenta o texto:

Trabalhar para comer

779. *"Foi como a embarcação do mercador que traz de longe seu pão"* **(Pr 31, 14).**

Como este mundo visível é denominado inquieto e proceloso mar, os que nele vivem são comparados às embarcações, a sulcar suas inconstantes ondas. Todos trabalham nesta navegação, para trazer seu pão, ou o alimento e sustento da vida. De mais longe o traz, quem mais longe estava de o adquirir com seu trabalho. Quem mais trabalha, adquire muito mais e traz de longe, com maior suor.

Entre Deus e o homem existe este gênero de contrato: que o servo sue e trabalhe, negociando e cultivando a terra, o senhor colabora por meio das causas segundas. Enquanto deste modo proporciona o pão ao homem, este o paga com o suor de seu rosto. O mesmo acontece nas coisas espirituais: quem não trabalha, não come **(2Ts 3, 10)**.

Maria, embarcação do pão material e espiritual

780. Entre todos os filhos de Adão, Maria Santíssima foi rica e próspera nave do negociante, a trazer de longe o seu e nosso pão. Ninguém foi tão discretamente laboriosa e diligente no governo de sua família. Ninguém tão previdente no que, com divina prudência, entendia ser necessário para seu modesto lar e socorro dos pobres. Tudo mereceu e adquiriu com sua fé e solicitude prudentíssima, mediante as quais o trouxe de longe. Longe dos recursos de nossa viciada natureza humana, da qual estava muito distante. Impossível é ponderar quanto, a este respeito, realizou, adquiriu, mereceu e distribuiu aos pobres.

Mais forte e admirável, porém, foi em trazer-nos o pão vivo e espiritual, descido do céu. Trouxe-o do seio do Pai, donde não teria descido, se não existira

esta mulher forte. Fê-lo vir ao mundo, que estava muito longe de o merecer, se não fora a nave de Maria.

É verdade que, por ser pura criatura, não pôde merecer a vinda de Deus ao mundo. Mereceu, no entanto, que Ele apressasse os passos e viesse na rica embarcação de seu seio, pois não poderia caber noutra menor em merecimento. Unicamente Ela atraiu este pão divino, que desejava se dar em alimento aos que dele se encontravam tão longe.

A previdência de Maria

781. *"Levantou-se de noite para distribuir o necessário a seus domésticos, e o sustento a seus criados"* **(Pr 31, 15).**

Não é menos louvável predicado da mulher forte, privar-se do agradável repouso noturno, para governar sua família, distribuindo a seus domésticos - esposo, filhos, parentes e criados - as legítimas tarefas de cada qual, com todo o necessário para elas. Esta prudência e fortaleza não conhecem noite que se abandona e absorve no sono e esquecimento das próprias obrigações, porque o descanso do trabalho não se toma por satisfação e sim por necessidade.

Nesta prudência foi nossa Rainha admirável ecônoma. Não teve criados ou criadas em sua casa, porque não quis confiar a outros o exercício da obediência, e humildade servil dos ofícios domésticos. No cuidado de seu Filho Santíssimo e de seu esposo José, foi serva vigilantíssima, em tudo que lhes devia prevenir e preparar, como em toda esta explanação irei dizendo.

A vigilância de Maria e suas faculdades espirituais

782. Que palavra pode explicar a vigilância desta mulher forte? Levantou-se, mantendo-se desperta na oculta noite do segredo de seu coração. No mistério de seu matrimônio, esperou atenta o que lhe fosse mandado para executá-lo, humilde e obediente. Preveniu para seus domésticos e servos, as potências interiores e sentidos exteriores, todo o alimento necessário. A cada qual distribuiu o legítimo sustento para que, durante o trabalho do dia, atendendo ao serviço corporal, não ficasse o espírito necessitado e desprovido.

Deu às faculdades da alma inviolável preceito de terem por alimento a luz da divindade, por ocupação incessante, dia e noite, a inflamada meditação e contemplação da divina lei, sem jamais interrompê-la por qualquer outra ocupação de seu estado. Era este o governo e alimento dos domésticos de sua alma.

Maria e os sentidos exteriores

783. Aos servos, os sentidos exteriores, distribuiu também legítimas ocupações e sustento. Usando o poder sobre estas potências, mandou-lhes que, como servas, obedecessem ao espírito. Seus sentidos, embora vivendo na terra, desconheciam-lhe a vaidade e estavam mortos para ela. Usava deles apenas o necessário para as operações da natureza e da graça. Apesar disso, ordenou-lhes que se alimentassem menos do prazer sensível, e mais daquele que a parte superior da alma lhes comunicasse de sua superabundante influência. Traçou limites aos seus atos para que todos, sem exceção, permanecessem na esfera do divino amor, servindo-o e obedecendo-lhe sem oposição ou demora.

Maria distribuiu a graça na antiga e nova lei

784. *"Levantou-se de noite e*

governou também seus domésticos."

Em outra noite, levantou-se esta mulher forte, para prover outros domésticos: a obscura noite da antiga Lei, iluminada apenas com a penumbra da futura luz, Maria surgiu no mundo, pelo declínio desta noite. Com inefável providência, distribuiu a toda a natureza humana, o alimento da graça e da eterna vida, tanto para seu povo, os judeus, quanto para os demais povos. Os seus domésticos são os justos, e os pecadores são os servos e cativos. Deu-lhes este alimento, com toda a verdade e propriedade, por ter ele sido feito da sua mesma substância e sangue, em seu tálamo virginal.



Mulheres palestinenses tirando água da fonte.

CAPÍTULO 24

CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUNTO E EXPLICAÇÃO DO RESTANTE DO CAPÍTULO 31 DOS PROVÉRBIOS

Maria comprou o campo da divindade e plantou a vinha da Igreja

785. Dos predicados da mulher forte, nenhum pôde faltar à Rainha das virtudes e fonte da graça. "*Considerou,* prossegue o texto, *um campo e o comprou, com o fruto de suas mãos plantou uma vinha* " **(Pr 31, 16)**.

O campo da mais elevada perfeição, onde viceja o mais fértil e fragrante das virtudes, considerou-o nossa mulher forte, Maria Santíssima. Ponderando-o à claridade da divina luz, descobriu o tesouro nele encerrado. Sendo verdadeiramente Rainha e Senhora da terra, tudo vendeu para comprar este campo. Preferiu a posse do campo que comprou renunciando a tudo o que possuia. Como tudo lhe pertencia, somente esta Senhora pôde vender tudo, para comprar o vasto campo da santidade. Só Ela o avaliou adequadamente e, depois de Deus, foi a maior proprietária do campo da divindade e de seus infinitos atributos, enquanto os demais santos receberam apenas uma parte.

"*Do fruto de suas mãos plantou uma vinha*", a santa Igreja, não somente dando-nos seu Filho santíssimo para fundá-la, mas por ter sido sua coadjutora. Depois da Ascensão do Senhor, foi a mestra da Igreja, como direi na terceira parte desta História.

Plantou a vinha do paraíso celestial, que o feroz Lúcifer havia devastado e destruído. Por sua solicitude e trabalho, povoou-a de novas plantas, os homens redimidos. Plantou a vida de seu grande e magnânimo coração, com os ramos das virtudes e com a fertilíssima videira, Cristo, que destilou no lagar da cruz, o suavíssimo vinho do amor, com que alimenta os seus amigos e inebria os seus prediletos **(Ct 5, 1)**.

Apesar de inocentíssima, a Virgem praticou a penitência

786. *Cingiu-se de fortaleza e corrobou seu braço* **(Pr 31, 17)**.

A maior energia dos fortes encontra-se principalmente no braço, com o qual se realizam ações árduas e difíceis. O mais difícil para a criatura terrena é reprimir suas paixões e inclinações, para ajustá-las à razão. Por isso, ao cingir-se ou atar-se, acrescentou o texto sagrado *fortaleceu o braço.*

Não teve nossa Rainha, em sua inocentíssima pessoa, paixões ou movimentos desordenados para reprimir. Não obstante, cingiu-se, sendo nisto mais forte que todos os filhos de Adão, desordenados pelo *fomes* do pecado. Maior virtude e mais forte amor foi praticar mortificação e penitência sem delas precisar, do que fazê-las por necessidade. Nenhum dos atingidos pela culpa e obrigados a satisfazê-la, pôs tanta energia em mortificar suas desordenadas paixões, como nossa princesa Maria em governar e santificar todas suas faculdades e sentidos.

Castigava seu castíssimo e virginal corpo com penitências contínuas, vigílias, jejuns, prostrações em cruz, como adiante diremos. Negava a seus sentidos o repouso e o prazer, não porque poderiam se rebelar, mas para fazer o mais santo e agradável ao Senhor. Todos os seus atos foram plenos de eficácia e força da graça, sem tibieza, omissão ou negligência.

Frutos da mortificação

787. *Tomou-lhe o gosto e viu quão boa era sua negociação; sua luz não se apagará de noite* **(Pr 31, 18).**

Benigno e fiel é o Senhor com as criaturas. Quando as manda cingir-se com a mortificação e penitência, - porque o reino dos céus sofre violência **(Mt 11, 12)** e deve ser ganho com esforço - a essa mesma violência imposta às nossas inclinações, vinculou, nesta vida, um gosto e consolação que enche o coração de alegria.

Neste prazer, se experimenta quão bom é negociar o sumo bem, por meio da mortificação, recusando às nossas inclinações outras satisfações terrenas. Antecipadamente, já recebemos o gozo da verdade cristã e, com ele, o penhor do que esperamos na eterna vida. Quem mais negocia, mais o saboreia, mais adquire para a eternidade, e mais estima essa negociação.

Mais que os outros, a Virgem gozou os frutos da mortificação

788. Esta verdade que nós, sujeitos ao pecado, conhecemos por experiência, como a experimentaria e gozaria nossa mulher forte, Maria Santíssima? Se em nós, onde a noite da culpa é tão longa e freqüente, pode conservar-se a divina luz da graça por meio da penitência e mortificação das paixões, como arderia esta luz no coração desta puríssima criatura?

Não a oprimia o fastio desta pesada e corrompida natureza, não a combatia a contradição do *fomes*, não a perturbava o remorso da má consciência, nem o temor de culpas cometidas. Sua luz era superior a todo humano e angélico pensamento. Quão bem conheceria e saborearia esta negociação, sem que a noite dos sofrimentos, e perigos desta vida, lhe apagasse a lâmpada do Cordeiro **(Apc. 31,23)** que a iluminava:

Maria realizou as mais grandiosas obras

789. *'Aplicou suas mãos a coisas fortes e seus dedos pegaram no fuso"* **(Pr 31, 19).**

A mulher forte, que com trabalho das mãos aumenta suas virtudes e os bens de sua família, cinge-se de fortaleza contra as paixões, conhece e saboreia a negociação da virtude. É capaz de estender e aplicar seu braço em coisas grandes.

Assim o fez Maria Santíssima, sem ser embaraçada pelas obrigações de seu estado de vida. Elevou-se acima de si mesma, e de todo o terrestre. Estendeu

seus desejos e obras ao mais alto e forte do amor divino e do conhecimento de Deus, ultrapassando toda a natureza humana e angélica.

Desde seu desposório, na medida em que ia se aproximando da dignidade e ofício de Mãe, dilatava também seu coração e estendia seu braço em obras santas, até chegar a cooperar na mais árdua e forte da onipotência divina, a Encarnação do Verbo. Sobre isto falarei mais na segunda parte, descrevendo como nossa Rainha foi preparada para este grande mistério.

A resolução e propósito para realizar grandes coisas, se não forem postos em prática, não passarão de aparência sem efeito. Por isto, se diz que a mulher forte aplicou seus dedos ao fuso. Isto significa que nossa Rainha realizou o grande, árduo e difícil, como o entendeu e propôs em sua retíssima intenção. Nela, tudo foi realidade e não apenas ruído e aparência, como seria a mulher que estivesse com a roca na cintura, mas sem manejar o fuso.

A caridade de Maria com os pobres de bens temporais

790. *"Estendeu sua mão aos necessitados e abriu as palmas ao pobre"* **(Pr 31, 20).**

A mulher prudente e caseira, sendo liberal com os pobres, mostra grande fortaleza, pois não se deixa vencer pela covardia, e temor de que suas ofertas farão falta à família. O meio mais poderoso para multiplicar os bens, é reparti-los liberalmente com os pobres de Cristo, que ainda nesta vida sabe dar cento por um **(Mc 10, 30).**

Distribuiu Maria Santíssima entre os pobres e o Templo de Jerusalém os bens herdados de seus pais, como acima disse **(Cap. 22).** Além disso, trabalhava com suas mãos, para praticar a misericórdia. Se não desse aos pobres de seu próprio suor e trabalho, não ficaria satisfeita sua piedosa e liberal caridade.

Não é maravilha que a avareza do mundo sofra hoje a falta de bens temporais. Mais pobre de piedade e misericórdia estão os homens, porque põem ao serviço de sua desmedida vaidade o que Deus fez e criou para sustento dos necessitados, e meio de salvação para os ricos.

A caridade da Virgem com os pobres de bens espirituais

791. Não apenas estendeu suas mãos ao pobre, a nossa Rainha e Senhora, mas também abriu as palmas do onipotente Deus, que pareciam fechadas a deter o Verbo divino, porque o desmereciam os mortais.

Esta mulher forte lhe deu mãos, e mãos estendidas e abertas para os pobres, cativos e aflitos na miséria da culpa. Porque esta necessidade e pobreza era de todos em geral, e de cada um em particular, a Escritura os chama *pobre*, no singular. Todo o gênero humano era tão pobre e incapaz de se valer, como se fora um único indivíduo, solitário e desamparado.

Essas mãos de Cristo, Senhor nosso, estendidas para operar nossa redenção, e abertas para derramar os tesouros de seus merecimentos e dons, foram mãos de Maria Santíssima, dadas a seu Filho. Sem Ela, não teriam sido abertas à pobre linhagem humana.

O frio do pecado e as vestes da graça

792. *"Não temerá para sua casa o frio das neves, porque todos seus domésticos têm vestes duplas"* **(Pr 31, 21).**

Perdido o sol da justiça e o calor da graça e justiça original, ficou nossa natureza sob a gelada neve da culpa, que tolhe e entorpece para fazer o bem. Daqui nasce a dificuldade na virtude, a tibieza nos atos, a inadvertência e negligência, a inconstância e outros inumeráveis defeitos. Depois do pecado, ficamos gelados para o amor divino, sem abrigo e defesa para as tentações.

De todos estes impedimentos e prejuízos esteve imune a divina Rainha, em sua casa e em sua alma. Todos os seus domésticos, potências interiores e exteriores, foram defendidos do frio da culpa, por vestes duplas. Uma das vestes foi a justiça original e virtudes infusas; outra, as adquiridas desde o primeiro instante em que começou a agir. Vestes duplas significam também a graça comum que recebeu como pessoa particular, mais a especialíssima que o Altíssimo lhe outorgou para a dignidade de Mãe do Verbo.

Sobre a direção de seu lar, não me detenho a respeito desta providência. Nas demais mulheres, o cuidado de duplicar as vestes de seus domésticos pode ser louvável e necessário. Na casa da Rainha do céu e da terra, porém, não foi necessário, pois seu Filho Santíssimo possuía apenas uma veste. Tampouco foi preciso para Ela e seu esposo José, porque na pobreza faziam consistir o seu maior abrigo e alinho.

A espessa veste das virtudes e dons de Maria

793. *"Fez para si um vestido de tecido espesso e se adornou de púrpura e linho finíssimo"* **(Pr 31, 22).**

Esta metáfora indica também o adorno espiritual desta Mulher forte: um vestido tecido de fortaleza e variedade, para cobrir-se toda, defender-se das inclemências e rigores das chuvas, à semelhança dos panos fortes, feltros e outros. A veste talar das virtudes e dons de Maria, foi impenetrável ao rigor das tentações e das enxurradas daquele rio derramado contra Ela, pelo grande, vermelho e sanguinário dragão, que São João descreveu no Apocalipse **(1, 15)**.

Além de ser forte, era esta veste extremamente formosa, pela variedade das virtudes nela entretecidas e não postiças. Desde que foi criada, em graça e justiça original, sua natureza foi compenetrada por estas virtudes, assimiladas à sua substância. Ali se encontravam a púrpura da caridade, o branco da pureza, o celeste da esperança, com toda a diversidade de graças que a revestiam e adornavam de beleza. Também foi adorno de Maria aquele branco e encarnado **(Ct 5, 10)** que a esposa indicou como sinal do esposo, a humanidade e divindade do Verbo. Tendo-lhe Ela dado o encarnado da humanidade santíssima, Ele lhe retribuiu com a divindade. Não apenas uniu-as em seu virginal seio, mas ainda derramou em sua Mãe certos visos ou raios de divindade, que ultraparam o que de divino pode haver em todas as demais criaturas reunidas.

Maria no juízo universal

794. *"Seu esposo será ilustre nas portas, quando se assentar com os senadores da terra"* **(Pr 31, 23).**

Assim como nas portas das cidades das antigas repúblicas se faziam os julgamentos, às portas da vida eterna realiza-se o juízo particular de cada alma, e no fim dos tempos realizar-se-á o universal que esperamos. No juízo universal, ocupará lugar entre os nobres do reino de Deus,

São José, esposo de Maria Santíssima. Sentar-se-á entre os Apóstolos, par julgar o mundo e gozará deste privilégio, como esposo da Mulher forte, rainha de todos, e como pai adotivo do supremo Juiz. Outro esposo desta Senhora, seu Filho Santíssimo [5], é realmente o supremo Senhor e Juiz que julgará os anjos e os homens. Maria Santíssima participará desta excelência, por lhe ter dado carne e sangue humano, para a redenção do mundo e resgate dos homens. Tudo isto se reconhecerá quando, com grande poder, vier o juízo universal, e então ninguém o poderá ignorar ou negar.

Maria proporcionou aos homens a salvação

795. *"Fez uma túnica de linho, vendeu-a e entregou um cinto ao cananeu"* **(Pr 31, 24)**.

Nesta solicitude laboriosa da Mulher forte, estão contidas duas grandezas de nossa Rainha: fez uma túnica, tão pura e ampla que nela pôde caber, ainda que se estreitando e encolhendo, o Verbo eterno. Vendeu-a, não a outro, mas para Deus Pai que lhe deu por preço o seu próprio Filho. Em toda a criação, não se encontraria adequado preço para esta túnica da pureza e santidade de Maria, nem quem dignamente pudesse ser filho seu, senão o próprio Filho de Deus.

Entregou também, não vendido, mas gratuito, o cíngulo ao cananeu, filho de Canaã, amaldiçoado por seu pai (**Gn 9, 25**), figura de todos os homens, partícipes da primeira maldição. Tendo ficado com as paixões livres e os apetites desordenados, puderam novamente ser atados com o cinto que Maria Santíssima lhes entregou, seu Filho primogênito. Sua lei da graça permitiu que se renovassem, reformassem e cingissem.

Não terão desculpa os precitos, quer dentre os anjos, quer dentre os homens, pois todos tiveram com que reter e cingir seus desordenados afetos. Assim o fazem os predestinados, valendo-se desta graça, gratuitamente recebida através de Maria Santíssima, que não lhes pede pagamento para comprá-la ou merecê-la.

Maria não temeu o juízo final

796. *"A fortaleza e formosura lhe servem de veste e ela rirá no último dia"* **(Pr 31, 25)**.

Outro adorno e vestuário da mulher forte são a fortaleza e a formosura. A fortaleza fá-la invencível no sofrimento, e no combate contra os poderes infernais. A formosura lhe dá graça exterior, e admirável decoro em todas as ações. Com estas excelências e predicados, era nossa Rainha amável aos olhos de Deus, dos anjos e do mundo. Não só estava isenta de culpa ou defeitos censuráveis mas ainda possuía esta dupla graça e formosura que tanto cativou o Esposo, quando repetiu que Ela era extremamente bela e graciosa (**Ct 4, 1 e 7**).

Onde não pôde haver defeito condenável, tampouco haverá motivo para chorar no último dia. Neste, todos os mortais, exceto esta Senhora e seu Filho Santíssimo, se apresentarão com alguma culpa de que se doer, sem falar nos condenados, que então as chorarão, por não as ter antes, suficientemente lastimado. Naquele dia, estará alegre e risonha esta Mulher, com o prazer de sua incomparável felicidade, e por ver executada a divina justiça nos protervos, e rebeldes a seu Filho Santíssimo.

5- Como disse no nº 776.

Maria, mestra da sabedoria e Mãe de misericórdia

797. *"Abriu sua boca para a sabedoria e em sua língua esteve a lei da clemência"* **(Pr 31, 26).**

Grande excelência da Mulher forte é abrir a boca somente para ensinar o temor santo do Senhor, e realizar atos de clemência. Isto cumpriu, com suma perfeição, nossa Rainha e Senhora. Mestra da divina Sabedoria, abriu sua boca quando disse ao santo Arcanjo: "Faça-se em mim segundo a vossa palavra"**(Lc 1, 38).**

Sempre falava como virgem prudentíssima e cheia de ciência do Altíssimo, para ensiná-la a todos, e interceder pelos miseráveis filhos de Eva. Piedosa Mãe de misericórdia, sempre se encontrou, e se encontra, em sua língua a lei da clemência. Sua intercessão e palavra são a lei infalível da qual depende nosso socorro em todas as necessidade, se soubermos empenhá-la a abrir a boca, e empregar a língua em nosso favor.

Maria, mais sábia que os anjos e plenamente fiel à graça

798. *"Considerou as veredas de sua casa e não comeu o pão ociosa"* **(Pr 31, 27).**

Não é pequeno louvor para a Mãe de família, ponderar atentamente todos os caminhos mais seguros, para fazer os seus prosperarem em todos os bens. Esta divina prudência, somente Maria soube ensinar aos mortais. Só Ela soube considerar e investigar todos os caminhos da justiça, as sendas e atalhos por onde, com maior segurança e brevidade, chegaria à divindade.

Conseguiu esta ciência tão altamente, que deixou atrás de si todos os mortais, e mesmo os querubins e serafins. Conheceu e penetrou o bem e o mal, o profundo e oculto da santidade, a condição da humana fraqueza, a astúcia dos inimigos, o perigo do mundo e das coisas terrenas. De acordo com este conhecimento agiu, e não comeu o pão ociosa, nem recebeu em vão a alma **(Sl 23, 4)**, nem a divina graça. Deste modo mereceu o que se segue:

Maria louvada pela Igreja militante e triunfante

799. *"Levantaram-se os seus filhos e aclamaram-na ditosíssima. O seu esposo levantou-se para louvá-la"* **(Pr 31, 28).**

Grandes e gloriosas coisas têm dito, na Igreja militante, os verdadeiros filhos desta Mulher forte, aclamando-a bem-aventurada entre as mulheres. Os que



não se levantam e não louvam, não se tenham por seus filhos, nem por doutos, sábios ou devotos.

Ainda que todos tenham falado, inspirados e movidos por seu Filho, o Cristo, e por seu Esposo, o Espírito Santo, com tudo isso até agora mais parece que estiveram calados. Mais a aclamariam se conhecessem as suas muitas e elevadas graças, que Deus conservou ocultas. São tantas como me foi dado a entender, que o Senhor as reserva para manifestá-las na Igreja triunfante, depois do juízo universal.

Não é conveniente agora revelá-las todas ao mundo, indigno e incapaz de compreender tantas maravilhas. Lá falará Cristo, esposo de Maria, manifestando, para glória de ambos e gozo dos santos, as prerrogativas e excelências desta Senhora. Lá as conheceremos. Por ora, basta que as creiamos sob o véu da fé, na esperança de alcançar tantos bens.

A graça e glória da Mãe de Deus ultrapassa a de todas as criaturas

800. *"Muitas filhas ajuntaram riquezas, tu, porém, excedeste a todas "* **(Pr 31, 29).**

As almas que chegaram a receber a graça do Altíssimo chamam-se filhas suas. Os merecimentos, dons e virtudes adquiridos pela graça são as verdadeiras riquezas, pois tudo o mais da terra que assim se chama, usurpou esse nome injustamente. Muito grande será o número dos predestinados. Aquele que chama as estrelas pelo nome **(Sl 146, 4)** os conhece. Sozinha, Maria ajuntou mais que todas estas criaturas reunidas, filhas do Altíssimo e Dela.

Na graça e glória, ultrapassa a todas, pela excelência de ser Mãe, não apenas das criaturas, mas também do Criador. Por esta dignidade, excede a grandeza dos maiores santos. A graça e glória desta Rainha ultrapassarão à totalidade que receberam, ou receberão, todos os predestinados. Comparadas a estas riquezas e dons da graça interior, e da glória que lhes é correspondente, é vã a graça exterior e aparente, tão apreciada pelas mulheres. Por isto acrescenta o texto:

O verdadeiro mérito e louvor

801. *"Enganadora é a graça e vã é a formosura. A mulher que teme a Deus essa é que será louvada. A esta dêem o fruto de suas mãos e sus obras sejam louvadas nas portas"* **(Pr 31, 30-31).**

Falsamente reputa o mundo por graça, muitas coisas que não o são, e só têm a graça e formosura que lhes empresta o engano dos ignorantes. Por exemplo: as ações virtuosas só na aparência, a agradável doçura e eloquência das palavras, a elegância no falar e no porte, o favor e benevolência dos grandes. Tudo isto é ilusão e falácia, como a beleza feminina que logo se desvanece. A mulher que teme a Deus e ensina temê-lo é que dignamente merece o louvor dos homens e de Deus.

Querendo Ele louvá-la, diz para lhe darem o fruto de sus mãos. Remete o louvor às suas obras, publicadas diante de todos. Serão elas as línguas que tecem seu elogio, pois nada aproveita os aplausos humanos, à mulher cujas obras servem de vitupério. Por isto, deseja o Altíssimo que as obras de sua Mãe Santíssima se manifestem às portas de sua santa Igreja, agora, quanto seja possível e conveniente, como acima disse, reservando o maior louvor e glória para quando puderem durar pelos séculos dos séculos. Amém.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU.

Breve programa de perfeição espiritual

802. Minha filha, neste capítulo tens grandes ensinamentos para tua orientação, ainda que não tenhas escrito tudo quanto ele contém. Quanto expuseste, como também o que permaneceu oculto, quero que graves em teu coração e interior e o pratiques fielmente, esquecendo todo o visível e terrestre, atentíssima à divina luz que te assiste. É ela que defende tuas potências com vestes duplas, para não sentires o frio da tibieza na perfeição, e para resistires aos desordenados movimentos das paixões. Cinge-as e mortifica-as com o cinto do temor divino. Alheia ao aparente e ilusório, eleva tua mente para meditar e entender os caminhos de teu interior, as sendas que Deus te ensinou para procurá-lo em teu íntimo, e o encontrares sem perigo de engano. Tendo saboreado a negociação celeste, não consintas, por descuido, extinguir-se em tua mente a divina luz que nas trevas te ilumine e inflama.

Não comas o pão ociosa. Trabalha sem afrouxar a solicitude, e serás sustentada com o fruto de teus esforços. Corajosa no Senhor, farás obras dignas de seu agrado e correrás após seus perfumes, até chegar a possuí-lo eternamente. Amém.

Fim do 2º Livro e da 1ª Parte desta História.

ÍNDICE

Plano Geral da Obra 1
Ao Leitor 5
Declaração da Escritora 11
Introdução à Vida da Rainha do Céu 13

MÍSTICA CIDADE DE DEUS
PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRO LIVRO

CAPÍTULOS	Nº	PG.
CAPÍTULO 1 Duas visões que recebi do Senhor para a elevação de minha alma	1 a 11	27
CAPÍTULO 2 Modo como o Senhor manifesta à minha alma os mistérios e a vida da Rainha do céu	12 a 25	33
CAPÍTULO 3 Inteligência que tive sobre a divindade e o decreto da criação	26 a 34	39
CAPÍTULO 4 Os divinos decretos distribuídos por instantes	35 a 51	43
CAPÍTULO 5 Aplicação do Cap. 8 dos Provérbios ao assunto do Cap. precedente	52 a 71	49
CAPÍTULO 6 Esclarecimento de uma dúvida que apresentei ao Senhor	72 a 79	57
CAPÍTULO 7 Como o Altíssimo principiou suas obras	80 a 93	63

CAPÍTULO 8
Explicação do Cap. 12 do Apocalipse sobre o assunto precedente . 94 a 105 69

CAPÍTULO 9
Continuação da explicação do Apocalipse ..... 106 a 119 75

CAPÍTULO 10
Conclusão do mesmo assunto ..... 120 a 133 83

CAPÍTULO 11
Na criação Deus teve presente Cristo e sua Mãe Santíssima ..... 134 a 163 89

CAPÍTULO 12
Estado do mundo no tempo próximo à vinda de Cristo -
São Joaquim e Sant'Ana ..... 164 a 177 99

CAPÍTULO 13
O Arcanjo Gabriel anuncia a S. Joaquim e Sant' Ana
a concepção de Maria ..... 178 a 189 105

CAPÍTULO 14
Deus revela aos anjos o tempo determinado para
a concepção de Maria ..... 190 a 208 111

CAPITULO 15
A concepção imaculada de Maria Santíssima ..... 209 a 224 119

CAPITULO 16
Virtudes da alma de Maria ao ser concebida ..... 225 a 237 125
Doutrina ..... 238 a 243 130

CAPÍTULO 17
Explicação do Cap.21 do Apocalipse, aplicado
à conceição de Maria Santíssima ..... 244 a 264 133

CAPÍTULO 18
Segunda parte do mesmo assunto ..... 265 a 282 143

CAPÍTULO 19
Conclusão do mesmo assunto ..... 283 a 309 151
Doutrina ..... 310 a 311 161

CAPÍTULO 20
Vida de Maria no seio de Sant'Ana ..... 312 a 321 163
Doutrina ..... 322 a 325 167

CAPÍTULO 21
O feliz nascimento de Maria Santíssima ..... 326 a 338 171
Doutrina ..... 339 a 344 176

CAPÍTULO 22
O preceito da purificação. Infância de Maria ..... 345 a 354 179
Doutrina ..... 355 a 360 183

CAPÍTULO 23
Os anjos custódios de Maria Santíssima ..... 361 a 374 187
Doutrina ..... 375 a 377 191

CAPÍTULO 24
Atos de Maria até a idade de um ano e meio ..... 378 a 384 193
Doutrina ..... 385 a 388 195

CAPÍTULO 25
Vida da menina Maria antes de ir para o Templo ..... 389 a 409 199
Doutrina ..... 410 a 412 205

ÍNDICE

SEGUNDO LIVRO

CAPÍTULOS	Nº	PG.
CAPÍTULO 1		
A apresentação de Maria Santíssima no Templo aos 3 anos de idade	413 a 425	209
Doutrina	426 a 428	214
CAPÍTULO 2		
Especial favor que o Altíssimo concedeu a Maria Ssma. logo após sua entrada no Templo	429 a 440	217
Doutrina	441 a 443	221
CAPÍTULO 3		
Instrução que me deu a Rainha do céu sobre os quatro votos de minha profissão	444 a 462	225
CAPÍTULO 4		
Perfeição com que Maria Ssma. observava as cerimônias do Templo e seus deveres	463 a 476	233
Doutrina	477 a 480	238
CAPÍTULO 5		
Grau perfeitíssimo das virtudes de Maria Ssma, em geral e o modo como as praticava	481 a 485	241
Doutrina	486 a 487	243
CAPÍTULO 6		
A virtude e o exercício da Fé em Maria Santíssima	488 a 502	245
Doutrina	503 a 504	250
CAPÍTULO 7		
A virtude da Esperança na Virgem, Senhora nossa e como a praticou	505 a 512	253
Doutrina	513 a 515	256

CAPÍTULO 8
A virtude da Caridade em Maria Santíssima ..... 516 a 528 259
Doutrina ..... 529 a 532 264

CAPÍTULO 9
A virtude da Prudência na Santíssima Rainha do Céu ..... 533 a 550 267
Doutrina ..... 551 a 552 274

CAPÍTULO 10
A virtude da Justiça em Maria Santíssima ..... 553 a 568 275
Doutrina ..... 569 a 570 282

CAPÍTULO 11
A virtude da Fortaleza em Maria Santíssima ..... 571 a 580 285
Doutrina ..... 581 a 582 289

CAPÍTULO 12
A virtude da Temperança em Maria Santíssima ..... 583 a 595 291
Doutrina ..... 596 a 598 297

CAPÍTULO 13
Maria Santíssima e os sete dons do Espírito Santo ..... 599 a 611 299
Doutrina ..... 612 a 614 305

CAPÍTULO 14
Explicação das espécies e modos de visões sobrenaturais que
a Rainha do céu recebia e os efeitos que nela produziam ..... 615 a 643 307
Doutrina ..... 644 a 645 319

CAPÍTULO 15
Outro modo de visão e comunicação que Maria Santíssima
tinha com os santos e anjos que a assistiam ..... 646 a 654 321
Doutrina ..... 655 a 659 325

CAPÍTULO 16
Prossegue a narração da infância de Maria Santíssima no
Templo; o Senhor previne-a para o sofrimento; morte de
seu pai S.Joaquim ..... 660 a 672 327
Doutrina ..... 673 a 676 332

CAPÍTULO 17
Primeiros sofrimentos da princesa do céu, Maria Santíssima;
Deus se lhe oculta; suas dores e amorosas queixas ..... 677 a 685 335
Doutrina ..... 686 a 688 338

CAPÍTULO 18

Prosseguem as provações de nossa Rainha, permitidas pelo Senhor, através das criaturas e da antiga serpente ..... 689 a 708 341
Doutrina ..... 709 a 712 348

CAPÍTULO 19

O Altíssimo esclarece os sacerdotes sobre a inocência de Maria Ssma. Participa-lhe estar próximo o feliz trânsito de sua mãe Sant'Ana, ao qual assistiria ..... 713 a 724 351
Doutrina ..... 725 a 727 356

CAPÍTULO 20

Singular favor pelo qual o Altíssimo se revelou a sua dileta Maria ..... 728 a 738 357
Doutrina ..... 739 a 741 360

CAPÍTULO 21

O Altíssimo ordena a Maria tomar o estado de matrimônio ..... 742 a 751 363
Doutrina ..... 752 a 754 367

CAPÍTULO 22

Celebração do desposório de Maria Ssma. com o santo e castíssimo José ..... 755 a 769 369
Doutrina ..... 770 a 771 374

CAPÍTULO 23

Explicação de parte do Cap.31 das Parábolas de Salomão, ao qual me remeteu o Senhor, para manifestar a ordem de viver que Maria Ssma. adotou no matrimônio ..... 772 a 784 377

CAPÍTULO 24

Continuação do mesmo assunto e explicação do restante do Capítulo 31 dos Provérbios ..... 785 a 801 383
Doutrina 802 390